O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi

Registrado por Seus Devotos - Filhos

O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi

Registrado por Seus Devotos - Filhos

Prefácio

O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi é a tradução completa do livro em bengali *Sri Sri Mayer Katha*, do qual algumas partes já foram traduzidas com outros títulos. Este mesmo monastério já publicou algumas seções importantes deste livro no começo dos anos 1940 com o título *Conversas da Santa Mãe*, incorporadas em sua biografia *Sri Sarada Devi, a Santa Mãe*. Este presente livro, no entanto, contém o texto em bengali completo. A maioria das reminiscências e conversas da Santa Mãe, exceto as que aparecem no trabalho de Swami Saradeshananda, intitulado *A Mãe Como Eu A Vi*, também publicado por este monastério, está agora disponível para leitura em inglês em um volume.

Registrado desta maneira por um vasto número de devotos-filhos da Mãe, o presente livro revela à humanidade uma grande personalidade que preferiu permanecer longe dos olhos públicos, atrás do véu e na obscuridade do vilarejo de Jayrambati. Mesmo sob tais condições, a grandeza desta enorme mulher não pôde ser obscurecida. Através das impressões e lembranças de um grande número de homens e mulheres em vários momentos da vida, que tiveram contato com Sri Sarada Devi, sua grandiosidade emerge nas cores luminosas da Maternidade Universal, nunca antes testemunhada de maneira tão notável em qualquer outra personalidade conhecida. Portanto, embora o conteúdo deste livro seja de especial importância aos seguidores de Sri Ramakrishna, ele pode ser atrativo para todos que apreciem o grande valor humano da maternidade.

O livro está dividido em três partes, já que a tradução foi feita por três pessoas diferentes. As reminiscências são de várias pessoas, totalizando trinta e oito. Os registros são tanto de homens quanto de mulheres, monges e leigos, e as reminiscências são de importância e duração variáveis. Porém, todos eles eram próximos da Mãe, alguns sendo muito íntimos dela como assistentes pessoais. Seria possível trazer mais perfeição ao livro se fôssemos capazes de detalhar o mínimo sobre essas pessoas, porém, pela distância do tempo, não é possível reunir a informação precisa sobre a maioria, exceto no caso de uns poucos monges que estavam dentre elas. Assim, não temos quaisquer notas biográficas sobre essas pessoas. Esperamos que o livro seja apreciado pelo público geral e, especialmente, pelos devotos de Sri Ramakrishna.

Editores do Sri Ramakrishna Math
Madras, 5 de janeiro de 1984

Introdução

Como essas *Conversas da Santa Mãe*, agora publicadas com o título *O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi*, podem cair nas mãos de muitos que não conhecem sobre sua vida, pensamos ser apropriado acrescentar uma biografia curta dela como introdução ao evangelho. Para compreender a relevância dessas conversas, entender como são reveladoras sobre uma grande personalidade através de pequenos incidentes e conversas que aconteceram longe do olhar público, o conhecimento dos fatos de sua vida é absolutamente necessário. Por isso, um curto esboço sobre sua vida foi acrescentado a este livro como introdução.

Infância

Sri Sarada Devi, a Santa Mãe, foi a Consorte Divina e primeira discípula de Bhagavan Sri Ramakrishna e parte integrante do ser

espiritual dele e da mensagem de salvação que Ele deu à humanidade. Diferente das consortes das encarnações passadas, como Rama, Krishna, Buda e outros, Sri Sarada Devi nasceu em uma pobre, porém culta, família Brâmane da Bengala, no vilarejo de Jayrambati, no distrito de Bankura, situado cerca de sessenta milhas (noventa e seis quilômetros) ao oeste de Calcutá.

Nascida em vinte e dois de dezembro de 1853 como a primogênita de Ramachandra Mukherjee e Shyamasundari Devi, sua infância, assim como muitas garotas de educação rural, foi de muitos afazeres domésticos, como cuidar dos irmãos mais novos, do gado, levar comida para o pai e outros encarregados do trabalho no campo. Ela não teve qualquer educação, embora tenha aprendido o alfabeto bengali e praticado sozinha um pouco de escrita e leitura nos anos seguintes. O ambiente doméstico de uma bondosa família Brâmane, complementado com associações sagradas que Ela teve mais tarde, deram à Ela, alguém que já possuía dons naturais tão elevados, uma educação muito mais esclarecedora do que as instruções nos "três Rs[1]".

Casamento

Ela entrou na vida de Sri Ramakrishna como sua parceira quando tinha apenas cinco anos de idade. O estranho casamento de Gadadhar, de vinte e três anos, com Sarada, de cinco, era parte de uma permissão divina e aconteceu de tal maneira que pode ser descrita apenas como afortunada. Quando Gadadhar, como Sri Ramakrishna, o Grande Mestre, era conhecido naquele tempo, estava passando pela fase inicial de sua aventura espiritual, as pessoas próximas e entes queridos pensavam que o casamento teria um efeito tranquilizante e estabilizador em sua mente, que tinha perdido totalmente o interesse em assuntos mundanos. Porém, a procura por uma noiva propícia sempre falhava, até que o

[1] Os "três Rs", em inglês, como colocado na versão original, referem-se às habilidades de leitura, escrita e aritmética.

próprio Gadadhar veio para ajudar. Os parentes mantinham segredo sobre os planos, já que temiam um protesto enfático dele, mas, atrapalhando todos os cálculos mundanos, o próprio Gadadhar veio para socorrer os parentes transtornados. Em estado de êxtase, Ele declarou: “Por que vocês procuram por uma noiva aqui e ali? Aquela que está ‘marcada’ para mim está esperando na casa de Ramachandra Mukherjee, em Jayrambati”. E aquela pessoa “marcada”, eles descobriram, não era outro alguém que não Sarada Devi, a filha de cinco anos de Ramachandra Mukherjee e Shyamasundari Devi, de Jayrambati.

Há um incidente durante os primórdios que indica a natureza divina desta aliança. A ocasião era um festival em um templo da vizinhança, onde um bom número de famílias de Kamarpukur e Jayrambati se reuniu. Dentre eles, estavam o jovem Gadadhar e a menina Sarada. Algumas mulheres, em tais ocasiões, por passatempo, ficavam planejando possíveis alianças matrimoniais para o futuro. Parece que quando perguntada se casaria-se, a menina Sarada apontou para o jovem Gadadhar.

Após o casamento, Sarada, quando tinha sete anos, e depois novamente com treze, catorze, encontrou com Gadadhar e ficou com Ele por alguns dias em cada uma das épocas. Embora nessas ocasiões Ela tenha tido a feliz experiência de servi-lo, o encontro realmente significativo entre os dois aconteceu mais tarde, quando Ela foi para Dakshineswar encontrá-lo sob circunstâncias inusitadas. Ao ouvir os fervorosos rumores que as pessoas do vilarejo espalhavam sobre a condição mental de Sri Ramakrishna, a jovem Sarada, agora com dezoito anos, ficou muito chateada e a sensação do dever de estar com seu marido para servi-lo durante a doença passou a dominar sua mente. Em uma disfarçada peregrinação ao Ganges sagrado, Ela e o pai foram para o templo de Dakshineswar, em Calcutá, onde o Mestre estava ficando. Arrastando-se por quase todo o caminho de sessenta milhas até

Calcutá, Ela chegou, sem avisar, a Dakshineswar em uma noite de março de 1872, acometida por febre no percurso.

A Mãe em Dakshineswar

O encontro foi, em todos os sentidos, muito estranho. Sri Ramakrishna passava por um momento de intenso anseio por Deus, e seu espírito de renúncia, aquilo a que Ele nomeava “mulher e ouro”, explodia em sua mente com o ritmo de um turbilhão. Um asceta com tal temperamento é o último homem que se espera encontrar com o tipo de postura que Ele demonstrou. Esperávamos que Ele fugisse dali, ou que tivesse um comportamento rude e cruel de desrespeito. Porém, a resposta do Mestre naquele momento foi tão inesperada quanto no momento em que a proposta do casamento foi feita.

Ele deu calorosas boas-vindas à esposa, ajeitou tudo para a estadia dela e tratamento médico, em todos os sentidos, Ele se comportava como um marido dedicado deveria fazer. Este grande evento aconteceu em março de 1872 e, dali em diante, com curtos intervalos para visitar a mãe em Jayrambati, Sarada Devi ficou ao lado de Sri Ramakrishna em Dakshineswar e mais tarde em Cossipore até 1886, quando a morte os separou no sentido físico. Foi um período de treinamento e discipulado, durante o qual a Mãe em Sarada tornou-se mais e mais manifesta, deixando-a pronta para assumir a liderança do movimento espiritual que o Mestre havia começado.

Ela se tornou a primeira e principal dos discípulos dele. Esta transformação efetivou-se através de seu serviço ao Mestre e da prática das disciplinas devocionais que Ele prescreveu. Foi um processo profundo e silencioso, cujos detalhes o mundo pouco sabe. O tipo de personalidade na qual Ela Se moldou com o treinamento era caracterizado por paciência e paz inesgotáveis, simplicidade extrema combinada com dignidade, um fervor

espiritual comovente mas não turbulento, temperamento doce que não fazia distinção entre amigo e inimigo, e uma atitude maternal espontânea para com todos, que encantava e influenciava qualquer um que se aproximasse dela.

Ela passou quase que todo o período de treze anos em Dakshineswar, de 1872 a 1885, exceto quando ia para Jayrambati, em um pequeno quarto ao norte do complexo do templo, chamado Nahabat, de onde Ela podia ver o quarto em que o Mestre vivia. O térreo do Nahabat, ou casa dos concertos musicais, era uma sala octogonal de teto baixo com pouco mais de quatro metros quadrados, com uma varanda de cerca de um metro de largura ao redor. Além de ser seu quarto, ali servia como depósito, cozinha e sala de recepção também - uma surpreendente combinação de funções para tão pequeno local. Porém, Ela era tão paciente e resignada que, o que seria impossível para os outros, não era problema para Ela. Várias mulheres aristocráticas de Calcutá, gordas e roliças, ficavam na porta do Nahabat e, curvando-se para frente, segurando-se ao batente da porta, diziam: “Ah, que quartinho pequeno para nossa boa menina! Ela está como se estivesse em exílio, como Sita”. Tempos depois, a Santa Mãe, enquanto contava as experiências antigas, dizia para as sobrinhas: “Vocês não conseguiriam viver naquele quarto nem por um dia”.

Ao olhar para a extrema inadequação da acomodação, um devoto de nome Sambhu Mallick construiu, em abril de 1874, uma pequena casa em um lote bem próximo ao templo para que Ela ficasse. Ela ficou lá por volta de um ano, mas voltou ao Nahabat quando o Grande Mestre adoeceu por disenteria, já que Ela queria ficar ao lado dele para ajudar. Depois disso, no entanto, Ela nunca retornou àquela casa.

Sua rotina começava todos os dias às três da manhã, e sendo uma seguidora rigorosa do Purdah[2], Ela terminava de se banhar no Ganges muito antes da aurora, quando as pessoas começavam a levantar. Até que chegasse a plena luz do dia, Ela passava o tempo em meditação e japa. Ela nunca saía antes da uma da tarde, quando não havia ninguém por perto. Então, sentava-se do lado de fora secando os longos e lindos cabelos ao sol. Na verdade, Ela vivia tão quieta e despercebida que o gerente do templo uma vez disse: “Ouvimos dizer que Ela mora lá, mas nunca a vimos”. O Mestre gostava muito de sua reserva extrema mas, mesmo assim, ansiava pela saúde dela, já que permanecer em tão pequeno quarto poderia acarretar em sérios problemas de saúde. A varanda que circundava o quarto também era propícia para que o local fosse adequado para uma mulher seguidora do Purdah viver. Ela costumava ficar atrás da tela em casa e via, através dos furos na tela, o Mestre cantando e dançando em êxtase pela porta aberta ao norte do quarto. Tudo isso a deixou com reumatismo nas pernas. Depois, por conselho do Mestre, Ela passou a deixar o quarto e encontrar com mulheres conhecidas da vizinhança.

Durante o dia, muito de seu tempo era ocupado em cozinhar para o Mestre e os devotos. O estômago de Sri Ramakrishna era muito sensível e não suportava a comida do templo. Assim, Sri Sarada Devi preparava os alimentos para Ele e o servia pessoalmente, fazendo com que Ele comesse o suficiente. Ela também fazia os outros serviços pessoais para o Mestre, como limpar o quarto, lavar as roupas, etc. A mãe do Mestre também ficou em Dakshineswar em seus últimos dias e Sarada Devi a servia com o mesmo cuidado meticuloso. Embora no começo os serviços de cozinhar fossem pequenos, gradualmente aumentaram para uma proporção enorme, uma vez que a quantidade de devotos do Mestre começou a crescer.

---

[2] Costume adotado por culturas indianas e muçulmanas em que a mulher não pode ser vista por homens que não sejam de sua família. Prática de não falar ou ser visto por alguém.

Eles tinham que ser alimentados e a Mãe tomava para si aquela tarefa também. É dito que Ela usava três quilos de farinha para fazer chapatis e preparava os temperos para serem usados. Além disso, rolinhos de bétele para o Mestre e devotos também eram necessários e inúmeros rolinhos eram preparados por Ela todos os dias.

Ao longo do dia, um grande número de devotas que vinham ver o Mestre faziam a primeira parada no Nahabat e passavam um bom tempo conversando. Algumas também passavam a noite com Ela naquele pequeno quarto. Além de fazer as tarefas domésticas, Ela também passava horas assistindo às cenas de fervor devocional que aconteciam no quarto do Mestre. Durante muitas noites, passava longas horas em meditação. Assim, todo seu tempo era ocupado com tarefas de serviço do Mestre e seus devotos, e na prática das disciplinas espirituais. Era a maneira ideal de se viver, em que trabalho e adoração caminhavam lado a lado e levavam ao desenvolvimento harmonioso da personalidade.

Treinamento Espiritual e Secular

O Mestre tinha grande cuidado em ajudá-la no desenvolvimento de seus talentos, tanto no campo secular quanto espiritual da vida. Ele a ensinou como conduzir a si mesma com dignidade e sucesso na vida cotidiana. Enquanto o Mestre dava-lhe uma educação global, a ênfase, é claro, era no lado espiritual. Não sabemos os detalhes das práticas espirituais que Ela fez, mas sabemos que com a orientação do Mestre, Ela praticou japa e meditação com grande intensidade todos os dias pela manhã e à noite. Em um conselho dado à sobrinha Nalini, Ela deu dicas a respeito da intensidade das práticas, apesar das árduas tarefas da vida. Ela disse à Nalini: “Quanto trabalho eu fiz quando tinha sua idade! E ainda assim, encontrava tempo para repetir o mantra cem mil vezes todos os dias”. De fato, isso é de um desempenho tremendo para qualquer padrão ascético exigente.

Além de vislumbres deste tipo, temos poucos registros das instruções espirituais do Mestre à Ela e sobre a maneira como Ele as transmitiu. Raramente a Santa Mãe falava sobre esses assuntos aos outros. Mas, sabemos com certeza que os ensinamentos do Mestre tiveram um efeito enorme na mente pura dela. A um discípulo, Ela deu sinais sobre a vida interior com as seguintes palavras: "Durante meus dias em Dakshineswar, eu costumava acordar às três da manhã e sentar para meditar. Frequentemente, ficava totalmente absorta nisso. Uma vez, em noite de lua cheia, eu estava fazendo japa sentada perto dos degraus do Nahabat. Tudo estava quieto. Eu não notaria nem mesmo se o Mestre passasse por ali. Em outros dias, eu ouvia o barulho de seus chinelos mas, nesta noite, não ouvi. Estava totalmente absorta na meditação. Naqueles dias, eu era diferente. Costumava colocar adereços e tinha um manto com borda vermelha. Neste dia, o manto tinha caído devido à brisa, mas eu não estava consciente daquilo. Parece que 'o filho Yogen' foi para aquele lado para dar a jarra de água ao Mestre e me viu daquele jeito. Ah, o êxtase daqueles dias! Nas noites de lua cheia, eu olhava para a lua e rezava com as mãos postas: 'Que meu coração possa ser tão puro quanto os raios da lua distante!', ou: 'Ó Deus, mesmo a lua tem manchas, mas permita que nenhum traço de mancha exista em minha mente!'. Se alguém é firme na meditação, certamente verá Deus em seu coração e ouvirá a Sua voz. No momento que uma ideia aparece na mente de alguém assim, isso será cumprido. A pessoa será banhada em paz. Ah, que ideia eu tinha naqueles tempos! Brinde, a empregada, uma vez derrubou um prato de metal na minha frente com um barulho alto. O som entrou em meu coração. Na completude da realização espiritual de alguém, ele perceberá que Ele, Aquele que reside em seu coração, reside também no coração dos outros - dos oprimidos, dos perseguidos, dos intocáveis e dos rejeitados. Esta percepção torna a pessoa verdadeiramente humilde".

Há ampla evidência para fazer com que acreditem que Ela atingiu

estados exaltados de consciência espiritual durante este período da vida. Porém, pela própria natureza, Ela era tão modesta e simples que raramente falava com os outros sobre tais fatos da vida, já que isso poderia glorificá-la perante os olhos deles. Às vezes, alguns dos acontecimentos vazavam quando alguns de seus companheiros estavam com Ela. Um exemplo disso são os relatos deixados por Yogin-Ma sobre um exaltado estado espiritual que ela testemunhou pessoalmente na Santa Mãe. Abaixo, temos as próprias palavras de Yogin-Ma, um pouco abreviadas:

“Quando a Mãe chegou a primeira vez em Dakshineswar, Ela ainda não tinha experimentado o Samadhi. Embora praticasse meditação e japa todos os dias com a maior devoção, não ouvíamos sobre Ela entrar em Samadhi naquela época. Por outro lado, Ela chegava a ter receio de ver o Samadhi do Mestre nos dias em que dormia perto dele. Depois que eu já estava mais próxima dela, Ela me disse um dia: ‘Por favor, diga ao Mestre que por sua graça eu possa experimentar o Samadhi. Por conta da presença constante dos devotos, quase nunca tenho oportunidade de falar com Ele sobre mim mesma’. Achei certo que eu deveria transmitir o pedido dela a Ele.”

“Na manhã seguinte, Sri Ramakrishna estava sentado na cama sozinho quando entrei no quarto e, após saudá-lo da maneira costumeira, comuniquei a Ele a prece da Mãe. Ele ouviu, mas não respondeu. De repente, tornou-se muito sério. Quando Ele estava naquele estado, ninguém se atrevia a dizer uma palavra. Assim, saí do quarto após ter ficado sentada lá em silêncio. Chegando ao Nahabat, encontrei a Mãe sentada fazendo a adoração diária. Abri a porta um pouco e olhei para dentro. Estranho dizer, Ela estava rindo e no momento seguinte chorando. Isso aconteceu alternadamente por um tempo. Lágrimas desciam por seu rosto num fluxo incessante. Gradualmente, Ela retraiu-se para dentro de si. Eu sabia que Ela estava em Samadhi. Fechei a porta e fui embora.”

“Muito tempo depois, fui novamente ao quarto. Ela me perguntou: ‘Você está voltando do quarto do Mestre?’. Respondi: ‘Mãe, como você diz que nunca experimentou o Samadhi e outros estados espirituais elevados?’. Ela ficou envergonhada e sorriu.”

“Depois deste acontecimento, às vezes eu passava a noite com Ela em Dakshineswar. Embora eu quisesse dormir em uma cama separada, Ela nunca ouvia e me colocava ao seu lado. Uma noite, tinha alguém tocando flauta do lado de fora. Isso trouxe à Ela um estado espiritual elevado. Ela ria nos intervalos. Com grande hesitação, sentei no canto de sua cama. Pensei que, por ser uma pessoa comum, não deveria tocá-la naquele momento. Após bastante tempo, Ela recobrou o estado normal.”

Tempos depois, após o falecimento do Mestre, Ela tinha tais experiências com mais frequência. Isso será tratado com mais detalhes no momento adequado. Por enquanto, é o bastante dizer que, logo após o contato dela com o Mestre, sua mente, pura e disciplinada como era, chegou a elevadas alturas de concentração e iluminação. Êxtases e visões são apenas subprodutos da realização espiritual. Eles podem ou não aparecer de acordo com o temperamento do aspirante. A essência da realização, no entanto, consiste em uma transformação da vida íntima e não de alguma manifestação externa. A Santa Mãe falava com experiência quando colocou isso belamente com as palavras: “O que mais alguém obtém com a realização de Deus? Cresce um par de chifres? Não, nossas mentes se tornam puras e, através desta mente pura, chega-se à iluminação”.

Para concluir, pode ser afirmado que o treinamento que o Mestre colocou sobre Ela não excluía os assuntos seculares, especialmente a maneira de se conduzir na vida diária. Ele a instruiu que, ao arrumar os objetos de uso doméstico, deve-se pensar antes onde cada um é guardado. Aqueles que são usados

com frequência devem ser colocados à mão e os outros à distância.

Quando algo era retirado temporariamente de um lugar, um cuidado particular deveria ser tomado para que fosse colocado de volta exatamente no mesmo lugar, para que todos encontrassem aquilo mesmo no escuro. Ele também a ensinou como enrolar pavios, temperar os legumes, fazer rolinhos de bétele, cozinhar e outros itens do trabalho doméstico. Ele a instruiu que, quando viajasse de barco ou carruagem, sempre deveria ser a primeira a entrar e a última a sair, para que pudesse checar se todas as bagagens tinham sido colocadas e retiradas apropriadamente. O segredo do sucesso nas relações sociais, Ele contou à Ela, dependia totalmente da capacidade de ajustar a conduta de acordo com o tempo, local e circunstâncias, além da natureza das pessoas com quem tinha que lidar. Fisicamente, todos são feitos de carne e osso, porém, a mente é constituída de maneiras totalmente diferentes. Assim, deve-se ser muito cuidadoso ao selecionar amigos e associados. Com alguns, pode-se misturar livremente, com outros, apenas uma saudação é aconselhável e, ainda com outros, é melhor não conversar nunca.

Assim, o Mestre trabalhou para tornar a Santa Mãe eficiente tanto nos assuntos seculares quanto espirituais e a preparou para a grande missão que Ele confiou à Ela no final da vida.

A Mãe como Uma Verdadeira Sahadharmini

Com uma educação cuidadosa, Ele ajudou para que Ela se tornasse uma verdadeira Sahadharmini[3], uma buscadora à procura dos mais elevados valores da vida. Era a ressurreição do ideal védico de Pativrata[4], de acordo com o qual homem e mulher fundem-se em um mesmo ideal e propósito na vida. A mulher e o

[3] Uma mulher casada de acordo com os preceitos védicos.
[4] Uma esposa casta e obediente.

homem, enquanto marido e esposa, são como as duas rodas de um veículo movendo-se juntas na mesma trilha de um ideal em comum. O Dharma é um caminho de alta evolução e a execução das tarefas sociais e espirituais da maneira como colocada nas Escrituras é o jeito de progredir. A Sahadharmini de uma personagem espiritualmente orientada como Sri Ramakrishna deve, necessariamente, ser alguém com a mesma perspectiva, se o objetivo daquele ideal quiser ser cumprido. Foi por conta desta natureza complementar mútua de suas personalidades que Eles se tornaram ideais perfeitos, tanto no sentido do casamento quanto nos valores monásticos.

Um exame de vários incidentes na vida do Mestre provariam amplamente que esta ideia sempre esteve em sua mente. O jeito extraordinário em que o casamento deles foi arranjado já foi narrado. É conhecido, por próprios relatos do Mestre, que Ele rezou à Mãe Divina para livrar Sarada de todas as paixões do corpo e torná-la uma companheira adequada para Ele. Foi descoberto que essa prece foi respondida quando, após a chegada de Sarada em Dakshineswar, o Mestre fez uma pergunta: “Você quer me arrastar para Maya?”. A resposta de Sarada foi igualmente direto ao ponto. Ela respondeu: “Por que faria isso? Apenas vim para te ajudar no caminho da vida religiosa”. Com certeza uma resposta nobre dada por uma Pativrata e verdadeira Sahadharmini! Somente uma mulher de mente pura e imaculada poderia dar tal resposta. Não havia qualquer truque na resposta, nenhuma hipocrisia, nem tentativa de agradar a alguém. Foi a expressão espontânea de sua sublime natureza, do sublime ideal de vida que havia se tornado, inconscientemente, tanto dela quanto de seu marido.

A seriedade e sinceridade por trás desta resposta desafiadora foram provadas por Ela muito antes, quando Sri Ramakrishna decidiu se submeter ao que pode ser chamado de grande provação. O mestre dele, Totapuri, disse, ao saber que era casado,

que aquilo não representava muito risco. Para um Sadhaka sincero, um aspirante sério lutando no caminho espiritual, é extremamente necessário manter-se longe da companhia de mulheres. Porém, se e quando o aspirante atingir a realização, sua pureza moral não será baseada na diferença, mas na compreensão do Eu tanto no homem quanto na mulher - uma compreensão que ajuda a superar a identificação do eu com o corpo.

Por isso, o Mestre utilizava a presença de Sarada Devi em Dakshineswar para permitir à Ela o direito de ser uma esposa no sentido amplo, assim como testar o quanto seu conhecimento sobre Brahman o havia erguido para além do sentido do corpo. Por um período de cerca de seis meses, este asceta dentre os ascetas, deixava a esposa dormir em seu próprio quarto e a consciência espiritual de ambos era colocada em teste. Eles resistiram tremendamente bem. A mente do Mestre entrava apenas em profundo Samadhi e nunca foi violada pela paixão física. Ele também dava o mesmo crédito à Sarada Devi quando dizia: “Se Ela não fosse tão pura, quem sabe se eu não perderia o controle? Após o casamento, rezei para a Mãe Divina: ‘Ó Mãe! Remova até mesmo o menor traço de sensualidade da mente de minha esposa’. Quando morei com Ela, compreendi que a Mãe havia realizado aquele pedido”.

E, de acordo com Ela mesma, temos Sua afirmação sobre as experiências daquelas noites memoráveis: “O estado divino no qual o Mestre costumava ficar absorto está além de todas as descrições. Em estado de êxtase, Ele ria e chorava, ou, às vezes, ficava paralisado em Samadhi. Às vezes, isso continuava por toda a noite. Naquela divina presença, todo o meu corpo tremia maravilhado e eu esperava ansiosamente até de madrugada, porque não sabia nada sobre o êxtase divino até então. Uma noite, o Samadhi durou por um longo tempo. Muito assustada, chamei Hriday. Ele veio e começou a repetir o nome do Senhor no ouvido do Mestre. Depois de fazer isso por um tempo, a consciência

externa reapareceu. Depois deste incidente, o Mestre soube da minha dificuldade e ensinou os nomes certos que deveriam ser ditos em seu ouvido nos diferentes estados de Samadhi. Desde então, meu medo diminuiu, já que, invariavelmente, Ele descia à consciência terrena quando ouvia os nomes divinos específicos. Mesmo após isso, às vezes eu ficava acordada a noite toda, já que não sabia quando Ele entraria novamente em Samadhi. Com o tempo, Ele soube de minha dificuldade que continuava. Ele viu que mesmo com tanto tempo passado, eu ainda não havia me ajustado ao seu temperamento em Samadhi. Assim, Ele me pediu para ir dormir no Nahabat".

O Puja de Shodasi

Outro evento memorável que aconteceu na vida do Divino Casal naquela época foi no Puja de Shodasi, no qual o Mestre ofereceu adoração cerimonial à Santa Mãe, colocando-a sentada no pedestal da Divindade. Isso aconteceu durante a primeira visita dela a Dakshineswar, quando Ela ficou por lá continuamente de março de 1872 até outubro de 1873, por mais de um ano e meio. As autoridades diferem a respeito da data exata deste incidente. De acordo com alguns, foi um mês e meio após a chegada da Mãe; de acordo com outros, foi um ano e meio depois. O segundo é mais provável. *[N.T.: Mais à frente no livro, uma fala da Santa Mãe confirma que o Shodasi Puja ocorreu um mês e meio após sua chegada a Dakshineswar.]* Isso aconteceu na noite do dia de Phalaharini-Kali Puja, quando a Mãe Divina é adorada como consumidora dos karmas dos devotos. A arrumação para a adoração foi feita no quarto do Mestre e foi pedido à Sarada que estivesse presente na adoração. Após o Mestre passar pelos ritos preliminares da adoração, Ele acenou para que Sarada Devi sentasse no lugar deixado para a Divindade. Então, Ele invocou a presença da Mãe Divina em Sarada com o mantra: "Ó Mãe Divina! Você que é a Virgem Eterna, senhora de todos os poderes e a morada de toda a beleza! Digna de abrir para mim o portão da

perfeição. Santificando o corpo e mente desta mulher, manifeste-Se através Dela e faça o que é auspicioso”.

Depois, Ele fez todos os procedimentos da adoração ritualística completa com dezesseis itens. Primeiro, Ele executou o Nyasa, que consiste em tocar partes diferentes do corpo de alguém com os mantras apropriados, identificando-as com as partes correspondentes na Divindade em meditação. Após isso, Ele fez adoração com dezesseis itens com os mantras apropriados. Durante o processo, Ele aplicou uma tinta vermelha nas solas de Sarada Devi, colocou um ponto vermelho em sua testa, vestiu-a com um novo manto, colocou alguns doces e folha de bétele em sua boca e executou o Arati (cerimônia da luz) diante dela.

A tímida Sarada recebeu todos esses atos de adoração sem qualquer traço de hesitação. O senso de identificação com a Divindade deve ter vindo à Ela. Tanto o Mestre quanto a Mãe estavam em estado de êxtase e absorção semiconsciente durante a adoração e, quando chegou ao final, Eles estavam em completo Samadhi, no qual o adorador e o adorado percebem a identidade de seus seres como Existência Conhecimento Bem-Aventurança Absolutos. Após um tempo considerável, quando a segunda vigília da noite já tinha se estendido, o Mestre recobrou a consciência externa. Depois, Ele resignou-se completamente à Mãe Divina e, com um ato de consagração suprema, ofereceu à Divindade manifesta em sua frente os frutos de suas austeridades, o rosário, Ele mesmo e tudo que era dele. Então, Ele proferiu o seguinte mantra: “Ó Deus, eu me prostro diante de Ti, repetidas vezes, diante de Ti, a eterna consorte de Shiva, aquela com três olhos, aquela com a tez brilhante, o espírito existente em todos, que dá refúgio, aquela que realiza todos os términos e a mais auspiciosa dentre as mais auspiciosas”.

O significado deste ritual nas vidas daquelas duas grandes personagens dificilmente pode ser compreendido de fato. Para Sri

Ramakrishna, significava o triunfo final do espírito sobre o corpo e o reconhecimento da Divindade em tudo. Aquilo demarcou a conclusão bem sucedida de seus esforços espirituais e o estabelecimento do estado de “homem divino”. Na vida de Sri Sarada Devi, a Santa Mãe, também causou um significado profundo. Quando Sri Ramakrishna, a Encarnação Divina desta Era, invocou a presença da Santa Mãe em Sarada e adorou-a como tal, Ela foi elevada acima da verdade e da realidade de Sarada, a filha de Ramachandra, para Sarada, a Santa Mãe, a manifestação da Mãe Eterna do Universo, para que toda a humanidade A adorasse. Já foi falado sobre como o Mestre já havia, desde o casamento, rezado à Mãe do Universo para que Ela divinizasse a pessoa que era sua esposa e a maneira como Sarada respondeu à pergunta que Ele fez como teste, provou que a transformação foi amplamente efetiva e que Ela era a parceira de vida que combinava com Ele em todos os aspectos. A partir de então, com a execução do ritual do Shodasi Puja, no qual Ele identificou a Divindade com Sarada e rendeu todas suas práticas espirituais e os frutos à Ela, virtualmente Ele fez dela uma participante em todas as austeridades e realizações espirituais. Às vezes é perguntado porque a Santa Mãe não praticava as Sadhanas como o Mestre. Ela praticou muito, mas a resposta real está no Shodasi Puja, através da virtude pela qual Ela se tornou uma plena divulgadora da glória espiritual do Mestre. Como a contraparte espiritual do grande Mestre do mundo, Sri Ramakrishna, Ela não precisava refazer as mesmas cenas daquela peça cotidiana que ambos encenaram diante da humanidade. Ela tinha outros papéis para cumprir e complementar o trabalho do Mestre.

Em outro sentido, o Shodasi Puja também foi um marco em sua vida. O Puja fez dela parte vital da missão de Sri Ramakrishna.

Naquele ritual, o Mestre invocou nela a presença da Mãe Divina - a mesma Energia Suprema que estava manifesta nele. Desde então,

assim como no caso do Mestre, o corpo e a mente dela se tornaram um local para a expressão de tal Energia. Pelo resto de sua vida, Ela serviu ao Mestre e o ajudou em sua missão. Após a morte dele, seu manto recaiu sobre Ela e, durante um longo período de sacerdócio espiritual, Ela completou aquilo que Ele havia deixado inacabado.

Relação de Amor e Respeito Mútuos

A vida do Mestre combinou em si mesma os mais elevados ideais da vida monástica e os dos chefes de família. O Mestre sempre ensinava aos homens a doutrina da renúncia de Kamini-Kanchana, traduzido literalmente como “mulher e ouro”, mas que quer dizer “desejo e ganância”; caso não fosse pelo advento da Santa Mãe em sua vida, Ele teria sido entendido como apenas um asceta firme e nada mais. Porém, a relação cordial e afetuosa dele para com a Mãe, tratando-a como a primeira e principal de seus discípulos e seguidores, elevou a vida matrimonial acima do nível do sexo e fez desta uma potente relação espiritual. A cruzada contra Kamini-Kanchana demonstrou a consideração e respeito mais elevados para com a Santa Mãe. A recepção que Ele deu à Ela na primeira vez que Ela apareceu (em Dakshineswar) foi por si só um marco inesperado de cordialidade. Ele não considerava apenas mantê-la em conforto, Ele pensava até mesmo em providenciar algo para o futuro dela. Calculando o mínimo necessário por mês de seis rúpias para a manutenção dela, Ele havia guardado seiscentas rúpias, depositadas no Zamindari Office de Balaram Bose, que deveriam ir para os cuidados com Ela. Ele adivinhou que Ela gostava de usar adereços e gastou trezentas rúpias em um par de pulseiras feito para Ela. Existe uma história sobre a visão que Sri Ramakrishna teve de Sita no Panchavati, com um par de pulseiras que brilhavam como diamante. Foi uma imitação disso que Ele fez para as pulseiras de ouro que Ela usou até o fim. Yogin-Ma, ao descrevê-la naqueles dias, diz: “Ela usava um manto com bordas vermelhas largas e colocava pasta vermelha nas

repartições do cabelo. Suas tranças negras e grossas quase chegavam aos joelhos. Ela usava um colar de ouro, um brinco grande no nariz, brincos e pulseiras. A maioria foi feita por Mathur Babu para o Mestre, quando Mathur praticava disciplinas espirituais fazendo o papel de servente da Mãe Divina".

Parece que a esposa de Manomohan a criticou por usar tais adereços, já que ela era a esposa de um homem de imensa renúncia. Após um tempo, a mulher deixou aquilo de lado. Enquanto recebia todo o carinhoso serviço dela e tratando-a com toda franqueza e inocência infantil, o Mestre sempre manteve uma postura de profundo respeito com Ela, enquanto sua contraparte espiritual e que preencheria sua missão de vida. Geralmente, esta atitude era implícita, mas às vezes era expressada com pequenas ações marcantes. Um dia, a Santa Mãe entrou no quarto do Mestre com comida. Ele pensou que se tratava da sobrinha, Lakshmi, e pediu à ela para que fechasse a porta, tratando-a como "tui", uma expressão que significa "você", mas usada com os mais novos ou pessoas inferiores. Quando a Santa Mãe respondeu, Ele ficou muito envergonhado e disse: "Ah! É você? Pensei que fosse Lakshmi. Por favor, perdoe-me". Mas a Mãe tentou acalmá-lo dizendo que não havia nada de errado em chamá-la daquela maneira. Porém, o Mestre não ficou satisfeito. Na manhã seguinte, Ele foi ao Nahabat e disse à Ela: "Bom, não consegui dormir nada esta noite. Fiquei tão preocupado porque falei com você de maneira rude". Referindo-se a este incidente, Ela dizia tempos mais tarde, principalmente quando alguns conhecidos se comportavam desrespeitosamente: "Fui casada com um marido que nunca me tratou com 'tui'. Ah, como Ele me tratava bem! Nem uma vez sequer Ele disse palavras duras ou machucou meus sentimentos. Ele não me bateria nem mesmo com um punhado de flores!".

Assim, será visto que Sri Sarada Devi recebeu de seu marido tudo aquilo que uma esposa hindu espera. Alguns, no entanto, podem dizer que Ela tinha algumas inconveniências. Sua própria mãe,

Shyamasundari Devi, uma vez lamentou: “Minha Sarada casou com um asceta. Ela nunca conhecerá a felicidade de ser chamada de ‘mãe’”. O Mestre, que por acaso ouviu o comentário, disse: “Sua filha terá tantos filhos que ficará cansada de ser chamada dia e noite de ‘mãe’”. E, realmente, Ela teve um sem-número de “filhos” e “filhas” espirituais. Ela era a Sahadharmini, uma companheira de vida, não de um homem comum mas da Encarnação desta Era, que veio para gerar Bhakti (devoção) e Jnana (conhecimento) dentre os homens, e cujo principal ensinamento imprimia no espírito a renúncia aos desejos e às posses. Em conformidade com seu ideal, que também era o dela, os filhos nascidos dela não eram físicos mas espirituais, e desses, Ela teve inúmeros.

O Decorrer dos Acontecimentos

O período de treze anos que a Mãe serviu ao Grande Mestre foi, no sentido interno, caracterizado pela absorção do ideal dele e pela fusão de sua própria vida com a dele, e no sentido externo, por sua migração periódica de Dakshineswar para Jayrambati e vice-versa. Durante esse período, Ela foi sete vezes de Jayrambati para Calcutá, uma jornada de cerca de sessenta milhas, que Ela costumava fazer a pé. Geralmente, essas visitas a Jayrambati eram devido a problemas de saúde ou para ajudar sua mãe durante o Jagaddhatri Puja. Porém, como seus serviços eram muito necessários ao Mestre, a estadia por lá não durava muito. Em 1874, seu pai faleceu, e a mãe e irmãos caíram em pobreza. A família teve que ser sustentada pela mãe, com dinheiro ganho descascando arroz, no qual ela era ajudada pela filha Sarada sempre que Ela estava em Jayrambati. Depois que o Jagaddhatri Puja foi instituído na família, a condição deles melhorou. Foi durante uma dessas viagens a Calcutá que a Mãe passou pelo risco de encontrar bandidos após escurecer. Como Ela não podia caminhar muito rapidamente, o grupo que Ela acompanhava foi andando na frente e Ela ficou sozinha enquanto escurecia, bem próximo de um local deserto. Um homem que parecia com um

bandido e sua esposa entraram em seu caminho e fizeram-na parar. Em tal situação precária, a Mãe, então uma jovem mulher de vinte e quatro anos, não perdeu a cabeça. Ela chamou o casal de “pai” e “mãe” com um tom de voz que fez aflorar o instinto paternal neles e narrou como havia sido deixada em tal condição de abandono. O casal “bandido” foi recíproco na confiança familiar que Ela deu, e eles se comportaram de maneira muito delicada para com Ela. Eles cuidaram dela durante a noite e ajudaram para que se juntasse ao grupo pela manhã.

Durante este período, Ela ficou seriamente doente. Em 1875, teve um ataque grave de disenteria, tão grave que parecia caso perdido. Depois de todos os remédios humanos falharem, como último e desesperado ato de oração e súplica por intervenção divina, Ela resolveu executar o ritual de Hatya diante da Divindade Simhavahini, no qual a pessoa segue o voto de morrer de fome se não houver assistência divina. Após alguns dias do jejum, é dito que a Deusa revelou o nome de alguns medicamentos simples, com os quais Ela se curou. Depois de um tempo, Ela teve um ataque sério de malária, que fez o baço aumentar, devido ao que Ela precisou se submeter a um curioso tratamento de queimar com ferro quente a região do baço - qual a serventia disso, ninguém sabe.

Foi na quarta visita a Dakshineswar junto de sua mãe, em 1881, que Ela precisou ir embora no dia seguinte devido ao comportamento grosseiro de Hriday, sobrinho e cuidador do Mestre. Porém, os sentimentos machucados da Mãe tiveram repercussão instantânea nele. Alguns dias depois, ele indiscretamente adorou com flores os pés da jovem filha de Trailokyanath, o proprietário do templo. Como tal ato de adoração poderia ser muito danoso à menina, o pai dela demitiu Hriday do serviço do templo, com a ordem de que ele nunca mais poderia entrar naqueles recintos. Isto corroborou o alerta que o Mestre havia dado a Hriday, de que ele estava se comportando de maneira

rude para com Ele. Ele disse que alguém poderia insultá-lo com impunidade, mas “terríveis consequências” viriam se a Santa Mãe fosse assim tratada.

A Mãe ficou em Dakshineswar até por volta de setembro de 1885, quando os dias felizes por lá terminaram com a transferência do Mestre para tratamento, primeiro para Shyampukur em Calcutá, e mais tarde para Cossipore, onde Ele morreu em agosto de 1886. Enquanto os discípulos administravam os cuidados e o tratamento geral do Mestre, a Santa Mãe tomou para si a tarefa de preparar a comida e alimentá-lo. Embora para uma mulher Purdah como Ela fosse muito inconveniente ficar naqueles locais, Ela aguentava tudo com sensação de satisfação, derivada do sentimento de que Ela estava ao serviço do Mestre e colocou-se de coração e alma neste trabalho.

Tiveram alguns acontecimentos de relevância registrados sobre as experiências da Santa Mãe durante a assistência ao Mestre em Cossipore. O Mestre estava deitado, muito fraco e cansado, incapaz de se mover sem a ajuda dos outros. Mas, um dia, a Santa Mãe o viu correndo para fora do quarto. Assustada, Ela entrou no quarto para verificar e viu que estava vazio. Logo depois, Ela o viu voltando. Ela fez perguntas a Ele no dia seguinte. O Mestre, a princípio, fez pouco caso, dizendo que aquilo era coisa de uma mente agitada. Porém, quando Ela o pressionou por explicações, Ele informou que Niranjan e outros discípulos foram tirar suco de palma de uma árvore e que havia uma cobra na árvore, e que Ele tinha ido lá antes, usando os poderes superiores, para retirar a cobra e protegê-los. Este incidente, que parece estranho e miraculoso, deve ser aceito, uma vez que veio da boca da Mãe. Este incidente também levanta questões importantes a respeito da doença do Mestre.

Outra ocorrência foi a experiência no templo de Shiva em Tarakeswar, onde Ela foi para rezar e procurar um remédio divino

para a doença do Mestre, que foi declarada incurável pelos médicos. Durante dois dias, Ela deitou em frente à Deidade sem comida ou bebida, suplicando por algum remédio. Durante a noite do segundo dia, Ela ficou assustada ao ouvir um som que parecia uma pilha de potes de barro se quebrando de uma vez. Ela acordou daquele torpor e a ideia apareceu em sua mente: "Quem é o marido e quem é a esposa? Quem é meu parente neste mundo? Por que estou prestes a me matar?". Liberta de todos os apegos pessoais, sua mente estava repleta de um intenso espírito de renúncia. Ela teve outra visão na qual viu a imagem da Mãe Kali entortada em um dos lados. Quando perguntou à Deidade: "Mãe, por que você está assim?", teve a resposta: "É por causa disso - apontando para a garganta adoecida do Mestre. Eu também tenho em Minha própria garganta". Todas essas experiências prepararam a mente da Mãe para a partida do Mestre de sua estadia terrena, que aconteceu em dezesseis de agosto de 1886. Com o falecimento do Mestre, essa fase da vida da Mãe chegou ao fim.

Após o Falecimento do Mestre: Peregrinação a Vrindavana

A morte do Mestre provocou uma mudança drástica na vida da Santa Mãe. Ela reagiu ao evento com extrema fortaleza, exclamando: "Ah, Mãe Kali! Você me deixou!". Ela não derramou sequer uma lágrima, embora seu coração estivesse pesado com a tristeza da separação. Logo após a cremação, Ela estava retirando as pulseiras de ouro e desfazendo a borda vermelha do manto para que ficasse vestida de acordo com uma viúva hindu. Imediatamente, Ela teve uma visão do Mestre, que disse: "O que está fazendo? Não fui embora. Apenas passei de um quarto para o outro". De fato, uma experiência reconfortante para seu coração aflito! Durante toda a vida, Ela usou os braceletes e um manto de borda fina como aceitação da certeza de sua experiência de que seu Senhor e Mestre é o Ser Eterno que nunca morre. Cerca de quinze dias após o Mahasamadhi do Mestre, os aposentos em Cossipore foram desfeitos e a Santa Mãe teve que mudar para a

casa de Balaram Bose. Como medida para amenizar sua tristeza e como um ato sagrado por si mesmo, Ela deu início, cerca de duas semanas depois, a uma peregrinação com um grupo que consistia de vários discípulos do Mestre, incluindo Lakshmi-Didi e Golap-Ma.

Após visitar Banaras e Ayodya, eles pararam em Vrindavana, onde permaneceram por cerca de um ano. A estadia foi uma experiência altamente recompensadora do ponto de vista espiritual da Santa Mãe. A associação daquele local com a história da dor apaixonada de Radha pela separação de Seu amado Krishna trouxe à Ela a semelhança de sua própria situação após o falecimento do Mestre e acrescentou um sabor espiritual à tristeza que Ela estava sentindo em seu coração enlutado. Todos os seus sentimentos guardados encontraram expressão como uma onda de desejo apaixonado pelo Divino e por um fluxo torrencial de lágrimas, que continuou quase incessantemente durante a primeira parte de sua vida em Vrindavana. Este estado, em que misturava-se amor e tristeza com completa harmonia, trouxe uma transformação gradual da personalidade e continuou por muitos dias até que Ela teve uma visão maravilhosa em que o Mestre aparecia e dizia: “Por que chora tanto? Estou aqui. Para onde eu fui afinal? Apenas de um quarto para o outro”. A experiência aliviou muito a sua tristeza, já que Ela passou a sentir a proximidade do Mestre mais e mais. A angústia da separação gradualmente se tornou um sentimento de absoluta paz e alegria radiante. Com frequência, Ela passou a ter estados de êxtase, nos quais saía para os bancos de areia até que os companheiros fossem buscar e trazê-la de volta. Seu comportamento passou do de um adulto para o de uma menininha de sete ou oito anos.

Sua vida em Vrindavana foi de constante adoração, meditação e experiências espirituais. Ela e Yogin-Ma costumavam sentar em meditação com tanta absorção que não eram nem perturbadas pelos mosquitos que picavam seus rostos. Ela visitou todos os numerosos templos no local e também praticou circumbulações em

toda a área de Vrindavana num raio de várias milhas. No templo de Rasharamana, Ela rezou à Divindade: “Ó Senhor, remova de mim o hábito de encontrar defeitos nos outros. Que eu nunca encontre defeitos em ninguém”. Sua prece foi atendida e, mais tarde na vida, uma das características mais distintas de sua personalidade era a ausência completa da tendência de encontrar falhas. Ela dizia que esta tendência apenas corrompe uma pessoa e não melhora as outras.

Ela teve muitas experiências espirituais naquela época, apesar de nunca tê-las revelado para ninguém. Porém, algumas delas não conseguiram escapar da atenção de seus companheiros. Assim, Yogin-Ma um dia a encontrou absorta em Samadhi. Mesmo repetir o Santo Nome em seu ouvido várias vezes não surtiu o efeito de trazê-la de volta à consciência física. Depois, Swami Yogananda tentou a mesma técnica por um tempo, o que a deixou num estado semiconsciente em que Ela disse: “Preciso comer algo”, o mesmo que Sri Ramakrishna costumava murmurar para trazer a mente para o plano terreno. Ela comeu um pouco de doce, como o Mestre faria. Até comendo rolinhos de bétele, Ela jogava a ponta do mesmo jeito que o Mestre. Swami Yogananda fez à Ela várias perguntas em tal estado e recebeu as respostas como se o próprio Mestre estivesse respondendo. Depois, Ela lhes contou que a consciência do Mestre estava com Ela durante aquele estado. Durante este período, ela deu iniciação ao Swami Yogananda com ordem expressa do Mestre, tanto para Ela mesma, quanto para o Swami. Ela deu a iniciação em estado de elevado êxtase, beirando o Samadhi. Após visitar Haridwar e outros locais, junto com o grupo, Ela retornou a Calcutá em agosto de 1887.

A Vida em Kamarpukur e Depois

Os nove meses que se seguiram em 1887 podem ser descritos como um período sombrio na vida da Santa Mãe do ponto de vista material, embora espiritualmente Ela estivesse em estado de

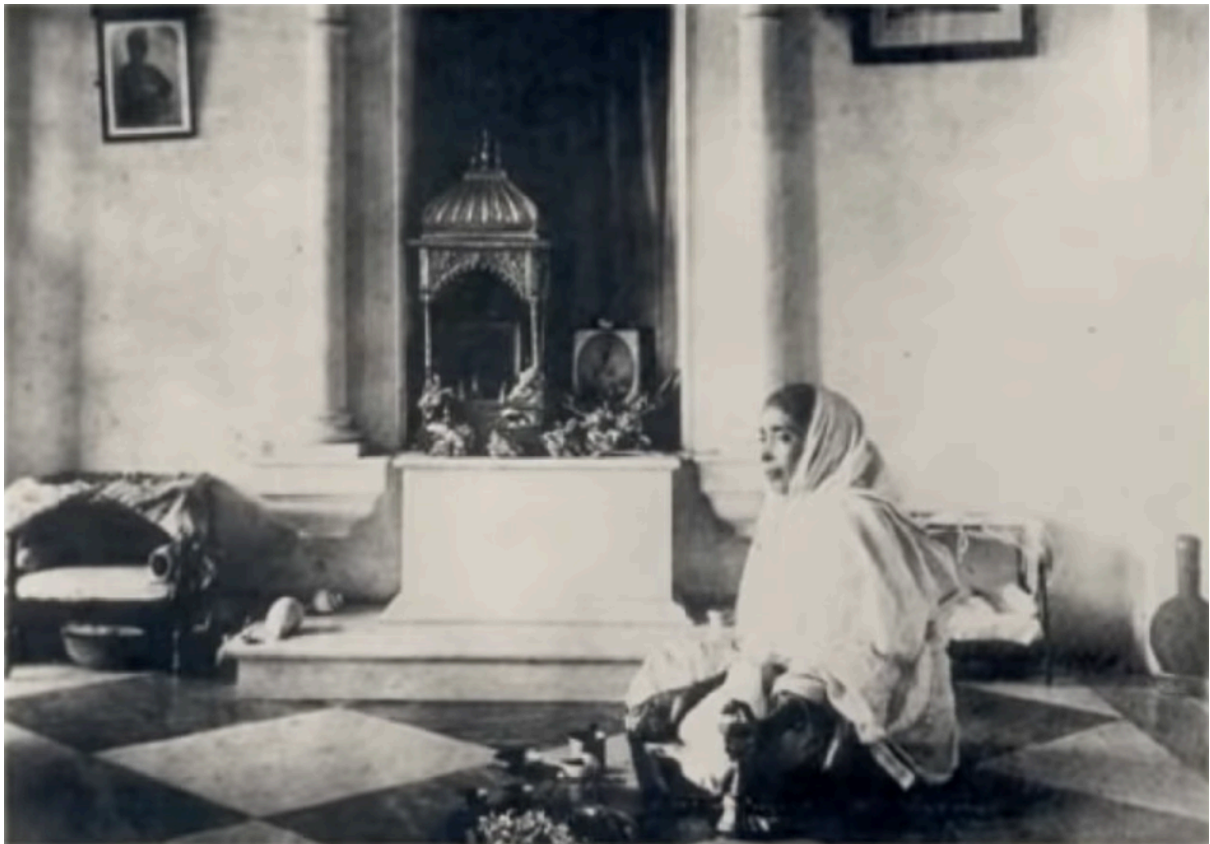
êxtase. Agora que o Mestre não estava mais aqui, a Santa Mãe não podia ficar em Calcutá. Ela era uma jovem viúva por volta dos trinta e três anos. Embora os discípulos Sannyasin do Mestre e outros que eram leigos respeitassem-na, a maioria dos homens ainda não tinha reconhecido o status espiritual dela. Por isso, Ela teve que passar por todas as dificuldades que uma jovem viúva naquela situação precisava encarar. Após alguns dias depois que retornou a Calcutá da peregrinação, Ela precisou ir para Kamarpukur para fixar residência por lá. O Mestre também havia dito à Ela quase no fim da vida: "Depois de meu tempo, vá para Kamarpukur e viva com o que conseguir, seja mero arroz cozido e legumes, e passe seu tempo repetindo o nome de Hari". Estas palavras dele vieram a ser literalmente cumpridas. Ela fixou residência na pequena choupana que havia sido designada ao Mestre na área da família. Para sua manutenção, Ela tinha apenas um pouco de arroz com casca, que poderia ser transformado em arroz branco e comer sem nenhum condimento. Para comer algo com o arroz, Ela mesma teve que plantar e cultivar alguns legumes. Ela não tinha dinheiro nem mesmo para adquirir um pouco de sal. Ramlal, o sobrinho de Sri Ramakrishna, que era o guardião legal dela, deixou-a em total negligência. É dito que ele até mesmo contribuiu positivamente para os sofrimentos dela. As autoridades do templo haviam destinado uma pensão mensal de dez rúpias para o Mestre, que costumava ser paga à Mãe. Porém, Ramlal, por razões próprias, interferiu e fez com que aquilo parasse. Ele até fez uma repartição e, dando a choupana do Mestre para Ela, ele se esquivou de todas as responsabilidades. Outros membros da família, como Sivaram e Lakshmi-Didi, também não foram de ajuda à Ela porque ficaram em Calcutá com o Tio Ramlal, que era o sacerdote oficial de Dakshineswar. Assim, Ela teve que viver sozinha naquela choupana. Para aumentar a miséria que a negligência e a solidão causavam, Ela se tornou alvo de críticas das pessoas da vila, que a chamavam de "viúva feliz", porque Ela vestia o manto com bordas vermelhas, que é um costume veementemente proibido para as viúvas. Em meio a essas

influências ruins, havia dois fatores que a mantinham. Um era a compaixão e apoio que recebeu de Prasannamayi, uma velha senhora da família Laha e amiga de Sri Ramakrishna quando Ele era o garoto Gadadhar de Kamarpukur. E o outro era a visão do Grande Mestre, que Ela tinha vez ou outra durante situações difíceis, e os estados de exaltação espiritual em que Ela vivia.

Tal realidade, no entanto, não continuou por muito tempo. Sua mãe, Shyamasundari Devi, soube de tudo e através do filho, Prasanna Kumar, protestou com Ramlal pela negligência da filha e também falou sobre isso para Golap-Ma. Golap-Ma levou o assunto a sério, propagou dentre os discípulos do Mestre, levantou fundos e convidou a Santa Mãe, em nome de todos os devotos do Mestre, para ir a Calcutá e ficar lá. Após hesitar um pouco, pelo medo da opinião pública em atribuir impropriedade a uma jovem viúva vivendo com estranhos, Ela finalmente chegou a Calcutá em abril de 1888, para grande alegria de todos os discípulos e devotos.

É necessário apontar que naquele tempo, vários dos discípulos leigos não davam outra importância à Santa Mãe que não apenas como a "esposa do Guru". Um deles até mesmo disse: "Eu conheço Sri Ramakrishna, mas não conheço nada de sua esposa". Porém, ao ouvirem Yogin-Ma, Golap-Ma e Swami Yogananda a respeito dos estados elevados de êxtase da Mãe em Vrindavana, a maioria mudou de opinião com a Mãe e cooperou imensamente nos esforços feitos para prover a estadia dela em Calcutá.

Dali (1888) para frente, até seu falecimento em 1920, a Mãe ficava em Calcutá e Jayrambati alternadamente. Ela também foi algumas vezes para Kamarpukur no início daquele período. Em Calcutá, costumava ficar nas casas dos devotos Balaram Bose ou Mahendranath Gupta quando a estadia era curta, e em casas alugadas quando ficava mais tempo. Isso continuou até que Swami Saradananda construiu a casa de Udbodhan como residência dela em Calcutá, em 1909. Ela era servida por Swami Yogananda e

Swami Trigunatitananda no começo; após Swami Trigunatitananda deixar a Índia, Swami Saradananda se encarregou de todas as responsabilidades com Ela. As mulheres discípulas do Mestre, como Yogin-Ma e Golap-Ma, eram companhia para Ela com frequência.

Esta foto foi tirada por B. Dutta, no ano bengali de 1316, 1909 d.C., enquanto a Mãe fazia adoração em seu quarto em Udbodhan. Esta foto não é idêntica à outra foto parecida, o que fica evidente pela posição das mãos dela.

Alguns meses se passaram desde que Ela chegou a Calcutá quando saiu para outra peregrinação, em abril de 1888, para Gaya, acompanhada de Swami Advaitananda. Nessa ocasião, ela também visitou Bodh Gaya, local da iluminação de Buda, onde um acontecimento que teria grande significado no futuro aconteceu. Lá, Ela viu os monastérios dos Sannyasin hindus muito bem estabelecidos, que conseguiam oferecer aos monges boa acomodação e comida. O contraste daquilo com a condição de pobreza de seus próprios "filhos", os discípulos monásticos do

Mestre, trouxe sentimentos muito fortes à sua mente. Sobre este incidente, mais tarde Ela contava: “Ah! Por este motivo, derramei lágrimas e orei ao Mestre! E foi apenas por conta disso que este monastério (Belur Math) veio a existir agora. Quando o Mestre deixou o corpo, os meninos largaram o mundo e todos se reuniram em uma casa alugada por alguns dias. Depois, eles se separaram e saíram para vários lugares. Senti tristeza intensa e orei ao Mestre: ‘Ó Senhor! Você veio, divertiu-se com alguns e foi embora. Tudo deveria acabar então? Se sim, qual a necessidade de ter descido e feito tão árduo trabalho? Eu vi em Banaras e Vrindavana muitos homens santos que só vivem de esmola e vão de um lugar para o outro. O que não faltam são homens santos deste tipo. Não serei capaz de aguentar ver meus ‘filhos’, que se revelaram em seu nome, vagando pedindo por comida. Minha oração é para que aqueles que deixarem o mundo em seu nome nunca se encontrem em necessidade. Todos viverão juntos carregando suas ideias e ideais, e as pessoas aflitas pelas preocupações do mundo irão recorrer a eles e serão consoladas ao ouvirem deles sobre você. É por isso que você veio. Meu coração dói de vê-los vagando por aí’”. Esta foi uma oração marcante para os monges, já que Ela mesma estava em enorme pobreza e negligência! O entendimento dela sobre as implicações do advento do Mestre também é profundo e profético.

O Estado Exaltado da Mente da Mãe

Na época de seu retorno para Calcutá de Kamarpukur, em 1888, as visitas dela para lá foram poucas, embora Ela cuidasse para que a casa que ficou em nome do Mestre fosse mantida em boa condição. Seu tempo era usado com visitas frequentes e estadia na casa dos pais, em Jayrambati, e com os discípulos em Calcutá. Suas companheiras, Yogin-Ma e Golap-Ma, notaram uma grande transformação espiritual nela após a partida do Mestre. Yogin-Ma notou que Ela havia se tornado notavelmente atraente e irradiava uma beleza sobrenatural. Durante sua estadia em Calcutá, em

1888, ela viu a Mãe em estado de Samadhi enquanto meditava no telhado da casa de Balaram Babu. Após a experiência naquele estado, a Mãe disse: “Naquele estado, achei que tinha viajado para um país distante. Não posso descrever a natureza da alegria extática que senti. Quando minha mente desceu daquele estado exaltado, encontrei meu corpo lá deitado. Pensei: ‘Como posso entrar neste corpo feio?’. Eu não conseguia persuadir minha mente a fazer aquilo. Depois de um longo tempo, a mente cedeu e o corpo ficou novamente consciente”.

Em outro dia, Ela estava meditando na casa de Nilambar Mukherjee, junto com Yogin-Ma e Golap-Ma. Após terminar a meditação, Yogin-Ma olhou para a Mãe e a encontrou sentada sem se mexer como antes, absorta em meditação. Levou um bom tempo para que sua mente descesse à consciência física, e, quando isso começou a acontecer, Ela disse: “Oh, Yogin! Onde estão minhas mãos e pés?”. Yogin-Ma pressionou seus membros e dirigia a atenção da Mãe para cada um deles em voz alta, mas demorou um tempo para que Ela ficasse consciente do corpo todo.

Outra visão que Ela teve foi de Sri Ramakrishna entrando no Ganges e seu corpo dissolvendo nas águas sagradas. Ela encontrou Narendra tomando daquela água e aspergindo-a em todo lugar.

Isso foi uma visão profética do que viria a acontecer - Narendra, já Swami Vivekananda, espalhando a mensagem universal do Mestre em todo lugar. A visão criou uma impressão muito viva nela, já que trouxe um sentimento de missão. Ela passou a ver que o Mestre estava vivo em sua missão e que trabalhava através daqueles a quem Ele transformou em instrumentos para completar tal missão. Sua parte naquilo começou a aflorar em sua mente pouco a pouco.

Assim, seria visto depois do falecimento do Mestre que, apesar de muitas dificuldades mundanas, a mente dela estava ficando mais e

mais desapegada das preocupações do mundo e mergulhada em Samadhi. Enquanto o Mestre estava vivo, servi-lo de qualquer maneira enchia sua vida de significado. Porém, uma vez que Ele não estava mais, não havia qualquer outro propósito do mundo que segurasse sua consciência no corpo e o Samadhi se tornou uma experiência mais frequente para Ela. Por isso, foi devido à atenção de seus associados, como Yogin-Ma, que Ela não deixou o corpo logo devido à falta de um propósito do mundo, sendo que seus serviços de grande propagação da mensagem do Mestre não teriam sido possíveis não fossem por algumas atitudes que forçavam sua mente a retornar ao mundo.

Radhu e Seu Significado na Vida da Mãe

A força que desviou sua mente do mundo foi a entrada de Radhu, ou Radhi, uma sobrinha, em sua vida. Para compreender a natureza desta conexão, com a qual ficou intimamente conectada após sair de Kamarpukur, é necessário saber um pouco do contexto doméstico na casa dos pais da Santa Mãe, em Jayrambati. A família consistia de sua mãe, Shyamasundari Devi e os quatro filhos, Prasanna Kumar, Barad Prasada, Kali Kumar e Abhay Charan, que eram todos chamados de “tios” (mamas) pelos devotos.

Sendo a mais velha da família, a Santa Mãe teve muito o que fazer no início da vida com a criação desses irmãos e, portanto, havia um forte laço afetivo que unia Ela e eles. Nenhum dos irmãos tivera qualquer uma das grandes qualidades espirituais que distinguiam a Santa Mãe e tornaram-se homens comuns do mundo, alguns deles até mesmo representavam um tipo extremo de mundanidade. Nenhum deles, com exceção do último, tinha talentos para prosperar na vida. Todos eles e os filhos deles iam à Ela para que Ela ajudasse e, por conta disso, havia muita rivalidade entre eles devido aos favores da Mãe. Nos seus últimos dias em Jayrambati, por um lado, Ela se encontrava em uma situação doméstica não

muito agradável, e pelo outro, estava em meio a seus ajudantes monásticos renunciados e discípulos leigos altamente devotados. A figura da Santa Mãe em meio deste cenário contrastante é aquela de alguém vivendo uma vida de grande desapego e renúncia, fazendo, ao mesmo tempo, tudo que precisava para os amigos e parentes.

Dentre os irmãos, o mais novo, Abhay Charan, era o mais talentoso, mas no final tornou-se a causa da Santa Mãe ter novamente grandes responsabilidades. Ele desmaiou no hospital e morreu de repente, deixando para trás a esposa grávida, que era meio instável mentalmente. O irmão fez um pedido no leito de morte à irmã, para que Ela se encarregasse de sua esposa fraca e da criança, e Ela concordou. A criança nascida dessa "tia louca" era Radhu, ou Radhi, em quem a Mãe depositou muita afeição, e foi ela a responsável pelo que falamos antes, de manter a vida da Mãe neste mundo.

A interpretação do episódio de Radhu não é um exagero dos devotos. Eventos anteriores justificam isso amplamente. Também era uma convicção da Mãe. Para usar suas próprias palavras: "Como o Mestre me prendeu através de Radhu! Após o falecimento do Mestre, eu não apreciava mais nada na vida. Fiquei extremamente indiferente aos assuntos mundanos e rezava: 'O que poderei alcançar ficando neste mundo?'. Naquele momento, vi uma garota de dez ou doze anos andando na minha frente vestida com um manto vermelho. O Mestre apontou para ela e disse: 'Segure-se à ela como um apoio. Muitos filhos (discípulos) em busca de instrução virão a você'. No momento seguinte, Ele desapareceu. Eu não vi mais a menina. Mais tarde, estava sentada naquele mesmo lugar. Naquele momento, a mãe de Radhu estava completamente louca. Ela arrastava alguns trapos embaixo dos braços. Eu disse para mim mesma: 'Bem, se eu não cuidar dessa criança, quem mais fará isso? Ela não tem pai e sua mãe é uma mulher insana'. Mal tinha pego a criança nos braços, vi o Mestre.

Ele disse: ‘Esta é a garota. Agarre-se à ela como apoio. Ela é Yoga Maya, o poder ilusório’”.

Radhu nasceu em 1900. De lá até 1920, ano de falecimento da Santa Mãe, ela era o sustentáculo que mantinha a vida terrena da Mãe. Após a visão acima mencionada, a Santa Mãe se encarregou de Radhu. Ela nunca permitiu que Radhu ficasse longe até um pouco antes de sua partida, em 1920. Ela não conseguia comer ou dormir sem Radhu, tão forte era o laço afetivo com que Ela veio a ficar amarrada àquela garota repentinamente. Ela praticamente assumiu o papel de mãe dela, expulsando a mãe louca, a Chota-Mami, que fez disso motivo de brigas com a Mãe mais tarde. Ela ficou com ciúmes da Santa Mãe quando descobriu que a filha amava mais a Mãe do que ela própria, e sua imaginação insana começou a encontrar várias maldades no amor da Mãe por Radhu, o que resultou nela se comportando com agressividade com a Mãe, quase beirando uma perseguição.

Radhu também provou, enquanto crescia, que era um pouco estranha como sua mãe. Fisicamente, ela era fraca, e mentalmente era debilitada. Embora houvesse simplicidade e inocência nela, era desprovida de compreensão e discernimento. A Mãe arranjou seu casamento em 1911 mas, mesmo após isso, ela e o marido continuaram a ficar com a Mãe. Seu primeiro parto foi um período de grande ansiedade para a Mãe, já que a garota era praticamente louca antes e depois do acontecimento.

A Mãe em Um Contexto Doméstico e Devocional

Além de Radhu e a mãe louca, havia também Nalini e Maku, as duas filhas de seu irmão Prasanna Kumar, que também dependiam da Santa Mãe. Elas ficavam com Ela na casa de Jayrambati e também iam para Calcutá depois que Swami Saradananda construiu a casa de Udbodhan, em 1909, como residência da Mãe na cidade.

Assim, no cenário da segunda parte de sua vida, que está meticulosamente detalhada nessas memórias, será visto a Santa Mãe dentro deste círculo com esses parentes - os irmãos, descritos aqui como mamas (tios), as esposas, ou mamis (tias), as sobrinhas Nalini e Maku, as didis (irmãs mais velhas) e, acima de todos, Radhu, que é a figura central da configuração doméstica. O egoísmo dos irmãos, o ciúmes mútuo das sobrinhas, a mania de Nalini pela pureza cerimonial, a perversidade de Radhu e a loucura da mãe de Radhu, tudo isso combinado produzia uma situação doméstica muito emaranhada, cuja atmosfera intolerável a Mãe carregava como tarefa escolhida por Ela sem objeções, sustentada por sua paciência incomparável, entendimento e poder de desapego.

Não que alguns dos associados íntimos dela não sentissem a contradição entre seu apego por Radhu e por outros parentes e o senso de renúncia inculcado nela pelo Mestre. Sua amiga Yogin-Ma pensava: "O Mestre era um homem de tão elevada renúncia e vemos a Santa Mãe agindo como uma mulher típica do mundo. Dia e noite, Ela fica preocupada com os irmãos, sobrinhos e sobrinhas. Não consigo entender". Logo após essa dúvida ter surgido em sua mente, ela estava um dia meditando na beira do Ganges quando teve uma visão do Mestre em pé diante dela dizendo: "Olhe ali! Não vê algo flutuando no Ganges?". Ela viu um bebê recém-nascido, preso por suas entranhas, ser carregado pelas águas. O Mestre então disse: "Tem qualquer coisa que possa deixar o Ganges impuro? Pode alguma coisa poluir suas águas? Considere-a (a Santa Mãe) também desta maneira. Nunca tenha dúvidas sobre Ela. Saiba que Ela e isso (referindo-se a si mesmo) são idênticos".

Com grande contraste a esse círculo familiar, em volta dela tinham inúmeros aspirantes espirituais que se juntavam. Originalmente consistindo de Golap-Ma, Yogin-Ma e algumas outras devotas do

Mestre, o número cresceu com os próprios discípulos dela, cujo número foi aumentando conforme seu sacerdócio espiritual ganhava força. Sannyasins muito antigos, da geração mais velha, como Swami Yogananda, Swami Trigunatitananda e Swami Saradananda a serviam, além de outros discípulos dela. Um sem-número de devotos em busca de iniciação também chegou à Ela, tanto em Calcutá quanto em Jayrambati. Todos eram buscadores espirituais que não procuravam por ganho terreno da Mãe, mas apenas uma oportunidade de oferecer serviço à Ela com qualquer recurso que tivessem. É notável que a Santa Mãe conseguia satisfazer ambos os grupos - seus parentes exigentes e briguentos de um lado, e os buscadores espirituais devotados do outro. Neste sentido, Ela era realmente uma Bhukti-mukti-pradayini - um epíteto descritivo para a Mãe Divina, significando ser a provedora dos bens mundanos e da emancipação espiritual. A espiritualidade única da Mãe pode ser reconhecida apenas quando se compreende as contradições inerentes que aquelas duas situações tinham sobre Ela. Alguém que está presa pela sobrinha excêntrica, como pode essa pessoa conceder amor maternal irrestrito e absoluto até mesmo a um completo desconhecido, que dirá com seus discípulos, e dominá-los com o poder e sinceridade disso? Parece um mistério sem solução. Mas também é um indicador do status espiritual sublime da Mãe. Ninguém, além daquele que se estabeleceu no que é chamado de Bhavamukha nos ensinamentos do Mestre, é capaz disso. Porque é da natureza do amor terreno que quanto mais alguém ama seus amigos e parentes, menos ele se torna preocupado com os outros. Porém, aqui, o amor universal da Mãe permanece inalterado mesmo quando afastado por assuntos diversos e contrários. A abrangência e intensidade daquele amor também não são afetadas mesmo em certos círculos mais restritos. Essas preciosas reminiscências sobre Ela retratam vividamente as cores variadas das cenas da Mãe derramando seu imenso amor em estranhos, em criminosos, nos ricos, nos pobres, nos doentes e nos que sofrem, em

aspirantes espirituais e em santos também, mesmo enquanto vivia com seus parentes sedentos por vantagens materiais.

Acontecimentos Importantes Mais Tarde

Vamos retomar a linha de acontecimentos da vida dela. Durante este período, de 1888 a 1920, seu tempo era praticamente dividido entre Jayrambati e Calcutá, além daquele que Ela passou em peregrinações. Em abril de 1888, Ela foi a Gaya e, em novembro de 1888, para os templos de Puri, ambos locais que o Mestre não havia visitado mas que tinha aconselhado que Ela fosse. Em 1893, Ela executou Panchatapa, uma prática de austeridade em que a pessoa deve se sujeitar ao calor de cinco fogos, sendo quatro fogueiras nos quatro lados e o sol quente acima. Em 1894, Ela foi novamente para Banaras e Vrindavana. Em novembro de 1898, o primeiro de seus serventes monásticos, Swami Yogananda, um discípulo de Sri Ramakrishna, e também seu irmão mais novo, Abhay Charan, morreram, para grande tristeza da Santa Mãe. Em 1900 nasceu Radhu, ou Radharani, que se tornou peça fundamental em Sua vida dali para frente. Em 1906, a mãe, Shyamasundari Devi, faleceu. O ano de 1909 foi um grande marco na vida da Santa Mãe porque foi quando ficou pronta a casa de Udbodhan. Desde quando Swami Saradananda assumiu a responsabilidade pela Santa Mãe após o falecimento de Swami Yogananda, ele sentia o tremendo desconforto que a Mãe passava em ficar hospedada em casas alugadas em Calcutá ou em residências de devotos, especialmente porque, com o passar do tempo, seu grupo aumentou em número. Assim, fazendo empréstimos, o Swami construiu uma casa na cidade para Ela, na região de Baghbazar. Ali era chamado de o escritório de Udbodhan, porque a *Udbodhan*, revista em bengali da Ordem Ramakrishna, era publicada dali. Nos andares de cima da casa, ficavam a Mãe e as mulheres do grupo, enquanto no térreo ficavam seus serventes monásticos e outros discípulos. Swami Saradananda ficava em um quarto na entrada, como “guardião” da

Mãe. Enquanto Ela ficava em Calcutá, Swami Saradananda pagava por todos seus gastos e os do grupo. Quando Ela ia para sua vila natal com as mulheres, Swami Saradananda colocava um monge encarregado dela, para garantir a segurança e organização. Ele também enviava contribuições substanciais de dinheiro, embora a Mãe pudesse ser sustentada com as contribuições dos discípulos e devotos.

Em Jayrambati, Ela ficou na casa dos irmãos até que Swami Saradananda construiu um chalé à parte para Ela. As pessoas da cidade podiam encontrá-la facilmente em Calcutá, mas tais encontros eram apenas formais. Por outro lado, quando Ela estava em sua vila natal, ficava prontamente acessível e se misturava dentre os devotos. Por isso, muitos preferiam encontrá-la na vila. Como o número aumentava, um local separado para Ela se tornou necessário. O Ashrama em Koalpara, situado a cerca de cinco ou seis milhas de Jayrambati, servia como parada de descanso para a Mãe em sua jornada até Jayrambati. Os discípulos monásticos da Mãe, que ficavam por lá, tomaram para si o posto de guardiões e serviam a Mãe com trabalho manual, compras e outras atividades.

Peregrinação a Rameswaram

Quase no final de fevereiro de 1911, a Santa Mãe deu início a uma peregrinação a Rameswaram, a viagem tendo sido organizada por Swami Ramakrishnananda e o diretor do Madras Centre. Apesar da dificuldade da língua, Ela se comunicava livremente com as pessoas e durante a estadia de um mês na cidade de Madras, deu iniciação a vários devotos. De Madras, Ela foi para Rameswaram, onde lhe foi permitido um privilégio incomum de entrar no santuário e adorar a Deidade com suas próprias mãos. Na volta de Rameswaram, Ela visitou Bangalore perto do final de março, onde o presidente do Ashrama, Swami Nirmalananda, ofereceu uma recepção muito respeitosa e afetuosa à Ela. Sua estadia em Bangalore criou um grande entusiasmo nas pessoas. Na volta para

Calcutá, Ela fez uma parada em Rajahmundry para um banho sagrado no Godavari. Ela chegou a Calcutá em onze de abril de 1911. Ela fez mais uma peregrinação, que foi a terceira visita a Banaras, de novembro de 1912 a janeiro de 1913. Ela foi com um grupo considerável, que consistia de monges, devotos e alguns parentes.

O Sacerdócio Espiritual

Sua vida de 1888 até o falecimento em 1920 foi de ativo sacerdócio espiritual. O Mestre a tinha imbuído de continuar com o trabalho que Ele começara. Falando sobre isso, Ela disse: “Eu recebi todos esses mantras do próprio Mestre. Com eles, qualquer um tem garantia de atingir a perfeição”. Durante seus últimos dias em Cossipore, Sri Ramakrishna disse à Ela comovidamente: “Bom, você não vai fazer algo? Devo eu fazer tudo?”. A Santa Mãe respondeu: “Não sou mais do que uma mulher. O que posso fazer?”, mas o Mestre respondeu: “Não, não, você tem muito a fazer”. A visão do Mestre a respeito disso foi profética. Ela era sua parceira na vida e nos ideais, e Ele a deixou neste mundo para continuar e aumentar o trabalho de regeneração espiritual no homem que Ele havia começado.

Seu sacerdócio espiritual havia começado, de certa maneira, ainda durante a vida do Mestre. Muitas das mulheres que iam ao Mestre se juntavam ao redor dela e se sentiam muito inspiradas. Sabe-se que o próprio Mestre pediu ao futuro discípulo Sannyasin Sarat (Swami Trigunatitananda) para tomar iniciação com Ela. Porém, é incerto se a iniciação realmente aconteceu. No entanto, Swami Trigunatitananda foi um dos primeiros cuidadores e serventes até ir embora para o Ocidente. Yogen, Swami Yogananda, outro discípulo do Mestre, foi iniciado por Ela em Vrindavana, de acordo com instruções dadas à Ela e a Yogen pelo próprio Mestre em sonhos.

Enquanto ficava em Jayrambati e Calcutá, o fluxo de discípulos que buscava iniciação aumentou de uma gota para um grande volume conforme o tempo passava e o nome e mensagem do Mestre começavam a circular bem longe. Ela era muito liberal em aceitar discípulos, sem exigir muito de suas habilidades, não porque Ela pudesse simplesmente fazer isso, mas porque seu coração materno respondia com empatia e afeição a qualquer um que fosse à Ela chamando-a de “Mãe” e procurando refúgio.

No oceano de seu amor universal, a estatura relativa de cada buscador não significava tanto quanto a aptidão para receber as bênçãos dela. Consequentemente, o número de seus discípulos aumentou e muitos deles não estavam em alto nível de excelência. Referindo-se a isso, a companheira Yogin-Ma uma vez disse: “Olhe para os discípulos do Mestre. Cada um deles é um gigante espiritual. E agora olhe para seus discípulos, Mãe”. A isso, a Mãe disse: “O que há de se indagar com isso? Ele escolheu o melhor tipo e com quanto cuidado Ele os selecionou! E, para mim, Ele empurrou todos esses pequeninos, que vêm aos montes como se fossem formigas! Não compare os discípulos dele com os meus”. Mais tarde, Ela falou a um discípulo sobre o significado de sua iniciação: “Seja o que eu tiver para dar, ofereço na hora da iniciação. Se você quiser paz imediatamente, pratique a disciplina espiritual prescrita. Se não fizer assim, você terá essa paz apenas após a queda do corpo”.

Outro discípulo protestou contra a liberdade dela, dizendo que Ela dava iniciação às vezes até mesmo para meninos de dez, doze anos, que poderiam nem mesmo lembrar do mantra, e que eram tantos meninos que Ela mal podia lembrar de seus nomes. Sua resposta a isso foi: “Meu filho, o Mestre nunca me proibiu de fazer assim. Ele me instruiu em muitos assuntos. Será que Ele não teria dito algo sobre esse assunto também? Eu dou a responsabilidade de meus discípulos para o Mestre. Todos os dias, rezo a Ele dizendo: ‘Por favor, tome conta dos discípulos onde quer que eles

possam ir’. Mais tarde, recebi esses mantras do próprio Mestre. Através deles, uma pessoa certamente atingirá a perfeição”.

Uma vez, quando Ela estava gravemente doente, um discípulo a viu levantar às duas da manhã, por isso, ele perguntou se Ela não estava dormindo bem. A resposta foi: “Como eu poderia, meu filho! Todos esses filhos chegam a mim com tanta seriedade e tomam a iniciação, mas a maioria não pratica japa regularmente. Por que regularmente? Eles não fazem nada nunca. Mas desde que tomei a responsabilidade deles, como posso não almejar pelo bem-estar deles? Por isso, faço japa em benefício deles e rezo ao Mestre constantemente: ‘Ó Senhor! Desperte-lhes a consciência. Dê-lhes liberação. Há muito sofrimento no mundo. Que eles possam não renascer mais!’”.

O quanto Ela levava seu sacerdócio a sério, especialmente o trabalho de iniciação, é evidente de acordo com suas palavras acima. Ela praticamente assumiu a responsabilidade espiritual dos discípulos a quem iniciou. Além disso, acredita-se que Ela tomou para si os pecados dos discípulos e sofreu terrivelmente por eles. Cada discípulo era um “filho” ou uma “filha” para Ela.

Ela não era tão afeita aos rituais muito formais quando dava iniciação, embora geralmente fizesse isso apenas depois de sua adoração diária ao Mestre com candidatos agendados para tomar a iniciação. Mas, com frequência, Ela deixava passar todas essa convenções e iniciava os discípulos a qualquer hora sob quaisquer condições. Há exemplos de quando Ela iniciou uma mulher, que fora sua amiga íntima durante a infância, enquanto ambas estavam descansando na cama após o almoço; de iniciar outra mulher durante o período de luto, o que é considerado impuro; e ainda de outros na varanda, sob o beiral de uma casa, em um campo aberto ou mesmo em uma estrada, com um guarda-chuva servindo como proteção e a água da chuva em um poço servindo como água purificadora. Às vezes, parecia que Ela dava iniciação como

resultado de um impulso instantâneo, como quando Ela fazia um mantra ocasionalmente enquanto estava de pé, ou quando alguém segurava seus pés chorando com o coração sedento por iniciação. Além disso, há casos de devotos que nunca tinham visto nem mesmo uma foto dela antes, mas ao vê-la, reconheceram-na como a “deusa humana” que haviam visto em sonho dando-lhes proteção em momentos críticos da vida. Alguns receberam iniciação dela em sonho e viram que o mantra dado a eles era exatamente o que Ela dava depois, em estado de vigília.

A iniciação dela era muito curta, durava de um a dois minutos. Era assim não porque Ela fazia aquilo casualmente, mas porque sua compreensão espiritual era tão rápida e infalível que se assemelhava a uma inspiração. Sobre este ponto, Ela uma vez disse: “Assim que quero transmitir um mantra para alguém, surgem na mente pensamentos de ‘Dê esse mantra’ ou ‘Dê aquele’, assim como em outros casos, parece que não sei nada e nada parece surgir. Permaneço sentada. Então, depois de indagar um pouco, visualizo o mantra. No caso de bons aspirantes, o mantra surge instantaneamente”.

É dito que o Grande Mestre deixou a Santa Mãe na Terra para demonstrar a Maternidade de Deus. Se alguém preferir, pode compreender isso em um sentido teológico, mas ficará evidente que o amor universal é a natureza de Deus, por isso, este traço é amplamente exibido na Santa Mãe durante sua notável vida na Terra. Seu sacerdócio também exemplificou isso. Assim como o afeto de uma mãe por um filho nunca é inibido pelas fraquezas que ele possa ter, assim a Mãe também aceitava todos os devotos que iam até Ela para proteção, independente de seus méritos. Todos eram iguais perante a infinitude de seu amor, e seus níveis morais e espirituais se fundiam na imensidade daquele amor.

Sua Saída do Mundo

Após as peregrinações em 1911 e 1912, não há outros grandes acontecimentos sobre sua vida. Ela passava os dias uma parte em Calcutá, outra em Jayrambati, desempenhando-se no sacerdócio espiritual ativo. A partir do fim de 1919, sua saúde declinou rapidamente. Ela tinha uma febre intermitente, cuja seriedade não foi considerada no início. Todos os tratamentos locais foram testados, mas porque não surtiram efeito, Ela foi levada a Calcutá em condição debilitada. Foi diagnosticada como Kala-Azaar (febre da água negra[5]) pelos médicos. Não tinha qualquer tratamento eficiente para aquilo naquele tempo e Ela sucumbiu à febre em vinte de julho de 1920.

Dois acontecimentos memoráveis precisam ser contados a respeito de seus últimos dias. Já foi mencionado que seu apego por Radhu era o principal instrumento para que Ela mantivesse a vida física. Foi percebido que alguns dias antes de sua morte, Ela se livrou totalmente da forte conexão com Radhu. Ela, que até então não conseguia ficar em qualquer lugar sem Radhu do lado, agora pedia para que ela não se aproximasse. Ela queria que Radhu fosse para Jayrambati imediatamente. Quando a filha pequena de Radhu se aproximava, Ela pedia para que tirassem a menina. Quando discípulos e devotos imploraram em nome de Radhu, Ela declarou abertamente que havia retirado a mente totalmente dela. Para Swami Saradananda e outros, que conheciam o lado esotérico da personalidade da Mãe, isso indicava que Ela estava deixando o corpo físico em breve.

Ela estava deteriorando rápido. Cinco dias antes de seu falecimento, uma antiga devota, chamada “Mãe Annapurna”, foi chamada em seu quarto. Quando ela expressou medo pelo futuro, a Mãe indagou: “Por que tem medo? Você viu o Mestre. Mas te digo uma coisa, se você quer paz mental, não encontre defeito nos outros. É melhor ver seus próprios defeitos. Aprenda a fazer do mundo todo seu próprio mundo. Ninguém é um estranho. Todo o

---

[5] Febre da água negra é uma complicação desencadeada pela malária.

mundo é seu”. Talvez isso incorpore a última mensagem dela para o mundo.

Durante os últimos três dias, Ela não disse nada a não ser chamar Swami Saradananda para ficar ao seu lado, dizendo: “Sarat, estou indo. Yogin, Golap e os outros estão aqui. Cuide deles”.

Pouco antes de morrer, seu rosto e corpo ficaram escuros e enrugados, porém, para espanto geral, uma grande mudança aconteceu logo após a vida se extinguir. Sua forma enrugada foi encontrada relaxada, seu rosto inchou e ficou com um brilho azul radiante. Seu semblante lembrava o rosto da imagem da Deusa Durga usada em adorações com cor dourada, com uma expressão de calma e grande serenidade. Essa expressão permaneceu em seu rosto por um bom tempo.

O corpo foi levado em procissão até Belur Math, onde foi cremado na beira do Ganges. Um pequeno e lindo templo foi construído naquele local. Outro templo, com o monastério, fica em Jayrambati, o local de seu nascimento, para celebrar sua vida e trabalhos.

Nela, o mundo encontrou uma figura única na história, que combinou os papéis de uma esposa perfeita, monja, mãe e professora ao mesmo tempo. Na infinita jornada dos membros da espécie humana neste nosso planeta, a Santa Mãe se destaca como um exemplo único, cuja imensa inocência conseguia derreter até os mais duros dos corações, aquela que nunca procurava defeito nos outros, quem cujo amor nunca fez qualquer distinção entre os merecedores e os não merecedores, aos olhos de quem o santo e o pecador eram igualmente seus preciosos filhos, cujo imenso coração abraçava toda a humanidade em seu abraço materno e quem considerava um privilégio poder trabalhar e sofrer por cada um deles. Se não pudermos ver aqui a face da Mãe Universal todo-amorosa de Deus, o Salvador, onde mais veremos?

Devemos ter a sensibilidade para reconhecer que a potência sutil do amor transcende a demonstração intrusiva do poder.

O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi

SEÇÃO 1

PRIMEIRA SÉRIE

TRADUZIDO POR SWAMI NIKHILANANDA

Registrado por Sarayubala Devi

Escritório de Udbodhan, Calcutá

Janeiro, 1911

Numa sexta-feira de manhã, Sriman-K veio à nossa casa em Pataldanga, em Calcutá, e disse: “Amanhã de tarde iremos para Baghbazar para prestar reverências à Santa Mãe. Por favor, esteja pronta quando chegar a hora”. Bom, enfim, eu teria a sorte de me prostrar aos pés da Santa Mãe! Minha alegria era tamanha que mal pude dormir de noite. Eu já morava em Calcutá há catorze ou quinze anos, e depois de tanto tempo, a Mãe me concedeu essa oportunidade de prestar-lhe homenagens.

No outro dia pela manhã, contratamos uma carruagem, buscamos Sumati na escola Brahmo para meninas e saímos para a casa da Santa Mãe em Baghbazar. Mal posso descrever a vontade e fervor que eu sentia naquele momento da peregrinação. Cheguei à casa Dela em Baghbazar e a encontrei parada na porta da sala do altar. Ela estava com um pé na soleira e o outro no tapete. Estava sem véu na cabeça. Seu braço esquerdo estava levantado e colocado na porta, enquanto o direito estava ao lado de seu corpo. A parte de cima de seu corpo estava à mostra. Ela estava olhando ansiosamente como se esperasse por alguém. Assim que me

prostrei diante de seus pés, Ela perguntou à Sumati sobre mim. Sumati me apresentou como sua irmã mais velha. Ela já visitava a Mãe por um tempo. Então, a Mãe olhou para mim e disse: “Veja, minha filha, o quanto tenho de problemas com essas pessoas aqui! Minha cunhada e sua filha, Radhu, estão com febre. Não sei quem pode cuidar delas e assisti-las. Você pode esperar um minuto? Vou lavar meu manto e já volto”. Esperamos, e Ela voltou após alguns minutos. Depois, ofereceu duas mãos cheias de doces e pediu para que eu os dividisse com minha irmã. Sumati precisava voltar para a escola. Assim, não podíamos ficar muito mais. Fizemos saudação à Ela e fomos embora. A Mãe disse: “Venha novamente”. Essa entrevista de cinco minutos não conseguiu saciar o desejo ardente da minha alma. Voltei para casa com mais sede ainda.

12 de fevereiro, 1911

Quando fui ao escritório de Udbodhan este dia, descobri que a Santa Mãe tinha ido para a casa de Balaram Bose. Eu não tive que esperar muito para que Ela voltasse. Assim que a saudei, Ela me perguntou com um sorriso: “Quem está te acompanhando hoje?”, “Um dos meus sobrinhos”, respondi.

Mãe: Como você está hoje? Como está sua irmã? Faz tempo que você não vem. Eu estava ansiosa por você e pensei que não estivesse bem.

Fiquei surpresa porque tínhamos nos visto apenas uma vez e por apenas cinco minutos. Porém, Ela não havia nos esquecido. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas de alegria.

A Mãe disse com grande carinho: “Você chegou aqui e eu estava um tanto inquieta na casa de Balaram”.

Fiquei completamente surpresa. Minha irmã, Sumati, tinha mandado dois gorros de lã por mim para ‘Khude’, a bebê que era

sobrinha da Santa Mãe. Entreguei-os à Ela. Ela expressou muita alegria com os presentes. Ela sentou na cama e disse: “Sente-se aqui comigo”. Sentei-me ao seu lado. A Mãe disse com grande afeição: “Parece, filha, que já te encontrei muitas vezes antes, como se nos conhecêssemos há muito tempo”. “Não sei”, eu disse, “vim aqui um dia, mas apenas por cinco minutos”.

A mãe riu e começou a falar sobre a devoção e sinceridade minhas e de minha irmã. Mas eu não achava que merecia aqueles elogios. Gradualmente, muitas devotas se reuniram. Todas elas pareciam ansiosas e muito amorosas com a figura sorridente e compassiva da Mãe. Eu nunca havia visto face como aquela. Minha mente estava devorando aquela alegria espiritual quando alguém me lembrou que a carruagem estava pronta para irmos embora. A Mãe saiu de onde estava e ofereceu Prasada. Ela a segurou na minha frente e disse: “Coma isso!”. Fiquei com vergonha de comer na presença dos outros sem dividir. A Mãe disse: “Por que hesita? Coma os doces”. Aceitei a oferenda em minha mão. Eu me curvei diante dela e saí. Ela disse: “Venha novamente. Você pode descer sozinha ou devo ir com você?”. Ela veio comigo até a escada. Eu disse: “Vou sozinha, não se preocupe”. Ela disse na despedida: “Venha outro dia pela manhã”. Voltei com um senso de preenchimento e pensei: “Que amor maravilhoso!”.

14 de maio, 1911

Mal eu tinha me prostrado diante da Santa Mãe hoje, Ela disse: “Que bom que você veio. Eu penso em você o tempo todo. Por que não veio todos esses dias?”.

Devota: Eu estava em Calcutá. Estava na casa de meu pai.

Mãe: O que há com Sumati? Ela não vem aqui faz tempo. Ela está muito ocupada com os estudos?

Devota: O marido dela não estava aqui.

Mãe: Bem, ela vai para a escola. Eles seguem as tarefas do mundo?

Devota: Nós não sabemos, Mãe, o que o mundo é e o que nossa tarefa é. Apenas você sabe disso.

A Mãe sorriu. “Que dia quente!”, Ela disse e me deu um abanador. “Ah, querida, você comeu muito rápido e subiu para cá. Agora, deite-se ao meu lado”, comentou. Uma esteira estava no chão. Hesitei em deitar em sua cama, mas Ela disse: “Por que hesita? Deite-se! Ouça minhas palavras!”. Não pude deixar de deitar. A Mãe sentiu-se sonolenta e deitou em silêncio. Algumas devotas e duas monjas chegaram. Uma das monjas era adulta e a outra mais jovem. A Mãe disse, com os olhos fechados: “Quem está aí? É Gaurdasi?”. A jovem monja respondeu: “Como sabia, Mãe?”. A Mãe disse que sentiu que era ela. Após alguns momentos, Ela sentou. A jovem monja disse então: “Fomos a Belur Math. Swami Premananda nos deu muita comida. Quando ele está lá, ninguém consegue voltar sem ter comido muito”. A Mãe gentilmente chamou atenção de alguém no grupo por não ter colocado a pasta vermelha na testa, tal indicação é obrigatória em todas as mulheres casadas se o marido estiver vivo.

Gauri-Ma soube de mim pela Santa Mãe e me convidou para sua escola de garotas. Cerca de sessenta garotas estudavam lá. Ela me perguntou se eu sabia costurar. Disse que sabia um pouco e ela me pediu para ensinar aquele pouco para as alunas no Ashrama.

Com a permissão da Santa Mãe, visitei a escola de Gauri-Ma um dia. Gauri-Ma era muito doce comigo e me pediu para ir para lá todos os dias por uma ou duas horas para dar aulas para as garotas. Eu disse: “Para mim, é um absurdo eu ser professora com

tão pouco treino. Se você insiste, posso ensiná-las o alfabeto simples”. Mas Gauri-Ma era inflexível. Precisei ceder.

Um dia, após sair da escola de Gauri-Ma, fui ver a Santa Mãe. Ainda era verão e eu estava um pouco cansada. A Mãe estava sentada em seu quarto, cercada por um grupo de devotas. Assim que me prostrei diante dela, Ela me olhou e prontamente pegou um pequeno abanador de cima do mosquiteiro. Ela começou a me abanar para que eu me refrescasse. Depois, disse ansiosa: “Tire sua blusa logo para que o corpo possa se refrescar”. Que amor sem precedência! Ela começou a fazer carinho em mim na frente de muitas devotas. Fiquei envergonhada. Todos os olhos estavam fixos em mim. Vendo sua insistência, tirei a blusa. Quanto mais eu pedia para que Ela me desse o abanador, mais Ela insistia com ternura: “Sim, isso mesmo! Refresque-se um pouco!”. Ela trouxe um copo de água e alguns doces. Vendo-me pegá-los, Ela ficou feliz. A carruagem da escola estava me esperando, então tive que ir embora logo.

3 de agosto, 1911

Esta manhã, fui bem cedo para Baghbazar. Desejava muito ser iniciada pela Santa Mãe hoje, então levei alguns itens comigo para este propósito. Gauri-Ma me deu a lista de itens e ela também me acompanhou até a Santa Mãe. Quando cheguei lá, encontrei-a absorta em adoração. Ela me pediu, por sinais, para sentar. Após a adoração acabar, Gauri-Ma trouxe o assunto sobre minha iniciação. Eu também havia conversado com Ela há alguns dias. Eu tinha levado umas lindas bananas. Ela adorou as frutas e disse: “Ah, vi que você trouxe muitas bananas”. Um dos monges ficou com vontade. Depois, Ela disse: “Pegue aquele tapete e sente-se ao meu lado”, eu respondi: “Ainda não terminei meu banho no Ganges”.

Mãe: Isso não importa. É o suficiente se tiver trocado de roupa.

Sentei ao seu lado. Senti meu coração palpitando. A Mãe pediu aos outros que saíssem do quarto e depois me disse: “Agora me diga qual mantra foi revelado a você em sonho”.

Devota: Devo dizer ou escrever essas palavras?

Mãe: Pode dizê-las.

Na hora da iniciação, a Santa Mãe explicou para mim o significado do mantra que eu tinha recebido em sonho. Primeiro, Ela me pediu para repetir o mantra e depois me passou o novo mantra; fui instruída a repetir o primeiro mantra algumas vezes todo dia e depois repetir o segundo e meditar. Vi a Mãe absorta em meditação por alguns minutos antes que explicasse o significado do mantra para mim. No momento da iniciação, todo meu corpo começou a tremer. Comecei a chorar, mas não podia adivinhar a causa disso. A Mãe colocou um ponto grande de pasta vermelha de sândalo na minha testa. Dei-lhe algumas rúpias como oferenda no altar. Ela deu o dinheiro para Golap-Ma.

Notei que a Mãe estava muito séria no momento da iniciação. Depois, Ela deixou o lugar de adoração. Ela me pediu para repetir o mantra por algum tempo, meditar e rezar. Fiz como Ela pediu. Enquanto me curvava diante de seus pés, Ela me abençoou com as palavras: “Que você obtenha a devoção por Deus!”. Até agora consigo me lembrar daquelas palavras e rezar à Ela: “Por favor, lembre-se de sua bênção. Que eu nunca fique sem o efeito dela!”.

Ela iria depois para o banho no Ganges. Golap-Ma a acompanhou. Também me juntei ao grupo, levando a toalha e o manto da Mãe. Estava garoando. Após terminar o banho, a Mãe deu ao sacerdote no ghat uma moeda e uma manga. Enquanto fazia isso, Ela disse: “Estou dando-lhe a fruta, mas esta é a fruta da dádiva que pertence a você”. Ah, ele mal havia notado quem era aquela que ofertava.

Ele mal podia entender o significado daquelas palavras! Nem podemos nós, pobres criaturas, afetados pelos milhões de desejos egoístas.

A Santa Mãe mudou de roupa e me deu o manto molhado para carregar. Golap-Ma liderava o grupo enquanto eu andava atrás. A Mãe estava entre nós. Ela carregava um pouco de água do Ganges em um pequeno recipiente e oferecia dela a cada baniano sagrado que tinha no caminho. Tinha um jarro de água perto da cisterna próximo à torneira no térreo. A Mãe lavou os pés com aquela água e me disse: “Tem lama nos seus pés. Lave-os”. Enquanto eu procurava pela água, Ela disse: “Tem água no jarro. Por que não lava seus pés com ela?”. “Você tocou naquela água. Como posso usá-la?”, disse eu com alguma relutância. "Borrife um pouco em sua cabeça”, respondeu a Mãe. Porém, hesitei e disse: “Não posso usar essa água”. Peguei água da cisterna em outro jarro e lavei meus pés e mãos. Ela me esperou. Depois, subimos. Ela pegou alguns doces e frutas oferecidos em dois pratos de folha e me pediu para sentar com Ela. Com grande carinho, alimentou-me com Prasada e também comeu.

Gradualmente, muitas devotas chegaram. Eu não as conhecia. Elas almoçavam ao meio-dia na casa da Mãe. Depois que a adoração terminou, todos sentamos para almoçar. A Mãe estava em seu lugar. Ela pegou três bocados de comida e depois me deu um pouco de Prasada, que foi também distribuída entre todos. A Mãe agora estava em seu verdadeiro ser. Ela estava alegre de novo. Na hora da iniciação, Ela estava totalmente em outro espírito, séria e introspectiva - uma verdadeira deusa prestes a conceder favores e punir maldades. Eu tremia em maravilhamento. Eu a vi, depois, dando iniciação a muitos devotos, mas nunca a vi naquele estado tão sério. Rindo e brincando, Ela iniciou muitas pessoas. Elas também estavam felizes e satisfeitas. Levada por curiosidade, às vezes eu perguntava aos devotos como Ela estava na hora da iniciação. Uma jovem viúva uma vez respondeu: “Assim como a

vemos sempre. Nada muito diferente. Eu havia sido iniciada antes pelo Guru de minha família. Depois, ouvi sobre a Mãe e vim à Ela para a iniciação. Primeiro, Ela pediu para repetir dez vezes o mantra que tinha recebido de meu preceptor familiar. Depois, me deu a iniciação. Ela apontou Sri Ramakrishna como meu Guru e outra Divindade como meu Ishta. Ela me instruiu a rezar para Sri Ramakrishna assim: 'Ó Senhor, por favor, livre-me de todos os pecados cometidos nesta e nas vidas anteriores', e coisas assim. Estou com muitos problemas ultimamente. Consegue explicar isso? Não consigo repetir o mantra por mais de meia hora. Alguém parece me puxar para longe de onde me sento. Você se sente assim? Sempre penso em perguntar à Santa Mãe sobre isso, mas não posso. Você tem mais liberdade com Ela. Será que Ela me enganou?". Eu não queria saber de todos aqueles detalhes, mas como ela falou tudo isso com franqueza, eu disse: "Por favor, abra seu coração para a Mãe. No começo, você pode se sentir um pouco constrangida, mas ficará fácil a cada vez. A gente também não tinha liberdade com Ela no começo. Mesmo agora, Ela, às vezes, fica tão séria que não conseguimos nos aproximar".

De noite, as devotas deixaram a Mãe uma por uma. Ela pediu às sobrinhas que meditassem e rezassem. Elas estavam atrasadas e a Mãe disse em tom descontente: "Já é noite e, em vez de meditar, estão fofocando!". Golap-Ma, Yogin-Ma e outras devotas se prostraram diante de seus pés. Ela abençoou todas, colocando a mão em suas cabeças, ou tocando o queixo, ou beijando-as. Ela reverenciou a imagem de Sri Ramakrishna e depois sentou para meditar. Após terminar a meditação, fui embora e voltei para casa.

***

Não pude visitar a Santa Mãe por alguns dias devido à pressão dos meus afazeres escolares. Mal havia feito reverência hoje, Ela começou a demonstrar seu amor por mim de inúmeras maneiras. Bhudev estava lendo o *Mahabharata*. Ele era apenas um garotinho

e por isso não lia fluentemente. A Mãe tinha outras tarefas para fazer. Já era quase noite. Ela disse a Bhudev, apontando para mim: “Dê o livro para ela. Ela vai ler com mais facilidade. A leitura não pode terminar sem acabar o *Mahabharata*”. Eu nunca tinha lido em sua presença. Primeiro, fiquei com vergonha, mas terminei o capítulo. A Mãe saudou o livro com as mãos postas. Fomos ao altar para presenciar a adoração vespertina. A Mãe foi para seu lugar habitual e logo ficou absorta em meditação. A Mãe terminou o japa, falando o nome de Deus em voz alta e curvou-se diante da imagem de Sri Ramakrishna. A Prasada depois foi distribuída entre todos. Após isso, a conversa foi sobre nossas tarefas diárias. A Mãe, referindo-se aos dias cheios em Jayrambati, disse: “Esteja sempre empenhada em um ou outro trabalho. Isso conduz à saúde tanto do corpo quanto da mente. Na infância, em Jayrambati, eu estava sempre ocupada com alguma tarefa e nunca visitava meus vizinhos. Porque as pessoas diziam cada vez que me viam: ‘Nossa, a filha de Shyama casou-se com um lunático!’, eu evitava encontrar qualquer pessoa para evitar o criticismo”.

No campo em frente à casa da Santa Mãe viviam algumas pessoas que eram de outras partes da Índia, fora da região de Bengala. Eles ganhavam a vida com árduo trabalho manual. Um deles tinha uma meretriz. Eles viviam juntos. Uma vez, ela estava seriamente doente. Falando sobre sua doença, a Santa Mãe disse: “Ele cuidou dela com grande devoção! Nunca vi algo assim antes. Ele demonstrou o verdadeiro espírito do serviço”. Ela começou a falar muito bem da devoção daquele homem.

A ideia de uma meretriz certamente teria feito a gente torcer o nariz com desprezo. Ah, quantas vezes deixamos de reconhecer a bondade quando ela está vestida em trajes malignos!

Uma pobre mulher, de uma das casas cruzando a rua, veio até a Santa Mãe carregando o filho doente nos braços. Ela pediu por suas bênçãos. A Mãe foi muito amável com a criança. Ela disse

que a criança se recuperaria em breve e a abençoou. Duas romãs grandes e algumas uvas tinham sido oferecidas no altar. Ela deu todas as frutas para a pobre mulher, dizendo: “Dê isso ao seu filho doente”. A mulher ficou muito feliz com a generosidade da Mãe e a reverenciou repetidas vezes.

11 de fevereiro, 1912

No momento que encontrei a Santa Mãe hoje e sentei depois de saudá-la, Ela começou a contar, com grande tristeza: “Oh não! Girish Babu morreu. Hoje é o quarto dia. Os parentes dele vieram aqui me convidar para ir a suas casas. Será que ainda é possível que eu vá até lá? Que devoção e fé em Sri Ramakrishna Girish tinha! Você já ouviu esse incidente? Ele implorou para que Sri Ramakrishna nascesse como seu filho. Em resposta, Sri Ramakrishna disse: ‘Por que eu deveria querer nascer como seu filho?!’. Quem conhece, minha filha, os meios incompreensíveis do Senhor! Um filho nasceu de Girish um tempo após o falecimento de Sri Ramakrishna. Um garoto diferente, com certeza! Ele não trocou uma palavra com ninguém até os quatro anos. As pessoas sabiam o que ele queria apenas com gestos. Os pais cuidavam dele como se fosse o próprio Sri Ramakrishna. Eles mantinham separado tudo que era dele - suas roupas, pratos, xícaras, copos, etc. Ninguém mais usava aquelas coisas”.

“Um dia, o garoto ficou muito irrequieto para me ver. Minha foto estava no andar de cima da casa. Ele levou todo mundo da casa para lá e, dando um grito, apontou a foto para eles. A princípio, eles não o entenderam, depois o trouxeram a mim. Embora ele fosse apenas uma criança de quatro anos, ele se prostrou diante de mim. Depois, foi para o primeiro andar e começou a puxar o pai pela roupa. Ele queria que o pai também me visse. Girish chorou amargamente e disse: ‘Não posso, querido, ver a Santa Mãe. Sou um grande pecador!’. Mas o garoto era resistente. Por isso, Girish teve que ceder. Ele pegou o garoto nos braços. Com seu corpo

todo trêmulo e lágrimas descendo pelo rosto, ele se aproximou e se prostrou no chão na minha frente. Ele disse: ‘Mãe, este menino me fez ver seus pés sagrados!’”.

“Porém, o garoto morreu quando tinha quatro anos. Uma vez, Girish e sua esposa estavam no telhado tomando um ar. Eu estava ficando na casa de Balaram. As casas eram próximas. Também subi no telhado (de Balaram) aquele dia. Não notei que Girish podia me ver do telhado de sua casa. A esposa dele disse: ‘Olhe ali, a Santa Mãe está caminhando no telhado da casa’. Girish virou de costas para mim e disse à ela: ‘Não, não, eu não posso olhar para a Santa Mãe. Meus olhos são maldosos!’. Ele desceu de uma vez do telhado. Ouvi isso de sua esposa.”

15 de junho, 1912

A Santa Mãe estava sentada com algumas devotas. Eu conhecia algumas delas. A Mãe estava muito alegre na companhia delas. Ela me recebeu com um sorriso. Pedi à Gauri-Ma que trouxesse dois livros da biblioteca, a vida da Irmã Nivedita e as palestras na Índia de Swami Vivekananda. Eu queria ler algo da vida da Irmã Nivedita. A Mãe concordou e disse: “Por favor, leia sobre a vida de Nivedita. Eu também recebi uma cópia do livro outro dia, mas ainda não o examinei”. Fiquei envergonhada de ler o livro na presença de tantas pessoas. Ao mesmo tempo, estava ansiosa para ler para a Mãe a linda biografia da Irmã, escrita por Saralabala. Assim, obedeci sua ordem. A mãe, e também as outras devotas, começaram a ouvir com atenção. Elas ficaram com os olhos marejados por ouvirem sobre a grandiosa dedicação de Nivedita. Lágrimas caíam no rosto da Mãe.

Falando sobre Nivedita, Ela disse: “Que devoção sincera tinha Nivedita! Ela nunca achava que era muito o que fazia por mim. Ela costumava vir de noite. Uma vez, vendo que a luz atingia meus olhos, ela colocou um papel na lâmpada para fazer sombra. Ela se

prostrava diante de mim e, com grande carinho, tirava a poeira de meus pés com seu lenço. Sentia que ela até hesitava em tocar meus pés". A lembrança de Nivedita abriu as comportas de sua mente e Ela de repente ficou séria.

Quem estava presente começou a contar suas memórias sobre a Irmã Nivedita. Durga-Didi disse: "É um azar da Índia ela ter morrido tão jovem". Outra moça disse: "Ela via a Índia como sua pátria. Ela mesma disse isso muitas vezes. No dia do Puja de Saraswati, ela andava descalça, colocando na testa uma marca com cinza sagrada do fogo sacrificial". Terminei de ler. A Mãe ficava relembrando dos sentimentos sobre a Irmã. No final, Ela disse: "O interior da alma sente um devoto sincero".

Era o horário da adoração da tarde. A Mãe trocou de roupa e sentou no tapete em frente à imagem de Sri Ramakrishna. Ela tinha feito algumas guirlandas de flores com as próprias mãos para decorar a imagem. Rashbehari, um jovem Brahmacharin, deixou perto das guirlandas alguns doces para oferecer. As formigas se juntaram ao redor do doce. Algumas também estavam nas guirlandas. A Mãe disse, com uma risada: "Veja o que Rashbehari fez! Sri Ramakrishna será picado pelas formigas!". Ela tirou as formigas e amavelmente decorou a imagem com as guirlandas. Vendo-a decorar a figura de seu marido com flores diante dos outros, Surabala, sua cunhada, riu. Depois, a Prasada foi distribuída entre todos.

Uma devota disse: "Mãe, tenho cinco filhas. Não encontro noivos apropriados para elas. Estou muito ansiosa sobre isso".

Mãe: Por que se preocupa com o casamento delas? Se você não encontra noivos para elas, mande-as para o Internato de Garotas da Irmã Nivedita. Elas serão treinadas lá e serão muito felizes no internato.

Outra devota: Se você tem fé na Santa Mãe, então faça como Ela diz. Isso será para o seu bem. Se ouvi-la, não terá que se preocupar.

Desnecessário dizer que a mãe das cinco garotas gostou muito do conselho.

Terceira devota: Está muito difícil encontrar noivos apropriados hoje em dia. Muitos garotos se recusam a casar.

Mãe: Sim, os garotos aprenderam a distinguir. Gradualmente, estão percebendo que a felicidade do mundo é transitória. Quanto menos você se tornar apegado ao mundo, mais poderá desfrutar da paz mental.

Já estava bem tarde quando fui embora naquela noite.

***

Em outro dia, fui para Baghbazar e encontrei a Santa Mãe descansando depois do almoço. Ela foi doce o bastante para me pedir que a abanasse. Subitamente, ouvi-a falando consigo mesma: “Bem, todos vocês chegaram aqui, mas onde está Sri Ramakrishna?”. Respondi: “Não pudemos conhecê-lo nesta vida. Quem sabe em qual de nossos futuros nascimentos poderemos vê-lo? Porém, é nossa maior riqueza que possamos tocar os seus pés”. “É verdade”, foi o comentário da Santa Mãe. Fiquei maravilhada com tal confissão. Raramente Ela falava de si mesma daquela maneira.

Eu mal percebia naquela época que as pessoas provavelmente tinham segredos que confidenciavam à Santa Mãe. Eu era uma garota ingênua, por isso não compreendia isso. Se acontecesse de eu entrar em seu quarto e não encontrá-la, eu saía pela casa procurando, queria muito que Ela chegasse logo. Uma noite, duas

lindas jovens estavam se confessando com a Santa Mãe na sacada da frente de seu quarto quando eu apareci de repente lá por não tê-la encontrado em nenhum outro lugar. Ouvi a Mãe dizendo a elas: “Deixem o fardo de suas mentes diante de Sri Ramakrishna. Conte a Ele de suas tristezas com suas lágrimas. Verão que Ele preencherá os braços de vocês com o objeto desejado”. Na hora, compreendi que elas estavam rezando para serem abençoadas com filhos. Elas ficaram envergonhadas quando me viram. Eu me senti mal, mas aprendi uma grande lição naquele dia. Fiz um voto de nunca mais ir procurar a Santa Mãe sem avisar antes sobre minha chegada. Uns meses depois, encontrei novamente aquelas moças na casa da Santa Mãe. Fiquei feliz de ver que os desejos delas logo seriam preenchidos. Gauri-Ma estava por lá. Atendendo ao nosso pedido, ela nos contou algumas lembranças de Sri Ramakrishna. Ela disse: “Eu já havia visitado Sri Ramakrishna muito antes de muitos devotos começarem a aparecer. Vi Naren e Kali quando eram muito jovens”. Era de noite. A conversa precisava acabar. Gauri-Ma se despediu da Santa Mãe. Eu também precisava ir. Quando estava quase para sair, Ela me chamou na sacada e me deu Prasada. Ela disse: “Venha de novo. Você nunca fica aqui bastante tempo quando vem. Venha de manhã, às sete horas, e almoce conosco”.

18 de setembro, 1912

Eu estava um pouco ocupada com trabalhos da escola de Gauri-Ma, por isso, não estava livre para ir à Santa Mãe da maneira como gostaria. Era um dia auspicioso quando, de manhã, cheguei à sua casa. Ela estava se preparando para ir tomar banho no Ganges. Assim que me viu, disse com prazer evidente: “Estou muito feliz que você veio hoje. Hoje é um dia auspicioso, já que é o aniversário de Radhika. Fique aqui até que eu volte do Ganges”. Demonstrei minha vontade de acompanhá-la e ela concordou. Estava garoando e Golap-Ma se opôs a que eu fosse, pois ficaria exposta à chuva. A Mãe apoiou Golap-Ma e disse: “Por favor,

espere aqui. Não vou demorar". Com frequência, víamos como Ela se comportava como uma garotinha gentil. Ela nunca pressionava suas próprias visões sobre os outros. Assim que chegou à rua, a chuva parou. Ela voltou após terminar o banho e disse: "A chuva parou assim que saí para a rua. Você queria me acompanhar. Achei que teria sido legal se você tivesse ido. Você poderia ter visto o Ganges Sagrado um pouco". Para dizer a verdade, eu não estava com tanta vontade de ir ao Ganges quanto estava de ficar em sua sagrada companhia. Porque estávamos envolvidos em milhares de tarefas do mundo, mal podíamos encontrar tempo para visitá-la. Nesses poucos dias que, com sorte, conseguíamos ir até Ela, não queríamos deixar sua presença. Golap-Ma, no entanto, ouviu as palavras da Santa Mãe e disse: "O que que tem que ela não viu o Ganges! Todos os desejos serão preenchidos ao tocar seus santos pés". Consenti com essas palavras, mas a Mãe disse: "Não diga isso! Ah, ela é a Mãe Ganges, afinal!". A Mãe quase nunca revelava sua imensidão divina por palavras ou ações. Ela sempre agia de tal maneira que as pessoas pudessem interpretá-la como um ser humano comum como elas mesmas. Apenas em raras ocasiões, por amor a alguns devotos afortunados, Ela revelava seu aspecto divino. Ela entrou no quarto e sentou na cama dizendo: "Olhe, terminei meu banho no Ganges!". Percebi que Ela descobriu sobre minha vontade mais íntima de adorar seus pés de lótus. Eu disse para mim mesma: "Você é a sempre pura. Não é necessário banhar-se no Ganges para purificar". Quando me sentei aos seus pés, com flores e pasta de sândalo, Ela disse: "Não coloque folhas de tulasi". Adorei seus pés com flores e pasta de sândalo. Fiz-lhe reverências. Depois, Ela começou a tomar o café da manhã. Ela me fez sentar perto e começou a me dar, com grande amor, metade de cada item que comia. Comi a Prasada com imensa alegria. Enquanto eu comia do prato de folha, lembrei do Santo Durga Charan Nag. Disse para a Mãe: "Este prato de folha me lembra de Nag Mahasaya". Mãe: "Que grande devoção ele tinha. Olhe para este prato seco de folha. Quem consegue comer nele? Porém, ele tinha uma devoção exuberante e comia até mesmo a

folha que tocava a Prasada. Ah! Que lindos olhos ele tinha! Levemente avermelhados e sempre marejados pelas lágrimas! Seu corpo ficou debilitado devido às árduas austeridades. Ele costumava vir me ver. Mal podia subir as escadas. Suas emoções transbordavam quando me via. Ele tremia como uma folha, ficava zonzo enquanto andava. Nunca vi tamanha devoção em ninguém".

Devota: Li em sua biografia que ele desistiu da prática da medicina e ficou absorto, dia e noite, em meditação em Sri Ramakrishna. Um dia, seu pai disse bravo: "Você é muito indiferente ao mundo. Qual será seu destino? Não terá sequer uma roupa para cobrir o corpo! E terá que comer sapos para satisfazer a fome!". Tinha um sapo morto no quintal. Nag Mahasaya jogou fora o manto que usava e comeu o sapo. Depois, disse ao pai: "Já cumpri suas duas profecias. Agora, contenha sua ansiedade sobre minha alimentação e roupas, e devote-se ao pensamento de Deus".

Mãe: Que grande devoção ao pai! Ele não diferenciava entre pureza e impureza. Isso demonstra sua elevada realização espiritual.

Devota: Uma vez, em um dia muito auspicioso, ele foi para casa vindo de Calcutá. O pai o repreendeu e disse: "Você estava em Calcutá, próximo ao Ganges. Que besteira você ter voltado para casa vindo do Ganges em dia tão auspicioso. Você devia ter ficado em Calcutá e tomado banho no rio sagrado". Porém, no momento mais auspicioso do dia, todos notaram que tinha água saindo de uma bica no quintal. O local ficou todo inundado. Nag Mahasaya ficou louco em êxtase e chorou: "Venha, Mãe Ganges!". Ele aspergiu aquela água em sua cabeça. As pessoas da área se banharam na água e sentiram como se tivessem tomado banho no Ganges.

Mãe: Verdade, mesmo o impossível torna-se possível pela devoção. Uma vez, dei a ele um pedaço de tecido. Ele sempre o

amarrava em volta da cabeça. Sua esposa também é muito boa e devotada. Ela veio aqui para me ver uns dias atrás durante o verão.

Neste momento, algumas devotas chegaram e a conversa parou. Elas se prostraram diante da Santa Mãe. Ela me pediu que preparasse rolinhos de bétele. Preparei dois e entreguei-os à Ela. Ela comeu um e devolveu o outro para mim. Saí novamente para preparar o restante. A Mãe, depois de um tempo, veio ao nosso quarto com duas devotas. Elas começaram a ajudar e o trabalho foi feito rapidamente.

A Mãe separou algumas folhas de bétele para fazer um presente para elas. Ela estava muito feliz e disse: “Ah! Minhas meninas terminaram tudo tão rápido!”. Ela foi para o quarto de Golap-Ma no segundo andar. Fui também alguns minutos depois e vi que Ela estava deitada no chão, com a cabeça na soleira da porta. Por isso, eu não tinha como pisar por cima da soleira e entrar no quarto. Ela me olhou e disse: “Entre. Está tudo bem”. Ela era sempre tão espontânea e informal. Ela levantou a cabeça e eu entrei no quarto. Sentei ao seu lado e comecei a abaná-la. Ela me perguntou várias coisas sobre a escola de Gauri-Ma e eu dei respostas que deixaram-na satisfeita. Logo então chegaram duas devotas. Uma delas começou a mexer no cabelo da Mãe. Ela separou um ou dois cabelos grisalhos e os amarrou na saia de seu manto. Ela disse: “Vou guardá-los como lembrança”. A Santa Mãe ficou confusa e disse com hesitação: “Por que você está fazendo isso? Já joguei fora tantos cabelos antes”. Ela foi para o telhado para se aquecer ao sol. Também fomos com Ela. Havia várias roupas secando. Ela me pediu para levá-las para o quarto. Depois, quando a adoração havia terminado, ela me pediu para fazer a preparação necessária para o almoço dos devotos. Sentamos todos juntos para comer. A Mãe pegou um bocado. A Prasada depois foi distribuída entre nós. As duas devotas mencionadas acima estavam conosco. Uma delas era uma senhora e tinha um marido. Ela havia visitado Sri Ramakrishna. A outra era sua nora.

A senhora disse: “Sri Ramakrishna nos deu muitas instruções, mas só executamos algumas delas. Se tivéssemos seguido seus conselhos, não teríamos sofrido tanto neste mundo. Estamos atados ao mundo e sempre correndo em busca deste ou daquele trabalho”.

Em resposta, a Mãe disse: “Todos devem fazer algum trabalho. Apenas pelo trabalho é possível remover as amarras do trabalho, não evitando-o. O desapego total vem depois. Ninguém deveria ficar sem trabalho sequer por um momento”.

Depois de comer, a Mãe foi descansar um pouco. Ela deitou na cama. Todos os devotos estavam ávidos por fazer algum serviço pessoal à Ela, mas Ela pediu para que todos descansassem. Todos foram embora já que tinham vários assuntos para resolver. Eu fiquei lá com uma velha viúva, que era contemporânea de Sri Ramakrishna. Eu estava massageando o corpo da Mãe. A viúva sentou-se ao lado dela e começou a contar dos vários incidentes com sua família: “Mãe”, disse ela, “sempre perdoe meus erros pois minha família é muito dependente”. Perguntei se ela havia visto Sri Ramakrishna. “Sim, querida”, ela respondeu. “Eu o vi. Ele sempre vinha à nossa casa. A Santa Mãe era bem jovem na época”.

Devota: Por favor, conte algo sobre Sri Ramakrishna.

Viúva: Eu não. Peça à Santa Mãe para nos dizer algo sobre Ele.

A Mãe estava descansando com os olhos fechados, por isso, não perguntei. Depois de um pouco, Ela mesma disse: “Aquele que rezar ansiosamente o verá. Outro dia, um de nossos devotos, Tej Chandra, morreu. Que alma sincera ele era! Sri Ramakrishna costumava frequentar sua casa. Alguém tinha deixado duzentas rúpias com Tej Chandra. Um dia, aquela quantia foi roubada dele por um ladrão no bonde. Ele percebeu o ocorrido um pouco depois

e teve uma severa agonia mental. Ele foi às margens do Ganges e rezou a Sri Ramakrishna, com lágrimas nos olhos: ‘Ó Senhor, o que fizeste comigo?!’. Ele não era rico o bastante para ter aquela quantia. Enquanto soluçava, ele viu Sri Ramakrishna aparecer em sua frente dizendo: ‘Por que chora tanto? O dinheiro está ali embaixo daquele tijolo nas margens do Ganges’. Rapidamente, ele removeu o tijolo e realmente encontrou um monte de notas. Ele contou o acontecido para Sarat (Swami Saradananda). Sarat disse: ‘Você tem sorte por ter uma visão de Sri Ramakrishna até agora. Nós não o vemos’. Por que Sarat e outros como ele não podiam mais vê-lo? Eles já tinham tido o bastante dele e todos seus desejos haviam sido preenchidos. Aqueles que não o viram com os olhos físicos ficam mais ansiosos por essa visão. Quando Sri Ramakrishna vivia em Dakshineswar, Rakhal e outros devotos eram muito jovens. Um dia, Rakhal (Swami Brahmananda) veio até Sri Ramakrishna e disse que estava com muita fome. Sri Ramakrishna foi ao Ganges e gritou: ‘Ó Gaurdasi, venha aqui! Meu Rakhal está com fome’. Pouco depois, um barco foi visto vindo pelo Ganges. Ele parou perto do templo. Balaram Babu, Gaurdasi e outros devotos desceram do barco com alguns doces. Sri Ramakrishna ficou muito feliz e chamou Rakhal. Ele disse: 'Venha aqui. Olhe esses doces. Você disse que estava com fome’. Rakhal ficou bravo e falou: ‘Por que está espalhando sobre minha fome?’. Sri Ramakrishna disse: ‘Qual o problema? Você está com fome e quer algo para comer. O que tem de errado em falar sobre isso?’. Sri Ramakrishna tinha a natureza de uma criança”.

Bhudev, o sobrinho da Santa Mãe, logo chegou da escola. Ele estava com febre. A Mãe me pediu que arrumasse a cama para ele. Ela estava se preparando para ir à casa de Balaram Babu ver seu filho que estava sofrendo com um ataque de disenteria. Ela terminou a adoração vespertina e me ofereceu Prasada. Eu disse que comeria mais tarde. Ela concordou e pediu à Nalini, sua sobrinha, que me desse a Prasada mais tarde. Chegou um carro para Ela. Ela pediu para que eu esperasse até que Ela voltasse.

Golap-Ma a acompanhou. Elas voltaram depois de uma hora. A Mãe estava contente por me ver e disse: “Voltei rápido por você. Já comeu a Prasada?”, quando respondi no negativo, Ela disse: “Nalini, por que você não deu a Prasada para ela como falei?”.

Nalini: Esqueci, mas vou trazer imediatamente.

Mãe: Não se preocupe mais com isso. Eu mesma dou a Prasada para ela. (Para mim) Por que você mesma não pediu? Aqui é sua casa também.

Devota: Eu não estava com muita fome. Se tivesse, teria pedido a Prasada.

A Mãe, logo em seguida, trouxe alguns doces que tinham sido oferecidos no altar e me deu. Peguei um punhado com grande alegria. Eu me prostrei diante dela e disse que ia embora. Ela disse: “Venha de novo, minha querida. Durga! Durga! Devo ir com você até o térreo? Pode ir sozinha? Já é noite”. Eu disse: “Posso ir sozinha, Mãe”. Mesmo assim, Ela começou a repetir o nome de Deus e foi comigo até as escadas. “Não precisa continuar”, eu disse, “posso encontrar o caminho facilmente”.

***

Era Akshaya Tritiya, um dia muito auspicioso para os hindus. Fui ver a Santa Mãe. A senhora e a nora mencionadas antes também estavam lá. A senhora estava para dar para a Mãe, como é costume em tais ocasiões santas, algumas frutas e um pedaço de cordão sagrado. A Mãe a interrompeu e disse: “Por que você dá isso para mim? Dê-os para Bhudev”. Durante a conversa, Ela olhou para nós e disse: “Eu as abençoo neste dia sagrado para que vocês atinjam a liberação nesta vida. Nascimento e morte são extremamente dolorosos. Que vocês não mais sofram com isso!”.

***

Era dia do Festival Sagrado de Carruagens (Ratha-Yatra, festival de Sri Jagannath). Às sete horas da manhã, fui para o Ashrama de Gauri-Ma. Ela tinha me convidado para o almoço. Eu desejava ir à Santa Mãe depois da escola. Terminamos de comer às duas horas. Quando Gauri-Ma e eu chegamos ao local da Santa Mãe, já eram quatro horas. A Mãe estava fazendo a adoração vespertina na sala do altar. Prostramos-nos diante Dela. Gauri-Ma a puxou de lado e sussurrou algo em seus ouvidos. Mais tarde, fui me reunir com elas. Tinha levado comigo um pedaço de linho para Ela, coloquei-o perto de seus pés e disse: “Mãe, você poderia usá-lo?”. “É claro, querida”, Ela disse rindo. Então, alguns devotos vieram e fizeram reverências à Ela. Saímos da sacada. Um devoto trouxe algumas flores de hibisco e rosas, uma guirlanda de jasmim, frutas e doces. Ele colocou os itens perto dos pés dela e começou a adorá-la. Que visão mais maravilhosa! A Mãe estava sentada quieta com um sorriso doce nos lábios. A guirlanda estava em seu pescoço. As flores enfeitavam seus pés. Depois da adoração, o devoto pegou um pouco de cada fruta e doces, e rezou para que Ela os comesse. Gauri-Ma disse com uma risada: “Estamos diante de um fiel devoto! Você precisa comer um pouco de tudo”. A Mãe também riu e disse: “Não muito, não posso comer muito!”. Ela comeu um pouco de cada item da oferenda. O devoto pegou a Prasada nas mãos e tocou a testa com ela. Ele reluzia com uma alegria indescritível. Ele se prostrou diante dela e foi embora. A Mãe tirou a guirlanda do pescoço e deu para Gauri-Ma. As flores oferecidas foram distribuídas dentre os devotos.

Como já falei, era o dia do Festival Sagrado de Carruagens. Bhudev improvisou uma carruagem para o evento. Conseguiram com que a imagem de Sri Ramakrishna fosse levada nessa carruagem. Gauri-Ma tinha um compromisso importante na escola e por isso foi embora. A conversa se voltou para Gauri-Ma. A Mãe disse: “Ela devota sua energia para educar as meninas na escola.

Ela cuida delas quando estão doentes. Ela não tem sua própria família. Seu instinto materno encontra expressão nessas meninas. Este é seu último nascimento, e é devido a isso que ela tem passado por todas essas experiências”.

A imagem de Sri Ramakrishna foi levada na carruagem. A Mãe, de sua cama, olhou para a imagem muito atenciosamente. Ela estava muito feliz. A carruagem com a imagem saiu. A procissão se deu pelas ruas e nas margens do Ganges. O grupo voltou depois de anoitecer. As devotas colocaram a carruagem na varanda. A Mãe, as duas sobrinhas e eu nos juntamos a elas. Enquanto a carruagem ia pelas ruas, a Mãe comentou: “Nem todos podem ir a Puri para presenciar o Festival. Aquele que tiver visto Sri Ramakrishna nessa carruagem realizará Deus”.

Outubro, 1912

Uma manhã, durante o feriado de Durga Puja, fui visitar a Santa Mãe. Eu a encontrei muito ocupada. Sentei-me perto dela. Ela estava com um devoto que chegara de Ranchi. Ele trouxera muitas flores, frutas, um pedaço de tecido e uma guirlanda de flores de linho. Ele pediu à Mãe que colocasse a guirlanda no pescoço. Enquanto Ela a colocava, Golap-Ma queria saber se o arame da guirlanda não poderia machucá-la. A Mãe disse carinhosamente: “Não, coloquei a guirlanda por cima de meu manto”. Eu tinha levado alguns doces e frutas. A Mãe me disse para oferecê-los ao Senhor. Ela comeu uma uva e disse que estava doce.

A Mãe estava vestindo um manto que eu havia dado uns dias antes. Apontando para mim, Ela disse: “Eu o usei e agora está sujo”. Fiquei encantada de ver isso e pensei no carinho infinito que a Mãe tem até mesmo por devotos impróprios como eu.

Nalini, a sobrinha da Mãe, estava brava. A Mãe a repreendeu e disse: “Mulheres não devem se zangar com tanta frequência. Elas

devem praticar a paciência. Na infância, os pais são sua única proteção e na juventude é o marido. As mulheres são geralmente muito sensíveis. Uma única palavra pode chateá-las. E as palavras surgem tão rapidamente hoje em dia. Elas precisam ter paciência e tentar tolerar os pais e maridos apesar das dificuldades".

Radhu sentou perto de nós com seu manto puxado acima dos joelhos. A Mãe a reprovou dizendo: "Ó céus! Por que uma mulher puxaria o manto acima do joelho?". Ela citou um verso que diz: "É o mesmo que estar nua quando o manto está puxado acima dos joelhos".

A irmã de Chandra Babu veio nos ver. Ela me perguntou em meio à conversa: "O marido da Santa Mãe ainda é vivo? Esses aqui são os filhos deles e as noras?". "Caramba!", eu disse, "você nunca leu os ensinamentos de Sri Ramakrishna? Ele sempre incentivava que as pessoas renunciassem ao desejo e à ganância". Ela ficou perplexa e disse: "Desculpe, eu os confundi como sendo filhos dela".

Era hora do Durga Puja. A Mãe tinha um bocado de novas roupas em sua frente. Ela separou as roupas que iriam para os maridos de suas três sobrinhas. Ela pegou uma peça e disse: "G– vai vestir esse novo manto no momento do Puja e irá para Belur Math".

Após a adoração do meio-dia, almoçamos. A Mãe estava descansando. Sentei ao seu lado e comecei a abaná-la. Ela disse com grande carinho: "Tem um travesseiro aqui. Pegue-o e deite-se perto de mim. Não quero mais ser abanada". Hesitei em usar seu travesseiro e trouxe um do quarto de Radhu. A Mãe disse com um sorriso: "Este travesseiro é da mãe de Radhu, aquela mulher louca. Ela vai causar problema. Por favor, use o meu. Não há nada errado com isso", e depois disse à Radhu: "Venha aqui e deite-se com sua irmã". A conversa convergiu para os comentários sobre a irmã de Chandra Babu que falei acima. A Mãe disse: "Bom, você poderia

ter dito que o marido estava no altar e que todos vocês são seus filhos”. Eu disse: “Todos os homens e mulheres do mundo são seus filhos!”, a Mãe riu e disse: “As pessoas vêm aqui com inúmeros desejos egoístas. Um vem com um pepino, oferece a Sri Ramakrishna e reza para que seus desejos egoístas sejam preenchidos. Esta é a natureza das pessoas comuns”.

Depois de um breve descanso, levantamos. Algumas devotas estavam no quarto ao lado. Duas delas vestiam mantos ocre. Elas se prostraram diante da Mãe. Haviam trazido doces para oferecer. Ficamos sabendo que eram discípulas de Shiva-Narayan Paramahamsa, de Kalighat. O Mestre delas estava envolvido em fazer grandes sacrifícios.

Uma das monjas perguntou: “Existe alguma verdade na imagem adorada? Nosso Mestre não aprova imagens. Ele instrui as pessoas na adoração do fogo e do sol”.

Mãe: Você não deveria duvidar das palavras de seu próprio Mestre. Por que pergunta a mim sobre isso quando já ouviu a opinião de seu Guru a respeito?

Monja: Queremos saber sua opinião.

A Mãe se recusou a dar qualquer opinião, porém, a monja era teimosa e começou a pressioná-la querendo respostas. A Mãe disse por último: “Se seu Mestre fosse uma alma iluminada - você me forçou a dizer -, então ele não teria dito isso. Desde tempos imemoriais, inúmeras pessoas adoram imagens e assim obtêm conhecimento espiritual. Sri Ramakrishna nunca gostou de qualquer visão provinciana e unilateral. Brahman existe em toda parte. Os profetas e encarnações nascem para mostrar o caminho para uma humanidade ignorante. Eles dão instruções diferentes de acordo com comportamentos diferentes. Há muitas maneiras de perceber a Verdade. Portanto, todas as instruções têm seu próprio

valor. Pegue, por exemplo, uma árvore. Há pássaros em seus galhos. Eles têm variadas cores, branco, preto, amarelo, vermelho, etc. Os sons que fazem também são variados. Porém, dizemos que esses sons são sons de pássaros. Não designamos um som específico como sendo de pássaro e os outros sons como não sendo”.

As monjas desistiram de argumentar depois de um tempo. Depois, perguntaram sobre a localidade da Mãe em Calcutá e disseram que gostariam de vê-la novamente. Depois disso, elas foram embora e a Mãe disse: “Não se torna uma mulher brigando dessa maneira. Mesmo os sábios mal podiam perceber a natureza de Brahman através da argumentação. É Brahman um objeto de discussão?”.

Depois de alguns dias, a Mãe iria para Banaras e eu não poderia me encontrar com Ela por um tempo. Ela foi extremamente gentil comigo quando me despedi. Eu estava tão energizada por seu amor que não troquei nenhuma palavra com mais ninguém naquela noite.

31 de janeiro, 1913

A Santa Mãe havia voltado de Banaras no dia dezessete. Fui à sua casa uma manhã e a encontrei absorta em meditação. Após acabar, Ela levantou e disse: “Estou feliz em te ver, filha. Estava pensando em você e temia que continuasse sem te ver. Vamos para nossa outra casa em poucos dias”.

Já era final da manhã. Radhu estava pronta para ir para a escola missionária cristã da vizinhança. Golap-Ma chegou e disse à Mãe: “Radhu agora já é uma menina crescida. Por que deveria continuar indo para a escola?”. Ela pediu para que Radhu não fosse à escola. Radhu começou a chorar. A Mãe disse: “Ela não é tão crescida assim. Deixe-a ir para a escola. Ela poderá fazer muito

bem às pessoas se tiver educação e aprender algumas habilidades úteis na escola. Ela se casou em uma aldeia atrasada. Com educação, ela não apenas melhora a si mesma como poderá também ajudar os outros". Foi permitido que Radhu fosse para a escola.

A mãe de Annapurna trouxe uma garota para ser iniciada pela Santa Mãe. Ela disse: "Mãe, esta garota estava me enchendo para que eu a trouxesse para ser iniciada por você. Não consegui evitar, por isso, eu a trouxe".

Mãe: Como será possível dar iniciação hoje? Já tomei meu desjejum.

Mãe de Annapurna: Mas a garota está em jejum. Não importa se você comeu algo ou não.

Mãe: Ela está pronta para a iniciação?

Mãe de Annapurna: Sim, Mãe. Ela veio totalmente preparada para isso.

A Mãe consentiu. Depois da iniciação, a mãe de Annapurna começou a falar sobre a garota e disse: "Ela não é uma menina comum. Depois de ler sobre Sri Ramakrishna, ela se tornou muito afeita a praticar austeridades espirituais. Ela cortou o longo cabelo, vestiu-se como homem e saiu em peregrinação. Ela foi até Baidyanath, a mais de duzentas milhas (trezentos e vinte quilômetros) de Calcutá. Ela entrou em uma mata e estava descansando quando o Guru de sua mãe passou por ali. O Guru perguntou onde ela estava ficando e contou ao pai. No meio tempo, ela ficou sob cuidados do Guru. Mais tarde, seu pai foi até lá e a levou de volta".

A Mãe ouviu aquelas palavras em silêncio e depois disse: “Ah! Quanta devoção!”. Outros devotos ali presentes disseram: “Que maravilha! Que linda jovem! Como ela conseguiu sair sozinha, ainda que tivesse com tanta vontade e devoção?”. Nalini disse: “Com certeza isso teria criado um grande escândalo em nossa parte do país”.

Depois do almoço, todos nós fomos deitar para descansar no quarto adjacente. A Mãe também pediu para que a nova discípula descansasse um pouco. Ela disse que não tinha o costume de deitar durante o dia. Eu disse que ela devia obedecer a ordem da Santa Mãe. Ela concordou, mas saiu da cama após poucos minutos e foi para o quintal. A Mãe comentou: “Ela está agitada. É por isso que ela saiu de casa”. Ela perguntou à senhora: “Qual o trabalho do marido dela? Por que ele não a traz para mais perto de si?”. “Ele ganha um salário baixo”, disse ela, “além disso, não há mais ninguém de sua família. Ele não consegue manter a garota em casa, por isso, ela vive com o pai. O marido vai à casa do sogro todo final de semana”. Ela comentou também: “Ela diz ao marido: ‘Você não é meu esposo. Apenas o Senhor do Mundo é meu senhor’”. A Mãe permaneceu quieta sem dar qualquer resposta.

As devotas estavam conversando na varanda ao norte da sala do altar. Elas faziam muito barulho. A Mãe disse a alguém: “Vá e diga para que falem baixo. Elas estão atrapalhando o Swami Saradananda”. Não tinha mais ninguém no quarto. Fiz à Ela algumas perguntas sobre a prática espiritual. A Mãe disse: “Não faça nenhuma distinção entre Sri Ramakrishna e eu. Medite e reze para aquele aspecto particular que a Divindade revelou a você. A adoração culmina em absorção na meditação. Comece aqui (o coração) e termine aqui (a cabeça). Nem mantra nem Escrituras são úteis - Bhakti, ou devoção, já faz tudo sozinha. Sri Ramakrishna é tudo - tanto o Guru quanto o Ishtam. Ele é tudo em tudo”.

Depois, a conversa foi sobre Gauri-Ma e sua discípula Durgadevi. A Mãe fez muitos elogios a ambas. Ela disse: “Ouça, filha. Muitos podem se agarrar ao nome de Deus depois de terem suas mentes endurecidas devido à influência contaminada do mundo. Porém, aquele que se devota a Deus desde a infância é abençoado. A garota é pura como uma flor. Gaurdasi moldou bem seu caráter. Os irmãos tentaram ao máximo arranjar-lhe casamento, mas Gaurdasi a levava de lugar para lugar para protegê-la. No fim, levou a garota para Puri, ela trocou guirlandas[6] com Jagannath e tornou-se monja. Isso é para dizer que ela era casada com Jagannath, o Senhor do Universo. Desde então, ela segue a vida de monja. Que garota boa e pura! Ela foi muito bem educada. Fiquei sabendo que ela está se preparando para provas de sânscrito. Também ouvi dela vários acontecidos da vida de Gauri-Ma, e assim eu soube que Gauri-Ma também havia passado por uma vida turbulenta”.

Mais tarde, quatro ou cinco devotas chegaram. Elas ofereceram coco verde e outras frutas à Mãe. Uma delas estava se aproximando para tocar seus santos pés. A Mãe disse: “Por favor, reverencie de longe”. Elas ofereceram algumas moedas. Ela as proibiu de fazerem aquilo. Depois, quiseram instrução espiritual. A Mãe respondeu com um sorriso: “No que devo instruir vocês? As palavras de Sri Ramakrishna estão nos livros. Se puderem seguir apenas uma de suas instruções, terão de tudo na vida”. Depois que foram embora, a Mãe disse: “Onde está aquele aluno competente que consegue compreender a instrução espiritual? Primeiro de tudo, a pessoa deve estar apta, de outra maneira, as instruções serão vazias”.

A mãe de Annapurna entrou no quarto e falou: “Mãe, eu te vi em um sonho me pedindo para comer de sua Prasada e que ela curaria minha doença. Mas Sri Ramakrishna tinha me proibido de comer a Prasada de outro. Ainda assim, ficarei feliz se puder me

[6] Trocar guirlandas, na Índia, é similar à troca de alianças. Os noivos trocam guirlandas quando se casam.

dar um pouco de sua Prasada”. A Mãe recusou-se a dar, mas as outras mulheres começaram a insistir para que Ela desse.

Mãe: Vocês querem desobedecer Sri Ramakrishna?

Mãe de Annapurna: As palavras de Sri Ramakrishna só eram aplicadas enquanto eu fazia diferença entre Ele e você. Porém, agora os percebo como idênticos. Por isso, por favor, dê sua Prasada.

A Mãe teve que ceder. Um pouco depois, fomos embora.

Em outro dia que fui ver a Mãe, Ela me perguntou sobre meu marido. Respondi que ele não estava muito bem de saúde. Ela me pediu que escrevesse uma carta para Ela. Ela a ditou. Depois do almoço, Ela estava descansando quando algumas devotas vieram até seu quarto. Quando terminaram de se cumprimentar, uma delas disse: "Tenho uma linda cabra. Ela dá quatro litros de leite todo dia. Também tenho três pássaros e passo meu tempo com eles. Agora já estou bem velha”. Lembrei-me das palavras de Sri Ramakrishna: “Mahamaya, o poder supremo da ilusão cósmica, faz com que nos preocupemos com um gato e nos esqueçamos de Deus. É assim que este mundo está caminhando”. A Mãe simplesmente consentiu com as palavras das devotas. Ah, quanta agonia Ela tinha que aguentar por nós! Não a deixávamos nem mesmo descansar um pouco. Nós a perturbávamos com meras fofocas. Fui embora já de noite.

Fui ver a Santa Mãe novamente apenas após alguns dias. Ela havia ido para o interior em vinte e seis de fevereiro e retornou a Calcutá em setembro de 1913, uns dias antes do Durga Puja. Fui visitá-la uma tarde e encontrei uma mulher ajoelhada perto de seus pés implorando com lágrimas por iniciação. A Mãe estava sentada na cama. Ela recusou-se a consentir com o pedido e falou: “Já disse para você que não poderei te dar iniciação. Não estou bem”.

A mulher continuava insistente. A Mãe ficou aborrecida e disse: “Vocês só pensam em vocês mesmos. Você ficará muito satisfeita se receber o mantra sagrado, mas nunca pensa nas consequências”. A mulher estava irredutível. Todos ficamos irritados. A Santa Mãe finalmente pediu para que ela voltasse outro dia. Depois, a mulher pediu para que Ela dissesse a um dos monges para dar a iniciação.

Mãe: Suponha que eles recusem?

Mulher: O que quer dizer, Mãe? Eles devem te obedecer.

Mãe: Neste caso, eles podem se recusar em cumprir meu pedido.

Vendo que a mulher era inflexível, a Mãe disse: “Bom, posso pedir a Khoka (Swami Subodananda). Ele irá te iniciar”. A mulher voltou a insistir dizendo: “Ficarei feliz se for iniciada por você. Com certeza você tem como atender meu desejo se quiser”. Ela trouxe dez rúpias e disse: “Tenho aqui um pouco de dinheiro. Você pode comprar os artigos necessários para a iniciação”. Todos ficamos mortificados com a imprudência dela. Então, a Mãe ficou brava e disse muito séria: “O que? Você quer me tentar com dinheiro? Você não poderá me influenciar com essas moedas. Pegue-as de volta”. A Santa Mãe saiu imediatamente do quarto. Depois de ser muito pressionada pela mulher, Ela finalmente concordou em iniciá-la no dia sagrado de Mahashtami. Depois, ela logo foi embora. A Mãe, então, encontrou um pouco de tempo para conversar comigo.

Vim ver a Mãe após dois meses e meio. Ela exclamou: “Ah! Parece que se passou uma eternidade desde que não te vejo!”. Durante a conversa, perguntei sobre a mulher que Ela havia concordado em iniciar.

Mãe: Ela não podia vir aqui no dia combinado. Eu tinha dito à ela: “Hoje estou doente. Deixe-me melhorar e depois te iniciarei”.

Minhas palavras eram verdadeiras. Ela não veio no dia de Mahashtami porque ficara doente. Ela veio muitos dias depois e foi iniciada.

Devota: Perfeitamente. As palavras que são uma vez proferidas por você não podem ser mal compreendidas. Sofremos por causa de nossos desejos. Muitas vezes, você consente em iniciar alguém mesmo quando está doente e, assim, sofre muito mais ao transferir o sofrimento da pessoa para si mesma.

Mãe: Sim, minha filha. Sri Ramakrishna também costumava dizer: "De outro modo, por que teria este corpo sofrido tanto afinal?". Outro dia, eu estava doente com um ataque de diarréia.

Minha cunhada estava comigo. Falando sobre ela, a Mãe disse: "Uma garota muito boa e quieta. Há apenas um prato de legumes. Se ele não estiver gostoso, então todo o jantar será ruim". Ela quis dizer que eu tenho apenas uma cunhada na família. Minha vida poderia ser infeliz se ela (a cunhada) não fosse boa comigo.

Fevereiro, 1914

Fui para Baghbazar um dia pela manhã com uma cesta de flores. Eu a ofereci à Santa Mãe. Ela ficou extremamente feliz e começou a decorar a imagem de Sri Ramakrishna com as flores. Algumas flores eram azuis. Ela as pegou e disse: "Ah, que cor linda! Tinha uma garota em Dakshineswar chamada Asha. Um dia, ela veio ao jardim do templo e pegou uma flor vermelha de uma planta com folhas escuras. Ela disse: 'Uma flor vermelha em uma planta com folhas escuras! Que beleza! Que estranha criação de Deus!'. Sri Ramakrishna a viu e disse: 'Minha filha, o que aconteceu? Por que está chorando?'. Ela mal podia falar uma palavra. Ela chorava sem parar. Depois, Sri Ramakrishna a acalmou".

A Mãe estava em estado exaltado e disse: “Olhe para essas flores com cor azul! Como alguém pode decorar Deus sem tais lindas flores?!”. Ela pegou um punhado e ofereceu à imagem de Sri Ramakrishna. Algumas caíram em seus pés antes de serem oferecidas. Ela disse: “Como podem ter caído em meus pés antes que eu pudesse oferecê-las ao Senhor!”. “Isso é muito legal”, eu disse. Depois pensei: “Para você, Sri Ramakrishna pode ser um ser superior, mas nós não fazemos diferença entre Ele e você”.

Uma jovem viúva chegou ao quarto. Perguntei à Mãe sobre ela. A Mãe disse: “Ela tomou iniciação comigo um mês atrás. Ela já tinha um outro Guru antes. Depois, percebeu que havia sido um erro e veio aqui para ser iniciada. Não consegui convencê-la de que todos os professores são um. O mesmo poder de Deus trabalha através de todos eles”.

Estávamos descansando após o almoço e começamos a falar sobre Kamarpukur. A Santa Mãe disse: “Quando era bem jovem, o Mestre uma vez foi para Kamarpukur com problema de estômago. Nas primeiras horas da manhã, Ele acordava e falava quais pratos eu deveria preparar para o almoço. Eu seguia as instruções. Um dia, vi que não tinha um tempero específico com o qual Ele queria os legumes. Minha cunhada (a esposa do irmão mais velho de Sri Ramakrishna) disse para cozinhar sem aquele tempero. O Mestre ouviu e disse: ‘Como pode isso? Se não tem o tempero, compre-o no mercado. Não é adequado preparar o curry sem os temperos necessários para isso. Sacrifiquei os deliciosos pratos de Dakshineswar e vim para cá por conta do sabor deste tempero e você quer impedir isso! Não será possível’. Ela ficou envergonhada e saiu para procurar o tempero”.

“A Brahmani (Yogesvari, a Sannyasini que instruiu Sri Ramakrishna nas práticas do Tantra) estava conosco. O Mestre a chamava de mãe e por isso eu a tinha como sogra. Eu tinha um certo medo dela. Ela gostava muito de pimenta vermelha e costumava preparar

a própria comida - tudo muito picante. Ela sempre oferecia para mim. Eu comia em silêncio enquanto limpava as lágrimas dos olhos. Quando ela perguntava se eu estava gostando, eu dizia com medo: 'Muito gostoso!'. Minha cunhada, no entanto, uma vez disse: 'Nossa, está muito apimentado!'. Percebi que a Brahmani não gostou do comentário. Ela disse: 'Por que você diz isso? Minha 'filha' gostou dos pratos. Nada te satisfaz. Não te darei mais dos meus curries'".

A conversa novamente se voltou às flores. A Mãe disse: "Uma vez, enquanto vivia em Dakshineswar, fiz uma guirlanda grande com sete fios com jasmim e rangan (ixora). Mergulhei a guirlanda na água em uma bacia de pedra, e logo os botões se abriram. Mandei a guirlanda para o templo de Kali para adornar a imagem da Mãe Divina. Os adereços foram retirados do corpo de Kali e Ela estava decorada com a guirlanda. Sri Ramakrishna veio ao templo. Ele logo entrou em estado de êxtase ao ver a beleza de Kali muito mais acentuada por conta das flores. Ele disse várias vezes: 'Ah! Essas flores ficaram tão bem com o fundo negro da pele da Mãe Divina! Quem fez a guirlanda?'. Alguém mencionou que fui eu. Ele disse: 'Vá e traga-a aqui ao templo'. Assim que cheguei perto, encontrei alguns devotos lá - Balaram Babu, Suren Babu e outros. Fiquei muito envergonhada e ansiosa para me esconder. Tomei cobertura atrás da empregada, Brinde, e subiria para o templo pelas escadas de trás. Sri Ramakrishna percebeu o que acontecia e disse: 'Não suba por aí. Outro dia, uma pescadora subiu por aí e escorregou. Ela levou um tremendo tombo, quebrou os ossos e morreu. Venha aqui pela frente'. Os devotos ouviram e abriram caminho para mim. Entrei no templo e encontrei Sri Ramakrishna cantando, sua voz trêmula com amor e emoção".

Algumas devotas entraram no quarto e a conversa cessou. Era hora de ir embora. A Mãe começou novamente a falar sobre a realização de Deus. Ela disse: "Sabe, filha, o que é a realização? É como uma bala na mão de uma criança. Algumas pessoas pedem

para que a criança reparta a bala. Ela não liga de dar a bala. Porém, a criança dá a bala com mais facilidade para alguém de quem ela gosta. Um homem executa austeridades severas durante sua vida para realizar Deus, mas não é bem sucedido, enquanto um outro homem atinge a realização praticamente sem fazer nenhum esforço. Depende da Graça de Deus. Ele concede Sua Graça a todos que Ele gosta. A Graça é a parte importante".

Maio, 1918

Naquele dia, a Mãe estava indo para nossa casa em Ballyganj. Tudo que era necessário fora feito no dia anterior. Uma cadeira separada, um novo jogo de vasos de mármore branco, etc., haviam sido comprados para Ela usar. Não pude dormir a noite toda pela alegria de pensar na chegada da Mãe. Ela devia chegar apenas por volta do meio-dia, mas cogitando que Ela pudesse vir antes. Sri Shokaharan tinha ido para a casa dela em Baghbazar bem cedinho e estava esperando lá com a carruagem. Terminamos nossos afazeres domésticos cedo e estávamos prontos para recebê-la. Arrumei a cadeira da Mãe, toda decorada com flores, borrifei com água do Ganges a casa toda e fiz uma guirlanda de flores. De cada lado da cadeira, dois buquês grandes exalavam sua deliciosa fragrância.

Quanto mais se aproximava a hora de sua chegada, mais ficávamos na expectativa. Enfim, o momento abençoado chegou. Ao ouvirmos o barulho da carruagem, todos descemos. Enquanto estacionavam, percebi o rosto sorridente da Mãe com um olhar compassivo por nós. Quando Ela desceu, todos se juntaram ao redor dela para tirar a poeira de seus pés. Ao nos ver, seus olhos se encheram de lágrimas de amor.

Golap-Ma, a tia mais nova, Nalini-Didi, Radhu e alguns monges vieram com Ela. Nós a levamos para o andar de cima e após acomodá-la, prostramos-nos aos seus pés. Ela disse

carinhosamente: “Vocês já terminaram de comer?”. Com essas palavras, Ela tocou meu queixo. Até aquela hora, estive ocupada com a organização da visita para pensar em comer ou qualquer outra coisa. Depois, corri para baixo para preparar o almoço.

No andar de cima, o gramofone estava tocando. Encontrando uma pequena brecha na cozinha, subi. Ouvindo a música da máquina, a Santa Mãe ficou imensamente contente. “Que bela máquina é essa!”, Ela disse, mergulhada em alegria como uma garotinha. Estava muito quente. A Mãe estava descansando na varanda em uma esteira. Todos estavam sentados perto dela. Tinha água em um jarro de pedra, da qual a Santa Mãe bebericava. Ao me ver, Ela disse: “Ei, tome um pouco de água”. Tomei um pouco como se fosse sua Prasada e fui para a cozinha.

Depois do anoitecer, a oferenda ao Mestre foi organizada no quarto ao lado. A Santa Mãe veio e pediu para que Golap-Ma fizesse a oferenda, mas ela declinou. “Você faz, por favor. Quando você está presente, por que eu deveria fazer?”, ela disse. Então, a Santa Mãe sentou para fazer a oferenda. “Tudo foi lindamente organizado!”, Ela comentou. Ela elogiou tudo e nos deixou imensamente felizes. Quando acabou, a Mãe e todo o resto sentou para dividir a Prasada. A Mãe foi a primeira a terminar. Ela foi sentar em uma das poltronas na varanda e me chamou: “Pegue um rolinho de bétele para mim”. Eu ainda estava ocupada servindo Golap-Ma. Rapidamente, peguei o rolinho para Ela. Envergonha que Ela tivera que pedir pelo rolinho, disse à Sumati: “Será que você não pode ficar esperando na porta com mais rolinhos? Está vendo como estou ocupada”. Um pouco depois, a Santa Mãe desceu. Pegando uma lamparina, fui com Ela.

Era hora da despedida. A Mãe não gostava de viajar de carruagem porque uma vez um cachorro foi atropelado pela carruagem em que estava. Porém, a distância era longa e a menos que uma carruagem fosse usada, Ela chegaria ao seu destino muito tarde.

Por isso, Ela concordou com os pedidos dos devotos de ir de carruagem. Ela ficou pronta depois de fazer repetidos Pranams para o Mestre. Abençoando todos nós, Ela entrou no veículo.

***

Vi a Mãe uma noite. Ela estava deitada em sua cama. Outra mulher estava perto dela. Ela sentou-se na cama para que eu me prostrasse. Ao longo da conversa, Ela disse: “No momento da criação, as pessoas nasceram com a qualidade de Sattva, luz. Elas tinham sabedoria desde o nascimento. Consequentemente, perceberam a natureza irreal do mundo. Renunciaram a ele e praticaram austeridades. Elas foram liberadas em pouco tempo. O Criador descobriu que o propósito de Sua criação tinha sido frustrado. Aqueles sábios que foram liberados não estavam aptos a continuar o jogo do mundo. Então, Ele começou o trabalho da criação novamente e misturou as qualidades de Rajas (atividade) e Tamas (inércia) com Sattva. E assim Seu propósito foi cumprido”. Depois, Ela citou um conhecido verso sobre a criação e disse: “Quando éramos jovens, pegávamos essas ideias das peças teatrais do interior, mas hoje isso se tornou raro”.

Algumas moças que eram parentes da Santa Mãe estavam no outro quarto lendo muito alto um livro. A Mãe disse: “Ouça como estão lendo alto! Elas esquecem que tem mais gente na casa”.

A mãe de Radhu, a cunhada louca da Santa Mãe, entrou no quarto e disse: “Lakshmi-mani (a sobrinha de Sri Ramakrishna) vai para Navadvip em peregrinação. Eu queria ir com ela, mas você atrapalhou”. Ela saiu do quarto. A Mãe disse: “Como posso deixar que ela vá com Lakshmi? Lakshmi é uma devota. Ela vai cantar e dançar com outros devotos. Ela não vai seguir a distinção de castas e comerá com qualquer um, mas a mãe de Radhu não entende isso. Ela mal sabe que um devoto não precisa seguir as

regras das castas entre eles mesmos. Ela voltaria criticando a conduta de Lakshmi diante dos outros. Você conheceu Lakshmi?".

Devota: Não, Mãe.

Mãe: Ela está em Dakshineswar. Visite-a um dia. Você já esteve em Dakshineswar?

Devota: Sim, Mãe. Já visitei várias vezes, mas não sabia que ela morava lá.

Mãe: Você viu o Nahabat em Dakshineswar, onde morei?

Devota: Sim, Mãe, eu o vi por fora.

Mãe: Quando visitar o local outro dia, entre em meu quarto. Enquanto morava lá, meu mundo inteiro consistia naquele pequeno quarto. Mesmo o recipiente de guardar peixe ficava pendurado. Eu nunca tinha visto torneiras de água antes. Vim para Calcutá um dia e entrei em um quarto onde havia uma torneira. Eu a abri. Antes que a água saísse, veio um chiado, como se fosse uma cobra, de dentro da torneira. Fiquei aterrorizada e corri para fora. Fui até as outras mulheres da casa e disse: "Tem uma cobra dentro do cano de água, mas ela está fazendo barulho". Elas riram e disseram: "Não tem nenhuma cobra lá. Não tenha medo. O chiado vem do ar que está sendo pressionado para fora pela água". Rimos e rimos até ficarmos com dores.

Ao dizer isso, Ela riu gostoso novamente. Que risada doce e inocente. Eu também não contive o riso e pensei: "Como é inocente a nossa Mãe!".

Mãe: Você já viu o festival de aniversário de Sri Ramakrishna em Belur Math?

Devota: Não, Mãe. Nunca fui ao monastério de Belur. Ouvi dizer que os monges que vivem lá não gostam de muitas mulheres no monastério. Por isso, hesito em ir.

Mãe: Vá para lá uma vez e assista à celebração do aniversário de Sri Ramakrishna.

***

Era final de tarde quando fui a Baghbazar para ver a Santa Mãe. Ela foi bondosa o bastante para me pedir para colocar sua esteira no chão e pegar seu rosário. Logo Ela ficou absorta em meditação. Atravessando a pista havia um campo aberto. Alguns trabalhadores moravam lá com suas famílias. Um dos homens começou a bater muito na esposa. Tapas e murros começaram a ser disparados contra ela. Depois, ele a chutou com tanta força que ela foi jogada a uma certa distância com uma criança nos braços. Ele começou a chutá-la novamente. A Mãe não conseguia continuar com a meditação. Embora Ela fosse extremamente contida e nem mesmo falasse em tom alto que pudesse ser ouvido pelas pessoas no térreo, Ela foi até a sacada do segundo andar e gritou alto em tom de reprimenda: “Seu bruto! Você vai matar a menina! Se ela já não estiver morta!”. Mal o homem tinha olhado para Ela, ele ficou quieto como uma cobra diante de seu adestrador e soltou a mulher. A empatia da Mãe fez a mulher começar a chorar. Soubemos que seu único erro foi não ter feito a comida no horário. Depois disso, o homem voltou a si e quis apaziguar com a mulher. A Santa Mãe assistiu a isso e depois voltou para o quarto.

Mais tarde, a voz de um mendigo foi ouvida lá da pista. Ele gritava: “Radha-Govinda! Glória a Deus! Por favor, tenham misericórdia dos cegos”. A Mãe disse: “Esse mendigo passa pela estrada quase toda noite. Antes, ele dizia: ‘Por favor, tenham misericórdia dos pobres cegos’, mas um dia Golap disse para ele: ‘Por favor, chame o nome de Radha-Krishna, o nome de Deus. Isso servirá a um

propósito duplo de chamar o Santo Nome e de também lembrar aos outros de Deus. Se não for assim, você pensará dia e noite apenas sobre sua doença'. Desde então, o mendigo, quando passa por aqui, chama o nome de Deus. Golap deu para ele um pedaço de tecido. Ele também recebe outros tipos de esmolas".

***

Fui para Baghbazar uma tarde e ouvi a Santa Mãe dizer: "Novos devotos deveriam receber o privilégio de fazer serviços na sala do altar. O zelo novo deles os faz servir a Deus cuidadosamente. Os outros estão cansados do serviço. Serviço, no sentido real da palavra, não é uma piada. A pessoa tem que ser extremamente cuidadosa ao fazer o serviço Dele sem qualquer defeito. Mas, a verdade é que Deus conhece nossa tolice e por isso nos perdoa". Uma devota estava próxima à Ela. Não sei se essas palavras foram direcionadas à ela. A Mãe estava dizendo para que ela tivesse cuidado ao pegar as flores certas e para fazer pasta de sândalo para usar na adoração, e também sobre não tocar nenhuma parte do corpo, da roupa ou do cabelo enquanto trabalhava no altar. "Deve-se trabalhar no altar com grande atenção", Ela disse, "as oferendas e o resto devem ser feitos no momento certo".

***

Já eram oito e meia da noite quando cheguei à casa da Santa Mãe. Ela estava absorta em meditação na varanda ao norte da sala do altar. Aguardamos um pouco em outro quarto. A Mãe chegou lá e disse com um sorriso: "Estou feliz em te ver, filha".

Devota: Trouxe minha irmã comigo, Mãe. O Aratrika (a cerimônia vespertina) já acabou?

Mãe: Não. Vocês ainda podem acompanhá-lo. Eu vou assistir com vocês.

Começou a cerimônia. Muitas jovens sentaram-se na sala e começaram a rezar. Depois da adoração, prostramo-nos diante da imagem e fomos para o quarto ao lado para encontrar a Santa Mãe. Enquanto estávamos com Ela, não queríamos deixar de olhá-la mesmo por um segundo.

Poucos minutos depois, Ela veio até o quarto. Uma senhora aprendia uma canção devocional com outra senhora. A Mãe disse: “Acho que ela não poderá ensinar a música da maneira correta. Ah, que belo cantor era o Mestre! Sua voz era tão doce. Enquanto cantava, Ele se tornava um com a música. Sua voz ainda ecoa em meus ouvidos. Quando lembro disso, as outras vozes parecem tão sem graça. Naren também tinha uma voz muito melodiosa. Antes de deixar esta cidade, ele veio até mim e cantou algumas canções. Enquanto se despedia, ele disse: ‘Mãe, se eu puder retornar como um homem, no sentido verdadeiro do termo, eu a verei novamente, se não, adeus!’. ‘O que você quer dizer, filho?’, perguntei. ‘Bem, eu devo voltar em breve devido a sua graça’. Girish Babu também tinha uma bela voz”.

Radhu entrou no quarto e pediu para deitar ao lado da Mãe. Ela disse: “Vá e deite na cama. Essas devotas vieram de longe. Vou me sentar com elas um pouco”. Radhu insistiu. Eu disse: “Vamos para o seu quarto. Você pode deitar em sua cama”. A Mãe pediu para que a seguíssemos. Ela deitou em sua cama e começou a conversar conosco sobre várias coisas. Eu estava abanando a Mãe. Ela disse: “Agora já está fresco. Pode parar”. Fiz massagem em seus pés. Uma senhora explicava para a outra sobre os seis centros (chakras) descritos na Yoga. Golap-Ma a proibiu de falar, mas ela continuou. A Mãe ouviu suas palavras e disse para mim com um sorriso: “Sri Ramakrishna com as próprias mãos desenhou a figura da Kundalini e os seis centros da Yoga”. Perguntei se Ela ainda tinha o desenho, Ela respondeu: “Não. Na época não pensei que tantos devotos chegariam a nós. Eu perdi o papel”.

Eram onze da noite. Eu me prostrei diante dela e fui embora. Ela sentou na cama e nos abençoou. Ela me chamou de lado e disse: “O progresso espiritual fica mais fácil se marido e esposa concordam sobre as práticas espirituais”.

Outubro/novembro, 1914

Tínhamos muitas flores em nossa casa de Ballyganj. A Santa Mãe sempre ficava muito feliz com flores. Um dia, peguei uma grande quantidade delas e fui ver a Mãe. Eu a encontrei pronta para ir à adoração. Arrumei as flores e Ela sentou no tapete em frente à imagem. Esqueci de guardar algumas flores para adorar os pés dela. Fiquei chateada de pensar que não poderia adorar seus pés naquele dia. Porém, logo descobri que Ela tinha antecipado meu desejo. Ela mesma tinha separado algumas flores em uma bandeja. Depois da adoração, Ela disse: “Minha filha, deixei algumas flores na bandeja para você. Traga-as aqui”. Logo então um devoto veio ver a Mãe com um monte de frutas. Ela estava muito feliz em vê-lo. Ela colocou um ponto de pasta de sândalo na testa dele e o tocou no queixo. Eu nunca a tinha visto expressar afeição por um homem devoto daquela maneira. Depois, Ela me pediu para que desse algumas flores para ele. Ele as aceitou. Vi que todo seu corpo tremia com fervor devocional. Com grande alegria, ele ofereceu as flores aos pés dela e foi embora depois da Prasada. Ela sentou e me convidou carinhosamente para ir com Ela. Eu adorei seus pés. Com grande amor, Ela colocou a mão em minha cabeça e me beijou. Fiquei profundamente tocada com sua bênção.

Depois de um tempo, encontrei-a no telhado secando o cabelo. Ela me convidou para perto e disse: “Tire o manto de sua cabeça e seque o cabelo, se não, pode afetar sua saúde”. Golap-Ma veio ao telhado e pediu que a Mãe fizesse a oferenda de comida na sala do altar. A Mãe desceu. Eu a segui até a sala. Como uma jovem noiva

tímida, ela dizia a Sri Ramakrishna com voz baixa: “Venha, a comida está pronta”. Depois, ela foi até a imagem de Gopala e disse: “Ah, meu Gopala, venha comer”. Eu estava atrás dela. De repente, Ela olhou para mim e disse com um sorriso: “Estou convidando todos Eles para o almoço”. Com tais palavras, Ela entrou no quarto onde a comida tinha sido oferecida. Sua vontade e devoção fizeram com que eu sentisse que as Deidades ouviam suas palavras e seguiam-na até o quarto. Fiquei maravilhada!

Quando acabou a oferenda, todos nos sentamos para comer. Depois, a Mãe me pediu para que descansasse um pouco. Um homem chegou com uma cesta de frutas. As frutas eram para oferenda. Ele perguntou aos monges o que poderia fazer com aquela cesta. Eles disseram para que ele jogasse na estrada. A Mãe levantou e foi para a sacada. Ela olhou para a estrada e disse para mim: “Olhe ali. Eles pediram para que ele jogasse fora aquela linda cesta. Para eles não importa, afinal. Eles são todos monges e totalmente desapegados. Porém, não podemos aguentar tal desperdício. Podemos usar a cesta pelo menos para colocar as cascas dos legumes”. Ela pediu para que fossem pegar e depois lavar a cesta. A cesta foi guardada para um uso futuro.

Aprendi uma lição com suas palavras, mas somos tão devagar para aprender.

Um pouco depois, um mendigo chegou e gritou por esmola. Os monges ficaram irritados e disseram: “Vá embora agora. Não nos perturbe”. Com essas palavras, a Mãe disse: “Você ouviu o que eles disseram? Eles expulsaram o pobre homem. Não conseguiram deixar de lado a indolência e dar algo para o mendigo. Ele só queria um pouco de arroz, mas eles não se incomodaram nem um pouco em ajudar. É adequado privar um homem do que lhe é devido? Mesmo para as vacas damos as cascas dos legumes. E ainda seguramos as cascas perto da boca delas”.

Ano 1917

Fui ver a Mãe ao anoitecer. Eu morava em nossa casa em Baghbazar na época e a visitava quase todos os dias. Encontrando-a sozinha, contei um sonho: "Mãe, uma noite vi Sri Ramakrishna em um sonho. Você estava morando em Jayrambati. Eu o saudei e perguntei: 'Onde está a Mãe?', Ele disse: 'Siga essa estrada e encontrará uma cabana de palha. Ela está sentada na varanda da frente'". A Santa Mãe estava na cama. Com grande entusiasmo, Ela sentou e disse: "Você está certa. Seu sonho é verdadeiro". "É verdade?", eu disse com surpresa. "Tive a impressão de que sua casa em Jayrambati era de tijolos, mas no sonho, vi o chão de terra, telhado de palha, etc., e por isso concluí que era tudo ilusório".

Durante uma conversa sobre as austeridades para a realização de Deus, Ela disse: "Golap-Ma e Yogin-Ma devotam uma grande parte do tempo à meditação e à repetição do nome de Deus. Yogin-Ma já praticou as maiores austeridades. Uma vez, ela viveu apenas de leite e frutas. Mesmo hoje, ela passa muito tempo fazendo as práticas. A mente de Golap-Ma quase nunca é afetada por eventos externos. Ela nem mesmo evita comer legumes cozidos comprados do mercado, o que uma viúva Brâmane nunca tocaria".

Tinha sido combinado que algumas canções devocionais à Deusa Kali seriam cantadas na casa da Santa Mãe. Os monges de Belur Math iam participar. A música começou às oito e meia da noite. Muitas das devotas sentaram na varanda para ouvir a música. Eu estava passando óleo nos pés da Mãe e podia ouvir as músicas do quarto. Eu já as tinha ouvido muitas vezes antes. Porém, naquele dia, aquelas canções que saíam das bocas dos devotos tiveram um novo charme. Elas estavam repletas de poder e emoção. Meus olhos ficaram marejados. Eles cantavam as canções que o próprio Sri Ramakrishna cantava. De vez em quando, a Mãe dizia com entusiasmo: "Sim, Sri Ramakrishna cantava essa música!". Eles

começaram uma música que tinha na primeira linha: “A abelha da minha mente ficou fascinada com os lótus azuis dos pés da Mãe!”. A Santa Mãe não conseguia mais ficar deitada. Algumas lágrimas desciam em seu rosto. Ela disse: “Venha, querida. Vamos para a varanda”. Depois que as músicas acabaram, saudei a Mãe e voltei para casa.

22 de julho, 1918

Cheguei à casa da Santa Mãe às sete e meia da noite. Ela tinha voltado de sua vila natal há apenas dois meses, abatida por um ataque de malária. Ela me cumprimentou com seu sorriso costumeiro e disse: “Hoje está muito quente. Descanse um pouco e refresque-se. Como está sua irmã? Ela já voltou para casa?”.

Devota: Sim, Mãe, ela já está em casa.

Mãe: Pegue este abanador de Radhu e espalhe este óleo medicinal em minhas costas. Estou com várias bolhas de calor por todo o corpo.

Assim que comecei a passar o óleo, a campainha tocou para a adoração vespertina. A Santa Mãe sentou na cama e saudou Deus com as mãos postas. Outros devotos foram para a sala do altar para presenciar a adoração.

A Mãe disse: “Todos dizem com arrependimento: ‘Existe tanta tristeza no mundo. Rezamos tanto a Deus, mas não há fim para essa tristeza’. Porém, a tristeza é apenas um presente de Deus. É símbolo de Sua compaixão”.

Naquele dia, eu estava com a mente muito agitada. Será que Ela sabia disso e por isso disse aquelas palavras? A Mãe continuou: “Quem não sofreu de tristeza neste mundo? Brinde, a devota de Krishna, disse a Ele: ‘Quem disse que você é compassivo? Em Sua

encarnação como Rama, fez Sita chorar por você a vida inteira. E nesta encarnação como Krishna, Radha está chorando por você. Seus pais sofreram agonias extremas na prisão de Kamsa e choraram dia e noite clamando por Seu nome. Então, por que eu repito Seu nome? É porque Seu nome remove todo o medo da morte'".

Falando sobre uma mulher, a Santa Mãe disse: "Pessoas com aquele tipo de aparência geralmente são desprovidas de Bhakti, devoção a Deus. Ouvi isso de Sri Ramakrishna".

Devota: Sim, Mãe. Li no *Kathamrita* (*O Evangelho de Sri Ramakrishna*) que Ele costumava dizer que pessoas que não são francas não podem fazer um progresso espiritual real.

Mãe: Ah, você se refere a isso. Ele disse tais palavras na casa de um devoto chamado Narayana. Um homem tinha uma meretriz. Uma vez, ela foi a Sri Ramakrishna e disse com arrependimento: "Aquele homem me arruinou. Depois, roubou meu dinheiro e joias".

Sri Ramakrishna sabia do conteúdo íntimo das mentes das pessoas. Porém, Ele preferia ouvir de suas próprias bocas. Ele disse à mulher: "É verdade? Ele costumava nos falar tanto sobre a devoção". Depois, Ele descreveu os traços que atrapalham o caminho da espiritualidade. No final, a mulher confessou a Ele todos os pecados e assim foi liberada de todos os efeitos ruins de seus erros.

Nalini: Como isso é possível, Mãe? Como pode alguém ser absolvido dos pecados simplesmente por expressá-los em palavras? É possível lavar os pecados dessa maneira?

Mãe: E por que não? Sri Ramakrishna era uma alma perfeita. Com certeza uma pessoa pode ser liberada dos pecados por se confessar com alguém como Ele. E mais uma coisa, se em

determinado lugar as pessoas falam sobre vícios e virtudes, os presentes devem compartilhar daquelas qualidades.

Nalini: Como isso é possível?

Mãe: Vou explicar. Imagine que um homem confesse a você seus vícios e virtudes. Sempre que você pensar sobre ele, irá lembrar dos atos de vício e dos atos de virtude dele, e isso deixará uma impressão em sua mente. Não é assim?

Novamente, a conversa voltou-se para a tristeza humana, aflição e preocupação. A Mãe disse: “Muitas pessoas vêm até mim e confidenciam suas preocupações. Elas dizem: ‘Não realizamos Deus. Como podemos obter paz?’. Um pensamento surge como um flash em minha mente: ‘Por que eles dizem isso? Será que sou um ser super-humano?’. Eu nunca soube o que era a preocupação. E, sobre a visão de Deus, ela está, por assim dizer, na palma de minha mão. A qualquer hora que quiser, posso tê-la”.

Eu já tinha ouvido falar do “pai bandido” da Santa Mãe. Querendo saber dela, disse: “Mãe, eu li sobre um episódio no livro de que, uma vez, você estava indo para Dakshineswar. Lakshmi-Didi e outros estavam com você, mas você não conseguia andar tão rápido quanto eles. Vendo que a noite caía, você disse para que eles fossem na frente e você estava indo atrás. Nesse momento, você encontrou aqueles que vieram a ser conhecidos como seu pai e mãe bandidos”.

Mãe: Não é verdade que eu estava completamente sozinha. Tinham outras duas mulheres que eram mais velhas. Nós três ficamos para trás. Ao vermos aquele homem com pulseiras de prata, cabelo bagunçado, pele escura e com um galho na mão, fiquei com muito medo. Naquela época, bandidos costumavam rondar aquela região. O homem entendeu que estávamos com medo e perguntou: “Olá, para onde estão indo?”, eu respondi que

íamos para o leste. Ele respondeu: “Não é por essa estrada, o caminho de vocês é para aquele lado”. Vendo que eu não me mexia, ele disse: “Não tenha medo. Tem uma mulher comigo, ela está ali atrás”. Então, eu o chamei de “pai” e tomei refúgio nele. Eu era assim naqueles dias. Como eu era forte! Andei por três dias sem parar. Andei por toda Vrindavana e nunca me senti cansada.

Mais tarde, a Santa Mãe disse: “Você viu o Nahabat em Dakshineswar? Eu costumava ficar lá. O quarto era tão baixo no começo que sempre batia a cabeça na parte de cima da porta. Um dia, cortei a cabeça. Depois fiquei acostumada. A cabeça se virava sozinha assim que eu chegava à porta. Várias mulheres da aristocracia de Calcutá iam lá com frequência. Elas nunca entravam no quarto. Ficavam na porta e se debruçavam segurando nos batentes. Olhando para dentro, elas comentavam: ‘Ah, que lindo quartinho para nossa boa garota! É como se Ela estivesse em exílio, como Sita’”. Virando-se para as sobrinhas, Ela continuou: “Vocês não conseguiriam ficar naquele quarto nem por um dia”. “Verdade, Tia”, elas gritaram, “tudo é diferente com você”.

Devota: Li no livro de Gurudas Burman que finalmente foi construída em Dakshineswar uma casa de palha para você. O Mestre estava lá um dia e devido à forte chuva, não conseguiu voltar para o próprio quarto.

Mãe: Que casa de palha! Era apenas uma pequena choupana. Tudo está perfeitamente escrito no livro de Sarat. O livro de M. também é bom. Ele registrou as palavras do próprio Mestre. Que lindas palavras! Ouvi que há tanto material que o livro poderia ter mais quatro ou cinco partes. Agora ele está velho, será que poderia fazer tudo isso? Ele parece ter ganho muito dinheiro vendendo o livro. Ouvi dizer que ele guarda todo esse dinheiro. Para minha casa em Jayrambati, ele deu quase mil rúpias (pela casa quatrocentas rúpias e para outros gastos quinhentas). Todo mês, ele me dá dez rúpias. Quando fico aqui, às vezes ele dá vinte ou

vinte cinco rúpias. Antes, quando trabalhava como professor, costumava dar duas rúpias por mês.

Devota: Foi Girish Babu que deu bastante dinheiro ao monastério?

Mãe: Não deu muito assim. Era Suresh (Surendra Nath) Mitra que doava regularmente. Mas Girish também, ele sempre doava algo. E ele se comprometeu com meus gastos na casa de Nilambar Babu por um ano e meio. Ele nunca deu uma grande quantia ao monastério. E como ele poderia? Ele nunca teve muito dinheiro. Antigamente, ele era um desajustado e estava sempre com más companhias, coordenando um teatro. Ele era um homem de muita fé e por isso obteve a graça do Mestre. O Mestre lhe deu salvação. Em toda encarnação, Ele libera os desajustados, como Jagai e Madhai na encarnação como Sri Chaitanya. Uma vez, o Mestre disse que Girish era um aspecto de Shiva. O que tem a ver com o dinheiro, querida? O Mestre não podia nem mesmo tocar em dinheiro. Suas mãos se retorciam quando qualquer metal o tocava. Ele costumava dizer: “O mundo é uma ilusão. Ah, Ramlal, se eu sentisse que o mundo é real, teria coberto sua Kamarpukur com ouro. Mas sei que tudo é uma ilusão. Apenas Deus é real”.

Maku, sua sobrinha, disse com tristeza: “Não consigo me adequar a nenhum lugar!”. A Mãe respondeu: “Como assim? Onde quer que você viva, deve sentir-se em casa. Você pensa que será feliz na casa de seu marido. Como isso é possível? Ele ganha pouco. Como você viverá com pouco? Você ficará aqui. Aqui é como a casa de seu pai. Garotas casadas às vezes moram com os pais, não é? Não pode praticar a renúncia um pouco?”.

Pedi à Mãe que me contasse mais sobre Sri Ramakrishna. “O que os livros dizem nem sempre é correto”, disse a Mãe. “O livro de Ram não descreve bem o Shodasi Puja, quando o Mestre me adorou.”

Ela descreveu o acontecimento dizendo: “Não foi em casa, foi em Dakshineswar, no quarto do Mestre, perto da varanda circular, onde o jarro grande com água do Ganges fica agora. Hriday organizou tudo”.

Yogin-Ma estava então perto da janela e prestes a dizer algo. A Mãe disse: “Entre. Eu quase não te vejo mais”. Yogin-Ma riu e entrou no quarto. Seu pé tocou meu corpo. Assim que estava para me cumprimentar com as mãos postas, eu a interrompi e me prostrei diante dela. “O que é isso, Yogin-Ma?”, disse eu, “não sou qualificada nem mesmo para tirar o pó de seus pés. Por que deve me cumprimentar se seu pé tocou meu corpo?”. Ela disse em resposta: “Por que não? Uma cobra, seja grande ou pequena, ainda é uma cobra. Todos vocês são devotos e dignos de respeito”. Olhei para a Mãe. Aquele sorriso compassivo iluminou seu rosto. Fui embora bem tarde.

28 de julho, 1918

Era de noite quando visitei a Santa Mãe na casa de Baghbazar. Pouco antes do culto vespertino, uma velha viúva veio e saudou a Mãe colocando a cabeça em seus pés. A Mãe não gostou e disse: “Por que você toca o pé com a cabeça? Não estou me sentindo bem. Este tipo de coisa me deixa ainda pior”. A Santa Mãe lavou os pés depois da viúva sair.

Mais tarde, enquanto passava óleo medicinal no corpo da Mãe, a conversa era sobre Lalit Babu, um grande devoto chefe de família. Eu disse: “Ele esteve quase fatalmente doente uma época, mas ouvi que se recuperou por sua graça”.

Mãe: Ele tinha muitos desejos não preenchidos. Ele ficou gravemente doente com edemas e beirava a morte. Ele disse para mim com lamento na voz: “Mãe, tenho um grande desejo de construir templos e hospitais em Kamarpukur e Jayrambati, porém

esse desejo não será realizado". Ah, Sri Ramakrishna salvou a vida dele muitas vezes. Agora, ele quer dar continuidade aos planos do Mestre. Deixe-o tentar. Ele comprou um tanque de água para mim.

B. Dutta tirou esta foto da Santa Mãe em Baghbazar, em Calcutá, no ano bengali de 1311, 1905 d.C.

30 de julho, 1918

Swami Premananda, um discípulo de Sri Ramakrishna, havia falecido de noite. Fui ver a Mãe ao entardecer. A Mãe disse: "Entre, filha. Sente-se. Hoje, meu Baburam (Swami Premananda) morreu. Estou chorando desde a manhã". Ela caiu em prantos. Continuando, disse: "Baburam era muito querido ao meu coração. A força, devoção, racionalidade e todas as maiores virtudes estavam presentes nele. Ele era a própria luz de Belur Math. Sua

mãe viera de uma família sem qualquer herdeiro homem, por isso, herdou a propriedade de seu pai. Ela ficou orgulhosa com isso, ela mesma confessou isso a mim uma vez e disse: ‘Eu tinha alguns pertences de ouro e pensava que o mundo era uma mera poça de lama’. Ela deixou para trás quatro filhos. O quarto ela perdeu antes de morrer”.

Depois de um pouco, vi a Santa Mãe colocando a cabeça nos pés do retrato de Sri Ramakrishna pendurada em uma das paredes do quarto e falando com voz de quem está com o coração partido: “Senhor, você levou meu Baburam!”. Eu mal conseguia segurar as lágrimas.

Golap-Ma também estava seriamente doente com disenteria. Ela estava quase morrendo.

31 de julho, 1918

Eram sete e meia da noite. A Santa Mãe estava sentada na sala do altar. Hoje também a conversa tratava de Swami Premananda. Ela disse: “Filha, no corpo de Baburam não havia nem carne nem sangue após sua doença terminal. Era um mero esqueleto”. Chandra Babu chegou à sala e entrou na conversa. Ele disse à Mãe que alguns devotos haviam dado sândalo, manteiga, flores, incenso, etc., que valiam entre quatrocentas e quinhentas rúpias, para a cremação do corpo do Swami. A Mãe comentou: “Este dinheiro é abençoado. Eles gastaram com um devoto de Deus. Deus deu a eles em abundância e dará muito mais”. Chandra Babu saiu da sala.

“Ouça, filha”, Ela continuou, “não importa o quanto alguém possa ser espiritual, ainda assim, ele deve pagar as taxas pelo uso do corpo até o último suspiro. Porém, a diferença entre uma grande alma e um homem comum é esta: este último chora quando sai do

corpo, enquanto o primeiro ri. A morte para ele é apenas mais uma atividade”.

“Ah, meu querido Baburam chegou a Sri Ramakrishna quando ainda era apenas um menino. Sri Ramakrishna costumava se divertir muito com os garotos. Naren (Swami Vivekananda) e Baburam chegavam a rolar no chão de tanto rir. Enquanto morava no jardim de Cossipore, uma vez eu estava subindo as escadas carregando um jarro com leite. Desequilibrei e o leite derramou no chão. Torci os tornozelos. Naren e Baburam vieram correndo para ajudar. Tive uma grave inflamação no pé. Sri Ramakrishna ouviu sobre o acidente e disse a Baburam: ‘Bem, Baburam, agora estou em grande encrenca aqui. Quem vai fazer a comida? Quem irá me alimentar?’. Na época, Ele já estava com câncer na garganta e só comia mingau. Eu costumava fazer e alimentá-lo em seu quarto no andar de cima da casa. Na época, eu usava um brinco no nariz. Sri Ramakrishna tocou em seu nariz e fez o sinal do brinco descrevendo um círculo com o dedo, fazendo uma indicação a mim. Ele disse então: ‘Baburam, coloque-a (fazendo o sinal) em uma cesta e carregue-a em seu ombro até o quarto’. Naren e Baburam rolaram de rir. O Mestre costumava fazer piadas com eles. Depois de três dias, o inchaço diminuiu. Depois, eles me ajudavam a subir para o quarto com as refeições.”

“Baburam costumava dizer a sua mãe: ‘Você me ama muito pouco! Você me ama como Sri Ramakrishna me ama?’. ‘Que besteira’, ela respondia, ‘sou sua mãe e não te amo? O que você quer dizer?’. Tal era a profundidade do amor de Sri Ramakrishna. Quando tinha quatro anos, Baburam dizia: ‘Não vou me casar ou morrerei’. Quando Sri Ramakrishna estava sofrendo de câncer na garganta e não conseguia engolir, Ele disse um dia: ‘Eu comerei depois com meu corpo sutil através de milhões de bocas’. Baburam respondeu: ‘Não ligo para as milhões de bocas ou seu corpo sutil. O que quero é que você coma com essa boca e neste corpo físico’.”

Golap-Ma passava por um ataque de disenteria. Ela estava um pouco melhor hoje. O médico advertiu que levariam três meses para que ela se recuperasse completamente. A Santa Mãe disse: “Este tipo de disenteria não é uma doença simples. Sri Ramakrishna também se encontrava com essa enfermidade com frequência. Acontecia muito durante a estação de chuva. Uma vez, Ele estava gravemente doente. Eu o ajudava. Uma mulher de Banaras havia ido para Dakshineswar. Ela sugeriu um remédio. Segui suas instruções e logo o Mestre ficou curado. A mulher nunca mais foi vista. Nunca mais a encontrei. Ela tinha me ajudado imensamente. Perguntei sobre ela na cidade, mas não soube de nada. Percebemos que a qualquer momento que Sri Ramakrishna precisasse de algo, alguém chegava em Dakshineswar e depois desaparecia subitamente”.

“Também sofri de disenteria, filha. Meu corpo ficou um reles esqueleto. Eu deitava perto do tanque de água. Um dia, vi meu reflexo na água e percebi que tudo o que restava do corpo era um punhado de ossos. Pensei: ‘Ó céus, para que serve este corpo? Deixe-me ir embora dele. Eu o deixarei aqui’. Uma mulher veio e disse: ‘Olá, Mãe! Por que está aqui? Venha, vamos para casa’. Ela me levou para casa.”

Tarde da noite, fui embora da casa da Santa Mãe.

1º de agosto, 1918

Hoje encontrei a Santa Mãe sozinha e por isso pude ter uma longa conversa com Ela. Nossa conversa tratava principalmente dos discípulos monásticos de Sri Ramakrishna. Talvez, devido ao falecimento de Swami Premananda, a Mãe estivesse constantemente pensando nos monges. Falando sobre eles, Ela contou: “Sri Ramakrishna aceitou os discípulos apenas depois de muito examiná-los. Que vida austera eles viviam no monastério de Baranagore depois do falecimento! Niranjan (Swami

Niranjanananda) e os outros costumavam ficar com muita fome. Eles passavam todo o tempo em meditação e orações. Um dia, esses jovens monges conversavam entre si: ‘Renunciamos a tudo em nome de Sri Ramakrishna. Vamos ver se Ele nos manterá com comida se dependermos inteiramente dele. Não diremos a ninguém sobre nossas necessidades. Não sairemos para pedir esmola!’. Eles cobriram o corpo com várias camadas de manto e sentaram para meditar. Passou o dia inteiro. Já era tarde da noite. Eles ouviram alguém batendo na porta. Naren deixou seu lugar e pediu a um de seus irmãos monges: ‘Por favor, abra a porta e veja quem está lá fora. Antes de qualquer coisa, repare se ele tem algo nas mãos’. Que milagre! Assim que abriram a porta, viram que tinha um homem ali parado. Ele tinha trazido comida deliciosa do templo de Gopala, na beira do Ganges. Eles ficaram extremamente felizes e se convenceram da mão protetora de Sri Ramakrishna. Ofereceram aquela comida a Sri Ramakrishna já tarde da noite e compartilharam a Prasada. Coisas assim aconteceram muitas vezes. Hoje em dia, os monges já não têm tais dificuldades. Oh! Quanta dificuldade Naren (Swami Vivekananda) e Baburam (Swami Premananda) enfrentaram! Mesmo meu Rakhal (Swami Brahmananda), que é agora o presidente da Missão Ramakrishna, teve que raspar os potes e panelas para comer. Uma vez, Naren viajava como monge andarilho para Gaya e Varanasi. Ele não tinha comido nada há dois dias e estava deitado embaixo de uma árvore. Ele viu um homem por lá com uma comida deliciosa e uma garrafa de água nas mãos. O homem disse: ‘Aqui está a Prasada de Rama. Por favor, aceite-a’. Naren disse: ‘Você não me conhece, amigo. Acho que você se enganou. Talvez tenha trazido isso para outra pessoa’. O homem disse com grande humildade: ‘Não, reverendo senhor. Eu trouxe essa comida especialmente para você. Eu estava cochilando depois do almoço quando vi um homem em meu sonho. Ele disse: ‘Levante-se rápido, tem um homem santo deitado embaixo da árvore, dê um pouco de comida para ele’. Interpretei como apenas sonho. Então, virei para o outro lado e dormi novamente. Depois, de novo, sonhei com aquele

homem, que dizia me empurrando: ‘Estou pedindo para que você levante e ainda está dormindo! Faça o que lhe pedi sem mais atrasos’. Achei que não era apenas um sonho ilusório. Era a ordem de Rama, assim, em obediência à ordem Dele, trouxe essa comida para você, senhor’. Naren percebeu que era tudo devido à graça de Sri Ramakrishna e com alegria aceitou a comida”.

“Semelhante evento aconteceu em outro dia também. Naren viajava pelos Himalaias há três dias sem comer. Ele estava prestes a desmaiar quando um fakir muçulmano deu pepino para ele. Isso salvou sua vida naquela hora. Depois de voltar da América, Naren estava um dia participando de uma reunião em Almora. Ele viu aquele muçulmano sentado numa esquina. Naren foi logo até ele, pegou em sua mão e fez com que ele sentasse no centro da reunião. As pessoas ficaram surpresas. Naren disse: ‘Este cavalheiro salvou minha vida uma vez’. Depois, ele narrou todo o episódio. Ele também deu um pouco de dinheiro para o fakir, mas a princípio ele recusou o presente. O fakir disse: ‘O que fiz que você está tão ansioso para me presentear?’. Naren não cedeu e enfiou dinheiro dentro de seus bolsos.”

“Naren me levou para Belur Math na ocasião do primeiro festival de Durga Puja e, por intermédio meu, deu vinte e cinco rúpias ao sacerdote como sua cota. Eles gastaram mil e quatrocentas rúpias naquela auspiciosa ocasião. O lugar ficou abarrotado de pessoas. Os monges trabalharam muito. Naren veio até mim e disse: ‘Mãe, deixe-me deitar pois estou com febre’. Mal disse isso, ele teve um grave ataque de febre. Pensei: ‘Meu Deus! O que é isso? Como ele será curado?’. ‘Não fique ansiosa, Mãe’, ele disse, ‘eu mesmo pedi por essa febre. Meu motivo é, os meninos trabalharam duro em tudo, mas se eu vir qualquer errinho, ficarei nervoso e brigarei com eles. Posso até mesmo dar tapas neles. Isso seria doloroso para eles e para mim. Assim, pensei que seria melhor ir deitar com febre por um tempo’. Quando tudo acabou, fui até ele e disse: ‘Meu filho,

o evento terminou. Levante-se’. Naren disse que estava bem e levantou da cama.”

“Naren também levou sua mãe para Belur Math para o Durga Puja. Ela ia de um jardim para o outro recolhendo pimentas, beringelas, etc. Ela se sentia um pouco orgulhosa pensando que tudo aquilo era por causa do filho. Naren chegou nela e disse: ‘O que está fazendo aqui? Por que não vai ver a Santa Mãe? Você só fica colhendo legumes. Talvez você esteja pensando que foi seu filho quem fez tudo isso. Não, mãe. Você está enganada. Foi Ele quem fez tudo isso. Naren não é nada’. Naren quis dizer que o monastério havia sido fundado pela graça de Sri Ramakrishna. Que grande devoção! ….. Meu Baburam morreu! Ó, quem irá cuidar do Durga Puja este ano?”

6 agosto, 1918

Hoje, quando cheguei para ver a Santa Mãe, encontrei-a na varanda, absorta em meditação. Pouco depois, cinco ou seis devotas vieram prestar reverências à Ela. Elas se prostraram diante da imagem de Sri Ramakrishna na sala do altar. A Mãe perguntou como elas estavam. Nalini as apresentou. Uma delas veio para Calcutá para um tratamento. O médico tinha diagnosticado o problema como tumor no abdômen e pediu que ela operasse. Ela estava muito nervosa por conta da operação. A Santa Mãe não permitiu que nenhuma delas tocasse seus pés. Não sei por qual motivo. Elas pediram várias vezes para tirar a poeira dos pés dela. Com firmeza, a Mãe pediu para que elas se curvassem à distância. Elas apontaram para a garota doente e disseram: “Por favor, abençoe-a para que ela se cure. Que ela possa prestar reverências a ti novamente”. A Mãe respondeu dizendo: “Curvem-se diante de Sri Ramakrishna e rezem a Ele com sinceridade. Ele é tudo”. Ela parecia estar inquieta e disse a elas: “Adeus, filhas. Já está ficando tarde para vocês”.

Depois que saíram, a Mãe disse: “Por favor, varra o chão e borrife nele água do Ganges. Agora é hora da oferenda de alimento ao Senhor”. Sua ordem foi prontamente atendida.

Ela deitou na cama e me deu um abanador, dizendo: “Filha, por favor me abane um pouco. Todo meu corpo está ardente. Minhas saudações à sua Calcutá! As pessoas chegam aqui e contam o catálogo completo de suas angústias. Também há aqueles que praticaram muitos atos pecaminosos. Há outros ainda que já tiveram vinte e cinco filhos! E choram porque dez já morreram! Eles são seres humanos? São autênticos animais! Sem autocontrole! Sem restrições! É por isso que Sri Ramakrishna costumava dizer: ‘Um litro de leite misturado com cinco de água! É muito difícil fazer nata com leite assim. Meus olhos estão inchados de soprar o fogo para mantê-lo queimando. Que trabalho árduo transformar tal leite em nata! Onde estão meus filhos sinceros que estão prontos para renunciar tudo por Deus? Deixe que eles venham a mim. Deixe-me falar com eles. Do contrário, a vida é insuportável’. Abane-me, querida. As pessoas não param de chegar aqui hoje desde às quatro da tarde. Não aguento mais a miséria humana”.

“A esposa de Balaram também veio aqui hoje. Ela é irmã do meu Baburam. Ela chorou muito por ele. Ela disse: ‘Ele era um irmão comum?’. Verdade, ele era como um deus”.

14 de agosto, 1918

Encontrei a Santa Mãe conversando com uma viúva, a irmã do Dr. Durgapada Babu. A irmã havia enviuvado muito cedo. Tinham alguns problemas sobre a propriedade deixada pelo marido. Ela não conseguiu garantir um inventário do testamento. Elas conversavam sobre isso, e a Mãe disse: “Já que você não pode vender a propriedade, aconselho que você a deixe para ser administrada por um homem bom. Uma pessoa de mente mundana nunca deve ser confiada sobre assuntos financeiros. Apenas um

monge genuíno pode resistir à tentação do dinheiro. Não se preocupe tanto, filha. Deixe a vontade de Deus ser feita. Você tem seguido o caminho correto. Deus nunca a colocará em dificuldade. Você quer ir embora? Tudo bem, mas escreva vez ou outra e venha aqui novamente”.

Depois que ela saiu, Shyamadas, o médico ayurvédico, veio para ver Golap-Ma. A Santa Mãe esperou muito por ele e quando soube que ele havia ido embora, Ela deitou na cama e, olhando para mim, disse: “Faça seu trabalho”. Comecei a passar o óleo medicinal em seu corpo. Ela falou: “A irmã de Girish Gosh gosta muito de mim. Ela sempre guardava para mim um pouco de todos os itens que cozinhava em casa e mandava para cá. Um Brahmana trazia e ela sentava junto enquanto eu estava comendo. Seu amor por mim era tão profundo. Ela tinha se casado com um marido aristocrático e possuía riqueza considerável, porém, seus parentes haviam esbanjado muito dinheiro. Atul, o irmão de Girish, começou seu negócio com cinco mil rúpias. Além disso, ela precisou gastar uma quantia alta com a doença do marido que durou por um ano. Em seu testamento, ela expressou a vontade de deixar cem rúpias para mim. Enquanto estava viva, ela tinha vergonha de me dar tal quantia. Ela achava que cem rúpias eram pouco! Depois de seu falecimento, o irmão veio aqui e deu o dinheiro para mim. Ela tinha vindo me ver no dia anterior ao Durga Puja. Ela ficou comigo o tempo todo em que esteve aqui. Eu tinha planejado ir para Banaras imediatamente depois do Durga Puja. Estava um pouco ocupada arrumando as coisas e indo de um quarto para o outro. Finalmente, ela disse: ‘Posso ir embora agora?’. Eu estava meio aérea e disse: ‘Sim, vá’. Ela desceu as escadas. Assim que saiu, eu disse para mim mesma: ‘Que besteira eu fiz! Eu disse à ela para ir. Nunca antes fiz algo assim com qualquer um’. E, infelizmente, ela nunca mais voltou. Não sei porque tais palavras saíram de minha boca”.

***

Fui até o escritório de Udbodhan à tarde. A Mãe estava deitada na cama. Radhu também estava deitada ao seu lado em outra esteira e a pressionava para contar uma história. A Mãe pediu para que eu contasse uma história. Entrei em um dilema, não sabia o que dizer. Eu sabia a história de Mirabai, o grande santo vaishnava. Eu a narrei. Quando recitei a canção de Mirabai que termina com a frase “Deus não pode ser realizado sem amor”, a Mãe gritou alto com entusiasmo: “Sim, isso é muito verdadeiro. Nada pode ser obtido sem amor sincero”. Porém, Radhu não gostou muito da história, enfim, Sarala veio me socorrer. Ela contou uma história de contos de fadas. Aquilo agradou Radhu. A Santa Mãe gostava muito de Sarala. Ela cuidava de Golap-Ma, que estava doente, então precisou sair do quarto logo depois. Radhu, então, me pediu para massagear seus pés, mas não gostou de como eu estava fazendo e pediu para massagear mais forte. A Mãe disse: “Sri Ramakrishna me ensinou a arte de massagear massageando meu próprio corpo. Mostre sua mão”. Estiquei minha mão para perto dela. Ela me mostrou como massagear. Radhu logo adormeceu. A Mãe disse: “Os mosquitos estão picando meus pés. Por favor, passe sua mão com delicadeza em cima deles”. Ela ficou quieta um pouco e depois falou: “Este ano está muito ruim para Belur Math. Baburam, Devavrata e Sachin morreram”.

Ouvi dizer que Swami Brahmananda tinha visto uma forma desencarnada alguns dias antes do falecimento de Devavrata Maharaj. Perguntei à Ela sobre o acontecimento. Ela disse: “Por favor, fale baixo, querida, do contrário, eles ficarão com medo. Sri Ramakrishna também via muitos de tais espíritos. Uma vez, Ele foi até à casa de Benipal com Rakhal (Swami Brahmananda). Ele passeava no jardim quando um espírito surgiu e disse: ‘Por que você veio até aqui? Estamos sendo queimados. Não podemos suportar sua presença. Saia daqui imediatamente'. Como o espírito poderia aguentar a pureza e santidade dele? Ele saiu do local com um sorriso. Ele nunca contou isso a ninguém”.

“Imediatamente após o jantar, Ele pediu para que alguém chamasse uma carruagem, ainda que tivesse sido planejado que Ele passaria a noite por lá. Uma carruagem chegou e Ele voltou para Dakshineswar naquela mesma noite. Eu ouvi o barulho das rodas perto do portão. Ouvi com atenção e escutei Sri Ramakrishna falando com Rakhal. Fiquei assustada. Pensei: ‘Não sei se Ele já jantou. Se não, onde posso encontrar comida a essa hora da noite?’. Eu costumava sempre ter algo guardado para Ele, pelo menos mingau. Ele pedia comida em horários estranhos. Eu tinha certeza que Ele não voltaria até o dia seguinte, e meu depósito estava vazio. Todos os portões do jardim do templo haviam sido trancados. Era uma da manhã. Ele bateu palmas e começou a repetir os nomes de Deus. O portão de entrada se abriu. Comecei a ficar ansiosa pensando sobre a comida, caso Ele estivesse com fome. Ele disse para mim: ‘Não fique ansiosa por causa da comida. Já jantei’. Depois, Ele narrou para Rakhal a história do fantasma. Rakhal se assustou e disse: ‘Nossa! Foi muito sábio de sua parte não me contar nada naquela hora. Do contrário, teria rangido os dentes de medo. Mesmo agora estou com muito medo’”. A Mãe terminou a história com uma risada calorosa.

Devota: Mãe, aqueles espíritos deviam ser tolos. Em vez de pedirem por liberação, pediram para que Ele fosse embora.

Mãe: Eles, com certeza, serão liberados. A presença dele não poderia ser em vão. Uma vez, Naren (Swami Vivekananda) liberou um espírito desencarnado em Madras.

Narrei um de meus sonhos para a Mãe. Eu disse: “Mãe, uma vez sonhei que ia a um lugar com meu marido. Chegamos a um rio, mas não podíamos ver a outra margem. Íamos pela estrada sombreada ao lado do rio quando uma trepadeira ficou tão enrolada em meus braços que não consegui me livrar dela. Do outro lado do rio surgiu um menino moreno com um barco. Ele disse: ‘Corte a trepadeira do braço e só depois poderei levar vocês

para o outro lado do rio’. Cortei quase que toda a trepadeira, mas não consegui me livrar de um pedacinho. Enquanto isso, meu marido também desapareceu. Com desespero, disse ao menino: ‘Não consigo me livrar disso. Você precisa me levar para o outro lado’. Com essas palavras, subi no barco. Ele navegou e meu sonho acabou”.

A Mãe disse: “O garoto que você viu não é ninguém menos que Mahamaya, a grande ilusionista cósmica. Ela te levou pelas águas do mundo naquela forma. Tudo, marido, esposa e mesmo o corpo são somente ilusórios. Tudo isso são as algemas da ilusão. A menos que consiga livrar-se dessas amarras, você nunca poderá ir para a outra margem do mundo. Mesmo este apego ao corpo, a identificação do eu com o corpo, precisa cessar. O que é o corpo, querida? Não é nada além de um pouco mais de um quilo de cinzas quando cremado. Por que tanta vaidade com ele? Não importa o quanto um corpo possa ser forte ou bonito, seu apogeu é aquele um quilo e pouco de cinzas. E, ainda assim, as pessoas são muito apegadas ao corpo. Glória a Deus!”.

“Uma vez, passei uns dois meses em Kailwar, no distrito de Arrah. É um lugar muito saudável. Golap-Ma, a mãe de Baburam, a esposa de Balaram e outros estavam comigo. O espaço tinha uma abundância de cervos. Um grupo deles circulava pelo local formando um triângulo. Mal os tínhamos visto, eles se dispersaram como pássaros. Eu nunca havia visto nada correndo tão velozmente. Sri Ramakrishna costumava dizer: ‘Almíscar se forma no umbigo dos cervos. Por serem fascinados pelo cheiro dele, eles correm para cá e para lá. Eles não sabem de onde vem a fragrância. Do mesmo modo, Deus reside em todos os corpos humanos e os homens não sabem. Portanto, eles procuram por alegria em todos os lugares, sem saber que ela já está neles’. Apenas Deus é real. Tudo o mais é falso. O que você acha, filha?”.

A Santa Mãe estava com urticária no corpo inteiro. Ela disse: “Estou sofrendo com isso há três anos. Não sei pelos pecados de quem estou sofrendo tanto neste corpo. Do contrário, como é possível que eu tenha qualquer doença?”.

Fui ver a Mãe uma tarde e vi várias garotas do internato de Nivedita que estavam lá. Dentre elas, haviam duas garotas do sul da Índia. Quando a Mãe soube que elas falavam inglês, Ela disse: “Vamos ver, traduza isso para o inglês: ‘Agora preciso ir para casa’”. Uma delas traduziu. A Mãe disse novamente: “‘O que você vai comer em casa?’, como é isso em inglês?”. Ao ouvir a tradução, a Mãe riu carinhosamente com alegria. Ela perguntou: “Podem cantar?”. Quando elas responderam que sim, Ela pediu para que cantassem uma canção do sul indiano. Elas começaram a cantar e a Mãe adorou.

22 de agosto, 1918

Já era final da tarde quando fui ver a Santa Mãe. Ela estava deitada em uma esteira no chão perto do sofá. Eu me prostrei diante dela e pedi-lhe durante nossa conversa: “Mãe, já faz muito tempo desde que estive em nossa casa em Kalighat. Devo ir para lá agora?”.

Mãe: Por que não fica aqui mais alguns dias? Uma vez que vá para Kalighat, não poderá vir aqui com tanta frequência. Quando você não vem um dia, já fico muito ansiosa. Você não veio ontem. Fiquei preocupada ao pensar que você pudesse não estar bem. Se você não tivesse vindo hoje, eu teria mandado alguém procurar por você. Mas se seu marido estiver doente, se você acha que ele quer sua presença lá, então você precisa ir para Kalighat.

Quando falei que não havia muita dificuldade, e o que eu temia era o criticismo popular por ficar tanto tempo com minha irmã, Ela me

pediu para não ligar para isso e me aconselhou a ficar em Calcutá por mais um mês.

Um Brahmacharin chegou e disse à Mãe que uma certa devota queria vê-la. A Mãe estava muito cansada e deitada na cama. Ela estava claramente chateada e disse: “Ah, preciso ver mais uma pessoa! Eu vou morrer!”. Ela sentou na cama. Pouco depois, uma mulher bem vestida entrou no quarto e curvou-se à Ela, tocando seus pés com a cabeça.

“Você pode se curvar à distância”, disse a Mãe. “Por que toca meus pés?”. A Mãe lhe perguntou sobre a vida.

Devota: Você sabe, Mãe, que meu marido está doente já faz algum tempo.

Mãe: Sim, ouvi dizer. Como ele está agora? Qual o problema com ele? Quem está tratando dele?

Devota: Ele sofre de diabetes. O pé está muito inchado. Os médicos dizem que é uma doença perigosa, mas não ligo para a opinião deles. Você precisa curá-lo, Mãe. Por favor, diga que ele será curado.

Mãe: Não sei de nada, filha. O Mestre é tudo. Se Ele quiser, seu marido ficará bem. Eu rezarei ao Mestre por ele.

Devota: Estou muito feliz, Mãe. Sri Ramakrishna nunca desconsidera sua oração.

Ela começou a chorar, colocando a cabeça nos pés da Santa Mãe.

A Mãe a consolou e disse: “Reze ao Mestre. Ele irá curar seu marido. Qual é a dieta dele agora?”.

Devota: Ele come luchi (um tipo de pão) e outros alimentos prescritos pelo médico.

Ela logo foi embora e foi ver Swami Saradananda.

“Eu queimo dia e noite com a dor e a tristeza dos outros”, Ela disse, tirando o manto do corpo. Eu estava prestes a passar óleo em seu corpo quando uma parente da devota que tinha acabado de sair entrou no quarto para cumprimentá-la. A Mãe teve que levantar de novo. Mal a moça tinha saído, a Mãe deitou novamente e disse: “Não deixe mais ninguém entrar. Seja lá quem for, não vou levantar de novo. Que desafio que é, filha, levantar várias vezes com os pés doendo! Além disso, sinto a sensação de queimação nas costas devido às assaduras. Por favor, espalhe bem o óleo”.

Enquanto eu passava o óleo, falamos sobre a mulher que tinha saído. A Mãe disse: “O marido está gravemente doente. Ela vem aqui rezar para Deus pela recuperação dele. Em vez de rezar muito e ser penitente, ela se cobre com perfumes. Ah, assim é a natureza das pessoas modernas!”.

Quando estava me despedindo, a Mãe pediu que alguém me desse Prasada.

23 de agosto, 1918

Fui ver a Mãe de tarde. Falando sobre uma devota, Ela disse: “Ela impõe uma disciplina muito estrita à nora. Ela não deveria se exceder tanto. Ainda que tenha que ficar de olho na nora, ela também deveria dar um pouco de liberdade. Ela é só uma menina. Naturalmente, ela gosta de algumas brincadeiras. Se a mulher se tornar muito estrita, a menina pode ir embora ou mesmo cometer suicídio. O que ela poderá fazer então?”.

Olhando para mim, Ela disse: “Ela tinha pintado um pouco dos pés. É crime fazer isso? Não! Ela não pode nem mesmo ver o marido. O marido virou monge. Eu vi meu marido com os próprios olhos, cuidava dele, cozinhava para Ele e ia para perto dele sempre que Ele permitia. Em outros momentos, cheguei até mesmo a ficar dois meses seguidos sem sair do Nahabat. Eu me curvava diante dele à distância. Ele costumava dizer: ‘O nome dela é Sarada. Ela é Saraswati (Deusa da Sabedoria). É por isso que Ela adora se enfeitar’. Ele disse para Hriday: ‘Veja quanto dinheiro tem e mande fazer um par de pulseiras de ouro para Ela’. Ele estava doente, mas mesmo assim fez com que os adereços fossem feitos por trezentas rúpias. E, pense você, Ele mesmo não conseguia nem tocar em dinheiro”.

“Após o falecimento do Mestre, eu estava em Kamarpukur. Era para eu vir aqui para Calcutá, mas muitas pessoas começaram a se opor: ‘Ah, você vai ficar entre aqueles meninos!’. Tomei a decisão de que ficaria apenas aqui. Ainda assim, precisamos respeitar o que a sociedade diz, por isso, perguntei a muitas pessoas. Algumas diziam: ‘Com certeza você deveria ir. Eles todos são seus discípulos’. Eu apenas ouvia. Tinha uma velha viúva em nosso vilarejo. As pessoas a respeitavam por ser uma pessoa sábia e piedosa. Mais tarde, fui pedir sua opinião. Ela respondeu: ‘Por que? Você realmente deveria ir. Eles são seus discípulos, como seus próprios filhos. O que há para se questionar? Claro que você deve ir’. Ao ouvirem isso, todos aprovaram que eu fosse para Calcutá. E assim fui. Ah, por mim, por devoção ao Guru deles, os meninos adoravam até mesmo um gato de Jayrambati.”

“Minha mãe costumava lamentar: ‘Oh, dei minha filha em casamento para um genro louco. Ela não conseguiu ter uma casa nem filhos. Ela nem mesmo pode ter alguém chamando-lhe de mãe’. Um dia, o Mestre ouviu e disse: ‘Oh, mãe. Não se lamente por isso. Verá que sua filha terá tantos filhos que ficará cansada de

ouvir os choros de ‘mãe, mãe’ deles’. O que Ele disse veio realmente a acontecer, filha.”

Um pouco mais tarde, quando a noite caía, me despedi dela e fui embora.

Num outro dia, estava chovendo muito. Eu estava com capa de chuva, mas mesmo assim as roupas ficaram molhadas nas barras. Quando cheguei à Santa Mãe, Ela começou a rir muito devido à minha aparência estranha com a capa de chuva, mas quando Ela sentiu minhas roupas molhadas enquanto eu fazia Pranam, Ela logo ficou agitada. “Oh, você se molhou. Troque de roupa rapidamente. Pegue as roupas de Radhu”, Ela disse. “Não preciso trocar de roupa, Mãe. Não estou molhada, veja!”, eu assegurei. A Santa Mãe me examinou de perto e deu-se por satisfeita.

O tópico de nossa conversa foi Jayrambati.

Mãe: Uma vez, uma terrível fome devastou Jayrambati. Um sem-número de pessoas vinha à nossa casa por comida. Tínhamos um estoque de arroz da safra do ano anterior. Meu pai fazia khichuri, cozinhando aquele arroz com legumes. O khichuri ficava guardado em vários potes. Todos os membros da família comiam daquele khichuri. As pessoas famintas também comiam dele. Meu pai, no entanto, dizia: “Um pouco de arroz branco de boa qualidade vai ser preparado para minha filha Sarada. Ela comerá isso”. Às vezes, as pessoas com fome vinham em grande número e a comida não era suficiente para todos. Então, mais khichuri era preparado, e quando já estava bem quente, era colocado em panelas de barro, eu ficava abanando até que esfriassem. Pessoas com estômagos famintos esperavam pela comida. Um dia, uma menina de classe baixa veio. Ela tinha cabelo bagunçado e olhos vermelhos como os de um louco. Ela viu as cascas de arroz de molho em uma bacia para o gado e começou a comer. Dissemos para ela: “Tem khichuri dentro da casa, vá lá e coma”. Mas ela

estava muito impaciente para esperar. É brincadeira aguentar a agonia de um estômago vazio? Assim que adquire-se o corpo, adquire-se também a fome e a sede. Agora desta vez em que estive doente, uma noite eu estava com tanta fome! Sarala e todos os outros dormiam. Eles tinham trabalhado bastante e dormiam pesado. Eu devia acordá-los? Nunca. Então, ainda deitada, tateei por ali e havia arroz em um prato e alguns biscoitos próximos ao travesseiro. Fiquei imensamente feliz. Comi tudo e bebi a água que estava em um jarro por perto. Estava com tanta fome que nem sabia o que estava comendo.

Dizendo isso, Ela começou a rir e continuou: “Tive febre aquela vez. Que doença grave tive em Koalpara! Eu estava inconsciente, as necessidades eram feitas apenas na cama. Sarala e outros me serviam com espírito de dedicação. (Com voz chorosa) Penso se ainda terei que sofrer tanto de novo. Daquela vez, fui curada pelo remédio do Dr. Kanjilal. Ah! Que sensação de queimação por todo o corpo! Sarat também veio para me servir”.

Um pouco depois, perguntei à Mãe: “Mãe, por que você escreveu para nós de Jayrambati dizendo para não nos misturarmos com aquela devota?”. “O caminho dela é diferente”, Ela respondeu, “ela não é deste (do Mestre) caminho”.

No dia seguinte, quando fui à Santa Mãe, Ela estava sentada na varanda passando as contas de seu rosário. Ela me recebeu, terminou o japa e, levando o rosário à cabeça, o colocou de lado. Naquela época, o terreno em frente à casa da Mãe estava vazio. Alguns trabalhadores moravam em cabanas na parte oeste do terreno. Falando sobre eles, Ela disse: “Eles trabalharam o dia todo e agora estão livres da preocupação. Os pobres são realmente abençoados”. As palavras de Cristo na Bíblia surgiram em minha mente. Hoje, ouvi tais palavras também da Santa Mãe. Um pouco depois, voltamos ao quarto. A Mãe deitou na cama. Mais cedo pela manhã, eu havia enviado para Ela um pouco de talco para as

assaduras. Ela disse: “Usei o talco que você mandou. As assaduras estão diminuindo. Aqui tem um pouco mais, por favor, coloque aqui. A coceira também diminuiu muito. Sarat também está sofrendo com assaduras. Ah! Se alguém também pudesse passar talco nele!”. Eu disse: “Oh, não. Quem poderia falar com ele sobre tal assunto? Essas coisas como o talco são usadas por pessoas modernas!”. Ao ouvir isso, a Mãe começou a rir.

O reumatismo no joelho da Mãe tinha aumentado. Ontem, os dois filhos de uma devota fizeram um tratamento elétrico nela, que ajudou muito. Eles vieram hoje também. Uma jovem tia disse: “Meu reumatismo também aumentou desde ontem. Eu também vou aplicar o tratamento”. A Santa Mãe ouviu e disse rindo: “Dê para ela”. Os dois meninos rapidamente arrumaram os instrumentos e tocaram no pé dela com os fios, e que grito ela deu! “Oh Deus, estou morta”, ela exclamou, “todo meu corpo está formigando. Deixe-me ir, deixe-me”. Todos riram ouvindo seus gritos.

Outro dia quando estava na casa da Santa Mãe, um monge chegou e se prostrou diante dela. Ele disse: “Mãe, por que a mente fica tão agitada de vez em quando? Por que não consigo meditar constantemente em você? Vários pensamentos inúteis perturbam minha mente. Coisas inúteis que são facilmente alcançadas se simplesmente as queremos. Eu nunca realizarei o Senhor? Mãe, por favor me diga como posso obter paz. Hoje em dia, mal tenho visões. Qual a utilidade desta vida se não consigo realizá-lo? É melhor morrer do que seguir com tal vida inútil”.

Mãe: Do que está falando, filho? Nem mesmo pense em tais coisas. Será que alguém consegue ter a visão de Deus todos os dias? Sri Ramakrishna costumava dizer: “Um pescador pega uma carpa grande todo dia no momento em que se senta com sua vara? Com tudo organizado, ele senta com a vara e se concentra. De vez em quando, uma carpa grande morde o anzol, mas ele fica

desapontado muitas vezes”. Não relaxe nas práticas por este motivo. Faça mais japa.

Yogin-Ma: Sim, é verdade. O nome é idêntico a Brahman. Mesmo que a mente não se concentre no começo, você terá sucesso no final.

Monge: Por favor, diga-me, Mãe, quantas vezes devo repetir o nome. Talvez isso me ajude a ter mais concentração.

Mãe: Dez mil vezes, ou mesmo vinte mil vezes, ou quantas vezes você conseguir.

Monge: Uma dia, Mãe, eu estava de joelhos diante do altar chorando quando subitamente te vi de pé ao meu lado. Você me disse: “O que você quer?”. “Quero sua graça, Mãe”, respondi, “da mesma forma como você a concedeu ao rei Suratha.” Depois falei: “Não, Mãe, isso foi feito por você como Durga. Não me importo com a forma. Quero te ver como você é no presente”. Com um sorriso, você desapareceu. Minha mente ficou ainda mais agitada. Agora, nada mais me satisfaz. Com frequência penso: “Se não puder realizá-la, qual então é a utilidade da vida?”.

Mãe: Por que você está tão agitado, filho? Por que não se dedica àquilo que você já tem? Lembre-se sempre: “Pelo menos tenho uma Mãe se não tiver mais ninguém”. Você se lembra dessas palavras de Sri Ramakrishna? Ele disse que revelaria a si mesmo a todos os que tomassem refúgio nele. Ele se revelará no máximo até o último dia de cada um. Ele puxará todos para Ele.

Monge: Estou morando com um chefe de família que é muito devoto. Sua esposa vem de família aristocrática. Ela gasta bastante dinheiro comigo.

Mãe: Diga-lhe para não gastar tanto com você. O dinheiro dos devotos chefes de família é para benefício dos monges. O dinheiro deles possibilita que os monges fiquem em um local por quatro meses durante a estação de chuvas. É um tanto inconveniente que os monges saiam nessa época para pedir esmolas.

O monge se prostrou diante da Mãe e saiu do quarto.

3 de setembro, 1918

Eu não estava bem de saúde há alguns dias. Quando me senti melhor, fui ver a Santa Mãe uma tarde. Durante nossa conversa, Ela começou a falar de Sri Ramakrishna.

Mãe: (Para mim) Que ótimo dia tivemos ontem! Sarala leu sobre Sri Ramakrishna. Que lindos eram seus ensinamentos! Como poderíamos saber na época como as coisas seriam! Que grande alma nasceu! Quantas pessoas são iluminadas por suas palavras! Ele era a própria personificação da bem-aventurança: todas as vinte e quatro horas do dia eram passadas com música devocional, alegria, risadas, ensinamentos e histórias. Do que posso lembrar, nunca o vi preocupado com nada. Ele sempre me dava boas palavras de conselho. Se soubesse escrever, eu teria anotado suas palavras. Sarala, leia mais alguma coisa.

Sarala começou a ler do *Kathamrita*, na versão bengali original d' *O Evangelho de Sri Ramakrishna*.

“Perceberam essas palavras”, disse a Mãe, “que Ele falou ao pai de Rakhal: ‘Uma boa macieira dá apenas boas maçãs?’. Assim, Ele o deixava satisfeito. Quando ele ia para Dakshineswar, Sri Ramakrishna o alimentava com cuidado com comidas deliciosas. Ele tinha receio de que o pai levasse o garoto embora. Rakhal tinha uma madrasta. Quando ela também ia, Ele dizia a Rakhal: ‘Mostre tudo à ela. Tome conta dela’”.

Sarala estava agora lendo sobre Brinde, a empregada. A Mãe disse: “Ela não era nem um pouco fácil. Um número fixo de luchis era guardado para sua refeição. Ela podia ser extremamente abusiva se qualquer coisa faltasse. Ela dizia: ‘Olhe para os filhos dos cavalheiros! Eles comeram a minha parte também. Fiquei sem nenhum doce’. Sri Ramakrishna temia que tais palavras fossem parar nos ouvidos dos jovens devotos. Um dia cedo, Ele veio ao Nahabat e disse: ‘Bom, dei para os outros os luchis de Brinde. Por favor, prepare mais alguns para ela. Do contrário, ela ficará brava. Devemos evitar as pessoas más’. Assim que ela chegou, eu disse: ‘Bom, Brinde, não sobrou nada para você hoje. Estou fazendo mais luchis’. Ela disse: ‘Está tudo bem, não precisa se preocupar. Pode me dar algo cru’. Eu dei farinha, manteiga, batata e outros legumes”.

Depois de terminar um capítulo, Sarala foi embora para ajudar Golap-Ma, que estava doente.

A Santa Mãe começou a falar em voz baixa: “Sri Ramakrishna não falava nada que não fosse sobre Deus. Ele costumava me dizer: ‘Vê este corpo humano? Hoje ele está aqui e amanhã não está. E, ao vir para este mundo, ele sofre sem fim as misérias e dores. Por que alguém gostaria de ter um próximo nascimento? Apenas Deus é eternamente verdadeiro. Se alguém puder chamá-lo, isso é bom. Ao receber um corpo, também deve-se sofrer pelos problemas que o acompanha!’. Outro dia, Bilas disse para mim: ‘Mãe, precisamos estar sempre alerta. Sempre trememos pelo medo de termos pensamentos impróprios’. Isso é muito verdadeiro. O monge é como um tecido branco e o chefe de família como um tecido preto. Não se notam manchas muito facilmente em um tecido preto, mas a menor marca de tinta fica muito proeminente em tecido branco. A vida do monge está sempre cercada de perigos. O mundo inteiro está absorto em desejo e ouro. O monge deve sempre praticar a

renúncia e o desapego. Por isso, Sri Ramakrishna dizia: ‘Um monge deve estar sempre alerta e atencioso’”.

No meio tempo, Harihar Maharaj chegou ao santuário para oferecer comida. Apontando para ele, a Mãe me disse: “Olhe para essa criança que renunciou ao mundo. Ele deixou tudo para trás em nome de Sri Ramakrishna. O homem comum produz um sem-número de filhos, como se isso fosse a única função dele no mundo. Sri Ramakrishna costumava dizer: ‘É necessário praticar o autocontrole depois de já ter tido um ou dois filhos’. Ouvi dizer que os ingleses têm filhos de acordo com a quantidade de suas propriedades. Depois do nascimento dos filhos que desejam, o marido e a esposa vivem separadamente, cada um ocupado com seu próprio trabalho. E olhe para nossa raça!”.

Com um sorriso, a Mãe continuou: “Ontem, uma jovem veio me ver. Ela tem vários filhos, uns pendurados nas costas, outros debruçados em seus braços. Ela mal dava conta deles. Pode imaginar o que ela me disse? Ela disse: ‘Mãe, não gosto nem um pouco desta vida no mundo’. Eu disse: ‘Como assim, filha? Você tem tantos filhos pequenos!’. Ela respondeu: ‘Já é o suficiente, não terei mais nenhum’. Eu disse: ‘Seria bom você persistir nessa intenção’”. A Mãe começou a rir.

Devota: Mãe, de acordo com nossa concepção hindu, o marido é o nosso Guru mais adorável. As Escrituras dizem que ao servi-lo, a pessoa pode ir para o céu e até mesmo se unir a Deus. Agora, se uma esposa, um pouco contra a vontade do marido, tenta praticar o autocontrole através da oração e das buscas espirituais, ela estará incorrendo em pecado?

Mãe: Com certeza que não. O que quer que faça para ter a realização de Deus nunca poderá ter qualquer efeito pecaminoso. Autocontrole é absolutamente necessário. Todas as disciplinas difíceis que as viúvas hindus devem passar são para ajudar na

prática do autocontrole. Todos os atos de Sri Ramakrishna eram dirigidos unicamente a Deus. Uma vez, Ele fez o Shodasi Puja, fazendo de mim o objeto de adoração. Perguntei a Ele o que eu deveria fazer com os adereços, as roupas e os outros artigos da adoração. Depois de pensar um pouco, Ele disse que poderia dá-los à minha mãe. Meu pai ainda estava vivo. Sri Ramakrishna disse: “Quando presentear sua mãe com esses itens, não pense que ela é um ser humano comum. Pense nela como a encarnação direta da Mãe Divina do Universo”. Eu fiz de acordo. Assim era a natureza de seus ensinamentos.

4 de setembro, 1918

A Mãe estava sentada no tapete de meditação, passando as contas do rosário. O culto vespertino havia terminado. Uma cunhada da Mãe veio e disse: “Por favor, acalme minha mente, estou cheia de preocupações. Não quero viver nem mais um dia. Farei um testamento e deixarei tudo para você. Depois da minha morte, faça esta minha vontade”. A Mãe riu e disse: “Quando você vai morrer?”. De repente, Ela ficou séria e chamou sua atenção por ter tais pensamentos tolos, os quais a Mãe atribuía aos nervos quentes e vida ociosa dela.

Olhando para mim, a Mãe sorriu e disse: “Percebe, filha, o jogo incompreensível de Sri Ramakrishna? Olhe para os meus próprios parentes! Veja em qual má companhia estou! Uma já é louca e essa agora também está beirando a insanidade. E olhe para a terceira (Radhu)! Quanto cuidado tive para treiná-la, mas tudo sem resultados! Ela não tem o menor traço de sabedoria. Olhe, ela está na varanda, debruçada no corrimão esperando ansiosamente pelo retorno do marido. Ela tem receio de que o marido entre na casa onde aquela música está tocando. Dia e noite, ela tenta mantê-lo sob suas vistas. Que apego descabido! Eu nunca poderia sonhar o quanto ela seria apegada”.

A parente da Mãe saiu do lugar com um ar de tristeza e deitou-se em sua cama.

Mãe: Filha, você tem muita sorte em conseguir este nascimento humano. Tenha intensa devoção a Deus. Deve trabalhar muito. Como alguém pode atingir algo sem esforço? Deve devotar um tempo para orações mesmo no meio das tarefas de casa. O que devo falar de mim mesma, querida? Naquela época, em Dakshineswar, costumava acordar às três da manhã e sentar em meditação. Frequentemente, ficava totalmente absorta. Uma vez, em noite de lua cheia, estava fazendo japa, sentada próxima aos degraus do Nahabat. Tudo estava quieto. Eu nem mesmo notei quando o Mestre passou por ali. Em outros dias, ouvia o barulho de suas sandálias mas, naquele dia, não ouvi. Estava totalmente absorta em meditação. Naquela época, eu era diferente, costumava colocar adereços e tinha um manto com bordas vermelhas. Neste dia, o manto caiu de minhas costas por conta do vento, mas não percebi. Parece que o “Filho Yogen” (Swami Yogananda) foi naquela direção para dar a jarra de água para o Mestre e me viu naquela condição. Ah, o êxtase daqueles dias! Nas noites de lua cheia, olhava para a lua e rezava para Deus com as mãos postas: “Que meu coração possa ser tão puro quanto os raios da lua!”, ou: “Ó Senhor, há uma mancha na lua, mas faça com que não haja o menor traço de mancha sequer em minha mente!”. Quando se é firme na meditação, a pessoa verá claramente Deus em seu coração e ouvirá Sua voz. No momento em que uma ideia como essa surge na cabeça de tal pessoa, ela será realizada mais cedo ou mais tarde. Você será banhado em paz. Ah! Que cabeça eu tinha na época! Brinde, um dia, derrubou um prato de metal na minha frente com um estalo. O som penetrou em meu coração. Na completude da realização espiritual, descobrirá que Ele, Aquele que reside no coração de um, reside no coração dos outros também - dos oprimidos, dos perseguidos, dos intocáveis e dos rejeitados. Este tipo de realização torna a pessoa realmente humilde.

Deixe minha cunhada, que reclama de preocupação mental, fazer deste modo. Deixe que ela acorde às três da manhã e sente-se na varanda ao lado do meu quarto para meditar. Deixe-me ver se ela ainda tem qualquer preocupação na cabeça. Ela, no entanto, não fará isso e ficará apenas falando de seus problemas! Qual o sofrimento dela? Eu nunca soube, filha, o que era a preocupação mental, mas agora sofro dia e noite por causa de meus parentes. Foi uma hora infeliz quando essa cunhada veio para nossa família. Todos os meus sofrimentos são devido aos esforços de educar sua filha, Radhu. Deixe que todos vão embora. Não quero ninguém. Olhe para essas meninas, elas nunca me escutam. Que mulheres desobedientes!

Golap-Ma: Veja como elas decoram o corpo! Pensam que é assim que terão o amor do marido.

Mãe: Ah! Como era gentil a maneira como Sri Ramakrishna me tratava. Nem uma vez Ele pronunciou uma palavra que ferisse meus sentimentos. Ele dizia: “As pessoas precisam ser ativas. Ninguém deveria ficar sem tarefas. Quando estão ociosas, todos os tipos de maus pensamentos surgem na mente das pessoas”. Um dia, Ele me deu um pouco de cânhamo e pediu para preparar amarradores de linha com ele. Ele disse que queria pendurar os potes de doces e outras coisas para os jovens discípulos. Eu fiz os amarradores, e com a fibra que sobrou fiz um travesseiro. Eu costumava deitar em um esteira fina e embaixo dela coloquei juta, e coloquei o travesseiro no lugar da cabeça. Agora você vê essas camas com colchões, mas mesmo naquela época eu dormia tão bem quanto hoje. Não sinto qualquer diferença. As pessoas me chamam de “deus” e eu mesma sou levada a acreditar nisso. Ou, como podemos explicar todas as coisas estranhas que acontecem em minha vida? Yogin e Golap sabem muito sobre isso. Ah, querida! Aqueles dias em Dakshineswar são inesquecíveis! Sri Ramakrishna cantava e eu ficava horas de pé assistindo às cenas

pelos buracos da tela de bambu que circundava a varanda do Nahabat. Eu o saudava à distância com as mãos postas. Aqueles dias com certeza eram cheios de alegria! As pessoas iam chegando durante o dia e as conversas religiosas aconteciam continuamente.

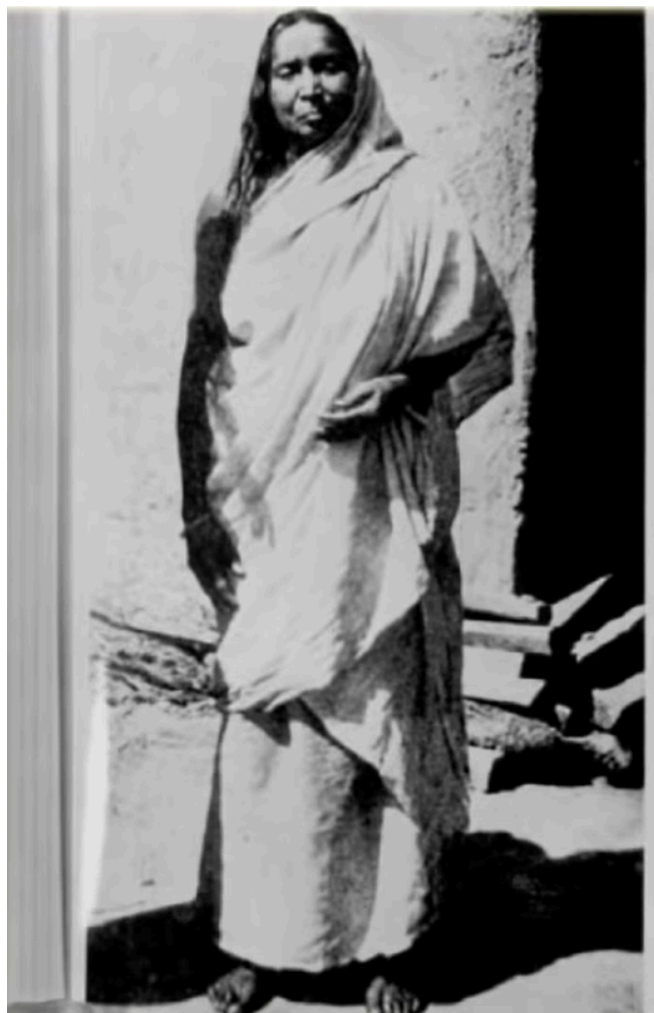
Filha, a mente é como um elefante selvagem. Ela corre contra o vento. Portanto, a pessoa deve sempre conseguir diferenciar. Deve-se trabalhar duro pela realização de Deus. Que mente maravilhosa eu tinha na época! Alguém costumava tocar uma flauta em Dakshineswar. Enquanto ouvia o som, minha mente ficava extremamente ansiosa pela realização de Deus. Achava que o som vinha diretamente de Deus e entrava em Samadhi. Experimentei o mesmo êxtase em Belur Math também. O lugar ainda era muito calmo, e eu estava sempre em estado de meditação. Por isso, Naren (Swami Vivekananda) queria construir uma casa lá para mim. O terreno onde fica essa casa foi dado por Kedar Das. Agora o preço da terra subiu muito, é impossível comprar algo. Tudo isso foi feito pela graça de Deus.

Naquele momento, Maku, a sobrinha, entrou no quarto com seu filho nos braços e deixou o corpo lá dizendo: “Mãe, o que posso fazer? Ele não dorme nada”. A Mãe disse: “A criança tem a qualidade de Sattva, por isso, ele não dorme”.

A Mãe estava sofrendo muito devido às dores das assaduras. Assim que pediu, eu passei óleo medicinal em seu corpo.

***

Um dia, a Mãe estava sentada na varanda ao norte. Um jovem estava conversando com Ela. Ele se curvou diante dela, colocou a cabeça em seus pés e disse: “Mãe, sofri muito no mundo. Você é meu Guru. Você é meu Ishta (Ideal Escolhido) e eu não ligo para mais nada. Sério, Mãe, tenho vergonha de contar todos os atos

ruins que cometi. Mesmo assim, apenas sua graça me salvou". A Mãe afetuosamente colocou a mão na cabeça dele e disse: "Um filho é sempre um filho para a mãe". O garoto respondeu: "Verdade, Mãe. Mas apenas porque recebi muito de sua graça, não posso pensar que sua graça seja tão facilmente obtida".

Esta foto da Santa Mãe foi tirada em Jayrambati, pelo Brahmacharin Ganendranath, no ano bengali de 1324, que representa 1918 no calendário britânico.

19 de setembro, 1918

Eram quase oito e meia da noite. Uma esteira havia sido estendida no chão perto da cama da Mãe e Ela estava prestes a deitar. Mal eu tinha entrado no quarto, Ela disse: "Venha, querida, venha. Sente perto de mim. Sarala, dê algum refresco para ela". Recusei, mas a Mãe insistiu dizendo: "Deve-se cuidar bem da saúde".

Depois, mencionou as assaduras e disse: “O que fazer com isso, querida? As pessoas sofrem com isso e depois se recuperam, mas eu não consigo me recuperar. Sri Ramakrishna costumava dizer que muitas pessoas vinham com sofrimentos, aflições, pecados e problemas tocá-lo e todas aquelas coisas tomavam refúgio em seu corpo. É verdade, filha, e pode ser o mesmo comigo”. A conversa, então, voltou-se para Sri Ramakrishna.

Mãe: Uma vez, quando Sri Ramakrishna estava de cama enfermo em Cossipore, alguns devotos trouxeram oferendas para a Mãe Kali no templo de Dakshineswar. Ao saberem que o Mestre estava em Cossipore, eles ofereceram tudo o que trouxeram diante de um retrato do Mestre e depois compartilharam da Prasada. Ao ouvir sobre isso, Sri Ramakrishna disse: “Todas essas coisas foram trazidas para a grande Mãe do Universo. E eles ofereceram tudo aqui (querendo dizer Ele mesmo)!”. Fiquei com muito medo disso e pensei: “Ele está sofrendo com essa terrível doença, quem sabe o que pode acontecer?”.

O Mestre falou sobre esse incidente repetidas vezes. Depois, bem tarde da noite, Ele disse para mim: “Você verá que ao longo do tempo serei adorado em todas as casas. Verá todos aceitando isso (referindo-se a si mesmo). Isso com certeza acontecerá”. Este foi o único dia em que o ouvi usando o primeiro pronome pessoal referindo-se a si mesmo. Geralmente, Ele falava de si mesmo não como “eu” ou “mim”, mas como “aquilo que pertence a isso”, apontando para o corpo.

Após o falecimento do Mestre, houve briga sobre quem deveria ficar em posse de alguns dos valiosos itens dele, como deu manto de lã, xale e outros adereços. Acima de tudo, são os devotos que consideram aquilo como posses inestimáveis e preservam tudo para a posteridade. E foram eles que finalmente reuniram tudo em uma caixa e guardaram na sala da casa de Balaram Babu. Mas, ah, filha, quem conhece a vontade do Mestre! Na casa de Balaram

Babu, uma empregada roubou a maioria dos itens, ou os vendeu ou os jogou fora em algum lugar. Não foi adequado guardar aquilo na sala de uma casa. Os itens deveriam ter sido guardados em um local mais seguro na casa. O que sobrou e algumas outras coisas do Mestre agora ficam no monastério de Belur.

Meu sogro (o pai de Sri Ramakrishna) era um Brâmane piedoso e devotado. Ele nunca recebia presentes de ninguém. Ele até mesmo proibiu que sua família aceitasse qualquer presente em sua ausência. Porém, sobre minha sogra, se alguém desse um presente em segredo para ela, ela aceitava, cozinhava e oferecia à Divindade e depois dividia com os outros como Prasada. Meu sogro ficava bravo quando sabia que isso tinha acontecido. Ele possuía uma devoção fervorosa. Foi por isso que o Mestre nasceu em sua família.

Uma mulher chamada Hari Dasi queria sair em peregrinação para Navadvip. Ela, no entanto, não chegou lá, mas parou em Kamarpukur. Ela gostou muito de mim. Era uma mulher de muita fé. Ela guardou um pouco da terra da cidade natal do Mestre e comentou: “Isso aqui é a própria Navadvip (local de nascimento de Sri Chaitanya Mahaprabhu). O próprio Gauranga (outro nome para designar Sri Chaitanya) nasceu aqui. Por que eu deveria ir para Navadvip?”. Que fé imensa!

Após o falecimento do Mestre, um Sadhu, que vinha de Orissa, estava ficando em Kamarpukur. Eu costumava dar-lhe arroz, legumes e outras coisas. Eu o visitava dia e noite e perguntava: “Reverendo senhor, como está?”. Com grande dificuldade, construí uma cabana de palha para ele! Todo dia, o céu ficava nublado e parecia que ia chover. Então, eu rezava com as mãos postas: “Ó Senhor, espere um pouco, espere um pouco. Deixe-me terminar a cabana e depois pode chover tormentas se necessário”. As pessoas do vilarejo me ajudaram dando madeira, palha e outros

materiais necessários. A cabana foi feita mas, infelizmente, aconteceu que poucos dias depois, o Sadhu faleceu em tal cabana.

Sri Ramakrishna dizia que seu corpo tinha vindo de Gaya. Quando sua mãe faleceu, Ele pediu que eu oferecesse pindam (bolinhos feitos na ocasião de funerais) em Gaya. Eu disse que não podia fazer tais rituais quando o próprio filho estava vivo. O Mestre respondeu: “Não, não, você pode fazer. Se eu for, acha que voltarei?”. Por isso, eu não quis que Ele fosse para lá e, mais tarde, fui fazer os rituais em Gaya.

28 de setembro, 1918

Era manhã quando fui ao escritório de Udbodhan. A Santa Mãe estava descascando frutas para a adoração. Assim que seus olhos me viram, Ela disse: “Estou tão feliz que você está aqui. Hoje é o dia de Bodhan. (Eu tinha esquecido completamente disso) Por favor, arrume essas flores para a adoração de Sri Ramakrishna e deixe a bandeja das frutas deste lado”. Eu obedeci às ordens. Depois, escovei seu cabelo. Enquanto fazia isso, alguns fios caíram. A Mãe disse: “Aqui estão. Guarde-os”. Eu me senti realmente abençoada. Eu tinha um profundo desejo por alguns de seus cabelos.

Shyamadas Kaviraj, um célebre médico, veio para examinar Radhu. Quando terminou, a Mãe pediu à Radhu para se curvar diante do médico. Radhu fez como Ela pediu. Depois que ele saiu, alguém perguntou: “O médico é Brâmane?”.

Mãe: Não, ele é Vaidya (médico).

Devota: Por que, então, você pediu para Radhu curvar-se a ele?

Mãe: Por que eu não faria isso? Ele é cheio de sabedoria, iguala-se a um Brâmane. A quem alguém deve se curvar se não a ele? O que você quer dizer, filha?

30 de setembro, 1918

Era o dia sagrado de Mahastami. Minha irmã e eu chegamos ao escritório de Udbodhan bem cedo. Passou um tempo e algumas devotas trouxeram flores. Elas adoraram a Santa Mãe e foram para o Ganges tomar banho. A Mãe me perguntou: "Você vai ficar hoje aqui? Hoje é dia de Mahastami". Respondi que sim. Logo depois, o Reverendo Sarat Maharaj (Swami Saradananda) veio para saudar a Mãe. Nós fomos para o outro quarto. A Mãe estava sentada na cama, com os pés repousando no chão. Muitos devotos vieram e se curvaram à Ela.

Mais tarde, fomos tomar nosso banho no Ganges na companhia de Maku e outras devotas. A Mãe disse que terminaria o banho em casa, porque o reumatismo não a deixava tomar banho no Ganges todo dia. Depois de voltar, vimos várias devotas adorando a Santa Mãe. Muitas delas tinham trazido novas roupas como oferenda. Depois da adoração, elas enrolaram o corpo da Santa Mãe com essas roupas, da maneira como é feito com a imagem de Kali no Kalighat. Depois, Ela colocou as roupas de lado, uma por uma. Para algumas das devotas, a Mãe dizia: "É uma linda peça".

Um Brahmacharin veio ao quarto avisar que os devotos estavam vindo para reverenciar a Mãe. Que visão impressionante! Com flores, lótus abertos e folhas de bel nas mãos, eles vieram um por um e, depois de adorarem e saudarem a Mãe, foram embora. Um tempo se passou dessa maneira. Os membros da família de Balaram vieram e também adoraram a Mãe. Eu fui a última a chegar nela. Depois da adoração, enrolei um manto nela, quando Ela disse de repente: "Vou usar este manto, já que hoje preciso vestir algo novo". Ela prontamente colocou o manto que eu havia

dado. Isso trouxe lágrimas aos meus olhos. Era apenas um manto comum. Tinham tantas roupas caras por perto. Eu era a filha pobre da Mãe. Seu afeto excessivo por mim me deixava envergonhada. A Mãe disse: “Que lindas bordas tem este manto!”.

Uma mulher vestida com um manto ocre adorou a Mãe e deixou duas rúpias em seus pés. A Mãe disse: “Deus! Por que fez isso? Você veste o manto ocre. Você tem contas de rudraksha nas mãos”. A Mãe perguntou sobre seu professor espiritual. Em resposta, a mulher disse que ela não havia sido iniciada. “Sem iniciação”, a Mãe disse, “e sem qualquer realização espiritual, você colocou o manto sagrado. Ele não é apropriado para você. Este manto que você veste é muito sagrado. Eu quase te saudei com as mãos postas. Todos se curvarão aos seus pés. Você precisa do poder para assimilar essa honra”. A mulher disse: “Desejo ser iniciada por você”.

Mãe: Como isso será possível?

Mas a mulher insistiu. Golap-Ma a apoiou. A Mãe pareceu ceder um pouco. Ela disse: “Vamos pensar sobre isso”.

Gauri-Ma chegou com as garotas de seu Ashrama. Todas elas adoraram a Mãe, comeram Prasada e foram embora.

Depois de terminar a adoração no santuário, Bilas Maharaj chegou e sussurrou para a Santa Mãe: “Eu não sei, Mãe, se Sri Ramakrishna aceitou a oferta de comida hoje. Uma folha impura, carregada pelo vento, caiu na comida. Por que isso aconteceu? Muitos devotos trouxeram oferendas de casa. Não sei o que aconteceu”. A Mãe perguntou se ele tinha aspergido água do Ganges por cima da comida. Ele respondeu que sim e saiu. Fiquei preocupada ao ouvir isso.

A adoração da Santa Mãe aconteceu de qualquer maneira. Mal tinha um punhado de flores e folhas sido removidas, uma nova pilha se formou perto de seus pés.

Era hora da adoração do meio-dia quando um grupo de três homens e três mulheres, vindos de uma parte distante do país, chegou para prestar reverências à Santa Mãe. Eles eram muito pobres, tudo que possuíam era um pedaço de tecido cada um. Eles mendigaram pelas passagens para Calcutá. Um deles, um devoto, estava conversando em particular com a Mãe. Parecia não ter fim para aquela conversa. O momento da adoração estava passando e a Mãe precisava ir. As pessoas do escritório de Udbodhan ficaram aborrecidas. Um deles disse ao devoto com linguagem clara: “Se você tem mais para falar, é melhor descer e ir falar com um dos monges”. Porém, a Mãe declarou com firmeza: “Não importa se ficar tarde. Preciso ouvir o que eles têm a dizer”. Ela continuou ouvindo o devoto com grande paciência. Ela lhe deu instruções sussurrando. Depois, Ela foi falar também com a esposa. Deduzimos que eles tivessem tido alguma experiência em sonhos. Depois, soubemos que eles tinham recebido um mantra em sonho. Cerca de uma hora depois, eles foram embora. A Mãe disse: “Que pena, eles são muito pobres! Eles chegaram aqui com muita dificuldade”.

Depois da adoração do meio-dia, almoçamos. A Mãe queria descansar um pouco e saímos para o quarto ao lado.

Eram quatro da tarde. Depois da adoração na sala do altar, Rashbehari Maharaj disse: “Uma moça da Europa está aqui para prestar reverências a você. Ela está esperando faz bastante tempo”. A Mãe pediu para que ele trouxesse a moça. Enquanto ela se curvava, a Mãe estendeu a mão como se fosse um aperto de mãos. As palavras da Mãe, de que devemos nos comportar de acordo com o momento e a circunstância, foram verificadas naquele momento. Depois, Ela acariciou a moça tocando em seu

queixo. Ela sabia a língua bengali e disse: “Espero que eu não a tenha incomodado com a visita. Esperei bastante tempo lá embaixo por você. Estou em grande dificuldade. Minha filha, uma garota muito boa, está gravemente enferma. Por isso, vim aqui para pedir bênçãos a você. Por favor, seja generosa com ela para que possa ser curada. Ela é uma menina ótima. Eu a elogio porque hoje em dia quase não encontramos mais boas mulheres dentre nós. Posso assegurar que muitas delas são malvadas e maldosas, mas minha filha é de natureza diferente. Por favor, seja gentil com ela”.

Mãe: Rezarei por sua filha. Ela ficará bem.

A moça ficou muito entusiasmada com essa segurança da Mãe e disse: “Se você diz que ela será curada, ela será curada. Não há dúvidas sobre isso”. Ela disse isso três vezes com grande fé e ênfase. A Mãe, com olhar gentil, disse para Golap-Ma: “Dê à ela uma flor do altar. Traga um lótus”. Golap-Ma trouxe o lótus com uma folha de bel consagrada. A Mãe pegou o lótus na mão e fechou os olhos por alguns segundos. Depois, olhou fervorosamente para a figura de Sri Ramakrishna e deu a flor para a mulher, dizendo: “Toque a cabeça de sua filha com a flor”. Ela aceitou a flor e se curvou diante da Mãe. “O que devo fazer com a flor depois?”, ela perguntou.

Golap-Ma: Depois que secar, jogue no Ganges.

Mulher: Não, não! Ela pertence a Deus. Não posso jogar fora. Vou fazer um saco com tecido novo para preservar a flor nele. Vou tocar a cabeça e o corpo de minha filha com ela todos os dias.

Mãe: Muito bem, faça isso.

Mulher: Deus é a Realidade Suprema. Ele existe. Quero contar uma coisa. Uns dias atrás, meu bebê ficou acamado com febre em nossa casa. Com grande fervor, rezei a Deus: “Ó Deus! Eu creio

em Sua existência, mas quero uma demonstração real". Chorei e coloquei meu lenço na mesa. Depois de um tempo, fiquei surpresa ao encontrar três gravetos em cima dele. Com delicadeza, passei os gravetos no corpo do bebê três vezes com esses três gravetos. Logo ele se curou da febre.

Enquanto narrava, lágrimas desciam em seu rosto. Ela disse: "Já tomei muito de seu valioso tempo. Por favor, me desculpe". "Não", disse a Mãe, "fico muito feliz em conversar com você. Venha aqui novamente na terça-feira". A mulher se curvou e saiu.

Quando fui ver a Mãe uns dias depois, soube que aquela moça tinha ido vê-la na terça-feira. A Mãe mostrou-lhe sua maior bênção e a iniciou. A filha também foi curada da enfermidade.

24 de março, 1920

A Mãe estava ficando em sua casa no interior, em Jayrambati. Depois de quase um ano, Ela voltou para Calcutá na primavera. Ela estava muito mal pois se encontrava com febre derivada da malária já havia tempo. Eu me prostrei diante dela e Ela me abençoou colocando a mão em minha cabeça. Ela me perguntou como eu estava. Ofereci dinheiro e Ela aceitou. Vendo seu corpo tão magro, perdi toda a capacidade de falar. Olhei para seu rosto com tristeza e pensei: "Ah, como seu corpo está pálido e fraco!". A empregada de minha irmã estava comigo. Ela estava se curvando para tocar os pés da Mãe em reverência, mas Ela disse: "Você pode se curvar à distância". Ela se curvou perto da porta e foi embora.

A Mãe estava tão fraca que sentia dores mesmo para falar. Eu estava sentada no chão. Enquanto isso, Rashbehari Maharaj chegou e disse para que a Mãe não ficasse se esforçando muito para falar, mas Ela não parou de conversar comigo. Eu respondia com respostas curtas. Depois, chegou Radhu com o filho. Eu o

peguei em meus braços e dei um dinheiro para ele de presente. Radhu insistiu para que ele não aceitasse. A Mãe disse: “O que há, Radhu? Ela é sua irmã. Por que não deveria aceitar o presente quando ela o dá com tanto amor?”. A Mãe aceitou Ela mesma o dinheiro. Ela sentia muito pesar pelos sofrimentos da criança causados pela negligência da mãe e da avó. Radhu protestou com palavras amargas. A Mãe disse: “Não adianta falar com ela” e ficou quieta. Depois de um pouco, Sarala e algumas devotas chegaram para ver a Mãe. Ela estava deitada e começou a conversar com elas.

30 de maio, 1920

Fui ver a Mãe após cinco ou seis dias. Ela não tinha tido febre nos últimos dias, mas estava muito preocupada por conta de Radhu e sua incapacidade de cuidar do filho pequeno. Além disso, Radhu tinha batido a mão no corrimão de ferro e, com a mão inchada enrolada em um pano sujo embebido em óleo de castor, ela entrou no quarto da Mãe para consultar o Dr. Kanjilal, que tinha vindo examinar a Mãe.

Depois que a mão de Radhu foi cuidada adequadamente, a Mãe deitou na cama e me pediu para massagear seus pés. Enquanto os massageava, perguntei se eu poderia questioná-la sobre algo e se não seria inconveniente.

Ela disse: “Não, de maneira alguma. Fale o que você tem para falar”. Contei para Ela sobre uma experiência que tive e Ela comentou: “Ah, filha, dá para experimentar tal prazer todos os dias? Tudo é real. Nada é inverdade. O Mestre é tudo - Ele é Prakriti (natureza material), Ele é Purusha (consciência pura). Através dele, você atingirá tudo”.

Discípula: Mãe, um dia enquanto fazia japa com bastante concentração, um longo tempo se passou sem que eu percebesse.

No entanto, eu precisei levantar para fazer minhas tarefas domésticas sem executar os outros itens da prática como você me instruiu. Foi errado da minha parte ter feito isso?

Mãe: Não, não há nada de errado com isso.

Discípula: Alguém me disse que quando medita na calada da noite, ele ouve um som místico. Geralmente, ele percebe o som vindo do lado direito do corpo, outras vezes, quando a mente desce a um nível um pouco mais baixo, o som vem do lado esquerdo.

Mãe: (Depois de pensar um pouco) De fato, o som vem do lado direito. Apenas quando existe a consciência do corpo, ele vem do lado esquerdo. Tais coisas acontecem quando o poder da Kundalini é ativado. O som que vem do lado direito é o real. Com o tempo, a mente se torna o próprio Guru. Se uma pessoa consegue rezar a Deus e meditar Nele mesmo por dois minutos com concentração plena já é muito bom.

Não me senti propensa a perguntar o significado de “consciência corporal”, já que a Mãe não estava muito bem.

Eu estava quase para ir embora. Instantaneamente, a Mãe levantou a cabeça do travesseiro e disse: “Bem, filha, levantei a cabeça”. Ela fez isso porque não é adequado para um devoto se curvar a alguém deitado. Quando me curvei, Ela disse: “Venha novamente. Venha mais cedo durante a tarde. Não consegue terminar seus afazeres antes e vir?”.

Então, tomando o nome de Durga como prece pela minha segurança, Ela continuou se despedindo até depois de eu ter saído do quarto.

Eu a ouvi falando o nome de Durga em tom compassivo. Que amor sem limites! Enquanto estávamos ao seu lado, esquecíamos todas as tristezas e sofrimentos da vida cotidiana.

***

A doença da Mãe não mostrava qualquer sinal de melhora. Seu corpo ficava cada vez mais fraco. Fui vê-la uma tarde. Ela estava para sair para o banho da tarde e me pediu que a ajudasse a levantar. Ela disse: “Estou tendo febre com frequência e o corpo fica muito fraco”.

***

Um outro dia quando visitei a Mãe, ouvi os monges dizendo para Ela: “Mãe, depois que se recuperar, não permitiremos que ninguém mais tome iniciação com você. Você já tem que aguentar muito sofrimento tomando para si os pecados de seus discípulos”. A Mãe sorriu docemente e disse: “Por que, filhos queridos? Sri Ramakrishna veio apenas para comer rasagollas (um doce)?”. Aquilo deixou todos em silêncio. Ah, Mãe! O quanto você expressou com apenas essas poucas palavras. Ignorantes que somos, entendemos tão pouco!

Isso me lembrou de outro episódio. Uma mulher de família respeitável andava por caminhos errados. Porém, talvez devido aos méritos das vidas passadas, ela felizmente encontrou um homem santo. Sob orientação dele, ela percebeu seus erros e se arrependeu. Ele a aconselhou a visitar a Santa Mãe.

Um dia, ela veio ver a Mãe no escritório de Udbodhan. Ela estava envergonhada de entrar na sala de oração. De pé perto da porta, ela confessou à Mãe todo seu passado sombrio e disse: “Ó, Mãe, qual será o meu destino? Não deveria nem mesmo entrar neste santuário para te encontrar”. A Mãe deu um passo para frente e,

abraçando a moça, disse carinhosamente: “Venha, filha, entre aqui. Você entendeu o que é o pecado e também está arrependida de suas ações. Venha, vou iniciá-la. Entregue tudo aos pés de Sri Ramakrishna”.

Aceitando os pecados e aflições da humanidade em seus próprios ombros e erguendo os “caídos”, é apenas a toda compassiva Mãe que pode dizer sorridente: “Por que?! Sri Ramakrishna veio apenas para comer rasagollas?”.

14 de abril, 1920

O Aratrika vespertino na sala do altar tinha terminado. A Mãe estava com febre. Rashbehari Maharaj estava massageando suas mãos e Brahmacharin Varada os pés. Eles mediam a temperatura e a Mãe estava deitada com os olhos fechados. Fiquei ao seu lado. Ela perguntou: “Quem está aí?”. Rashbehari Maharaj respondeu em voz baixa. Ouvi que a temperatura estava em quase trinta e oito graus.

A irmã Sudhira estava dando doces para as meninas do internato de Nivedita, já que era o Dia do Ano Novo bengali. Por isso, Sarala, a discípula que estava servindo a Mãe, teve que ir para lá. A Mãe pediu ao Brahmacharin Varada para trazer Sarala do internato, porque ela tinha que dar comida para o filho de Radhu. Ainda não era hora de alimentá-lo, mas como ele estava chorando, Radhu queria dar comida naquele momento. A Mãe tentou dissuadi-la. Isso deixou Radhu brava e ela começou a maltratar a Mãe. Ela dizia: “Que você morra e eu acenda sua pira funerária!”. Ficamos muito sentidos ao ouvir aquilo. A Mãe estava seriamente enferma e Radhu a maltratava daquela maneira naquele momento! E Radhu continuou gritando e falando absurdos. Tal conduta de sua parte tinha se tornado muito frequente. A Mãe, que tinha paciência ilimitada, aguentava tal comportamento em todas as situações, mas, desta vez, devido à doença prolongada, Ela também se

aborreceu e falou: “Você perceberá as consequências disso depois. Que triste situação você ficará depois de minha morte, você irá entender. Não sei quantos chutes e surras de vassoura te aguardam!”.

Com isso, Radhu ficou ainda mais irritada e abusiva. Depois de um tempo, Sarala chegou e deu comida à criança. A experiência daquele dia lança uma tristeza em minha mente. A Mãe me pediu para que massageasse seus pés.

Logo em seguida, Rashbehari Maharaj entrou no quarto e começou a ajeitar o mosquiteiro. Então, levantei para ir embora e a Mãe disse despedindo-se: “Venha”. Este foi o último comando e a última palavra que ouvi dela.

Eu precisava voltar para minha casa em Kalighat. Depois, por vários dias, não consegui ir visitá-la por conta de muitos enfermos em minha casa e outras dificuldades. Eu costumava ter informações assíduas sobre sua saúde e soube que Ela estava indo embora dia após dia. Assim que consegui, fui vê-la, meu coração repleto com o medo de que estávamos para perder nossa mais preciosa posse na vida muito em breve. Eu estava, no entanto, ainda esperando contra a esperança.

O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi

SEÇÃO 1

SEGUNDA SÉRIE

Registrado por Swami Arupananda

Jayrambati

1º de fevereiro, 1907 - 8h30

Tio Varada disse para mim: “A Mãe mandou para você”.

Entrei na casa e encontrei a Santa Mãe parada de pé na porta de seu quarto esperando por mim. Enquanto eu a saudava, Ela perguntou: “De onde você vem?”. Eu disse o nome do distrito de minha vila natal.

Mãe: Suponho que você esteja lendo os ensinamentos do Mestre.

Eu não respondi. Ela falava comigo como se nos conhecêssemos há muito tempo. Ainda me lembro de seu olhar terno e amoroso.

Mãe: Você pertence à casta Kayastha?

Discípulo: Sim.

Mãe: Quantos irmãos você tem?

Discípulo: Quatro.

Mãe: Sente-se e tome algum refresco.

Com essas palavras, a Mãe abriu um pequeno tapete no chão da varanda e me deu alguns luchis e doces que tinham sido oferecidos no altar na noite anterior.

Contei à Mãe que tinha chegado andando de Tarakeswar no dia anterior e que tinha passado a noite no vilarejo de Deshra, ao noroeste de Jayrambati, na casa de um homem que tinha conhecido na estação de Haripal. A Mãe ouviu tudo e disse, depois de eu ter terminado minha bebida: “Não tome banho agora, você andou muito”. Depois, me deu uma folha de bétele para mastigar.

Ela veio me ver novamente depois da adoração do meio-dia. Depois que terminaram as oferendas, Ela primeiro de tudo me serviu comida. Ela serviu com suas próprias mãos em um prato de folha na sacada de seu quarto. “Coma bem e lembre-se, não fique tímido!”, Ela disse para mim enquanto eu saboreava a refeição. Depois, me deu uma folha de bétele.

Fui novamente à Santa Mãe por volta das três, quatro horas da tarde e a encontrei fazendo massa para pão. Ela estava sentada no chão, olhando ao leste, suas pernas esticadas em sua frente. O forno estava perto. Olhando para mim, Ela disse: “O que você quer?”.

Discípulo: Quero conversar com você.

Mãe: Sobre o que quer conversar? Sente-se aqui.

Discípulo: Mãe, as pessoas dizem que nosso Mestre é o Deus Eterno e Absoluto. O que você diz?

Mãe: Sim, Ele é o Deus Eterno e Absoluto para mim.

Como Ela disse “para mim”, eu continuei: “É verdade que para toda mulher o marido é o Deus Eterno e Absoluto. Não estou perguntando neste sentido”.

Mãe: Sim, Ele é o Deus Eterno e Absoluto para mim como meu marido e também de maneira geral.

Então, pensei que se Sri Ramakrishna é o Deus Eterno, então Ela, a Santa Mãe, deveria ser o Poder Divino, a Mãe do Universo. Ela deve ser idêntica à consorte Divina Dele. Ela e Ele são como Sita e Rama, Radha e Krishna. Eu vim à Santa Mãe nutrindo essa fé em meu coração. Perguntei para Ela: “Se este é o caso, por que eu a vejo preparando pão como uma mulher comum? É Maya, suponho eu, não é?”.

Mãe: É Maya, de fato! Do contrário, por que eu deveria estar em tal estado? Porém, Deus adora se apresentar em forma humana. Sri Krishna nasceu como um vaqueirinho e Rama como filho de Dasaratha.

Discípulo: Você consegue lembrar de sua natureza verdadeira?

Mãe: Sim, me lembro de vez em quando. E quando acontece, digo para mim mesma: “O que é isso que estou fazendo? Sobre o que é isso tudo afinal?”. Depois, lembro de casa, das construções e das crianças, e esqueço do meu Eu verdadeiro.

Eu costumava visitar a Mãe em seu quarto quase diariamente. Ela deitava na cama e conversava comigo, com Radhu adormecida ao seu lado. Uma lamparina a óleo dava uma luz fraca ao quarto. Em alguns dias, uma empregada massageava seus pés com óleo medicinal para reumatismo.

“Assim que o pensamento de um discípulo vem à minha mente e quero vê-lo, ele ou vem aqui ou escreve uma carta para mim. Você

deve ter vindo para cá impelido por algum sentimento. Talvez você tenha em sua mente o pensamento da Mãe Divina do Universo", disse Ela.

Discípulo: Você é a Mãe, afinal?

Mãe: Sim.

Discípulo: Mesmo dos pássaros e animais?

Mãe: Sim, deles também.

Discípulo: Então por que eles sofrem tanto?

Mãe: Neste nascimento, eles devem ter tais experiências.

Numa noite, tive a seguinte conversa com a Santa Mãe em seu quarto.

Mãe: Todos vocês vêm a mim porque são meus.

Discípulo: Eu sou "seu"?

Mãe: Sim, "meu". Tem alguma dúvida sobre isso? Se uma pessoa é o "meu" de outra pessoa, elas permanecem inseparavelmente conectadas nesses sucessivos ciclos do tempo.

Discípulo: Todos se dirigem a você como "apani" (significa você em linguagem formal), mas eu não consigo fazer isso. A palavra "tumi" (significa você em linguagem informal) surge espontânea e naturalmente.

Mãe: Isso é muito bom, de verdade. Denota uma relação íntima.

Durante nossa conversa, disse à Ela: “Você deve ter adquirido as responsabilidades daqueles a quem iniciou com o mantra sagrado. Então, por que diz quando pedimos para que você preencha algum desejo: ‘Vou falar com o Mestre sobre isso’?”. Eu ainda não tinha sentido o ímpeto de ser iniciado, por isso a pergunta.

Mãe: Eu tomei, sim, as suas responsabilidades.

Discípulo: Por favor, me abençoe, Ó Mãe, para que eu tenha pureza na mente e apego a Deus. Mãe, eu tinha um amigo na escola e eu ficaria feliz se pudesse dar a Sri Ramakrishna um quarto do amor que eu tinha por esse amigo.

Mãe: Nossa! É verdade. Bom, falarei com o Mestre sobre isso.

Discípulo: Por que você só diz isso, que irá falar com o Mestre? Você é diferente dele? Meu desejo será certamente preenchido se for abençoado apenas por você.

Mãe: Filho, se você pode obter conhecimento perfeito através da minha bênção, então, eu o abençoou com todo meu coração e alma. É possível para o homem se libertar sem danos das garras de Maya? Foi por isso que o Mestre praticou austeridades espirituais ao nível máximo, cujo resultado foi a redenção da humanidade.

Discípulo: Como pode alguém amar Sri Ramakrishna sem vê-lo?

Mãe: Sim, isso é verdade. Dá para ter uma relação com um mero ser de ar?!

Discípulo: Quando terei a visão do Mestre?

Mãe: Com certeza você o verá. Você verá o Mestre no momento certo.

Um dia, a Mãe deitou na cama enquanto Kamini, a empregada, massageava seus joelhos com óleo para reumatismo. A Mãe disse para mim: “O corpo é uma coisa e a alma outra. A alma permeia o corpo inteiro, por isso tenho sentido tantas dores na perna. Se eu retirasse minha mente do joelho, não sentiria dor”.

Falando sobre iniciação com o mantra, eu disse para Ela: “Mãe, qual a necessidade de receber um mantra de um professor? Suponha que alguém não repita o mantra que recebeu, mas repita simplesmente ‘Mãe Kali, Mãe Kali’?”.

Mãe: O mantra purifica o corpo. O homem se torna puro ao repetir o Mantra de Deus. Ouça essa história. Um dia, Narada foi para Vaikuntha para ver o Senhor e ter uma longa conversa com Ele. Narada não tinha, ainda, sido iniciado. Depois de Narada sair do local, o Senhor disse à Lakshmi: “Purifique o local com esterco de vaca”, “Por que, Senhor?”, perguntou ela. “Narada é um grande devoto. Por que diz isso, então?”, ela indagou. O Senhor disse: “Narada ainda não recebeu iniciação. O corpo não pode ser puro sem iniciação”.

Deve-se aceitar o mantra de um Guru pelo menos para purificação do corpo. Os vaishnavas, após iniciarem um discípulo, dizem: “Agora, tudo depende de sua mente”. É dito: “O professor humano sopra o mantra no ouvido, mas Deus ‘sopra o espírito para dentro da alma’”. Tudo depende da mente. Nada pode ser alcançado sem pureza da mente. É falado: “O aspirante pode ter recebido a graça do Guru, do Senhor e dos vaishnavas, mas ele se entristece sem a graça do ‘um’”. Aquele um é a mente. A mente do aspirante deve ser agradável para ele.

Falando sobre sua mãe, a Santa Mãe disse: “Minha mãe costumava adorar quando qualquer um dos devotos vinha à nossa casa. Ela exclamava: ‘Ah! Meus netos chegaram!’. Ela cuidava

deles com muita atenção. Ela cuidava desta família de devotos como sua própria carne e sangue”.

Continuando, a Santa Mãe disse: “Quando o Mestre faleceu, eu também quis deixar o corpo. Ele apareceu diante de mim e disse: ‘Não, você deve permanecer aqui. Tem muita coisa a ser feita’. Eu mesma percebi isso um tempo depois, Eu tinha tantas coisas para fazer. O Mestre costumava dizer: ‘As pessoas de Calcutá vivem como vermes se contorcendo no escuro. Você as guiará’. Ele disse que iria viver trezentos anos no corpo sutil, no coração dos devotos. Ele também dizia que teria muitos devotos dentre os povos brancos”.

“Depois do falecimento do Mestre, primeiramente fiquei muito assustada porque eu usava um sari com borda vermelha estreita e pulseiras de ouro nos punhos, o que me deixava com medo do criticismo das pessoas. Na época, eu estava em Kamarpukur. Sri Ramakrishna começou a aparecer com frequência para mim. Depois, consegui me livrar daquele medo. Um dia, o Mestre apareceu e pediu para alimentá-lo com kichuri. Eu preparei o prato e o ofereci diante de Raghuvir no templo. Depois, alimentei o Mestre mentalmente.”

“Harish estava ficando em Kamarpukur alguns dias. Um dia, quando estava entrando em casa depois de ir visitar um vizinho, ele começou a correr atrás de mim. Ele estava em um estado mental anormal. Tinha perdido os sentidos por conta da esposa. Não tinha mais ninguém na casa. Eu não sabia para onde ir e corri rápido para atrás do celeiro. No entanto, ele não me deixava. Eu corri e corri em volta do celeiro sete vezes até ficar exausta. Então, meu verdadeiro Eu apareceu. Eu o joguei no chão, coloquei o joelho em seu peito, peguei sua língua e bati forte em seu rosto até que meus dedos ficaram vermelhos. Ele ficou meio sufocado.”

A conversa voltou-se para Yogen Maharaj (Swami Yogananda).

Mãe: Ninguém me amava como meu Yogen. Se qualquer um desse dinheiro para ele, ele guardava dizendo: “Isso será útil para a Mãe quando Ela sair em peregrinação”. Ele estava sempre por perto. Os outros monges às vezes o provocavam por ficar muito nessa casa cheia de mulheres. Ele me pedia para chamá-lo de Yoga. Antes de morrer, ele disse: “Brahma, Vishnu, Shiva e Sri Ramakrishna, todos eles chegaram, Mãe, para me levar”.

Sobre si mesma, Ela disse: “Balaram Babu costumava se referir a mim como ‘grande asceta, a personificação da paciência’. Pode ser chamado de homem aquele que não tem compaixão? Ele é uma fera, por certo. Às vezes, esqueço de mim mesma na compaixão. Não lembro quem sou”.

Finalmente, a Santa Mãe disse para mim: “Me sinto muito livre com você. Venha me ver em Calcutá e fique comigo”.

Naquela época, eu morava com minha família, embora alimentasse um intenso desejo de abraçar a vida monástica. Eu disse para mim mesmo: “Talvez, no futuro será possível, através de sua graça, que eu seja um monge e viva perto dela”.

Quando eu estava em Jayrambati, a mãe de Radhu, Surabala, estava perturbada mentalmente. Ela tinha levado para a casa de seu pai todas as joias de Radhu. Aproveitando-se de sua condição insana, o pai escondeu todas as joias. Isso a deixou ainda pior. No retorno para Jayrambati, a mãe de Radhu chorava no templo de Simhavahini, rezando pelas joias. Era de noite. Eu estava conversando com a Santa Mãe em seu quarto quando, de repente, Ela disse para mim: “Filho, preciso ir agora. Aquela minha cunhada louca não tem mais ninguém para recorrer que não seja eu. Ela está chorando diante da Deidade pelas joias”. Com essas palavras, Ela saiu do quarto. Porém, eu não ouvia qualquer choro e nem era possível ouvir de tal distância, ainda assim, Ela tinha reconhecido a

voz. Ela voltou com a mãe de Radhu. Ela disse para a Santa Mãe: “Ó, cunhada, você guardou minhas joias. Você me privou delas”. A Mãe disse: “Se essas joias pertencessem a mim, eu as teria jogado fora como se fossem a sujeira de um corvo”. Falando sobre a mãe de Radhu, Ela disse para mim rindo: “Girish dizia que ela era minha companheira maluca”.

A princípio, eu hesitava em chamar a Santa Mãe de “Mãe”. Minha própria mãe havia falecido quando eu ainda era criança. Uma manhã, a Santa Mãe me pediu para sair para encontrar uma pessoa. Assim que eu estava para sair, Ela disse: “O que você dirá para ele?”. Eu disse: “Por que? Eu direi a ele que você me pediu para falar para ele, etc.”. “Não, filho”, disse Ela, “diga para ele: ‘A Mãe pediu para que eu falasse para você’”. Ela enfatizou a palavra mãe.

Uma manhã, eu estava lendo em voz alta para a Mãe e alguns devotos na sacada de seu quarto. Eu lia sobre a vida de Sri Ramakrishna de um livro chamado *Ramakrishna Punthi*, escrito em verso. No capítulo sobre seu casamento com Sri Ramakrishna, o autor a elogiou muito e a chamou de “Mãe do Universo”. Enquanto lia essa passagem, a Mãe saiu da sacada. Um minuto antes, eu tinha lido para Ela algumas páginas da revista *Udbodhan*, em que tinha sido publicado um pedaço do *Kathamrita* de M.. Ninguém mais estava presente naquele momento. Eu estava lendo a seguinte passagem:

Girish: Eu tenho um desejo.

Mestre: O que é?

Girish: Eu quero o amor de Deus pelo amor em si.

Mestre: Este tipo de amor é possível apenas para os Isvarakotis. Homens comuns não conseguem atingir isso.

Eu perguntei à Mãe: “O que o Mestre quis dizer com isso?”.

Mãe: Os Isvarakotis têm todos os seus desejos preenchidos em Deus (purna-kama). Por isso, eles não possuem qualquer desejo mundano. O amor pelo próprio amor divino não é possível enquanto houver desejo.

Discípulo: Mãe, seus próprios irmãos estão no mesmo nível que esses Isvarakotis?

Pensei que por serem irmãos dela, eles deviam ter a mesma capacidade espiritual que os discípulos de Sri Ramakrishna. A isso, a Mãe olhou com desdém e falou: “Que comparação! O que se pode atingir apenas por ser meu irmão?! Para ser discípulo íntimo do Mestre é algo muito diferente!”.

Uma manhã, a Mãe estava ajudando a descascar arroz. Era quase como seu trabalho diário. Eu perguntei à Ela: “Mãe, por que você trabalha tanto?”. “Meu filho, eu já fiz muito mais que o necessário para fazer de minha vida um exemplo”.

Uma noite, todos estavam dormindo na casa da Santa Mãe quando o marido de Nalini, uma sobrinha dela, chegou sem avisar em um carro de boi para levar Nalini para sua casa. Ela tinha acabado de voltar da casa do marido e não queria ir novamente. Ao ouvir sobre as intenções do marido, Nalini fechou a porta de seu quarto e ameaçou se suicidar se ele a forçasse a voltar. A Santa Mãe assegurou que ela não teria que voltar com ele e abriu a porta. Houve confusão na família a noite toda, e a Santa Mãe passou a noite na sacada do quarto de Nalini. Ela apagou a lamparina de madrugada e repetia para si mesma “Ganga, Gita, Gayatri, Bhagavata, Bhakta, Bhagavan, Sri Ramakrishna, Sri Ramakrishna!”.

Um dia, a Santa Mãe me enviou junto a um antigo empregado da família para persuadir o pai de Pagli (a cunhada louca) a, ou vir para Jayrambati, ou devolver as joias que ele havia tirado da filha. Após muita persuasão, ele nos acompanhou, mas não trouxe as joias. A Mãe implorou para que ele devolvesse e assim libertasse Pagli de sua agonia mental, mas o ganancioso Brâmane fingiu-se de surdo ao pedido dela.

Eu pretendia voltar para casa no dia anterior ao Shivaratri porque queria participar da celebração de aniversário de Sri Ramakrishna em Belur Math, que aconteceu dois dias antes do Shivaratri. Eu falei para a Mãe sobre isso. Ela me disse para ir para Kamarpukur antes. Saí de casa com muita vontade de ver a Santa Mãe sozinha e, em minha ânsia, havia esquecido de levar o guarda-chuva ou uma roupa a mais. Com o pedido da Mãe, concordei em visitar o local de nascimento do Mestre. Ela me deu um manto limpo para vestir e pediu para que eu levasse comigo.

Mãe: Você tem dinheiro? Vai precisar alugar uma carruagem. Pegue um pouco de dinheiro comigo.

Discípulo: Eu tenho dinheiro. Não preciso pegar do seu.

Mãe: Escreva para mim quando chegar em casa. Ah, não pude alimentar meu filho adequadamente. Não consegui preparar nada bom para ele. Foi porque desta vez houve uma grande confusão na família por conta de Nalini e Pagli.

Eu me prostrei diante dela e saí com lágrimas nos olhos. A Santa Mãe nos acompanhou um pouco e depois ficou assistindo até perder-nos de vista. Eu não podia parar de chorar por devoção à Ela até chegar em Kamarpukur.

Após chegar em Kamarpukur, me mostraram o quarto onde a Santa Mãe vivia. Lá, eu vi a foto da Mãe, o que me deixou ainda

mais ansioso para vê-la novamente. No dia seguinte, M. e Prabodh Babu foram para Jayrambati via Kamarpukur, parando na casa de Prabodh por algumas horas. De noite, Lalit Babu, um discípulo da Mãe, chegou vestido com um turbante, calças e uma toga comprida. Ele estava indo para Jayrambati. Como seria difícil para eu ir de Kamarpukur para Calcutá sozinho, algum devoto sugeriu que eu deveria visitar novamente Jayrambati e ir para Calcutá na companhia de Lalit Babu. Assim, fui com ele para Jayrambati mais uma vez e disse para a Mãe: “Estou aqui de novo”. A Mãe estava muito feliz e disse: “Isso é ótimo. Você pode ir para Calcutá com Lalit”.

Depois que o Shivaratri terminou, os devotos sentaram para comer. Eles foram servidos de Prasada em pratos de folhas. Eu perguntei a eles o que era. Eles disseram que era a Prasada da Santa Mãe. Eu também compartilhei dela. Mais tarde, eu disse para a Mãe: “Todos desfrutaram da Prasada. Mas você nunca a ofereceu para mim”. “Filho”, disse Ela, “você nunca pediu. Como eu poderia adivinhar?”. Que grande humildade!

No dia seguinte, Lalit Babu foi enviado em um palanquim para pegar as joias de Radhu com o avô dela. Lalit era oficial do governo e carregava uma carta com ele supostamente escrita por um alto chefe da polícia de Calcutá. A Mãe pediu para M. acompanhar Lalit Babu para que Lalit, um jovem moço, não usasse linguagem ofensiva quando falasse com o velho Brâmane. No entanto, ele foi bem sucedido em trazer também o avô junto com as joias para Jayrambati de tarde. Por volta das duas horas da manhã, ouvimos que a Mãe estava tendo uma noite de insônia. Ela estava se sentindo nervosa. M. e eu entramos no quarto. Enquanto todos procuravam por algum remédio, perguntei à Mãe a causa de sua aflição. Ela disse: “Depois que eles saíram para buscar as joias, fiquei preocupada e temi que pudessem insultar o velho Brâmane. Isso me deixou nervosa”. Fiquei maravilhado de ver a

compaixão da Mãe pelo Brâmane que era a causa de todos esses problemas.

Na tarde seguinte, eu saí junto ao grupo para Calcutá. A Mãe tinha falado para Lalit Babu sobre mim: “Ele é muito devotado a Deus. Por favor, leve-o com você”. Todos nós nos prostramos diante dela. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela chorava enquanto nos acompanhava até o portão de fora da casa. Em Vishnupur, em nosso caminho para Calcutá, M., Prabodh Babu e outros visitaram o santuário de Mrinmayi, um aspecto da Mãe Divina. Lalit Babu e eu fomos diretamente para a estação e pegamos um trem. M. enviou Prabodh para pedir que fôssemos visitar o santuário também, mas não nos importávamos de ver Mrinmayi (literalmente: feita de terra) porque tínhamos visto Chinmayi (literalmente: Deusa viva). Cheguei a Belur Math e, depois de presenciar o festival de aniversário de Sri Ramakrishna, voltei para casa.

Escritório de Udbodhan, Calcutá - 1907

No inverno seguinte, fui para Calcutá para prestar meus respeitos à Santa Mãe. No primeiro dia que fui vê-la, Ela ainda estava ficando na casa de Balaram Bose, mas já na segunda visita, tinha mudado para a nova casa construída para Ela em Calcutá - o escritório de Udbodhan. Ao entrar na casa, vi o Dr. Kanjilal lendo um jornal. Em resposta à minha pergunta, ele disse: “A Mãe teve um ataque de varíola. Ela ainda não está recuperada. Você poderá vê-la em duas semanas”. Eu não estava ciente de sua doença. Swami Saradananda falou para mim: “Venha amanhã, você poderá vê-la. E também faça sua refeição aqui”. Quando fui no dia seguinte, a Mãe me mostrou as marcas da varíola. A maioria já tinha desaparecido. Por suas bênçãos e pela organização do Swami Saradananda, eu fiquei em Belur Math. Ao ser informada sobre isso, a Mãe comentou: “Isso é bom. Ele (eu) se tornou uma vítima da influência da vida monástica. More em Belur Math. Que você possa obter amor pelo Mestre! Você tem minhas bênçãos”.

Eu costumava levar leite de Belur Math para a Mãe de vez em quando. Isso também me dava a oportunidade de ir prestar reverências à Ela. Um dia, ao entrar em sua casa com o leite, eu a vi preparando rolinhos de bétele junto com Nalini, uma sobrinha. A Mãe chamou a atenção dela: “Não vá embora. Ele é meu filho. Continue sentada”. Durante a conversa, Ela falava sobre os parentes do marido de Maku (Maku era outra sobrinha) e disse: “Preciso tomar um cuidado especial deles, do contrário, eles se ofendem. Mas vocês são meus filhos. Ficam satisfeitos com o que quer que eu possa fazer por vocês. Vocês não ligam se nem sempre posso dar atenção. Mas aquele pessoal se sente muito ofendido se não dou o melhor de tudo para eles, ou se falho minimamente em qualquer coisa ao servi-los”. Depois de um pouco, perguntei à Ela: “Mãe, como se obtém pureza da mente e desejo por Deus?”.

Mãe: Oh! Com certeza você chegará neles. Quando tiver tomado refúgio no Mestre, você alcançará tudo. Reze a Ele sinceramente.

Discípulo: Não consigo fazer isso. Por favor, reze por mim.

Mãe: Eu sempre rezo para que Sri Ramakrishna torne sua mente pura e sagrada.

Discípulo: Sim, Mãe, eu terei tudo, mas só se você rezar por mim.

Depois de alguns meses, fui enviado para Ghatal, não muito longe de Jayrambati, para ajudar no serviço de auxílio às pessoas acometidas pelas inundações daquele local. Eu me ausentei por três dias e visitei a Santa Mãe em Jayrambati na ocasião do Jagaddhatri Puja. Atul estava comigo. Essa era a primeira visita dele à Mãe. Fomos para Jayrambati via Kamarpukur, e assim que chegamos a sua casa, Ashu Maharaj, um dos atendentes da Mãe, disse: “Que bom que vieram. A Mãe tem estado triste porque não

tem visto os devotos faz algum tempo”. A Mãe pediu para que ficássemos para comer e nos alimentou suntuosamente. Bem cedo na manhã seguinte, tínhamos que voltar para o serviço. Enquanto nos despedíamos da Mãe, eu disse para Ela: “Eu virei de novo”.

Jayrambati, 16 de dezembro, 1909

Após terminar o serviço em Ghatal, eu também voltei para Jayrambati. Ao chegar à casa da Santa Mãe naquela noite, eu a encontrei sentada na sacada colocando remédio na perna. Ela estava com dores devido ao reumatismo nos joelhos.

Discípulo: Que remédio é esse?

Mãe: Alguém sugeriu essa planta. Você passou fome o dia todo?

Discípulo: Não, mas não comi nada no caminho.

Mãe: Por que não comprou algo? Tem lojas no caminho.

Eu tinha apenas uma rúpia, que estava guardando para quando voltasse para Belur Math. No entanto, não falei isso para Ela. Ela me serviu com comida quente, que comi com vontade. A Mãe disse para mim: “O Mestre terá muito de seu próprio trabalho feito através de você. Você foi para Ghatal distribuir itens para um grande número de pessoas necessitadas. Quando o trabalho terminar, no momento certo, o Mestre irá juntar seus filhos novamente em seu peito”.

Discípulo: Mãe, por que eu não o vejo?

Mãe: Você o verá, filho, você o verá no momento certo. Lalit (um discípulo da Mãe) nunca perguntaria: “Por que não posso vê-lo?”. Ele acredita fielmente que, já que o Mestre é seu querido, mais cedo ou mais tarde, ele o verá.

Discípulo: Mãe, por favor, cuide de meu bem-estar. Por favor, me abençoe para que eu desenvolva devoção pura.

Mãe: Sim, querido filho, você será dotado de devoção pura.

Ela me deu uma coberta e pediu para que eu usasse de noite. Eu perguntei de quem era a coberta e Ela respondeu: “É minha. Eu mesmo a uso”.

18 de dezembro, 1909

A Mãe estava preparando rolinhos de bétele na varanda de seu quarto. Eram quase nove da manhã. Eu estava comendo arroz tufado. Eu disse para Ela: “Mãe, por favor, não me mantenha desta vez por muito tempo”.

Mãe: Se você não quiser ficar, pode vir comigo. Quando o momento chegar (a morte), todos terão que ir.

Discípulo: Lembre-se de sua promessa, Mãe.

Mãe: Eu já falei, eu virei e levarei você comigo.

Discípulo: Por favor, me leve com você desta vez. Da próxima vez, eu acompanharei o Mestre quando Ele vier.

A Mãe riu e disse: “Bom, eu não voltarei de novo”.

Discípulo: Se você decidir vir ou não, eu com certeza voltarei para este mundo. Eu tenho um desejo por isso.

Mãe: Muito provavelmente você não vai querer voltar quando chegar o momento. O que tem neste mundo, filho? Diga pelo menos uma coisa que valha a pena! É por isso que Sri

Ramakrishna ficava satisfeito com os pratos mais comuns. Toda vez que eu oferecia sandesh (um tipo de doce), Ele dizia: “O que tem de tão especial nisso? É o mesmo que um pedaço de barro”.

Discípulo: Por que cita o exemplo de Sri Ramakrishna? Ele está além da comparação.

Mãe: Exatamente por isso. Será que terá alguém como Ele novamente?

Neste momento, o Tio Varada chegou para ler as cartas para Ela. Uma das cartas era de meu irmão, pedindo à Mãe que me persuadisse a voltar para casa. Embora curta, a carta foi escrita em um estilo bom e continha um lindo sentimentalismo. A Mãe disse: “Ah, que linda carta!”. Depois, Ela disse direcionada a mim: “Por que não volta para casa? Viva no mundo, ganhe dinheiro e construa uma família”. Ela estava me testando. “Mas, Mãe”, disse eu, “por favor, não diga isso”.

Mãe: Tantas pessoas vivem no mundo. Se você não se sente inclinado, não precisa fazer.

Eu comecei a chorar. A Mãe disse com grande carinho: “Meu filho, por favor não chore. Você é um Deus vivo. Quem pode renunciar a tudo em nome Dele? Mesmo as injunções do destino são canceladas quando toma-se refúgio em Deus. O destino apaga com a própria mão o que havia escrito sobre uma pessoa. O que um homem se torna se ele realizar Deus? Ele ganha dois chifres? Não. O que acontece é que ele desenvolve a diferenciação entre o real e o irreal, obtém iluminação espiritual e vai além da vida e da morte. Deus é realizado em espírito. Como mais poderia Deus ser visto? Deus já conversou com alguém que não tenha o fervor extático? Vê-se Deus na visão espiritual, conversa-se com Ele e estabelece-se uma relação com Ele em Espírito”.

Discípulo: Não, Mãe. Tem algo além disso. Tem-se a visão direta do Atman.

Mãe: Isso apenas Naren (Swami Vivekananda) tinha. O Mestre guardou para si a chave da liberação de Naren. O que é a vida espiritual além de rezar ao Mestre, repetir seu nome e contemplá-lo? (Com um sorriso) E o Mestre? O que tem para Ele, afinal? Ele é eternamente nosso!

Discípulo: Apenas Sri Ramakrishna é nosso!

Mãe: Devo repetir? (Com firmeza) Você com certeza o realizará. Com certeza.

Esta foto foi tirada por Brahmacharin Ganendranath em Udbodhan, no ano bengali de 1316, 1909 d.C., enquanto a Mãe fazia adoração no santuário.

19 de dezembro, 1909

Eu estava conversando com a Mãe em seu quarto. Ela estava deitada na cama. A conversa convergiu para a Vedanta. Eu disse para Ela: “Nada existe no mundo que não seja nome e forma. Não pode ser provado que a matéria existe. Assim, a conclusão é de que Deus e similares não existem”.

Minha ideia era que o Mestre e a Santa Mãe também fossem ilusórios. Ela prontamente entendeu meu pensamento e disse: “Narendra uma vez disse para mim: ‘O conhecimento que despreza os pés de lótus do Guru não é nada além de ignorância. Qual a validade do conhecimento se ele prova que o Guru não é nada? Deixe para lá essa discussão vazia, essa confusão de filosofias. Quem é capaz de conhecer Deus pela razão? Mesmo Shiva e sábios como Shuka e Vyasa são como formigas grandes, no máximo’”.

Discípulo: Eu quero saber. Eu entendo um pouco também. Como alguém pode parar com a razão?

Mãe: A razão não desaparece até que se atinja o conhecimento perfeito.

Perguntei para Ela sobre japa e outras práticas espirituais. A Mãe disse: “Por essas disciplinas espirituais, os nós do karma passado são cortados. Porém, a realização de Deus não pode ser atingida sem amor extático (Prema Bhakti) por Ele. Você sabe o significado de japa e das outras práticas? Com elas, o domínio dos órgãos dos sentidos fica subjugado”.

Falando sobre Lalit Chatterjee, que estava seriamente enfermo, a Mãe disse: “Lalit costumava dar muita ajuda financeira. Ele me levava de carruagem. Ele doa muito para o serviço divino nos santuários de Dakshineswar e Kamarpukur. Meu Lalit tem um

coração que vale um milhão de rúpias! Tem muita gente que é pobre apesar da riqueza. Os ricos devem servir a Deus e aos Seus devotos com o dinheiro, e os pobres devem adorar a Deus repetindo Seu nome".

Sobre o amor extático, a Mãe disse: "Os vaqueirinhos de Vrindavana tinham Sri Krishna como sendo deles através de japa ou meditação? Eles realizaram Krishna através do amor extático. Eles costumavam dizer a Ele, como se fossem um amigo íntimo: 'Venha aqui, Ó Krishna! Coma isso! Coma aquilo!'".

Discípulo: Como pode alguém desejar Deus sem ver a manifestação de Seu amor?

Mãe: Sim, isso é possível. Aí reside a graça de Deus.

31 de dezembro, 1909

Eram quase nove horas da manhã. A Mãe estava preparando rolinhos de bétele quando cheguei para vê-la. Começamos a conversar.

Discípulo: Mãe, eu tenho visto e ouvido muito, ainda assim, não consigo te reconhecer como "minha própria mãe".

Mãe: Se você não pensa em mim como "sua", por que então você vem tanto aqui? Você conhecerá "sua própria" mãe quando o momento for apropriado.

Depois de um pouco, eu disse, referindo-me aos meus pais e irmãos: "Meus pais me criaram. Não sei onde eles estão agora (após a morte) ou como vivem. Por favor, dê suas bênçãos para que meus irmãos possam ter boas tendências".

Mãe: A maioria das pessoas sequer quer Deus. Tem tantas pessoas nessa família, mas todas querem Deus?

Depois de alguns minutos, Ela falou: “Não se case. Não entre para a vida do mundo. O que teria a temer se fosse um celibatário? Em qualquer lugar que estiver, você será livre”.

Discípulo: Mas, Mãe, eu tenho medo.

Mãe: Não, não tenha medo. Tudo depende da vontade do Mestre.

Discípulo: A mente é tudo. Se ela estiver em um estado puro, não importa onde eu viva. Conceda, Mãe, que minha mente sempre permaneça pura.

Mãe: Que assim seja.

2 de janeiro, 1910

Era o aniversário da Santa Mãe. Uns dias antes, Prabodh Babu tinha vindo para Jayrambati e dado cinco rúpias para os irmãos da Santa Mãe para uma adoração especial no aniversário dela. A Mãe disse para eles: “Vocês não precisam fazer nada especial hoje. Vou usar um novo manto, o Mestre será adorado com uma oferenda de doces e eu comerei disso depois. Será isso para esta ocasião”.

Depois da adoração no santuário, a Santa Mãe sentou no sofá com os pés para fora. Ela tinha colocado um novo manto. Prabodh Babu ofereceu algumas flores aos pés dela. Eu estava na sacada perto da porta. A Mãe disse para mim: “O que? Você não vai oferecer flores? Aqui tem algumas, pegue-as”. Então, eu também ofereci flores aos pés Dela. Fizemos uma deliciosa refeição ao meio-dia, e depois Prabodh Babu foi embora para Calcutá. Como eu estava indisposto, continuei em Jayrambati.

5 de janeiro, 1910

Durante uma conversa, a Mãe disse: “Você sabe dizer se alguém conseguiria amarrar Deus? A Mãe Yasoda conseguiu e também os vaqueirinhos e vaqueirinhas de Vrindavana conseguiram porque Ele mesmo deixava-os fazer isso”.

“Enquanto o homem tiver desejos, não há fim para sua transmigração. É apenas pelos desejos que ele adquire um corpo após o outro. Haverá nascimento para alguém mesmo que ele tenha desejo de comer apenas um doce. É por este motivo que uma variedade de comida é levada para Belur Math. O desejo pode ser comparado a uma minúscula semente, que não é mais do que um pontinho. O renascimento é inevitável enquanto houver desejo. É como retirar a espuma de um travesseiro para colocar em outro. Apenas um ou dois dentre inúmeros poderá ficar livre dos desejos. Embora obtenha-se um novo corpo por conta dos desejos, ainda assim não se perde completamente a consciência espiritual de possuir méritos de nascimentos anteriores.”

“Um sacerdote no templo de Govinda, em Vrindavana, costumava alimentar sua companheira com as oferendas de comida da Divindade. Como resultado deste pecado, ele adquiriu o corpo de um fantasma depois da morte. Porém, ele tinha servido Deus no templo. Como resultado deste mérito, ele apareceu diante de todos com seu próprio corpo físico. Foi possível para ele fazer isso devido a suas boas ações passadas. Ele contou sobre a causa de seu nascimento inferior e disse depois: ‘Por favor, organizem um festival religioso com música para a redenção da minha alma deste estado. Isso me libertará’.”

Discípulo: É possível se libertar de tais estados com festivais religiosos e músicas?

Mãe: Sim, isso é o suficiente para os Vaishnavas. Eles não fazem cerimônias como Sraddha[7] e outras. Uma vez, visitei a imagem de Jagannath em Puri, na ocasião do Festival de Carruagens. Chorei de alegria ao ver tantas pessoas presenciando a imagem da deidade. “Ah”, eu disse para mim mesma, “que beleza. Todos serão salvos”. Mas depois percebi que não era assim. Apenas um ou dois, que eram absolutamente sem desejos, poderiam obter a liberação. Quando narrei o acontecido para Yogin-Ma, ela corroborou dizendo: “Sim, Mãe, apenas aqueles livres do desejo obtêm liberação (mukti)”.

***

Uma manhã, enquanto tomava café da manhã na varanda do quarto da Santa Mãe, perguntei para Ela: “Mãe, terei que ser iniciado em Sannyasa se for morar em Belur Math?”.

Mãe: Sim, filho.

Discípulo: Mãe, mas a vida monástica gera uma vaidade terrível.

Mãe: Sim, é verdade. Um monge pode se tornar muito vaidoso. Ele pode pensar: “Veja, aquele ali não me respeita. Ele não se curva perante mim e etc.”. (Apontando para o próprio manto) Deveria viver assim. (Querendo dizer possuir renúncia interna) Gaur Siromani iniciou a vida monástica na velhice, quando seus órgãos dos sentidos já estavam gastos. É possível, filho, livrar-se da vaidade - vaidade da beleza, vaidade da virtude, vaidade do conhecimento e vaidade de uma vida sagrada?

A Mãe me estimulou para me preparar para a vida de renúncia. “Vá para casa”, Ela disse, “e diga a seus irmãos de uma vez por todas: ‘Eu não vou aceitar nenhum emprego, não preciso ser escravo de

[7] Cerimônia em honra aos antepassados e pais falecidos.

ninguém. Eu não farei nada deste tipo. Vocês que fiquem felizes com suas vidas de chefes de família'".

A Mãe e eu estávamos conversando à noite.

Discípulo: Mãe, alguém consegue a realização espiritual a qualquer momento que a graça de Deus descer até ele. Por isso, não precisa esperar pelo momento certo.

Mãe: Isso é verdade, mas uma manga que amadurece fora da estação pode ser tão doce quanto aquela que amadurece no mês de jyeshtha (maio/junho), que é a estação correta? Os homens estão tentando colher os frutos fora da estação. Você vê, hoje em dia, pode-se ter mangas e jacas mesmo no mês de asvin (setembro/outubro), mas não são tão gostosas como as da estação correta. Isso também é verdadeiro para os esforços que levam à realização de Deus. Talvez você pratique japa e austeridades nesta vida, na próxima vida você pode intensificar isso e na vida seguinte avança ainda mais.

Falando sobre obter a realização repentinamente, a Mãe disse: "Deus tem a natureza de uma criança. Uma pessoa não pede por isso e, ainda assim, Ele dá, enquanto outra pessoa pede para Ele e Deus não dá. É tudo por Sua vontade".

***

Um outro dia, enquanto a Mãe estava sentada preparando rolinhos de bétele, eu disse para Ela: "No futuro, quantos irão praticar disciplinas espirituais e te adorar!". A Mãe disse com um sorriso: "O que quer dizer? Todos dirão: 'Ah, a Mãe tinha gota, Ela mancava assim!'".

Discípulo: Você pode dizer isso.

Mãe: É por isso que o Mestre costumava dizer quando estava deitado enfermo em Cossipore: “Aqueles que vieram a mim esperando ganhar algo terreno desapareceram dizendo: ‘Ah, Ele é uma Encarnação de Deus?! Como pode estar doente? Isso tudo é Maya’. Mas aqueles que são ‘meus’, estão sofrendo muito por me verem nesta miséria”.

Escritório de Udbodhan, Calcutá

No dia anterior à minha iniciação, eu disse para a Santa Mãe: “Mãe, quero ser iniciado”. A Mãe disse: “Você ainda não foi iniciado?”. Eu respondi que não. “Pensei que você já tinha sido”, Ela disse. Depois de me iniciar, Ela me abençoou dizendo: “Que seu corpo e mente se tornem puros ao repetir o nome de Deus!”.

Discípulo: Qual a necessidade de repetir o mantra com os dedos? Não é o suficiente fazer mentalmente?

Mãe: Deus deu os dedos para que eles sejam abençoados ao repetirem Seu nome junto.

25 de setembro, 1910

A Mãe ficou conversando comigo pela manhã.

Discípulo: Mãe, se existe um ser chamado Deus, por que há tanta miséria e sofrimento no mundo? Ele não vê? Ele não tem o poder de remover isso?

Mãe: A própria criação é cheia de tristeza e felicidade. Dá para experimentar a felicidade se não houver tristeza? Além disso, como é possível para todas as pessoas serem felizes? Sita uma vez disse a Rama: “Por que você não remove o sofrimento e a infelicidade de todos os sujeitos? Por favor, torne todos os habitantes de Seu reino felizes. Se você quiser, será muito fácil

para você fazer isso”. Rama disse: “Seria possível todas as pessoas serem felizes ao mesmo tempo?”. “Por que não?”, perguntou Sita, “por favor, use do tesouro real o suficiente para satisfazer as vontades de todos”. “Tudo bem”, disse Rama, “seu desejo será realizado”. Rama foi até Lakshmana e disse: “Vá e avise todos em meu império que o que quiserem, poderão pegar do tesouro real”. Assim, os habitantes do reino de Rama vieram ao palácio e contaram seus desejos. O tesouro real começou a esvaziar rapidamente. Quando todos passavam por dias alegres, através da Maya de Rama, o telhado do local em que Rama e Sita moravam começou a vazar. Trabalhadores tinham que ser enviados para arrumar o lugar. Mas onde estavam os trabalhadores? Não havia sequer um em todo o reino. Com a falta de pedreiros, carpinteiros e artesãos, todas as moradias e construções ficaram sem consertos e o trabalho estava suspenso. Os súditos de Rama informaram ao rei das dificuldades. Sem encontrar outra ajuda, Sita disse para Rama: “Não dá mais para aguentar o desconforto do telhado vazando. Por favor, volte as coisas como elas eram antes. Então, será possível encontrar um trabalhador. Agora percebo que não é possível para todas as pessoas serem felizes ao mesmo tempo”. “Farei isso”, disse Rama. Instantaneamente, tudo voltou a ser como era antes e os trabalhadores voltaram aos seus postos. Sita disse para Rama: “Senhor, a criação é Seu jogo divino!”. Ninguém sofrerá o tempo todo. Ninguém passa todos seus dias na Terra sofrendo. Cada ação traz seu próprio resultado, e as oportunidades aparecem de acordo com isso.

Discípulo: Tudo é devido ao karma, então?

Mãe: Se não fosse, o que mais seria?

Discípulo: De onde obtemos as tendências que nos levam a fazer ações boas e ruins? Você pode dizer que uma explicação para as tendências desta vida é que elas descendem das ações das vidas

passadas e são as tendências para as vidas futuras, mas onde fica o começo disso?

Mãe: Nada acontece sem o desejo de Deus. Nem mesmo uma folha de grama se move. Quando está em momentos favoráveis, o homem tem vontade de contemplar Deus, mas quando os momentos são desfavoráveis, ele se culpa pelos atos ruins. Tudo acontece no tempo de acordo com a vontade de Deus. É o próprio Deus que expressa Sua vontade através das ações dos homens. Naren (Swami Vivekananda) sozinho teria feito todas aquelas coisas? Ele conseguiu sucesso porque Deus trabalhou através dele. O Mestre já tem pré determinado o que vai fazer. Se alguém se rende totalmente aos seus pés, o Mestre verá que ali tem tudo pronto. Deve-se suportar tudo, porque tudo é determinado pelas ações (karmas). Nossas ações presentes podem contra-atacar o efeito de ações passadas.

Discípulo: Pode uma ação cancelar outra ação?

Mãe: Por que não? Se fizer uma boa ação, ela irá contra-atacar uma ação ruim que fez no passado. Os pecados do passado podem ser contra-atacados pela meditação, japa e pensamentos espirituais.

Ouvi falar sobre um garoto na rua Mirzapur que tinha sido possuído por fantasma. Alguns membros do escritório de Udbodhan tinham visitado o garoto ontem. Eu perguntei à Mãe: "Quanto tempo vivemos no corpo espiritual?”.

Mãe: Todas as pessoas, exceto as almas muito evoluídas, vivem no corpo espiritual por um ano. Depois disso, alimento e água são oferecidos em Gaya para que as almas falecidas se satisfaçam e também são feitos festivais religiosos. Assim, as almas dos falecidos são liberadas de seus corpos espirituais. Elas vão para outros planos de existência e experimentam prazer e dor e, ao

longo do tempo, nascem novamente em formas humanas de acordo com seus desejos. Alguns conseguem a salvação em outros planos. Porém, se uma pessoa tem alguma ação meritória como crédito nesta vida, ela não perde a consciência espiritual enquanto estiver do corpo espiritual.

Aqui, a Mãe falava sobre o espírito do sacerdote vaishnava do templo Govindaji, em Vrindavana.

Discípulo: É possível atingir um estado mais elevado se a cerimônia de Sraddha de alguém for feita em Gaya?

Mãe: Sim, isso acontece.

Discípulo: Então qual a necessidade de práticas espirituais?

Mãe: As almas falecidas, sem dúvida, atingem um estado mais elevado e moram lá por um tempo, mas depois nascem novamente neste mundo de acordo com seus desejos passados. Depois de nascerem em corpos humanos, algumas obtêm a salvação nesta vida, enquanto outras têm nascimentos inferiores para que colham os resultados de seu karma. Este mundo se move como uma roda. Quando livra-se completamente dos desejos, terá o último nascimento.

Discípulo: Você acaba de falar sobre as almas falecidas que atingem um estado divino. Elas chegam lá sozinhas ou alguém as leva?

Mãe: Não, elas vão sozinhas. O corpo sutil é como um corpo feito de ar.

Discípulo: O que acontece com alguém que não recebe a cerimônia de Sraddha em Gaya?

Mãe: Ele vive no corpo espiritual até que alguém de sorte nasça em sua família para fazer a cerimônia de Sraddha em Gaya ou outro tipo de ritual.

Discípulo: Ouvimos falar em fantasmas e assombrações. Eles são os atendentes de Shiva ou simplesmente espíritos? Ou são os espíritos de pessoas mortas?

Mãe: São os espíritos dos mortos. Os espíritos atendentes de Shiva pertencem a um grupo especial. Deve-se viver com muito cuidado. Cada ação produz um resultado. Não é bom ameaçar os outros ou usar palavras duras com os outros.

Discípulo: Mãe, uma árvore de margosa não produz mangas, nem a mangueira produz a fruta da margosa. Cada um colhe o resultado de seu próprio karma.

Mãe: Você está correto, filho. Ao longo do tempo, alguém pode nem mesmo sentir a existência de Deus. Depois de atingir a sabedoria (Jnana), a pessoa vê que deuses e Deidades são todos Maya. Tudo vem à existência com o tempo e também desaparece com o tempo.

***

Udbodhan, Salão de Oração

Era de manhã e conversávamos com a Santa Mãe.

Mãe: Depois que Sri Ramakrishna faleceu, enquanto estava sozinha em Kamarpukur, pensei comigo mesma: “Não tenho filhos. Não tem ninguém neste mundo que posso chamar de meu. O que irá acontecer comigo?”. Então, o Mestre apareceu para mim e disse: “Bom, você quer um filho. Eu te dei tantas joias de filhos. E,

com o tempo, você ouvirá muitos e muitos outros te chamando de Mãe”.

Enquanto ia para Vrindavana, vi o Mestre olhar para mim pela janela do vagão do trem e dizer: “Você tem o amuleto de ouro com você. Cuidado para não perder”.

Eu havia prendido o amuleto dele em meu braço. Eu costumava adorar o amuleto. Depois, eu o dei para Belur Math. Eles adoram o amuleto por lá.

Devoto: Esse amuleto, parece, foi perdido este ano no dia do Puja Tithi do Mestre. Junto com as flores e as folhas de bel, ele foi jogado no Ganges, sem que soubessem. Quando a água recuou, o filho de Ram Babu encontrou o amuleto enquanto brincava por lá e o trouxe de volta.

Mãe: É o amuleto do Mestre. Deve ser guardado com cuidado.

A conversa voltou-se para Belur Math.

Mãe: Falando a verdade, eu sempre via como se o Mestre vivesse na terra do outro lado do Ganges (isso é, oposto a Dakshineswar), em uma casinha exatamente onde está agora o monastério e as bananeiras. (Na época ainda não havia o monastério) Depois que a terra foi comprada para o monastério, Naren me levou lá um dia. Ele mostrou cada parte e disse: “Mãe, agora você poderá circular por seu próprio lugar à vontade sem qualquer restrição”.

Em Bodh Gaya, vi o monastério daquele lugar com muita pompa. Não tinha escassez de comodidade por lá. Eu chorava e rezava ao Mestre: “Oh, Mestre, meus filhos não têm lugar para ficar, nada para comer. Eles vão de porta em porta. Se ao menos pudessem ter um lugar como este para ficar!”. Então, pela graça do Mestre, este monastério surgiu.

Um dia, Naren chegou e disse: “Mãe, acabei de oferecer cento e oito folhas de bel ao Mestre para que possamos ter um pedaço de terra para o monastério. Aquele karma jamais poderá ficar sem seu fruto. Um dia, isso com certeza acontecerá”.

À noite, depois de jantar, levei rolinhos de bétele e ouvi da Santa Mãe: “Naren disse: ‘Mãe, hoje em dia, tudo que é meu está voando para longe. Vejo que tudo voa para longe’”. Sorrindo, Ela continuou: “Eu disse: ‘Por favor, cuide-se. Não me deixe voar para longe’, ao que Naren respondeu: ‘Mãe, se eu fosse deixar você voar, para onde eu iria? Aquele tipo de Jnana (conhecimento) que não diz nada sobre os pés de lótus do Guru é certamente Ajnana (ignorância). Se os pés de lótus do Guru forem desprezados, onde estará a base de Jnana?’”.

Tendo dito isso, Ela continuou: “Depois que o conhecimento emerge, Deus e tudo mais se desvanecem em nada. Mãe, Mãe, no fim, minha Mãe permeia todo o universo. Tudo se torna Um. Esta é a simples verdade”.

***

A Santa Mãe estava separando folhas de bel para a adoração diária quando mostrei para Ela uma de suas fotografias que havia sido revelada recentemente. Perguntei se era uma boa imagem dela.

Mãe: Sim, é uma boa foto, mas eu era mais forte antes dela ser tirada. Yogen (Swami Yogananda) estava muito doente na época. Preocupada com ele, emagreci. Eu estava muito infeliz na época. Eu chorava muito quando a doença de Yogen piorava e ficava feliz quando ele se sentia melhor. Sarah Bull tirou essa fotografia. A princípio não concordei, mas ela insistiu e disse: “Mãe, vou tirar essa foto para a América e a adorarei”. No fim, a foto foi tirada.

Esta é a primeira foto da Santa Mãe, aos quarenta e cinco anos de idade, tirada pelo Sr. Harrington, no ano bengali de 1305, 1898 no calendário britânico, em Bosepara Lane, Baghbazar, Calcutá. Os arranjos para as fotos foram feitos pela Sra. Sarah Bull.

Discípulo: Mãe, aquela fotografia de Sri Ramakrishna que você tem é muito boa. Dá para notar isso quando se olha para a foto. Ela é uma boa imagem do Mestre?

Mãe: Sim, aquela fotografia é muito boa. Originalmente, ela era de um cozinheiro Brâmane. Várias cópias foram feitas daquela foto. O Brâmane ficou com uma delas. A cópia dele estava muito escura, como se fosse a imagem de Kali, por isso, foi dada para ele. Quando ele foi embora de Dakshineswar - não lembro para onde ia -, ele a deu para mim. Eu guardo essa fotografia com as figuras de

outros deuses e deusas e a adoro. Na época, eu morava no térreo do Nahabat. Um dia, o Mestre chegou ali e ao ver a fotografia disse: “Oh, o que é isso?”. Lakshmi e eu estávamos cozinhando embaixo das escadas. Então, vi o Mestre pegar nas mãos as folhas de bel e as flores que estavam lá para adoração e oferecê-las à fotografia. Ele adorou a fotografia. Esta é a mesma fotografia. Aquele Brâmane nunca voltou, por isso a fotografia continuou comigo.

Discípulo: Mãe, você viu alguma vez o Mestre ficar pálido durante o Samadhi?

Mãe: Por que? Não lembro de ter visto. Por outro lado, sempre vi um sorriso em seu rosto durante o estado extático.

Discípulo: É possível ficar com um sorriso durante o estado de êxtase emocional (Bhava Samadhi), mas a respeito da fotografia com Ele sentado, o Mestre disse que era uma imagem de um estado muito exaltado. É possível ficar com um sorriso em tal estado?

Mãe: Eu o vi sorrindo em todos os estados de Samadhi.

Discípulo: Qual era o tom de pele dele?

Mãe: A pele dele era como a cor de ouro, como harital (um tipo de mineral amarelo). A cor de sua pele se misturava com a cor do amuleto dourado que Ele usava no braço. Quando passava óleo nele, podia ver claramente um brilho saindo de todo seu corpo. Um jovem de pele clara uma vez veio ao templo de Kali em Dakshineswar. O Mestre disse para mim: “Eu e ele andaremos lado a lado no Panchavati. Você julga quem tem a pele mais clara entre nós dois”. Eles começaram a andar e observei que o jovem era um pouco mais claro que o Mestre. Ele tinha por volta de dezenove, vinte anos.

Quando o Mestre saía de seu quarto no templo, as pessoas costumavam fazer fila e dizer umas para as outras: “Ah, lá está Ele!”. Ele era um tanto forte. Mathur Babu tinha dado um banquinho baixo para Ele sentar. Era um banco largo, mas não era grande o bastante para acomodá-lo confortavelmente enquanto Ele fazia as refeições. As pessoas o olhavam impressionadas quando o viam andando devagar até o Ganges para tomar banho.

Quando Ele estava em Kamarpukur, os homens e mulheres de lá ficavam boquiabertos a qualquer momento em que Ele saía um pouco de casa. Um dia, enquanto fazia uma caminhada em direção a um canal conhecido como Bhutir Khal, as mulheres que tinham ido lá para pegar água olharam para Ele impressionadas e disseram: “Lá vai o Mestre!”. Aborrecido com isso, Sri Ramakrishna disse para Hriday: “Bem, Hridu, por favor, coloque um véu em meu rosto de uma vez por todas”.

Eu nunca vi o Mestre triste. Ele era alegre na companhia de todos, seja um garoto de cinco anos ou um homem de idade avançada. Eu nunca o vi melancólico, filho. Ah, como eram felizes aqueles dias! Em Kamarpukur, Ele costumava levantar cedo pela manhã e me dizer: “Hoje comerei tal legume, por favor, prepare para mim”. Junto das outras mulheres da família, eu preparava a comida. Após alguns dias, Ele disse: “O que se passa comigo? No momento que acordei, falei: ‘O que vou comer? O que vou comer?’”. Depois, Ele disse: “Não tenho vontade de nenhuma comida em específico. Comerei o que você quiser cozinhar para mim”.

Ele costumava ir para Kamarpukur para ter um pouco de alívio da severa diarréia da qual estava sofrendo em Dakshineswar. Ele dizia: “Minha barriga está cheia de lixo. Não há fim para isso!”. Sofrendo desta maneira, Ele desenvolveu um tipo de abjeção ao corpo e por isso não cuidava tanto assim dele.

Uma vez, em Kamarpukur, o Mestre encontrou um grande peixe, que tinha chegado até a estrada por conta de uma inundação no tanque próximo. Ele ajudou o peixe a voltar para o tanque dizendo: “Corra, corra por sua vida! Se Hridu te achar, ele irá te comer sem demora”. Voltando para casa, Ele disse para Hriday: “Ó, Hridu! Hoje vi um peixe amarelado enorme, que tinha chegado até a estrada. Eu o ajudei a voltar para o tanque”. “Ah, Tio! O que você fez?”, disse Hriday, “oh, um peixe como esse teria dado um prato delicioso!”.

Hoje em dia, dá para ver devotos em toda parte. Tem muita agitação e barulho. Porém, durante a doença do Mestre, um dos devotos fugiu para evitar dar vinte rúpias! Os gastos com o tratamento do Mestre foram conseguidos com contribuições, e este devoto deveria contribuir com aquela quantia. Agora já não é tão difícil servir o Mestre. Embora o alimento seja oferecido a Ele, na verdade quem come é o devoto. Se você convidar o Mestre para sentar, Ele irá sentar. Se o fizer deitar, assim Ele ficará. Afinal de contas, Ele é apenas uma imagem!

O Mestre viu (em uma visão) Balaram Babu com um turbante na cabeça e com as mãos postas parado em frente à imagem de Kali. Balaram sempre ficava de mãos postas perante o Mestre. Ele nunca saudava o Mestre tocando seus pés. O Mestre compreendia seu pensamento e dizia: “Ó, Balaram, meu pé está coçando. Massageie para mim com cuidado”. Balaram imediatamente saía procurando Naren ou Rakhal, ou mais alguém dentre os garotos que serviam o Mestre, e pedia para que massageassem o pé dele.

Discípulo: Uma vez perguntei ao Swami Brahmananda sobre a cor de pele de Sri Ramakrishna. Ele disse: “A pele do Mestre era da cor da sua”.

Mãe: Sim, era assim que Ele era quando Rakhal e outros discípulos o conheceram. Naquela época, Ele tinha perdido a boa

saúde de antes. Por exemplo, olhe para mim e veja minha pele e saúde. Eu era assim antes? Não, eu era muito bonitinha antes. Eu não era muito forte, mas depois fiquei.

Em Dakshineswar, eu vivia bem quieta e imperceptível às pessoas em geral. O gerente do templo costumava dizer: “Ouvimos dizer que Ela mora aqui, mas nunca a vemos”. Na época, eu via o Mestre talvez uma vez a cada dois meses. Eu consolava minha mente dizendo: “Oh, mente, você tem tanta sorte assim que pode vê-lo todos os dias?”. Eu ficava atrás da tela em volta da varanda no Nahabat e ouvia o Mestre cantar e via-o dançar em êxtase através dos buracos na tela. Foi por ficar muito tempo naquela posição que adquiri esse reumatismo nas pernas. Ele me dizia: “Um pássaro selvagem, se mantido na gaiola dia e noite, fica com reumatismo. Por isso, você devia dar umas voltas pela vizinhança”.

Eu tomava banho às quatro horas da manhã. Quando o dia clareava, um pouco de sol batia perto da escada e eu secava o cabelo ali. Eu tinha um cabelo muito comprido na época. Um quartinho no Nahabat! E lá também costumava ser abarrotado de coisas. Muitos objetos eram guardados pendurados no teto por barbantes. Porém, nunca passei por qualquer dificuldade.

Era o momento da adoração. A Mãe se aprontou para ir para o santuário. Eu desci. Depois que a adoração terminou, subi novamente para levar a Prasada para os devotos. Enquanto pegava os pratos com os doces e frutas, de repente meu cotovelo tocou os pés da Santa Mãe. “Ah!”, disse a Mãe, e me saudou com as mãos postas. “Não foi nada”, eu disse. Porém, Ela não estava satisfeita com meramente se curvar a mim e disse: “Venha, filho, deixe eu te dar um beijo”. Ela tocou meu queixo com a mão e beijou a mão e, assim, Ela ficou em paz. Ela costumava respeitar seus discípulos como manifestações de Deus, e ao mesmo tempo mostrava afeição a eles como uma mãe faz com seus filhos.

29 de outubro, 1910

Era bem cedo. Eu estava sentado perto da cama da Mãe. Ela começou a conversar comigo sobre o Mestre.

Mãe: No dia que cheguei a Puri, rapidamente terminei a adoração ao Mestre de manhã colocando sua foto em uma lata com manteiga clarificada. Depois, fui visitar o templo de Sri Jagannath após trancar o quarto. Quando voltei, vi a foto do Mestre do lado de fora da lata. Os outros também vieram para ver. Todos pensaram que um ladrão tinha entrado na casa durante nossa ausência, mas todas as coisas do quarto estavam intocadas. No fim, percebi imensas formigas vermelhas que se reuniam na lata - era a lata de manteiga. Como elas também tinham se aproximado do Mestre, Ele desceu e se colocou ali fora da lata!

Discípulo: O Mestre realmente mora na imagem?

Mãe: É claro que sim. O corpo e a sombra são o mesmo. E o que é a fotografia que não uma sombra?

Discípulo: Ele vive em todas as imagens?

Mãe: Sim. Se você reza constantemente em frente à imagem, Ele se manifesta através daquela imagem. O local onde fica a fotografia se torna um santuário. Suponha que alguém adore o Mestre ali (apontando para um terreno ao norte de Udbodhan), então, aquele local será associado com sua presença.

Discípulo: Bem, lembranças boas e ruins estão associadas a todos os locais.

Mãe: Não é exatamente assim. O Mestre dará atenção especial para tal local.

Discípulo: O Mestre realmente compartilha da comida que oferecemos para Ele?

Mãe: Sim, Ele compartilha.

Discípulo: Mas não vemos nenhum sinal disso.

Mãe: Uma luz sai de seus olhos e lambe todos os itens de comida. Seu toque revigora tudo novamente.

O Senhor desce de Vaikuntha (a morada celestial de Sri Vishnu) para onde o devoto O chama. Na noite do Kojagari Purnima, Lakshmi (a deusa da fortuna) desce à Terra vindo de Vaikuntha. Ela visita e aceita a adoração naqueles locais onde quer dar Sua graça especial. Minha sogra tinha visto em Kamarpukur uma garota, de uns catorze ou quinze anos, com brincos de concha e com pulseiras de diamante no braço. A própria deusa Lakshmi, que tinha vindo na forma daquela garota, falou com minha sogra embaixo da árvore Bakul (em oposto à casa do Mestre). Minha sogra perguntou: "Quem é você, querida?". Sri Lakshmi respondeu: "Oh, eu vim especialmente para cá!". Minha sogra perguntou: "Você viu meu filho (Ramkumar, o irmão mais velho de Sri Ramakrishna)? Ele saiu para fazer a adoração. Já está tarde e ele não voltou ainda". "Sim, ele já está voltando", disse Lakshmi, "e daquele mesmo local, Eu vim para visitar a sua casa". "Não, querida", disse minha sogra, "não tem ninguém em casa. Por favor, não vá agora". Ouvindo tantas repetidas recusas, a deusa desapareceu dizendo: "Tudo bem. De qualquer modo, estarei olhando por vocês todos de maneira geral". Você vê, a situação deles nunca melhorou muito. No entanto, podiam se manter com roupas e comida.

Minha sogra tinha visto a menina vir da direção da casa dos Lahas, onde o milho era estocado. Quando ela voltou, ao ouvir a história, meu cunhado exclamou: "Ó mãe, você não entendeu! Hoje é Kojagari Purnima. A própria Lakshmi veio aqui!". Ele era capaz de

predizer coisas e confirmou o acontecimento com cálculos astrológicos. Por que? O Mestre precisa de algum alimento? Ele não precisa. Ele come a comida oferecida apenas para a satisfação do devoto. A Prasada sagrada purifica o coração. A mente se torna impura se alguém comer antes de oferecer a Deus.

Discípulo: O Mestre realmente compartilha da comida oferecida?

Mãe: Sim, eu já não falei que Ele compartilha? O Mestre senta diante do prato, e então compartilha da comida.

Discípulo: Você realmente vê isso?

Mãe: Sim. No caso de algumas oferendas, Ele de fato come, em outros casos, apenas olha. Pegue seu próprio caso. Você não gosta de comer tudo todas as vezes. Tampouco aprecia a comida oferecida por qualquer um. É tipo isso. O amor por Deus depende inteiramente do sentimento íntimo de cada um. O amor de Deus é o essencial.

Discípulo: Como alguém obtém o amor de Deus? Quando o filho de alguém é criado por outra pessoa, o filho não reconhece a mãe como sua própria mãe.

Mãe: Sim, é verdade. A graça de Deus é o necessário. Uma pessoa deve estar apta para merecer a graça de Deus.

Discípulo: Como alguém pode falar de merecer ou não merecer a graça? A graça é a mesma para todos.

Mãe: Deve-se rezar sentado às margens do rio. A pessoa será levada para o outro lado no momento certo.

Discípulo: Tudo acontece quando chega o momento certo. Quando chega a graça de Deus?

Mãe: Você não precisa sentar com a vara de pescar nas mãos se quiser pegar algum peixe?

Discípulo: Se Deus é “nosso”, por que devemos sentar e esperar?

Mãe: Verdade. Pode acontecer até fora de época. Não vê que hoje as pessoas conseguem mangas e jacas fora de época? Quantas mangas crescem hoje em dia no mês de bhadra (agosto/setembro)?

Discípulo: Isso é tudo? Ele nos manda embora depois de dar o que merecemos? Ou dá para alguém tê-IO como se fosse da própria pessoa? Deus é “meu”?

Mãe: Sim, Deus é o “meu” das pessoas. Esta é a relação eterna. Ele é o “meu” de todos. Realiza-se Ele na proporção da intensidade do sentimento para com Ele.

Discípulo: Sentimento profundo é como um sonho. Um homem sonha com o que pensa.

Mãe: Sim, é um sonho. O mundo todo é um sonho. Mesmo isso (o estado de vigília) é um sonho.

Discípulo: Não, isso não é um sonho porque, se fosse, desapareceria com o piscar dos olhos. Este estado existe por muitos e muitos nascimentos.

Mãe: Pode ser, mas não deixa de ser um sonho ainda assim. O que você sonhou de noite não existe mais. (Inclusive, na noite anterior, o discípulo tinha tido um sonho maravilhoso.) Um fazendeiro que perdeu o filho sonhou uma noite que ele era um rei e pai de oito filhos. Quando o sonho acabou, ele disse para a esposa: “Devo chorar pelos meus oito filhos ou por este?”.

Após essa argumentação com a Mãe, eu disse: “Mãe, não esquente a cabeça pelas coisas que eu disse. Tudo que quero saber é se há alguém que posso chamar de ‘meu’”.

Mãe: Sim, tal alguém existe.

Discípulo: Sério?

Mãe: Sim.

Discípulo: Se Ele é realmente “nosso”, por que então devemos rezar para Ele para vê-IO? Alguém que fosse realmente “meu” viria para me ver mesmo se eu não o chamasse. Deus faz coisas por nós como nossos pais fazem?

Mãe: Sim, filho. Ele Se torna nosso pai e mãe. Ele mesmo nos cria como se fosse nossos pais. É somente Ele que cuida de nós. Do contrário, onde você estava e onde está agora? Seus pais te criaram, mas por fim perceberam que você não pertence a eles. Você já viu um cuco criado no ninho de um corvo?

Discípulo: Devo realizar Deus como sendo “meu”?

Mãe: Sim, certamente você O realizará. O que quer que deseje, você terá. Swamiji (Swami Vivekananda) não O realizou? Você também irá realizá-IO, assim como Swamiji.

Discípulo: Veja que não sou dominado pelo medo nem pela fé vacilante.

Mãe: Não existe tal perigo para você. Porque eu mesma fisguei o peixe.

Discípulo: Isso é bom. Podemos aproveitar.

Mãe: Sim. Um faz o molde e muitos outros farão suas imagens a partir deste molde.

Discípulo: Sim, teremos tudo se você trabalhar por nós. Você não pode nos deixar de lado.

Mãe: Sim, filho, vocês terão tudo se eu fizer por vocês.

Udbodhan, 26 de novembro, 1910 - 7h

A Mãe tinha ido ver Gupta Maharaj (Swami Saradananda) no dia anterior porque ele estava doente. Boshi e Tabu estavam cuidando dele com grande afeição. A Mãe os elogiou dizendo: “Eles são muito sagrados. Que abençoados são! A quem mais posso chamar de sagrados?”.

“Os discípulos de Yogin Chatterjee (Swami Nityananda) também cuidaram muito bem dele. Todos eram da Bengala Oriental. Todos os jovens costumavam servir o Mestre em Cossipore. Ele os mantinha de bom humor dizendo todo tipo de coisas. Ele dizia: ‘Como eles poderão aguentar tanta dificuldade se não tiverem um pouco de alegria?’. Ele tinha muito tato. Ele não precisava de muitos cuidados. A dieta também era muito simples”.

“Um dia, Ele quis comer amalaki (myrobalan) (uma fruta). Durgacharan (Nag Mahasaya) veio uns dias depois com umas três delas bem grandes. Ele não tinha comido nada nos últimos três dias. Pegando a amalaki nas mãos, o Mestre chorou. Ele disse a Durgacharan: ‘Achei que você tivesse ido para Dhaka ou outro lugar’. Depois, Ele pediu para que eu preparasse um prato bem pungente para Durgacharan, do jeito como as pessoas da Bengala Oriental gostam. Quando ficou pronto, o Mestre sentou para comer. Durgacharan comeu Prasada depois que o Mestre tinha provado de todos os variados pratos.”

“Os gastos na casa de Cossipore estavam muito altos. Três cardápios diferentes tinham que ser preparados: um para o Mestre, um para os jovens, como Naren, e um para os outros. As contribuições precisaram aumentar para dar conta dos gastos. Um dos devotos se desligou por medo de pagar!”

“A doença do Mestre era devido a Ele aceitar os pecados dos outros. Ele costumava dizer: ‘É por causa dos pecados de Girish. Ele não teria como ter aguentado todo esse sofrimento’. O Mestre tinha o poder de morrer no momento que quisesse. Ele poderia facilmente ter deixado o corpo em Samadhi. Porém, Ele dizia: ‘Seria bom que eu conseguisse juntar esses noviços em um forte laço de amor’. Até então, uma mera relação de ‘Oi, como vai?’ existia entre eles: ‘Naren Babu, como você está?’, ‘Rakhal Babu, como você está?’, e por aí vai. É por isso que o Mestre não deixou o corpo antes, apesar de tanto sofrimento.”

Udbodhan, 14 de abril, 1911

Pela manhã, levei as flores para o santuário para a adoração de Sri Ramakrishna. Estava tarde e a Santa Mãe disse: “Leve as flores assim que as trouxerem”. A Mãe fez a adoração depois de ter preparado tudo sozinha. Ela estava sentada na cama, me chamou para perto e perguntou sobre um certo devoto.

Mãe: Ele está lá embaixo?

Discípulo: Sim, Mãe.

Mãe: O que ele faz? Está estudando?

Discípulo: Talvez, mas ele provavelmente não é um aluno muito regular.

Mãe: Por que ele não vai para Belur Math?

Discípulo: Não. Ele não quer ir para lá.

Mãe: Todos vocês deveriam convencê-lo.

Discípulo: Eu tentei meu melhor. Por favor, você fala para ele, Mãe. Talvez então ele vá e fique no monastério por alguns dias.

Mãe: Eu também já disse, mas ele não deu atenção. Ele não quer ir. Ele teme que os outros irão provocá-lo se for. Sarat também falou comigo sobre o garoto: 'Esse menino não deveria ter alguma consideração pelos nossos conselhos e pelas palavras de Maharajji (Swami Brahmananda)? Ele devia ir e passar pelo menos dois dias no monastério em obediência ao desejo de Maharajji'. Pois é. O menino deveria ir com Rakhal e ficar alguns dias em Puri. Como ele poderá ficar vagando sozinho? Onde encontrará comida?

Discípulo: Isso não é problema. Ele pedirá esmolas, mas deveria ir para o monastério, pelo menos em obediência ao conselho do Maharaj e dos outros mais velhos.

Mãe: Verdade. O conselho dos mais velhos deve ser obedecido. O garoto não tem qualquer vontade de trabalhar. Como a mente pode ser mantida bem sem trabalho? É possível meditar as vinte e quatro horas do dia? Por isso, deve-se ter algum trabalho. Isso mantém a mente em boa forma. Como está o seu trabalho?

Discípulo: Está indo tudo bem.

Mãe: Você tinha escrito sobre ir para Rameswaram. É bom, filho, que você não tenha ido. A viagem é realmente arriscada.

Discípulo: Sarat Maharaj queria que eu fosse, mas de onde viriam os fundos para eu vir? Se eu tivesse ido, todos os gastos teriam recaído sobre Sashi Maharaj.

Mãe: Sim. Ele já gastou mil rúpias com nossa peregrinação.

Udbodhan, 15 de abril, 1911

No dia seguinte, a Mãe estava preparando rolinhos de bétele no quarto ao sul do santuário. Eram quase onze da manhã. Quando fui até lá, Ela perguntou sobre o garoto que tinha vindo no dia anterior: “Ele foi embora?”.

Discípulo: Sim. Ele vai ficar uns dois dias na casa do Dr. Kanjilal. Sarat Maharaj disse: “Se ele foi embora com orgulho e egoísmo, ele vai se degenerar mais e mais com o passar dos dias. Porém, se ele foi embora com vergonha, se for da vontade do Mestre, ele pode, mais uma vez, virar uma nova página”.

Mãe: O que importa? Ele é, afinal, um garoto e não uma garota. É fácil destruir. Quando podem construir? Todos podem criticar e zombar dele, mas quantos podem levá-lo para o caminho correto? O homem é inclinado às fraquezas.

Discípulo: Sarat Maharaj disse: “É possível apenas para a pessoa de mente nobre viver sozinha, enquanto que aquele de mente impura torna-se cada vez mais degenerado”.

Mãe: Por que ele deveria temer? O Mestre o protegerá. Não tem muitos monges que vivem sozinhos?

Discípulo: Até Hriday Mukherjee perdeu a companhia do Mestre nos últimos dias.

Mãe: É possível desfrutar de algo eternamente?

Discípulo: Ele, ao que parece, também tinha causado muitos problemas ao Mestre e usava linguagem ofensiva com Ele.

Mãe: Quando alguém faz tanto serviço dedicado, o que importa se ele diz algumas poucas coisas desagradáveis? É natural que isso aconteça.

Discípulo: O menino também te serviu tanto e veja agora o que aconteceu!

Mãe: Como é possível se dar bem sem alguma disciplina? Como mais pode-se melhorar?

Jayrambati

No mês de asvin (setembro/outubro), no dia de Mahasaptami, o primeiro dia de adoração da Mãe Durga, dois jovens devotos se apresentaram diante da Mãe. No dia de Mahasaptami, eles ofereceram flores de lótus aos pés dela. Um deles disse: “Mãe, por favor, me ordene com os votos de Sannyasa”. O outro jovem também se juntou ao pedido. A Mãe sorriu e disse: “Tudo em seu tempo, filhos. Por que se preocupam?”. O devoto insistiu: “Mãe, você precisa nos dar Sannyasa. Dê-nos o manto ocre”.

A Mãe então falou um pouco mais séria: “O que vocês vão ganhar colocando o manto ocre? O que ele tem de tão especial? Nenhum de vocês adentrou na vida matrimonial, já são Sannyasins. Todo o restante seguirá com o devido tempo”.

O devoto disse: “Mãe, tenho vontade de jogar fora meu cordão sagrado, manto e tudo mais, e permanecer absorto em contemplação no Divino, como Trailanga Swami”. A Mãe disse sorrindo: “Isso irá acontecer, filho, quando o momento certo chegar”. Depois, ele começou a falar mais entusiasmado: “Mãe,

aqui está - estou jogando fora o manto e o cordão”, e estava quase realmente fazendo isso quando a Mãe disse: “Chega disso agora. No momento certo, tudo isso irá te deixar naturalmente”.

Ainda assim, o comportamento infantil dele não parou. Ele disse: “Abençoe-me, Mãe, com pelo menos uma gota da loucura que o Mestre teve. Deixe-me louco, Mãe”. E, novamente: “Mãe, você não irá nos dotar de devoção? Você não concederá a nós a visão do Mestre?”. A Mãe disse: “Tudo irá passar, filho, no tempo certo”. Ambos saíram do quarto depois de se prostrarem diante dela.

Ao meio-dia, todos sentamos para almoçar. O mesmo jovem devoto falou: “Como fizeram esse arroz doce? Não está com um gosto muito bom”. A Mãe sorriu e disse: “O que posso fazer, filho? Não tem leite o suficiente disponível aqui”. A mãe de Kedar estava por perto. Ela disse: “Muito bem. Vocês são todos filhos da Mãe. Tragam bastante coisa e a Mãe será capaz de alimentá-los de acordo com a vontade de cada”. Isso nem sequer chegou aos ouvidos do devoto. Ele continuou: “Mãe, hoje não pude comer minha porção. Virei novamente para comer até ficar satisfeito. Você também precisa permitir que eu a encontre um dia em Udbodhan”. A Mãe concordou com o pedido.

Pela manhã, um devoto havia chegado de Shillong. Com dúvidas sobre a natureza divina da Mãe, ele tinha tomado um voto de que não a visitaria a menos que a tivesse visto em sonho sete vezes. Ele teve as visões. Por isso, foi para Jayrambati para prestar reverências à Ela. De tarde, quando estava para se despedir dela, ele disse: “Mãe, preciso dizer adeus agora. Preciso de mais alguma coisa?”.

Mãe: É claro. Você precisa ter a iniciação.

Devoto: Posso tê-la em Baghbazar, em Calcutá.

Mãe: Melhor terminar essa tarefa, filho. Tenha sua iniciação aqui.

Devoto: Mas eu comi Prasada.

Mãe: Não importa.

Depois da iniciação, ele foi embora.

O estado mental deste excêntrico devoto que tinha vindo de manhã deu uma guinada para pior. Depois que ele voltou para casa, começou a ficar agitado para ter a visão do Mestre. Ele ficou irritado ao pensar que embora a Santa Mãe pudesse, por sua mera vontade, fazê-lo ter a visão de Sri Ramakrishna, Ela se recusava-se. Em um estado muito bravo, ele voltou a Jayrambati e disse para Ela: “Mãe, você não vai me capacitar para ver o Mestre?”. A Mãe disse carinhosamente: “Sim, você o verá, não fique tão agitado”. Ele não aguentava mais e disse com voz brava: “Você está me enganando. Aqui está o rosário que me deu. Pegue-o de volta. Não ligo mais para ele”. Com tais palavras, ele jogou o rosário nela. “Tudo bem”, disse a Mãe, “seja para sempre o filho de Sri Ramakrishna!”. Ele saiu do lugar rapidamente.

Depois, ele ficou realmente louco. Começou a escrever cartas abusivas para os Swamis da Missão Ramakrishna e não tinha qualquer respeito pela Santa Mãe.

Uma vez, falando sobre ele, perguntei à Santa Mãe: “Ele também devolveu o mantra? Ele jogou o rosário. Tem como devolver o mantra?”.

Mãe: Seria possível? A palavra do mantra é viva. Pode alguém que a tenha recebido devolvê-la? Pode alguém, tendo sentido atração pelo Guru, deixá-lo? Um dia no futuro, esse homem cairá em si e se ajoelhará aos pés daqueles de quem abusa agora.

Devoto: Por que este tipo de coisa acontece?

Mãe: Isso acontece. Um Guru pode iniciar muitos discípulos, mas são eles todos de uma mesma natureza? A vida espiritual se manifesta em um devoto de acordo com a natureza dele. O homem disse em Jayrambati: “Mãe, deixe-me louco”. “Por que?”, disse Ela, “por que você deveria ficar louco, filho? Dá para alguém que não tenha cometido tantos pecados ficar louco?”. Ele disse: “Meu irmão mais novo viu o Mestre. Por favor, deixe-me também ter uma visão dele”. Eu disse em resposta: “Quem pode vê-lo com os olhos físicos? Alguém pode conseguir isso fechando os olhos. Não conseguimos visualizar uma imagem quando fechamos os olhos? Seu irmão é um filho. Ele pode ter visualizado o Mestre com olhos fechados, mas achar que o viu com os olhos abertos”. Eu lhe disse para continuar com a vida espiritual - praticar as disciplinas espirituais e rezar ao Mestre -, e disse para ele que também teria uma visão. A pessoa sabe dentro de si o quanto avançou e quanto conhecimento e consciência de Deus obteve. A pessoa sabe em sua alma mais íntima o quanto de Deus ela já realizou. Além disso, quem pode ser capaz de ver Deus com os olhos físicos?

Este devoto, após ter sido repreendido em Udbodhan, foi morar nas margens do Ganges. Às vezes, ele sentava no degrau do escritório de Udbodhan e fazia sua refeição ali. Depois de um tempo, ele foi levado à Santa Mãe com permissão Dela. Ela tentou acalmá-lo de várias maneiras e disse: “O Mestre costumava dizer: ‘No momento da morte, estarei com aqueles que rezam a mim’. Essas são palavras de sua própria boca. Você é meu filho, do que poderia ter medo? Por que se comporta como um louco? Isso será uma desgraça para o Mestre. As pessoas dirão que o devoto dele virou um louco. Você deveria se comportar de tal jeito que deixará o nome do Mestre sem crédito? Vá para casa e viva como os outros. Coma e viva como eles. No momento de sua morte, Ele irá se revelar a você e o levará com Ele. Sabe dizer se tem como vê-lo com os olhos físicos? Apenas Naren (Swami Vivekananda) o viu

assim. Isso aconteceu na América, quando ele estava com um desejo muito intenso pelo Mestre. Naren costumava sentir como se o Mestre o agarrasse pelo braço. Essa visão durou apenas alguns dias. Agora vá para casa e viva feliz. Como são miseráveis as pessoas do mundo! Outro dia, o filho de Ram morreu. Você pode, finalmente, ir dormir tranquilo”.

O devoto ficou muito mais calmo com o consolo e palavras de instrução da Mãe. Ele comeu no escritório de Udbodhan e depois voltou para sua vila natal. Ele gradualmente recobrou seu estado mental normal.

Jayrambati, 26 de maio, 1911

A Santa Mãe voltou para Calcutá da peregrinação a Rameswaram e, depois de uns dias, retornou para Jayrambati. Uma noite, enquanto estava sentada na sacada de sua antiga casa, Ela me perguntou sobre um devoto monástico.

Mãe: O que ele disse?

Discípulo: Ele sentiu um anseio por você há uns três ou quatro meses.

Mãe: Que estranho! Um Sannyasin deve cortar todas as amarras de Maya. Uma corrente de ouro tem o mesmo efeito que uma de ferro. Um Sannyasin não deve se enredar em nenhuma forma de Maya. Por que ele deveria dizer: “Oh! O amor da Mãe! O amor da Mãe! Estou privado disso!”. Que ideia! Não gosto das pessoas constantemente se pendurando em mim. Pelo menos, ele tem a forma de um homem, não estou conversando com Deus.

Discípulo: Os Sannyasins que professam os ideais da Vedanta atingirão o Nirvana?

Mãe: Com certeza. Ao gradualmente cortarem as amarras de Maya, eles realizarão o Nirvana e vão imergir em Deus. Este corpo é, sem dúvidas, o resultado dos desejos. O corpo não pode existir se não houver o mínimo traço de desejo. Tudo se acaba quando a pessoa se livra totalmente dos desejos.

Os filhos (devotos) vêm aqui, comem, desfrutam e vão embora. Por que eu deveria ficar apegada a eles? Um dia, Hazra disse ao Mestre: "Por que você fica sempre querendo ver Narendra e os outros? Eles estão bem sozinhos, comem, bebem e jogam. Você deveria manter a mente em Deus. Por que é apegado a eles?". Com essas palavras, o Mestre recolheu a mente dos discípulos e imergiu no pensamento de Deus. Instantaneamente, Ele entrou em Samadhi. Sua barba ficou arrepiada. Imagine o tipo de homem que era o Mestre! Seu corpo ficou duro como uma estátua de madeira. Ramlal, que o estava servindo, dizia repetidamente: "Por favor, volte ao seu eu novamente". Enfim, a mente desceu para o plano normal. Era apenas por compaixão às pessoas que Ele mantinha sua mente no plano mais baixo.

No momento da morte, Yogen (Swami Yogananda) queria o Nirvana. Girish Babu disse para ele: "Olhe aqui, Yogen, não aceite o Nirvana. Não pense no Mestre como permeando todo o universo, o sol e a lua formando seus olhos. Pense no Mestre como Ele costumava ser para nós e, pensando nele assim, vá para Ele". Divindades e anjos, sejam lá quem forem, renascem novamente nesta Terra. Eles não comem nem falam nos corpos sutis. Por isso, não podem ficar naqueles planos por muito tempo.

Discípulo: Se não comem nem bebem, como passam os dias?

Mãe: Imersos em meditação, eles permanecem onde estão, como imagens de madeira, por eras! Como as imagens dos reis que vi em Rameswaram, vestidos em trajes reais. Quando Deus precisa deles, Ele os traz de seus respectivos lugares. Há diferentes planos

celestiais, como Jana-loka, Satya-loka e Dhruva-loka. O Mestre disse que havia trazido Narendra (Swami Vivekananda) do plano dos Sete Sábios (Saptarshi). As palavras dele são como as palavras dos próprios *Vedas*. Elas nunca podem ser inverdades.

Discípulo: Nós também precisamos viver como imagens de madeira ou de barro?

Mãe: Ah, não! Vocês servirão o Mestre. Há duas classes de devotos. Uma classe se devota ao serviço de Deus na Terra, a outra classe fica imersa em meditação por décadas, como as imagens.

Discípulo: Mãe, o Mestre costumava falar que os Isvarakotis podem voltar para o plano relativo da consciência mesmo depois de atingirem o Nirvana, outros não conseguem fazer isso. O que isso quer dizer?

Mãe: O Isvarakoti, mesmo depois de atingir o Nirvana, consegue recolher sua mente daquele estado e dirigi-la ao plano comum da consciência.

Discípulo: Como pode a mente que se imergiu em Deus ser trazida de volta para o mundo? Como se pode separar uma garrafa de água da água do rio uma vez que a água da garrafa foi jogada nele?

Mãe: Nem todos podem fazer isso. Apenas os Paramahamsas conseguem. Um hamsa (ganso) consegue separar o leite de uma mistura de água com leite e beber apenas o leite.

Discípulo: Podem todos se livrar dos desejos?

Mãe: Se pudessem, a criação já teria deixado de existir. A criação continua porque nem todos se livram dos desejos. Pessoas com desejos nascem muitas e muitas vezes.

Discípulo: Suponha que alguém abandone o corpo nas águas do Ganges.

Mãe: A liberação do nascimento só é possível quando não há o menor traço de desejo. Do contrário, nada mais é de qualquer serventia. Se não se livram dos desejos, o que ganham com isso, mesmo quando já estão no último nascimento neste mundo?

Discípulo: Mãe, infinita é esta criação. Quem pode dizer o que acontece em um plano remoto? Quem pode dizer se não há seres que habitam qualquer um desses inumeráveis planetas e estrelas?

Mãe: É possível apenas para Deus ser onisciente neste reino de Maya. Talvez não haja nenhum ser nesses planetas e estrelas.

***

Um dia, nas estações de chuva do mesmo ano, 1911, Swami Saradananda, Yogin-Ma, Golap-Ma e muitos outros devotos, foram de Jayrambati para Kamarpukur. Yogin-Ma levou um tombo no caminho. Algumas partes de seu corpo ficaram machucadas e saiu sangue. Eu voltei para Jayrambati e contei para a Santa Mãe sobre o acidente de Yogin-Ma. A Mãe disse com tristeza: “Golap disse antes de saírem: ‘Yogin irá conosco. Vamos ver quantas vezes ela escorrega no caminho’. Yogin caiu para validar as palavras de Golap. Afinal, eram palavras de uma mulher espiritual. Ela pratica as disciplinas espirituais, portanto, suas palavras devem dar frutos. Por isso, uma pessoa santa não deve dizer nada de ruim sobre outra pessoa”.

Udbodhan, 16 de janeiro,1912

De manhã, eu estava com a Santa Mãe em seu quarto. Eu disse para Ela: “Mãe, Sri Chaitanya um dia abençoou Narayani dizendo: ‘Que você tenha devoção por Krishna!’. As palavras tiveram um efeito tão mágico na menina de apenas três ou quatro anos que ela se jogou no chão dizendo: ‘Ah, Krishna! Ah, Krishna!’. Lemos uma história sobre Narada. Depois que ele realizou Deus, um dia, ele sentiu compaixão por uma formiga e disse a si mesmo: ‘Atingi a perfeição como resultado de praticar austeridades por muitos nascimentos humanos, e essa pobre formiga terá que esperar muito tempo até que renasça como um homem!’. Afetuosamente, ele abençoou a formiga dizendo: ‘Liberte-se!’. Imediatamente, a formiga assumiu formas não humanas como pássaro, animal e assim vai, e gradualmente assumiu o corpo de um homem. Ela passou por vários nascimentos humanos, desfrutou das experiências associadas ao nascimento humano e, passo a passo, direcionou sua atenção para as disciplinas espirituais. Ela adorava Deus e atingiu a salvação. Narada viu todos esses acontecimentos de inumeráveis nascimentos em um piscar de olhos. Portanto, pode-se obter a liberação instantaneamente através da graça de uma grande alma”.

Mãe: É verdade.

Discípulo: Também ouvi que não é possível manter o corpo muito tempo se a pessoa aceitar os fardos dos outros. O corpo que seria o instrumento para a salvação de muitos, adoece por conta de uma pessoa cheia de pecados.

Mãe: Isso também é verdade. E mais, uma grande alma perde seu poder assim. O poder das austeridades e das disciplinas espirituais, que poderia ser usado para a liberação de muitas almas, é gasto com uma pessoa. O Mestre costumava dizer: “Tenho todas essas enfermidades físicas porque tomei para mim os pecados de Girish”. Mas Girish também está sofrendo agora.

Discípulo: Mãe, tive um sonho um dia. Vi que um homem de cabelo bagunçado vinha até você e insistia que você deveria fazer algo para ele. Ele tinha sido iniciado por você, mas não praticava as disciplinas espirituais. Você disse: “Se fizer algo para ele, não poderei viver, meu corpo decairá imediatamente”. Com toda a firmeza que eu tinha, te proibi de demonstrar gentilezas a este homem e disse: “Por que você deveria fazer algo por ele? Ele atingirá a salvação sozinho. Deixe que ele pratique as Sadhanas”. Porque ele não parava de insistir, você ficou brava e fez algo com ele tocando-o no queixo e pescoço, dizendo repetidamente: “Se fizer algo para ele, não poderei viver, meu corpo decairá imediatamente”. Depois, meu sonho desapareceu. Bem, é verdade que o poder de alguém se torna limitado quando nasce no corpo físico?

Mãe: Sim, é verdade. Muitas vezes, aborrecida com o pedido de algumas pessoas, penso: “Um dia este corpo morrerá. Que isso aconteça agora e que eu o dê a salvação”.

Discípulo: Mãe, a visão de Deus significa a obtenção de conhecimento (Jnana) e consciência espiritual (Chaitanya)? Ou significa outra coisa?

Mãe: O que mais poderia significar se não a obtenção disso?

Discípulo: Muitos de seus discípulos explicam a visão de Deus diferente. Alguns acreditam que é possível ver Deus com os olhos físicos e conversar com Ele.

Mãe: Sim, eles dizem: “Por favor, mostre-nos o Pai”. Porém, Ele (Sri Ramakrishna) não é pai de ninguém. As três palavras - Guru, Mestre (Karta) e Pai (Baba) - incomodavam-no como espinhos. Quantos sábios praticaram austeridades por eras e eras! E ainda assim não puderam realizar Deus. E, hoje em dia, as pessoas não

praticam disciplinas, nem se submetem às austeridades, mas querem ver Deus imediatamente! Não posso fazer isso. Sabe dizer se Ele (Sri Ramakrishna) mostrou Deus para alguém?

Discípulo: Ouvimos que alguns procuram mas não encontram, enquanto outros não procuram e encontram. O que isso quer dizer?

Mãe: Deus tem a natureza de uma criança. Alguns pedem, mas Ele não lhes dá, enquanto outros não querem, mas Ele pede que aceitem. Talvez, esses segundos tenham muitas ações meritórias como crédito das vidas passadas. Por isso, a graça de Deus desce a eles.

Discípulo: Então existe discriminação mesmo na graça de Deus?

Mãe: Sim. Tudo depende do karma (as ações passadas). Quando o karma chega ao fim, realiza-se Deus. Aquele será o último nascimento da pessoa.

Discípulo: Concordo que a cessação das ações (karma-kshaya), disciplinas espirituais e tempo sejam os fatores na obtenção do conhecimento espiritual e da consciência. Mas, se Deus é “nosso”, Ele não pode Se revelar para os devotos por vontade própria?

Mãe: Correto. Mas quem tem tal fé de que Ele é “nosso”? Todos praticam determinadas disciplinas porque pensam que são uma tarefa a ser feita. Mas quantos buscam Deus?

Discípulo: Uma vez, eu disse para você que um filho não reconhece a própria mãe se for privado de seu amor e cuidados.

Mãe: Sim, você falou. Como pode alguém amar outro a menos que o veja? Você me vê. Eu sou sua Mãe e você é meu filho.

1º de fevereiro, 1912

Eram quase nove e meia da noite quando fui à Santa Mãe. Eu não a tinha visto o dia todo.

Mãe: Onde você esteve o dia inteiro?

Discípulo: Fiquei ocupado com as contas lá embaixo.

Mãe: Sim, Prakash me contou. Alguém que renunciou ao mundo consegue apreciar tal tarefa? Uma vez, houve um erro nas contas relacionadas ao salário do Mestre. Falei para Ele conversar com o gerente do templo sobre o assunto, mas Ele disse: "Que vergonha! Devo me aborrecer com contas?". Uma vez, Ele disse para mim: "Aquele que entoa o nome de Deus, não sofre miséria. Não preciso nem falar de você!". Essas são palavras dele. A renúncia era seu adereço.

8 de fevereiro, 1912

Uma esteira costumava ficar no lado norte do quarto adjacente ao santuário. A Mãe sempre sentava lá de manhã. Às vezes, Ela fazia japa ali, olhando para o leste. Quando vínhamos falar com Ela, também nos sentávamos ali. Hoje também a Mãe estava sentada na esteira.

Discípulo: Mãe, quanto tempo você ficou em Dakshineswar?

Mãe: Bastante tempo. Cheguei quando tinha dezesseis anos. Desde então, sempre estava lá. Ocasionalmente, eu visitava nossa vila natal, como quando fui para o casamento de Ramlal. Eu ia para lá a cada dois ou três anos.

Discípulo: Você ficou sozinha em algum momento?

Mãe: Sim, em algumas ocasiões. Minha sogra ficava lá algumas vezes. Às vezes, Golap, Gaurdasi e outras ficavam comigo. Cozinhávamos, vivíamos e comíamos tudo naquele pequeno quarto.

Eu costumava cozinhar para o Mestre. Ele tinha uma digestão fraca, por isso não podia comer a comida oferecida no templo de Kali. Eu também tinha que cozinhar para os devotos do Mestre. Latu vivia com Ele. Depois de ter uma discussão com Ram Datta, ele foi embora. O Mestre disse para mim: "Ele é um bom garoto, ele se ajoelhará por você". Cozinhava dia e noite. Por exemplo, Ram Datta chegava e gritava depois de descer da carruagem: "Hoje vou comer chapatis (pão indiano) e gram dal (um tipo de ensopado)". Então, eu já tinha que ir preparar. Eu fazia quase três quilos de farinha de chapatis. Quando Rakhal morou lá, sempre fazia kichuri para ele. Um dia, o Mestre pediu para eu fazer algo gostoso para Naren. Preparei sopa de mung (um grão verde) com chapatis. Quando terminou, o Mestre perguntou a Naren: "Gostou da comida?", "Muito boa", ele respondeu, "mas tinha gosto de comida para doentes". Com isso, o Mestre disse para mim: "Que tipo de coisa você fez para ele? Você deve fazer uma sopa espessa e chapatis grandes". Finalmente, fiz tudo e Naren ficou muito satisfeito. Suren Mitra dava dez rúpias por mês para os gastos dos devotos. Gopal Senior fazia a divulgação. Dança, música devocional, êxtase e Samadhi aconteciam dia e noite. Eu fiz pequenos furos na tela de bambu e podia ver por eles. Como resultado de ficar lá continuamente, desenvolvi esse reumatismo.

Tinha uma senhora que vinha sempre. Ela tinha levado uma vida impura. Agora em idade avançada, tinha se tornado religiosa. Eu ficava sozinha, então, sempre que ela vinha, conversávamos. Um dia, o Mestre viu e disse: "Por que permite que ela venha aqui?". Eu disse: "Agora ela fala de coisas boas, fala sobre Deus. O que tem de errado com isso? A mente de alguém não pode ter os mesmos modos para sempre". O Mestre disse: "Não, ela é uma

mulher decadente. Por que falar com ela? Por mais que tenha mudado, é melhor se afastar”. Ele até mesmo me proibia de falar com algumas pessoas porque a influência ruim poderia me afetar. Tal era o cuidado extremo que Ele tinha comigo.

Uma vez em Kamarpukur, um homem veio encontrar o Mestre. Ele tinha um caráter ruim. Mal ele tinha saído, o Mestre disse: “Jogue fora a areia de onde ele estava”. Como ninguém deu atenção àquelas palavras, Ele mesmo tirou a areia do local onde o homem tinha sentado. “Quando alguém assim senta”, Ele disse, “até mesmo o solo daquele lugar fica impuro!”.

Durgacharan, da Bengala Oriental, vinha sempre visitá-lo. Que grande devoção ele tinha pelo Mestre! Ele levou amalaki (myrobalan) quando o Mestre estava doente. Como não era a estação certa, ele comprou a fruta depois de muita procura por três dias inteiros, sem tempo para comer ou dormir! Uma vez, dei-lhe Prasada em um prato de folha (na antiga residência de Baghbazar, às margens do Ganges), tamanha era sua devoção que ele comeu a folha e tudo! Ele era moreno e magro, e os olhos eram grandes e brilhantes - olhos de um devoto, sempre marejados pelas lágrimas do amor divino!

Naquela época, havia muitos devotos maravilhosos. Esses que vêm hoje em dia ficam simplesmente dizendo: “Dê-nos a visão do Mestre!”. Eles não fazem as práticas espirituais, não fazem japa nem meditação. Deus sabe quantas coisas más fizeram nas vidas passadas - go-hatya (matança de vacas), brahma-hatya (matança de um Brâmane), bhruna-hatya (aborto)! Primeiro de tudo, os efeitos nocivos de tais atos ruins devem ser contra-atacados devagar e continuamente. Suponha que a lua esteja coberta pelas nuvens. Apenas quando o vento gradualmente sopra as nuvens para longe é que a lua se torna visível. As nuvens não se dissipam em um piscar de olhos. A vida espiritual também é assim. O karma é exaurido gradualmente. Quando realiza-se Deus, Ele dota a

pessoa com iluminação espiritual por dentro. A pessoa percebe sozinha.

9 de fevereiro, 1912

Girish Chandra Ghosh tinha deixado o corpo na noite anterior. Falando sobre ele, perguntei à Santa Mãe: “Mãe, aqueles que deixam o corpo em um estado de inconsciência atingem um estado espiritual mais elevado depois?”.

Mãe: O pensamento que é predominante na mente antes de perder a consciência determina o curso da alma de alguém após a morte.

Discípulo: Correto. Um pouco depois das seis da tarde, Girish Babu exclamou: “Jai Ramakrishna! Deixe-nos ir”, e ficou inconsciente. Não recobrou mais a consciência. Alguns minutos depois, ele voltou a dizer: “Deixe-nos ir, deixe-nos ir!”, “Segure-me, meu filho!” e coisas assim. Eu disse para ele: “Por que você diz ‘Deixe-nos ir’? É melhor repetir o nome de Sri Ramakrishna, o que fará realmente bem a você”. Disse isso umas duas vezes quando Girish respondeu: “E eu não sei disso?”. Eu disse para mim mesmo: “Oh, ele está completamente consciente por dentro”.

Mãe: Ele permaneceu imerso no pensamento que estava em sua mente quando ficou inconsciente. Eles (falando sobre os discípulos de Sri Ramakrishna) todos vieram dele e voltarão para Ele (o Mestre). Todos vieram dele - de seus braços, pernas, cabelo e assim vai. Eles são os membros dele, as partes.

Udbodhan, Quarto da Mãe, 21 de fevereiro, 1912

Eram sete horas da manhã. A Santa Mãe estava sentada no chão perto do sofá. Swami Nirbhayananda, que tinha ido para Dwarka em peregrinação, mandou para a Mãe um pouco da Prasada do

santuário de Dattatreya, em Girnar Hills. A Mãe perguntou: “Quem foi Dattatreya?”.

Discípulo: Ele, assim como Jada Bharata e outros, foi um grande sábio, um Isvarakoti.

Mãe: Como alguns dos discípulos do Mestre?

Discípulo: Bom, como pode ser que haja Isvarakotis dentre os discípulos do Mestre que estavam imersos em mundanidade, com suas esposas e filhos?

Mãe: Sim, alguns estão nessa condição. Purna foi forçado a se casar. Seus parentes o ameaçaram dizendo: “Se você for a Ele (falando de Sri Ramakrishna), vamos destruir a carruagem dele com pedras e tijolos quando Ele vier para Calcutá”.

Discípulo: Bom, eles podem ter se casado. Nag Mahasaya também casou. Tiveram filhos e levaram uma vida do mundo.

Mãe: Talvez eles tivessem tais desejos. Deixe-me dizer uma coisa. Há uma incrível complexidade na criação. O Mestre faz uma coisa através de uma pessoa e outra coisa através de outra pessoa. Oh, é indecifrável! Porém, mesmo um chefe de família pode ser um Isvarakoti. Qual o problema?

Radhu estava doente. Ela tinha dores e febre. A Mãe estava preocupada com ela e disse: “Ela não se recuperaria se eu não estivesse viva. Quem cuidará dela depois que eu morrer? Como ela vai viver?”.

Discípulo: Que multidão de devotos o dia todo! Você não teve um momento para descansar.

Mãe: Dia e noite, digo para o Mestre: “Por favor, diminua esse fluxo. Deixe que eu descanse um pouco!”, mas dificilmente descanso. Será assim também pelos próximos dias enquanto estiver neste corpo. A mensagem do Mestre foi espalhada para todos os lugares, por isso, muitas pessoas apareceram. Tinha uma massa de pessoas em Bangalore! Assim que desci do trem, houve um banho incessante de flores. Tais pessoas costumavam visitar o Mestre em seus últimos dias. Eu tento persuadir as pessoas dizendo: “Tomem iniciação com seu preceptor familiar (Kulaguru). Eles esperam isso de vocês. Eu não espero nada”. Porém, eles não me deixam. Choram e isso mexe com meu coração. Bom, já estou perto do fim, esse último tempo que resta, passarei desta maneira.

Discípulo: Ah, não, Mãe! Por que fala sobre isso? Você está bem. Não tem qualquer enfermidade em particular. Por que, então, quer deixar este mundo? Nunca mais diga isso.

Durante aqueles dias, a Mãe parecia muito triste e indiferente a tudo.

Golap-Ma estava tendo uma discussão com alguém no andar de baixo. Ao ouvir, a Mãe perguntou: “O que está acontecendo lá?”.

Discípulo: Golap-Ma está brigando com alguém.

Mãe: Não faz bem falar tanto assim. A pessoa convida a miséria para si própria quando constantemente enxerga defeitos em tudo. Golap perdeu todo senso de delicadeza com sua obsessão por falar a verdade. Eu não consigo fazer isso. Uma verdade desagradável nunca deve ser dita.

Em uma outra ocasião, Golap-Ma também tinha falado uma verdade desegradável para alguém. A Mãe tinha comentado: “O que é isso, Golap? Como sua natureza se tornou isso?”.

Durante o meio-dia, um homem nervoso veio ver a Mãe e causou confusão. Falando sobre isso, Ela disse: “O Mestre não deixava ninguém saber da minha existência. Ele sempre me protegia com imenso cuidado. Agora a coisa foi para o outro extremo: me divulgam como se batessem tambores no mercado. M. é a raiz disso tudo. As pessoas ficam fora de si depois que leem o *Kathamrita* (o *Evangelho*). Girish Babu forçava suas vontades no Mestre e abusava dele. Agora as pessoas estão fazendo o mesmo comigo”.

“Por que eles me procuram para iniciação? São meus filhos (referindo-se aos discípulos diretos do Mestre) em Belur Math. Eles não têm poder? Todos estão sendo enviados para cá! Cheguei mesmo ao ponto de dizer para algumas pessoas que elas estariam incorrendo em pecado se não procurassem pelo preceptor familiar. E mesmo assim, elas não me deixam.”

Discípulo: Você inicia os devotos porque quer.

Mãe: Não, faço isso por compaixão. Eles não me deixam. Eles choram. Sinto compaixão por eles. Por bondade, dou-lhes iniciação. Além do mais, o que ganho com isso? Quando inicio devotos, tenho que aceitar os pecados deles. Depois penso: “Este corpo irá morrer de qualquer jeito. Deixe que eles realizem a verdade”.

Udbodhan, 24 de abril, 1912

Era uma e meia da tarde. Fui ao quarto da Mãe depois do almoço para levar rolinhos de bétele. Falando sobre alguém, a Mãe recitou um verso. Perguntei o que significava.

Mãe: Significa que um homem não pode mudar sua natureza. Sri Chaitanya Deva dizia: “Eu adoro aquele que é capaz de deixar seus hábitos passados e adorar o Senhor”.

Discípulo: Uma vez, você disse em Jayrambati: “Seria bom se pudéssemos mudar a própria natureza”. Em outra ocasião, disse: “Há pessoas cuja aparência evoca sentimentos de amor; e outras que evocam sentimentos opostos”.

Mãe: Você está correto, filho. A natureza de alguém é o que conta. O que mais importa?

Discípulo: Sarat Maharaj disse sobre Golap-Ma: “Se ela der coco um pouco mais maduro, a casa inteira saberá apenas de ouvir os gritos”.

Mãe: Verdade, hoje em dia, tal tem sido o costume deles. Por qualquer pequena besteira, gritam. Yogin (Yogin-Ma) era muito calma e firme antes. Agora vejo que ela mudou. A paciência é uma grande virtude. Nenhuma outra qualidade é maior que esta.

Eu tive uma dor de cabeça forte. Fui ao quarto da Mãe e falei sobre isso. Ela disse: “É provavelmente por causa do calor”. Ela misturou um pouco de ghee com cânfora e, fazendo uma pasta com aquilo, aplicou em minha testa com uma massagem suave. “Sempre que o Mestre tinha dor de cabeça, Ele aplicava isso”, Ela contou.

Comecei a me sentir melhor após poucos minutos de massagem e desci. Depois de um tempo, a dor tinha desaparecido. Eu fui e contei para a Mãe: “A dor de cabeça passou, Mãe!”.

Uma moça da Polônia tinha ido para a Índia estudar a Vedanta. Ela tinha ouvido em Calcutá sobre a Mãe e tinha vindo para vê-la. Ela conversou com a Mãe por um tempo. Referindo-se à seita Bahai, ela disse que os ensinamentos eram similares aos de Sri

Ramakrishna - ambos pregavam a harmonia de todas as religiões. A partir desta conversa, parecia que a própria moça pertencia a tal seita Bahai.

Depois que ela foi embora, perguntei à Mãe: “O que achou dela?”.

Mãe: Muito legal.

Discípulo: Essas pessoas vieram de muito longe. Agora a notícia se espalhou como fogo! Onde fica a Polônia e onde fica o escritório de Udbodhan?! Mãe, você não faz ideia disso!

Mãe: O Mestre disse uma vez em estado divino: “Com o tempo, serei adorado em todas as casas. De fato, inúmeros serão os devotos!”. Uma vez, Nivedita disse: “Mãe, nós também somos hindus. Como resultado de nosso karma, nascemos em outro país, mas nos tornamos hindus em verdadeiro espírito!”. Este é (de Nivedita e outros) o último nascimento.

Udbodhan, Salão de Oração, abril, 1912 - 7h

Sri Surendra Chakravarty tinha visitado a Mãe uns dias antes junto de sua esposa. Duas semanas depois, ele veio sozinho. Prostrando-se diante da Mãe, ele disse: “Mãe, estamos sendo privados da visão do Mestre”.

Mãe: Vocês a terão no devido tempo. Este é seu último nascimento. Nivedita disse: “Mãe, também somos hindus, mas devido ao nosso karma, nascemos como cristãos”. Este nascimento também é o último para eles.

A Mãe sempre falava sobre este ser o último nascimento de muitas pessoas, por isso, um dia, decidi perguntar a respeito.

Discípulo: Mãe, qual o significado de “último nascimento”? O Mestre falou sobre o último nascimento de muitos. Você também faz isso.

Mãe: O último nascimento significa que a pessoa não terá que voltar novamente (não precisa ter mais repetidos nascimentos). Esta vida marca o fim disso tudo.

Discípulo: Mas vemos que muitas dessas pessoas não se livram dos desejos - família, esposa, filhos. A menos que se livrem dos desejos, como pode esse retorno ser finalizado?

Mãe: O que quer que o Mestre tenha dito sobre alguém, irá acontecer, aconteça o que for. Suas palavras não são em vão. Que a pessoa tenha ou não desejos no presente, o Mestre previu que, no final, os desejos terão deixado tal pessoa. Ele tinha previsto isso para algumas pessoas.

Discípulo: O último nascimento implica em atingir o Nirvana?

Mãe: É claro que sim. Em alguns casos, é possível que a mente seja abandonada por todos os desejos bem pouco antes da morte.

Discípulo: Mãe, o Mestre se referia a muitas pessoas como sendo “dele”. O que isso quer dizer?

Mãe: Ele costumava dizer: “Alguns deles vieram deste corpo, outros vieram do cabelo, outros das mãos e dos pés. Eles são todos meus eternos companheiros”. Como, por exemplo, um rei. Onde ele vai, seus companheiros o seguem. Quando vou para Jayrambati, meus companheiros também vão, não é? É exatamente assim. Aqueles que são o “meu” de alguém são companheiros era após era.

O Mestre dizia: “Aqueles que pertencem ao ‘círculo íntimo’ são meus companheiros na alegria e na tristeza”. Apontando para os jovens garotos que chegaram, Ele falava: “Eles são felizes com minha felicidade, miseráveis com minha tristeza. Na alegria e na tristeza, eles estão sempre comigo”.

Sempre que Ele vem, todos os outros o seguem. Ele trouxe Naren do Saptarshi. Enquanto meditava no templo de Kali em Dakshineswar, Ele teve uma visão de Sambhu Mallick de pé atrás da Mãe Kali. Ele também viu Balaram Babu em uma visão. Quando Ele encontrou Balaram pela primeira vez, imediatamente o reconheceu: “Sim! Eu o vi assim mesmo, com um turbante e com tez clara”.

Uma vez, o Mestre falou: “Por que eles ofereceram a comida diante da fotografia (do Mestre) em vez de oferecer para a Mãe Kali?”. Ficamos preocupados de que aquilo significava mau presságio. No entanto, o Mestre nos confortou dizendo: “Não se preocupem. Verão, no devido tempo, que eu serei adorado em todos os lares. Juro, isso irá acontecer!”.

Hoje em dia, as pessoas são espertas - elas têm uma fotografia dele! Pegue o caso do Mestre Mahasaya. Ele é uma alma comum? Ele anotou todas as palavras do Mestre. Qual Avatara foi fotografado e as palavras de quem foram registradas daquela maneira?

Discípulo: O Mestre Mahasaya já disse sobre o *Kathamrita* que o material que ele ainda tem daria para dez, doze volumes. Deus sabe quando tudo isso será publicado!

Mãe: Verdade. Ele também está velho agora. Quem sabe talvez não viva o suficiente para completar tudo.

Discípulo: Mãe, você não me disse em Jayrambati que o Mestre virá de novo dentre os devotos de pele branca?

Mãe: Não, eu disse que muitos devotos de pele branca chegarão a Ele. Você não vê, por exemplo, muitos cristãos sendo atraídos para o Mestre? Ele disse que ficará cem anos nos corações dos devotos e depois virá novamente. Eu disse para Ele: "Eu não quero voltar de novo!". Lakshmi também disse que não voltaria. O Mestre sorriu e disse: "Como você poderá escapar? Nossas raízes estão emaranhadas como a planta kalmi (um tipo de planta aquática). Um puxão em uma das extremidades trará tudo para cima". Mas o que importa tudo isso? O Mestre falava: "Você veio para comer as mangas. Para o que serve ficar contando as folhas e galhos?".

Discípulo: Mãe, sinto que não tem propósito viver se não tivermos a visão direta de Deus. Uma vez, perguntei a um fakir muçulmano: "Um homem senta com uma vara de pescar na margem de um lago ou rio, na esperança de que pegará peixes. Ele nunca senta perto da lama. Você tem alguma ideia do porquê se tornou um mendicante religioso?".

Mãe: O que ele disse?

Discípulo: O que poderia dizer?

Mãe: (Depois de refletir um pouco) Você disse a coisa certa. Isso é verdade. O que vale um plano a menos que se obtenha algum tipo de realização? Porém, ainda deve-se continuar a ter fé nas coisas espirituais.

Discípulo: Outro dia, Sarat Maharaj disse, assim como Swamiji (Swami Vivekananda) também havia comentado anteriormente: "Suponha que tenha uma pepita de ouro no quarto ao lado e um ladrão a vê de seu quarto. Tem uma parede que impossibilita que ele tome posse daquele metal precioso. Com tal condição, o

homem consegue dormir? Ele ficaria o tempo todo pensando em como poderia pegar a pepita de ouro! Do mesmo modo, se um homem está firmemente convencido de que há uma entidade como Deus, ele consegue ceder à vida mundana?”.

Mãe: É verdade.

Discípulo: Renúncia e desapego são os carros-chefes. Vamos um dia obtê-los?

Mãe: Certamente. Você conseguirá tudo se tomar refúgio no Mestre. Sozinha, a renúncia era o esplendor dele. Entoamos seu nome, comemos e desfrutamos das coisas porque Ele renunciou a tudo. As pessoas pensam que os devotos também devem ser grandiosos, já que Ele era um homem de completa renúncia.

Uma vez, Ele foi ao meu quarto no Nahabat. Ele estava sem nenhuma especiaria. Ele costumava mascar especiarias de vez em quando. Eu dei um pouco para Ele mascar ali e também um pouco embrulhado em papel para levar para o quarto. Ele saiu, porém, em vez de ir para seu quarto, foi direto para as margens do Ganges. Não percebeu o caminho e nem estava consciente de tal. Ele repetia: “Mãe, devo me afogar?”. Fiquei aflita. O rio estava bem cheio. Eu era apenas uma jovem e não saía do quarto. Eu não via ninguém por perto. Quem eu poderia enviar até Ele? Finalmente, vi um Brâmane do templo de Kali vindo na direção de meu quarto. Através dele, chamei Hriday, que estava almoçando. Ele deixou o prato, correu para o Mestre, agarrou-o e trouxe-o de volta para o quarto. Um segundo a mais, Ele teria se afogado no Ganges!

Discípulo: Por que Ele foi em direção ao rio?

Mãe: Porque coloquei as especiarias em sua mão, Ele não conseguia encontrar o caminho. Um homem santo não deve possuir nada. A renúncia dele estava cem por cento completa.

Uma vez, um Sadhu vaishnava veio ao Panchavati. A princípio, ele demonstrava grande renúncia, mas, ah, finalmente, tal qual um rato, ele começou a pegar e guardar várias coisas - panelas, xícaras, jarros, grãos, arroz, legumes e mais. O Mestre notou e disse um dia: “Pobrezinho! Ele se arruinará desta vez!”. Ele estava preso pela armadilha de Maya. O Mestre o advertiu seriamente a respeito da renúncia e depois pediu para que ele fosse embora. Então, ele partiu.

Um devoto entrou e saudou a Mãe. Depois de sair, Ela disse: “Já fui enganada por mostrar a Harish meu afeto. Portanto, hoje em dia, já não expresso meus sentimentos por mais ninguém”.

Esta é uma foto de grupo tirada por B. Dutta em Baghbazar, Calcutá, em 22 de Chaitra (março/abril), no ano bengali de 1311, 1905 d.C. Da esquerda para a direita: Brahmacharin Ganendranath e Ashutosh estão em pé; Nalini, Santa Mãe, Radhu e Lakshmi Devi estão sentadas.

Udbodhan, 1º de maio, 1912

Na parte da manhã, subi para ler cartas para a Santa Mãe.

Discípulo: A filha de um devoto escreve da casa de seu sogro que gostaria de vir para cá te ver. Ela mandou saudações. Ela também pede que você seja cuidadosa para que os parentes do marido não saibam que ela escreveu para você.

Mãe: Então não escreva nenhuma resposta para ela. Ela quer que eu esconda dos parentes dela! Não faço tal jogo de esconde-esconde. Em Jayrambati, Yogindra, o carteiro, costumava escrever as cartas para mim. Muitos reclamavam dizendo: "O carteiro vê nossas cartas?". Eles não gostavam que eu pedisse a um homem de posição humilde que escrevesse minhas cartas para eles. Por que? Não tem qualquer fraude em mim. Qualquer um pode ler minhas cartas.

Outro devoto queria saber quando a Santa Mãe voltaria para Jayrambati. Eu perguntei à Ela: "Posso dizer que você voltará para lá no outono para o Jagaddhatri Puja?".

Mãe: Oh, não, não! Não dá para ter certeza. Para onde vou está apenas nas mãos de Deus. Hoje estamos aqui, amanhã não.

Discípulo: Por que fala assim, Mãe? É porque está viva que muitos podem te ver e obter um pouco de paz mental.

Mãe: Sim, é verdade.

Discípulo: Por favor, continue pelo nosso bem.

Com a voz macia e embargada pela emoção, Ela disse: "Ah, aqueles que gostam de mim, eu também gosto muito deles". Seus olhos estavam molhados pelas lágrimas. Um discípulo a abanava.

Ela disse para ele, com uma voz muito compassiva: “Meu filho, eu o abençoo com meu coração para que você viva muito, obtenha a devoção e desfrute da paz. A paz é o principal”.

Discípulo: Mãe, uma ideia surge constantemente em minha mente: por que não tenho a visão do Mestre? Já que ele é “nosso”, por que Ele não se revela para nós? Ele não pode fazer isso por vontade própria?

Mãe: Quem pode dizer o porquê de Ele não se revelar quando vocês sofrem com tantas tristezas e misérias? Uma vez, a esposa de Balaram estava doente. O Mestre disse para mim: “Vá para Calcutá e visite-a”. “Como posso ir?”, eu disse, “não tem carruagens ou outro meio aqui”. O Mestre respondeu com a voz agitada: “O que? A família de Balaram está com problemas e você hesita em ir! Você vai andando para Calcutá. Vá a pé”. Depois, trouxeram um palanquim e fui para Dakshineswar. Eu a visitei duas vezes durante sua doença. Da outra vez, fui a pé durante a noite de Shyampukur. Como ficará o homem quando Deus não o protege quando ele está em perigo?

Discípulo: Eu sei que as tristezas e sofrimentos são inevitáveis enquanto o homem viver neste corpo físico. Não peço ao Mestre que remova os sofrimentos. Ele não pode nos consolar se revelando para nós em meio a nossos problemas e tristezas?

Mãe: Você está certo, filho! O filho único de Ram (o filho de Balaram) faleceu há poucos dias. A mãe e a esposa de Ram vieram aqui buscando paz mental. Elas se aliviaram da tristeza um pouco. Eu falava de tais assuntos com o Mestre e Ele dizia: “Eu tenho um milhão deles. Posso cortar meu bode pelo rabo ou pelas costas e depois matá-lo. Assim é meu desejo”.

Discípulo: Ele não percebe nosso sofrimento?

Mãe: Ele tem tantos como você. Ele me dizia: “Isto é o oceano de consciência e bem-aventurança. Quantas ondas surgem e desaparecem! Não tem fim, não tem limite”.

Discípulo: Um homem na rua, cuja consciência espiritual não foi nem um pouco desperta, está feliz. Porém, aqueles cujas consciências já foram despertas parcialmente e que querem realizar Deus sofrem muito quando querem vê-lO. Só eles sabem o quanto sofrem!

Mãe: Ah, isso é muito verdadeiro! As pessoas comuns são felizes. Comem, bebem, se divertem. Apenas os devotos desconhecem o fim do sofrimento.

Discípulo: Você sofre com o sofrimento dos devotos?

Mãe: Por que eu deveria? Aquele que criou o mundo cuida de tudo.

Discípulo: Você não gostaria de voltar para a Terra, em forma humana, pelo bem dos devotos?

Mãe: Ah, quanto sofrimento no corpo humano! Não mais! Não mais! Que eu não nasça de novo! Na época da doença, o Mestre expressou a vontade de comer amalaki. Durgacharan procurou pelas frutas três dias sem comer e sem dormir. O Mestre pediu para que ele comesse, e Ele mesmo comeu do arroz para que se tornasse Prasada. Eu disse ao Mestre: “Você comeu bastante arroz. Por que, então, sua dieta tem sido apenas de mingau? Você devia comer arroz e não o mingau”. “Não, não”, Ele disse, “prefiro comer o mingau nesses últimos dias de minha vida”. Era um sofrimento insuportável para Ele comer até mesmo mingau! Às vezes acontecia de sair tudo pelo nariz ou pela garganta.

Ah, eu fui para o templo de Shiva, em Tarakeswar, mas isso também acabou sendo infrutífero. Deitei diante da Deidade por dois

dias sem comida ou bebida, suplicando por algum remédio divino para a doença do Mestre. Na segunda noite, fiquei perplexa ao ouvir um barulho. Era como se alguém estivesse quebrando uma pilha de jarros de barro com apenas uma tacada. Acordei e a ideia veio como um flash em minha mente: “Quem é o marido neste mundo e marido de quem? Quem é relacionado a quem? Por quem estou sacrificando minha vida?”. Com um só golpe, todos os laços mundanos foram cortados e a mente se encheu de renúncia! Consegui sair daquela escuridão e fui jogar água sagrada no rosto em uma bacia atrás do templo. Também bebi um pouco dela. A garganta estava muito seca pelo jejum de dois dias. Depois, refresquei-me. No dia seguinte, voltei para Cossipore. Assim que o Mestre me viu, Ele perguntou com bom humor: “Bom, conseguiu algo? Qualquer coisa?”.

O Mestre também viu em sonho um elefante saindo para buscar remédio. Enquanto o elefante cavava a terra em busca do remédio, Gopal chegou e o acordou. Ele perguntou se eu tinha tido algum sonho daquele tipo.

Eu tinha visto a Mãe Kali com o pescoço pendendo para um lado. Perguntei à Ela: “Mãe, por que está assim?”, Ela respondeu: “É por causa disso (apontando para a garganta machucada do Mestre). Eu também tenho”.

O Mestre falou: “Estou sujeito a todos os sofrimentos que existem, nenhum de vocês precisará passar por isso de novo. Eu tomei para mim as misérias de todo o mundo”. A doença do Mestre foi por ter tomado para si os pecados de Girish.

Todos os nossos sofrimentos estão nesta Terra. Tem mais algo em outro lugar? As pessoas sofrem de tristezas infinitas por conta do egoísmo e depois dizem: “Não eu, não eu, és Tu, Ó Deus! És Tu!”

Discípulo: Você nos manterá em sua mente daqui para frente?

Mãe: Talvez não quando eu puder desfrutar da felicidade divina depois de morrer. Meu filho, o tempo é a coisa principal. Quem sabe o que acontecerá com o tempo?

Discípulo: Verdade, Mãe, tudo, sem dúvida, acontece pelo domínio do tempo, mas há também um subjugador do tempo.

Mãe: Sim, é verdade.

Discípulo: Por favor, mantenha-se bem e tudo ficará bem.

Eram oito horas. A Mãe perguntou: “Já são oito horas? Talvez sim. É hora da adoração no santuário. Vou para lá”.

Eu subi com suas correspondências. Um dos discípulos havia falecido em Banaras. A Mãe soube da notícia e comentou: “Todos morrem um dia. Em vez de morrer em um rio ou às margens de um rio, ele morreu em Banaras!”.

Seus irmãos tinham escrito pedindo dinheiro e contando sobre as brigas na família. Eu disse para Ela: “Por favor, faça com que eles tenham bastante dinheiro. Diga ao Mestre sobre isso. Deixe que eles desfrutem da vida material e saciem-se”.

Mãe: Tem como ficarem saciados? Nada os satisfaz, não, nem mesmo se tiverem muito. As pessoas mundanas sequer ficam saciadas dos prazeres. Estão sempre reclamando. É Kali (um dos irmãos) que sempre quer dinheiro. Agora Prasanna (outro irmão) o imita. Varada (um terceiro irmão) nunca pede dinheiro. Ele diz: “De onde nossa irmã vai tirar dinheiro?”.

Discípulo: E aquela moça louca? Ela também quer dinheiro?

Mãe: Ela não aceita mesmo quando é oferecido.

Discípulo: Por que você nasceu nessa família?

Mãe: Por que não? Meu pai e minha mãe eram pessoas muito boas. Meu pai era um grande devoto de Rama. Ele tinha intensa devoção ao ideal da vida de Brâmane. Ele não aceitava qualquer presente. Adorava fumar e enquanto fumava - ele era muito simples e humilde -, abordava amigavelmente os transeuntes que passavam pela porta e dizia cordialmente: “Entre aqui, irmão, e fume um pouco”.

Udbodhan, 25 de junho, 1912

Era de manhã. A Mãe estava sentada perto da cama no quarto ao lado do santuário. Estávamos conversando.

Discípulo: Alguns dizem que não é bom para os Sadhus (da Ordem Ramakrishna) trabalharem nos Sevashramas (Casas de Auxílio) e dispensários, ou se preocuparem vendendo livros e coisas assim. O Mestre alguma vez executou tais atividades? Trabalhos deste tipo são dados aos buscadores que entram na Ordem com o desejo de realizarem Deus. Se alguém precisa fazer algum trabalho, deve ser a adoração no santuário, meditação, japa e música devocional. Atividades além dessas nos prendem aos desejos e nos levam para longe de Deus.

Mãe: Você não deve dar atenção para quem fala isso. O que você vai fazer dia e noite se não estiver comprometido com o trabalho? Alguém pode meditar por vinte e quatro horas? Você falou do Mestre. O caso Dele era diferente. Mathur mantinha a dieta apropriada dele. Você pode comprar sua comida porque executa algum tipo de trabalho, do contrário, teria que ir de porta em porta pedindo por comida. Talvez você adoecesse. Além disso, cadê as pessoas hoje em dia para darem comida para os Sadhus? Nunca preste atenção a tais palavras. As coisas acontecerão como o

Mestre direcionar. O monastério é administrado assim. Aqueles que não conseguem se ajustar irão embora.

Um dia, Mani Mullick visitou um Sadhu e contou ao Mestre. “Bem”, disse o Mestre, “você gostou dele?”. “Sim”, disse Mani, “eu vi o Sadhu, mas –”. O Mestre perguntou: “Mas o que?”. “Todos querem dinheiro”, Mani Mullick respondeu. O Mestre disse: “Quanto quer um homem santo? Talvez um pouco de tabaco para fumar. Isso é tudo. Você precisa de suas xícaras de ghee e leite, um colchão e tantas coisas, e os Sadhus querem um pouco de tabaco. Eles não podem ter?”.

Discípulo: Os prazeres vêm apenas dos desejos. Um homem pode viver em uma mansão de quatro andares e ainda assim não aproveitar se não tiver vontade. E um homem pode viver embaixo de uma árvore, mas se tiver vontade, conseguirá todos os prazeres apenas com aquilo. O Mestre costumava dizer: “Uma pessoa pode não ter qualquer parente, mas Mahamaya a fará ter um gato e assim torná-la mundana. Assim é o jogo Dela!”.

Mãe: É verdade. Tudo é devido ao desejo. Quais amarras existem para um homem que não tenha desejos? Eu vivo com todas essas coisas, mas não sinto qualquer apego, não, nem um pingo.

Discípulo: De fato, você não tem desejos. Mas quantos pequenos desejos surgem em nossas mentes! Como podemos nos livrar deles?

Mãe: No seu caso, não são realmente desejos. Eles não são nada. São apenas fantasias que aparecem e desaparecem de sua mente. Quanto mais elas vêm e vão, melhor para você.

Discípulo: Ontem pensei sobre como poderia combater minha mente a menos que Deus me assegurasse de sua proteção. No momento que um desejo desaparece, outro já surge.

Mãe: Enquanto houver ego, os desejos também continuarão, sem dúvidas. Porém, tais desejos não te machucarão. O Mestre será seu protetor. Seria um grande pecado da parte do Mestre se Ele não protegesse aqueles que tomaram refúgio em seus pés, que tomaram refúgio nele renunciando a tudo e que querem levar uma vida boa. Você deve viver com espírito de auto-entrega a Ele. Deixe que Ele lhe faça bem se assim Ele quiser, ou deixe que Ele te afogue se este for seu desejo. Porém, você tem que fazer apenas o que é correto e isso também de acordo com o poder que Ele te deu.

Discípulo: Mãe, será que me rendi a Ele a este ponto? Às vezes sinto que dependo dele muito pouco e no momento seguinte isso desaparece. Qual será o nosso destino se Ele não nos proteger? Às vezes penso que por causa de você, Mãe, estou vivo, podemos falar de nossas dificuldades para você e obter paz ao olhar para seu rosto. Quem irá nos proteger quando você nos deixar? Estaremos a salvo se você nos assegurar disso.

Mãe: Não tenha medo, filho. Você não tem nada a temer. Você não levará uma vida mundana com esposa e filhos. Você não terá nada disso. Por que deveria temer? E, enquanto isso, antes que eu vá, você será capaz de construir uma base segura para sua vida espiritual.

Udbodhan, 7 de julho, 1912

Discípulo: Mãe, não foi organizado para que você visitasse Puri na época do Festival das Carruagens?

Mãe: É bom ir para lá quando tem tanta gente circulando? Talvez tenha uma epidemia de cólera. Lakshmikanta, o sacerdote, disse: “Todos os quartos e casas já foram alugados. Agora já não tem

mais lugar para ficar. Mesmo os quartinhos foram alugados por dez rúpias cada. Voltem no inverno”.

Discípulo: Qual imagem é adorada lá?

Mãe: Em sonho, vi que era uma imagem de Shiva!

Discípulo: Você não viu a imagem de Jagannath lá?

Mãe: Não, vi apenas a imagem de Shiva. O Senhor Jagannath Shiva estava sentado no altar feito de cem mil Salagrams (um emblema de Vishnu). Não é sem razão que milhares de devotos visitem este templo. Há também uma imagem da deusa Vimala. Uma oferenda especial é feita para Ela na noite de Mahashtami. Vimala Devi é uma outra forma de Sri Durga. Assim, não é natural que também Shiva esteja presente lá?

Discípulo: Alguns são da opinião de que ali era originalmente um templo budista e uma imagem do Buda tinha sido instalada lá. Quando o templo caiu nas mãos dos seguidores de Shankaracharya, a imagem foi convertida no emblema de Shiva e, mais tarde, quando os vaishnavas dominaram, converteram-na na imagem de Sri Jagannath - Vishnu.

Mãe: Eu sei de tudo isso, mas vi a imagem de Shiva!

Discípulo: Quantos templos, quantas imagens de deuses e deusas não foram destruídos pelos muçulmanos! Eles arrancaram o nariz de algumas imagens e as orelhas de outras.

Mãe: A imagem de Sri Govindaji, de Vrindavana, foi levada para Jaipur pelo receio dos invasores muçulmanos. Os sacerdotes ficaram chateados e insistiram para que a Deidade fosse trazida de volta. Por fim, ouviram de um Oráculo Divino: “A imagem se foi, mas não Eu! Preparem outra imagem e Eu estarei nela!”.

Discípulo: Tem o templo de Somanath, em Gujarat. Os sacerdotes, em tempos antigos, costumavam banhar a Deidade com a água do Gangotri. Todo dia as pessoas levavam jarras de água dos Himalaias na cabeça. O sultão Mohammed demoliu a imagem e levou embora as portas do templo, que eram feitas de sândalo. Por que isso acontece?

Mãe: Os ímpios não sentem a presença Divina na imagem. A Deidade desaparece diante deles. Ela consegue fazer o que quiser. Isso também é um passatempo de Deus.

Discípulo: O efeito do karma pode se tornar nulo ou vazio? As Escrituras dizem que apenas o conhecimento pode destruir o karma. Ainda assim, deve-se colher o resultado do Prarabdha Karma[8].

Mãe: Apenas o karma é responsável por nossa tristeza e felicidade. Mesmo o Mestre teve que sofrer com os efeitos do karma. Uma vez, o irmão dele estava bebendo água enquanto delirava. O Mestre tirou o copo de sua mão depois que ele tomou apenas um pouquinho. O irmão ficou bravo e disse: “Você me impediu de tomar a água. Você sofrerá desta mesma maneira. Você também sentirá muita dor na garganta”. O Mestre disse: “Irmão, não quis te machucar. Você está doente. A água não fará bem agora, é por isso que tirei o copo. Por que você me amaldiçoa dessa maneira?”. O irmão respondeu chorando: “Não sei, irmão. Essas palavras saíram de minha boca. Elas não darão os frutos”. Na época de sua doença, o Mestre contou: “Tenho essa úlcera na garganta devido àquela maldição. Nenhum de vocês sofrerá no futuro. Eu retiro todos os seus sofrimentos”. Eu disse a Ele em resposta: “Como iria um homem comum viver se tal mal chegasse a ele?”, ao que o Mestre comentou: “Meu irmão era um homem correto. Suas

[8] Conjunto de resultados/efeitos a serem colhidos na vida atual que foram gerados nas vidas anteriores, por exemplo, o corpo físico.

palavras se tornaram verdade. As palavras de todos e de qualquer um podem ser assim concretizadas?".

O resultado do karma é inevitável. Mas, ao repetir o nome de Deus, você pode diminuir sua intensidade. Se era para você se machucar muito, você terá apenas alguns arranhões. O efeito do karma pode ser grandemente contra-atacado com japa e austeridades. Este foi o caso do rei Suratha. Ele tinha adorado a deusa sacrificando cem mil cabras. Depois, essas cem mil cabras mataram o rei com um golpe de espada; ele não teve que renascer cem mil vezes. Isso foi porque ele tinha adorado a Mãe Divina. Cantar o santo Nome de Deus diminui a intensidade dos efeitos do karma.

Discípulo: Se for assim, a lei do karma é suprema neste mundo. Por que então acreditar em Deus? Os budistas aceitam a lei do karma, mas não aceitam Deus.

Mãe: Você está querendo dizer que não há Divindades como Kali, Krishna, Durga e outros?

Discípulo: O efeito do karma é destruído pelas austeridades e japa?

Mãe: Por que não? É bom fazer o tipo correto de trabalho. Sentimo-nos felizes ao fazer o bem e sofremos por fazer o mal.

Udbodhan, manhã

Discípulo: Mãe, às vezes a vejo lendo o *Ramayana*.

Mãe: Algumas vezes eu acompanhava as outras crianças na escola da vila e aprendi um pouco. Mais tarde, Lakshmi e eu costumávamos ler a cartilha do bengali, em Kamarpukur. Meu sobrinho Hriday levou o livro de mim. Ele disse: "Mulheres não deveriam aprender a ler ou escrever. Você está se preparando

assim para depois ler romances e dramas?”. Mas Lakshmi não desistiu do livro. Ela era da família, por isso, agarrou-se ao livro. Eu também tinha uma cópia secreta, comprada por um anna[9]. Lakshmi frequentava a escola da vila. Quando voltava para casa, ela me ensinava. Porém, só melhorei minha habilidade de leitura muito depois, em Dakshineswar. O Mestre estava ficando em Syampukur para tratamento. Eu estava sozinha. Uma menina da família de Bhava Mukherji costumava vir ao jardim do templo para tomar banho no Ganges. Ela sempre passava algum tempo comigo. Ela dava aulas e depois me dava testes. Em troca, eu dava muitos legumes, verduras e outros alimentos que eram mandados para mim.

Discípulo: Mãe, o Mestre visitava Jayrambati com frequência ou apenas de vez em quando?

Mãe: Ele visitou muitas vezes. Ele chegou a ficar uns dez ou doze dias algumas vezes. Sempre que ia para Kamarpukur, Ele também visitava Jayrambati, Sihar e outros locais. Uma vez, Ele deu comida para os vaqueirinhos em Sihar.

Discípulo: Quando foi isso? Durante o período da Sadhana sele ou depois?

Mãe: Foi depois. Durante o período de Sadhana, Ele estava cheio, por assim dizer, de loucura divina. Se tivesse visitado a casa do sogro, isso o teria deixado louco.

Quando Shiva visitou a casa do sogro, todos começaram a lamentar: “Oh! Querida Uma, que grande azar o seu! Você caiu em companhia desses viciados em cânhamo!”. Naqueles dias (depois do casamento), falavam cada coisa do Mestre! “Ah, um genro louco! O que vai acontecer agora?”, e coisas assim.

---

[9] Unidade monetária indiana que equivale a 1/16 de rúpia.

Discípulo: Ontem, Sri Manindra Gupta veio aqui. Eu ainda não o conhecia.

Mãe: Ele já veio antes. Enquanto era garoto, ele visitava o Mestre.

Discípulo: O pequeno Naren também nunca vem aqui.

Mãe: Não, ele não vem. Em Dakshineswar, ele ia ao Mestre. Ele era moreno e magro, com o rosto coberto por marcas. O Mestre tinha grande afeto por ele.

Discípulo: Paltu Babu veio aqui apenas uma vez. Tarak Babu (de Belgharia) vem de vez em quando.

Mãe: Paltu também visita de vez em quando. Ele me dá uma rúpia todo mês. Ele é muito pobre. Se estou em Jayrambati, ele envia o dinheiro para lá.

Paltu e Manindra visitavam o Mestre quando eram apenas crianças de dez anos! Em Cossipore, no dia de Dol-Yatra, todos estavam celebrando o festival, jogando abir (um tipo de pó vermelho perfumado) um no outro com grande alegria. Esses dois garotos não foram. Ambos ficaram abanando o Mestre, trocando de lugar de vez em quando. Eles eram muito pequenos para aguentarem o esforço! Eles massageavam os pés do Mestre. O Mestre estava sofrendo de uma terrível enxaqueca por conta de uma tosse. Por isso, era necessário abaná-lo constantemente.

O Mestre disse para eles: “Vá, saiam e brinquem de abir. Vejam, todos estão lá se divertindo!”. Paltu disse: “Não, Senhor, não iremos. Ficaremos aqui. Como podemos deixá-lo aqui sozinho?”. Nenhuma persuasão funcionou para que fossem participar do festival. O Mestre chorou quando disse mais tarde: “Estes são de fato o meu Ramlala que veio tomar conta de mim. Tão novos em

idade e nem a festa lá fora os fez sair e me deixar!”. Dizendo isso, os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

Discípulo: Muitos devotos visitavam o Mestre. Onde estão agora? Nenhum deles vem a você.

Mãe: Ah, todos estão levando vidas felizes!

Discípulo: Felizes?!

Mãe: Você está certo. Como pode um homem ser feliz neste mundo com esposa e filhos? Eles se esqueceram de si mesmos em “mulher e ouro”. Tudo no mundo resulta em sofrimento no final.

Discípulo: Além disso, a mente tem propensão a ficar no lado externo.

Mãe: Kali, a Mãe do Universo, é a Mãe de tudo. É apenas Ela que gera o bem e o mal. Tudo veio de Seu útero. Há tipos distintos de almas perfeitas - perfeitas desde o nascimento (Svatha-siddha), perfeitas através das disciplinas espirituais (Sadhana-siddha), perfeitas pela graça do professor (Kripa-siddha) e tornadas perfeitas de repente (Hathat-siddha).

Discípulo: O que quer dizer com “tornadas perfeitas de repente”?

Mãe: É como se tornar rico de repente por herdar as riquezas de alguém.

Bem neste momento, Nalini, a sobrinha da Mãe, entrou no quarto depois de se banhar no Ganges. Porque ela achou que o banheiro estava sujo, ela o lavou com algumas bacias de água e depois foi se banhar no Ganges para purificar. Um discípulo e a Mãe opinaram que ela deveria ter tomado um banho comum.

Nalini: E seria o suficiente? Um banheiro!

Mãe: Eu também tive que ir me purificar por ter tido contato com sujeira em várias ocasiões. Porém, apenas cantei o nome de Govinda algumas vezes e me senti pura. A mente é tudo. É apenas na mente que nos sentimos puros ou impuros. Um homem, antes de tudo, deve tornar sua própria mente culpada e, apenas depois, ele poderá ver a culpa de outro homem. Acontece alguma coisa com alguém a quem você enumera os defeitos? Isso machuca apenas você. Esta tem sido minha atitude desde a infância. Por isso, não vejo os defeitos de ninguém. Se alguém não me dá importância, eu lembrarei dele exatamente por isso. Ver os defeitos nos outros! Ninguém deveria fazer isso. Eu nunca faço. O perdão é tapasya (austeridade).

Discípulo: Swamiji (Swami Vivekananda) costumava dizer: "Suponha que um ladrão entre em uma casa e roube algo. A ideia de um ladrão surgirá em sua mente, mas um bebê não tem tal ideia. Portanto, ele não veria ninguém como ladrão".

Mãe: Isso é verdade. Aquele que tem a mente pura vê tudo puro.

Pode-se nascer com uma mente pura se praticou muitas austeridades e práticas espirituais em nascimentos anteriores.

Discípulo: Mãe, minha mente não sente alegria em fazer japa ou práticas espirituais.

Mãe: (sorrindo) Por que? Nem um pouquinho?

Discípulo: Ah, faço sem muito entusiasmo. No momento seguinte, penso: "Qual o sentido em ficar balbuciando? Prefiro tentar a meditação".

Mãe: Você consegue meditar?

Discípulo: Não, nem mesmo isso consigo fazer. Entendo tudo, mas não consigo praticar e obter paz. Alguém pode saber a estrada de Dakshineswar muito bem, mas saberá como caminhar até lá?

Lalit Babu entrou no quarto e saudou a Mãe. Eles começaram a conversar e um outro discípulo participava da conversa de vez em quando.

Mãe: O Mestre costumava dizer: “O caminho é extremamente difícil, como a ponta afiada de uma navalha”. (Depois de uma pequena pausa) Porém, Ele tem vocês em seus braços. Ele está cuidando de vocês.

Lalit: O Mestre nos pegará em seus braços após a morte. Tem algo melhor do que isso? Ah, se Ele fizesse o mesmo enquanto estamos neste corpo!

Mãe: Ele está te segurando nos braços mesmo no corpo. Ele está acima de sua cabeça. Ele está te segurando de verdade.

Discípulo: Ele realmente nos segura? Você está dizendo a verdade?

Mãe: (firme) Sim, realmente é verdade.

A Mãe terminou a adoração matinal e distribuiu a Prasada em folhas de sal (folha da árvore conhecida como shorea robusta) aos devotos. Depois, Ela varreu a sala. Quando juntou a sujeira com a mão, um alfinete entrou em seu dedinho. O dedo sangrou e a Mãe sofreu com a dor. Assim que o discípulo ouviu, ele subiu. Alguém lhe disse para colocar limão quente. Aquilo alivia muito bem a dor. A Mãe disse carinhosamente: “Meu filho, você é ‘meu’. De verdade, todos vocês são ‘meus’”.

16 de agosto, 1912

Mãe: Quando eu tinha treze anos, era hora de ir para Kamarpukur e ficar lá. O Mestre estava em Dakshineswar na época. Depois de ficar por cerca de um mês em Kamarpukur, voltei para Jayrambati. Cinco ou seis meses depois, fui de novo para Kamarpukur e fiquei umas seis semanas. O Mestre ainda estava em Dakshineswar, mas o irmão mais velho, minha cunhada e outros estavam em Kamarpukur. Quando o Mestre foi para lá com a Bhairavi Brahmani, no ano de 1867, Ele foi me ver. Fui para Kamarpukur e, desta vez, fiquei por quase três meses. A Brahmani tinha ido ver Jayrambati, Sihar e outros locais. Um dia, ela teve uma briga com Hriday relacionada a como tirar o prato de folha de Chinu (Srinivas) Sankhari.

Discípulo: Chinu Sankhari estava vivo?

Mãe: Sim, ele estava vivo, porém incapacitado devido à idade.

Discípulo: Em alguns livros, tem-se a impressão de que Chinu havia morrido ainda na infância do Mestre.

Mãe: Ele morreu muito depois. A Brahmani disse: “Chinu é um devoto do Senhor. Qual o mal em eu limpar o lugar onde ele comeu?”. Hriday não gostou disso e falou: “O que? Você vai realmente fazer isso? Se fizer, não deixaremos você ficar mais dentro de casa”. A Brahmani não era uma pessoa de ceder à ameaças. Ela respondeu: “Será que você é capaz? Manasa dormirá no quarto de Sitala!”. Hriday falou: “Bom, veremos como Manasa dormirá no quarto de Sitala!”.

Isso desencadeou uma grande briga entre os dois. Hriday jogou algo nela que acertou na orelha e começou a sangrar. Ela começou a chorar. O Mestre disse: “Ó Hridu! O que você fez? Ela é uma

pessoa santa, uma devota de Deus. Sua briga pode atrair todo mundo e gerar um escândalo!”.

Depois, um dia, a Brahmani viu o Mestre em estado extático e, curiosamente, foi acometida pelo medo. Olhando para Ele, ela começou a dizer: “Oh, para onde devo ir? O que devo fazer? Devo ir para Puri ou para Vrindavana?”. Ela desapareceu uns dias depois, sem o conhecimento de ninguém. Ninguém sabia para onde ela tinha ido. Ela não voltou.

Antes de sua saída, um dia, ela fez guirlandas com várias flores, passou pasta de sândalo nelas e adornou o Mestre como Sri Gauranga. O Mestre entrou em êxtase. Depois, ela foi me procurar. Mal cheguei, o Mestre disse: “Como estou?”. Ao que respondi: “Bom”, e saí depois de me prostrar rapidamente. Seu estado de inebriação divina tinha me assustado.

Depois disso, voltei para Jayrambati. As pessoas da vila diziam todo tipo de coisas sobre o Mestre - que Ele era louco, que tinha enlouquecido completamente, andava nu e coisas assim. Ninguém conseguia entender o estado da mente dele. Enquanto todos falavam isso, eu dizia para mim mesma: “Deixe isso para lá e vá vê-lo”. Uma oportunidade logo apareceu. Muitas mulheres da vizinhança estavam indo para Calcutá para um banho sagrado no Ganges em um dia auspicioso que estava próximo. Eu disse para uma amiga: “Vou para Dakshineswar para vê-lo”, e ela falou tudo para o meu pai. Eu, é claro, não podia falar isso para ele por conta do medo e da vergonha.

Meu pai disse: “Ela quer ir? Muito bem”. Ele também nos acompanhou. No caminho, fiquei doente. Fiquei inconsciente devido à febre e desmaiei. Nessa hora, vi uma mulher de pele muito escura, sentada ao meu lado e cutucando minha cabeça. Ela disse: “Sou de Dakshineswar”. Eu disse. “Eu também estou indo

para lá. Mas como você se relaciona conosco?”, ela respondeu: “Eu sou sua irmã. Não fique preocupada! Você ficará boa logo”.

Já no dia seguinte, a febre foi embora. Meu pai conseguiu um palanquim para mim. Chegamos a Dakshineswar por volta das nove da noite. Fui direto para o quarto do Mestre enquanto os outros foram para o Nahabat, onde ficava minha sogra. O Mestre disse para mim: “Ah, você veio!”, e pediu para que alguém colocasse uma esteira no chão. Depois, acrescentou: “Ah, e se meu Mathur ainda estivesse vivo! Com a morte dele, minha mão direita, como ele era, está quebrada!”. Mathur tinha morrido alguns meses antes. Akshay (o filho do irmão mais velho do Mestre) também tinha falecido.

Discípulo: Oh! Mathur Babu não estava lá?

Mãe: Não, ele tinha morrido uns sete ou oito meses antes. Se estivesse vivo, eu teria sido colocada naquele minúsculo quarto (no Nahabat)? Ele teria construído uma mansão para mim!

Depois de ver o Mestre, eu quis ir para o Nahabat, mas Ele disse: “Não, não. Fique aqui. Seria inconveniente o médico te atender lá”. Passei a noite em seu quarto. Uma mulher dormiu ao meu lado. Hriday nos deu arroz tufado porque todos já tinham jantado quando chegamos.

No dia seguinte, o médico veio para me examinar. Fiquei bem depois de uns dias e fui ficar no Nahabat. Minha sogra também estava ficando lá. Antes disso, ela estava morando em um bangalô usado pelos donos do jardim do templo. Akshay tinha respirado a última vez lá, por isso, ela saiu do local dizendo: “Não vou mais ficar lá. Morarei no Nahabat e passarei os dias olhando para o Ganges. Não preciso mais do bangalô”.

O Mestre executou o Shodasi Puja cerca de um mês e meio depois de minha chegada a Dakshineswar (provavelmente na noite do Phalaharini Kali Puja, em junho de 1872). Eu tinha acabado de fazer dezesseis anos. Por volta das nove da noite, Ele foi me ver. Hriday tinha feito tudo o que precisava para a adoração. O Mestre pediu para que eu sentasse. Sentei no banco em frente à jarra com água do Ganges que ficava em um dos cantos do quarto. O Mestre sentou perto da porta de frente para o leste. Todas as portas estavam fechadas. Os itens para a adoração estavam à minha direita.

Discípulo: Como Ele a adorou?

Mãe: Eu logo fiquei semiconsciente devido ao fervor espiritual. Por isso, não sei como foi exatamente a adoração.

Discípulo: O que fez quando retomou a consciência?

Mãe: Saudei o Mestre mentalmente e fui embora.

Discípulo: Era noite de (Phalaharini) Kali Puja. Deviam ter muitas pessoas presentes. Nenhuma delas soube sobre a adoração?

Mãe: Não falei que todas as portas estavam fechadas? O templo de Kali estava lotado de festividades aquela noite. Todos ocupados com aquilo. Além disso, o que eles tinham a ver com o Mestre? Nada, além de vê-lo e saudá-lo!

Um garoto chamado Dinu, de Mukundapur, um sobrinho distante do Mestre, costumava ficar com Ele. O Mestre amava muito o menino. Ele tinha coletado as flores e folhas de bilva para a adoração. Hriday tinha feito todo o resto. Não tinha ninguém além do Mestre quando a adoração começou efetivamente. No final, Hriday entrou.

Ram Babu menciona em seu livro que o Shodasi Puja aconteceu em Jayrambati. Ah! As pessoas naquela parte do país são tão fofoqueiras. Por conta disso, costumavam comentar: “Para quem vocês deram a garota em casamento? Um maluco, um louco!”. Agora imagine a consequência de se adorar uma mulher lá!

Depois da adoração, continuei ficando em Dakshineswar por um ano. Depois, fiquei doente e voltei para Jayrambati. Em Dakshineswar, Sambhu Babu (Sambhunath Mallick) tinha arranjado tratamento para mim com o médico Prasad Babu.

Discípulo: Você estava em Dakshineswar quando a mãe do Mestre morreu? (vinte e sete de fevereiro, 1875)

Mãe: Não, eu estava doente em Jayrambati. Voltei apenas depois de um ano para Dakshineswar. Para tratar do problema no baço, fui para o templo de Shiva, em Badanganj, onde a região do órgão foi chamuscada.

Depois de visitar Dakshineswar duas ou três vezes, o Capitão (Viswanath Upadhyay) deu madeira para Sal. Sambhu Babu construiu uma cabana para mim perto do local onde hoje está Ramlal. De noite, uma alta no Ganges carregou um dos troncos da cabana. Hriday brigou comigo dizendo: “Você é azarada!”, e coisas assim. O Capitão, sem se importar com a perda, mandou mais um tronco.

Fiquei na cabana por alguns dias. Durante uma monção, o Mestre estava nessa cabana. Chovia tanto que Ele não conseguia voltar para seu quarto naquela noite. Ele terminou de comer e deitou para dormir. Ele disse para mim brincando: “É como se eu tivesse ido para casa, como qualquer outro sacerdote do templo de Kali que dorme em sua casa de noite!”.

Uma velha senhora de Banaras tinha, por fim, me persuadido a ir para o quarto no Nahabat. O Mestre estava sofrendo de um sério ataque de disenteria. Comecei a cuidar dele. Procurei em vão essa senhora quando visitei Banaras.

Na vez seguinte, minha mãe, Lakshmi, eu e alguns outros fomos para Dakshineswar. Fiz uma oferta votiva com meu cabelo e unhas em Tarakeswar pela recuperação de minha última enfermidade. Como (meu irmão) Prasanna estava conosco, primeiro fomos à sua casa alugada em Calcutá. Era talvez o mês de março (ano 1881). No dia seguinte, todos nós fomos para Dakshineswar. Mal tínhamos chegado, Hriday, por razões conhecidas apenas por ele mesmo, começou a dizer: “Por que eles vieram para cá? O que eles têm para fazer aqui?”. Ele foi descortês com todos. Minha mãe ficou em silêncio. Hriday vinha da aldeia Sihar e minha mãe também nasceu e foi criada lá. Ele claramente ignorou minha mãe. Ela disse: “Venha, vamos para casa. Com quem vou deixar minha filha aqui?”. O Mestre ficou calado o tempo todo. Todos fomos embora naquele dia. Ramlal chamou um barco para atravessar o rio.

Na hora da despedida, mentalmente rezei à Mãe Kali: “Mãe, voltarei para cá novamente se assim você permitir”. Hriday teve que sair do templo de Kali por ter adorado a filha de Trailokya (filho de Mathur Babu), colocando flores nos pés dela (junho, 1881).

Ramlal tornou-se o sacerdote fixo no templo de Kali. Aquilo virou sua cabeça! Ele ficava exaltado pensando: “Ah, que grandiosidade! Agora sou o sacerdote da Mãe Kali!”, e passou a negligenciar o Mestre. O Mestre entrava em estado extático e sua comida ficava lá sem ser tocada. Depois, ficava velha e seca. Não tinha mais ninguém no templo de Kali para cuidar dele, por isso, o Mestre sofreu muito. Ele começou a mandar recados para mim por pessoas que iam para aquela região, para que eu me juntasse novamente a Ele em Dakshineswar.

Por Lakshman Pyne, de Kamarpukur, Ele mandou a seguinte mensagem: “Estou sofrendo aqui. Depois de virar sacerdote, Ramlal se juntou ao grupo de outros sacerdotes do templo. Ele não cuida mais de mim. Você precisa vir. Pegue um palanquim, vou arcar com os custos, sejam dez ou vinte rúpias”. Ao ouvir este pedido sincero, finalmente fui para Dakshineswar (em fevereiro ou março de 1882). Isso aconteceu depois de um ano.

Discípulo: Onde estava o Mestre quando Rani Rasmani morreu?

Mãe: Em Dakshineswar. Ouvi dele e também de outros que, no momento da morte de Rasmani, de repente as luzes do templo de Kali no Kalighat se apagaram e a Mãe revelou-Se para Rasmani. Todos os seus parentes também faleceram na residência no Kalighat, com exceção de Mathur Babu, em Janbazar.

Belur Math, 16 de outubro, 1912 (quarta-feira)

Era época do Durga Puja. Era dia de Bodhan. A Mãe estava para chegar ao monastério de noite.

A noite estava caindo e ainda não tinha qualquer sinal dela. Com essa demora, Baburam Maharaj (Swami Premananda) ficou ansioso. Do portão, ele viu que as bananeiras e as jarras sagradas não tinham sido arrumadas ainda e falou: “Isso ainda não foi feito, como pode a Mãe chegar?”.

Mal tinha a cerimônia de Bodhan terminado, a carruagem da Mãe chegou a Belur Math. Quando a carruagem parou, Golap-Ma com cuidado ajudou a Mãe a sair. A Mãe olhou tudo ao redor com olhos brilhantes e disse: “Tudo está arrumado direitinho. É como se nós tivéssemos vindo vestidos como a Deusa Durga!”.

A Mãe e as devotas foram acomodadas em um bangalô ao norte da área do monastério. A Mãe ficou no quarto ao sul no bangalô. No dia de Mahashtami, mais de trezentos devotos fizeram reverência à Ela, um por um. Ela estava sentada em seu quarto de frente para o oeste. Três ou quatro pessoas foram iniciadas por Ela naquele dia.

De noite, durante uma conversa, um assunto sobre a irmã de Girish Babu surgiu. Ela morreu repentinamente na noite do Bodhan. A Mãe disse: “O ser humano, hoje ele está, amanhã não está mais. Ninguém acompanhará alguém depois da morte. Apenas as ações - boas e ruins - acompanham, mesmo após a morte”.

Um garoto havia recebido o mantra do Mestre em um sonho. Ele foi à Mãe por orientação. Falando sobre ele, a Mãe disse: “O Mestre pegou esse garoto Brâmane no colo e deu-lhe o mantra”.

Discípulo: Você deu outro mantra para ele?

Mãe: Não, eu disse para ele: “Você foi abençoado com a graça de Deus dada por Ele mesmo. Você atingirá tudo com a repetição do mantra”. Nem mesmo perguntei qual era o mantra. Apenas expliquei para ele a técnica da repetição.

No dia de Vijaya Dasami, quando a imagem estava sendo retirada do barco para imersão no Ganges, o Dr. Kanjilal tinha dançado, gesticulado e feito caretas para a imagem como uma criança, o que fez todos rirem. Um Brahmacharin, que tinha votos puritanos, ficou muito irritado com os gestos e poses. A Mãe estava assistindo toda a cena de sua residência e gostando. Depois, falei para a Mãe sobre a reação crítica do Brahmacharin. Ela disse: “Não, não, está tudo bem. A Deusa precisa ser entretida de todas as maneiras, com música, alegria e brincadeiras”.

A Mãe voltou para Udbodhan no dia seguinte e, após passar alguns dias lá, foi para Banaras.

Banaras, 5 de novembro, 1912 (terça-feira)

A Mãe chegou ao Ramakrishna Advaita Ashrama, em Banaras, por volta de uma hora da tarde. Depois de um tempo, Ela foi para a nova residência de Kiran Babu, que era bem perto do Ashrama. A varanda larga da casa agradou a Mãe e Ela comentou: “Somos de fato afortunados. Um lugar estreito deixa a mente estreita, enquanto um lugar grande a expande”.

A Mãe ficou no primeiro andar com Golap-Ma, a esposa do Mestre Mahasaya e algumas devotas. Swami Prajnanada e todos nós ficamos no andar de baixo.

Já no outro dia, a Mãe foi de palanquim para os santuários de Viswanath e Annapurna. No dia seguinte ao Kali Puja (nove de novembro), Ela visitou a Ramakrishna Mission Home of Service, também conhecida como Sevashrama. Swami Brahmananda, Swami Turiyananda, Charu Babu (Swami Shubhananda), Dr. Kanjilal e outros estavam presentes. Kedar Baba (Swami Achalananda) acompanhou o palanquim dela e apresentou os arredores do hospital.

Depois de ver todos os departamentos, Ela sentou e expressou a Kedar Baba sua alegria com todas as construções e jardins que tinha visto e com a boa organização. Depois, acrescentou: “O próprio Mestre está presente aqui, e a Mãe Lakshmi está aqui em todo Seu esplendor!”.

Ela estava curiosa para saber como a instituição tinha se erguido e com quem a ideia tinha começado. Kedar Baba falou dos zelosos esforços e perseverança de Charu Babu e outros. Swami Brahmananda falou dos esforços, entusiasmo e trabalho duro de

Kedar Baba pela instituição. A Mãe ficou muito satisfeita. Ela comentou: “O local é muito bonito, tenho vontade de ficar aqui em Banaras”.

Logo depois de chegar à sua residência, um devoto veio ao Sevashrama com uma nota de dez rúpias e, entregando-a ao gerente, disse: “Aceite de bom grado essas dez rúpias como doação da Mãe para o Sevashrama”.

Em catorze de dezembro, a Mãe visitou os santuários de vários deuses e deusas em Banaras. Depois de sua visita ao templo de Vaidyanath e Tilabhandeswar, Ela disse que a imagem de Shiva era Svayambhu. Pouco depois do anoitecer, Ela visitou o templo de Kedarnath e participou do culto noturno de lá, depois de ter ido olhar o sagrado Ganges. Sobre Kedarnath, Ela disse: “Este Kedar e o Kedar nos Himalaias são idênticos, estão conectados. Se alguém vir este templo, é o mesmo que ver o outro. A Deidade aqui é uma Presença Viva!”.

Um dia, a Mãe visitou Sarnath. Quando viu alguns estrangeiros observando com grande admiração as ruínas budistas de lá, Ela disse: “Essas são as mesmas pessoas que construíram esses locais em nascimentos anteriores. Agora, elas voltaram aqui e estão maravilhadas com seus próprios feitos!”.

Na hora de voltar, Swami Brahmananda mandou a Santa Mãe em sua própria carruagem. A princípio, Ela não se deixou persuadir e disse: “Não, não. Rakhal e outros vieram nela e voltarão nela. Eu não gosto muito de viajar assim”. Porém, acabou cedendo. Mal a carruagem tinha saído de vista, o cavalo da carruagem em que o Swami estava viajando saiu desgovernado e caiu em uma vala à beira da estrada junto com a carruagem. O Swami ficou bem machucado.

Ao ouvir sobre o acontecido, a Mãe disse: “O acidente estava guardado para mim, mas Rakhal discretamente o dirigiu para si mesmo. De outro modo, com tantos jovens (Radhu, Bhudev e outros) em minha carruagem, quem sabe o que teria acontecido a eles?”.

A Mãe visitou dois homens santos dessa vez em Banaras - um deles foi seguidor de Guru Nanak e o outro era Chameli Puri. Quando Golap-Ma perguntou a Chameli Puri como ele conseguia comida, o velho monge respondeu com grande fé e seriedade: “É a Mãe Durga que consegue. Quem mais seria?”. Essa resposta agradou muito à Mãe.

Voltando para casa à noite, Ela disse para nós: “Ah, o rosto do velho homem me vem à mente - ele parece uma criança!”. No dia seguinte, Ela mandou algumas laranjas, doces e um cobertor para ele. Alguns dias depois, perguntei se Ela tinha visitado novamente o homem santo, Ela disse: “Quais outros homens santos preciso ver? Eu já vi aquele homem santo. Qual outro existe?”.

Um dia, algumas mulheres vieram visitar a Mãe. Elas a encontraram muito ocupada com Radhu, Bhudev e outras crianças, enquanto pedia para Golap-Ma remendar seu manto rasgado. Uma delas não se conteve e disse: “Mãe, vejo você terrivelmente presa em Maya!”. Ela respondeu com voz baixa: “O que fazer, querida, se sou a própria Maya!”.

Em outro dia, vieram umas três ou quatro mulheres encontrá-la. A Mãe estava sentada em um lado da varanda, e Golap-Ma e outros do outro lado. Ao ver Golap-Ma, que aparentava ser mais velha e possuía uma personalidade impositiva, uma das visitantes a confundiu com a Santa Mãe e a saudou. Assim que estava para falar algo, Golap-Ma percebeu o erro e disse: “Ali está a Santa Mãe”. Vendo a aparência simples da Santa Mãe, a moça pensou que a “Santa Mãe”, na verdade Golap-Ma, estava apenas

brincando. Mas quando Golap-Ma repetiu o que tinha dito, a mulher foi em direção à Santa Mãe para saudá-la. A Mãe, sorrindo, disse: “Não, não. Ela mesma é a Santa Mãe!”.

A moça ficou perdida! Golap-Ma e a Mãe estavam apontando uma para a outra dizendo: “Ela, ela é a Santa Mãe!”. Estávamos assistindo a essa brincadeira. Finalmente, a mulher julgou que Golap-Ma era a “verdadeira” Santa Mãe e novamente foi em sua direção. Agora Golap-Ma a repreendeu dizendo: “Você não tem juízo? Não percebe a diferença entre um rosto humano e um rosto divino? Algum ser humano é assim?”.

De fato a Mãe possuía algo único com sua aparência simples e graciosa, o que fazia com que sua natureza incomum fosse sentida.

Banaras, Casa de Kiran Babu, manhã

Discípulo: Todos os peregrinos tocam a imagem de Visvanatha (Shiva). Por isso, a imagem é banhada de manhã. Depois, os sacerdotes adoram a Deidade e oferecem comida.

Mãe: Os sacerdotes permitem que as pessoas toquem na imagem por ganância pelo dinheiro. Por que eles fazem isso? É o suficiente ver a imagem à distância, do contrário, pessoas de caráter imoral tocariam nela.

Há algumas pessoas cujo toque cria uma sensação de queimação no corpo. É muito dolorido. Por isso, lavo meus pés e mãos depois que elas me tocam. Por sorte, o fluxo de pessoas aqui é menor que em Calcutá.

Discípulo: Aqui você só pode ser vista depois da permissão dos Swamis mais velhos. Isso foi feito para diminuir o fluxo.

Sua cunhada louca a atormentava até mesmo em Banaras. Falando sobre isso, Ela disse: “Talvez eu tenha adorado Shiva com folhas de bilva com espinhos. Por isso tenho este espinho na vida em forma de cunhada”.

Discípulo: Como assim? Qual o problema em oferecer folhas de bilva com espinhos para Shiva sem saber?

Mãe: Não, não. É extremamente difícil adorar Shiva. Pode machucar uma pessoa mesmo se ela cometer um erro inconscientemente. Porém, o fato é que aqueles que estão tendo o último nascimento sofrem com os efeitos do karma do passado nesta vida.

Não lembro de ter cometido sequer um pecado desde que nasci. Toquei o Mestre aos cinco anos. Posso não tê-lo compreendido na época, mas Ele certamente me tocou. Por que tenho que sofrer tanto? Ao tocá-lo, os outros se libertam de Maya, por que somente eu preciso ter tantos emaranhamentos? Dia e noite minha mente quer se elevar alto. Eu a forço para baixo por compaixão às pessoas. E ainda assim tenho muitos problemas!

Discípulo: Deixe que façam o que quiserem. Por favor, fique conosco. Uma pessoa não consegue ficar brava se tem consciência de si mesma.

Mãe: Você está certo, filho. Não há maior virtude que a paciência. Este corpo é de carne e sangue. Às vezes posso dizer algo devido à ira.

Depois Ela acrescentou, dizendo para si mesma: “Aquele que avisa amigo é. Qual o propósito de se lamentar quando for tarde?”.

11 de dezembro, 1912

A Santa Mãe, enquanto esteve em Banaras, costumava ouvir a leitura do *Kai Khanda*. Uma noite, depois da leitura, Ela estava conversando com um discípulo.

Discípulo: Todos que morrem em Banaras atingem a liberação?

Mãe: As Escrituras dizem que sim.

Discípulo: Qual a sua experiência direta? O Mestre viu que o próprio Shiva assopra o mantra sagrado (Taraka-Brahma) no ouvido dos mortos.

Mãe: Não sei sobre isso, filho. Nunca vi nada desse tipo.

Discípulo: Não posso acreditar enquanto não ouvir algo de você sobre esse ponto.

Mãe: Bom, vou perguntar ao Mestre: “R– não quer acreditar. Por favor, mostre-me algo a respeito disso”.

Comentei sobre a destruição de templos em vários lugares da Índia durante o regime muçulmano, e disse: “Havia muita opressão. O que Deus fez para prevenir isso?”.

Mãe: Deus tem infinita paciência. As pessoas adoram Shiva colocando água em jarros acima da cabeça Dele dia e noite. Isso O afeta minimamente? Ou O adoram cobrindo a imagem com roupas secas. Isso O perturba? A paciência de Deus desconhece limites.

Na manhã seguinte, a Santa Mãe disse para Khagen Maharaj: “Ontem de noite, estava deitada acordada quando de repente vi a imagem de Narayana, do templo de Seth, de Vrindavana, de pé ao meu lado. A guirlanda de flores em volta do pescoço descia até os pés. O Mestre estava de mãos postas em frente à imagem. Eu pensei: ‘Como pôde o Mestre vir aqui?’. Eu disse (para Ele): ‘R–

não quer acreditar'. O Mestre respondeu: 'Ele deve. Tudo isso é verdade'. Ele quis dizer sobre morrer em Banaras e atingir a liberação. A imagem de Narayana me contou duas coisas. Uma era: 'Dá para obter o conhecimento sobre a Realidade a menos que se conheça a verdade sobre Deus?'. A outra coisa não consigo lembrar".

Khagen Maharaj: Por que o Mestre estava de mãos postas diante da imagem de Narayana?

Mãe: Esse era seu comportamento característico. Ele era humilde perante todos.

Chamei a Mãe de manhã e perguntei, falando sobre a conversa do dia anterior: "Por favor, me diga se alguém que morre em Banaras atinge a liberação. O que você viu?".

Mãe: As Escrituras dizem que sim. Além disso, muitas pessoas vêm para cá com tal crença. O que mais pode acontecer àquele que tomou refúgio em Deus?

Discípulo: É verdade que aquele que toma refúgio em Deus será liberado. Mas, pegue o caso daqueles que não se renderam a Deus, que não são devotos ou que pertencem a outros credos, eles também terão a liberação se morrerem em Banaras?

Mãe: Sim, eles também. Banaras é permeada pelo espírito de Deus. Todos os seres vivos deste lugar, mesmo as mariposas e insetos, estão cheios de consciência divina. Qualquer ser que morra aqui - seja um devoto, um ateu, alguém de outra religião ou mesmo um inseto ou mariposa -, certamente será liberado.

Discípulo: Você está falando a verdade?

Mãe: Sim, é verdade. Se não for assim, como explicar a glória deste santo local?

Ali por perto estavam alguns doces que tinham sido oferecidos ao Senhor. Uma mosca, que voava por ali, sentou no meu braço. Apontando para ela, eu disse: “Mesmo essa mosca?”.

Mãe: Sim, mesmo a mosca. Todos os seres deste lugar estão repletos com o espírito de Deus. Bhudev queria levar para casa duas pombas filhotes que tinham sido pegas no ninho acima da escada. Eu disse para ele: “Não, não, você não pode tirá-las. Elas são habitantes de Banaras”. As mulheres que vêm da Bengala Oriental moram em Bangalitola. Elas não têm amor por suas casas e propriedades, amigos e parentes? Todas vieram para cá para dar o último suspiro em Banaras. Elas têm muita sabedoria e são desprovidas de apego.

Discípulo: Olha como as pessoas da Bengala Oriental são espirituais!

Mãe: Sim, elas são. As pessoas do nosso distrito são desprovidas de sabedoria espiritual. Pegue como caso o sogro de Radhu. A família dele tem uma casa em Banaras e, mesmo assim, os membros se assustam com a mais simples menção a Banaras. Querem pensar que não morrerão se ficarem em sua vila natal. A Morte, no entanto, se move conosco como nossa sombra.

Discípulo: Você está realmente falando a verdade quando diz que quem morre aqui ganha a liberação?

Mãe: (direto ao ponto) Não posso jurar três vezes. Jurar uma única vez já é ruim o bastante. Jurar três vezes! E isso estando em Banaras!

Discípulo: (sorrindo) Por favor, que eu não morra em Banaras! Neste caso, onde eu estarei e onde você estará? Não vamos nos ver!

Mãe: (sorrindo) Que bobo! Ele diz que não quer morrer em Banaras!

Discípulo: Mãe, ver é crer. Alguém acredita em uma afirmação quando ela pode ser corroborada pela percepção direta.

Mãe: O que mais você pode fazer se não acredita nas palavras dos homens de alma elevada? Existe algum outro caminho exceto aquele ensinado pelos sábios, videntes e outros homens santos?

Discípulo: De fato não existe nenhum! O que mais posso fazer além de ouvir os videntes que tiveram a percepção direta? Por isso que trouxe essa questão a você. Só deixarei você ir quando me der uma resposta direta!

Mãe: Isso importa minimamente para Deus se você acredita ou não? Mesmo o sábio Suka Deva era para Ele como uma formiga grande, no máximo. Ele é o Infinito. O que mais você pode entender Dele? Nosso Mestre foi um homem de percepção direta. Ele via tudo, Ele sabia de tudo. As palavras dele são as palavras dos *Vedas*. O que você vai fazer se não acreditar nas palavras dele?

Discípulo: As Escrituras diferem. Algumas dizem “este” e outras dizem “aquele”. Qual devemos aceitar? É por isso que estou te importunando.

Mãe: Sim, é verdade. O almanaque dá uma previsão da chuva, mas você não obtém sequer uma gota de chuva se torcer o almanaque. Além disso, as Escrituras estão repletas de coisas inúteis também. Não se pode levar ao pé da letra a injunção das

Escrituras. O Mestre costumava dizer: "Aquela Bhakti que é cercada pelas injunções das Escrituras dificilmente justifica seu próprio nome".

Enquanto ficava em Kamarpukur, depois de voltar de Vrindavana, tirei as pulseiras por medo da crítica pública. Na verdade, as pessoas já falavam sobre isso. Eu também queria ir tomar banho no Ganges, pelo qual eu sempre tive uma devoção especial, mas o rio é longe de Kamarpukur.

Um dia, vi, para grande surpresa, que o Mestre estava vindo do canal de Bhuti em direção à casa. Ele era seguido de Naren, Baburam, Rakhal e muitos outros devotos. Depois, vi que de seus pés saía água que fluía em frente dele em ondas. Disse para mim mesma: "Vejo que Ele é tudo. O Ganges saiu de seus pés de lótus!". Rapidamente, peguei flores na lateral do templo de Raghuvir e as ofereci ao fluxo da água. Depois o Mestre disse: "Não tire as pulseiras. Você conhece os Tantras vaishnavas?". Eu disse: "O que são? Não sei nada sobre eles". O Mestre disse: "Gaurimani (Gauri-Ma) virá aqui esta tarde. Ela vai falar sobre eles". Naquela mesma tarde, Gaurdasi chegou e aprendi com ela que, para uma mulher, seu marido é Chinmaya (Espírito Puro).

Nesta Kali Yuga, atinge-se Deus se simplesmente persistir na Verdade. O Mestre costumava dizer: "Aquele que não diz nada além da verdade descansa no colo de Deus!". Durante a doença do Mestre em Dakshineswar, eu costumava ferver e condensar leite, e dava dois litros para Ele tomar dizendo que era um litro. Eu não falava a quantidade correta. Um dia, Ele soube disso e falou: "Como assim? Persista na verdade. Tenho problema de intestino por conta de tomar uma grande quantidade de leite". Surpreendentemente, naquele mesmo dia, Ele sofreu uma desordem no intestino. Ele tinha todos os poderes, mas isso não acontece conosco.

Discípulo: Todas essas minhas perguntas e conversas não são por mim mesmo. Não me preocupo comigo mesmo. Tenho um sentimento diferente sobre isso. O que quero saber é: eu me dirijo a você como minha Mãe. Você é mesmo a minha Mãe?

Mãe: Quem mais eu poderia ser? Sim, sou sua Mãe.

Discípulo: Você pode dizer que sim, mas não vejo isso de verdade. Natural e espontaneamente, conheço a mãe que deu luz ao meu corpo como minha própria mãe. Mas posso pensar o mesmo de você?

Mãe: Sim, de fato!

Alguns momentos depois, Ela acrescentou: “Meu filho, apenas Ele é pai e mãe. Apenas Ele se tornou pai e mãe”.

16 de dezembro, 1912

Abordei o assunto sobre “visões” e perguntei à Mãe: “As pessoas têm várias ‘visões’. Elas são subjetivas ou podem ser de fato vistas com os olhos físicos?”.

Mãe: São todas subjetivas. Porém, já tive uma com os olhos físicos. Foi em Kamarpukur. Uma garota como Radhu, de uns onze ou doze anos, usando roupas ocres, com um colar de rudraksha em volta do pescoço, o cabelo duro e seco, ia comigo aonde quer que eu fosse.

Depois, fiz o Panchatapa na casa alugada de Nilambar Babu em Belur. Yogin (Yogin-Ma) também fez. Depois disso, a menina desapareceu e nunca mais a vi.

Discípulo: Qual a necessidade de tapasya (austeridade)?

Mãe: É muito necessário. Olhe para Yogin. O quanto ela jejua mesmo hoje em dia? Ela pratica austeridades intensas. Golap é adepta ao japa. Um dia, a mãe de Naren veio para me visitar. Naren disse para ela: “Talvez você tenha praticado austeridades, por isso teve Vivekananda como filho. Repita-as e talvez possa ter outro Vivekananda”.

O Mestre praticou todos os tipos de disciplina. Ele costumava dizer: “Eu fiz o molde, agora podem fazer as imagens”.

Discípulo: Qual o significado de fazer a imagem?

Bhudev: Significa meditar no Mestre e moldar a si mesmo como Ele.

Mãe: Sim, Bhudev compreendeu isso. Fazer a imagem significa meditar e contemplar o Mestre, pensar nos tantos acontecimentos da vida dele. Ao meditar nele, tem-se todos os estados espirituais. Ele dizia: “Quem se lembrar de mim, jamais sofrerá por comida ou outras privações físicas”.

Maku: Ele mesmo disse isso?

Mãe: Sim, essas são as palavras da boca dele. Ao lembrar-se dele, livra-se de todos os sofrimentos. Não vê que todos os devotos dele são felizes? Em todo lugar você encontrará devotos do Mestre assim. Aqui em Banaras, vejo tantos homens santos, mas consegue apontar um que seja como os devotos dele?

Discípulo: Há um motivo para isso, Mãe. Sobre Ele, sentimos como se o mercado tivesse acabado de fechar. Todos os sinais do mercado estão lá. As pessoas ainda estão lá. Os devotos e discípulos íntimos do Mestre ainda estão vivos. Sentimos como se o Mestre estivesse muito perto de nós. Ele não foi embora para longe. Teremos respostas se chamarmos por Ele.

Mãe: Sim, muitas pessoas têm respostas.

Discípulo: Krishna, Rama e outros parecem pertencer a uma época longínqua. Eles não parecem estar perto o suficiente para responder às nossas preces.

Mãe: Sim, é verdade.

Falando sobre a chácara de Cossipore, eu disse: “É um local sagrado, e agora um senhor europeu mora lá”.

Mãe: Na chácara de Cossipore foi onde o Mestre passou os últimos dias de vida. O local está associado à meditação, Samadhi e prática de austeridades. É o local onde o Mestre entrou em Mahasamadhi. É um local envolto com intensa vibração espiritual. Atinge-se a consciência de Deus ao meditar lá. O local pode ser comprado se o Mestre disser ao dono, por sonhos, que o venda para Belur Math.

Um dia em Cossipore, Niranjan (Swami Niranjanananda) e outros planejaram beber suco de uma árvore de tâmaras. Para meu espanto, vi o Mestre indo atrás deles. Quando perguntei isso para Ele no dia seguinte, Ele disse: “Ah, é sua imaginação! Seu cérebro deve ter esquentado de tanto cozinhar!”. Vijay Goswami teve uma visão do Mestre em Dacca. Ele até sentiu o toque do corpo do Mestre!

Depois do falecimento do Mestre, Naren e outros diziam: “Vamos continuar aqui (na casa em Cossipore) pelo menos por mais alguns dias, para ajudar a Mãe a superar o choque. Se necessário, nós a alimentaremos pedindo esmolas”. Porém, Ramachandra Datta e outros devotos mais velhos não gostaram e disseram: “Não precisa sair pedindo para dar de comer à Ela”, e a casa foi deixada.

Consigo ficar naquele local (em Udbodhan, Calcutá) apenas se Sarat estiver lá. Além dele, não vejo mais ninguém que possa carregar meu fardo. Yogen (Swami Yogananda) estava lá. E também Krishnalal - calmo e quieto -, um discípulo de Yogen. Sarat cuida muito bem de mim. Sarat é aquele que aguenta o meu fardo.

Discípulo: O Maharaj (Swami Brahmananda) não aguenta?

Mãe: Não. Rakhal não é deste temperamento. Ele não consegue encarar os problemas fisicamente. Ele encara intelectualmente ou através de alguém. Ele é constituído totalmente diferente.

Discípulo: E Baburam Maharaj (Swami Premananda)?

Mãe: Não, nem mesmo ele.

Discípulo: Como então ele está gerenciando Belur Math?

Mãe: Até pode estar, mas ele está assumindo responsabilidades das mulheres! Ele pode, no máximo, fazer perguntas à distância.

Depois, a Mãe falou sobre os discípulos do Mestre e um discípulo perguntou: “Por favor, me diga quem são esses discípulos do Mestre. Não os reconhecemos”.

Mãe: E o que eu sei? Porém, é verdade que aqueles que nasceram com o Mestre em suas encarnações passadas também o acompanharam nesta vida.

Discípulo: Eu não tenho vontade de ver a Deidade com quatro braços e coisas assim. Estou bem satisfeito com o que temos.

Mãe: Isso também acontece comigo. O que vamos ganhar com tais visões sobrenaturais? Para nós, o Mestre existe e Ele é tudo.

Udbodhan, 11 de fevereiro, 1913

Discípulo: Mãe, Swamiji iniciou muitas pessoas com o mantra, e você também iniciou muitas outras. Essas pessoas vêm e vão, e não são lembradas.

Mãe: Muitas pessoas vêm. Como podem todas ser lembradas? Quando o fogo acende, as mariposas não chegam? É desse jeito.

Discípulo: Elas recebem o mantra, mas o que conseguem? Percebemos que continuam iguais.

Mãe: O poder passa pelo mantra - o Guru vai ao discípulo e o discípulo vai ao Guru. É por isso que o Guru, no momento da iniciação, pega para si os pecados daquele discípulo e sofre muito pelos males do corpo. É extremamente difícil ser Guru, porque ele precisa assumir a responsabilidade pelos pecados do discípulo. Se o discípulo comete um pecado, isso afetará o Guru também. Por outro lado, o Guru é beneficiado se o discípulo for bom. Alguns discípulos progridem rapidamente e alguns mais devagar. Depende das tendências da mente, adquiridas com as ações passadas de alguém. É por isso que Rakhal hesita em dar iniciação. Ele me disse: “Mãe, assim que inicio um discípulo, fico doente. A própria ideia de dar iniciação me deixa febril”.

Um Swami mandou um garoto vir à Mãe para iniciação. Ela ouviu todos os detalhes dele e disse: “Você tem seus próprios Gurus vaishnavas de família. Tome iniciação com eles”. Por qualquer razão que seja, a Mãe não o iniciou.

Depois do jantar, fui levar o rolinho de bétele. A Santa Mãe estava amarrando o mosquiteiro para as crianças no quarto ao lado. Eu a ouvi falando com a tia louca: “Não me leve como um mortal comum. Você abusa de mim sem limites. Eu não levo a sério, considerando como se fosse apenas barulho. Se eu me apegar a

isso, quem irá te salvar? É para o seu benefício que estou viva. A sua filha é apenas sua. Estou aqui apenas até que ela cresça. Do contrário, o que é o apego para mim? Posso cortá-lo neste exato momento. Quando eu morrer, você não terá um pingo de mim”.

Tia louca: Quando foi que te xinguei? Apenas disse algumas palavras. O problema é que quando você dá, você dá sem reservas.

Ela era da opinião de que a Santa Mãe deveria guardar todo seu dinheiro para Radhu.

Mãe: A Minha natureza é como a de uma criança. Eu faço contas? Dou para quem pedir.

Voltando de Banaras, a Santa Mãe ficou uns dias em Calcutá e depois foi para Jayrambati. Em vinte e cinco de fevereiro, ela chegou a Koalpara. Ela ficou com o quarto ao lado do santuário. Eu levei uma semente de baniano e disse: “Veja, Mãe, essa semente é menor do que semente do espinafre roxo mas, ainda assim, daqui surge uma árvore imensa! Que maravilha!”. Ela respondeu: “E por que não? Veja como é pequena a Bija (sílaba mística) do nome do Senhor e, mesmo assim, a partir dela brota, no devido tempo, a consciência espiritual, a devoção, o amor e muito mais!”.

Fomos para Jayrambati e de noite nos reunimos para o jantar. Alguém disse: “Mãe, você já percebeu como essas pessoas não têm consideração (os irmãos dela)? Elas sabiam da sua chegada, mas não enviaram ninguém para te receber no cruzamento do rio”. Então, a Mãe disse para o irmão mais velho, Prasanna: “Por que não enviou um homem para me ajudar a atravessar o rio? Meus filhos (discípulos) me acompanharam. Você mesmo não foi, nem mandou alguém”.

O irmão respondeu: “Não fui por medo de Kali (o outro irmão). Ele poderia reclamar dizendo que estou trazendo você para o meu lado. Acha que não sei quem você é e quem são os discípulos? Sei de tudo, mas estou perdido. Por favor, abençoe-me para que eu te tenha como minha irmã em futuros nascimentos também. Eu não quero nada além disso”.

Mãe: Você acha que vou nascer novamente na sua família? Eu já tive o suficiente desta vez. Sri Rama uma vez disse: “Que eu nunca mais nasça no ventre de Kausalya!”. E nascer de novo na sua família! Nosso pai era devoto de Rama e sempre ajudava os outros; nossa mãe também tinha um bom coração. É por isso que nasci nessa família.

Um dia, o Tio Prasanna foi à Mãe e disse: “Irmã, ouvi dizer que você apareceu em sonho para alguém e o iniciou. Você também disse que ele seria liberado. Você nos criou desde a infância e vamos continuar do jeito que somos?”.

Em resposta, Ela disse: “A vontade do Mestre prevalecerá. E olhe aqui, Sri Krishna era muito íntimo dos vaqueirinhos. Ele orava com eles, ria e passeava com eles, dividia a comida, mas os vaqueirinhos sabiam que era Krishna?”.

Um dia, alguns devotos foram limpar o local onde tinham feito a refeição. A Mãe os preveniu dizendo: “Não, não. Por favor, não façam assim. Vocês todos são joias preciosas para o Senhor”. Quando os devotos insistiram em continuar, Ela disse: “Tem uma pessoa designada para isso. A empregada fará”.

Jayrambati, 14 de março, 1913

O Dr. Lalit, de Shyambazar, e Prabodh Babu chegaram. Por volta das quatro da tarde, eles vieram à Santa Mãe e a saudaram. A conversa a seguir aconteceu:

Lalit Babu: Mãe, quais regras e regulamentos devem ser seguidos com relação à comida?

Mãe: Não se deve comer a comida dada nos funerais (cerimônia de Sraddha). Isso faz mal à vida devocional. Sri Ramakrishna costumava proibir. Além disso, primeiro ofereça a Deus qualquer coisa que comer. Não se deve comer sem antes oferecer. O que sua comida for, assim também será o seu sangue. Com comida pura, tem-se sangue puro, mente pura e força. Uma mente pura gera o amor extático (Prema Bhakti).

Lalit Babu: Mãe, somos chefes de família. O que devemos fazer na cerimônia de Sraddha de nossos parentes?

Mãe: Supervisione a cerimônia e ajude seus parentes para que eles não se ofendam, mas tentem de alguma maneira evitar a comida. Se não puderem fazer isso, no dia da cerimônia comam o que é oferecido a Vishnu ou outros deuses. Os devotos podem compartilhar a comida da cerimônia de Sraddha se ela foi oferecida a Deus.

Lalit Babu: Muitas vezes sobra muito alimento sem preparar da cerimônia de Sraddha. Pode cozinhar e comer?

Mãe: Sim, pode. Isso não o prejudicará, filho. Um chefe de família não tem o que fazer.

Prabodh Babu: Mãe, o Mestre amava a renúncia, mas nós a praticamos tão pouco!

Mãe: Sim, você a terá devagar. Você faz um tanto de progresso nesta vida, um pouco mais na seguinte e assim vai. É apenas o corpo que muda, o Atman permanece sempre o mesmo. Renuncie ao “desejo” e “ouro”.

O Mestre costumava dizer: “Posso transformar Kamarpukur em ouro se quiser, se Mathur Babu assim pedir, mas de que adiantaria? Tudo é transitório”. A respeito de alguns devotos, o Mestre dizia que aquele era o último nascimento deles. Ele comentava, falando sobre alguns devotos: “Veja, ele não tem desejo por nada. Este é seu último nascimento”.

Os devotos se prostraram diante da Mãe e saíram.

Falando da objeção de algumas pessoas sobre alguns dos discípulos Sannyasins de Sri Ramakrishna que, sendo Sudras, não poderiam receber Sannyasa, de acordo com as regras ortodoxas, a Mãe disse: "Os discípulos de Sri Ramakrishna são Jnanis, logo são Sannyasins. Um Jnani pode ser Sannyasin. Pegue o caso de Gaurdasi. Uma mulher não pode ser iniciada em Sannyasa, mas Gaurdasi é uma mulher? Ela é mais que um homem! Quantos homens têm por aí como ela? Veja o que alcançou - construiu uma escola, conseguiu cavalos, uma carruagem e mais. O Mestre dizia: ‘Se uma mulher abraça Sannyasa, ela certamente não é uma mulher, ela é na verdade um homem’. E ele também costumava dizer para Gaurdasi: ‘Eu coloco a água, você fará o barro’”.

28 de março, 1913

Era de manhã. Entrei na casa da Santa Mãe e a encontrei picando kalmi (uma fruta). Vendo-a cortar mais alguma coisa, eu disse: “O que é isso que você está picando junto ao kalmi?”. “É grama”, disse Ela, “ela também é um tipo de verdura. A pele de Krishna era como essa grama”.

Eu tinha sentado para o almoço. A mãe de Radhu arranjou um prato de folha e um copo de água na varanda de sua casa para outro convidado, talvez um de seus parentes. Um gato bebeu água do copo e ela teve que trocar de água. O gato de novo bebeu da

água e de novo ela trocou. Uma terceira vez ainda, o gato bebeu da água, ao que a mãe de Radhu saiu correndo atrás dele e gritando: “Seu tratante, vou te matar!”. Estava calor. A Santa Mãe estava lá e disse: “Não, não, você não deve impedir um animal com sede de beber água. E ele já tocou na água”. Com isso, a mãe de Radhu gritou com raiva: “Você não precisa ser compassiva com o gato. Você já demonstra o suficiente pelos homens! Por que não guardar sua bondade para os homens?”.

A Mãe disse com voz séria: “É azarado aquele que não tem minha compaixão. Não conheço ninguém, nem mesmo um inseto, por quem não sinta compaixão”.

Mais tarde, eu me sentei para o jantar. A Mãe tinha feito um curry, batatas e outros legumes. Ela deu um pouco para mim e disse: “Coma e diga se gostou”.

Discípulo: Isso é comida de paciente - leve e branda. Quem cozinhou?

Mãe: Eu mesma.

Discípulo: Você?

Mãe: Sim.

Discípulo: Bom, poderia ter ficado melhor. Não é exatamente do gosto das pessoas da nossa parte do país.

Mãe: Melhor você experimentar um pouco do ensopado.

Nalini: Ah, Tia, você nunca coloca pimentas vermelhas no nosso curry. Como podemos gostar?

Mãe: (para Nalini) Não o ouça. Quando você comer, vai gostar.

Discípulo: Uns dias atrás, perguntei sobre os curries que você prepara e experimentei alguns deles, mas todos têm o mesmo gosto.

Mãe: Muito bem, um dia vou cozinhar do jeito que fazem na sua parte do país. Você deve me mostrar como cozinhar. Sei que acrescentam um monte de pimentas, não é?

Discípulo: Não é tanto assim. Mas um curry não precisa necessariamente ter um gosto ruim porque é menos apimentado.

Mãe: (para Nalini) Traga grão-de-bico amanhã. Vou fazer uma sopa. Eu costumava cozinhar muito bem, agora estou fora de forma. Em Kamarpukur, a mãe de Lakshmi e eu cozinhávamos. Ela cozinhava muito bem. Um dia, o Mestre e Hriday sentaram para comer. Falando sobre um prato feito pela mãe de Lakshmi, o Mestre disse: “Oh, Hridu, quem cozinhou isso pode ser comparado ao médico Ramdas”. E provando do curry preparado por mim, Ele disse: “Ah, quem quer que tenha preparado isso, ele é Srinath Sen”. Ramdas foi um renomado médico e Srinath Sen era apenas um charlatão! Com isso, Hriday disse: “O que você diz é verdade, porém, você pode ter o médico charlatão para prestar todo tipo de serviço, até massagens nos pés. É só você chamá-la e Ela virá. O médico Ramdas cobra alto por visita e não se pode chamá-lo a qualquer hora. Por isso, primeiro as pessoas consultam um charlatão. Ele é seu amigo em todos os momentos”. O Mestre disse: “É verdade, é verdade. Ela está sempre disponível”.

8 de maio, 1913

Radhu estava indisposta, deitada com dor e febre. Sua excêntrica mãe começou a brigar com a Santa Mãe dizendo: “Você vai matar minha filha com tantos remédios”. Enquanto brigava, ela perdeu totalmente o controle da língua. O Tio Varada foi chamado. Ele

expulsou a mãe de Radhu da casa. A Santa Mãe também não aguentava mais. Ela disse umas boas palavras para a mãe de Radhu.

Dirigindo-se a nós, a Mãe disse: “Casei com uma pessoa que nunca me tratou como ‘tui’. Um dia em Dakshineswar, levei a comida do Mestre para o quarto. Quando estava saindo, Ele pensou que fosse a sobrinha Lakshmi e disse: ‘Você (tui) feche a porta’. Eu disse: ‘Sim, vou fechar’. Reconhecendo minha voz, Ele ficou envergonhado e disse: ‘Ah, é você! Pensei que fosse Lakshmi. Por favor, não ligue’. Aquele desrespeito não intencional o aborreceu tanto que, na manhã seguinte, Ele veio ao Nahabat e disse: ‘Veja, querida. Não consegui dormir nada essa noite, preocupado a respeito de como falei com você!’. E veja a mãe de Radhu! Como ela me maltrata dia e noite! Não sei qual pecado cometi para merecer isso. Talvez eu tenha adorado Shiva com folhas de bilva com espinhos. O espinho agora se tornou este espinho, a mãe de Radhu”.

12 de maio, 1913

Falando sobre a doença de Radhu, a Mãe disse: “Minha mente agora não fica mais em Radhu em qualquer grau. Estou farta de sua doença. Eu forço minha mente para ficar nela. Rezo ao Mestre dizendo: ‘Ó Senhor, coloque minha mente um pouco em Radhu. Do contrário, quem irá cuidar dela?’. Nunca vi doença assim. Talvez em um nascimento anterior, ela tenha morrido com uma doença da qual não tratou. Tenho em mente fazer essas duas coisas: uma, invocar a ajuda de um Canda (espírito selvagem) com rituais apropriados, e a outra, fazer o voto de Candrayana”.

“Sempre que o Mestre atingia Mahabhava, Ele costumava experimentar uma sensação de queimação insuportável no peito. Você deve ter lido nos livros sobre isso. Meu cunhado então o levou para o vilarejo natal. Ele chamou alguns exorcistas e com a

ajuda deles um Canda foi invocado. Ele chamou o Mestre pelo nome de batismo e disse: ‘Oh, Gadai, seu estado de Mahabhava é devido à graça de Deus. Não é uma doença. Não coma muita noz de bétele. Ela aumenta a luxúria'. Se alguém morre devido a uma doença específica sem ter feito as penitências necessárias terá a mesma doença na vida seguinte, mas essa regra não se aplica a um homem santo”.

Mãe de Kedar: O monge morre repetindo o nome de Deus e por isso ele chega a Deus.

Mãe: Sim, é verdade. Outro dia, um jovem morreu em Koalpara. Ele vai nascer de novo? Não. Esse foi seu último nascimento.

Na época de sua enfermidade em Cossipore, o Mestre uma vez comentou: “Estou doente. Os gerentes do templo de Kali podem me criticar por não fazer nenhuma penitência”. Depois, para Ramlal, Ele disse: “Pegue essas dez rúpias e vá para Dakshineswar. Ofereça o dinheiro à Mãe Kali e o distribua entre os Brâmanes e os outros”.

Um Sadhu não deve realizar qualquer ritual. Por isso, o Mestre pediu para que Ramlal oferecesse o dinheiro para a Deidade Escolhida dele e depois dividisse dentre os Brâmanes e outros. Nos tempos antigos, os ermitões e os Rishis moravam na floresta. Eles conseguiam executar penitências como o Candrayana? Eles apenas ofereciam frutas e raízes ao Ideal Escolhido e depois distribuíam dentre os necessitados. Isso era o bastante para eles.

Mãe de Radhu: Minha tia morreu com uma doença. Você quer dizer então que ela nasceu de novo com aquela doença?

Mãe: Você acha que sua tia não renasceu? Certamente ela renasceu e herdou aquela doença também. Muitas vezes uma

pessoa que nasce em uma determinada família, nasce e morre muitas vezes na mesma família como resultado de seu karma.

Esta foto de Sarada Devi também foi tirada pelo Brahmacharin Ganendranath, em Jayrambati, em Falgun (fevereiro/março), 1319 no calendário bengali e 1913 d.C.

Jayrambati, antiga casa da Mãe, 8 de junho, 1913

Surendranath Bhaumick e o Dr. Durgapada Ghosh estavam ficando na casa da Santa Mãe. Eles partiriam naquela tarde. De manhã, após o banho, eles foram à Mãe para saudá-la. Ela os abençoou colocando a mão em suas cabeças e pediu para que se sentassem. Depois de trocar uma ou duas palavras, Surendra disse para a Santa Mãe: "Mãe, enquanto adoro o Mestre, encontro dificuldade. Suponha que um devoto tenha uma crença de que seu Ishta Devata e o Mestre são um e o mesmo. Ele adora a Deusa pela imagem do Mestre. Depois, ele rende os frutos do japa à

imagem do Mestre, repetindo as palavras ‘tvat prasadat maheshvari’, ‘Ó, Grande Deus, por Sua graça’ e coisas assim. Isso cria confusão em minha mente”.

A Mãe disse com um sorriso: “Não se preocupe, filho. Nosso Mestre é o próprio Maheshvara (Deus Supremo) e Maheshvari (Deusa Suprema) também. Apenas Ele é a personificação de todas as Deidades. Apenas Ele é a personificação de todas as sílabas místicas. Pode-se adorar todos os deuses e deusas através dele. Você pode se dirigir a Ele como Maheshvara e Maheshvari”.

Surendra: Mãe, não consigo concentrar minha mente na meditação de maneira alguma.

Mãe: Isso não importa muito. Será o bastante se você olhar para a figura do Mestre. O Mestre estava doente em Cossipore. Os jovens discípulos o serviam em turnos. Gopal também estava lá. Um dia, em vez de servir o Mestre, ele foi meditar. Ele meditou por bastante tempo. Quando Girish Babu ouviu sobre isso, comentou: “Aquele sobre quem ele medita de olhos fechados está sofrendo em seu leito e, veja, ele está meditando nele!”. Gopal foi enviado para servir o Mestre e Ele lhe pediu para que massageasse sua perna. Ele disse: “Você pensa que estou pedindo para massagear minhas pernas porque elas doem? Não! Em seus nascimentos anteriores, você fez muitas ações virtuosas, por isso, estou aceitando seu serviço”. Olhe para a foto do Mestre e isso será o bastante.

Surendra: Mãe, não consigo manter regularmente a oração no rosário três vezes ao dia.

Mãe: Mesmo que não consiga, tente sempre lembrar do Mestre e faça seu japa sempre que puder. Você pode ao menos saudá–lo mentalmente, não é?

Durgapada: Mãe, ainda não compreendo sobre as regras que devem ser seguidas a respeito da comida.

Mãe: O Mestre era muito específico com relação à comida. Ele costumava proibir todos os devotos de comerem a comida da cerimônia de Sraddha. Ele dizia que afetava a devoção. Tirando isso, você pode comer o que quiser, mas lembre-se do Mestre quando comer.

Durgapada: Mãe, enquanto fazia meus serviços no hospital, muitas vezes fiquei com sede. Sentia vontade de ir beber água, sem consideração pelo lugar ou pelas pessoas. Para falar a verdade, eu bebi. O que diz sobre isso?

Mãe: O que mais você poderia fazer? Você o fez em conexão à execução de seu dever. Lembre-se do Mestre ao beber água. Enquanto faz isso no serviço, isso não o prejudicará. É sequer possível que todos que precisam fazer serviços possam seguir as injunções religiosas sobre o alimento?

Surendra: Veja, Mãe. Nós, chefes de família, vivemos em famílias com muitas relações. Às vezes acontece de, enquanto a comida está sendo feita, alguns membros da família comerem dela; mais tarde, aquela comida é levada para mim. Eu hesito em oferecer aquela comida para Deus.

Mãe: Isso é inevitável no caso dos chefes de família. Nós também temos que passar por situações similares. Pegue um exemplo: pode haver uma pessoa enferma na família. Parte da comida pode ser colocada de lado para ele. Mas quando a comida é colocada no prato, lembre-se do Mestre, pense que foi Ele mesmo quem deu a comida e coma. Assim não haverá qualquer efeito ruim no crescimento da devoção.

Surendra: Mãe, como posso descrever a você minha condição mental? Você é o guia interno. Você compreende tudo. Estou passando por muitos sofrimentos nos últimos anos, porém, se não fossem suas bênçãos, talvez eu já estivesse morto.

Mãe: Sim, filho, você não precisa contar tudo de seus sofrimentos da vida neste mundo para mim. Não há limites para isso. No seu caso, é inevitável. Olhe para mim, filho. Que tipo de vida estou levando por vontade do Mestre! O quanto estou sofrendo por essa menina (Radhu)!

Surendra: Sim, Mãe, Sua condição nos dá consolo e esperança. Você conhece bem os sofrimentos do mundo, por isso esperamos sua compaixão.

Mãe: Não tenha medo, filho. O Mestre está presente. Ele te protegerá, tanto aqui quanto depois.

Surendra: Mãe, estamos vivendo tão distantes. Os sonhos são reais?

Mãe: Sim, eles são. Os sonhos a respeito do Mestre são reais, mas Ele proibiu seus discípulos de narrarem, mesmo para Ele, os sonhos sobre Ele.

Surendra: Mãe, não sabemos como o Mestre era. Não o vimos. Então, para nós, você é o Mestre e tudo mais.

Mãe: Não tema, filho. O Mestre cuidará de vocês. Ele cuidará de vocês aqui e depois daqui. Ele sempre os protegerá.

Depois de comerem, os dois devotos foram embora. O Tio Varada os acompanhou. Ele ia para Calcutá. A Mãe foi até uma parte do caminho com eles e ficou olhando até perdê-los de vista.

Surendra era o diretor de uma escola em Ballaratanganj. Alguns açougueiros do local costumavam despelar vacas vivas. Um dia, esses brutos fizeram isso em frente à escola. Surendra, outros professores e alunos hindus e muçulmanos fizeram um grande protesto. Os açougueiros apanharam. Isso causou problemas. Surendra foi ameaçado por eles. Na época, dois ou três alunos da escola se preparavam para ir para Jayrambati para receber iniciação. Surendra enviou uma carta à Mãe através deles. Os meninos também contaram do incidente para Ela. Ela ficou muito chocada e disse: “Se vocês não protestarem contra tais atos, quem vai protestar?”. De acordo com instruções dela, uma carta foi escrita para Surendra dando-lhe segurança e encorajamento. Ela também pediu para que não houvessem mais atos cruéis como aquele. Depois, mais para frente, Ela escreveu novamente para ele dizendo: “Se Deus realmente existir, Ele com certeza irá corrigir o erro”. Um tempo depois, uma ação judicial foi instituída e, por isso, a crueldade dos açougueiros foi impedida.

Jayrambati, 11 de junho, 1913

Era meio-dia. Junto a outros, eu estava comendo na varanda do quarto da Mãe.

Mãe: Radhu diz que nesta época, no mês de asvin (setembro/outubro), terá uma grande batalha (maramari). Está escrito no jornal.

Discípulo: Não será uma batalha, mas uma epidemia devastadora (mahamari) é prevista.

Durante a conversa, a Mãe disse: “Satya Yuga começou desde o nascimento do Mestre. Muitos luminários o acompanharam. Naren foi o chefe entre os Sete Sábios (Saptarshi). Arjuna veio como Yogen. Quantas outras grandes almas podem existir? Mangas azedas nascem aos montes, mas fajli (um certo tipo de manga) não

temos tanto. Inúmeras pessoas comuns nascem e morrem, mas apenas essas joias dentre os homens vêm junto de uma Encarnação pelo bem de Sua missão.

Discípulo: Swamiji também falou que, com o advento do Mestre, Satya Yuga havia iniciado.

Mãe: Assim é.

12 de junho, 1913

Ao meio-dia, a Santa Mãe estava alimentando Radhu. Ela disse, enquanto tentava fazê-la comer: “Quando o Mestre estava doente, Ganga Prasad Sen, de Kumartuly, foi consultado. O médico prescreveu alguns remédios e o proibiu de beber água. O Mestre começou a dizer para todo mundo: ‘Bom, como serei capaz de viver sem água?’. Ele fez essa pergunta para todo mundo, até para um garotinho de cinco anos. Todos respondiam: ‘Sim, Senhor, é claro que é capaz’. ‘Consigo?’, Ele perguntou para mim. ‘Claro’, respondi. Depois Ele disse: ‘Você precisa secar até mesmo a água das romãs lavadas. Faça isso’. Em resposta, falei: ‘Bom, tudo será feito pela graça da Mãe Kali. Vamos dar o nosso melhor’. O Mestre ficou convencido no final. Ele parou de beber água e tomou os remédios. Todos os dias, eu dava de três a quatro litros de leite para Ele beber, depois aumentei para cinco ou seis. O homem que ordenhava as vacas do templo me dava leite em grande quantidade. Ele costumava dizer: ‘Se eu der todo esse leite para o templo, os sacerdotes levarão para casa depois da adoração e darão para qualquer um. Mas se trago o leite aqui, o Mestre o toma’. Ele costumava me dar de cinco a seis litros. Ele era um bom homem, repleto de devoção. Eu lhe dei rasagolla, sandesh, todo tipo de doces e outras coisas que tinha. Os devotos costumavam trazer vários desses doces. Eu fervia um litro e meio de leite. O Mestre perguntava: ‘Quanto leite tem aí?’, e eu falava: ‘Quanto?

Ah, talvez uns quatro ou cinco quartos de litro!'. Ele comentava: 'Talvez mais. Vejo uma camada espessa de nata!'".

"Um dia, Golap-Ma estava lá. Ele perguntou para ela: 'Quanto leite tem aí?', e ela disse a verdade. 'Ah! Quanto leite!', Ele exclamou, 'é por isso que tenho indigestão. Chame-a, chame-a'. Eu entrei e Ele falou sobre o que Golap-Ma tinha dito sobre o leite. Eu o acalmei dizendo: 'Oh! Golap não sabe a medida. Como ela sabe o quanto tem na jarra?'"

"Em outro dia, Ele perguntou para Golap sobre o leite e ela disse em resposta: 'Uma jarra daqui e uma do templo de Kali'. Com isso, o Mestre ficou nervoso de novo. Ele me chamou e começou a perguntar sobre a capacidade exata da jarra. Eu respondi: 'Não sei todos esses cálculos. Você vai beber o leite. Por que todas essas perguntas sobre as medidas? Quem liga para tais cálculos?'. Ele não ficou satisfeito e disse: 'Consigo digerir todo esse leite? Terei indigestão'. Aquele dia, Ele realmente teve uma indigestão. Ele não tomou nada naquela noite, exceto um pouco de água de sagu."

"Golap disse para mim depois: 'Bem, Mãe, você devia ter me dito antes. Como eu poderia saber? Todo o jantar dele foi estragado!'. Em resposta, disse à ela: 'Não tem problema em contar uma mentira para alimentar alguém. Desse jeito, consigo fazê-lo comer'. De qualquer maneira, Ele recuperou a saúde e ficou quase curado da doença."

Discípulo: Vejo que a mente é tudo.

Mãe: Exato. É apenas a mente. De fato, enquanto não sabia, Ele bebia bastante leite.

À noite, eu e Vibhuti estávamos comendo. Eu disse a Vibhuti: "Não seria bom conseguir um medicamento contra histeria de uma pessoa confiável para Radhu?".

Mãe: Sim. Os sacerdotes do templo de Dharma, conhecido pelo nome Swarupa-Narayana, dão remédios. Tenho vontade de tentar para Radhu. Agora, quero experimentar alguns remédios sobrenaturais para ela. Minha mãe uma vez se recuperou de uma doença devido a uma flor consagrada do templo de Dharma Swarupa-Narayana. Desde então, passei a ter fé em tais coisas.

Vibhuti: Ah, os sacerdotes de Dharma? Os budistas estavam distribuindo remédios, não estavam? A Deidade Dharma é, na verdade, o Senhor Buda.

Mãe: Nós também temos um templo de Dharma. Ali está ele.

Discípulo: Sei que o Dharma é representado pela imagem do Buda em todos os lugares.

Mãe: Aqui é conhecido como (Sundara) Narayana e está na forma de uma tartaruga.

Vibhuti: A imagem é como um banco, não é? Com quatro pés?

Mãe: Sim, mas um pouco levantado no meio.

Vibhuti: Aquilo não é uma tartaruga. É o assento do Buda. O estado de Buda está além da existência e da não-existência. Não há como ter imagem Dele, então apenas fazem um banco para Ele.

Mãe: Pode ser. Os meninos adoram o nosso Dharma. Não há ritual específico. Eles entregam o que quiserem. Talvez uma ou duas flores vermelhas. O que estiver preparado é oferecido. Não se importam com qualquer falha. Ficam felizes com o que tiverem para oferecer.

Discípulo: As pessoas também obtêm remédios sobrenaturais para suas enfermidades. Parece que isso não está no caminho dela (de Radhu).

Mãe: Quando estive doente, todo meu corpo ficou inchado, e os olhos e nariz escorrendo incessantemente. Umesh (irmão da Santa Mãe) disse: “Irmã, Simhavahini está presente aqui. Você fará um voto de jejum diante Dela?”. Ele me persuadiu e quase me carregou para lá. Aquela noite de lua cheia foi uma noite escura para mim. Não conseguia ver nada. Por causa de tanta coriza, meus olhos estavam quase cegos. Fui e me prostrei diante da Devi. Além disso, tive diarréia. Uma mulher, a quem eu chamava de avó, vivia por perto. Ela costumava dar um gemido alto de vez em quando para que eu não ficasse assustada no silêncio daquela noite escura. Eu estava deitada lá sozinha. Depois de um pouco, Ela (Simhavahini) foi até minha mãe. Em forma de uma menina ferreira, da idade de Radhu, Ela disse: “Vá e traga-a de volta. Ela está muito doente e está lá deitada sozinha? Traga-a. Use este remédio e Ela ficará bem”. Para mim, Ela advertiu: “Amasse as flores com sal e aplique o suco, gota por gota, nos olhos. Você ficará melhor”. Eu usei o remédio. O suco das flores foi aplicado nos olhos gota a gota e imediatamente houve uma sensação de queimação que limpou meus olhos de todas as sujeiras. Meus olhos ficaram bons naquele mesmo dia. O inchaço no corpo também diminuiu e me senti mais leve. Logo melhorei. Quando me perguntavam sobre isso, eu respondia: “A Mãe deu o remédio”. Desde então, a fama da Mãe Simhavahini se espalhou. Eu tomei o remédio e o mundo também foi abençoado. Antes disso, quase ninguém conhecia muito dessa Mãe Deidade. Meu tio fez um voto de jejuar diante Dela, mas formigas o picaram e ele não conseguiu seguir adiante com o voto. Ela disse para minha mãe em sonho: “Agora estou dormindo. Por que ele foi fazer o voto agora? Ele é um Brâmane, não sabe disso? Vá e traga-o de volta”.

Minha mãe A viu uma vez. Em uma ocasião, durante o dia do Kali Puja na vila, Naba Mukherjee, por rivalidade, recusou-se a receber o nosso arroz. Minha mãe tinha feito arroz e outros itens para o Puja. Quando ele recusou levar esses itens de nossa casa, minha mãe chorou a noite toda. Ela pensava: “Fiz o arroz para Kali e ele não levou. Quem vai comer esse arroz agora? Alguém pode comer o arroz de Kali?”. Depois, durante a madrugada, ela viu Jagaddhatri, vermelha em cor e sentada de pernas cruzadas perto da porta. Na época havia apenas um quarto, o de Varada, em nossa casa. Quando o Mestre vinha, Ele também ficava nesse quarto. Jagaddhatri levantou minha mãe, acariciou-a e disse: “Por que está chorando? Eu vou comer o arroz de Kali. Por que se preocupa?”. Minha mãe perguntou: “Quem é você?”, e Jagaddhatri respondeu: “Eu sou a Mãe do Universo. Receberei sua adoração na forma de Jagaddhatri”.

Na manhã seguinte, minha mãe disse para mim: “Olhe, Sarada, quem é aquela Deidade de cor vermelha e de pernas cruzadas? Devo fazer o Puja de Jagaddhatri”. Ela trouxe um monte de arroz de Viswas. Chovia sem parar. Minha mãe disse: “Oh, Mãe, como posso adorá-la? Não consigo nem mesmo secar o arroz!”. No final, pela graça de Jagaddhatri, saiu o sol. Uma imagem da Mãe teve que ser secada ao fogo e pintada. Prasanna informou ao Mestre em Dakshineswar sobre o Puja. Ele ouviu e disse: “A Mãe virá. Muito bom. Mas vocês não estavam em dificuldades, querido?”. Prasanna disse: “Você também irá. Eu vim para levá-lo”. Ele disse: “Vá e faça a adoração. Será muito benéfico para todos”. Assim, o Puja de Jagaddhatri foi feito. A vila toda foi convidada. Todos os gastos foram arcados por aquele arroz. Na hora da despedida à Jagaddhatri, minha mãe soprou em Seu ouvido: “Mãe Jagai, venha novamente no ano que vem. Durante o ano todo estarei deixando coisas preparadas para você”. No ano seguinte, ela disse para mim: “Doe alguma coisa. Minha adoração à Jagai será celebrada”. Eu respondi: “Ah, quanto trabalho, não posso aguentar. Você já fez o ritual uma vez, para que fazer de novo?”. Naquela noite, vi em

um sonho que três Delas tinham chegado - Jagaddhatri e duas companheiras, Jaya e Vijaya. Lembro perfeitamente. Elas disseram para mim: “Devemos ir embora?”. “Quem são todas vocês?", perguntei. Uma disse: “Sou Jagaddhatri”. Em resposta falei: “Não, por que iriam embora? Fiquem aqui. Não falei para irem embora”.

Desde então, vou para casa todo ano na época do Puja de Jagaddhatri. Eu costumava ajudar polindo os utensílios e cuidando de outras coisas. No começo, não tinha tanta gente na família. Eu ia para casa limpar as panelas e os jarros. Depois, Yogen (Swami Yogananda) comprou um conjunto de utensílios de madeira. Ele disse para mim: “Mãe, você não precisa mais arear as panelas e jarros”. Ele também deu um pedaço de terra para ajudar nos custos do Puja. Ah, minha mãe parecia a deusa Lakshmi. Ela sempre mantinha tudo muito bem organizado e reluzente. Ela dizia: “A minha família é de devotos e deuses. Talvez um dia meu Sarada (Swami Trigunatitananda) venha, ou Yogen (Swami Yogananda). Tudo isso é necessário”. Ela processava qualquer arroz que conseguia e o deixava preparado. Ela falava: “Enquanto eu estiver aqui, Brahma também está, Vishnu está aqui, Jagadamba, Shiva e todos os outros estão aqui. Quando eu for, Eles também me acompanharão. A minha família é de deuses e devotos”.

Eu tive um pouco de diarréia. Ao saber disso, minha mãe comentou: “Você tem disposição para tal doença. Você também teve isso em Banaras”. Eu respondi: “Antes de ir para Banaras, sofri com isso em Calcutá também. Essa doença está em nossa família. Meu pai e muitos outros morreram de diarréia”.

Vibhuti: Como assim? O que tem a ver se o pai morreu de uma doença específica?

Mãe: O que tem a ver? Dar exemplos não é bom. Uma pessoa deve sofrer por tal doença. Quem morre quando?! Quem é o pai, quem é a mãe?! Deus é tudo.

14 de julho, 1913

Mukunda e eu estávamos sentados na sacada da casa da Mãe para almoçar. A Mãe estava sentada na sacada da casa à frente. Nalini chegou com as roupas molhadas. Ela tinha tomado banho porque um corvo tinha "urinado" nela.

Mãe: Sou uma velha senhora agora, mas nunca ouvi falar sobre corvo urinar! Sua mente é impura. A mente pode perder sua pureza sem que tenha grandes pecados? A irmã de Krishna Bose tinha muita mania de limpeza. Enquanto se banhava no Ganges, ela perguntava às pessoas se sua cabeça estava completamente embaixo d'água. Isso é obsessão. Como resultado, a mente nunca se torna pura. Uma mente impura não se torna pura facilmente. Quanto mais você enfatiza sua obsessão, mais obcecado se torna. Isso é realmente verdade.

Discípulo: Eu vi Mahapurushji (Swami Shivananda) brincando com os cachorros e depois ele foi à sala do altar para adorar o Mestre. Talvez ele tenha colocado um pouco de água nas mãos e aspergido um pouco também no rosto. Naquela época, a água do Ganges era usada para tudo.

Mãe: É muito diferente com eles. Como é pura a mente deles! É a mente do Santo. Eles são deuses, de fato, aqueles que vivem às margens do Ganges. Pode alguém mais, além dos deuses, viver às margens do Ganges? Pecados cometidos diariamente são expiados com purificação no Ganges.

Nalini: Golap-Ma um dia limpou os banheiros no escritório Udbodhan e depois preparou as frutas para oferecer no altar após somente trocar de roupa. Eu disse para ela: "O que é isso Golap-Didi? Vá e tome banho no Ganges". Ela disse para mim: "Por que não vai você se está com tanta vontade?".

Mãe: Como é pura a mente de Golap! Que alma elevada é ela! Por isso que ela não discrimina tanto entre puro e impuro. Ela não liga para as regras a respeito da pureza externa. Este é o último nascimento dela. Para conseguir uma mente assim, você precisa nascer novamente em um corpo diferente.

O ar puro sopra pelos doze quilômetros em ambas as margens do Ganges. Este ar é a personificação de Narayana. A mente se torna pura como resultado de muitas austeridades. Deus, que é a própria pureza, não pode ser obtido sem práticas espirituais.

O que mais alguém obtém com a realização de Deus? Ele adquire dois chifres? Não, sua mente torna-se pura e, através dessa mente pura, ele obtém o conhecimento e o despertar espiritual.

Discípulo: Há devotos que se entregam inteiramente a Deus e não praticam austeridades. Como eles obtêm tal estado?

Mãe: Enquanto se entregam a Deus, colocam toda confiança Nele, essa é a disciplina espiritual que seguem. Ah, Naren dizia: “Deixe que eu tenha milhões de nascimentos, o que tenho a temer?”. É verdade. Um homem de conhecimento sequer teme o renascimento. Ele não comete qualquer pecado. É o ignorante que sempre tem medo. Ele se enreda e fica poluído pelo pecado. Durante milhões de nascimentos, ele sofre com tristezas sem fim, passa por dores infinitas e, no final, deseja Deus.

Discípulo: Sim, pelas experiências ele aprende as lições e depois atinge o conhecimento.

Mãe: Sim. O bezerro faz o som de “hamba, hamba”. O mesmo som é produzido mesmo depois de instrumentos musicais serem feitos com seu couro ou entranhas. No final, tudo vai para as mãos do cardador e depois produz o som de “tuhu, tuhu”.

18 de setembro, 1913

Em uma carta a um devoto, a Mãe escreveu: “Não há qualquer felicidade no nascimento humano. O mundo está completamente repleto de miséria. A felicidade aqui é apenas um nome. Aquele sobre quem a graça do Mestre caiu, sabe que Ele é o próprio Deus. E lembre-se, essa é a única felicidade”.

Um discípulo Sannyasin ia para Rishikesh e visitou a Mãe em Jayrambati no caminho. Depois de uns dias, ele escreveu para a Mãe dizendo: “Mãe, você comentou que eu teria a visão do Mestre com o tempo, mas isso ainda não aconteceu”. Lendo o conteúdo da carta, a Mãe falou para outro discípulo: “Escreva para ele: ‘Sri Ramakrishna não foi para Rishikesh para o seu bem ou simplesmente porque você está aí’. Ele (o discípulo) se tornou um Sannyasin. O que mais ele pode fazer além de chamar por Deus? Ele Se revelará ao devoto quando for de Sua vontade”.

Udbodhan

Um jovem, que estava em circunstâncias muito pobres, veio duas ou três vezes para receber iniciação, mas não conseguiu, infelizmente, devido à doença da Mãe. Ele escreveu: “Por favor, não me recuse mais. É com grande dificuldade que venho aqui. Quero saber se da próxima vez que eu vier terei a iniciação ou não”. Em resposta, Ela disse: "Uma pessoa, independente de quem seja, deve voltar se eu não estiver bem. Mesmo se eu estiver bem, não posso convidar as pessoas para receberem iniciação. As pessoas têm oportunidades e facilidades de acordo com o karma passado. Uma pessoa vem aqui várias vezes, mas não tem a oportunidade de me ver, seja porque estou doente ou por outro motivo. É azar da pessoa. O que posso fazer? Podem dizer que a pessoa tem muito gasto para vir até aqui e que não tem dinheiro. Porém, um Guru não deve dispensar uma pessoa que busca ser

discípulo repetidas vezes. Aquele que realmente quer a bênção do Guru, no entanto, irá ao Guru nem que seja implorando. A verdade é: aquele que está realmente ansioso para cruzar o oceano do mundo de alguma maneira quebrará as barreiras. Ninguém poderá enredá-lo. Dificuldades financeiras, o aguardo de uma resposta, o medo de voltar sem ter preenchido o desejo, isso tudo são meras desculpas".

Uma mulher escreveu para a Mãe: "Mãe, sou jovem. Meu sogro e sogra não permitem que eu vá a você. Como posso ir contra a vontade deles? É minha vontade receber sua bênção". A Mãe pediu ao discípulo para escrever para ela: "Filha, você não precisa vir aqui. Chame pelo Deus que permeia o universo inteiro. Ele irá te banhar com suas bênçãos".

Salão de Orações, 30 de setembro, 1918

Era de manhã. A Santa Mãe estava preparando as frutas para a adoração. O discípulo estava lendo para Ela uma carta escrita por um devoto. Ele tinha escrito com tanta força que parecia que estava bravo com Deus. A Mãe ditou a resposta: "O Mestre costumava dizer: 'Sábios como Suka e Vyasa eram no máximo formigas grandes'. Deus tem uma criação infinita. Se você não orar a Deus, o que importa para Ele? Há muitas pessoas que sequer pensam em Deus. Se você não O chamar, é azar seu. Devido à Divina Maya, Ele fez as pessoas se esquecerem Dele. Ele sente: 'Elas estão bem, deixe que fiquem assim'".

Discípulo: Mãe, não é que as pessoas não queiram ver Deus. Do contrário, por que tal pergunta surgiria em suas mentes? O que acontece é que elas se sentem extremamente machucadas que Deus, a quem elas gostam de pensar como o "meu" delas, vai para longe. Buda, Chaitanya, Jesus Cristo e outros como Eles fizeram muito pelo bem-estar dos devotos.

Mãe: Essa também era a atitude do Mestre. Não é possível que eu lembre de todos os devotos. Eu digo ao Mestre: "Ó Senhor, por favor abençoe a todos, onde quer que estejam. Não consigo lembrar de todos". E veja, é Ele quem faz tudo. Se não fosse, como viriam tantas pessoas aqui?

Discípulo: É verdade. É mais fácil para os homens acreditarem que Kali, Durga e outras Deidades sejam Deus, mas é tão fácil assim aceitar um homem como Deus?

Mãe: Isso depende da graça Dele.

No dia seguinte, um devoto chegou. Um discípulo disse à Mãe: "Mãe, este é aquele devoto que escreveu a carta". A Mãe disse: "É mesmo? Vejo que é um bom garoto". Depois, Ela disse ao devoto: "Entenda, é da natureza da água fluir para baixo, mas os raios do sol a levam para o céu. Do mesmo modo, é da natureza da mente ir para baixo, para os objetos de divertimento, porém a graça de Deus pode fazer a mente ir para objetos mais elevados".

Eram cerca de dez e meia da manhã. Um devoto chefe de família chegou e saudou a Mãe. "Mãe", disse ele, "por que não vejo o Mestre?". A Mãe falou: "Continue rezando sem perder o coração. Tudo acontecerá com o tempo. Por vários ciclos, os Munis e os Rishis do passado praticavam austeridades para realizar Deus e você acha que O verá em um instante? Se não nesta vida, você O verá na próxima. Se não na próxima, na outra. É fácil realizar Deus? Desta vez, o Mestre ensinou o caminho fácil, por isso, será fácil para todos realizarem Deus".

Depois que o devoto saiu, a Mãe disse: "Ele está muito coberto pela mundanidade. Ele é pai de muitos filhos e ainda diz: 'Por que não vejo o Mestre?'. Muitas mulheres vinham ao Mestre e diziam para Ele: 'Por que não conseguimos concentrar nossas mentes em Deus? Por que não mantemos a mente firme?', e coisas assim. Sri

Ramakrishna dizia para elas: ‘Vocês ainda têm o cheiro do quarto. Primeiro, livrem-se deste cheiro. Por que estão tão preocupadas com a realização de Deus agora? Tudo acontecerá no tempo certo. Nesta vida nos encontramos. Na próxima, nos encontraremos de novo e então vocês chegarão ao objetivo’. É fácil ver uma pessoa enquanto ela está no corpo. Agora estou aqui, então a pessoa pode me ver simplesmente vindo aqui. São poucos os afortunados que conseguem ver o Mestre hoje em dia com os olhos físicos! Vijay Goswami viu o Mestre em Dacca. Ele sentiu seu corpo. O Mestre disse na hora: ‘Que a minha alma saia não é bom; talvez este corpo não dure por muitos dias mais’”.

“Sabe dizer quem viu Deus? Ele (o Mestre) fez Naren atingir a realização de Deus. Suka, Vyasa e Shiva são no máximo umas formigas grandes, Eles tinham apenas vislumbres Dele. Alguém pode ter uma visão em sonho, mas ver Deus na forma física é um caso de rara boa sorte.”

(Entusiasmada) “Por que uma pessoa não consegue meditar se tem a mente pura? Por que alguém não consegue ver Deus? Quando uma alma pura faz japa, ela sente como se o Santo Nome surgisse espontaneamente dentro de si mesma. Ela não faz esforço para repetir o nome. Deve-se praticar japa e meditação em horários regulares, deixando o ócio para trás. Enquanto morava em Dakshineswar, costumava acordar às três da manhã e praticar japa e meditação. Um dia, estava um pouco indisposta e saí da cama mais tarde. No dia seguinte, também acordei tarde por preguiça. Gradualmente, percebi que não estava mais inclinada a acordar cedo. Então, disse para mim mesma: ‘Ah, finalmente me tornei uma vítima da preguiça’. Comecei, então, a me obrigar a acordar cedo. Gradualmente retomei o hábito. Em tais casos, deve-se manter a prática com muita resolução.”

“Austeridades, adoração, peregrinação, ganhar dinheiro, tudo isso deve ser feito na juventude. Eu mesma visitei muitos locais em

Banaras e Vrindavana a pé nos tempos de jovem, mas agora preciso de um palanquim para andar, mesmo que seja pouco. Preciso me escorar nos outros. Na velhice, o corpo deteriora, perde a força. A mente perde o vigor. É possível fazer muita coisa quando isso acontece? É ótimo que os jovens Sannyasins de nosso monastério estejam direcionando a mente para Deus desde a juventude. É o momento certo para fazer isso. (Para o discípulo) Filho, austeridades ou adoração, pratique tudo agora. Elas serão possíveis mais tarde? O que quer que queira atingir, atinja agora, este é o momento certo."

Discípulo: Sortudos são os que recebem suas bênçãos agora. Aqueles que vierem depois não terão essa rara oportunidade.

Mãe: O que você quer dizer? Quer dizer que eles não terão sucesso? Deus existe sempre em todos os lugares. O Mestre está sempre presente. Eles terão sucesso pela graça dele. As pessoas de outros países não estão progredindo?

Discípulo: A mente se sente enamorada quando sabe que é amada, mas você realmente nos ama?

Mãe: Se eu amo vocês? Amo até mesmo aqueles que pouco fazem por mim e vocês estão fazendo tanto. Sempre que toco em qualquer coisa em casa lembro de vocês. Sempre penso naqueles de vocês que estão comigo e aqueles que moram longe. Eu digo ao Mestre: "Ó Senhor, por favor cuide deles. Não consigo lembrar de todos sempre".

Salão de Orações

A Mãe estava sentada em sua cama. O discípulo lia para Ela as cartas dos devotos. Krishnalal Maharaj também estava lá. As cartas tinham afirmações como "A mente não pode ser concentrada", etc. A Santa Mãe ouviu tudo e disse com uma voz

animada: “A mente se firmará quando puderem repetir de quinze a vinte mil vezes o nome de Deus em um dia. É assim. Ah, Krishnalal, eu mesma experimentei isso. Deixe que eles primeiro pratiquem; se falharem, deixe que reclamem. Devem praticar japa com devoção, mas isso não é feito. Eles não farão nada, apenas reclamam dizendo: ‘Por que não progrido?’”.

Um devoto entrou no quarto e perguntou à Mãe sobre meditação e japa. Ela disse: “Repetir o nome de Deus um número fixo de vezes, contar no rosário ou nos dedos, é feito para direcionar a mente para Deus. A tendência natural da mente é correr para todos os lados. Por tais meios, meditação e japa, ela se atrai por Deus. Enquanto repete o Nome de Deus, se alguém vê a Sua forma e fica absorto Nele, o japa para. Alcança-se tudo quando se progride na meditação”.

“A mente é por natureza agitada. Por isso, para contê-la, pode-se praticar a meditação regulando a respiração um pouco. Isso ajuda a firmar a mente. Mas não se deve fazer muito (a respiração) porque ela aquece o cérebro. Você pode falar da visão de Deus ou da meditação, mas lembre-se de que a mente é tudo. Alcança-se tudo quando a mente se torna firme.”

“É muito natural que o homem se esqueça de Deus. Assim, quando surge a necessidade, Deus encarna a Si mesmo na Terra e mostra o caminho para Ele praticando Sadhana. Desta vez, Ele também mostrou o exemplo da renúncia.”

O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi

SEÇÃO 2

TRADUZIDO POR SWAMI PRABHANANDA

Registrado por Yogin-Ma

Yogindra Mohini Biswas, uma discípula do Grande Mestre e companheira de vida da Santa Mãe.

Uns dias depois de eu ter sido apresentada a Sri Ramakrishna, visitei Dakshineswar. Ao saber que por conta da pressa eu não tinha comido, o Mestre disse: "Ah, você não comeu. Vá ao Nahabat e coma arroz e curry". Lá no Nahabat, vi a Santa Mãe pela primeira vez. A mãe de Rama e outros tinham estado lá uma ou duas vezes. No Nahabat, eles disseram à Mãe que eu não tinha comido. A Mãe prontamente me serviu arroz, curry, luchi e o que mais tinha. Desde essa primeira vez que a encontrei, já me tornei um tanto íntima dela. Da vez seguinte que fui a Dakshineswar, descobri que a Mãe viajaria para Kamarpukur naquele mesmo dia para participar do casamento de Ramlal-Dada. Fiquei muito triste com o pensamento de que não a veria por vários dias. A Mãe foi saudar o Mestre antes de sair em viagem. O Mestre foi até a varanda norte, quando a Mãe tirou a poeira de seus pés, Ele disse: "Vá com cuidado. Certifique-se de não deixar nada para trás de seus pertences no barco ou na estação". Eu tinha tido o desejo de vê-los juntos e naquele dia meu desejo foi realizado. A Mãe foi embora de barco. Enquanto o barco podia ser visto, fiquei assistindo-o ir embora. Assim que o barco saiu de vista, fui ao lugar no Nahabat onde a Mãe costumava meditar e chorei. Sentei para meditar de frente para o sul, na varanda ao oeste. Enquanto passava pelo Nahabat, o Mestre me viu chorando e foi falar comigo. Quando fui ao seu quarto, Ele disse: "Você ficou muito triste que Ela foi embora?".

Para me consolar, Ele começou a recontar as disciplinas espirituais que tinha praticado em Dakshineswar. Ele concluiu dizendo: “Não fale nada disso para ninguém”. Eu, uma mera dona de casa, era tímida, mas naquele dia me sentei bem perto do Mestre e conversei com Ele. A Mãe voltou para Dakshineswar cerca de um ano e meio depois. O Mestre tinha escrito para Ela: “Estou tendo dificuldades com a comida”. Quando voltou, o Mestre disse para Ela: “Aquela garota, de grandes e lindos olhos, ama muito você. O dia que você foi embora, ela chorou muito sentada no Nahabat”. A Mãe disse: “Sim, o nome dela é Yogin”.

Sempre que eu ia a Dakshineswar, a Mãe me contava tudo o que tinha acontecido. Ela buscava pelo meu conselho. Eu costumava trançar seu cabelo. Ela gostava tanto do jeito que eu trançava que não tirava a trança quando ia tomar banho, mesmo depois de três ou quatro dias. Ela dizia: “Não, foi Yogin que trançou e não vou tirar até o dia que ela vier de novo”. Eu visitava o Mestre a cada sete ou oito dias. Eu levava folhas de bilva de Dakshineswar para adorar Shiva em casa. Adorava Shiva mesmo quando as folhas secavam. Um dia, a Mãe perguntou: “Yogin, você faz adoração usando folhas secas de bilva?”.

Yogin-Ma: Sim, Mãe, mas como você soube?

Mãe: Durante a meditação hoje de manhã, vi você adorando com folhas secas.

Um dia, a Mãe estava preparando rolinhos de bétele no Nahabat e eu estava sentada ao seu lado. Vi que Ela preparava alguns com cardamomo e outros apenas com bétele e limão. Perguntei: “Por que não colocou cardamomo naqueles?”. Ela respondeu: “Yogin, aqueles (com o tempero especial) são para os devotos; cuidando bem deles, eu os torno ‘meus’. E esses (os sem cardamomo) são para o Mestre, Ele já é ‘meu’”.

A Mãe tinha uma voz bem musical. Uma noite, Ela e Lakshmi-Didi estavam cantando com a voz grave. Estava ressoando muito e chegou aos ouvidos do Mestre. No dia seguinte, Ele disse: “Ontem vocês estavam cantando. Isso é bom, muito bom”.

Enquanto estava em Dakshineswar, a Mãe não encontrava sequer tempo para descansar. Para os devotos que chegavam, Ela preparava chapatis com uma grande quantidade de farinha. Quantos rolinhos de bétele Ela tinha que fazer! Depois, fervia o leite para o Mestre, porque Ele adorava leite. Depois, tinha que preparar sopa para Ele. Ele costumava comer no Nahabat enquanto sua mãe estava viva. Depois que ela morreu, no entanto, Ele costumava comer em sua sala. Nos dias em que os discípulos não estavam presentes, a Mãe ia massagear o corpo do Mestre com óleo antes do banho. O Mestre pediu para Golap-Didi um dia levar sua comida no quarto. A partir daquele dia, Golap passou a levar a comida todos os dias. Com isso, a Mãe ficou sem poder ver o Mestre diariamente. Golap-Didi costumava passar várias horas de noite com o Mestre e alguns dias não voltava ao Nahabat antes das dez horas. A Mãe tinha que ficar de olho na comida de Golap-Didi na varanda do Nahabat e por isso estava tendo algumas inconveniências. Um dia, o Mestre a ouviu dizendo: “Deixe que essa comida seja comida por algum cachorro ou gato, não posso mais ficar cuidando disso”. No outro dia, Ele disse à Golap-Didi: “Você fica muito tempo aqui. Isso é inconveniente para Ela, porque Ela tem que ficar cuidando da sua comida”. “Não”, Golap disse, “a Mãe me ama muito e me chama pelo meu primeiro nome, como se eu fosse sua própria filha”. Embora Golap-Didi não compreendesse que a Mãe estivesse machucada porque não podia mais ver o Mestre, a própria Mãe compreendia isso.

Um dia, Golap-Didi disse à Ela: “Mãe, a mãe de Monomohan diz: ‘O Mestre é um homem de grande renúncia e, ainda assim, a Santa Mãe usa brincos e outros adereços. Isso é legal?’”.

No dia seguinte, notei que a Mãe usava apenas um par de pulseiras de ouro nos punhos e tinha tirado os outros acessórios. Surpresa com isso, perguntei: “Mãe, o que é isso?”. A Mãe respondeu: “Golap disse….”.

Após muita persuasão, consegui fazê-la colocar os brincos e um ou dois outros acessórios. Mas Ela nunca mais colocou todos os acessórios que tinha tirado porque logo após isso o Mestre ficou doente.

Logo que a Mãe chegou em Dakshineswar, Ela não entendia muito das questões domésticas e ainda não experimentava transes. Embora praticasse devotamente meditação e japa todos os dias, não ouvíamos falar sobre Ela entrando em Samadhi. E mais, Ela ficava meio assustada e preocupada ao ver o Samadhi do Mestre. Porque, ouvi de seus lábios, em sua primeira visita a Dakshineswar, o Mestre pediu para que Ela ficasse com Ele de noite. Naqueles dias, o Mestre e a Mãe dormiam no mesmo quarto. O Mestre ficava na cama maior e a Mãe na menor. A Mãe dizia: “O Mestre entrava em transes espirituais e por isso eu não conseguia dormir. Com medo, eu ficava inerte, imaginando o tempo todo quando a noite iria acabar. Um dia, Ele não mostrava sinais de que voltaria ao estado normal. Fiquei muito preocupada e mandei chamar Hriday através da mãe de Kali (a empregada). Hriday chegou e repetiu em voz alta o nome do Senhor, isso fez com que Ele recobrasse a consciência. No dia seguinte, o Mestre me ensinou um mantra em particular que eu deveria entoar a cada tipo de transe espiritual que Ele entrasse”.

Alguns dias depois de ter ficado próxima da Mãe, Ela disse para mim: “Por favor, diga para Ele que quero experimentar um pouco do êxtase espiritual. Não o encontro sozinho para falar sobre isso eu mesma”.

Eu pensei que estava tudo bem, já que o pedido vinha da Mãe, eu deveria transmitir ao Mestre. Na manhã seguinte, quando fui ao quarto dele, o Mestre estava sentado sozinho na cama. Depois de saudá-lo, falei sobre o pedido da Mãe. Ele ouviu sem responder e ficou sério. Quando Ele entrava em tal estado de seriedade, ninguém se atrevia a falar uma palavra. Por isso, saí do quarto depois de ficar sentada lá um pouco. Retornando ao Nahabat, encontrei a Mãe sentada para a adoração diária. Abri um pouco a porta, olhei para dentro e a encontrei sorrindo. Ela sorria e depois chorava. Lágrimas jorravam de seus olhos. Depois de um pouco, gradualmente Ela se estabeleceu. Eu sabia que Ela estava em Samadhi, então fechei a porta e fui embora. Depois de bastante tempo, fui novamente ao quarto. Ela me perguntou: "Você está voltando agora do quarto do Mestre?". Eu disse: "Como é isso, Mãe, que você diz que nunca experimentou elevados estados espirituais?". Uma envergonhada Mãe começou a sorrir.

Depois desse incidente, ocasionalmente comecei a passar as noites com Ela em Dakshineswar. Embora eu quisesse dormir em uma cama separada, Ela nunca deixava e me levava para seu lado. Uma noite, alguém começou a tocar uma flauta. Com o som da flauta, a Mãe entrou em um elevado estado espiritual e sorria. Com hesitação, sentei em um dos cantos da cama por um longo tempo. Eu pensei que eu, por ser uma pessoa do mundo, não deveria tocá-la naquele momento. Depois de bastante tempo, a Mãe voltou ao estado normal.

Um dia, no telhado da casa de Balaram Babu, a Mãe entrou em Samadhi enquanto meditava. Depois de recobrar a consciência externa, Ela disse: "Eu vi que tinha viajado para um país muito longe. Lá, todos demonstravam grande carinho. Minha aparência era muito bonita. O Mestre, que estava presente, fez com que eu me sentasse ao seu lado. Não consigo descrever a felicidade que senti naquele momento. Quando recobrei um pouco da consciência corporal, notei meu corpo deitado ao lado. Então comecei a

indagar: ‘Como posso entrar nesse cadáver horrendo?’. Não me sentia nada inclinada a entrar novamente nele. Depois de bastante tempo, persuadi a mim mesma a entrar no corpo e recobrar a consciência dele”.

Uma noite, no telhado da casa de Nilambar Babu, a Mãe, Golap-Didi e eu estávamos meditando lado a lado. Quando minha meditação terminou, notei que a Mãe ainda estava absorta em meditação, sem se mexer, em Samadhi. Depois de um pouco, Ela recobrou parcialmente a consciência e começou a falar: “Oh, Yogin, onde estão minhas mãos, pés?”. Começamos a tocar em suas mãos e pés dizendo: “Aqui estão as mãos, aqui estão os pés”. Apesar disso, demorou bastante para que Ela recobrasse a consciência do corpo.

Uma manhã, no bosque de Kalababu em Vrindavana, a Mãe estava meditando quando ficou absorta em Samadhi. Todas as tentativas de trazer sua mente para baixo, no plano físico, foram inúteis. Eu repeti o nome do Senhor em seu ouvido por bastante tempo, mas sem resultados. Finalmente, Swami Yogananda veio e repetiu o nome de Sri Ramakrishna, o que trouxe sua mente de volta ao estado semiconsciente. Então, assim como o Mestre costumava fazer em ocasiões semelhantes, Ela disse: “Vou comer algo”. Alguns doces, água e bétele foram colocados diante dela e Ela comeu um pouco de cada item, como o Mestre costumava fazer ao final de cada período de êxtase. Mesmo ao pegar o bétele, Ela cortou a ponta do mesmo jeito que o Mestre. Ficamos surpresos ao ver como suas atitudes, o jeito de comer e o comportamento geral lembravam os do Mestre. Quando finalmente voltou à consciência física, Ela contou que o espírito do Mestre tinha entrado nela. Swami Yogananda fez algumas perguntas enquanto Ela estava em tal estado, e Ela respondeu muito parecido com o jeito do Mestre.

Alguns dias após o falecimento do Mestre, os devotos chefes de família, como Ram Datta, liquidaram o aluguel da casa de Cossipore. A Mãe foi então levada à residência de Balaram Babu. Logo depois, Ela saiu em peregrinação na companhia de Yogen Maharaj, Kali Maharaj, Latu Maharaj, Lakshmi-Didi e alguns outros.

O grupo parou em Varanasi, onde passou de oito a dez dias. Finalmente eles chegaram a Vrindavana. A Mãe morou no bosque de Kalababu por quase um ano. Eu tinha ido a Vrindavana poucas semanas antes do falecimento do Mestre. Ao me ver em Vrindavana, Ela me apertou em seu peito, chorando com tristeza: “Oh, Yogin!”, e começou a chorar muito. Após a morte do Mestre, aquela era a primeira vez que eu a encontrava. No começo de sua estadia em Vrindavana, a Mãe chorava com frequência. Um dia, o Mestre apareceu diante dela e disse: “Bem, por que está chorando tanto? Estou aqui. Para onde fui? É como se eu tivesse ido de um quarto para o outro”.

Um dia em Vrindavana, a Mãe viu um menino morto sendo levado para o campo de cremação, decorado com flores e acompanhado por música devocional. Ao ver a procissão, Ela disse: “Olhe, que abençoada é essa pessoa por ter morrido em Vrindavana. Também vim para cá para morrer. Estranhamente, não tive sequer traço de febre, e olhe como já sou velha! Já vi muitos senhores, como o meu pai e o irmão mais velho do meu marido!”. Com isso, rimos e dissemos: “Sim, você viu mesmo seu pai! Quem não vê o pai?”. Em Vrindavana, primeiro a Mãe chorava muito pelo Mestre, mas depois, o Mestre a manteve sempre imersa em bem-aventurança. A Mãe, então, vivia muito despreocupada. Ela costumava ir aos templos diariamente. Um dia, no templo de Radharamana, pareceu para Ela como se a esposa de Navagopal Babu estivesse de pé ao lado da imagem de Radharamana a abanando. Ao voltar para casa, a Mãe disse para mim: “Yogin, a esposa de Navagopal é muito pura. Eu a vi assim”.

Um dia em Vrindavana, o Mestre apareceu para a Mãe e disse: “Inicie Yogen com este mantra”. No primeiro dia, a Mãe achou que era coisa de sua cabeça. No segundo dia que a visão se repetiu, Ela não prestou atenção. No terceiro dia, quando de novo teve a visão, Ela disse ao Mestre: “Eu nem falo com ele. Como posso iniciá-lo?”. O Mestre respondeu: “Peça à filha-Yogin para estar com você no momento da iniciação”.

Através de mim, a Mãe perguntou a Swami Yogananda se ele já tinha recebido alguma iniciação. Ele respondeu: “Não, Mãe, o Mestre não me deu nenhum Ishta mantra. Eu repito um Santo Nome de minha escolha”. Ao ouvir isso, um dia, a Mãe o iniciou. A Mãe estava adorando a figura do Mestre e a urna que continha as relíquias dele. Ela procurou Swami Yogananda e pediu para que ele sentasse ao seu lado. Enquanto fazia a adoração, Ela entrou em êxtase e, naquele estado, deu iniciação para ele. Ela falou o mantra tão alto que consegui ouvir no quarto ao lado.

De Vrindavana, acompanhamos a Mãe para Hardwar. Swami Yogananda estava no grupo. Enquanto viajava de trem, ele teve uma febre muito alta. Quando eu estava dando suco de romã para ele, pareceu para a Mãe como se eu estivesse dando comida ao Mestre. Swami Yogananda, em sua condição delirante, viu uma figura horrível que disse para ele: “Eu ia te ensinar uma lição, mas o que posso fazer? Paramahamsadeva (Sri Ramakrishna) ordenou que eu saísse desse lugar agora mesmo. Não posso mais ficar aqui por um segundo sequer”. Apontando para uma mulher que usava um sari de bordas vermelhas, a figura disse: “Dê alguns rasagollas para essa mulher”. Curiosamente, depois desta visão, Swami Yogananda ficou sem febre. Na sequência, fomos para Jaipur, indo de Hardwar. Lá vimos a imagem de Govinda e visitamos vários templos. Enquanto passeávamos, Swami Yogananda de repente notou uma imagem ao lado de um templo e falou: “Pediram para mim que oferecêssemos rasagollas para essa Deidade”. Bem em frente havia uma loja vendendo rasagollas.

Compramos o equivalente a oito annas de rasagollas e oferecemos à Deidade. Ao perguntarmos, soubemos que aquela era a imagem de Sitala.

De lá, a Mãe voltou para Calcutá e, depois de alguns dias na casa de Balaram Babu, foi para Kamarpukur. Depois de cerca de um ano em Kamarpukur, a Mãe foi para a casa de Nilambar Babu, em Belur, alugada para Ela pelos devotos. Em 1888, Ela ficou cerca de seis meses por lá. Ela saiu da casa alugada em kartik (outubro/novembro) e passou alguns dias na casa de Balaram Babu, em Calcutá. Logo depois, Ela saiu em peregrinação a Puri. De Calcutá, viajou para Chandbali, onde pegou um navio no canal de Cuttack, e de Cuttack Ela foi para Puri em um carro de boi. Sarat (Swami Saradananda), Rakhal (Swami Brahmananda), Swami Yogananda e outros acompanharam a Mãe a Puri. Ela ficou acomodada em uma casa chamada Kshetrabasi, que pertencia à família de Balaram Babu. Ela ficou lá de agrahayana (novembro/dezembro) até falgun (fevereiro/março). A Mãe vivia em um quarto com uma sacada na frente. Como o Mestre nunca tinha visitado o templo de Jagannath, a Mãe um dia levou uma foto dele ao templo, envolta em um embrulho, e a desembrulhou em frente à imagem de Jagannath.

Depois de visitar o templo de Jagannath, a Mãe comentou: “Vi Jagannath como se fosse um leão dentre homens, sentado em Seu precioso altar e eu O servia como uma empregada”. Na volta para Calcutá, a Mãe ficou na casa do Mestre Mahasaya (Mahendranath Gupta) por três ou quatro semanas e depois foi para Antpur (local de nascimento de Swami Premananda) junto com Baburam (Swami Premananda), Naren (Swami Vivekananda), Mestre Mahasaya, Sannyal (Vaikunthanath Sannyal) e alguns outros. Após quase uma semana lá, Ela viajou de carro de boi para Kamarpukur via Tarakeswar, na companhia de Mestre Mahasaya e alguns outros. Lá, Ela ficou por cerca de um ano. Depois, foi para Calcutá antes do Festival de Dol e ficou com a família do Mestre Mahasaya em

Combulitola por quase um mês. Depois, ficou na casa de Balaram Babu quando ele estava doente e continuou lá depois de sua morte. Depois, Ela morou em uma casa alugada em Ghusuri, perto do campo de cremação de Belur, de jyeshtha (maio/junho) até bhadra (agosto/setembro), em 1890. Como teve um ataque de disenteria, Ela foi levada para uma casa alugada em Baranagar, que pertencia a Sourindramohan Tagore, para o tratamento médico. Seguindo uma breve estadia lá, Ela mudou para a casa de Balaram Babu, de onde voltou para Jayrambati depois do Durga Puja.

A Mãe também foi para a casa alugada de Nilambar Babu, em Belur, durante ashadha (junho/julho) de 1893. Depois, Ela passou o mês de falgun (fevereiro/março) em Kailwar (Bihar) e de lá visitou Varanasi e Vrindavana uma segunda vez junto com sua mãe e irmãos. Voltando para Calcutá, morou com o Mestre Mahasaya em sua residência em Colootola por cerca de um mês e depois voltou para Jayrambati. Da vez seguinte que foi para Calcutá, Ela ficou por cinco ou seis meses em uma casa anexada a um depósito nas margens do Ganges em Baghbazar. Foi nessa casa que Nag Mahasaya (Durgacharan Nag) viu a Mãe. Depois, Ela foi novamente para sua vila natal e ficou lá por um ano e meio. Na volta para Calcutá, Ela ficou em uma casa em frente à casa de Girish Babu. Nessa casa, Nivedita viveu com a Mãe por três semanas. Sua próxima residência foi no número dezesseis da rua Bosepara Lane, perto da casa de Girish Babu. Foi aqui que Nivedita começou a organizar a escola. Depois, a Mãe morou em uma casa em frente à Ramakrishna Lane, na rua Baghbazar. Sarat também ficou lá. De lá, a Mãe voltou para seu local nativo.

Esta foto da Santa Mãe com Nivedita foi tirada pelo Sr. Harrington, no ano bengali de 1305, 1898 no calendário britânico, em Bosepara Lane, Baghbazar, Calcutá. Os arranjos para as fotos foram feitos pela Sra. Sarah Bull.

Ela veio novamente para Calcutá na ocasião do Durga Puja, na casa de Girish Babu, e ficou na casa de Balaram Babu. Naquela época, Ela estava muito magra devido a um ataque de malária. Depois, seguindo uma nova estadia em sua vila natal, Ela veio para viver na nova casa “Udbodhan”, logo após ela ser construída. Ela depois visitou Kothar (em Orissa), Madras, Bangalore, Rameswar e outros lugares, e depois voltou para Udbodhan. Dois dias depois, a Mãe foi para Jayrambati, onde entregou Radhu em casamento. Desta vez, Ela voltou de Jayrambati para Calcutá depois de quase um ano, e de lá foi para Varanasi em kartik (outubro/novembro), em 1912. Após ficar lá por três semanas, Ela voltou para Calcutá.

Quando ainda muito nova, a Mãe tinha que cozinhar com frequência. Sempre que sua mãe não podia cozinhar por algum

motivo, Ela preparava tudo sozinha. A Mãe dizia: “Eu costumava cozinhar, e meu pai tirava a panela quente de arroz do fogo”. Mais tarde, a Mãe passava bastante tempo atendendo seus parentes e devotos.

Registrado por Smt. Kshirodbala Roy

No dia que saí de nossa casa no subúrbio para Calcutá para ver a Santa Mãe pela primeira vez, eu não me sentia bem. Fui para Baghbazar de carruagem. No caminho, senti tontura e náusea. De alguma forma, cheguei à casa da Mãe em Baghbazar e, subindo as escadas, vi a Mãe na porta do quarto grande adjacente à escada. Ela estava indo tomar banho. Ela estava de pé com uma das mãos no batente da porta, como se esperasse por mim. Assim que seus olhos me viram, Ela disse sorrindo: “De onde você vem, filha? Por que veio?”.

Eu respondi: “Vim para ver a Santa Mãe”. De uma vez, Ela disse: “Eu sou a Mãe, filha. O Mestre (o retrato dele) está no outro quarto. Faça saudação ao Mestre e sente-se aqui. Volto depois do banho”. Dizendo isso, Ela saiu.

Fui até a porta da sala do altar e saudei o Mestre dali e depois sentei. Eu tinha levado alguns doces para oferecer ao Mestre. Nalini-Didi veio e, borrifando água do Ganges no pacote de doces, pegou-o da minha mão e guardou no quarto. Neste meio tempo, a Mãe terminou o banho apressadamente e voltou. Notei que a adoração ao Mestre e as oferendas de frutas e doces para Ele já tinham acabado e tudo ainda estava na sala do altar. Como eu estava enjoada, temi que a Mãe me desse Prasada porque eu poderia vomitar. Quando Ela perguntou: “Você trouxe algo para o Mestre?”. Apontei para o pacote de doces dizendo: “Sim, foi guardado ali”. A Mãe levou o pacote com os doces diante do rosto do Mestre e disse: “Ó Senhor, por favor, coma”.

Depois, Ela me deu Prasada, que constituía de algumas frutas em um prato de cobre e um copo de limonada, e disse: “Coma essa Prasada, ela não vai fazer você vomitar”. Pegando um pouco da água do Ganges da jarra, Ela borrifou em minha cabeça dizendo: “Vou esperar por você no outro quarto. Vá depois de comer a Prasada”. Estranhamente, logo que terminei de comer, comecei a me sentir bem. Depois, fui ao quarto em que a Mãe estava. Para mim, parecia como se Ela fosse a Mãe Universal sentada em uma asana (postura) como uma rainha. Golap-Ma, Gauri-Ma e Yogin-Ma estavam sentadas ao redor dela. Embora sentisse que a Mãe era “minha”, a presença de outras pessoas lá me fez ficar um pouco hesitante. Fiquei preocupada se teria a chance de contar à Mãe sobre meus pensamentos mais profundos. Eu disse à Ela: “Eu não pude te ver nos últimos oito anos apesar de todos os esforços. Mesmo depois de vir para Calcutá, ainda não pude vê-la, tive que ir embora”. Ao ouvir isso, Gauri-Ma comentou: “Alguém consegue ver a Mãe se o tempo não estiver maduro?”. Eu disse: “Sinto que o momento chegou agora, Mãe. Agora eu te vi. Por favor, me aceite. Vim até aqui com o desejo de receber iniciação com você. Ouvi dizer que não é possível ter iniciação se não for o momento. Sei que você manda algumas pessoas embora porque elas não pertencem a este lugar, mas se você me recusar, não serei mais capaz de viver”.

Olhando para mim atentamente, a Mãe disse: “Não, você terá a iniciação”. Depois, Ela perguntou: “Filha, o que você come no Ekadasi?”, eu respondi: “Antes eu costumava comer sagu, mas soube que ele é adulterado com várias outras coisas. Não como mais”. Assim que ouviu isso, a Mãe disse: “Não, não, digo que você deveria comer sagu, ele manterá seu corpo bem”. Então, com tristeza na voz, Ela disse: “Filha, você praticou muitas austeridades. Te digo para não fazer mais. Seu corpo quase se tornou um pedaço de madeira. Como irá executar as práticas espirituais se a saúde estiver ruim, filha?”.

Ela perguntou se eu usava óleo. Eu disse: “Não uso mais desde que enviuvei”. Ouvindo isso, Ela disse: “O uso do óleo mantém a cabeça fresca. Por isso, use”. Eu disse: “Como faz tempo que não uso, passei a detestar tocá-lo. Não poderei usar óleo, Mãe”. Golap-Ma disse: “Embora ela seja uma mera criança, estragou a saúde por jejuar muito e praticar outras austeridades”. Gauri-Ma disse: “Querida, por que cortou o cabelo?”. Respondi: “As viúvas na nossa parte do país não usam cabelo comprido”. Ela respondeu: “Sem cabelo, a visão deteriora. Já que você tem dedicado seu corpo a Sri Krishna, como pode o seu cabelo pertencer a você, querida?”. Yogin-Ma então disse: “Este corpo é o templo de Deus. É sábio mantê-lo bem”. Mas a Mãe disse: “Você fez bem. Manter o cabelo comprido pode despertar a vaidade em algum nível, já que o cabelo precisa ser cuidado. Então, o que você fez foi correto. Você superou a loucura de ter um cabelo luxuoso e também veio aqui. Você agora atingiu aquilo pelo qual fez tanta austeridade. Agora não se empenhe mais em tais austeridades. Você terá a iniciação amanhã. Chegue aqui às oito horas da manhã. Será bom também que você tome um banho no Ganges e vá ver a Mãe Kali no dia da iniciação”.

Pensei que ao ver a Santa Mãe eu já tinha visto a Mãe Kali e tinha me tornado pura por ter tocado seus santos pés. Saudei a Mãe e fui para casa.

O irmão mais novo de meu marido, Satishchandra Roy, um discípulo da Santa Mãe, tinha me acompanhado à casa dela. Ao chegar em casa, pedi a ele para vir novamente na manhã seguinte para ir comigo até a casa da Mãe. Depois de voltar de Baghbazar, sentia-me novamente enjoada. Mesmo assim, preparei tudo para ir para a Mãe na manhã seguinte. Porém, Satish não apareceu na hora marcada. Fiquei muito abalada. Ao meio-dia, ele chegou e explicou: “A Santa Mãe me mandou um recado ontem de noite dizendo: ‘Minha filha não terá a iniciação amanhã porque ela não está bem. Traga-a depois de amanhã antes das dez da manhã’”.

Foi por este motivo que ele atrasou. Fiquei atônita de pensar na previsão divina da Mãe.

Na manhã seguinte, eu estava me sentindo bem. Satish chegou na hora combinada para me acompanhar. Seguindo as instruções da Mãe, cheguei à casa dela com algumas frutas, flores, doces, folhas de bilva e um sari com bordas vermelhas estreitas. A aparência da Mãe, para mim, era maravilhosa. Vestindo um sari amarelo, a Mãe estava parada na porta como se assumisse a forma do meu Ishta. Quando me viu, Ela disse: “Você já está cinco minutos atrasada. Apresse-se e vá para o santuário”. Ela mesma colocou uma esteira na frente da figura do Mestre e a limpou com as mãos. Pensei: “Como posso me sentar nessa esteira colocada por Ela?”. Imediatamente, Ela empurrou a esteira com o pé direito e disse: “Está satisfeita agora? Deus! A garota é exigente”. Enquanto vinha de casa, amarrei duas rúpias na barra do meu sari para pagar o motorista, mas esqueci na hora. Quando estava para me sentar, a Mãe disse: “Filha, você veio tomar abrigo no Mestre, que tinha renunciado a ‘mulher e ouro’. Tem duas rúpias na barra de seu sari. Tire-as”. Eu rapidamente removi as moedas e as coloquei no chão perto da parede e sentei na esteira.

Percebi que a Mãe não era a mesma pessoa que eu tinha visto no outro dia. Com esse pensamento, perdi a consciência. Ela me ajudou segurando minha mão e me fez sentar direito na esteira. Colocando a mão em minha cabeça, Ela murmurou três vezes com voz doce as palavras: “Não tenha medo”, e acrescentou: “Não tenha medo, agora você renasceu. Vou assumir os frutos de todas as suas ações das vidas passadas. Agora você está pura, livre do pecado”. Então, recobrei meu estado normal e a Mãe me deu a iniciação.

Eu perguntei à Ela: “Há algum mantra para abdicar dos frutos do japa?”. A Mãe disse: “Não diga ‘abdicar dos frutos do japa’, diga ‘oferecer os frutos do japa’”. Ela colocou em minha mão um pouco

de Prasada de doces e disse: “Depois da iniciação, não se deve ficar com o Guru por muito tempo. Vá para casa hoje e volte amanhã para almoçar aqui”. Fui para casa após saudá-la. No dia seguinte, voltei ao meio-dia e comi Prasada. Depois da refeição, fui e sentei perto Dela. Ela me perguntou: “Você sabe ler e escrever? Leia um pequeno trecho do *Gita* diariamente e também do *Kathamrita* do Mestre e o *Sri Sri Ramakrishna Punthi*. Muitos outros livros do Mestre foram publicados. Leia-os”.

Eu disse: “Mãe, você certamente sabe que não consigo colocar minha mente em assuntos domésticos e com quanta dificuldade vivo dentre as pessoas do mundo. Eu rezo a você para que, por favor, não me mantenha no meio das pessoas do mundo”. A Mãe disse: “Filha, o que é a vida mundana para você? Para você, a vida mundana é tão boa quanto viver embaixo de uma árvore, mas estaria a vida no mundo separada de Deus? Ele está em todos os lugares. Além disso, você é mulher, para onde iria, filha? Contente-se com qualquer situação e qualquer lugar que Ele te colocar. O objetivo é chamar por Ele e chegar a Ele. Se você chamá-lO, Ele te levará pela mão. Você não terá qualquer medo se for dependente Dele. Outro ponto: não é sábio que o Guru e o discípulo vivam juntos, porque quando vivem juntos, o discípulo presencia a vida e as atividades do Guru, e com frequência encara o Guru como um mero ser humano. Isso é prejudicial ao discípulo. É bom que o discípulo more em um lugar perto do Guru e passe tempo diário em visita ao Guru, desfrutando de sua companhia e recebendo instruções. No entanto, a menos que tenha um contato ocasional entre ambos, o Guru pode não se lembrar sempre do discípulo. Você deve vir aqui todo dia”.

Com essas palavras da Mãe, percebi com clareza a direção que a porção restante da minha vida teria. O pensamento de que eu estava destinada à vida mundana e não à vida de renúncia me fazia chorar muito. Ao me ver chorando assim, a Mãe, ansiosa, tentou me consolar dizendo: “Filha, passei minha vida toda em

situações domésticas. Você ainda é jovem. Em qualquer condição ou em qualquer lugar que esteja, a sujeira do mundo não te causará mal. O Mestre está ali, você não precisa ter medo, não precisa se preocupar".

Depois disso, saudei a Mãe e voltei para casa. A partir dessa vez, eu ia à Mãe quase diariamente, geralmente de tarde, e voltava antes de escurecer. Ela tinha me dado as instruções necessárias para as práticas espirituais e também me aconselhou a tirar qualquer dúvida com Ela. A mera visão da Mãe já preenchia todo o meu coração com alegria. Eu sentia como se tivesse atingido tudo, que tudo tinha sido feito e que eu não tinha mais nada pelo que pedir. Para mim, a Mãe era ninguém menos que a própria Mãe Universal em toda Sua glória e minha Deidade Escolhida, que estava presente diante de mim como minha Guru. O que mais poderia esperar receber? Este pensamento me deu alegria ilimitada. Eu nunca tinha feito perguntas à Mãe. Eu ficava contente com qualquer coisa que Ela dissesse. Uma vez, falei para Ela: "Mãe, você é aquela que mora no íntimo, você sabe tudo. Eu ainda digo que não gosto nada e temo as maneiras das pessoas mundanas. Não tenho família, casa ou riqueza, e nunca pedirei nenhuma dessas coisas para você. Você sabe do desejo do meu coração. Por favor, garanta para mim que ficarei longe de tais pessoas". Dizendo isso, chorei profusamente. Em resposta, a Mãe me consolou com palavras simples, assim como uma mãe conforta um filho pequeno. E eu esqueci as preocupações e flutuei em um oceano de alegria.

Em alguns momentos, a Mãe dizia: "O Mestre dizia: 'Não pule no oceano de Maya porque você pode ser comido por tubarões e crocodilos'. Mas por que você deveria se preocupar? Você tem o Mestre com você".

A Santa Mãe tinha uma vida muito privada da visão pública e me fez fazer o mesmo. Eu via mais as devotas, quase nunca via os

monges de Belur Math. Mas só de ver apenas a Mãe, sentia como se tivesse visto tudo que vale ser visto no universo. Hoje em dia, penso que Ela me aceitou apenas porque eu tinha tal comportamento. A Mãe costumava falar apenas isso: “Contente-se com todas as circunstâncias e fale o nome Dele”.

Um dia, Sudhira-Didi levou algumas garotas do Internato de Garotas da Irmã Nivedita para a Mãe. Uma delas disse à Mãe: “Mãe, por que você não permite que Kshirode-Didi fique conosco? Ela pode ficar lá e ensinar as alunas”. Porém, eu nunca tinha, mesmo por cima, conversado com elas sobre minha educação. Por isso, fiquei meio sem graça e pensei: “Por que elas estão falando isso?”. A Mãe respondeu: “Nem todas as pessoas nasceram com o mesmo propósito. Vocês irão aprender e depois ensinar meninas, este é o propósito de vocês, mas Kshirode não foi feita para isso. Sem dúvidas que ensinar é uma profissão muito nobre, mas não é para todos”. Depois que foram embora, a Mãe comentou: “É uma tarefa fácil ensinar meninas?”.

Um dia voltando para casa, no caminho comprei um par de pulseiras de concha para Radharani, mas quando tentei colocá-las em seus braços, vi que eram muito pequenas. Radhu não conseguia usá-las e começou a chorar. Isso trouxe lágrimas aos meus olhos também. Pensei: “Com tanta esperança eu as trouxe, mas Radhu não consegue usá-las”. Nalini-Didi, Sarala-Didi, Radhu e eu estávamos falando a respeito disso quando a Mãe, que estava no santuário, chamou Radhu e disse: “Todas vocês venham aqui”. Quando fomos à Ela, Ela falou: “Qual o problema?”. Radhu disse chorando: “Essa irmã trouxe para mim um lindo par de pulseiras de concha, mas não posso usá-las, são muito pequenas”. Imediatamente, a Mãe disse: “Ah, não diga! Minha filha comprou pulseiras de concha para você, mas elas não servem! Você tinha que ter vindo aqui antes. Deixe-me ver porque elas não servem”. Dizendo isso, a Mãe colocou as pulseiras em Radhu rapidinho. Isso nos deixou surpresas. Radhu, com os olhos ainda brilhando das

lágrimas, abriu um grande sorriso. A Mãe disse para ela: “Agora você tem um lindo par de pulseiras de concha. Vá e faça Pranam ao Mestre, a mim e também à sua irmã”. Enquanto Ela falava isso, senti meu coração palpitando. Pensei: “A Mãe nunca me perguntou a localidade de minha casa, minha casta ou parentes”. Eu disse: “Mãe, pertenço à casta Kayastha (escribas). Por que Radhu precisa fazer Pranam para mim?”. A Mãe respondeu: “Não diga isso. E eu não sei se você é uma mulher Brâmane ou Kayastha? Você já ficou tanto aqui - você ainda é uma Kayastha?”. Falando isso, Ela disse à Radhu: “Vá e saúde sua irmã mais velha”. Imediatamente, Radhu fez Pranam para Sri Ramakrishna, para a Santa Mãe e depois para mim. Eu devolvi a saudação. A Mãe sorriu e disse: “Então você devolveu a saudação?”. A situação me deixou desconfortável e permaneci quieta.

Um dia, Radhu, Nalini-Didi e outros me pressionaram. Eu tinha que dizer onde minha casa era, qual era minha casta e também sobre minhas relações pessoais. Porém, fiquei relutante em revelar tais coisas. A Mãe os chamou e disse: “Por que estão provocando tanto a minha filha? Venham aqui comigo, vou contar tudo para vocês”. Todos eles correram para a Mãe. Eu também fui. Pensei: “A Mãe nunca me perguntou sobre tais detalhes pessoais. Hoje ouvirei o que Ela tem a dizer”. Todos começaram a dizer para a Mãe: “Kshirode-Didi está aqui há tanto tempo, mas nunca falou de seu local natal, casta ou sobre suas relações. Hoje pedimos para que ela falasse algo, mas ela não quer”. A Mãe disse: “Eu posso dizer tudo. Ela nasceu na terra onde nascem as laranjas. O sogro mora em outro distrito e é muito próximo de Chandrakanta. Ela não tem ninguém, nem mesmo a mãe, mas ela tem um irmão”. Dizendo isso, Ela me perguntou: “Eu disse certo, filha?”. Quando Ela mencionou o nome de minha mãe, dei um suspiro profundo. A Mãe, sendo a habitante íntima, conseguia entender os pensamentos e sentimentos mais profundos dos outros. Ela entendeu que meu suspiro foi de tristeza. Imediatamente, Ela disse: “Ah, quando mencionei sua mãe, você ficou cheia de

tristeza, não foi? Mas mesmo se ela estivesse viva, o que poderia fazer por você? Ela teria sido apenas uma espectadora da sua miséria. Você ainda sente a ausência de sua mãe após ter uma Mãe como eu?”. Ao ouvir isso, derramei lágrimas de alegria. A Mãe perguntou à Nalini-Didi e aos outros: “O que mais querem saber?”, eles responderam: “Qual é a casta dela?”, a Mãe respondeu: “Isso não vou revelar. Os devotos não pertencem a nenhuma casta”. As palavras da Mãe me deixaram extremamente feliz. Eu não conseguia dizer nada.

Num dia de Kali Puja, fui ver a Mãe de noite. A casa da Mãe estava lotada de gente naquele dia. No caminho, comprei cinco flores champak (um tipo de magnólia) por cinquenta paises[10]. Com dificuldade pude oferecer aquelas flores aos santos pés da Mãe. Ela disse: “Hoje tem uma multidão. Você não precisa ficar aqui. Procure Sudhira e depois vá para o local de Gourdasi e converse com ela antes de voltar para casa”. Fiquei um tanto surpresa com essas palavras. Nunca antes eu tinha recebido instruções assim dela. Perguntei: “Devo ir de carruagem ou a pé? Alguém pode me acompanhar ou devo ir sozinha?”. A Mãe disse: “Vá a pé e sozinha. Vai continuar sendo uma menina pequena até quando? Agora vá e volte mais tarde”.

Então, tomando o nome da Mãe, saí sem a menor hesitação. Perguntando aos transeuntes, cheguei facilmente à escola onde Sudhira-Didi era a diretora. Ela ficou surpresa ao me ver e perguntou: “Como conseguiu vir aqui no escuro? Por que veio?”. Respondi: “Não sei qual o motivo de minha visita. Vim porque a Mãe me pediu”. Ao ouvir isso, Sudhira-Didi chamou as meninas residentes da escola e falou: “Parem o estudo e venham aqui. Kshirode-Didi veio da casa da Mãe. Venham vê-la”. Todas as meninas vieram e ficaram em volta de mim, mas eu queria sair e disse: “Como a Mãe instruiu, preciso ir para o Saradeswari

[10] Unidade monetária indiana que equivale a um centavo.

Ashrama agora”. Sudhira-Didi perguntou: “Você vai sozinha?”, respondi: “A instrução da Mãe é de que eu vá sozinha”.

Eu saí. Assim que comecei a andar, um cavalheiro saiu de um quarto na parte de trás da casa e me seguiu. Um homem desconhecido me seguindo fez meu coração palpitar. Gauri-Ma era de uma natureza tão estrita que provavelmente brigaria se visse um desconhecido comigo. Não falei com ele. Ao chegar ao portão do Ashrama, disse ao porteiro: “Chame Ma-ji. Diga que uma moça vinda da casa da Santa Mãe em Baghbazar veio para vê-la”.

Logo depois, Gauri-Ma desceu com uma lamparina de ghee em uma das mãos e um aparador de incenso contendo resina queimada na outra. Quando fui saudá-la, ela disse: “Posso aceitar seu Pranam hoje?”. Com teimosia, ela recusou aceitar meu Pranam. Fiquei maravilhada com Gauri-Ma acenando a luz em frente ao meu rosto, porque ela estava fazendo o Arati. Na sequência, o tal cavalheiro se moveu para saudar Gauri-Ma. Instantaneamente, a aparência dela mudou. Ela perguntou: “De onde você vem? Onde vive? Por que veio aqui?”. Apontando para mim, ele disse: “Ela foi até Sudhira e mencionou que vinha para este lugar. Pensei que, já que não te conheço, poderia conhecê-la se a acompanhasse. É por isso que vim”.

“Qual o seu nome?”, perguntou Gauri-Ma. Ao falar sua identidade, eu o reconheci porque já havia ouvido seu nome. Gauri-Ma disse: “Ouvi falar de você. Você é de Sylhet (agora em Bangladesh)”. Já que Gauri-Ma não segue o Purdah, ele poderia tê-la encontrado em qualquer lugar. Se queria ver monges, que fosse para Belur Math. O que interessa ver uma monja? O cavalheiro disse: “Se vier no domingo, talvez possa falar com você, espero”. Gauri-Ma respondeu: “Não, não, minhas filhas estão ficando aqui. Não posso te encontrar aqui”. Ouvindo isso, o cavalheiro saudou Gauri-Ma e foi embora.

Depois, ela virou para mim e disse: “O que você pensa sobre a Santa Mãe? Ela não é ninguém menos que a Imperatriz de Kailash (i.e. Parvati). Ninguém deveria pensar nela como um ser humano. A Mãe é o Guru do mundo, a Mãe do Universo. Já que você a aceitou como seu Guru, o que mais há para se preocupar?”. Depois, ela falou sobre a Santa Mãe e Sri Ramakrishna por quase duas horas. Eu continuava de pé no degrau da porta do mesmo jeito quando cheguei. Ela também estava de pé enquanto falava. De repente, ela me pegou e disse: “Vamos. Vamos fazer adoração à Mãe”. Eu disse: “Eu não recebi instruções de voltar para Baghbazar ainda hoje. Além disso, já ficou bem tarde, como vou voltar para casa depois?”. Ela disse: “Venha, vou falar com a Mãe”. Então fui com ela. Ela pegou mais duas jovens garotas, uma delas carregando flores e folhas de bilva, e a outra carregando frutas e doces. Gauri-Ma carregava um kamandalu (jarro de água com alça). As pessoas na rua nos olhavam fascinadas. Assim que chegamos à porta da casa da Mãe, eu a ouvi dizer: “Gaurdasi chegou fazendo um espetáculo na rua!”. Depois de chegar lá, percebi que Gauri-Ma seria a última a adorar a Mãe naquele dia, todos os outros já tinham terminado a adoração. Gauri-Ma adorou a Mãe por bastante tempo, como se faz no Kali Puja. A adoração valia ser vista. Depois, todos os presentes compartilharam da Prasada. Gauri-Ma disse à Mãe: “Eu trouxe Kshirode para cá de novo. Ela me disse que essa não foi a sua instrução, mas falei à ela que falaria disso com você”. A Mãe respondeu aprovando: “Você fez bem”. Passei a noite na casa da Mãe. Nunca esquecerei da alegria que experimentei naquela noite.

Uma vez, antes de eu me tornar viúva, um dia eu tinha cortado e limpado um monte de mamão e preparado um curry. O sumo do mamão causou uma sensação de coceira nos meus dedos, que ficaram muito inchados e a pele rachou depois de algumas horas. Isso criou um machucado tão feio em minha mão que vários tipos de tratamento médico não conseguiram curar. Eu sofri muito com isso por doze anos. Precisava usar uma colher para comer. De vez

em quando, os machucados diminuíam, mas quando ficavam mais graves, o contato da minha mão com a água deixava ainda pior. Mesmo que eu estivesse em uma associação muito próxima com a Santa Mãe durante o último ano, nunca tinha mostrado minhas mãos para Ela. Decidi nunca falar nada para Ela sobre este meu corpo físico e impermanente, e mantive isso em segredo, a menos que fosse uma doença infecciosa. Eu evitava visitá-la quando a doença se agravava. Um dia, no entanto, fui vê-la quando os machucados estavam bem sérios. Ao chegar, evitei de fazer Pranam porque Ela poderia notar o machucado enquanto eu tocasse seus pés. Porém, tal pensamento me deixou inquieta. No mesmo momento, vi uma viúva tirar a poeira dos pés dela enrolando a mão na barra do sari. Isso alegrou meu coração, e eu também tirei a poeira de seus pés com a mão enrolada na barra do sari. Mal eu a tinha saudado, a Mãe perguntou em surpresa: "Filha, porque você tirou a poeira com a mão enrolada no pano? Tem algo errado com sua mão?".

Fui pega de surpresa e meu coração começou a tremer. Pensei: "A Mãe poderia ter perguntado para a outra mulher, mas perguntou para mim: 'Por que tirou a poeira assim?'". Respondi à Ela: "Tenho uma doença na mão", Ela falou: "Deixe-me ver". Ao ver a mão, Ela lamentou por eu ter ficado espantada. Ela disse: "Filha, você já está aqui faz tempo e sua mão está em tal condição! Embora seja sua Mãe, eu não sabia sobre isso. Sinto muito, querida". Depois, perguntou há quanto tempo eu estava sofrendo com aquilo e como eu havia contraído tal doença. Tive que falar tudo.

Depois, a Mãe disse: "Querida, estou em tal estado que permaneço absorta em mim mesma. Por isso, falhei em não perceber. Você faz Puja com essa mão, é por isso que a doença permanece. Venha comigo. As flores e folhas oferecidas ao Mestre e a charanamrita (água benta da adoração) vão ser retiradas e jogadas no Ganges. Venha rápido". Eu a segui até o outro quarto. Ela disse: "Veja, no

kamandalu tem charanamrita e também as flores e folhas. Coloque a mão dentro dele”.

Segui a instrução. Depois, Ela acrescentou: “Sua mão ficará livre da doença, mas evite mexer com peixe, carne, cebola e alho o máximo que puder. Não dá para se afastar completamente deles. Quando você tiver que mexer com isso, talvez apareçam algumas erupções na mão. Faça a adoração diária ao Mestre. Assim que notar alguma erupção, aplique a charanamrita do Mestre nela. Isso vai te curar. Você tinha cortado as unhas no dia em que cortou o mamão?”, ao que respondi: “Não lembro”. Ela disse: “Você deve ter cortado as unhas e depois entrado em contato com o sumo. Essas duas coisas devem ser as responsáveis pelo problema”.

De tarde, a Mãe disse para as outras devotas: “Nenhuma de vocês, incluindo maridos e filhos, deveriam cortar as unhas com os cortadores dos barbeiros porque isso pode levar a ter muitas doenças infecciosas. Minha filha aqui contraiu uma doença séria na mão mas, pela vontade do Mestre, vai passar”. Naquela ocasião, a Mãe falou de vários perigos envolvidos em comer junto com os outros no mesmo prato, deitar na cama com outra pessoa, e usar as mesmas roupas e toalhas de alguém. Ela também falou sobre como a condição física, boa ou ruim, de alguém é transferida para o corpo de outra pessoa.

Estranhamente, nunca tinha dito para a Mãe como passava meus dias e que eu costumava cozinhar carne e peixe. Porém, Ela falou: “Você não poderá evitá-los. Sempre que manusear carne e peixe, terá erupções na mão, mas assim que aplicar a charanamrita do Mestre, ficará curada”. Foi com grande surpresa que percebi que a partir do dia em que mergulhei a mão na charanamrita pela primeira vez, poucos dias depois eu estava permanentemente curada. Quando manuseava peixe, carne ou outros alimentos, ficava com as erupções, mas elas desapareciam em um hora depois de aplicar charanamrita. Quando me curei, falei para Ela:

“Mãe, não venho a você para ter a cura de meus problemas do corpo. Você não vai se livrar assim tão fácil de mim!”. A Mãe riu e disse: “Filha, seu corpo também é meu corpo. Sofro se você não estiver bem de saúde”.

Eu já tinha resolvido que jamais pediria verbalmente ou mesmo mentalmente qualquer conforto físico ou monetário, ou outro ganho material. Temia que a Mãe pudesse me satisfazer me concedendo tais coisas. Sempre que eu reclamava por não estar tendo nenhum resultado com minha adoração, a Mãe falava: “Eu sou seu Guru, sei se você está progredindo ou não. Como você pode compreender isso? Você alcançará tudo, você alcançará tudo. A maioria dos obstáculos na adoração não é externa, é interna. Gradualmente, um por um dos obstáculos cairá ao tomar o nome do Mestre e pela meditação. Faça seu trabalho. Não preste atenção se os defeitos da mente persistem ou não”. Ela também costumava dizer: “O galho de um coqueiro cai sozinho quando chega o momento certo, mas alguém precisa fazer muita força se quiser arrancá-lo antes do tempo. Do mesmo modo, tudo virá no momento certo”. Perguntei para Ela porque não conseguia ficar absorta em japa e meditação. Ela disse: “Você está fazendo tudo que é necessário, tudo ficará bem. Filha, é uma grande sorte você ter vindo para cá sendo uma viúva de pouca idade. Você não terá que fazer muito. Tudo que precisa fazer é prestar reverências a Deus no final do dia. Se um homem se agarra com firmeza a uma ideia, ele não terá que executar nenhuma outra disciplina. Você atingirá tudo espontaneamente”.

Casei quando tinha dez anos e enviuvei aos quinze. Tomando refúgio nos pés da Mãe, disse para Ela: “Mãe, estou me rendendo completamente aos seus pés, por favor, me proteja”. Ela me assegurou dizendo: “Não há nada a temer. O Mestre te levará pela mão”. Nenhuma palavra sequer que saía de deus lábios era inverdade. Agora estou perto dos sessenta. A mão sagrada da Mãe tocou minha cabeça e minhas mãos tocaram seus santos pés, por

isso fui abençoada. Agarrada à suas palavras “Não há nada a temer, o Mestre te levará pela mão”, tenho vivido essa longa vida, sem nunca ser perseguida pelo desejo dos prazeres. Eu experimento apenas a bem-aventurança, nada além dela. Exceto no dia em que a Mãe me deu iniciação, Ela nunca me instruiu sobre o que eu deveria fazer. Ela dizia que o Mestre faria tudo. Podemos não entender isso, mas suas palavras são verdadeiras. Mesmo se alguém não chama pelo Mestre ou pela Mãe o tempo todo, Eles protegem seus filhos dos perigos e azares. Percebi com clareza que sem a graça deles ninguém pode conquistar o apego mundano simplesmente com bravatas. A Mãe dizia: “Não se deve ir ver uma Deidade de mãos vazias”, por isso, eu levava sempre alguma coisa quando ia vê-la. Um dia, Ela disse: “Você não tem dinheiro, porque traz essas coisas todo dia? Será o bastante se trouxe um myrobalan (uma fruta). Eu como pelas bocas de todos vocês, querida! Sua alimentação é a mesma que a minha. O quanto já comi desde que cheguei ao círculo do Mestre!”.

Meu segundo irmão, que estava gravemente enfermo, foi para Calcutá para fazer tratamento. Era para ele ser operado pelo Dr. Sarbadhikari. Todos os membros da nossa família foram para Calcutá. Ficamos sabendo que o cirurgião não tinha certeza se o paciente sobreviveria depois daquele tipo de operação. Levei meu irmão para ver a Mãe. Era um domingo. Os devotos costumavam fazer Pranam para Ela de tarde. No caminho, meu irmão comprou uma guirlanda de flores para oferecer aos pés da Mãe. Eu não tinha notado. Ao chegarmos lá, fiquei cismada que meu irmão teria que saudá-la junto a uma multidão de pessoas, e eu não poderia ficar perto. A Mãe o notaria? Enquanto os Pranams eram feitos, permaneci dentro do quarto. Quando acabou, a Mãe chamou Radhu e o resto de nós. Ela tirou um monte de flores e guirlandas que tinham sido oferecidas. Pegando uma guirlanda de angélicas dentre as outras guirlandas, Ela a presenteou à Radhu, dizendo: “O irmão da minha filha deu para mim". Depois, disse para mim: “Eu notei seu irmão”. Fiquei surpresa porque meu irmão nunca tinha ido

lá. Fiquei pensando se meu irmão tinha comprado aquela guirlanda de angélicas. Dentre tantas guirlandas, eu via apenas uma daquele tipo.

Eu disse para Ela: “Mãe, é por causa dele que quero me manter longe da vida mundana. Chorei muito em sua presença com a oração para me livrar das companhias do mundo. Se ele morrer, terei que aguentar o fardo de sua família. Mãe, porque estou entre pessoas do mundo, não vou sobreviver, mesmo que tenha tomado refúgio em seus pés. O que acontecerá comigo agora? Por favor, me diga o que fazer”.

A Mãe respondeu: “Mesmo se seu irmão sobreviver a essa operação, ele morrerá um dia, não é? E se ele sobreviver, o que de bom ele te dará? Então, por que se preocupa tanto?”. Pensei que talvez a vida de meu irmão fosse poupada dessa vez. Naquele mesmo momento, Ela disse: “Não tenha medo, o Mestre está ali. Coloque uma foto do Mestre na sala de operação onde seu irmão fará a cirurgia. Ele o protegerá”.

Depois de ouvi-la dizer isso, voltei para casa e contei tudo para minha família. Todos começaram a dizer: “Não precisamos temer. Ele tocou a Deusa Kali viva. Não há motivos para temer”. Meu irmão se recuperou pela graça da Santa Mãe e voltou para sua casa. Quando meu tio e meu irmão mais velho, que tinham visto a Mãe, souberam que quando a viram na verdade tinham visto a própria Mãe Kali, eles aceitaram a ideia e começaram a divulgar que tinham visto e tocado os pés da Mãe Kali, que foi adorada pelo próprio Sri Ramakrishna e que não teriam que ir mais para lugar algum na busca pelo bem-estar espiritual. Eu fui a primeira em nossa família a ir à Santa Mãe. Agora, por sua graça, quase todos em nossa família tinham tomado refúgio nos santos pés de Sri Ramakrishna.

Uma tarde, eu estava na casa da Mãe quando uma viúva com um rosário de sementes de manjericão no pescoço e vestindo um manto com os nomes de Deus chegou para vê-la. Antes de chegar, a Mãe ficou em uma postura solene. Quando a viúva avançou para saudá-la, a Mãe disse: “Não toque meus pés, faça saudação tocando no chão”. Porém, ela ignorou as palavras e saudou a Mãe tocando em seus pés. Ela estava maravilhada de ver o retrato de Sri Ramakrishna e outras coisas, e disse para mim: “Você vê? Que lindo que é!”. “O que você mostrou para ela?”, a Mãe perguntou. “Ela viu a foto de Sri Ramakrishna”, falei. Depois, apontando para mim, ela perguntou à Mãe: “Ela é sua filha?”. A Mãe respondeu: “Sim, minha filha”. Na sequência, a viúva perguntou: “Quantos filhos você tem?”. A Mãe disse: “Seres de todo o universo são meus filhos”. Depois, a mulher perguntou: “A quantos filhos você deu à luz?”. A Mãe respondeu: “Meu marido era um homem de renúncia”. Incapaz de entender o que foi dito, a mulher fez ainda mais perguntas. Eu também estava a ponto de perder a paciência. A Mãe disse para mim: “Você explica essas coisas para ela, não posso continuar”. Então falei: “Você não sabe nada da Mãe, pelo que vejo. Por que, então, você veio aqui? Aqueles que vêm aqui, não vêm apenas para olhar, fazer saudação e ir embora. Há muito para se saber sobre a Mãe. Há tantos livros sobre Ela. Você pode saber tudo também pelos devotos. Se soubesse um pouco sobre Ela, não teria se atrevido a fazer tantas perguntas. É melhor me dizer o que te trouxe aqui. Não incomode mais a Mãe”. Ainda assim, ela continuou: “Minha filha visita este lugar. Ela trouxe uns rabanetes uns dias atrás”. A Mãe disse: “Muitas pessoas trazem vários presentes. Dá para eu notar todo mundo? Não conheço sua filha”. Logo depois, a mulher foi embora e a Mãe disse para mim: “Traga um pouco de água e lave meus pés, e também me abane um pouco”. Eu obedeci.

Um dos meus primos estava sofrendo com fístula lacrimal e ia ser operado por um oftalmologista. Ele, junto a vários membros da família, foram para Calcutá. Eu o levei para a Mãe antes da

operação. Eu tinha falado para a Mãe antes. Ao me aproximar da Mãe, fiz saudação e apontei para o menino dizendo: “Mãe, o olho desse garoto será operado”. A Mãe disse: “Deixe-me ver o olho”. Dando uma olhada, Ela observou: “Hoje em dia vemos muitos tipos de doenças e também médicos especialistas nelas. Antigamente, as pessoas não sofriam com tantas doenças e nem conheciam tantos tratamentos. Pegue como exemplo o caso de Radhu. Ela teve várias doenças e precisou fazer vários tratamentos. Além disso, fiz promessas para várias Deidades para que a curassem e ainda assim ela não ficava bem. Apenas o Mestre sabe o que se passa em sua própria cabeça”. Ao ouvi-la, dei uma risada e refleti comigo mesma: “Como somos ignorantes sobre a Mãe! Por suas palavras, poderia parecer que Radhu é tudo para Ela. Assim, Ela mantém sua verdadeira natureza escondida”. Ninguém compreendia seus movimentos. Apenas Ele poderia reconhecer quem Ela realmente era. A respeito do menino, a Mãe não disse nada depois de ver os olhos deles. Nós saímos depois de saudá-la. De qualquer maneira, a operação foi um sucesso.

Mais tarde, minha tia, antes de voltar para sua localidade, veio visitar a Mãe uma manhã junto aos filhos. Sentada com as pernas esticadas, a Mãe estava cortando frutas para oferecer ao Mestre. Eles foram direto à Mãe e a saudaram. A Mãe disse para minha tia: “São todos seus filhos?”. Minha tia respondeu: “Sim, Mãe, são todos meus”. A Mãe disse: “Muito bem. Oh, como são devotados! Minha filha sabe tudo sobre este lugar e ainda assim trouxe vocês aqui nessa hora inconveniente. Está na hora da adoração à Deidade. Não tenho tempo para conversar com você nem por um minuto”. Minha tia disse: “Ela (Kshirode) se opôs à nossa visita neste horário. Porém, como não tínhamos outro horário para vir, viemos agora. Mãe, queremos levar Kshirode conosco para nossa casa por alguns dias. Busco por sua aprovação”. A Mãe disse: “Que mal há em levá-la para sua casa? Mas seria bom que você pudesse custear os gastos da volta dela”. “Certamente faremos isso”, disse minha tia. Ela, junto aos outros, subiram na carruagem.

Uma garota, conhecida minha, nunca tinha visto a Mãe. O marido dela não gostava de tais visitas. Porém, um dia, após o marido ir para o escritório, ela me pressionou para levá-la à Mãe e depois trazê-la de volta antes de o marido voltar. Eu disse: “A Mãe descansa nessa hora do dia. Você não poderá vê-la agora”. Ela disse: “Vamos, não importa o que aconteça”. Assim que entrei na casa da Mãe com ela, vi Golap-Ma almoçando. Fui falar com ela com a ideia de que veríamos a Mãe após Ela acordar. Ao me ver, Golap-Ma esbravejou: “Que modos são esses? Por que a trouxe aqui uma hora dessa? Não sabe que nesse horário a Mãe descansa?”. Eu disse: “Por que está brigando comigo? Acha que sou uma tola que vai chegar na Mãe antes que Ela acorde?”. Depois de um pouco, ouvi a Mãe me chamando, dizendo: “Venha aqui, filha”. Ao chegar perto, vi que Ela estava de pé ao lado da cama. Ela perguntou: “Quem é a garota, querida? Golap brigou com você porque você veio nesse horário? Bom, este é o reino do Mestre! Nenhuma regra ou lei são válidas aqui. Aqui a porta está aberta a todos. Sempre que alguém tiver a oportunidade, pode me chamar. Não leve a briga a sério, filha”. Fizemos reverências à Mãe e saímos. Eu disse para Golap-Ma: “Você viu com qual coração sincero as pessoas vêm para ver a Mãe. Mas não só a Mãe, elas vêm para te ver também. Mas guardiã da casa da Mãe como você é, você as escorraça. A Mãe não pertence a uma ou duas pessoas, Ela é a Mãe de todos”. Rindo, Golap-Ma disse: “Bem, você venceu”. O afeto que Golap-Ma, Gauri-Ma, Lakshmi-Didi e outras tinham por nós é indescritível.

A doutora Pramoda Dutta, de Calcutá, uma conhecida minha, vinha do mesmo lugar que eu. O marido dela também era médico. Eles eram Brahmos. Um dia, a doutora Pramoda Dutta demonstrou interesse em ver a Santa Mãe. Ela veio pedir para que eu fosse com ela à casa da Mãe. Então, em um determinado dia, nos aprontamos para ir até lá. Em vez de usar o vestuário profissional, ela vestiu um sari com borda vermelha. Ela não colocou nem

mesmo sapatos. Borrifou um pouco de água do Ganges na cabeça antes de sair para a casa da Mãe.

Indo ao primeiro andar da casa da Mãe, era possível ver no quarto ao lado da escada uma foto da Santa Mãe em postura de meditação. Quando seus olhos viram essa foto, Pramoda Devi perguntou: “De quem é essa foto?”, eu respondi: “Essa é a Santa Mãe”. Ela olhou a foto por um tempo e comentou: “Ela é a própria Radha”. Tive vontade de rir, pois, sendo Brahmo, como ela poderia falar tal coisa? No primeiro andar, ela encontrou a Mãe e a saudou. Depois de um pouco, a Mãe pediu à Sarala-Didi: “Traga aquele garoto e faça-o ser examinado por ela”. Agora não me lembro qual criança era. Enquanto a Mãe falava essas palavras, Pramoda Devi perguntou para mim muito discretamente: “Como Ela adivinhou que sou médica?”. A criança foi trazida para ela. Às quatro da tarde, doces foram oferecidos para a Deidade, e a Mãe distribuiu a Prasada para todos, exceto para Pramoda Devi. Fiquei envergonhada. Pramoda ficou me perguntando repetidamente: “Ela deu Prasada para todos, mas por que não para mim?”. Eu disse: “Por que não pergunta à Mãe?”. Não me atrevi a dar à ela a Prasada que estava na minha mão. Mais tarde, Pramoda disse à Mãe: “Mãe, você distribuiu Prasada para todos, mas por que não deixou um pouco para mim?”. A Mãe respondeu: “Você é Brahmo, querida. Como posso te dar Prasada a menos que você peça?”. Pramoda respondeu: “Quero um pouco de Prasada”. A Mãe havia guardado um rasagolla e o deu para Pramoda. Pramoda amarrou a Prasada na ponta solta de seu sari, saudou a Mãe e voltou para casa. Ela disse ao marido: “Olhe, o lugar que fui hoje é uma morada celestial. A pessoa que vi e de quem toquei os pés é a própria Radha. Eu trouxe um pouco de Prasada para você. Te darei apenas se você aceitar com respeito”. O Dr. Dutta respondeu: “O que importa à Mãe Universal que uma pessoa insignificante como eu não coma Sua Prasada?”. Dizendo isso, ele pegou a Prasada na palma da mão, tocou-a com a cabeça e comeu. Pramoda também descreveu para ele a experiência que teve em detalhes e

disse repetidamente: “Hoje visitei Vrindavana e vi os santos pés de Radharani. Fui abençoada”.

Quando minha tia e os outros membros da minha família voltaram para suas casa, não os acompanhei. Lá de onde moravam, meu tio escreveu uma carta para mim dizendo: “Que pena você não ter vindo. Enche o meu coração de grande alegria quando penso que você tem se dedicado aos pés da Mãe Divina. Se você vier para cá, venha depois de ter rendido aos pés da Mãe a sua mente, que é a raiz de todos os problemas. Apenas então você será livre de todas as preocupações”. Eu li a carta em voz alta para a Mãe. Ao ouvir o que dizia, Ela comentou: “Apenas a mente é a causa dos problemas? Mesmo quando você tenta obter Brahman, terá que levar sua mente com você também. Quando você finalmente O obtém, nem a mente, nem nada mais estará lá. No estágio atual, a assistência da mente é muito necessária. É apenas a mente pura que mostra ao homem o caminho”. Escrevi para meu tio essas palavras da Mãe. Naquela ocasião, Ela também disse: “Quando você desvia a direção da mente maldosa, a própria mente será capaz de compreender a Deidade Escolhida. No entanto, não há nada para se preocupar. O Mestre está te segurando pela mão. Em qualquer circunstância, Ele está sempre com você”. Por muitas vezes em minha vida senti profundamente a imensa força por trás dessas palavras.

Uma tarde, chegaram algumas mulheres e uma delas perguntou à Mãe: “Mãe, muitos dizem que Gauranga Mahaprabhu não é uma Encarnação de Deus. É verdade?”. A Mãe disse: “As pessoas podem dizer isso, já que não é fácil compreender um ser humano como Encarnação de Deus. Sendo breve, se as pessoas pudessem compreendê-lo como uma Encarnação de Deus, Ele não teria que ter pregado o amor divino ao custo de apanhar”. Enquanto dizia isso, lágrimas escorriam por seu rosto. Logo depois, Ela acrescentou: “Todo mundo consegue reconhecer uma Encarnação? Apenas uma ou duas pessoas conseguem. Quantos

sofrimentos as Encarnações têm que passar para a liberação dos seres humanos! Mesmo quando o Mestre vomitava sangue, Ele nunca parou de falar. Ele estava sempre preocupado com o bem-estar das pessoas”.

Há um ensinamento de Gauranga Mahaprabhu: “Repita o nome de Hari e você terá uma deliciosa sopa de bagre e o abraço de uma jovem garota”. A Mãe explicou o contexto e também falou de como as pessoas interpretam esse ensinamento e o real propósito. Na sequência, Ela falou: “Para o que precisamos de uma Encarnação? Para qualquer um, o próprio Guru é muito superior a qualquer Encarnação de Deus. Tente compreender isso e seja firme”.

A Mãe mantinha um olho atento à conduta das mulheres que viviam com Ela em Baghbazar. Ela mostrava aborrecimento mesmo se uma panela de metal ou bacia caísse da mão de alguém. Ninguém tinha permissão de falar sem um motivo plausível. Um dia, Radharani, com suas tornozeleiras tilintantes, desceu as escadas correndo. Ao ouvir o tilintar das tornozeleira, a Mãe olhou fixamente para cima de um jeito que fiquei apreensiva. Assim que Radharani apareceu, a Mãe disse: “Radhi, você não tem vergonha? Meus filhos Sannyasins ainda estão lá embaixo, e você está correndo nas escadas com as tornozeleiras. Diga, o que eles vão pensar de você? Tire as tornozeleiras imediatamente. Homens e mulheres que estão aqui não buscam diversão. Todos estão fazendo práticas espirituais. Sabe quais são as consequências se as práticas deles forem perturbadas?”. Assim que a Mãe disse essas palavras, Radhu tirou as tornozeleiras e as jogou na Mãe. Destemida como era, todos ficamos com receio. Em outro dia, Radhu estava penteando o cabelo depois do banho e fazendo um penteado pressionando o cabelo com a toalha. Ao ver isso, a Mãe disse: “O que está fazendo? Você acha que fica muito bonita com isso. Longe disso, tudo isso é feio para mim. Eu nunca trancei o cabelo sozinha. Gaurdasi vinha de vez em quando e trançava meu cabelo. Eu não conseguia ficar com as tranças muito tempo e as

desfazia logo. Agora vejo você se comportando de forma contrária". Golap-Ma, que estava por perto, disse: "Mãe, você é uma muktakesi[11] de fato! Por isso, o que mais pode fazer a não ser ficar com o cabelo sem trança?".

Esta foto da Santa Mãe com Radhu foi tirada pelo Brahmacharin Ganendranath, em Jayrambati, em 1324 no calendário bengali, 1918 d.C.

Um dia, a esposa de um munsiff (oficial judicial) foi à Mãe. As mulheres que estavam lá discutiam a Primeira Guerra Mundial. A esposa do munsiff perguntou à Mãe: "Todos dizem que a guerra vai se espalhar até aqui. Se sim, o que pode acontecer conosco, Mãe?". A Mãe respondeu: "Isso é apenas boato. Por que a guerra chegaria até aqui? A guerra já não está tão intensa quanto antes,

[11] Em algumas Escrituras hindus, o termo se refere às mulheres que, durante a prática espiritual, usam o cabelo solto.

por que deveria chegar até aqui?". Muitos outros presentes comentavam sobre o assunto. A Mãe sentou-se quieta, claramente desinteressada.

A fome estava explodindo por todo o país. A Missão Ramakrishna estava oferecendo muito auxílio à população faminta. Um dia, a Mãe narrou as condições da fome de maneira vívida. Ela falou do abalo de várias pessoas em tantos lugares, da quantidade de dinheiro que a Missão estava gastando para confortar o sofrimento das pessoas e sobre a maneira como os membros monásticos da Ordem estavam trabalhando. Parecia para mim que Ela estava sentindo em seu coração todos os sofrimentos do mundo.

De vez em quando, eu ia ver Lakshmi-Didi em Dakshineswar. Ela sempre falava comigo em confidência: "Diga para a Mãe que não gosto de ficar aqui. As sobrinhas que estão comigo não gostam que nenhum devoto venha me ver, mas não posso ficar em um lugar onde não há devotos. Diga à Mãe que vou para Vrindavana e que eu levarei você junto". Contei tudo para a Mãe, Ela disse: "Veja, filha, Lakshmi fica louca ao ver os devotos. É por isso que aquelas duas garotas (sobrinhas de Lakshmi-Didi) ficam aborrecidas quando chega um devoto lá. Elas não devem levar a culpa. Diga para Lakshmi que vou vê-la um dia. Além disso, você não deve ir a lugar nenhum com ela. Se ela encontra um devoto no caminho, ela fica uma semana com ele. Alguém tem sempre que estar com ela para protegê-la. Ela quer ficar em Vrindavana. As pessoas são muito importunadas pelos macacos lá, será que ela vai aguentar ficar?". Passei para Lakshmi-Didi tudo que a Mãe disse. Depois acrescentei: "Você se encontra agora em tal estado mental que se for enviada a qualquer lugar, arranjos especiais terão que ser feitos para você. Ouvi dizer que você tem a mesma experiência que o Mestre". Mal eu tinha falado isso, ela começou a me repreender dizendo: "Acontece a um ser humano o que acontecia ao Mestre? Eu sou vítima de uma doença, é por isso que

não posso sair daqui”. Naqueles dias, Lakshimi-Didi se comportava como uma criança.

Um dia, uma vendedora veio vender cobertores. Nalini-Didi estava tentando negociar o preço. A vendedora pediu uma rúpia e vinte e cinco paises, mas Nalini estava tentando baixar para uma rúpia. A Mãe ouviu a conversa delas à distância, chamou Nalini e disse: “Por que está pechinchando com ela?”. Nalini-Didi respondeu: “Quero pagar uma rúpia pelo cobertor, mas ela quer um quarto de rúpia a mais”. Ficando desgostosa com isso, a Mãe disse: “Para que está negociando tanto para guardar apenas um quarto de rúpia? Que vergonha! Ela vai de porta em porta carregando os cobertores na cabeça, ganhando pouco dinheiro e você a importuna para guardar umas poucas moedas. Além disso, para o que você quer um cobertor? Você tem tudo e ainda quer comprar mais um cobertor”.

Depois, apontando para mim, a Mãe disse: “Seria melhor se você desse um cobertor para a minha filha. Ela não usa nada exceto o cobertor, porém, ela tem apenas um. Ela passa os dias de inverno com ele e ainda assim não pede mais um cobertor para ninguém. Talvez ela nunca tenha usado dois saris de uma vez na vida. Apesar disso, ela é muito feliz. Você não enxerga o lado bom dos outros”. Fiquei estupefata e me perguntei como que a Mãe sabia tanto sobre mim, embora eu nunca tenha mencionado nada para Ela sobre meu cobertor ou sari. Quantas vezes Ela me fez entender que era realmente nossa Mãe! Depois do corpo físico, a Mãe ainda derrama muitas bênçãos. Qualquer um que a chame, a Mãe Íntima vai até ele e resolve seus problemas. Antes, era necessário fazer muito serviço para poder vê-la. Agora, sentado em um lugar e colocando o coração sincero, é possível encontrá-la. Quando os discípulos estão com problemas, Ela vem e os protege. Ouvi muitas de tais histórias.

Uma vez, fui para Calcutá no dia do Puja de Saptami (o primeiro dia do Durga Puja). Eu estava mal de saúde e com um pouco de febre. Pretendendo adorar a Mãe mesmo com febre, fui até Ela carregando algumas flores selecionadas. Uns dias antes, o Reverendo Swami Premananda Maharaj tinha falecido. Naquele ano, o Durga Puja foi suspenso em Belur Math. No entanto, o Puja foi realizado no monastério de Varanasi. Eu me aproximei da Mãe e a adorei. Quando seus olhos me viram, ela lamentou dizendo: “Ah, você parece muito abatida, filha!”. Depois, lamentou por Premananda Maharaj também. Ela continuou: “Você deve ir para Varanasi ainda esta noite. Alguns Sannyasins e Brahmacharins daqui vão para Varanasi. Sua saúde está muito fragilizada. Fique em Varanasi por cerca de um mês”. Eu disse: “Para que ir para lá? Amo ficar aqui”. A Mãe disse: “O que diz? Varanasi é a morada do Senhor Viswanath”. Eu disse: “Aqui é a morada de Annapurna[12]”. A Mãe riu e disse: “De qualquer maneira, você irá se recuperar se ficar por lá alguns dias”.

Eu tinha trazido um pouco de conserva de tamarindo da minha região para presentear a Mãe. Ao ver uma multidão na casa dela, pensei em onde poderia colocar o pote e se seria de utilidade para a Mãe. A Mãe, o Espírito Íntimo do meu ser, chamou Golap-Ma e disse: “Guarde essa conserva com cuidado. Vou comer mais tarde. Dê algumas frutas para minha fillha para que ela coma na viagem”. Peguei as frutas. Saímos para Varanasi.

Varanasi estava no pico de um tipo viral de influenza na época. Assim que os monges de lá me viram, disseram: “Agora a influenza está tão devastadora aqui que você, em vez de recuperar a saúde, pode facilmente contraí-la e sofrer”. Fiquei quieta pensando: “Seja como for, ficarei aqui pois vim com o conselho da Mãe”. Nalini-Didi e outros devotos que vieram junto deixaram Varanasi logo depois do Puja, mas eu continuei lá. Fiquei em Rana Mahal. Um dias depois, peguei influenza. Os monges me ajudaram muito

[12] Uma designação para a energia feminina de Deus, uma Deusa.

mandando um médico para mim e providenciando os remédios. Um dia, vi a Mãe aparecendo na minha frente em um sonho. Ela disse: “Não há nada a temer. Estou aqui. Vou cuidar de você”. No dia seguinte, minha saúde melhorou e fiquei recuperada em pouco tempo. Assim que completei um mês em Varanasi, voltei para Calcutá. Ao me ver, a Mãe disse sorrindo: “Que alívio para mim, querida. Mandei você para Varanasi para o seu bem, mas a doença que você pegou lá te derrubou”.

Registrado por Swami Santananda

Perguntei à Santa Mãe: “Como devo levar uma vida espiritual, Mãe?”. Ela disse: “Passe os dias como está agora. Reze a Ele sinceramente e lembre-se Dele sempre”.

Discípulo: Mãe, o fato de mesmo os grandes homens se degradarem me assusta terrivelmente.

Mãe: Quando uma pessoa tem coisas prazerosas ao seu redor, a influência delas naturalmente afeta a pessoa. Filho, não olhe para uma mulher mesmo que seja apenas uma escultura feita de madeira. Evite a companhia de mulheres.

Discípulo: Os homens não podem fazer nada sozinhos. É Ele quem está fazendo os homens fazerem tudo que fazem.

Mãe: Isso é verdade. Ele faz com que o homem faça tudo. Mas os homens têm esse entendimento? Sendo cheios de egoísmo, eles pensam que são eles que fazem tudo e que não dependem de Deus. Aqueles que confiam Nele são protegidos por Ele de todos os perigos.

Depois, apontando para um monge, a Mãe continuou: “O Mestre costumava dizer: ‘Monge, tenha cuidado!’. Um monge precisa ter cuidado sempre. Ele deve estar sempre alerta. O caminho de um

monge é muito escorregadio. Ao andar por um caminho escorregadio, deve-se ser cuidadoso a todo instante. É fácil se tornar um monge? Um monge não deve nem mesmo olhar de relance para uma mulher. Enquanto anda, ele deve manter os olhos fixos nos dedos dos pés. O manto ocre de monge o protege, assim como a coleira de um cachorro. Ninguém machuca tal cachorro pois sabe que ele tem um mestre”.

“A mente do homem corre para coisas ruins. Se ele quiser atuar virtuosamente, a mente falha em cooperar. Antigamente, eu saía da cama todo dia às três da manhã para meditar. Um dia, não me sentia bem e, por preguiça, dispensei a meditação. Por conta disso, a meditação ficou parada por alguns dias. Por isso, se alguém quer atingir algo nobre, deve ser sinceramente irredutível e resoluto. Enquanto morava no Nahabat, nas noites de lua cheia, eu olhava o reflexo da lua nas águas paradas do Ganges e, chorando, rezava a Deus: ‘Há manchas mesmo na lua, faça com que a minha mente não tenha absolutamente nenhuma mancha’. Enquanto estive lá, o Mestre proibiu até mesmo Ramlal de me ver, embora ele fosse sobrinho. Hoje em dia, converso com todos e saio na presença dos outros.”

“Você é um garoto de Calcutá. Se quisesse, teria casado e seguido a vida de chefe de família. Como já renunciou a tudo, por que deveria dar sua mente novamente a isso? Alguém deveria pegar de volta a saliva uma vez que ela foi cuspida?”

Discípulo: Mãe, é bom praticar asanas, pranayama e outros exercícios?

Mãe: Asanas e pranayama são capazes de dotar uma pessoa com poderes ocultos e isso é desastroso.

Discípulo: É bom para um monge ir a locais de peregrinação?

Mãe: Se a mente de alguém descansa em um lugar em particular, qual a necessidade de ir para locais de peregrinação?

Discípulo: Mãe, não tenho tempo para meditar. Por favor, faça minha Kundalini despertar.

Mãe: Ela certamente despertará. Um pouco de japa e meditação irão despertá-la. Ela desperta sozinha? Faça japa e meditação. A prática da meditação levará sua mente a tal ponto que você não irá mais querer ficar sem meditar. Porém, quando não atinge essa concentração da mente, não force a si mesmo a meditar. Em tais ocasiões, finalize sua prática espiritual simplesmente saudando o Senhor. No dia que você tiver o temperamento adequado, terá a meditação espontaneamente.

Udbodhan, 19 de junho, 1912

Discípulo: Mãe, por que minha mente não permanece estável? Quando tento pensar em Deus, ela é levada para vários assuntos mundanos.

Mãe: É prejudicial se a mente for levada para assuntos mundanos como o dinheiro ou membros da família. De qualquer maneira, a mente naturalmente reside nas atividades diárias de alguém. Se você não obtiver sucesso na meditação, pratique japa. Japa leva à perfeição. Obtém-se a perfeição através do japa. Se um estado meditativo chegar, que ótimo. Se não, não force a mente a meditar.

26 de agrahayana (novembro/dezembro), 1912

Discípulo: Para fazer práticas espirituais em Varanasi, deve-se viver no monastério ou em algum lugar solitário?

Mãe: Se você praticar disciplina espiritual por um tempo em um lugar solitário como Rishikesh, verá que sua mente ganhará força e

depois você poderá viver em qualquer lugar ou na companhia de qualquer um sem ser minimamente afetado. As mudas devem ser protegidas por cercas, mas quando crescem, nem mesmo as vacas e cabras podem prejudicá-las. Prática espiritual em um local solitário é essencial. Quando pensamentos mundanos surgem na mente, você deve se recolher e rezar a Ele com lágrimas nos olhos. Ele removerá todas as impurezas da sua mente e também te dará discernimento.

Discípulo: Não tenho força o suficiente para fazer as disciplinas espirituais. Eu me rendi ao seus pés, por favor, faça a sua vontade.

Com as mãos postas, a Mãe começou a rezar ao Mestre: “Que o Mestre possa te proteger em seu voto de Sannyasa. Ele está cuidando de você. O que você teria a temer? Se a mente se mantém atrelada a algum trabalho, ela não se compromete em pensamentos insanos. Porém, se você ficar ocioso, a mente irá se atrelar a vários tipos de pensamento”.

Varanasi, 17 de poush (janeiro/fevereiro), 1912

Discípulo: Como e onde eu deveria fazer as práticas espirituais?

Mãe: Varanasi é o lugar para você. A disciplina espiritual significa colocar a mente com firmeza aos santos pés Dele o tempo todo, imergindo a mente em pensamentos sobre Ele. Repita o nome Dele.

Discípulo: O que a repetição do nome Dele pode alcançar se não for feita com sinceridade?

Mãe: Independente se você entra na água por vontade ou se é empurrado, suas roupas ficarão molhadas. Pratique a meditação regularmente pois a mente ainda está imatura. Após a prática prolongada da meditação, sua mente ficará estável. E você deve

sempre discriminar entre o real e o irreal. Saiba que os objetos do mundo para os quais a mente é levada são irreais, e renda a sua mente a Deus. Um homem estava sozinho pescando no lago quando a procissão de um noivo passou tocando música, mas os olhos do homem continuaram fixos na linha de pescar.

Discípulo: Qual o objetivo da vida?

Mãe: O objetivo da vida é realizar Deus e permanecer imerso na contemplação de Seus santos pé sempre. Vocês monges pertencem ao Mestre. Ele está assistindo a vida terrena e as próximas vidas de vocês. Qual é a sua preocupação? Pode-se pensar em Deus o tempo todo? Passe um tempo relaxando e um tempo absorto em pensamentos sobre Ele.

18 de poush (dezembro/janeiro), terça-feira

Mãe: Um monge deve ser livre da ira e do ódio, ele deve tolerar tudo. O Mestre costumava dizer a Hriday: “Você aceitará minhas palavras e eu aceitarei as suas, apenas assim poderemos nos acertar. De outro modo, o caixa do templo terá que ser chamado para resolver nossas disputas”.

23 de poush (dezembro/janeiro), terça-feira, 9h30

Mãe: O Mestre costumava falar para mim: “Faça caminhadas curtas para que possa manter a saúde”. Naqueles dias, eu vivia no Nahabat. Costumava tomar banho no Ganges às quatro horas da manhã e depois voltava para o Nahabat, sem sair de lá durante o dia. Uma vez, o Mestre disse para mim: “Hoje virá uma Bhairavi. Tinja um manto e o deixe pronto, preciso dar para ela”. A Bhairavi chegou naquele dia quando já tinha terminado a adoração da Mãe Kali. O Mestre começou a conversar com ela sobre vários tópicos. Ela era meio esquentada e ficava me dando ordens o tempo todo. Ela disse algumas vezes: “Você tem que guardar panthabhat (um

prato à base de arroz) para mim, senão, vou te furar com meu tridente”. Fiquei assustada ao ouvir isso, mas o Mestre me confortou dizendo: “Não precisa ter medo. Ela é uma Bhairavi verdadeira. É por isso que ela é meio esquentada”. Uma vez, ela trouxe tantos produtos dados por mendicância que duraram sete ou oito dias. Ao ver isso, o caixa do templo disse: “Mãe, por que você sai para pedir comida? Você tem comida aqui”.

A Bhairavi respondeu: “Você é meu Tio Kalanemi (um demônio). Posso confiar em você?”.

A Mãe continuou: "Durante os anos de prática espiritual, o Mestre encolhia de medo ao ver vários tipos de objetos de tentação, Ele evitava todas essas tentações. Um dia no Panchavati, Ele subitamente viu um garoto se aproximando. Isso o deixou pensando: ‘O que é isso?’. Então, a Mãe Divina explicou para Ele que um pastorzinho de Braja se juntaria a Ele como seu filho espiritual. Quando Rakhal veio a primeira vez, o Mestre falou: ‘Meu querido pastorzinho chegou. Diga-me seu nome’. ‘Rakhal’, ele respondeu. O Mestre comentou: ‘Sim, sim, isso mesmo’. Aquilo era exatamente como Ele tinha visto no Panchavati”.

“Hazra disse ao Mestre: ‘Por que pensa tanto em Narendra, Rakhal e outros? Por que não mergulha sua mente em pensamentos de Deus o tempo todo?’. O Mestre disse: ‘Está bem. Manterei a mente imersa em Deus’. Dizendo isso, Ele entrou em Samadhi e seu cabelo e barba ficaram arrepiados. Ele permaneceu naquele estado por cerca de uma hora. Depois, Ramlal começou a sussurrar os nomes de vários deuses e deusas. Após fazer isso por um bom tempo, o Mestre recobrou a consciência corporal. Quando o Samadhi passou, Ele falou para Ramlal: ‘Percebeu o estado mental em que entro quando minha mente volta-se para Deus? É por isso que mantenho a mente em um nível mais baixo pensando em Narendra e nos outros’. Hazra: ‘Não, por favor permaneça em seu próprio estado’.”

Discípulo: Tenho praticado alguns exercícios de respiração. Devo continuar com eles?

Mãe: Pode praticá-los um pouco, mas não é seguro fazê-los por muito tempo porque isso pode te tirar do equilíbrio. Qual a necessidade de exercícios respiratórios se sua mente se concentra sozinha?

Discípulo: A menos que a Kundalini seja desperta, nada mais vale ser alcançado através de tais exercícios.

Mãe: Ela vai despertar. A repetição do nome Dele o levará ao objetivo. Mesmo quando sua mente não se concentra, você pode repetir o nome mil vezes. Ouve-se o anahata-dhvani[13] antes do despertar da Kundalini, mas isso não é possível sem a graça da Mãe Divina.

A Mãe continuou: “Nas primeiras horas do dia, eu estava meditando a respeito de não conseguir ver o Senhor Viswanath. É um emblema minúsculo de Shiva, coberto com folhas de bilva e água, de um jeito que quase não se pode ver. Enquanto pensava sobre isso, de repente apareceu o emblema de pedra negra de Shiva, o próprio Viswanath! Vi a mãe de Nati passar os dedos na cabeça de Shiva, então, em silêncio, também coloquei a mão na cabeça de Shiva”.

Discípulo: Mãe, não gosto mais do emblema de pedra de Shiva.

Mãe: Por que, filho? Quantos pecadores não vêm para Varanasi e conseguem a emancipação tocando o Senhor Viswanath! Ele aceita os pecados de todos com perfeita calma. Quando as pessoas vêm aqui aos finais de semana e me saúdam, sinto uma

[13] Som místico ouvido durante a meditação.

sensação de queimação nos pés. Apenas depois de lavar os pés consigo ficar em paz novamente.

Discípulo: Se Deus é o Pai e Mãe de todos, por que Ele induz as pessoas a cometerem pecados?

Mãe: A verdade é que Ele se tornou todos os seres vivos, mas cada um colhe os frutos de suas ações de acordo com as impressões e ações do passado. Sem dúvida o sol é um, mas seu brilho varia de acordo com o local e o objeto que ele ilumina.

1º de janeiro, 1917

Eu disse para a Mãe: “Mãe, por favor me abençoe para que eu possa ter uma boa meditação e conseguir imergir em pensamentos sagrados”.

Ela me abençoou tocando minha cabeça com a mão e disse: “E também, você deve saber discriminar entre real e irreal”.

Discípulo: Veja, Mãe, sentado quieto consigo discriminar, mas então o verdadeiro teste chega no campo da ação. Sou simplesmente carregado. Mãe, dê-me força para que eu possa me manter firme quando isso acontece.

Mãe: Meu filho, o Mestre irá te proteger. Que você possa obter conhecimento e iluminação.

Depois, Ela disse para outro monge: “Vocês todos são monges, é muito prejudicial para vocês manterem conexões com os chefes de família. É ruim até mesmo estar em proximidade com as pessoas do mundo”.

Koalpara, 27 de maio, 1919

Discípulo: Mãe, quantos dias se passaram! O que atingi?

Mãe: Deixando-o liberto das tribulações mundanas, o Senhor te colocou aos Seus pés. Não é uma sorte rara? Yogen (Swami Yogananda) costumava dizer: “Eu, faça ou não as práticas espirituais, estou liberto dos aborrecimentos do mundo”. Você não vê o quanto sofro com Maya por conta de Radhu?

Discípulo: Quero praticar Sadhana em um jardim solitário por alguns dias.

Mãe: Agora é o momento para tais práticas. Deve-se fazer as práticas quando se é jovem. E assim você fará, é claro. Mas seja cauteloso com a comida. Por causa de muita austeridade, Yogen sofreu terrivelmente até que, no fim, morreu prematuramente.

29 de maio, 1919

Discípulo: — Babu não visita mais o monastério. Nem telefona para você aqui. Por que ele está agindo assim?

Mãe: Verdade, ele não me viu quando estive em Calcutá.

Discípulo: Ele é um devoto antigo, como tal mudança se abateu sobre ele?

Mãe: Tudo isso é resultado de suas ações passadas. As ações de muitos nascimentos se acumularam. No final, ele foi forçado a ceder ao efeito delas. Porém, todas essas ondas acumuladas de ações passadas vão passar. Ele será liberado em um nascimento.

Discípulo: Se tudo acontece de acordo com a vontade Dele, por que então Ele não corta as amarras do karma?

Mãe: Se for da vontade Dele, com certeza Ele poderá cortá-las. Até mesmo o Mestre tinha que sofrer com as consequências das ações passadas. Uma vez, o irmão mais velho dele, Ramkumar, enquanto estava tendo um delírio, bebia água quando o Mestre tirou o copo dele. Aborrecido, Ramkumar o amaldiçoou dizendo: “Assim como você me impede de tomar água, você também não poderá comer nem beber nada em seus últimos dias”. O Mestre disse: “Irmão, tirei o copo de água de você para seu próprio bem e você me amaldiçoou por isso!”. Depois, Ramkumar chorando disse: “Irmão, não sei o motivo de ter dito essas palavras”. Veja, até o Mestre teve que colher o fruto das ações passadas. Ele não conseguia ingerir nada durante a última doença. Esse devoto também, devido às ações de muitas vidas passadas, mudou. Não viu o que aconteceu com A–? É realmente difícil entender porque e como tais coisas acontecem.

14 de junho, 1919

Discípulo: Mãe, devo contar enquanto faço japa?

Mãe: Se contar durante o japa, sua atenção será levada à contagem. Faça japa sem contar.

Discípulo: Por que minha mente não fica absorta enquanto faço japa?

Mãe: Você terá sucesso ao longo da prática. Não desista da prática do japa, mesmo que sua mente não se torne estável. Faça sua prática espiritual ardentemente. Repetir o nome dele tornará sua mente firme como a chama de uma lamparina protegida do vento. O vento deixa a chama instável. Do mesmo jeito, os desejos impedem a mente de se concentrar. Além disso, se o mantra não é pronunciado corretamente, leva mais tempo para chegar ao resultado. Uma mulher tinha “Rukmini Nathaya” como mantra. Ela costumava dizer “Ruku” e, por causa disso, seu progresso foi

retardado. Porém, com a graça de Deus, mais tarde ela corrigiu o mantra.

12 de junho, 1919

Discípulo: Pratiquei asanas nos últimos dias para manter meu corpo bem. Elas me ajudam na digestão e em manter a continência.

Mãe: Se praticar muito, sua mente pode ficar apegada ao corpo, mas se parar, corre o risco de adoecer. Tendo isso em mente, aja de acordo.

Discípulo: Pratico apenas de cinco a dez minutos para ter uma digestão melhor.

Mãe: Então continue. Eu estava querendo dizer que o corpo fica mal quando para de fazer exercícios. Eu te abençoou, filho. Que você se ilumine.

Registrado por Swami Santananda

Apontando para a bandeira hasteada no topo do templo de Venimadhava, em Varanasi, a Mãe observou: “Vocês me veem tão incapacitada agora, mas quando visitei Varanasi depois do falecimento do Mestre, subi no topo do templo de Venimadhava para hastear uma bandeira. Também subi o Chandi Hill, em Hardwar, e o Savitri Hill, em Pushkara”.

Naqueles dias, um certo monge da Ordem Ramakrishna estava praticando austeridades pesadas no Manikarnika Ghat, em Varanasi. Quando fui a Calcutá, ele me disse: “Por favor, pergunte à Mãe quando Deus dará Sua graça a nós”. Quando transmiti isso à Mãe, Ela ficou séria e disse: “Escreva para ele que não há uma regra para a graça de Deus cair nele simplesmente porque ele está

praticando austeridades. Em tempos antigos, os ascetas praticaram austeridades por milhares de anos com os pés para cima e a cabeça para baixo, e com fogo queimando por debaixo deles. Mesmo com isso, apenas alguns receberam a graça de Deus, os outros não receberam nada. Depende totalmente da vontade Dele”.

Na casa de Udbodhan, um jovem expressou à Mãe seu desejo de se tornar monge. Sorrindo um pouco, Ela apontou para um monge de pé ali perto e falou: “Se todos se tornarem monges, quem vai cuidar de quem? Quem vai poder sustentá-los?”. O jovem se casou mais tarde.

Uma vez, foi proposto que eu viajasse a Varanasi na companhia de um distinto chefe de família devoto de Sri Ramakrishna. Ele concordou em pagar minha passagem. Ao ouvir isso, a Mãe disse para mim: “Você é um monge. Não consegue pagar a passagem sozinho? Ele é um chefe de família, por que vai viajar com ele? Como vocês vão viajar no mesmo vagão no trem, ele pode ficar dizendo: ‘Faça isso, faça aquilo’. Sendo monge, por que você deveria acatar a ordem dele?”.

Em outra ocasião, ficou decidido que eu seria transferido de Calcutá para Varanasi, mas eu não conseguia decidir sobre isso. Então, pedi orientação para a Mãe. Ela disse: “As pessoas em Calcutá correm para seus compromissos desde a manhã, enquanto em Varanasi, as pessoas se ocupam de manhã com o banho no Ganges, ver o Senhor Viswanath, praticar japa e meditação”. Respondi: “Mas aqui estou empenhado em seu serviço”. A Mãe disse: “Sim, isso também é um ponto a ser considerado enquanto este corpo durar”.

Um dia, durante uma conversa, a Mãe falou: “O cabelo do Mestre é insignificante? Depois que Ele morreu, quando fui para Prayag (Allahabad), levei um pouco do cabelo dele para oferecer na

confluência do Ganges com o Jamuna. Dentro da água, segurei o cabelo na mão e estava pensando em afundá-la na água quando, de repente, uma onda se levantou e levou o cabelo. A água, já sagrada, levou o cabelo da minha mão para aumentar a santidade do cabelo”.

Registrado por Surendranath Sircar

Durante o Natal de 1910, vi a Mãe pela primeira vez em Kothar. Sri Hemanta Mitra e Sri Birendra Majumdar eram dois devotos de Shillong e tinham ido comigo. Sri Ramakrishna Bose, Swami Dhirananda, Swami Achalananda, Swami Atmananda e Sri Haraprasanna Mazumbar, um devoto de Nag Mahasaya, estavam ficando em Kothar na época.

Era por volta de uma da tarde quando chegamos ao local. Tínhamos trazido frutas, laranjas, mel, etc., para a Santa Mãe. Ramakrishna Babu carregou tudo para Ela. Depois do banho, fomos chamados para o almoço. No meio tempo, ouvimos alguns monges cochichando: “Como vieram de longe, eles podem ver a Mãe, mas não deviam ser permitidos de falar muito”. Biran Babu, que ouviu o comentário, passou a mensagem para mim. Eu falei para ele: “Se a Mãe quiser, será feito. O que há para se preocupar?”. Quando meus companheiros foram comer, eu disse para Ramakrishna Babu: “Não vou comer antes de fazer reverências à Santa Mãe”. Ele levou a mensagem e logo voltou dando a permissão dela. Ao entrar no outro cômodo, vimos a Mãe sentada na varanda. Ela esperava por nós, cobrindo o corpo com uma coberta e o rosto com a barra do sari. Enquanto me aproximava dela, Golap-Ma disse: “Ele é apenas um garoto, Mãe. Ele veio para prestar saudações a você”. Com essas palavras, Ela levantou o sari do rosto. Pudemos ver o rosto da Santa Mãe com clareza. Desde essa ocasião, a Mãe nunca ficou com o rosto coberto em minha presença. Eu me prostrei deitado no chão e falei:

“Tomo refúgio em ti”. Tocando minha cabeça, a Mãe me abençoou dizendo: “Que você atinja a devoção”.

Discípulo: Mãe, é meu desejo passar alguns dias aqui, mas na casa de um homem rico como essa, é difícil te encontrar.

Mãe: Vou te chamar. Agora vá, coma e depois descanse.

Depois do almoço, fomos descansar. Durante a tarde, a Reverenda Golap-Ma trouxe para mim uma xícara de nata, que tinha sido oferecida à Mãe, e disse: “A Mãe te deu este nata consagrada”. Mais tarde, alguém chegou e avisou: “A Mãe está te chamando”. Eu a vi pela segunda vez. Depois de saudá-la, disse: “Mãe, quero falar algumas coisas pessoais para você, mas hesito em fazer isso na presença dos outros”. “Tudo bem”, disse Ela. “Por favor, saia um pouco”, Ela disse para a pessoa que tinha me chamado. A pessoa saiu.

Vi Sri Ramakrishna e a Santa Mãe em sonhos e agora tinha revelado à Mãe. Ao ouvir, Ela disse: “O que você viu é verdade”. A Mãe me perguntou sobre os outros dois devotos: “Bom, o que eles querem?”.

Discípulo: Mãe, se você aceitar, eles querem ter iniciação.

Mãe: Bem, venham todos vocês me ver amanhã de manhã depois do banho.

Discípulo: Mãe, seus pés foram adorados pelo próprio Sri Ramakrishna. Nós também desejamos adorá-los oferecendo flores.

Mãe: Tudo bem, seu desejo será preenchido.

Discípulo: Onde posso encontrar flores?

Mãe: Os atendentes daqui vão pegar para você.

Saudamos a Mãe e voltamos ao salão.

A Santa Mãe me perguntou: “O que eles querem?”, mas nem sequer perguntou do meu caso. Depois de voltar da Mãe, fiquei preocupado com essa omissão. Depois me acalmei pensando que seja lá o que a Mãe queira, vai passar. Não falei nada.

No dia seguinte, após o banho, nos aprontamos com as flores e os outros itens necessários para a adoração. A Mãe nos disse: “Entrem um por um”. Fui o primeiro a entrar. Parecia que Ela tinha acabado a adoração matinal. Quando entrei, Ela disse: “Você vai repetir o mantra que o Mestre te deu. Eu também te darei algo”. Com tais palavras, Ela me deu o grande mantra.

Depois, adoramos os pés da Mãe. Ela aceitou as oferendas de pé. Eu disse: “Mãe, não sei os rituais”. Ela respondeu: “Ofereça as flores sem nenhum mantra, isso é o bastante”. Ofereci as flores aos seus pés dizendo “Jai Ma” (Glória à Mãe). Tinha uma flor de estramônio dentre elas. Apontando para essa flor, Ela disse: “Não ofereça essa, pois essa é usada para adorar Shiva”.

Eu a presenteei com uma rúpia e um sari que havia comprado. Com isso, Ela disse: “Você já está com dificuldades financeiras. Por que gasta dinheiro?”. Estranhamente, não tínhamos conversado sobre as questões da minha família, a Mãe parecia saber tudo sobre isso. Eu disse: “Pertencem a você e estão apenas sendo presenteados a você. Se uma pequena fração do que ganharmos for usada para o seu serviço, podemos nos considerar afortunados”. Então, Ela observou: “Ah, que devoção, filho!”. Eu disse: “Mãe, os devotos a chamam de Kali, Adyashakti, Bhagavati, etc. No *Gita* é mencionado que santos como Asita, Devala, Vyasa e outros chamam Sri Krishna de o próprio Narayana. O próprio Sri Krishna contou isso para Arjuna. Por Ele mesmo mencionar isso no

Gita, a ideia se torna ainda mais enfatizada. Acredito em tudo que ouvi sobre você. Mas se você aceitar falar sobre isso você mesma, minhas dúvidas desaparecerão. Quero ouvir diretamente de você se essas coisas são verdade. “Sim, elas são verdade”, disse a Mãe. Depois disso, nunca mais perguntei nada relacionado à sua verdadeira natureza.

Eu disse: “Mãe, quero muito isso: ver meu Ideal Escolhido, tocá-lo, conversar com ele tão vividamente como agora que te vejo e converso com você. Por favor, me abençoe”.

Mãe: Seu desejo será cumprido.

No dia seguinte, quando saudei a Mãe antes de ir embora, vi seu rosto sorridente e sua aparência muito graciosa. Golap-Ma enfatizou para mim: “Por que não vai para Puri antes de voltar para casa?”. Respondi: “O que mais eu poderia ver? Os sagrados pés da Mãe são um milhão de vezes mais sagrados para mim. Não preciso de mais nada”. Quando a Mãe ouviu isso, interveio dizendo: “Ah, deixe para lá. Você não precisa ir para Puri”.

Vi a Mãe pela segunda vez na casa de Udbodhan, em maio de 1912. Desta vez, a esposa de Rajendra Mukhopadhyaya e a minha esposa receberam iniciação. Naquela ocasião, não pude ter nenhuma conversa significativa com a Mãe por conta da doença de Radhu. Minha mãe, avó e meus dois filhos, que tinham me acompanhado, foram abençoados por verem a Mãe e tocarem seus pés.

Vi a Mãe de novo em Jayrambati, em 1913. Foi uns três ou quatro dias antes do casamento de Bhudev, sobrinho dela. Ao chegar ao monastério de Koalpara, ouvi que um devoto, Dwarakanath Mazumbar, tinha falecido em Koalpara durante sua viagem de volta depois de encontrar a Santa Mãe. Swami Keshavananda observou: “A Mãe agora proibiu todos de irem para Jayrambati. Está tendo

uma seca lá agora. Ninguém deve ir até que chova”. Naturalmente, fiquei preocupado com isso. Eu já tinha percorrido uma longa distância, mas como poderia desconsiderar a instrução da Mãe e seguir até sua casa? Descansei depois do almoço. Curiosamente, pela graça da Mãe, teve uma boa chuva naquele dia. Na manhã seguinte, fui para Jayrambati e prestei reverências à Santa Mãe. Depois de conversar um pouco, a Mãe disse: “Filho, ontem tivemos uma bela chuva. Hoje está bem fresco”. Falando sobre o devoto que tinha falecido, Ela disse: “Ele morreu a morte de um homem santo. Consigo vê-lo ainda agora, mas fico sentida pelo pai que ficou desolado”. Com essas palavras, Ela começou a chorar.

Naquela época, o Brahmacharin Devendranath chegou em Jayrambati de Varanasi. Ele dizia que sabia os detalhes de sua vida passada. Ele tinha falado para mim uns cinco anos antes que eu fui o preceptor espiritual dele em meu nascimento anterior. Eu não sabia nada a respeito disso. Eu costumava rir de tais conversas. Assim que nós dois nos apresentamos diante da Mãe, Ela falou: “Muito antes, vocês dois estavam no mesmo lugar e agora vieram novamente juntos”. Ouvindo isso, Devendra cochichou para mim: “Veja, agora percebe que tudo que te falei era verdade?”. Respondi: “Pode ser, mas não sei nada sobre isso”.

Depois de sair da Mãe, Devendra pediu para mim: “Vim para receber a iniciação de Sannyasa com a Mãe, mas meu desejo só será preenchido se você fizer um pedido formal à Ela. É por vontade do Mestre que estou aqui agora. O Mestre também trouxe você para cá porque minha prece não pode ser atendida sem o seu consentimento. Em Varanasi, vi Sri Ramakrishna e a Santa Mãe em uma visão e conversei com Eles”. Eu falei: “Não falarei nada à Ela de iniciativa própria. Vamos ver o que acontece”. Devendra disse: “Digo que não vai acontecer nada”.

Estávamos em Jayrambati há uns sete ou oito dias. Durante esse período, Devendra foi ficando cada vez mais agitado, o que notei

como algo incomum. Uma manhã, vi a Santa Mãe sozinha e disse: “Mãe, posso perguntar uma coisa?”. Sorrindo, Ela respondeu: “Venha um pouco mais tarde enquanto eu estiver preparando os legumes”.

Depois de um pouco, Ela começou a preparar os legumes. Assim que cheguei, Ela disse: “Agora pode contar o que você queria”.

Eu disse: “Mãe, você já sabe que o Mestre apareceu para Devendra em uma visão. Você também o abençoou. Agora, ele quer fazer o voto de Sannyasa. Ele não vai continuar na vida mundana. Por que então não conceder esse pedido?”. Quando ouviu, Ela disse sorrindo: “Se ele fizer o voto de Sannyasa, isso vai causar sofrimento aos outros?”. Respondi: “Os pais dele já são falecidos. Ele tem um irmão mais velho, adepto do Brahmoísmo, mas ele trabalha. Acho que o voto de Sannyasa não causaria sofrimento a ninguém”. Ela disse: “Tudo bem, o pedido dele será realizado. Arrume um novo manto ocre no monastério de Koalpara. Ele receberá Sannyasa amanhã mesmo”. Falei tudo para Devendra, que ficou imensamente feliz. Todos os preparativos foram feitos. Na manhã seguinte, a Santa Mãe fez a adoração em frente ao retrato de Sri Ramakrishna e deu para Devendra o manto ocre. Ela pediu para Devendra ir falar com Ela depois de trocar de roupa. Eu estava sentado perto dela pensando sobre minha situação. No mesmo momento, como se entendesse meus sentimentos, Ela falou carinhosamente: “Filho, você quer geléia oferecida ao Mestre?”. “Sim, Mãe”, respondi.

Ela mesmo comeu um pouco da geléia e com carinho passou o pote para mim. Ao comer daquela geléia que a Mãe também tinha comido, considerei-me abençoado. Pensei: “Comparado com essa fortuna, o que tem em Sannyasa? Isso não está nem mesmo ao alcance dos deuses!”. Meu coração ficou repleto de um sentimento maravilhoso.

Quando Devendra entrou no quarto com o manto ocre e saudou a Mãe, Ela disse para mim: “Consegue ver? Ele é um homem novo. Ele não é mais aquele velho eu de antes”.

Tio Kali, o segundo irmão da Mãe, que era pai de Bhudev, começou a me persuadir para acompanhar o grupo que ia ao casamento do filho, mas eu queria ficar com a Mãe. A Mãe gostou da minha atitude e falou: “Não, ele não precisa ir. Deixe-o aqui”.

Os cozinheiros Brâmanes estavam ocupados preparando o banquete do casamento. Devendra e eu olhávamos de longe. Observando-nos, a Mãe disse; “Vocês caçoam deles porque eles não usam o cordão sagrado, mas quem se iguala a eles na cozinha?”.

Como parte das festividades do casamento, uma pessoa de um grupo de atletas quebrou uma pedra colocada em seu peito. Enquanto destruía a pedra, a Mãe ficava orando: “Mestre, proteja-o”. Quando a exibição terminou, a Mãe perguntou para mim: “Meu filho, eles conhecem algum mantra?”, respondi: “Não, Mãe, não há algo como mantras por trás de tal demonstração de força. Ele gradualmente atingiu a excelência dessa prática com treino. Uma vez ouvi uma história. Um fazendeiro americano levava um bezerro nos braços todos os dias para um campo meio distante. O bezerro cresceu e se tornou um boi e, mesmo assim, o fazendeiro ainda o carregava e deixava todos surpresos com sua tremenda força. Tudo isso é resultado da prática”. A Mãe comentou: “Bom, você percebe como é eficiente o poder da prática? Do mesmo modo, o homem pode chegar ao objetivo mais elevado através da prática do japa. Japa leva ao sucesso. Sim, japa leva ao sucesso!”.

Na biografia de Nag Mahasaya é mencionado que uma vez, a própria Santa Mãe alimentou Nag Mahasaya com um alimento depois de Ela mesma ter experimentado, e, por isso, transformou a

comida em Prasada. Impactado com tal ato benevolente da Mãe, ele disse: “A Mãe é mais gentil que o Pai, a Mãe é mais gentil que o Pai!”. Quando li essa parte da biografia, veio à minha mente: “Será que um dia a Mãe me dará de comer dessa maneira? Mas nunca expressarei tal desejo à Ela. Que isso aconteça apenas se Ela escolher que aconteça”. Um dia, Ela me deu comida consagrada daquele mesmo jeito!

Naquela época, um monge, que não pertencia à Ordem Ramakrishna mas era conhecido da Mãe, chegou em Jayrambati. Eu estava comendo de manhã e o novo Swami também estava lá sentado, um pouco longe de mim. A Mãe disse para mim: “Filho, você acha que aceitar o manto ocre é tão fácil assim?”. Depois, apontando para o monge, Ela falou: “Veja o que ele fez”. Então, Ela disse mais para frente: “Qual a necessidade do manto ocre? Você terá tudo sem precisar dele”.

Eu tinha levado um par de saris para a Mãe. Quando dei os presentes, falei: “Soube que você distribui as roupas ganhas dos outros, Mãe, mas ficarei muito feliz se você mesma usar essas roupas aqui”. Quando Ela ouviu isso, não disse nada mas sorriu. Quando fui vê-la no dia seguinte, Ela disse: “Olhe, filho, estou com o sari que você trouxe”.

Com súplicas humildes, a Santa Mãe me deu um de seus velhos saris. Enquanto o entregava para mim, falou: “Ele está um pouco sujo, lave-o”. Eu respondi: “Não, Mãe, quero preservá-lo exatamente nessa condição que você o entrega. Não vou mandar para a lavanderia”. “Bem, faça como quiser”, respondeu Ela.

Um dia, Devendra e eu nos apresentamos à Mãe enquanto Ela almoçava. Ela perguntou: “Querem comer Prasada?”. Ambos estendemos a mão para receber a Prasada. Depois que Ela já tinha comido um pouco, Ela deu um bocado de comida para cada um de nós. Estava quase caindo de nossas mãos e Ela colocava

mais apertando um pouco. A Mãe pertencia a uma família Brâmane ortodoxa e eu, a uma família Kayastha. Com grande desprendimento das leis de castas, Ela tocou em minha mão e comeu. De fato, Ela nos via como seus próprios filhos.

Sempre que eu ia ver Santa Mãe, levava frutas e outros itens que conseguia. Ouvi dizer que a Mãe não podia oferecer a Sri Ramakrishna a comida trazida por qualquer um e, por isso, às vezes eu ficava apreensivo se a Mãe aceitaria nossos presentes porque não éramos almas puras. Porém, ficava mais seguro quando a Mãe dizia: “Filho, dei ao Mestre o que você trouxe. Estava bom, muito doce. Eu também comi um pouco”.

Um dia, perguntei para Ela: “Mãe, a prática de repetir o nome de Deus gradualmente reduz os efeitos acumulados das ações passadas? Todos terão que experimentar as consequências das ações passadas”. Ela respondeu: “De qualquer maneira, a lembrança do Nome de Deus ajuda muito. Em vez de perder uma perna, a pessoa pode sofrer apenas com um espinho no pé”.

Eu disse: “Mãe, mal consigo fazer as práticas espirituais e acho que jamais serei capaz de fazê-las”. Ela me confortou dizendo: “O que mais você tem a fazer? Faça o que você já tem feito. Lembre-se que o Mestre está atrás de cada um de vocês. Eu também estou”.

Um dia, a Mãe notou que Radhu estava agitada devido à enfermidade. Ela disse para mim: “Oh, filho, por favor, vá ver qual o problema com Radhu”. Eu não sabia como sentir o pulso de alguém mas, para satisfazer a Mãe, senti o pulso de Radhu e disse: “Não é nada sério. Ela está um pouco fraca. Dê um pouco de leite para ela”. A Mãe, cuja natureza era como de uma criança, imediatamente deu leite para Radhu. Depois de um pouco, a mãe de Radhu chegou e sentou perto de Radhu. Isso deixou Radhu agitada, ela não gostava da ideia de que sua mãe ficasse por perto.

Empurrando-a um pouco com a mão, Radhu disse: “Por favor, afaste-se”. A mão da Santa Mãe acidentalmente tocou nos pés da mãe de Radhu. Sendo já muito perturbada, ela gritou: “Por que tocou meus pés? O que será de mim agora?”. A Mãe deu uma boa risada com o comportamento dela. Rashbehari, que estava ali perto, disse: “Mãe, percebe como essa maluca fala mal de você e sempre tenta te machucar? Mas agora parece que ficou com medo porque sua mão tocou em seus pés!”.

A Mãe disse: “Ainda que soubesse que Rama era Narayana, o infinito Brahman, e que Sita era a energia primordial, a Mãe do Universo, Ravana causou muito problema. Essa louca não sabe quem sou? Ela sabe de tudo e continua criando toda essa confusão”.

Comentando sobre a dor do reumatismo nas pernas, eu falei para Ela: “Mãe, ouvi dizer que por ter aceito os pecados dos outros, isso se tornou responsável por sua doença. Tenho um pedido sincero a você: não sofra por minha causa. Deixe que eu enfrente os sofrimentos de minhas ações passadas”. A Mãe respondeu: “Como isso seria possível? Deixe que todos sejam felizes, eu sofrerei por eles”. Ah, que manifestação inestimável de compaixão vi nela!

Antes de ir para Jayrambati, prostrei-me diante da Mãe, coloquei sua mão em minha cabeça e mentalmente repeti o nome do Senhor. Depois, Ela disse carinhosamente: “Ah, eles querem ficar comigo, mas o que posso fazer? Eles têm tanto trabalho de casa para fazer!”. Expressando cuidado, como a mãe de um homem que vai para um país distante, a Mãe caminhou comigo uma boa distância e depois ficou me vendo partir com os olhos cheios de lágrimas.

Uma vez, fiquei em Calcutá por três semanas. Fui para a casa da Mãe em Baghbazar. Depois de prestar reverências, eu disse: “Mãe, ficarei em Calcutá alguns dias. Uma nova regra foi instituída aqui

que permite que as pessoas te vejam apenas duas vezes na semana. Se me permitir, eu virei para te visitar”. A Mãe respondeu: “É claro, venha sempre que puder e me avise”.

Durante esse período, fui até Ela e disse: “Mãe, não consigo encontrar a paz mental. Minha mente fica agitada o tempo todo. Não estou livre dos desejos”. Ao ouvir isso, a Mãe olhou atentamente para mim por um tempo, mas não disse uma palavra. Seu olhar de preocupação me trouxe remorso. Pensei se deveria ter dito tal coisa à Ela. Tirando a poeira de seus pés, dei adeus à Ela e fui para a residência do Mestre Mahasaya, em Guruprasada Chowdhury Lane. Eu o saudei e disse: “Você massageou os pés do Mestre muitas vezes. Por favor, toque em minha cabeça, pois me sinto muito agitado”. Ele respondeu: “O que é isso? Você é filho da Mãe, Ela te ama muito. Por que deveria procurar consolo em mim? A Mãe não te olhou em silêncio?”. “Sim, Ela me olhou por um tempo”, respondi. Ele falou então: “O que mais você precisa? Quando Shyama colocar Seu olhar em determinado homem, ele irá nadar em Bem-Aventurança Eterna”. Ele repetiu isso enfaticamente três vezes. Agora percebi o que significava o olhar da Mãe para mim. Fiquei quieto. Para mim, parecia que a Mãe tinha me enviado para o Mestre Mahasaya para me possibilitar compreender o significado do seu olhar benigno.

Bem cedo em uma manhã, fui ver a Santa Mãe. Minha esposa e uma de nossas filhas me acompanharam. Falei para Ela: “Mãe, minha esposa e filha não podem te ver com frequência. Permita que elas fiquem com você o dia todo. Volto de tarde para levá-las”. A Mãe concordou. Minha esposa não tinha colocado o ponto vermelho na testa das mulheres casadas. Uma das devotas perguntou: “Por que você não tem o ponto vermelho na testa?”. Ao ouvir isso, a Mãe falou: “O que importa se ela não tem? Ela tem um marido tão nobre. E se ela não tiver o ponto?”. Falando isso, a própria Mãe colocou o ponto vermelho na testa de minha esposa.

Minha esposa pensava: “Se a Mãe permitir, irei massagear seus pés”. Estranhamente, a Mãe a chamou depois de um pouco e disse: “Filha, por favor massageie com óleo minha cabeça e corpo”. Enquanto minha esposa penteava o cabelo da Mãe depois de passar óleo nele, um pensamento surgiu: “Se a Mãe permitir, levarei esses fios de cabelo para casa”. A Mãe sorriu e Ela mesmo tirou alguns fios do pente e os presenteou para minha esposa dizendo: “Leve isso”.

Uma devota perguntou à Mãe: “Quem é essa filha?”. A Mãe respondeu: “Ela é a esposa de Suren, que vive em Ranchi. Suren tem muita fé no Mestre”.

Naquele dia, a Mãe levou minha esposa ao Ganges quando foi tomar banho. Os Brahmacharins tinham misturado o sari e a toalha que compramos para a Mãe com outras roupas, mas a Mãe escolheu pegar o sari e a toalha que demos. Depois do banho sagrado no Ganges, a Mãe deu um paise ao sacerdote no ghat dizendo: “Coloque pasta de sândalo na testa desta filha”.

Enquanto comia, a Mãe deu Prasada para minha esposa de seu próprio prato. Depois do almoço, Ela pediu à minha esposa que massageasse seus pés. Minha filha pequena estava deitada em um cobertor e o sujou. Minha esposa saiu para lavá-lo quando a Mãe o tirou de sua mão e Ela mesma o lavou. Minha esposa perguntou: “Mãe, por que está fazendo isso?”, Ela respondeu: “Por que não deveria, querida? Não é minha própria filha?”.

Durante a tarde, fui ao escritório de Udbodhan e vi que Upen Babu era o único visitante ali. Soube que todos tinham ido às celebrações da Sociedade Vivekananda. Subi direto para o quarto da Mãe e a saudei. Ela disse: “Veja, estamos sem um atendente masculino aqui hoje. Devotos virão para me ver. Hoje você servirá como porteiro e distribuirá a Prasada aos devotos”. Um pouco mais tarde, levei alguns devotos para a sala e, depois de saudarem a

Mãe, dei-lhes Prasada. Gradualmente, foram indo embora um a um.

Mãe: Hoje você serviu como membro desta casa. Ajudou os devotos e distribuiu a Prasada.

Discípulo: Por que?! Não pertenço à sua casa?

Mãe: Sim, com certeza. Você é meu próprio filho.

Depois de dizer isso, continuando, falou para minha esposa: “Sim, querida, todos vocês são meus filhos, mas com alguns há uma relação especial. Esses têm uma relação especial comigo. Não vê como eles frequentam este lugar? São próximos a mim”.

Depois, Ela nos deu Prasada e folha de bétele. Segurando meu queixo carinhosamente, Ela disse: “Você não deve temer daqui para frente. Fique tranquilo. Este é seu último nascimento”.

Discípulo: Com certeza, a sua graça deixa tudo fácil.

Minha esposa levou para a Mãe um tapete que ela mesma tinha feito. O tapete agradou muito a Mãe. Mostrando-o para todo mundo, Ela falava: “Veja que lindo tapete minha filha fez!”. Mesmo a coisinha mais boba de um devoto deixava a Mãe muito feliz.

Uma outra vez, fui para Jayrambati na companhia de quatro devotos. Saímos do monastério de Koalpara bem cedo para chegar à casa da Santa Mãe antes do entardecer, porém nos atrasamos. Embora tivéssemos entre nós uma pessoa da localidade e, embora eu também estivesse familiarizado com o lugar, pegamos uma estrada errada quando estávamos já perto da casa da Mãe. Encontramos dificuldades em pegar a estrada correta que levasse ao nosso destino. O devoto local ficou confuso e não conseguiu ajudar. O entardecer virou noite e os arredores ficaram pouco

visíveis. Meus companheiros ficaram com medo. Sem encontrar outra alternativa, estendi uma coberta em um bosque de bambu e sentei. Fui invadido com o pensamento: “Mãe, por que temos que ir até ti sozinhos enquanto você não faz nada?”. Logo depois, percebi Rashbehari-Dada e Hemendra vindo com uma lamparina. Ficamos maravilhados com a vinda deles em uma hora tão estranha. Eles explicaram: “Não tínhamos planos de vir por essa estrada, mas, por sorte, acabamos entrando nessa direção!”.

Quando chegamos à Mãe e a saudamos, Ela perguntou: “Bem, filhos, vocês andaram muito, não foi?”.

Discípulo: Sim, Mãe, pegamos uma estrada errada.

Naquela época, a nova casa da Mãe estava sendo construída e os dois Brahmacharins já mencionados estavam muito ocupados com as demandas. Dois devotos de Sylhet estavam lá. Dos dois, um era devoto de Swami Dayananda, de Arunachal. Este Swami havia declarado que tal discípulo era a encarnação de Prahlada. Eu apresentei ambos à Mãe. Depois que eles a saudaram, falei: “Mãe, em Arunachal tem um monge com o nome de Dayananda. Ele proclama ser uma encarnação de Deus. Este cavalheiro é discípulo dele. Dayananda diz que este discípulo é Prahlada”. A Mãe riu e disse: “Uma Encarnação mesmo!”.

A Mãe deu a esses dois devotos iniciação espiritual desta vez. Falando sobre o monge, disse para a Mãe que Ela já tinha dado iniciação espiritual para muitas pessoas. Ela falou: “Ele pertence mais ou menos à classe dos monges comerciais. Ainda eles trazem algum benefício para as pessoas. Os homens normalmente não fazem nenhuma prática espiritual, mas ao seguirem os conselhos desses monges, pelo menos farão alguma prática. Se a pessoa é sincera, ela chegará aqui. Não vê como o Santo Nome de Tarak Brahma está se espalhando? Aqueles que dão valor a isso não podem escapar de sentirem a influência”.

A Mãe iniciou meus quatro companheiros. Um deles era bem jovem. Quando a iniciação dele terminou, a Mãe disse: “Repita o mantra cento e oito vezes”, mas isso não o satisfez. Ele queria cantar o Santo Nome cem milhões de vezes por dia. Sorrindo um pouco, a Mãe comentou: “Agora você pensa assim, mas por conta de todas as tarefas diárias, não conseguirá fazer tanto. Seria bom se você pudesse fazer mais”.

Um dia, procurei por lótus para adorar a Mãe. Ela disse: “Vá e ofereça alguns para Simhavahini e coloque o restante ali”. Um devoto disse: “Quero te adorar com todas as flores que trouxe”. Para ele, a Mãe respondeu: “Que seja feito! Mas não vê esses meus velhos pés? Por que os adoraria?”.

Tinham alguns devotos por perto quando falei à Ela: “Mãe, Sri Ramakrishna falava: ‘A devoção pura é a essência de tudo’. Por favor, me abençoe para que eu possa ter esse tipo de devoção”. Ela ficou quieta. Os presentes gradualmente saíram do local. Depois, a Mãe disse: “É possível que todos e qualquer um tenha isso? Porém, você terá”.

A Mãe disse para Radhu: “Radhu, ele é seu irmão mais velho. Saúde-o”. Pensei: “Como assim?! Pertenço à uma família Kayastha. Não vai me causar mal se ela, uma garota Brâmane, me saudar?”. No fim, ela e eu nos saudamos mutuamente.

Um dia, fiquei com muita vontade de comer panthabhat e pedi à Mãe. Ela falou: "Espere um pouco. Vou fritar pimentas e bolinho de grãos. As pessoas da sua parte do país gostam muito de pimenta”. A Mãe imitou o tom de um gramofone tradicional e falou: “Não vou te dar menos que trinta e duas pimentas”. Dizendo isso, Ela começou a rir bastante.

Outro dia em Jayrambati, a Mãe disse: “Tenho que encarar muitas dificuldades o dia todo. Os devotos chegam aqui a cada minuto, um tanto seguido de outro tanto. Não tem fim. Este meu corpo está perto de colidir. Rezando ao Mestre, de certo modo fixei a mente em Radhu e assim mantive a mente no plano material. Fiquei surpresa que isso seja um paralelo com Sri Ramakrishna manter a mente elevada no plano material através de desejos como ‘Preciso tomar água’ ou ‘Preciso comer’”. Não estaria a Mãe carregando um fardo muito pesado pelo bem dos outros?

Enquanto me despedia, falei: “Mãe, você tem milhares de filhos como eu, mas eu não tenho outra Mãe como você”. Ao ouvir, Ela, com lágrimas nos olhos, carinhosamente me tocou colocando a mão em meu queixo.

Uma vez, fui a Jayrambati convidar a Mãe para ir para Ranchi para mudar de ares depois de sua doença. Era o mês de chaitra (março/abril). Quando ouviu a proposta, Ela comentou: “Ninguém deve viajar no mês de chaitra. Mesmo Sarat (Swami Saradananda) veio aqui para me levar para Calcutá e ficou um tempo esperando que eu aceitasse. Calcutá, então, precisa ter uma preferência”.

Naquela época, uma das irmãs do Swami Keshavananda morreu. Sobre isso, comentei: “Mãe, não é uma pena que a mãe do Swami Keshavananda tenha que passar pelo luto com a idade já avançada?”. A Mãe respondeu: “O luto não perturbará sua paz mental”. Na minha viagem de volta, encontrei com a mãe de Swami Keshavananda em Koalpara e não percebi sequer um traço de tristeza nela. Ela era toda sorrisos, como sempre. Pensei: “Até mesmo um grande sábio como Vasistha experimentou o luto, mas aqui encontro o oposto”.

Um dia, fui à Mãe na casa de Udbodhan na companhia de Sri Rajendra Mukhopadhyaya. Quando saudamos a Mãe, Ela rezou a Sri Ramakrishna com as mãos postas: “Mestre, gentilmente

preencha todos os desejos deles”. Na sequência, perguntei: “O que é isso, Mãe? Seremos arruinados caso todos os nossos desejos sejam preenchidos. Há muitos desejos ruins no coração!”.

A Mãe riu e disse: “Não tenham medo disso. O Mestre irá realizar apenas aqueles desejos que vocês realmente precisam e que trarão o bem a vocês. Continuem a praticar o que já estão fazendo. Por que temer? Estamos com vocês”.

Bem cedo em outra manhã, um bezerro estava chorando no quintal da casa da Mãe em Jayrambati. O bezerro estava sendo mantido separado da mãe devido à ordenha das vacas. Ao ouvir seu choro, a Mãe saiu correndo dizendo: “Estou indo, filho, estou indo. Vou te soltar agora”. Chegando ao quintal, Ela soltou o bezerro. Eu fiquei maravilhado de ver tal revelação de compaixão da Mãe Divina por todos os seres. Ah, apenas um choro tão triste pode trazer a liberação da alma.

Não tenho palavras para expressar a afeição desprendida, compaixão infinita e gentileza ilimitada da Santa Mãe. Somos todos abençoados por vermos e tocarmos seus pés de lótus, e por termos recebido sua graça. Nossas famílias foram consagradas e nossas mães abençoadas. Centenas de devotos se transformaram em ouro com tal toque.

Registrado por Brahmacharin Ashokakrishna

Uma manhã, durante sua última doença, fui ver a Santa Mãe. Não tinha mais ninguém no quarto no momento. Ela estava no quarto mais ao sul. Durante o dia, a cama da Mãe costumava ser arrumada no chão daquele quarto. Ela estava com a saúde um pouco melhor naqueles últimos dias.

Era a primeira semana do mês de chaitra (terceira semana de março). Assim que fiz minhas saudações, Ela começou a perguntar

sobre minha família. Vendo-a tão magra e fraca, falei: “Mãe, sua saúde está muito deteriorada. Nunca te vi assim tão fraca”.

A Mãe disse: “Sim, filho, o corpo está bem debilitado. Parece que seja lá o que o Mestre queria fazer através deste corpo já foi feito. Agora minha mente está constantemente direcionada a Ele. Nada mais traz alegria à minha mente. Veja como amei Radhu, quanto cuidado tive em criá-la. Mas agora tudo isso mudou. Agora, quando Radhu chega perto de mim, não me sinto bem. Pensei: ‘Por que ela fica tentando fazer minha mente baixar? Pelo bem de seu trabalho, o Mestre manteve minha mente amarrada ao mundo a tais artefatos. De outro modo, teria sido possível para mim continuar neste mundo depois que Ele morreu?”.

Discípulo: Mãe, essas palavras, vindas de você, são muito dolorosas para nós. Se nos deixar, o que acontecerá conosco? Não praticamos austeridades. Quase não temos renúncia. Se você não mantiver o corpo pelo nosso bem, como teremos força para sobreviver neste reino de Mahamaya? Toda vez que uma fraqueza atingia minha mente, eu contava tudo para você e encontrava uma solução toda vez. Mas para onde iremos agora? Ficaremos todos desamparados.

Mãe: O que?! Por que deveriam ficar desamparados? O Mestre não os guia entre o bem e o mal? Por que precisam ficar tão preocupados? Depositei vocês aos pés sagrados dele. Vocês podem se mover dentro deste círculo, não podem ultrapassá-lo. Ele está sempre protegendo vocês.

Discípulo: Ainda que eu lembre da misericórdia do Mestre, não a compreendo o tempo todo. Embora eu tenha fé, sou assombrado por dúvidas de vez em quando, mas posso te ver diretamente. Conto tudo para você e você me instrui em como seguir o melhor curso para meu próprio bem. Isso colocou em mim a convicção de que estou sob sua proteção.

Mãe: Lembre-se sempre que o Mestre é o único protetor. Se esquecer disso, terá problemas. Sabe porque perguntei tanto sobre sua família? Ouvi de Ganen que você tinha perdido o pai. Então, perguntei para ele sobre as relações pessoais de sua mãe, se ela tinha como se manter e se ela conseguiria cuidar de suas coisas sem você. Fiquei aliviada e pensei: “O garoto tomou uma boa decisão e agora, pela graça do Mestre, ele não terá que encarar problemas sérios”.

Ela continuou: “Todos devem servir suas mães, particularmente aqueles de vocês que se reúnem aqui para servir as pessoas. Se o seu pai não tivesse deixado alguns bens, eu pediria que você fosse ganhar dinheiro para servir sua mãe. É por vontade do Mestre que você não tenha que passar por tais problemas. Será o bastante você tomar algumas atitudes para que a propriedade da família não seja desperdiçada sob administração de uma mulher. Já sobre você, você está em uma posição de muita vantagem. Os homens mal conseguem ganhar dinheiro fazendo trabalhos honestos e ainda isso contamina-lhes a mente. É por isso que eu o aconselho a acertar as questões financeiras assim que possível. O dinheiro é algo pelo qual desenvolve-se muito apego quando alguém se associa muito a ele. Você pode pensar que não tem apego já que renunciou a ele e que será capaz de se livrar dele quando quiser. Ah, não! Nunca alimente tais ideias na mente. O dinheiro encontrará um jeito de pegá-lo pelo pescoço. Estou dizendo isso particularmente a você que é de Calcutá - você está livre do dinheiro, não está? Trate das questões familiares logo e vá embora de Calcutá. E, se puder levar sua mãe para algum lugar de peregrinação, vocês dois poderão chamar por Deus esquecendo-se da relação mãe e filho. Seria bom que pudesse fazer isso agora enquanto sua mãe está de luto. Ela já está com bastante idade. Tente explicar sua intenção à ela, fale com ela sobre isso tudo”.

“Você fará o papel de um verdadeiro filho se puder ajudá-la a adquirir os meios para uma evolução maior no pós-vida. Não esqueça que você se desenvolveu mamando o leite de seu peito. Lembre-se com quais dificuldades ela te criou. Servi-la é a sua religião mais elevada. Seria diferente, é claro, se ela se opusesse ao seu progresso em direção a Deus. Traga sua mãe aqui um dia. Quero ver como ela é. Se achar de ajuda, darei alguns conselhos para ela. Mas tenha cuidado, não se atrele aos assuntos mundanos com o pretexto de estar servindo sua mãe. A grande questão é manter a pensão e hospedagem dela porque ela é viúva. É necessário muito dinheiro para isso? Tente seu máximo para rapidamente resolver tudo, mesmo que tenha alguma perda financeira. O Mestre não conseguia relar em dinheiro. Já que você renunciou a tudo para realizar o ideal do Mestre, lembre sempre das palavras dele. O dinheiro é a raiz de todo o mal do mundo. Com sua pouca idade, sua mente ficará facilmente tentada se você tiver dinheiro. Tenha cuidado!”

Discípulo: Pensei em trazer minha mãe aqui um dia, mas considerando a atual condição de sua saúde, não me atrevo a trazê-la aqui.

Mãe: Não, não, traga-a um dia, muitas pessoas têm vindo aqui. A condição deste corpo se deteriora dia após dia. Traga-a aqui logo. Não me sinto tão mal pela manhã, não consegue trazê-la um dia de manhã? Não venha muito tarde porque o atendente pode não permitir que me vejam.

Discípulo: Mãe, suas palavras são muito dolorosas para mim. Sua repetida menção à saúde sugere que você não deseja manter mais o corpo.

Mãe: A continuação deste corpo não está sob meu controle, tudo depende da vontade Dele. Por que vocês todos estão impacientes? O quanto ficam realmente perto de mim? Vocês ficam no

monastério (Belur) às vezes, ou em outro lugar outras vezes. Quantos de vocês encontraram uma oportunidade para falar comigo ou ficar perto de mim? Nem sequer se importam de me dizer onde estão.

Discípulo: Sim, é verdade que quase não há chances de ficarmos com você, mas sabemos em nossos corações que você está aqui. Sempre que qualquer fraqueza chega, corremos para você e nos aliviamos.

Mãe: Suponha que o Mestre deixe este meu corpo perecer. Você acha que posso me livrar mesmo se uma única pessoa por quem me responsabilizei continuar atada? Preciso estar com todas elas. Tomei a responsabilidade pelo bem-estar delas. Dar iniciação não é brincadeira. Precisa aguentar um pesado fardo. O quanto me preocupo com todos. Veja, quando seu pai faleceu, fiquei muito triste. Pensei: "O Mestre colocou este jovem novamente em teste". Fiquei preocupada se você saberia lidar com essa situação. Por isso falei tanto tempo com você. Você realmente compreende tudo? Se pudesse, o fardo de minhas preocupações teria diminuído. O Mestre lida com pessoas diferentes de maneiras diferentes. E veja, agora tenho que lidar com todo esse peso! Certamente não posso deixar aqueles a quem aceitei como meus.

Discípulo: Mãe, fico com medo quando penso no que acontecerá conosco quando você se for. A quem devemos recorrer em seu lugar?

Mãe: Meu filho Rakhal (Swami Brahmananda) e os outros. Eles não valem? Você adora Rakhal também. Pode procurar ajuda nele. Além disso, o que mais tem a pedir? Questionar tanto não é bom. É difícil assimilar mesmo um único pensamento, então por que deveria ocupar sua cabeça com dez pensamentos? Mergulhe fundo nesta nobre ideia que você recebeu. Repita o Santo Nome, medite no nome, fique em boa companhia e domine o ego de todas

as maneiras. Não vê a natureza infantil de Rakhal, como se ele ainda fosse um menino? Não vê Sarat, que trabalha tanto aguentando tantos problemas em silêncio? Por ser monge, ele não precisaria ter tantos problemas. Esses monges conseguem fixar a mente em Deus o tempo todo se quiserem. Eles trazem a mente para baixo apenas pelo bem-estar de vocês. Mantenha-os como um ideal para você e sirva-os. E lembre-se sempre de quem você é filho, quem deu refúgio a você. Sempre que qualquer pensamento ruim te assombrar, diga à mente: “Sendo filho dela, posso descer tão baixo a ponto de me envolver em tal atividade?”. Descobrirá que você ganha força e paz mental.

Registrado por Prabodh Babu e Manindra

Vi a Mãe pela primeira vez em 1907. Foi durante a estação das chuvas de 1908 que a vi pela segunda vez. Desta vez, cheguei a Jayrambati por volta das onze e meia da manhã. Depois de saudar a Mãe, Ela perguntou: “Você é aluno do Mestre Mahasaya?”.

Discípulo: Não, Mãe, mas o visito frequentemente.

Mãe: Como ele está? Tem o visto ultimamente?

Discípulo: Ele está bem. Eu o encontrei oito dias atrás.

Enquanto almoçava, perguntei à Mãe: “Você vai para Calcutá agora?”.

Mãe: Quero visitar Calcutá durante o Durga Puja. Depois, o que quiser a Mãe Divina…. Você tem arroz em sua propriedade?

Discípulo: Sim, Mãe.

Mãe: Bom. Aqui não temos arroz de boa qualidade. Você cultiva o grão kalai?

Discípulo: Sim, Mãe.

Mãe: Isso é ótimo.

Enquanto estava jantando, a Mãe perguntou: “Você agora fica em casa?”.

Discípulo: Sim, Mãe, estou morando em casa agora. Estou em grande perigo. Tive uma enfermidade grave e depois me casei.

Mãe: Quantos anos tem a noiva?

Discípulo: Uns treze anos.

Mãe: O que aconteceu foi para o bem, com certeza. O que você pode fazer?

Discípulo: O Mestre Mahasaya me pediu para não casar.

Mãe: Ah, ele mesmo sofreu muito e por isso diz: “Nenhum de vocês deveria se casar”.

Discípulo: A vida do mundo é um grande impedimento. Absorto na vida mundana, perde-se a humanidade.

Mãe: Certamente. Tem apenas um chamado: dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Discípulo: É muito dolorido.

Mãe: O Mestre também tinha devotos chefes de família. Por que se preocupar?

Apesar dessas palavras, eu ainda me preocupava. Depois de um pouco, a Mãe disse: “Meus irmãos também são casados”.

Discípulo: Eles casaram com o seu consentimento?

Mãe: O que há para ser feito? O Mestre dizia: “As minhocas no adubo vivem muito bem, mas se colocá-las em um pote de arroz, simplesmente morrerão”. Hoje em dia, as sobrinhas não servem mais sinceramente aos tios como nós fazíamos.

Discípulo: As coisas estão mudando gradualmente.

Mãe: É verdade. Antigamente, eu não conseguia matar sequer uma formiga, mas hoje em dia, tem vezes que bato no gato! O Mestre falava: “Tuhu, Tuhu” - “Tu! Tu!”, que queria dizer que apenas após terríveis sofrimentos o homem se rende finalmente a “Tu, Tu” (Senhor, Senhor). O egoísmo persiste enquanto a pessoa for autoassertiva, mas não quando isso é superado. O que entretem o medo? Todas as condições podem se tornar favoráveis pela vontade do Mestre. Talvez sua esposa tenha algumas qualidades. O Mestre dizia: “Avidya (ignorância) é mais poderosa que vidya (conhecimento)”. É por isso que Avidya Maya mantém o mundo em encanto.

Era domingo, vinte de abril de 1919. A Mãe estava no Jagadamba Ashrama, em Koalpara, no distrito de Bankura. Por volta das dez horas, Manindra, Satu, Narayana Iyengar e outros vieram saudar a Santa Mãe. Ela estava ficando lá há mais de um mês. Os devotos também estavam ficando lá e fazendo as refeições no monastério de Koalpara.

O filho de Maku, sobrinha da Santa Mãe, estava muito doente em Jayrambati. Ele estava com difteria. A criança estava em tratamento com Vaikuntha Maharaj (Swami Mahadevananda). A Mãe estava extremamente preocupada com o que poderia

acontecer ao menino. Esse assunto entrou na conversa assim que os devotos sentaram após saudarem a Mãe. Narayana disse: “Mãe, o menino será curando com suas bênçãos”. A Mãe juntou as mãos e apontou para a figura do Mestre dentro do quarto e falou: “Ele está cuidando de tudo”.

Satu: Ele (Narayana Iyengar) já fez muito pelo filho de Maku. Ele mandou um mensageiro para Calcutá para trazer injeções de difteria e também outras coisas.

Mãe: Sim, ele é uma alma nobre. Ele gastou dinheiro mandando Kalo para Calcutá. Quem teria feito tudo isso se não fosse ele?

Narayana Iyengar: Eu sou a máquina e o Mestre é o engenheiro. Ele está me dirigindo como uma máquina.

Mãe: O Mestre falava: “Aquele que tem comida e dinheiro, distribua-os aos pobres. Aquele que não tem, deve repetir o nome do Senhor”.

Narayana Iyengar: É necessário se lavar antes de fazer japa?

Mãe: Sim, é necessário quando praticado em casa. Mas será o suficiente apenas repetir o Santo Nome durante viagens ou caminhadas.

Narayana Iyengar: Apenas a repetição do Santo Nome? Nem mesmo para a repetição do mantra?

Mãe: Sim, você também tem que repetir o mantra. No entanto, chamar a Deus com a mente firme é o equivalente a um milhão de repetições do mantra. Qual o propósito em fazer japa por um dia inteiro se não há concentração da mente? A concentração é essencial e apenas então a graça Dele aparece.

Narayana Iyengar: O que estou fazendo já é o suficiente ou preciso fazer mais?

Mãe: Continue a praticar o que está fazendo. Você já é um recipiente da graça Dele.

Narayana Iyengar: Pode-se ter a visão de Deus se alguém sinceramente chamar por Ele por dois ou três dias seguidos? Eu O estou chamando há tanto tempo, por que não tenho uma visão Dele?

Mãe: Sim, você a terá. As palavras do Senhor Shiva e do Mestre não podem ser inverdades. O Mestre disse para Surendra Mitra: “Aquele que possui riqueza deveria distribuí-la e aquele que não tem, fazer japa”.

Chamando a atenção de todos, a Mãe falou depois: “Se não conseguem fazer nem mesmo isso, tomem refúgio no Mestre. Lembrem-se disso: ‘Eu tenho alguém para cuidar de mim. Existe, por certo, uma Mãe ou Pai”.

Narayana Iyengar: Já que está dizendo isso, não temos como não aceitar ou não ter fé.

Radhu tinha dado à luz a uma criança. Desde o nascimento do bebê, Radhu estava doente. Era a hora de dar comida para ela. A Mãe levantou e disse: “Agora vou dar comida para Radhu”. Os devotos se prostraram aos pés dela. Narayana saudou a Mãe tocando seus pés. A Mãe o abençoou tocando sua cabeça.

Quando Manindra se curvou aos seus pés, a Mãe disse: “Que fé forte tem a sua mãe! Quando chamada para visitar Varanasi, ela comentou: ‘Aqui é minha Varanasi, não preciso ir a nenhum outro lugar’”.

A mãe de Manindra, que vivia com a Santa Mãe, tinha morrido um pouco mais de um ano antes. Ela tinha servido a Santa Mãe com muita devoção. A Mãe tinha dito à ela: “Ninguém mais, além da mãe de Kedar e você, conseguiu ficar aqui por tanto tempo”.

O anoitecer se aproximava e notícias chegaram sobre a condição do filho de Maku ter piorado. Isso fez a Santa Mãe ficar ansiosa. Ela disse ao Brahmacharin Varada: “Deixe o palanquim pronto. Se ele sobreviver a essa noite, vou vê-lo amanhã de manhã. Mas como teremos notícias dele de manhã?”.

Manindra: Satu e eu traremos as notícias amanhã de manhã.

Depois de um pouco, Vaikuntha Maharaj voltou de Jayrambati. Ao ouvir isso, a Mãe perguntou: “O menino não está vivo?”. Com o silêncio de todos, Ela perguntou de novo: “Quando ele morreu?”.

Vaikuntha Maharaj: Às cinco e meia.

Mãe: Posso vê-lo se for lá agora?

Vaikuntha Maharaj: Não, Mãe, o cadáver já foi retirado.

A Mãe começou a chorar profusamente. Se Ela parava um pouco, depois voltava a chorar ainda mais. Quando o Swami Keshavananda tentou acalmá-la, Ela disse: “Oh, Kedar, não posso me esquecer dele”.

Uma vez, quando o garoto e sua mãe, Maku, estavam para sair para Jayrambati, ele pegou algumas rosas e as colocou aos pés da Mãe dizendo: “Olhe, Tia! Que lindas elas são!”. Depois, ele se curvou e tirou a poeira dos pés da Mãe. Na sequência, pegou as flores, colocou-as no bolso e saiu para Jayrambati. Sarat Maharaj (Swami Saradananda) amava o menino. Durante a doença, o menino falava: “Tio Vermelho! Tio Vermelho!”, referindo-se ao

manto açafrão do Swami. Agora, a Mãe comentou: “Talvez algum devoto tenha renascido como ele, mas este deve ter sido seu último nascimento. Do contrário, como dá para explicar o tipo de inteligência que ele demonstrava ou a maneira como fazia o Puja com a idade de três anos? Eu o criei e por isso a perda é terrível para mim”. O choro e as lamentações continuaram até tarde da noite.

Esta foto mostra a Santa Mãe com Maku e o filho, Neda, nos braços. Tirada pelo Brahmacharin Ganendranath, em Jayrambati, em 1324 no calendário bengali, 1918 d.C.

De madrugada, a Mãe perguntou às mulheres se elas tinham jantado. Quando ouviu que não tinham jantado porque Ela mesma não tinha comido, a Mãe pegou um pouco de leite e dois luchis. No dia seguinte, no período do final da tarde, Manindra e Prabhakar foram ver a Mãe. Ela estava muito triste devido à morte prematura do filho de Maku. Então, a conversa voltou-se para esse assunto.

Mãe: Uma vez, o menino perguntou: “Quem criou as flores vermelhas?”. Eu respondi: “O Mestre”. Depois ele perguntou: “Por que?”, e respondi: “Porque Ele queria usá-las”. A morte do menino trará grande sofrimento para Sarat. Ele costumava colocar o menino no colo sem se importar com a dor na perna. Uma vez, enquanto estava sentado no colo de Sarat, o menino perguntou a ele: “Cadê sua mãe?”. Apontando para Maku, Sarat disse: “Aqui está minha mãe”. O menino disse: “Não, sua Mãe foi para a escola”. (Naquela época, a Mãe vivia com Radhu doente na enfermaria do internato de Nivedita porque Radhu não suportava o barulho da casa de Udbodhan.)

Manindra: O Mestre também sofreu muito com a morte de Akshay.

Mãe: O Mestre dizia: “A dor no meu coração era como torcer uma toalha”. Um de meus sobrinhos, Dinu, costumava ir fazer adoração no templo de Vishnu. Hriday costumava fazer adoração no templo de Kali. Dinu entretia o Mestre cantando: “Yasoda mexia com você te chamando de Nilamani” e outras canções. Depois, Akshay teve um ataque de cólera.

Manindra: Você vivia em Dakshineswar na época?

Mãe: Sim, eu ficava no Nahabat. A poeira dos pés do Mestre, a poeira dos meus próprios pés e a água com a qual a imagem da Mãe Kali era banhada foram oferecidas a Akshay, mas sem sucesso. Ele não sobreviveu. O Mestre passou por uma grande angústia.

“Meu irmão mais jovem passou no exame admissional. Depois, ele estava estudando medicina e indo muito bem. Quando ele foi ver Naren, este perguntou: ‘A Mãe tem alguém como seu irmão? Quase todos eles são sacerdotes e ganham a vida com tal profissão”. Depois, ele ainda disse: ‘Você terá que operar uns

abcessos no estômago’. Naren disse para Yogen (Swami Yogananda): ‘Você terá que arcar com os gastos dele (o irmão da Mãe)’. No entanto, Yogen morreu. Rakhal (Swami Brahmananda) comprou livros no valor de quarenta rúpias para meu irmão. Rakhal e Sarat jogavam baralho com ele. Mas aquele irmão faleceu jovem.”

“O mundo é uma corrente de Maya. (Com voz lamentosa) Ah! Maku teve um filho tão dependente que ele não conseguia nem mesmo se virar de um lado para o outro sozinho. Imagina! Era muito doloroso!”

“Por criar essa menina, Radhu, tive que aguentar muita dor. Bom, não se pode escapar dela. Quando Radhu nasceu de Surabala (Chota Bau), minha mãe disse: ‘A mãe de Chota Bau quer levá-la para casa. Por que não deixá-la ir?’. Então, durante minha adoração matutina em Calcutá, tive uma visão que apareceu para mim como um cenário em uma peça teatral (fazendo um gesto com as duas mãos). Vi a mãe de Radhu com problemas em sua vila natal. Vi Radhu no quintal pegando de uma massa de palha e terra que tinha ao redor, alguns grãos de arroz tufado dados por sua mãe e depois comendo. A mãe de Radhu estava com os braços amarrados com cordão vermelho e azul, assim como uma mulher louca deveria ficar. As outras crianças da família, notei, estavam comendo arroz tufado com outras coisas, além de doces. Ao ver isso, comecei a ficar ofegante. Senti-me engasgada, como uma pessoa mantida à força embaixo da água. Depois percebi que a condição de Radhu seria aquela que vi se a deixasse nas mãos da mãe”.

A Santa Mãe amava muito o irmão mais novo, Abhay. Ela tinha criado os irmãos. Em seu leito de morte, Abhay falou: “Irmã, estou deixando tudo para trás. Por favor, tome conta”. Radhu ainda estava no ventre de sua mãe. Depois de seu confinamento, a mãe de Radhu foi a Calcutá junto com a Santa Mãe.

Subsequentemente, ela ficou louca e foi mandada para Jayrambati. Radhu enfrentou muitas tribulações lá. Uma manhã, quando a Santa Mãe estava fazendo adoração na casa alugada em Baghbazar, Ela teve aquela visão de Radhu. Recordando as últimas palavras de Abhay, Ela voltou para Jayrambati uns dias depois. A Mãe falava: “Através dessa menina, fui pega nas garras de Maya”. Uma outra vez, a Mãe estava doente em Koalpara. Um dia, de repente, Radhu foi para Jayrambati com a ideia de visitar a casa do sogro. Antes de sair, ela disse à Mãe: “Você tem muitos devotos para cuidarem de você, mas quem eu tenho além de meu marido?”. Falando sobre esse acontecimento, a Mãe comentou: “O jeito como Radhu jogou fora o meu apego ontem e foi para a casa do marido me preocupou. Disse para mim mesma que talvez o Mestre não queira que eu viva mais”. A Mãe também disse: “Meu chamar constante por Radhu, falando ‘Radhi, Radhi’, não é nada além da forma de Maya a qual estou presa”.

O anoitecer avançava para a escuridão da noite. Manindra e Prabhakar estavam se arrumando para ir embora. Eles queriam chegar em Arambagh naquela mesma noite. A Mãe disse: “Comam algo e vão”.

Prabhakar: Chegamos aqui depois de comer.

Mãe: Não querem pelo menos um refresco? Querido, por favor, traga alguns doces para eles.

Mais tarde, Ela nos disse: “Deveriam comer e descansar antes de irem”.

Manindra: Sim, Mãe.

Mãe: Vocês contrataram uma carruagem?

Manindra: Sim.

Quando a saudamos, Ela nos abençoou dizendo: “Que suas mentes se inclinem a Deus”.

Manindra: Que nosso vínculo com Maya seja desfeito.

Ao ouvir isso, a Mãe deu um olhar de aprovação.

23 de abril, 1919

Quando os devotos foram se prostrar aos pés da Santa Mãe, Narayana Iyengar disse: “Mãe, sua mente está agora perturbada devido à morte prematura do filho de Maku. Portanto, estive pensando em ir embora”.

Mãe: Alegria e tristeza, para onde elas irão? Elas são nossas companheiras. Por que deveria se preocupar com isso? Fique aqui. Você pode ir embora no dia quatro ou dia cinco de jyestha (maio).

Segunda-feira, 12 de jyeshtha (maio/junho)

Swami Santananda e Swami Harananda tinham chegado de Varanasi. Manindra também tinha vindo novamente. De manhã, Swami Santananda e Manindra foram saudar a Mãe. Os devotos foram colocados no monastério de Koalpara e a Mãe estava ficando no Jagadamba Ashrama.

Santananda: Como está a saúde, Mãe?

Mãe: Estou bem.

Um jovem, solto da prisão, tinha vindo no dia anterior. Antecipando possíveis problemas com a polícia, os devotos tentaram mandá-lo embora. Quando a Mãe soube, Ela disse: “Deixe-o aqui hoje. Ele irá amanhã”. Swami Kesavananda, em vez de deixar o jovem no

monastério, colocou-o em outro lugar porque o policial da vila costumava visitar o monastério toda tarde e marcar os nomes e endereços dos recém-chegados. No dia seguinte, a Mãe perguntou sobre o jovem: “Onde está aquele moço? Ele já foi embora?”.

Manindra: Ele não foi. Ele irá depois do almoço.

Mãe: (para Swami Santananda) Onde ele passou a noite?

Santananda: Não sei, Mãe. Ele não me disse.

Mãe: Vocês também têm chuvas em Varanasi quando chega a época das monções?

Santananda: Não, Mãe, lá a estação das chuvas começa no mês de sravan (julho/agosto). Em alguns anos, as chuvas acontecem em vaisakh (abril/maio) e destroem as lavouras de manga e outros produtos. As senhoras que vão para Varanasi com o desejo de morrer lá sofrem muito. Às vezes, a correspondência de lá é interrompida, e elas têm que viver em um quarto escuro no térreo.

Mãe: Sim, eu mesma vi o quanto sofrem. Quando fiquei na casa de Bandi Dutta em Varanasi, eu as vi comendo uma pequena porção de arroz obtido por mendicância e embebido em água. Elas não cozinhavam.

Santananda: Muitas senhoras vivem bastante, mesmo que vão para Varanasi para morrer cedo.

Mãe: Elas ganham a remissão dos pecados ao verem e tocarem o Senhor Viswanath e por isso vivem bastante. Em Vrindavana, as pessoas comem alimento consagrado e aspergem água sagrada de uma concha no corpo e por isso vivem bastante.

A Mãe então tocou no assunto de Radhu. Ela falou: “Gostaria que Radhu se recuperasse da fraqueza física e se levantasse. O quarto dela ainda está servindo também como banheiro. Não sei o que o Mestre vai fazer, quanto tempo Ele me manterá assim!”. Depois, Ela começou a dizer ao Swami Santananda sobre o filho de Maku: “Nada além do luto desgasta tanto alguém. Sarat sofreu muito por conta do filho de Maku. Kalo foi enviado a Calcutá para trazer remédio para ele. As pessoas aqui aconselharam que ele não se encontrasse com Sarat. Eu intervim dizendo: ‘Como pode ele ir para Calcutá e não encontrar Sarat?’”.

Manindra: Sim, Sarat Maharaj escreveu: “Deixe Kalo vir até mim”. A Mãe estava preparando as frutas. Apontando para o chelo (um legume local), Swami Santananda comentou: “Este legume não é encontrado em Calcutá”.

Mãe: Ele pode ser preparado como um curry frito em pouco óleo e também como molho. É um bom legume, já que refresca o sistema. (Virando-Se para Marindra) Tem em Jehanabad?

Manindra: Sim, Mãe.

Swami Santananda abordou o assunto sobre o sofrimento das pessoas. Ele disse: “Ouvi dizer que seis milhões de pessoas morreram de influenza. Arroz com casca e arroz branco estão caros, as pessoas estão sofrendo muito”.

Mãe: Sim, filho, as pessoas não têm o bastante para comer. Aqueles que têm filhos sofrem ainda mais. Na verdade, este é apenas o começo do sofrimento deles. Isso só terá um fim se houver uma safra abundante de arroz depois da chuva. Ouvi que um oficial europeu veio para Calcutá. Ele queria banir o deslocamento do arroz com casca e arroz branco de um lugar para o outro. Ele foi embora, me disseram.

Manindra: Tal tentativa ainda está sendo feita.

Swami Santananda: O sofrimento das pessoas está aumentando. Isso é resultado do karma, Mãe?

Mãe: Como pode ser o karma de tantas pessoas? Parece que há algo errado.

Swami Santananda: A Primeira Guerra terminou. Por que então os produtos não estão sendo vendidos mais baratos?

Mãe: Por que há pessoas dizendo que a Guerra começou de novo?

Swami Santananda: Elas querem dizer em Kabul. Tanto sofrimento, briga e matança! Isso nos levará para uma nova era, Mãe?

Mãe: (Sorrindo) O que posso dizer? Como posso saber o que acontecerá de acordo com a vontade Dele? O pecado de um rei arruína todo seu reinado. Maldade, mentira e matança de homens santos, tudo isso é pecado. Isso leva ao sofrimento das pessoas e causa perturbações como a guerra, terremotos e fome. A guerra termina quando os lados se acalmam um pouco.

Ah, que boa era a Rainha Vitória, a Imperatriz da Índia! Como as pessoas viviam felizes e confortáveis na época! Agora, mesmo um menino de cinco anos percebe o sofrimento, porque ele reclama de não ter roupas para vestir. Bom, quanto arroz já foi distribuído por Sarat?

Manindra: Não sei dizer ao certo quanto arroz foi distribuído, mas uma quantidade no valor de trinta e quatro rúpias é distribuída toda semana dentre os necessitados.

Mãe: Quanto arroz uma pessoa recebe?

Manindra: Cada um recebe um quarto de seer (equivalente a 930 gramas).

Mãe: Quanto ganha uma família?

Manindra: Seis, sete ou oito seers, de acordo com o tamanho da família.

Mãe: Quantas pessoas receberam a doação?

Manindra: Não sei exatamente, mas as mulheres muçulmanas formam a maior parte.

Mãe: Sim, os muçulmanos são muito pobres aqui. Onde mais Sarat está distribuindo os auxílios?

Manindra: Em Bakura, Indpur e Manhum. O auxílio está sendo dado em qualquer lugar que haja fome.

Mãe: Meus filhos vão para trabalhar nesses locais?

Swami Santananda: Sim, eles vão de Belur Math.

Manindra: Indpur é para onde Satu deve ir.

Mãe: A irmã de Satu se casou com um homem de Shihar.

Manindra: Sim, Mãe, e como Satu não foi ao casamento, os pais ficaram chateados.

Mãe: Sim, eles ficaram. É natural. Como pode um monge participar de uma cerimônia de casamento? Ele vai para lá em algum momento depois. Seria ótimo que o filho de Prabhakar se recuperasse. O Mestre falava: “Tudo na vida é um malabarismo.

Embora seja tudo um malabarismo, infeliz daqueles que não sabem disso”.

Na tarde do dia dezesseis de ashada (junho/julho), Manindra, Prabhakar e Prabodh Babu, de Shyambazar (Fului Shyambazar), vieram para ver a Mãe. Assim que Prabhakar a saudou, Ela perguntou: “Seu filho está bom? Ouvi dizer que ele estava doente”.

Prabhakar: Ele está bem.

Mãe: Quando chegaram aqui? Já almoçaram?

Prabhakar: Sim.

Manindra e Prabodh Babu queriam que as filhas entrassem para a escola de Nivedita. Prabodh Babu abordou o assunto, pedindo pela aprovação da Mãe.

Mãe: Está bem. Escreva para Sarat.

Prabodh Babu: Já escrevemos para ele.

Uma devota: Elas vão poder ficar aqui? São tão novinhas.

Mãe: Com certeza. Meninas de seis ou sete anos da Bengala Oriental vivem lá. Elas não querem sair de lá mesmo quando os pais visitam.

Prabodh Babu: Fui ver a situação em minha vila natal hoje. O sofrimento das pessoas está terrível. Homens e mulheres não têm nem mesmo roupa para usar, eles não puderam se apresentar a nós hoje. Mal tem palha cobrindo suas casas.

Mãe: Você já distribuiu arroz a essas pessoas? (Ela se referiu ao trabalho de Prabodh Babu no Panchayat Board, do qual ele era o presidente)

Prabodh Babu: Foi distribuído ontem.

Mãe: Vocês distribuem roupas?

Prabodh Babu: Distribuímos seletivamente. Mãe, ouvi falar que você viu em sonho uma mulher de pé com um jarro e uma vassoura.

Mãe: Sim, vi uma mulher de pé com um jarro e uma vassoura nas mãos. Perguntei à ela: “Quem é você?”, ela respondeu: “Vou varrer tudo”. Então perguntei: “O que acontece depois?”, ela respondeu: “Depois vou aspergir o conteúdo deste jarro de néctar”. Parece que tal visão está se tornando real. Ouvi da minha mãe que quando a fome chega, ela continua por três anos. Já está durando dois anos?

Manindra: A guerra está durando há muito tempo já.

Mãe: Tem tido guerra nos últimos quatro, cinco anos. É diferente. A fome já dura dois anos? Se sim, deve durar por mais um ano.

Então a Mãe perguntou: “Qual o valor do arroz com casca?”. Ela soube do preço de acordo com as taxas locais.

Mãe: Isso é caro? E tudo o mais - tecido, óleo e coisas assim - também deve estar caro. Quem tem tudo isso também deve estar preocupado. Desta vez, “comerei sua pele e você comerá a minha”. Deve-se aceitar alegremente as tristezas e misérias que Deus manda. Tudo passa.

Prabodh Babu: Mãe, se até mesmo você sofre tanto, qual esperança há para os outros?

Mãe: É como se eu tivesse sido presa em uma jaula. Não consigo me mexer, não há como escapar.

Prabodh Babu: Novos problemas surgiram a respeito do terreno de propriedade da família do Mestre em Kamarpukur.

Mãe: Quem está criando problemas? É Mahim Babu?

Prabodh Babu: Não, é Fakir Babu e Hem Babu.

Mãe: Qual o sentido dessas brigas? Será que mudar a cerca que delimita o espaço resolverá o problema?

Prabodh Babu: Eu já coloquei alguns postes nas quatro quinas do terreno. A área vai até acima da estrada. Mahim Babu ficou satisfeito com a mudança. Seria melhor termos delimitado a barreira um pouco acima, mas com tantas objeções levantadas por eles, deixamos mais para baixo. Quando temos que lidar com tais homens, temos que aplicar o mesmo tipo de inteligência.

Ao ouvir sobre essa estranha solução ao problema, a Mãe riu bastante.

Prabodh Babu: Escrevi para Sarat Maharaj. Faremos o que ele aconselhar.

Mãe: Antigamente, um trabalhador diário costumava ganhar quatro paises por dia. Ainda lembro quando as pessoas escreviam cartas em pedaços grandes de papel e as mandavam para Calcutá pelos mensageiros que andavam toda aquela distância. Não tinha serviço de correio.

Prabodh Babu: Agora o correio deixou as coisas mais convenientes, Mãe.

Mãe: É verdade. Estou apenas narrando alguns detalhes sobre os velhos tempos. Dava para comprar uma grande quantidade de óleo com uma rúpia. Agora, um punhado de arroz com casca é vendido a quatro rúpias. As pessoas estão se desfazendo de seus estoques de arroz, já que está valendo bastante. Mesmo uma pequena quantidade de arroz com casca não pode ser estocada por muito tempo, porque também se usa para o consumo próprio. Todos precisam satisfazer a fome. Prasanna vendeu arroz numa quantidade que valia entre quatrocentas e quinhentas rúpias. Uma porção do estoque dele que sobrou foi furtada. Raj Ghosh também vendeu todo seu grande estoque de arroz com casca. Ele recebeu uma carta dizendo: “Haverá um roubo em sua casa, a menos que pague uma certa quantidade”. Ele levou a carta à polícia. Talvez algum bandido local tenha pregado essa peça.

Quando Manindra e Prabodh Babu foram saudar a Santa Mãe, Prabodh Babu perguntou à Ela: “Mãe, deve alguém deixar a vida mundana à força?”.

Mãe: (sorrindo) Algumas pessoas estão fazendo justamente isso, querido.

Prabodh Babu: Talvez uma pessoa enfrente dificuldades se renunciar ao mundo sem obter a graça de Mahamaya.

Mãe: Tal pessoa retorna ao mundo.

***

Manindra: Swamiji (Swami Vivekananda) também sofreu muito, mas ele foi capaz de superar o sofrimento e sua psique conseguia aguentar as tribulações.

Mãe: Não, ele também sofreu muito de problema urinário (diabetes). Ele tinha uma sensação de queimação por todo o corpo. Apesar de sua saúde delicada, ele “cuspia sangue” no trabalho.

Manindra: Ele realmente perdeu sangue?

Mãe: Não, mas ele trabalhava tanto que quase sangrava.

Prabodh Babu: Ouvi dizer que uma vez em Darjeeling, Swamiji colocou o braço em volta do pescoço de Hari Maharaj e, derramando lágrimas, disse: “Irmão, tudo com o que vocês se preocupam é com as práticas religiosas? Veja, eu estou trabalhando até morrer”.

Mãe: Sim, filho, ele derramava lágrimas de sangue pelo bem dos outros. Foi Naren quem construiu tudo isso quando voltou do exterior. Foi assim que todos esses jovens encontraram um abrigo. Quatro deles estão agora ensinando em terras estrangeiras.

Prabodh Babu: Sim, Swami Abhedananda, Swami Prakashananda, Swami Paramananda e Swami Bodhananda.

Mãe: Qual o nome de Sannyasa de Kali?

Manindra: Swami Abhedananda.

Mãe: Vasanta (Swami Paramananda) escreve cartas para pessoas daqui e manda dinheiro. Ele dá palestras também. Yogen (Swami Yogananda) praticou muitas austeridades. Em locais de peregrinação, ele guardava migalhas secas de pão. Ele comia uma pequena quantidade delas diariamente com água. Como resultado disso, ele teve um sério problema de estômago, o que o levou à morte prematura. Há felicidade neste mundo? Há e, mais uma vez, não há. O mundo é como uma árvore venenosa. O veneno permeia

tudo da vida mundana. Mas aqueles que mergulharam na vida mundana, o que podem fazer agora? Mesmo que compreendam as implicações da vida mundana, não conseguem agir de outro modo.

Depois de saudarem a Mãe, os devotos voltaram para o monastério de Koalpara. Manindra e Prabodh Babu foram novamente à Mãe durante a tarde.

Prabodh Babu: Sarat Maharaj respondeu minha carta. Posso lê-la?

Mãe: Sim, leia.

Prabodh Babu leu a carta. Dentre outras coisas, Sarat Maharaj tinha escrito: "O que pode ser feito mesmo que eu concorde? Sobre manter a filha de Prabodh Babu, Bina, aqui (na escola de Nivedita), a vontade do Mestre é outra".

Mãe: Por que ele escreveu dessa maneira? Ele não falou tudo. Deve ser porque Sudhira não concordou. Sudhira disse para mim: "Mãe, não estou mais aguentando. Estou sofrendo muito". Quanto trabalho ela tem com aquelas meninas. Quando não consegue arcar com todos os gastos, ela dá aulas de música para garotas de famílias abastadas e ganha por volta de quarenta, cinquenta rúpias com isso. Ela ensinou as meninas a costurarem, fazerem roupas e outras habilidades. A instituição ganhou trezentas rúpias uns anos atrás e usou tudo nas despesas da viagem das meninas durante o feriado do Puja. Sudhira é a irmã de Debabrata (Swami Prajnananda). No internato de Nivedita há duas meninas de Madras que não são casadas, entre vinte e vinte e dois anos. Ah, que bom que elas aprenderam vários tipos de trabalho. Pense sobre nossas meninas! Aqui nessa parte do país, as pessoas insistem que uma menina deva se casar assim que fizer, ou mesmo antes, oito anos. Ah, Radhu não estaria em situação tão miserável se não tivesse se casado!

Registrado por uma devota anônima

Era o dia quinze de poush (dezembro/janeiro) de 1320 no calendário bengalês (1914 d.C.). Eu estava sentindo um forte desejo de conhecer a Santa Mãe, mas não tinha tido uma oportunidade. Quem iria me levar? Eu já tinha me entregado à ideia de que a veria apenas se Ela tornasse as condições favoráveis para tal quando Kamala e Bimala chegaram e disseram: “Irmã, nossa Mãe está te chamando”. Com essas palavras, ocorreu-me que isso pudesse levar ao cumprimento do meu desejo. Parece que alguém sussurrava em meu ouvido: “Oh, querida! A Mãe está te chamando!”.

Eu logo me arrumei e cheguei à casa de Bimala às sete da manhã. Encontrei Lalit e sua mãe conversando. Ao me ver, a mãe de Lalit falou: “Aqui está Binu. Veja, meu querido, como ela está maluca! Mal soube da notícia e já veio correndo”. Lalit perguntou: “Você quer visitar a Santa Mãe, irmã? Se sim, posso te levar lá hoje”. “Isso seria um favor maravilhoso!”, respondi. Eu mal podia acreditar nas boas notícias que eu iria realmente ver a Santa Mãe. Eu disse para Lalit: “Irmão, por favor me diga, você vai mesmo? Se sim, por favor alugue uma charrete”. Depois completei: “Você mesmo já viu a Mãe?”. Com grande alegria, ele respondeu: “Fui ver a Mãe apenas uma vez. Ah, o que posso dizer sobre sua gentileza e profundo afeto por nós? A Mãe pediu para irmos novamente”.

Lalit então saiu para tratar da charrete. Antes de ir, ele falou: “Vou trazer uma carruagem. Fiquem todas prontas”. Logo depois, a mãe de Lalit, as irmãs e eu saímos para a casa da Mãe. Panchu também nos acompanhou.

Parul disse para mim: “Irmã, você tem certeza que a Mãe está ficando na casa de Udbodhan?”. Fiquei assustada pois não sabia onde realmente a Mãe estava em Calcutá. Comecei a me preocupar e rezar mentalmente ao Mestre: “Ó Senhor! Por favor,

não me desaponte”. Nossa carruagem chegou ao escritório de Udbodhan às dez horas. Assim que paramos, saí rapidamente e entrei sem cumprimentar os Swamis que estavam trabalhando em uma das salas. O mundo parecia muito vazio e sem sentido para mim. Não sei o que faria se ouvisse que a Mãe não estava lá. Eu estava muito ansiosa. Eu perguntei a todos que apareciam: “A Mãe está aqui?”, mas os Swamis não responderam. Eles saíram quietos com as cabeças abaixadas. No meio tempo, Lalit tinha saído da carruagem e ido direto para o andar de cima. Eu segui seus passos. Quando ele voltou para anunciar “A Mãe está aqui”, fiquei aliviada daquela nuvem de ansiedade que estava em cima da minha cabeça. Fui devagar encontrar a Mãe. Saindo da sala à frente no lado direito, segui pela varanda à esquerda. Encontrei uma mulher de pé com o rosto semicoberto por um véu. Como notei alguns devotos fazendo saudações à Ela, soube que Ela era ninguém menos que a Santa Mãe. Foi apenas para vê-la que corri tanto de casa até ali. Realmente não me lembro como passei esses momentos. Ao me ver, os devotos saíram do local. Corri até a Mãe, prostrei-me aos seus pés e sentei no chão. Ela perguntou: “De onde você vem? Por que está aqui?”. Respondi: “Mãe, não sei porque vim realmente. Mãe, estou aqui porque você me trouxe”.

Nesse momento, a mãe de Lalit e os outros entraram no quarto. Depois de um pouco lá, uma delas perguntou: “Esta é a Santa Mãe?”. Consenti. Todos os presentes fizeram saudações à Ela. Depois, a Mãe entrou no santuário de Sri Ramakrishna. Nós a seguimos e fizemos reverências ao Mestre. A Mãe sentou na cadeira de madeira em frente ao altar e falou: “Sente-se, querida, sente-se”. Todos nos sentamos aos seus pés. A mãe de Lalit era dona de casa. A Mãe começou a conversar com ela como uma mulher comum.

Mãe de Lalit: Mãe, por favor nos conte algo sobre Sri Ramakrishna. Somos voltados à família, por favor nos dê algumas instruções.

Mãe: Não sei nada além daquilo que ouvi diretamente do Mestre. Bem, querida, leia o *Kathamrita* (o *Evangelho*) e encontrará todas as instruções necessárias lá.

Depois de pagar a taxa da carruagem, Lalit foi direto até a Mãe. Ele se prostrou, colocando a cabeça em seus pés e começou a chorar muito rezando piedosamente: “Dai-me graças, Mãe, você que é a personificação da misericórdia! Mãe, você está aqui para salvar o mundo. Por favor, me dê abrigo. Não deixarei seus pés. Você precisa me acolher”. Ele ficou implorando assim. A Mãe ficou parada como uma estátua. Depois de um pouco, Ela disse: “Não seja tão impaciente. Levante-se, garoto”.

Lalit era um garoto de quinze ou dezesseis anos. Sua natureza espiritual latente estava começando a aflorar. Ele tinha a pele morena e era forte. Era repleto de devoção a Deus e seu comportamento demonstrava isso. Novamente, ele começou a chorar: “Por favor, dê refúgio em seus pés, Mãe. Por favor, diga ‘sim’. Diga que me aceitou, mas se não, não irei desistir”.

Naquele momento, os pés dele tocaram em um recipiente de barro contendo manteiga clarificada. Ele imediatamente se encolheu em autocondenação e falou: “Que pecado cometi! Alguém deu essa manteiga clarificada para a Mãe com grande reverência, e eu a toquei com os pés. Oh não! O que fiz?”. Ele ficou se lamentando quando uma senhora de pele clara que estava ocupada trabalhando no santuário falou: “Bom, filho, não precisa se desesperar. O que tem se seu pé encostou ali? Seus pés não são algo fora do universo. As duas pernas dos homens são parte da criação. As pernas são necessárias para o corpo humano”. Olhamos para ela. A calma em seu rosto e suas palavras simples e profundas nos impressionaram muito. Lalit se acalmou um pouco e se recompôs. Ele saudou a Mãe novamente, dizendo: “Mãe, por favor me abençoe”. “O Mestre irá te abençoar”, dizendo isso, a Mãe colocou a mão na cabeça de Lalit. Em paz, ele saiu.

Quase nesse mesmo momento, um homem de meia idade apareceu na porta do quarto da Mãe. Ele segurava a mão de uma jovem de uns dezesseis, dezessete anos. Ele disse: “Mãe, ela é minha filha. Seu bebê morreu essa manhã e ela está muito abatida. Eu a trouxe aqui porque você talvez possa consolá-la”. Essas palavras deixaram todos nós apreensivos.

Mãe: Venha aqui, querida.

A jovem entrou no quarto e sentou-se perto da Mãe. Assim que ela estendeu a mão para tocar nos pés da Mãe, em uma saudação respeitosa, a Mãe tirou um pouco os pés e disse: “Bom, ela deveria me tocar? Ela está em um período de luto agora”. Tais palavras da Santa Mãe deixaram o rosto da mulher ainda mais pálido. Com vergonha, ela se afastou um pouco. Enquanto olhava para ela, o coração da Mãe foi preenchido de compaixão e Ela falou: “Ah, minha pobre garota! Você sofreu muito e por isso veio a mim para consolo. E quem sabe o quanto machuquei seus sentimentos? O que importa se você está passando pelo luto? Venha, querida, toque meus pés”. Com tais palavras gentis, a Mãe foi para perto da jovem. Com os olhos cheios de lágrimas, a garota levou a cabeça aos pés da Mãe com reverência, e a Mãe a abençoou colocando a mão em sua cabeça. Sentada próxima da menina, a Mãe começou a confortá-la dizendo: “O que tenho para te dizer, querida? Quase não sei nada. Mantenha uma foto do Mestre com você e tenha certeza que Ele está muito perto de você. Derrame a tristeza de seu coração em lágrimas diante dele. Chore e peça sinceramente: ‘Ó Mestre! Por favor, leve-me para perto de você. Por favor, conceda-me a paz’. Ao fazer isso repetidamente, você encontrará paz mental. Tenha fé no Mestre e volte-se a Ele em prece sempre que se sentir triste”. A Mãe virou-se para nós e disse: “Ah, ela acabou de ter esse choque. É possível que ela recobre a paz mental em apenas um dia?”. O pai da garota ficou o tempo todo parado em frente à porta. Então, ele e a filha saudaram a Santa

Mãe, oferecendo em silêncio suas angústias e voltaram calmamente para casa.

Depois, tendo a sala ficado quieta, falei: “Mãe, tenho uma pergunta. Se você me permite, gostaria de fazê-la a você”. Achando-me hesitante, a mesma senhora de meia idade (que mais tarde soube que era a Reverenda Golap-Ma) disse: “Conte para Ela, querida. Você pode dizer à Mãe seus pensamentos mais íntimos. Por que deveria ficar tímida diante dela?”.

Falei: “Mãe, apenas queria dizer que vi você e o Mestre em um sonho. Você parecia estar me dando iniciação espiritual, mas não terminou. Desde tal sonho, tenho sentido extrema vontade de tomar refúgio em seus santos pés”. A Mãe carinhosamente respondeu: “Bem, posso te dar a iniciação espiritual ainda hoje, mas você tem o consentimento de seu marido?”.

Discípula: Perguntei ao meu marido a respeito, ele respondeu: “Não tenho objeções, mas não tomarei iniciação agora. Você pode tomar”.

Mãe: Onde mora seu marido?

Discípula: Em Raipur.

A Mãe me mostrou o banheiro e disse: “Vá lavar suas mãos e pés”.

Discípula: Mãe, eu ainda não tomei banho.

Mãe: Tudo bem. Não precisa ter tomado banho.

Após lavar meus pés e mãos no banheiro, fui para a sala do altar e vi que a Mãe tinha colocado duas esteiras lá. Dois jarros de cobre em formato de canoa contendo água do Ganges tinham sido arrumados para a adoração. A Mãe estava sentada em uma das

esteiras olhando para a figura do Mestre. Ela me pediu para sentar na esteira à esquerda. Pegando água do jarro maior, Ela fez o ritual chamado Achamana e me fez fazê-lo também. Na sequência, Ela falou: “A qual Deidade você é devota?”. Ao ouvir minha resposta, Ela me passou a iniciação espiritual e depois me mostrou o procedimento de repetir o mantra. Naquele momento, uma corrente de bem-aventurança tomou conta de mim. Uma onda de alegria inundou meu coração e me deixou impactada. Eu não estava ciente de praticamente nada, mas a Mãe me guiou para completar a iniciação. Quando terminou, Ela disse: “Agora me dê a oferenda do Guru”.

Discípula: Mãe, não sei nada. Por favor, me diga o que fazer. Não trouxe nenhum dinheiro.

A Mãe levantou e trouxe duas mãos cheias de flores, laranjas, ameixas e etc., e deu tudo para mim. Depois, disse para eu rezar: “Estou oferecendo a ti tanto as boas quanto as más ações que fiz em meu passado ou presente, consciente dos atos ou inconsciente”. Eu repeti e Ela aceitou tudo. Mãe! Oh, a compaixão que você me mostrou, uma compaixão que não busca retorno. Todo o meu ser foi consumido por aquilo. Ah, que experiência! Que coisas eu vi! Que palavras ouvi! Eu me rendi, meu ser, todo o meu ser, aos pés de lótus da Mãe e me tornei abençoada.

Após saudar a Mãe, saí para a varanda e fiquei como que possuída, segurando no corrimão por quase uma hora. Fui trazida à normalidade pelo choro de uma menina e consequentemente pela voz da Mãe, e depois voltei ao quarto. Ao me ver, Ela disse: “Sente-se, querida, sente-se”. Quando sentei, Ela falou: “Esta é minha sobrinha, Radharani. Desde que a mãe dela perdeu o equilíbrio mental, cuido dela”. A Mãe a segurava, mas ela tentava se livrar e sair. A Mãe tentou de várias maneiras persuadi-la a ficar quieta. A Mãe trançou o cabelo dela, vestiu, deu comida e disse tantas palavras afetuosas à ela! Fiquei surpresa ao ver esse tipo de

comportamento mundano por parte da Santa Mãe. Nesse momento, fui chamada para ir tomar um banho no Ganges, então levantei e saí. Na volta, a Mãe estava oferecendo comida ao Mestre. Ao sair do santuário, a Mãe entrou na sala onde a comida era feita para o Mestre. Ela fechou a porta da sala e voltou para onde estávamos. Depois disso, os Swamis almoçaram. Golap-Ma os serviu. Quando o almoço acabou, os Swamis saíram.

O prato contendo a comida que tinha sido oferecida ao Mestre foi levado ao quarto do meio. Esteiras tinham sido colocadas para as mulheres e para Panchu, o menino de cinco anos que tinha me acompanhado. A Santa Mãe e todos nós almoçamos juntos. Eu tinha um desejo de levar comida consagrada pela Mãe e estava aguardando quieta. Todos, exceto eu, começaram a comer. Duas ou três vezes, a Mãe pediu para eu comer, dizendo: “Por favor, coma”. Golap-Ma veio até mim e perguntou: “O que há com você?”. Respondi: “Por favor, me dê um pouco de comida consagrada pela Santa Mãe”. A Mãe misturou o arroz dela, comeu um pouco e colocou uma porção em meu prato. Ah! O que posso dizer? Que néctar compartilhei naquele dia! A cozinheira tinha preparado arahar (um tipo de ervilha), couve-flor ao curry e um prato com chalta (fruta conhecida como maçã do elefante). Golap-Ma tinha feito peixe ao curry. Todos os pratos estavam muito saborosos. “Preciso comer mais desse curry, preciso!”, disse Panchu, e começou a causar uma confusão. Meus pedidos para parar não surtiram efeito. No momento, novamente Golap-Ma apareceu e perguntou: “O que houve? Por que ele está se comportando assim?”.

Eu disse: “Não queria que ele viesse, Mãe. Eu tentei vir aqui desimpedida, mas quando a carruagem já tinha andado um trecho, Panchu, que estava brincando na rua, saiu correndo e pulou dentro da carruagem, e agora está causando essa confusão”. Quando ouviram, Golap-Ma e os outros começaram a rir. Golap-Ma disse: “Você queria evitá-lo, mas como poderia ter se sucedido? É por

conta das boas ações passadas dele que ele pôde encontrar a Santa Mãe. Que grande sorte! Isso fará bem a ele". A Mãe apoiou a visão de Golap-Me dizendo: "Sim, é verdade".

Depois do almoço, esperei pela Mãe o dia todo. Eu ia para Raipur, já que Parul e Kamala insistiam para que eu fosse. Porém, era um lugar muito distante e por ter que ficar sem ver a Santa Mãe no futuro próximo, não fui.

A Mãe foi sentar ao sol no telhado para secar o cabelo molhado e começou a falar sobre a casa de seus pais. Ela disse: "Criei Radhu, que é uma menina desequilibrada. Ela não comia a menos que alguém desse para ela. Além disso, não estou bem de saúde, tenho reumatismo. Para tratar, fui para Varanasi e Vrindavana, mas não resolveu".

Após termos falado sobre vários assuntos, a Mãe disse: "Você é tão jovem, uma mera criança. Como foi que você teve inclinação para a iniciação espiritual?".

Discípula: Mãe, realmente não sei. Não gosto da vida do mundo. Em meu coração, realmente quero evitar a vida do mundo. Na verdade, eu estava muito ansiosa. Finalmente, encontrei paz mental hoje. Além disso, o mundo é impermanente. Ele realmente dura apenas por poucos dias. Tudo ao meu redor parece irreal. Como posso colocar minha mente nisso?

Nesse momento, uma senhora da mesma idade da Santa Mãe entrou e sentou. Como eu estava sentada muito perto da Mãe, a sombra dela ficou em cima de mim. Ao notar isso, a senhora chamou atenção dizendo: "Que tipo de garota é você que está sentada na sombra da Santa Mãe? Você cometerá um pecado. Por favor, sente-se mais longe". Sentei-me assim tão perto da Mãe porque Ela era "minha". Agora, sentindo-me envergonhada, me

afastei um pouco. A senhora perguntou à Mãe: "Quem é a menina?".

Mãe: Ela recebeu iniciação hoje. Ela é muito devotada.

Fiquei envergonhada com tais palavras da Mãe, então fui ao outro quarto onde Parul e os outros conversavam. Lalit chegou e disse: “Venha, irmã. A carruagem está pronta. Já é quase hora do pôr do sol”. Então, fui à Santa Mãe me despedir. A Mãe falou: “Quando você volta, querida?”.

Discípula: Virei a você sempre que lembrar-se de mim. Não sou capaz apenas pelo meu esforço. Mãe, por favor me abençoe. Lembre-se de mim, Ó Mãe.

Mãe: Venha novamente, querida.

Olhei para Ela com o coração dolorido. Ela me deu dois rolinhos de bétele. Eu me prostrei aos seus pés e voltei com meu corpo físico, deixando com a Mãe meu eu verdadeiro. Com lágrimas nos olhos, a Mãe permaneceu no alto da escada. Eu estava repleta de felicidade por dentro e por fora. Eu ouvia a voz da Mãe mesmo enquanto viajava na carruagem.

A Mãe manteve suas palavras, já que, dois anos depois, quando voltei de Raipur, pude vê-la novamente durante sua última enfermidade.

Registrado por Smt. Sailabala Chowdhury

Na manhã de domingo, dois de shravan (julho/agosto) de 1311 (1904), a Reverenda Gauri-Ma, sua Durga e eu estávamos viajando em uma carroça para a mais respeitosa casa alugada da Santa Mãe em Baghbazar. Esta era a primeira vez que eu iria prestar minhas reverências aos seus santos pés. No caminho,

expressei à Gauri-Ma, com muito sentimento e muitas lágrimas, minha esperança que a visita pudesse fazer bem a mim. Chegando à casa da Santa Mãe, Gauri-Ma foi à frente de nós direto para o primeiro andar e nós a seguimos. Chegando lá, percebi que Gauri-Ma conversava com a Mãe em voz baixa. Não sei o que se passou entre elas, mas ouvi a Santa Mãe dizer: “Você trouxe a esposa de Suren aqui outro dia e hoje trouxe essa filha. Este parece ser seu trabalho regular”. Ao ouvir isso, Gauri-Ma disse: “Ah, você com certeza dará iniciação para ela, não é? Qual é seu outro propósito de existência?”.

A isso, a Mãe respondeu: “Então venha, querida, a hora está auspiciosa agora". A Mãe mandou Durga entrar no santuário e fechou a porta. Gauri-Ma e eu esperamos na varanda.

A iniciação logo acabou e Durga saiu da sala. Depois, eu fui ao santuário e a porta foi fechada. A Mãe já estava lá dentro. Gauri-Ma e Durga ficaram na varanda. A Mãe me fez sentar em uma esteira e me fez adorar o Mestre. Antes de me dar a iniciação, Ela perguntou: “Sua família tem algum Guru?”, respondi: “Sim”.

Mãe: Você pretende tomar iniciação com ele também?

Discípula: Não.

De dentro da sala, a Mãe perguntou à Gauri-Ma: “Gaurdasi, o mantra de qual Deidade devo dar à ela?”. Então, de acordo com a sugestão de Gauri-Ma, a Mãe me deu a iniciação. Eu era acostumada a fazer japa, mas quando Ela me pediu para fazer japa, meu corpo e mente estavam em uma condição em que eu me encontrava incapaz de fazer. Enquanto me fazia repetir o Santo Nome, A Mãe segurou minha mão e passou a mão em meus dedos. A porta foi aberta. Gauri-Ma entrou e me disse para oferecer flores aos pés da Mãe. Obedeci.

Quando chegamos à casa dela, a Mãe estava se preparando para ir ao Ganges para o banho. Porém, nossa visita a impediu de ir. Almoçamos e passamos o dia todo lá.

Naquele dia, a Mãe estava procurando por uma chave que estava fora do lugar. Notando uma chave no chão perto da cama, falei para Ela: “Tem uma chave aqui”. Eu não sabia que era aquela chave que Ela procurava. Não me atrevi a tocar na chave. A Mãe a pegou com alegria e me abençoou.

Eu não queria ir embora. Enquanto eu a saudava antes de ir, Ela disse: “Venha novamente, querida. Escreva para mim de vez em quando”.

No dia de Janmashtami do mês bhadra (agosto/setembro), minha cunhada e eu fomos para Kankurgachi Yogodyan para participar do festival de lá. Vimos que arranjos especiais tinham sido feitos para a recepção da Santa Mãe. Um lugar perto do templo tinha sido destinado à Ela para descanso. Eu estava muito feliz de pensar que a Mãe estaria ali e que eu a veria. A chegada da Mãe causou grande animação. A Mãe e Lakshmi-Didi andaram pelo caminho que foi coberto com tecido. A concha foi tocada para marcar a visita auspiciosa. Muitos ficaram ansiosos para ver a Mãe. Nós também seguimos para encontrá-la quando a vimos se aproximando solenemente, com o rosto parcialmente coberto por seu manto. Ao me ver, Ela falou: “Então você veio, filha!”. Como havia uma imensa multidão ao redor dela, não consegui dizer nada em resposta e apenas consenti com a cabeça. Minha Sej-Didi (cunhada) estava muito triste com a perda de seu filho. Ela disse para mim: “Nunca conheci a Santa Mãe. Por favor, peça para que Ela me abençoe”. Porém, em meio àquela multidão, eu não estava tendo uma oportunidade para falar. Assim que encontrei a Mãe um pouco livre, disse à Ela: “Mãe, esta é a esposa do irmão de meu marido”. Assim que havia falado isso, a Mãe disse com afeto: “Eu sei tudo, filha”. Eu não pude dizer mais nada.

Um dia, minha Sej-Didi e eu fomos ver a Santa Mãe. Após saudá-la, fomos à sala do altar prestar nossas reverências ao Mestre. Na volta, a Mãe disse: “Sentem-se”, então sentamos. Depois de conversar um pouco, durante a conversa, falei à Mãe: “Mãe, você é Mahamaya, você nos ilude gentilmente ao conceder pais, maridos e filhos a nós”. A Mãe imediatamente respondeu: “Não diga isso, que eu iludo os outros! Os sofrimentos das pessoas presas ao mundo dóem muito em mim. Mas, o que posso fazer, filhas? Elas não procuram pela liberação”.

Num outro dia, também com Sej-Didi, fui ver a Mãe. Após falarmos um pouco, Sej-Didi perguntou à Ela: “Mãe, onde está Deus?”. A Mãe respondeu: “Querida, onde mais estaria Deus que não o mais próximo de Seus devotos? Se as pessoas mundanas visitarem um local utilizado por homens santos, aquela atmosfera pode até mesmo remover a sujeira de suas mentes”.

Um dia, Sej-Didi, Na-Didi e eu fomos ver a Mãe. Quando Sej-Didi pediu à Mãe para dar iniciação à Na-Didi e Mani, Ela ficou quieta. Depois de um pouco, Sej-Didi abordou o assunto da iniciação novamente. A Mãe falou um pouco séria: “Elas têm o Guru da família. É melhor que tomem iniciação com ele”. Mais tarde, Sej-Didi saiu do quarto. Eu continuei sentada. A Mãe falou: “Dar a iniciação é algo trivial? Deve-se assumir total responsabilidade pelos pecados do discípulo”.

Perguntei à Mãe um dia: “Você me instruiu a como fazer japa do nome do Mestre, mas como posso fazer japa de seu nome?”. A Mãe respondeu: “Você pode fazer com o nome ‘Radha’, ou qualquer outro que te agrade. Se não conseguir escolher nenhum nome, simplesmente repita ‘Ma’ (Mãe)”.

Um dia após o almoço, Sej-Didi e eu fomos ver a Santa Mãe. Ao chegarmos, encontramos as portas do quarto dela fechadas e

soubemos que Ela estava descansando. Depois de um pouco, as portas se abriram, entramos, saudamos a Mãe e sentamos. “Quando chegaram, filhas?”, Ela perguntou. “Chegamos faz um pouco. Como você estava descansando, esperamos lá fora”, respondemos. Depois de conversarmos um pouco, falei: "Mãe, as pessoas são abençoadas com várias visões, mas eu nunca tive nenhuma”. Ela disse: “Essas experiências são do reino inferior”. Tais palavras suscitaram muita esperança em mim. Percebi que eu poderia atingir algo mais elevado que as visões. Falei à Ela: “Mãe, será que vou obter algo?”. “É claro que irá, filha”, Ela respondeu.

Um dia, perguntei à Ela sobre a adoração ao Mestre. Ela respondeu: “Você está envolvida na vida mundana. Não terá como lidar com as formalidades da adoração”.

Sempre que pediam para a Mãe dar algum tipo de instrução, Ela falava: “Chame o Mestre. Ele fará tudo por você. O Tio Lua[14] é o tio de todos”.

Uma vez, minha mãe e eu estávamos a caminho de visitar a Mãe. Enquanto íamos, encontramos Sudhira-Didi, que estava voltando após visitar a Santa Mãe. Quando falamos sobre Sudhira-Didi diante da Mãe, Ela comentou: “Que garota legal ela é! Ela não é casada. Como ela é independente e se desloca sozinha de carruagem!”.

Em outro dia, minha mãe e eu fomos novamente à Mãe. Após saudá-la, eu falei: “Estávamos tentando chegar aqui faz tempo, mas nos atrasamos por conta da carruagem”. A Mãe disse: “Vocês vêm aqui para ver a Deidade. Por que desperdiçam dinheiro com uma carruagem? Venham a pé”.

---

[14] No original: *Uncle Moon*. Refere-se à tradição e mitologia hindus de chamar a lua de tio devido à crença de que ela seja um irmão da Deusa Lakshmi, considerada a mãe eterna do universo, logo, a lua é como um tio para a humanidade.

Um dia na hora do almoço, minha mãe e eu fomos ver a Santa Mãe. Golap-Ma ficou aborrecida com nossa visita naquele horário inconveniente e disse: “Isso não é de fato visitar a Mãe e sim aborrecê-la. Agora acabamos de cozinhar. Se pretendiam chegar num horário tão ruim, deviam ter avisado de manhã. Como os outros vão comer sem dividir com vocês?”. Golap-Ma disse à Santa Mãe: “Você é uma ótima pessoa, de verdade! Você entretém todo mundo que chega aqui e te chama de ‘Mãe’”. A Mãe disse em resposta: “O que posso fazer, Golap? Se alguém chega aqui e me chama de ‘Mãe’, não posso negligenciar”.

Sempre que eu ia com minha mãe para a casa da Santa Mãe, nós nos atrasávamos para chegar lá, já que minha mãe só podia ir após fazer as tarefas domésticas. A caminho da casa da Mãe, eu temia ter que encontrar Golap-Ma, que poderia brigar comigo por chegar tarde. Um dia, a Santa Mãe disse à ela: “O que mais elas podem fazer? Elas podem vir apenas depois de terminarem os serviços”. Quando estávamos para nos despedir da Santa Mãe após saudá-la, Ela falou: “Por que vão embora sem comer?”. Respondemos: “Temos comida pronta em casa. Precisamos ir embora agora”. A Mãe queria muito que ficássemos para comer. No final, Ela comentou: “Tudo bem, filhas, voltem novamente. Golap fica aborrecida”. A Mãe nos deu um pouco de comida consagrada em uma casca de coco que levamos para casa.

Um dia, minha mãe e eu levamos flores, folhas de bilva e de manjericão para a casa da Mãe para oferecer aos pés dela. Assim que nos viu, Golap-Ma ficou aborrecida, então ficamos quietas. Depois de um pouco, falei para a Mãe: “Mãe, trouxemos essas flores para oferecer aos seus pés”. A Mãe disse: “Sim, podem oferecê-las”. Eu disse: “Mãe, onde podemos pegar um pouco de água?”. Ela respondeu: “Ali está. Pode pegar”. Eu aspergi um pouco da água nos pés dela e estava para oferecer as flores e outros itens quando Ela disse: “Não ofereça o manjericão ou a bilva, ofereça apenas as flores”. Depois de oferecer as flores, eu a

saudei e perguntei: “O que faço com essas flores?”. “Leve para casa”, Ela respondeu.

Mandei para a Mãe um rosário que eu usava antes quando repetia o nome do Senhor Hari e também um novo rosário de contas de rudraksha. A Mãe fazia japa usando o rosário novo, mas sobre o outro, Ela falou: “É um rosário velho”. De qualquer maneira, como foi o pedido de um devoto, Ela fez japa usando aquele rosário também. Quando vi a Mãe na vez seguinte, perguntei à Ela: “Qual mantra devo usar com as contas de rudraksha?”. Ela repetiu o mantra para mim. Quando perguntei: “Posso falar também este mantra enquanto uso o rosário designado para a repetição do nome do Senhor Hari?”, Ela respondeu: “Aquele rosário é apenas para lembrar-se do Senhor Hari”. Geralmente demora bastante para passar as contas de um rosário designado à repetição do nome do Senhor Hari, mas levaria menos tempo fazer com as contas de rudraksha. De novo perguntei à Mãe o que deveria fazer com o rosário antigo. A Mãe entendeu minha intenção e falou: “Use a linha das contas de rudraksha, depois poderá fazer o japa rapidamente”.

Uma noite, em sonho, Sej-Didi recebeu instruções para presentear a Mãe com um sari de bordas vermelhas. Ela comprou um e foi à casa da Mãe junto comigo. Depois de saudarmos a Mãe, Sej-Didi contou sobre o sonho e colocou o sari aos seus pés. A Mãe, com um sorriso, pegou o sari e o vestiu. Depois de um pouco, Ela o tirou e disse: “Como posso usá-lo, filha? As pessoas vão dizer: ‘A esposa do Paramahamsa (Sri Ramakrishna) está usando um sari com bordas vermelhas’. Mas já que você o comprou, vou usá-lo para tomar banho”. Ao sabermos que a Mãe logo iria para Orissa, fomos embora.

Quando a Mãe voltou para Calcutá, Sej-Didi e eu fomos para Baghbazar vê-la. A Mãe falou muito sobre Puri. Sej-Didi perguntou

se a Mãe tinha usado o sari. Ela respondeu: “Sim, filha, usei. Porém depois de usar uns dias, dei para uma pessoa”.

Em outra ocasião, Sej-Didi e eu fomos ver a Santa Mãe. Após conversarmos sobre vários assuntos, perguntamos à Ela: “O que acontecerá conosco?”. A Mãe respondeu: “Chamem o Mestre”. Sej-Didi disse: “Mas não vimos o Mestre, conhecemos apenas você”. Então, a Mãe falou: “Você quer me afogar como o Guru daquela história? Uma vez, o discípulo, clamando ‘Jai Guru’ com grande fé, cruzou um rio. Vendo isso, o Guru pensou: ‘Então meu nome tem tal poder?!’. Por ficar falando ‘eu, eu’, o Guru entrou na água e se afogou!”.

Registrado por Vaikuntha Babu

A Santa Mãe estava morando em Kothar, Orissa. Meu segundo irmão, que estava ficando em Sashi Niketan, em Puri, escreveu para um de seus amigos de nossa vila natal: “A Santa Mãe está morando em Kothar. Vocês podem ir até lá prestar reverências”. Até então, eu tinha apenas uma vaga ideia sobre a Santa Mãe e Sri Ramakrishna. Eu não tinha lido nenhum livro sobre Eles, nem sabia nada em particular a respeito. Mesmo assim, senti um desejo em vê-la desde que ouvi falar sobre Ela. Depois de ficar ansioso por alguns dias com tal ideia, saí para Kothar. Era um pouco depois do meio-dia quando cheguei ao local. Estranho dizer isso, mas meu desejo tinha diminuído e não estava mais tão forte. Os devotos foram convidados para o almoço e eu os acompanhei. Quando terminou, sentamos no salão junto com o Reverendo Krishnalal Maharaj e Kedar Baba (Swami Achlananda) quando Ram Babu, filho único de Balaram Bose, chegou e disse para Krishnalal Maharaj: “A Mãe me pediu para falar com o garoto que vem de Cuttack. Ele deve ir saudá-la agora”. Krishnalal Maharaj respondeu: “Falei para ele ir vê-la de tarde”. Ram Babu disse: “Não, não dá. A Mãe o aguarda. Apenas depois que ele for vê-la, Ela irá almoçar”.

Acompanhei Ram Babu e me curvei diante da Mãe. Não falei nada. No dia seguinte, voltei para casa.

Em minha volta para casa, experimentei um desejo semelhante mais uma vez, então voltei para Kothar. Depois de uns dias lá, fui à Santa Mãe uma manhã e falei: “Mãe, vou embora amanhã de manhã”. Ela respondeu: “Fique aqui amanhã e vá para casa no dia seguinte”. Saí do quarto. Depois de um pouco, um monge veio me dizer: “A Santa Mãe vai te favorecer. Apronte-se para isso após o banho amanhã de manhã”. Fiquei pensando em como Ela poderia me favorecer. Não podia imaginar nada e fiquei quieto. Bem cedo na manhã seguinte, eu me aprontei depois do banho matinal quando Radhu-Didi anunciou: “Quem é Vaikuntha Babu? A Mãe o chama”. Eu disse: “Meu nome é Vaikuntha. Devo ir até a Mãe?”. Ela consentiu, e eu a segui para encontrar a Mãe. Ao me ver, Ela falou: “Venha, entre no quarto”. Ela perguntou: “Você aceitará o mantra?”. Respondi: “Se você quiser, por favor passe-o para mim. Não sei nada sobre isso”. A Mãe falou: “Fique aí sentado”. Depois perguntou: “O mantra de qual Deidade você gostaria de ter?”. Respondi: “Não sei nada sobre essas coisas”. Assim, a Mãe disse: “Este mantra será bom para você”.

A Mãe me iniciou com o mantra naquele mesmo dia. Era o sétimo dia lunar de magh (janeiro/fevereiro), de 1317 (1911). Um dia, durante uma visita, perguntei à Ela: “Mãe, posso ter um outro guia espiritual para as aulas de Yoga?”. Em resposta, Ela disse: “Você pode ter guias para aprender várias outras coisas, mas não deve ter outra pessoa para orientação espiritual”.

Ram Babu me acordou mais ou menos à meia-noite na madrugada do dia que eu iria embora de Kothar. Ele me deu um pacote de doces e disse: “Vaikuntha, a Mãe te presenteou com esses doces. Leve-os com você. A Mãe aconselhou você a não comer nada nas lojas do caminho”.

***

Uma outra vez, fui sozinho ver a Santa Mãe. Ela tinha voltado de Jayrambati para Kamarpukur por alguns dias. Essa foi minha primeira visita a Kamarpukur. O Reverendo Ramlal-Dada e Lakshmi-Didi também estavam lá. No primeiro dia, Ramlal-Dada e eu estávamos sentados na varanda para jantar. A própria Mãe estava nos servindo a comida. Enquanto servia, Ela falou várias vezes para mim: “Vaikuntha, coma tudo, não deixe nada no prato”. Toda vez que Ela servia, Ela me dava mais e mais comida. Ramlal-Dada também pressionava dizendo: “Coma mais, não fique tímido”. Eu já tinha comido bastante e não conseguia mais comer nada, mas hesitei em dizer isso. Ao ouvir as palavras de Ramlal-Dada, a Mãe interveio dizendo: “Ele já comeu bastante. Não fique insistindo para que ele coma mais”. Ela falou para mim: “Vaikuntha, tire o prato de folha e o copo daqui. Não se deve deixar as coisas para trás na casa do Mestre”.

No segundo dia, quando fui saudá-la, Ela perguntou: “Quando você vai voltar para casa?”. Respondi: “Mãe, eu ainda não vi Belur Math. Quero visitar o monastério e depois ir para casa de lá”. Ela disse: “Não precisa ir ao monastério agora. Vá para casa hoje”. Falei: “Mãe, vim de um lugar tão longe. Não pretendia voltar para casa sem ver Belur Math”.

A Mãe, então, falou com firmeza: “Não, vá para casa. Você não deve desobedecer seu Guru”. Depois disso, não fiz mais protestos. Porém, pensei que eu deveria inventar uma maneira de visitar o monastério depois de sair da casa da Mãe, pensando que a Mãe não ficaria sabendo. Naquele momento, dois devotos, um homem e uma mulher, chegaram de Allahabad. A Mãe deu-lhes iniciação espiritual naquele dia. A Mãe falou para mim: “Você vai junto com eles”. No entanto, disseram que se eu os acompanhasse seria uma inconveniência, então descartei a ideia. A Mãe tinha vindo à entrada principal para vê-los partir. Um pouco antes, coloquei

minha bolsa de dinheiro em um vaso no salão. Vendo isso, a Mãe deixou o vaso na sala. Ela perguntou de mim para Lakshmi-Didi: “Onde Vaikuntha deixou a bolsa de dinheiro? Procurei no salão mas não encontrei”. Ela me chamou e disse: “Como você pode ser tão descuidado? Aquele que não tem o mínimo de atenção, como poderia cuidar da casa? Sua bolsa de dinheiro está comigo. Bom, por que você não foi com o grupo?”. Quando expliquei, Ela ficou evidentemente chateada com eles. Eu perguntei: “Por que está tão ansiosa com isso? Vou arrumar alguém para me acompanhar e irei embora amanhã”. Ao ouvir isso, a Mãe voltou para seu quarto.

Naquela tarde, Ela me chamou no quintal e falou: “Leia essas cartas. Quero saber o que trazem as notícias”. Eu li. Ainda lembro do assunto de uma delas. A carta era de Baghbazar, Calcutá. Falava que Sashi Maharaj queria ver a Santa Mãe e que ele seguiria o tratamento que Ela sugerisse a ele. Ao ouvir o assunto da carta, a Mãe comentou: “O que mais posso dizer sobre tratamento médico? Sarat, Rakhal e Baburam estão lá. Deixe que eles se consultem e tomem a melhor decisão. Se eu decidir ir para aquela casa, o paciente terá que ser removido de lá. Isso será bom para ele? Deveria um paciente tão enfermo ser deslocado? Não, não vou. Se algo adverso acontecer com Sashi, vou conseguir ficar lá? Por favor, escreva uma carta para ele explicando o porquê de eu não ir agora”.

Mãe: Quem visita este local santo deveria fazer alguma contribuição. Ofereça dinheiro quando fizer reverências em Raghuvir. Se não tiver dinheiro, pegue um pouco comigo.

Discípulo: Não, Mãe, eu tenho dinheiro.

Fui ao templo de Raghuvir para prestar minhas reverências. Na volta, saudei a Santa Mãe. Ela subitamente exclamou: "Vaikuntha, tome meu nome”. Mas, já no momento seguinte, Ela disse: “Chame o Mestre. Chamar o Mestre servirá para tudo”. Lakshmi-Didi, que

estava por perto, interveio: “Mãe, o que é isso? Isso é um tanto inapropriado. O que seus filhos farão se você os confundir assim?”.

Mãe: Bem, o que foi que fiz?

Lakshmi-Did: Mãe, você disse em um momento “Tome meu nome” e agora diz “Chame o Mestre”.

Mãe: Tudo é atingido quando chama-se o Mestre.

Lakshmi-Didi continuou e disse: “Mãe, não é apropriado que você confunda seus filhos”. Ela então, enfaticamente, disse: “Olhe, Vaikuntha, hoje, pela primeira vez, ouvi a Mãe dizer ‘Tome meu nome’. Você não deve esquecer disso. Quem mais é a Mãe? Chame apenas a Mãe. Você é muito afortunado por ter recebido conselho da própria Mãe. Não chame ninguém além da Mãe”. Virando-se para a Mãe, ela falou: “Bem, Mãe, está tudo explicado, acredito”. A Mãe, através do silêncio, deu seu apoio indireto às palavras de Lakshmi-Didi.

Quando eu estava me despedindo dela, a Mãe disse novamente: “Vá direto para casa daqui. Não seria sábio você ir ao monastério ou qualquer outro lugar agora. Vá para casa e cuide de seus pais. Você agora deve servir seu pai”. Ela me deu quatro folhas de bétele e se despediu. Eu desisti do plano, seguindo as instruções da Mãe, e voltei para casa via Koalpara. Quando saí de casa para ir a Jayrambati, vi meu pai forte e afetuoso, mas ao voltar para casa, eu o encontrei seriamente enfermo. Na verdade, meu pai faleceu seis ou sete dias depois que cheguei.

Em outra ocasião, enquanto ia para Kamarpukur, levei comigo uma carta endereçada à Mãe de um de meus amigos discípulos. Quando entreguei a carta, Ela me pediu para ler em voz alta. A carta tinha duas perguntas: 1)“Estou para começar em determinado trabalho. Ficarei enredado em Maya se trabalhar com isso?”. Ao

ouvir, a Mãe comentou: “Por que ele deveria se enredar em Maya se simplesmente aceitar um serviço?”. 2) A pergunta era se o casamento traria algo de bom para ele. A Mãe não deu nenhuma resposta definitiva. Por outro lado, Ela perguntou para mim: “Meu filho, você é casado?”.

Discípulo: Não, Mãe, não me casei.

Mãe: Muito bem, não se case. O casamento convida a muitas complicações.

Uma vez, durante minha estadia em Kamarpukur, perguntei à Mãe: “Qual o problema em comer carne e peixe?”.

A Mãe respondeu: “Aqui é a terra do peixe. Você pode comer peixe”.

Foi durante um daqueles dias que uma vez pedi à Ela para me dar uma impressão de seus pés. Ela respondeu: “Isso não pode ser feito aqui agora. Ninguém aqui me vê da maneira como você. Alguns membros da família de Laha Babu visitam este local com frequência. Se eu te der uma impressão dos meus pés, a tinta vermelha vai manchá-los e terei que me esconder deles”.

Uma outra vez, eu tinha ido para Jayrambati na companhia de alguns amigos discípulos de meu distrito natal. Ao chegarmos lá, ocorreu a mim várias vezes: “Vim de um lugar tão distante e não atingi nada que vale ser mencionado por enquanto. Eu me consideraria abençoado se pudesse servir a Santa Mãe”.

Um dia, um dos meus companheiros foi para Kamarpukur e eu fiquei. De tarde fui ver a Mãe. Ela estava sentada na sacada da nova casa em frente a um mercado. Quando Ela me viu, falou: “Meu filho, traga um saco de farinha de trigo da loja”. Fiz como Ela pediu. Ela pegou um pouco da farinha, misturou com água e pediu

para eu sovar a massa. Terminei o serviço e logo voltei ao salão. Fui até Ela novamente de noite quando Ela estava descansando no pórtico em frente à sala. Fiquei sentado em silêncio por um tempo. Depois de um pouco, a Mãe falou: “Vaikuntha, filho, por favor, coce minhas pernas um pouco”. Enquanto eu fazia como Ela pedira, Ela disse: “Por que meus filhos não voltaram de Kamarpukur ainda? Será que pegaram a estrada errada?”. Ela ficou um tanto ansiosa e chamou o Brahmacharin Jnan. Quando ele chegou, Ela disse: “Jnan, veja porque eles estão demorando tanto para voltar de Kamarpukur”. O Brahmacharin Jnan andou uma boa distância para tentar encontrá-los quando finalmente os achou. Eles realmente tinham tomado uma estrada errada! Se o Brahmacharin Jnan não tivesse ido procurar, eles teriam levado muito mais tempo para chegar a Jayrambati.

De noite, dormimos no pórtico na casa principal da Mãe. Nas primeiras horas do dia, por volta das quatro, acordamos. Um de nós disse: “Ah, se pelo menos pudéssemos ver a Mãe nessa auspiciosa união da noite com o dia!”, e então começamos a cantar: “Ó Mãe gloriosa, levante-Se e abra a porta”. Assim que a canção terminou, ficamos surpresos de ver a Mãe abrindo a porta e parando na nossa frente. Com essa inesperada e súbita aparição da Mãe, ficamos extremamente felizes. Todos nós a saudamos. Ela então voltou para dentro em silêncio e fechou a porta.

Em outra ocasião, durante a adoração de Vasanti, alguns de nós fomos para Jayrambati. Encontramos alguns lótus brancos no caminho, pegamos algumas flores. Quando nos preparávamos para oferecer esses lótus brancos aos pés da Santa Mãe, Ela falou: “Flores brancas não podem ser usadas para a adoração da Deusa”. Ouvindo isso, procuramos lótus vermelhos e com alegria oferecemos aos pés dela.

Um dia, eu a ouvi dizendo para alguém durante uma conversa: “Não me provoque, porque se eu brigar com você e perder a calma, ninguém poderá te proteger”.

Naquela ocasião, eu perguntei à Ela: “Mãe, o governo está prendendo jovens. O que você acha que resultará disso?”. “Sim, isso é muito inadequado”, Ela respondeu. “No entanto, uma solução em breve será encontrada. Vocês não terão que esperar muito. Certamente essa solução trará o bem no final”.

Um dia falei: “Mãe, por favor faça algo por mim”. Ela respondeu: “Tem Sarat, Rakhal e outros. Por que se preocupa?”. Eu disse: “Mãe, desejo muito morar no monastério por alguns dias”, mas Ela não consentiu. Ela disse: “Você não precisa ir ao monastério agora. More em sua própria casa”.

Desta vez, a Mãe iniciou Kshirode Mukhopadhyaya, de nossa vila natal. Eu soube de Kshirode Babu que a Mãe disse durante a iniciação dela: “Todos seus pecados cometidos nesta vida e também nas anteriores foram dissipados”.

Um dia, prestei reverência à Mãe em sua casa em Baghbazar, Calcutá. Eu estava ao seu lado quando Ela perguntou: “Você já saudou o Mestre Mahasaya?”. “Não, Mãe”, respondi, “não o conheço”.

Ela então me aconselhou: “Desça. Você o verá lá embaixo. Vá e saúde-o”. Ela mandou Golap-Ma ir comigo e me apresentou ao Mestre Mahasaya. Eu me curvei a ele e voltei para o andar de cima. Nesse momento, duas pessoas estavam descendo depois de saudar a Mãe, que estava sentada em seu lugar na sala do altar. Eu a ouvi falando baixo: “O toque indiscriminado das pessoas causou em mim dores terríveis!”.

Uma vez, tive uma briga com meu irmão a respeito de assuntos mundanos. Eu queria informar a Santa Mãe da minha intenção de ficar em outro lugar que não a minha casa, e também queria a permissão dela. Depois de minha saudação, fiquei ali por perto. Voltando-se para Golap-Ma, a Mãe disse: “Golap, você ouviu que Vaikuntha veio aqui para reclamar do irmão que bateu em seu rosto? Os chefes de família às vezes não exageram? Por que vão tão longe?”. Virando-se para mim, Ela falou: “Vá para casa, filho. É muito comum ter divergências ocasionais na vida familiar”.

Um companheiro discípulo, que tinha esquecido seu Gayatri mantra, pediu para que eu ensinasse para ele. Eu escrevi para a Mãe em uma carta: “Alguém pode revelar um mantra para outra pessoa?”. A Mãe estava então em peregrinação no sul e estava ficando em Madras. Ela escreveu em resposta: “Um mantra não pode ser revelado a ninguém. Você pode, no entanto, falar para seu amigo. Não há qualquer mal nisso”.

Um dia, estando deprimido, fui ver a Santa Mãe na casa de Udbodhan, em Baghbazar. Eu me prostrei e falei: “Mãe, estou aqui para te dizer uma coisa”.

Mãe: Filho, lembre-se do Mestre. Ele com certeza te abençoará. Tenha apenas companhias sagradas e faça suas práticas espirituais. Tudo será alcançado se o Mestre for lembrado.

Discípulo: Já tentei, Mãe, mas nada aconteceu. Eu não vi o Mestre, como posso me lembrar dele? Recebi as suas bênçãos. Agora que você mesma está falando sobre isso, por favor diga ao Mestre sobre este filho desafortunado que você tem.

Mãe: Como você pode atingir um objetivo sem praticar japa e meditação? Deve-se praticar essas disciplinas.

Discípulo: Não gosto mais de fazer japa, já que nada é de serventia. Desejo, raiva, ilusão, isso tudo ainda permanece em minha mente exatamente como antes. As impurezas da minha mente não diminuíram ainda.

Mãe: A repetição do nome de Deus irá gradualmente remover as impurezas. Como pode esperar resultados sem tais disciplinas? Não se engane, nem as negligencie. Sempre que encontrar tempo, repita o Santo Nome de Deus e reze ao Mestre.

Discípulo: Não, Mãe, eu não tenho essa capacidade. Sempre que tento repetir o nome, minha mente fica agitada. Faça minha mente se concentrar em Deus para que os pensamentos ruins não me perturbem ou retire o Santo Nome! Eu não quero ser causa de sofrimento a você, porque ouvi que um preceptor espiritual sofre se os discípulos não repetem o nome sagrado.

Mãe: Bem, o que é isso? Minhas preocupações por você me deixaram agitada. O Mestre já te abençoou.

Essas palavras trouxeram lágrimas aos olhos da Mãe. Com muito sentimento, Ela disse: “Bem, você não terá que repetir mais o mantra”. Isso implicava que Ela mesma faria o que fosse necessário por mim. Porém, falhei em reconhecer a importância de suas palavras, e o medo e a apreensão tomaram conta de mim. Pensando que minhas conexões com a Mãe seriam extintas, falei: “Mãe, você está levando tudo que eu possuo? O que devo fazer agora? Bem, Mãe, estou agora amaldiçoado à aniquilação?”.

Ao ouvir isso, Ela disse enfaticamente: “O que?! Você, sendo meu filho, tem como ser amaldiçoado? Aqueles que vêm aqui, aqueles que são meus filhos, já atingiram a liberação. Nem mesmo Deus pode prejudicar meus filhos!”.

Discípulo: Bom, Mãe, o que devo fazer agora?

Mãe: Tome refúgio em mim e fique quieto. E sempre se lembre de que por trás de você há alguém que o levará para a morada da eternidade.

Esta foto foi tirada pelo Brahmacharin Ganendranath, enquanto a Mãe fazia adoração em seu santuário, em Udbodhan, Calcutá, em 1319 no calendário bengali e 1913 d.C. A Mãe estava meditando na hora. Brahmacharin Ganendranath estava ajeitando sua câmera para tirar a foto e fez barulho durante o processo. A Santa Mãe abriu os olhos devido ao barulho. Imediatamente, Brahmacharin Ganendranath falou com as mãos postas: “Mãe, estou tirando uma foto”.

Discípulo: Mãe, enquanto eu estou aqui fico feliz. Nenhum pensamento mundano me perturba, mas assim que volto para casa, vários pensamentos ruins me assombram. Eu me misturo às pessoas não santas e acabo cometendo atos ruins novamente. Por mais que eu tente, não consigo me livrar de tais pensamentos.

Mãe: Tudo isso é devido às impressões guardadas dos nascimentos anteriores. Alguém consegue se livrar delas à força de

uma vez? Viva na companhia dos santos. Tente ser puro e tudo será atingido gradualmente. Reze ao Mestre. Eu estou com você. Saiba que você já atingiu a liberação neste nascimento. Por que teme? No devido tempo, Ele fará tudo por você.

Registrado por Srischandra Ghatak

Era o mês bengali de jyeshtha (maio/junho) de 1910. Um grupo saiu de Shillong com o objetivo de prestar respeito à Santa Mãe em Jayrambati. Todos nós tínhamos visto uma foto da Mãe tirada quando Ela era jovem. No caminho, um de nós viu a Santa Mãe em um sonho, da mesma maneira como Ela aparentava ser antes. Depois, ao vê-la em Jayrambati, a incrível semelhança da imagem do sonho com a própria Mãe nos deu uma imensa alegria. Um de nós já tinha recebido a iniciação espiritual de um monge. Ao saber disso, a Mãe comentou: “O mantra foi dado por um monge, você será iluminado”. Exceto por ele, o resto de nós recebeu o grande mantra da Santa Mãe naquela vez. Logo após a iniciação, pedimos a permissão dela para visitar Kamarpukur, Ela disse: "Como isso é possível? Hoje, filhos, devo lhes dar muita comida”.

Lemos no *Gita*: “O que é a ação e o que é a inação? Mesmo os sábios se espantam com tal pergunta. Por isso, direi o que é a ação. Quando souber, você se livrará das impurezas. Você deve aprender qual tipo de trabalho deve ser feito, qual tipo deve ser evitado e como podemos atingir um estado de desapego ao trabalho. A natureza verdadeira da ação é difícil de compreender”. Por isso, eu pensava no que mais eu teria que fazer para ganhar a emancipação das amarras terrenas após ter recebido a graça da Mãe. Eu perguntei à Ela: “Mãe, o que mais posso fazer?”. Ela respondeu: "Você não tem mais nada a fazer”.

Discípulo: Não devo fazer mais nada?

Mãe: Nada, querido.

Discípulo: Nada mais, sério?

Mãe: Não, nada mais.

Assim, seguro pela mesma resposta dada três vezes, fui convencido de que Ela, que tinha concedido sua bênção a mim, também tinha tomado para si a responsabilidade de me liberar do ciclo de nascimento e morte.

Eu tinha estudado a palma da mão de Tia Bhanu e falei à ela: “Tia, você viverá por mais vinte e cinco anos”. Ela foi à Mãe e falou: “Mãe, seu filho sabe quiromancia”. A Mãe imediatamente me chamou. Quando fui vê-la, Ela falou: “Querido, consegue ler as linhas em minhas palmas? Por favor, diga se ficarei recuperada da gota nas pernas”. Fiquei perplexo com sua pergunta porque eu não sabia nada sobre quiromancia. Eu tinha apenas dado um palpite no caso da Tia Bhanu. Ouvi dizer que a Santa Mãe aceitar os pecados de seus discípulos era o responsável pela dor nas pernas. Então, eu disse: “Já que somos responsáveis por este sofrimento, você pode realmente se livrar da dor se estivermos com você?”.

Ao ouvir isso, Ela ficou muito machucada e murmurou: “Ó Mãe, o que é isso que ele diz?”.

Vendo-a de tal maneira, falei: “Bem, Mãe, você realmente quer se livrar deste sofrimento?”.

Mãe: Sim, é claro.

Discípulo: Então você será curada.

Isso a deixou feliz. Um pouco depois, Ela comentou: “Veja o tipo de devoção que ele tem! Ele sente como se tudo dependesse da minha vontade”.

Fui me despedir da Mãe no dia em que eu ia embora para casa. Disse à Ela: “Mãe, não consigo manter a conta quando estou fazendo japa. Quando mexo os dedos, meus lábios não mexem; quando meus dedos e lábios mexem, minha mente falha em ficar fixa”. A Mãe respondeu: “No futuro, faça com que sua língua e lábios não se movam. Faça o japa mentalmente”.

Enquanto me despedia, eu a saudei e disse: “Mãe, vou embora agora”. Imediatamente, Ela interveio dizendo: “Querido, por favor diga ‘estou indo’, não deve dizer que ‘vai embora’”. Eu me corrigi e Ela me olhou com satisfação.

Seguindo o Durga Puja de 1912, a Santa Mãe ficou um tempo em Banaras. Nós também fomos para lá na época do aniversário da Mãe, no mês de dezembro. No dia do aniversário, nós a saudamos em Lakshminivas de manhã. Nós a adoramos com guirlandas de flores. A Mãe deu para cada um de nós uma guirlanda das que tinham sido oferecidas pelos devotos. Eu também compartilhei dos doces oferecidos à Mãe e depois fui para o Advaita Ashrama, onde Homa estava sendo feito após a adoração. Todos os presentes fizeram oblações. Nós fomos mais para frente para fazer nossas oblações quando alguns dos que estavam lá protestaram dizendo: “Você já pegou comida. Não faça oblações”. Como resultado, todos fizeram, exceto eu. Um pouco antes, a Santa Mãe tinha chegado ao Advaita Ashrama e tinha notado tudo que acontecera. Falando às devotas, a Mãe disse: “O que ele recebeu foi apenas a Prasada. Quando foi que ele comeu? Poderia certamente fazer as oblações”. Tudo isso ouvi depois das devotas.

***

No oitavo dia da primeira quinzena do mês de magha (janeiro, 1913), levei minha esposa e irmã viúva à Santa Mãe, na expectativa por sua graça divina. A Mãe foi gentil o bastante para

dar iniciação para as duas. Minha esposa disse à Santa Mãe: “Mãe, tenho vontade de fazer o Shiva Puja”. A Mãe respondeu: “Você é muito jovem, não conseguirá fazer corretamente. Mais para frente, com o devido tempo, você irá aprender como adorar Shiva. Agora, deveria se devotar ao serviço de seus pais em casa”. A Mãe elogiou minha irmã dizendo: “A mente dela é muito pura”. Tínhamos levado algumas mangas. As mangas estavam um tanto caras na época. Quando a Mãe viu as mangas, comentou: “Por que compraram mangas com o preço tão alto? Além disso, elas não estão boas para comer ainda, estão azedas”.

***

Durante o feriado de Janmashtami de 1913, eu e um grupo de companheiros discípulos fomos para Jayrambati. Já era noite quando chegamos ao monastério em Koalpara. Como nossa folga era curta, não passamos a noite no monastério, mas seguimos para Jayrambati. Fomos pegos por uma chuva muito forte no caminho. A noite estava muito escura. As estradas da vila estavam enlameadas e um pouco inundadas em algumas partes. Enfrentamos todas essas dificuldades e finalmente chegamos a Jayrambati, mas como já era bem tarde, a Santa Mãe não tinha sido informada de nossa chegada. Na manhã seguinte, saudamos a Mãe e contamos para Ela os acontecimentos. Ela falou: “Oh, querido, o Mestre deve ter protegido vocês. Quantas cobras deviam ter enquanto atravessavam pela estrada com lama no escuro! É muito doloroso para mim ouvir isso. Não é bom andar por aí de forma imprudente”.

Dissemos: “Mãe, ansiávamos por te ver e nosso tempo é curto. É por isso que estávamos com pressa”.

Mãe: É natural que tenham tal desejo, mas isso me deixa ansiosa.

Srimati Sudhira, que era a superintendente da Escola de Meninas de Nivedita, também estava em Jayrambati. Ao meio-dia, a Mãe me chamou e disse: “Veja, Sudhira vai viajar com vocês para Vishnupur. Por favor, vão com cuidado. O carro de boi que a levará deve ser colocado dentre os do seu grupo. Vocês todos são meus, filho”.

Discípulo: Com certeza a acompanharemos e também seguiremos suas instruções estritamente.

Enquanto jantávamos, a Mãe sentou-se perto e começou a conversar. Alguém abordou o assunto sobre a iniciação de um garoto que tinha uns sete anos. A Mãe disse: “Como ele pode receber a iniciação? Ele ainda é muito novo. Talvez nem saiba ainda como tomar banho sozinho! O menino é um devoto, deixe-o crescer. Deixe que ele seja um servo dos devotos de Deus”.

Como a conversa continuou, perguntei à Ela: “Mãe, comemos da comida de todos e de qualquer um, isso fará algum mal espiritual a nós?”.

Mãe: O Mestre contestava enfaticamente sobre alguém compartilhar da comida da cerimônia de Sraddha, porque ela afeta a devoção da pessoa. Embora em todas as cerimônias Narayana, o Senhor de Yajna (sacrifício/oferenda), seja adorado, o Mestre proibiu de comer da comida oferecida em tal cerimônia.

Discípulo: Então o que devemos fazer no caso da cerimônia de Sraddha de nossos parentes e pessoas próximas?

Mãe: Bom, como podem evitar no caso de relações próximas? Não dá.

No dia seguinte, fui vê-la por volta das duas horas da tarde. A Mãe estava sentada no chão em estado distraído. Uns dias antes, uma

inundação devastadora do rio Damodar causou problemas. Contei para Ela tudo o que eu sabia de ler nos jornais e de ouvir falar. Ela ouviu com paciência e depois disse com a voz repleta de tristeza: “Meu filho, faça o bem para o mundo”. Ouvindo tais palavras de seus lábios, mentalmente rezei à Ela para me conceder a oportunidade de servir ao Senhor manifesto como o universo. Enquanto a saudava antes de sair da casa, eu a ouvi sussurrar: “Só o dinheiro! O dinheiro! O dinheiro!”. Ouvindo isso, fiquei alarmado. Pensei que a Mãe estivesse talvez comentando sobre meu apego excessivo ao dinheiro. Imediatamente, Ela olhou para mim e comentou: “Não, filho, o dinheiro também é uma necessidade. Veja Kali”.

Em vinte e quatro de dezembro de 1915, fui com minha família ver a Mãe na casa de Udbodhan. Minha esposa levou alguns doces na mão. A Reverenda Golap-Ma os deixou de lado para oferecer ao Mestre em outro dia quando a Mãe contestou e disse: “Não faça isso. Ofereça agora ao Mestre seja lá o que minha nora tenha trazido. Isso fará bem à ela”. Na manhã seguinte, minha esposa foi ver a Mãe. Ao voltar para casa de noite, ela me contou: “Hoje a Mãe me banhou abundantemente com sua graça, e apenas a lembrança disso já me trará alegria para sempre. Por volta das nove, dez horas da manhã, Ela comeu arroz tufado e amendoim frito comprado por três paise. Colocando-os em seu avental e indo sentar no chão, Ela começou a graciosamente comer do lanche. De vez em quando, Ela me oferecia uma mão cheia dizendo: “Querida, coma, por favor”. Comparado às várias gostosuras que eu já havia comido, a alegria em comer aquele arroz tufado foi algo único. Ao meio-dia, Ela pediu para eu massagear seus pés. Ela também pediu para eu colocar seus lençóis ao sol. Por isso, Ela me favoreceu aceitando meus humildes serviços. Além disso, tive a seguinte conversa com Ela”:

Discípula: Posso oferecer a Ele peixe?

Mãe: Sim, pode. Enquanto oferece, você tem que recitar os mantras prescritos.

Ela perguntou: “Meu filho (querendo dizer o marido da moça) come peixe?”.

Discípula: Sim, ele come.

Mãe: Ele pode comer o quanto quiser.

***

Durante uma conversa, comentei: “Mãe, a pobreza está amedrontando o país todo como consequência da Guerra. Como as pessoas estão sofrendo! Alimentos e vestimentas ficaram muito caros!”.

Mãe: E apesar de tantos sofrimentos, as pessoas não se sensibilizam.

Discípulo: Mãe, essa Guerra trará algum bem?

Mãe: Quando Deus desce, tais coisas acontecem. Quantas mais acontecerão…

Quando fui me despedir de tarde, a Mãe lembrou de nossa viagem a Jayrambati na noite chuvosa de Janmashtami e me repreendeu dizendo: “Sair sem pensar nos riscos possíveis não é bom”.

Discípulo: Nunca mais farei isso.

Aparentemente, a Mãe me entendeu dizendo que eu não deveria ir para Jayrambati. Mas, também disse: “Você com certeza deve vir para cá, filho, mesmo um espinho em seu pé me afeta como uma

flecha no peito!”. Olhando para minha esposa, Ela falou: “Filha, fique de olho nele, ele não deve mais sair daquele modo”.

***

Durante o feriado de Puja em 1917, fui com Jatin, um de meus companheiros discípulos, para a casa de Udbodhan prestar minhas reverências à Santa Mãe. Tínhamos levado dois saris para Ela. Colocamos os saris aos seus pés e nos curvamos. Ela nos abençoou dizendo: “Queridos, vocês não estão bem de dinheiro, por que trazem roupas como essas?”. Ambos nos sentimos um pouco feridos e dissemos: “Mãe, seus discípulos ricos te presenteiam com roupas caras. Agora, seus filhos não tão ricos trouxeram essas roupas grosseiras. Por favor, aceite-as e preencha os desejos dos corações deles”.

Alegremente, Ela então disse: “Meu filho, isso é seda para mim, isso é tudo para mim! Isso significa muito para mim!”. Com essas palavras, Ela pegou os dois saris na mão. Na época, a Mãe estava sofrendo com muita dor de dente. Falando sobre isso, Ela comentou: “Meu filho, o Mestre falava: ‘Aquele que nunca teve uma dor de dente não pode apreciar a intensidade’”.

No ano de 1917, escrevi uma carta para Ela pedindo por suas bênçãos para a realização bem sucedida das celebrações de aniversário de Sri Ramakrishna em Ranchi. A Mãe respondeu: “É difícil expressar em escrita o quanto estou feliz de ter recebido sua carta. Vocês são todos filhos do Mestre. Em todos esforços nobres como esses, Ele estará com vocês. Com o que têm a se preocupar?”.

No mês de jyeshtha (maio/junho), 1919, perguntei à Mãe em Jayrambati: “Mãe, o Mestre ouve as orações feitas mentalmente a Ele? Deveríamos direcionar nossas orações a Ele em vez de contá-las para você?”.

Em resposta, a Mãe disse com a voz agitada: “Se o Mestre realmente existir, Ele definitivamente ouve as suas orações”.

Enquanto me curvava aos seus pés na hora de ir embora de Jayrambati, eu disse à Ela: “Mãe, se eu não encontrar um carro de boi durante o dia, vou andar de Kotulpur até Vishnupur”.

Mãe: Meu filho, por que quer sobrecarregar tanto o corpo? Por que deveria se cansar de tal maneira? Você com certeza encontrará um carro.

A profecia da Mãe se provou correta. Consegui um carro. Este foi meu último encontro com a Mãe, em um sentido físico.

Registrado por Swami Ritananda

Naquele dia, a Mãe estava muito ocupada com o Jagaddhatri Puja em Jayrambati. Ela falava de vez em quando: “Como será feita a adoração à Mãe?”. Hoje, Ela estava fazendo a adoração diária do Mestre bem cedo. Uma grande quantidade de frutas, doces, etc., foi oferecida. Na hora de oferecer, Ela disse ao Mestre: “Veja, a adoração à Mãe Divina será feita aqui hoje. Por favor, coma sua comida rapidamente porque preciso ir para o local da adoração”. Depois, Ela falou algo inaudível. Para mim, parecia que Ela falava com uma pessoa viva. Quando o Puja acabou, Ela foi até o local onde Jagaddhatri estava sendo adorada e ficou sentada durante todo o Puja, o tempo todo olhando atentamente para a imagem com um olhar adorador.

Um dia, fiz uma divulgação em Koalpara. Depois, colhi algumas flores para a Mãe usar na adoração ao Mestre e fui para Jayrambati. Quando cheguei lá, a Mãe falou: “Estava pensando que você chegaria bem agora e depois eu iria tomar banho”. Ela pegou os produtos e depois me deu arroz tufado para comer.

Então, vestindo uma roupa de banho, a Mãe começou a espalhar óleo no corpo, ao mesmo tempo em que falava sobre nós, os internos do monastério de Koalpara. De repente, Ela disse: “Eu sou sua Mãe. Por que deveria ficar envergonhado?”. Ela terminou o banho e saiu para fazer a adoração ao Mestre.

Um dia, pensei em perguntar para a Mãe como deveria fazer minhas práticas espirituais. À tarde, Ela estava fazendo japa com seu rosário sentada na varanda. Quando me aproximei, esqueci tudo o que queria perguntar. Não queria perguntar nada. Ao dizer simplesmente “Mãe, por favor aceite minha responsabilidade”, sucumbi às lágrimas. A Mãe me confortou dizendo: “Não chore. Eu já aceitei sua responsabilidade faz tempo. E o Mestre também aceitou sua responsabilidade faz tempo. Por que se preocupa?”.

Um dia, sonhei que a Mãe dizia para mim: “Faça o voto de Brahmacharya”. Quando contei isso para o Reverendo Hari Maharaj (Swami Turiyananda), ele disse: “Vá e conte isso para a Mãe”. Uns dias depois, falei sobre isso para a Mãe em Koalpara. Ao me ouvir, Ela sorriu e disse: “Está bem. Venha me ver com um manto novo amanhã quando eu fizer a adoração. Certifique-se que a visita seja privada”. No dia seguinte, fui à Mãe e vi que Ela tinha terminado a adoração e estava sentada na varanda massageando os dentes. Logo que me viu, Ela falou: “A adoração terminou, simplesmente esqueci. De qualquer maneira, volto assim que lavar a boca. Vá e sente-se na sala do altar”. Ao entrar na sala, a Mãe falou: “Feche a porta. Elas (as mulheres da família) estão aqui”. Depois disse: “Tire a camisa”. Pegando água do jarro de cobre do Puja, a Mãe borrifou um pouco em meu corpo. Depois, com a mão, tocou em meu umbigo, peito e cabeça, dizendo algo misterioso. Pegando o novo manto, Ela disse: “Veja, o Mestre está aqui. Diga: ‘Hoje estou dando a ti toda a minha responsabilidade’”. Depois, Ela me deu o manto dizendo: “Hoje concedi Sannyasa à sua alma”. Tão inebriado fiquei que esqueci de saudar a Mãe. Esse meu estado continuou por alguns dias.

A Mãe estava ficando em Koalpara junto com Radhu. Radhu, que estava quase louca, esperava um filho. A Mãe estava o tempo todo preocupada se Radhu ficaria bem com tal obrigação e, com tal propósito em mente, Ela estava fazendo oferendas para várias Deidades e ansiosamente rezando a elas.

Durante aqueles dias, a Mãe me disse: “Parece que o *Hanuman-charit* consegue prever o bom e mau futuro de uma pessoa. Por que você não vê se ele prevê algo para o destino de Radhu?”. Procurei uma cópia do livro e, dando uma lida, encontrei uma tabela. Uma pessoa tem que colocar o dedo em qualquer um dos quadrados. A Mãe colocou o dedo em um quadrado, e eu li o resultado do mesmo. Dizia que Radhu teria um bom futuro. Muito feliz com isso, a Mãe falou: “Então com certeza Radhu ficará bem. Já que é a palavra dele (de Hanuman), ela irá se recuperar”.

Uma vez, o gerente do monastério de Koalpara estava com opiniões diferentes das de seus colegas. A Mãe estava em Jayrambati. Sempre comprávamos mantimentos para Ela em Koalpara e os carregava para Jayrambati. A Mãe costumava me perguntar em detalhes sobre os membros do monastério. Ela sabia muito bem tudo que acontecia lá. Um dia, quando uma sobrinha dela me perguntou sobre o desentendimento, a Mãe disse para ela: “Por que quer saber sobre isso?”. Depois que ela saiu, a Mãe disse: “Veja, você tem que se adaptar a todas as condições. O Mestre costumava falar ‘Sha, sha, sha’, exercite a paciência em todas as coisas. O Mestre está cuidando de tudo”.

Depois, quando a Mãe estava em Koalpara, o diretor do monastério disse à Ela: “Mãe, os trabalhadores monásticos não querem ficar aqui. Por favor, fale para eles que não terão proteção em qualquer outro monastério e que todos terão que fazer seu próprio serviço. Eles querem ir para outro lugar”. Assim que ouviu, a Mãe disse com certa perturbação: “Como se atreve a me pedir para falar com

eles dessa maneira? Você quer que eu fale que eles não terão abrigo em nenhum outro lugar? Eles são meus filhos e tomaram refúgio no Mestre. Onde quer que vão, o Mestre cuidará deles. E você quer que eu fale para eles que não encontrarão abrigo em nenhum outro lugar! Jamais poderia dizer tal coisa". A Mãe estava falando com a voz alta. Todos ficaram assustados. O diretor caiu de joelhos aos seus pés e falou chorando: "Mãe, por favor me perdoe e me proteja". A Mãe imediatamente ficou quieta.

Um dia, um devoto da Bengala Oriental veio receber iniciação da Santa Mãe, que estava ficando em Koalpara. Quando a Mãe foi informada disso, Ela disse: "Não, ele não receberá a iniciação". Ao ouvir isso, o devoto ficou desapontado. No dia seguinte, sem dizer a ninguém, ele sentou-se ao sol, fora da casa onde a Mãe estava ficando, e começou a chorar. Ao saber da situação, a Mãe falou: "Por que ele está chorando assim? Peça para ele ir embora". Fui até ele transmitir a mensagem da Mãe, mas ao ver a condição lamentável dele, não consegui falar. No meio tempo, percebi que a Mãe tinha aberto parcialmente a porta e olhava para o devoto. Assim que entrei, a Mãe disse para mim: "Diga que ele receberá a iniciação amanhã". Ao ouvir isso, o devoto começou a chorar ainda mais. Ele recebeu a iniciação no dia seguinte.

Um devoto letrado, com o nome de Krishnaprasanna, ficou no monastério de Koalpara alguns dias. Um dia, a Mãe disse para nós: "Vejam, no devido tempo, muitos devotos virão do exterior. Vocês precisam aprender inglês com Krishnaprasanna". Começamos a fazer aulas, mas foram descontinuadas uns dias depois quando ele foi embora.

Uma certa devota tinha consigo uma impressão dos pés da Santa Mãe que sumiu um determinado dia. Isso levou a uma briga dentre as mulheres. A Mãe, que estava ficando em Koalpara, riu disso e falou: "Por que fazem tanta confusão com isso? Estou aqui. Tirem quantas impressões quiserem!". Depois, Ela trouxe alguns pedaços

de pano e tinta líquida e fez uma boa quantidade de impressões. Isso também acabou com a briga!

Um dia, na residência do Tio Prasanna, a Mãe disse durante uma conversa: “Antes de Radhu nascer, ela ficava se movimentando na minha frente como uma sombra. Apontando para ela, o Mestre disse: ‘Tome-a como um apoio para viver’. Vê o quanto estou atada à Radhu? Como Gaurdasi criou bem sua filha adotiva, mas eu criei um macaco!”.

No monastério de Koalpara naquela época, costumávamos comer arroz parboilizado. Escassez de dinheiro não nos deixava comprar o suficiente de legumes. Tal alimento pobre resultou na deterioração da saúde de todos os membros do monastério. Ao tomar conhecimento disso, a Mãe falou: “Por que não comem peixe? Qual o ponto em deteriorar a saúde por não comer peixe? Estou dizendo, não há mal algum nisso. Comam peixe”. Depois, a Mãe disse isso repetidamente ao diretor, persuadindo-o a introduzir peixe na dieta do monastério.

Um dia em Jayrambati, um certo Swami aproximou-se da Mãe com um papel, caneta, um pote de tinta e falou: “Mãe, estou conseguindo apenas um pouco de leite da única vaca que temos, não é o suficiente para suprir nossas necessidades. Por isso, estou pensando em comprar outra vaca. Se você permitir, escreverei para alguns devotos pedindo dinheiro”. A Mãe respondeu: “Muito bem, escreva. Você está me tomando como instrumento, não é? Você acha que se escrever aos devotos, o dinheiro chegará, não é?”.

Depois que ele saiu, a Mãe disse sorrindo: “Veja o desejo que ele tem! Uma vez, quando Baburam estava sofrendo de problemas no estômago, dei para ele um xarope de cana de açúcar para tomar. O Mestre percebeu e disse um dia: ‘O que você deu para Baburam tomar?’. Respondi: ‘Xarope de cana-de-açúcar'. Ao ouvir, Ele

comentou: ‘Eles terão que ser monges (renunciantes). Que hábitos ruins você os está ajudando a cultivar?’”.

Um dia perguntei à Mãe: “Como devo fazer as práticas espirituais?”. Ela respondeu: “Você atingirá tudo se chamar o Mestre”. Como não fiquei satisfeito com isso, perguntei de novo. Aborrecida, a Mãe disse enfaticamente: “Não sei de nada mais. Você atingirá aquilo que pedir a Ele”.

Um certo devoto tinha ido à Mãe para iniciação. Ela perguntou a ele: “Qual o mantra da sua família?”. O devoto respondeu: “Não sei”. A Mãe ficou quieta um pouco e depois disse: “Este é o mantra da sua família” e o iniciou. Averiguação posterior revelou que a Mãe estava correta.

Um dia em Koalpara, um homem comprometido mentalmente começou a se fazer de louco em frente da casa da Mãe. Ao ver seu comportamento excêntrico, a Mãe falou: “Veja, é como uma congregação de loucos! Todos os loucos se reúnem aqui. Radhu é louca, sua mãe é louca, tais pessoas constituem a minha família”. Falando isso, Ela ficou quieta. Depois, proclamou um verso: “A Deusa Chandi virá à minha casa, ouvirei à sagrada Chandi. Muitos Sannyasins, Yogis e homens santos se reunirão lá”.

Registrado por Smt. Susheela Mazumdar

Partindo de Bhowanipur, fui, em companhia de meu marido e filho, para a casa de Udbodhan prestar minhas reverências à Santa Mãe. Eu vi a Mãe de pé em frente à soleira da porta do quarto do meio no primeiro andar conversando com alguém. Quando a saudei, Ela falou: “De onde você vem, filha?”. Ela agia como se nos conhecêssemos há muito tempo. Respondi: “Nossa casa é em Dacca”. Antes que terminasse a conversa, Golap-Ma chamou a Mãe, dizendo que Ram Babu e Nital Babu tinham vindo vê-la. Enquanto isso, Kapil Maharaj me disse: “Por favor, aguarde um

pouco. O filho de Balaram Babu e o neto chegaram. Depois que eles terminarem de falar com a Mãe, você poderá falar com Ela”. Nital Babu chegou e ficou em frente à Mãe. Após falar com ele, a Mãe me deu dois rasagollas e foi para a sala do altar encontrar Ram Babu.

Fiquei esperando com os dois rasagollas nas mãos. Depois que a Mãe falou com Ram Babu, Ela me chamou à sala do altar e perguntou: “Por que você não comeu? É comida consagrada. Por favor, coma-os”. Naquele momento, uma certa devota entrou e comentou: “A Mãe presenteou todos com os doces. E agora o que vamos comer?”. Envergonhada com o comentário dela, já que os dois rasagollas ainda estavam nas minhas mãos, falei: “Você pode levar esses dois rasagollas, por favor”. Ela respondeu: “Não, filha, não quis dizer sobre você. Por que eu deveria pegar os seus?”. Depois, a Mãe disse à ela: “Ah, por favor não diga uma coisa dessas. Isso magoará os devotos. Como tem muita gente, a Prasada não foi o suficiente, mesmo que apenas dois doces tenham sido dados para cada um. Ah, eles vieram de uma parte muito remota do país com grande dificuldade”. Depois, porque a Mãe pedia insistentemente, acabei comendo os doces. A própria Mãe trouxe água para mim. Mais tarde, Ela disse: “O caldo dos doces deixou o chão sujo. Por favor, limpe-o com um pano molhado e lave suas mãos”. Depois de terminar a tarefa, a Mãe sentou e começou a perguntar sobre mim. Assim que estava para dizer “Tenho um filho”, Ni– chegou para saudar a Mãe. Eu falei: “Mãe, este é meu filho”. Ni– saiu depois de fazer Pranam à Mãe. Depois, Ela perguntou: “Você já arrumou casamento para ele?”.

Discípula: Não, ainda não.

Mãe: Ele é seu filho único. Por que ainda não procurou casamento para ele?

Discípula: Ele não quer casar.

Mãe: Ah, isso está na moda hoje em dia entre os meninos jovens! Por que um homem casado não pode levar uma vida virtuosa? É apenas pela mente que alguém atinge algo. O Mestre não casou comigo? Seu filho já recebeu iniciação?

Discípula: Sim, ele foi abençoado por você.

Mãe: Sim! Por que então ele deveria casar? Tudo bem, falarei com ele. Talvez ele não queira enfrentar as dificuldades. Aquele que se segura em Deus, mesmo quando afetado pelos sofrimentos, certamente chegará a Ele. Mas, diga-me, qual o seu desejo?

Discípula: Mãe, não sei o que será dele. Você sabe o que é bom e o que é ruim para ele. Portanto, será como você disser. Eu não tenho qualquer outra opinião.

Mãe: Perceba, apenas aquele que pertence a uma elevada categoria espiritual pode se tornar monge e se liberar de todos os tipos de grilhões. Outros, no entanto, nascem apenas para desfrutar do mundo. Digo, é bom exterminar por completo os divertimentos e os sofrimentos. Porém, isso era diferente no caso dos companheiros do Mestre.

Discípula: Mãe, ele é seu filho. O bem e o mal dele dependem inteiramente de você. Faça como desejar.

Mãe: Deixe que ele case. Que todos os prazeres e sofrimentos diminuam completamente. No entanto, é difícil prever que tipo de experiência chegará até ele. Tenha certeza disso, porém, assim que o Mestre pegá-lo, ele nunca cairá. Você aguarde com a mente plácida. Eu o iniciei com um mantra dado pelo Mestre. Pode o azar recair sobre ele?

Depois, Ela falou: “Você quer comer Prasada aqui?”. Como respondi afirmativamente, a Mãe saiu para falar à empregada e voltou.

Mãe: De quem você recebeu iniciação? Quem te falou sobre o Mestre?

Discípula: Quando fomos conhecer Nag Mahasaya em Deobhog, ouvimos dele as glórias sobre Sri Ramakrishna. Notando a condição tranquila da mente de Mahasaya, sempre tive um grande desejo de ver Sri Ramakrishna e você. Não tive sorte o bastante para ver o Mestre, mas, por sua graça, vi seus santos pés e, por isso, meu desejo de ver Sri Ramakrishna também foi preenchido. Eu ainda não tive iniciação direta.

Mãe: Você a recebeu em sonho?

Discípula: Sim, Mãe. Eu te vi em sonho e recebi iniciação de você.

Mãe: Você se lembra do mantra?

Assim que falei qual era o Bija (sílaba semente), a Mãe disse: “Sim, você pertence a essa categoria. Você é muito afortunada!”.

Discípula: Mãe, você não vai dizer mais nada?

Mãe: Não, faça japa com esse Bija. Saiba por certo que isso te fará bem. Com quem você veio?

Discípula: Vim com meu marido.

Mãe: Onde ele está? O que ele faz?

Discípula: Ele é o gerente do patrimônio de Ram Babu.

Mãe: Oh, querida! Você é a esposa do gerente? Por que não disse antes? Ô Radhu, ô Maku, venham e saudem a esposa do gerente.

Um pouco surpresa com a atitude da Mãe, falei: “Mãe, o que está dizendo? Sou uma Kayastha. Elas, sendo de família Brâmane, como podem me saudar?”. Mas a Mãe disse: “Não fale assim. Você é uma devota. Devotos não têm castas. Elas colherão o bem se te saudarem”. Assim que Radhu e Maku chegaram, ajoelhei aos pés delas. Então, a Mãe falou para elas: “Parem, parem, ela não deixará vocês fazerem saudação. Ela e a família são devotos e, por isso, enxergam o Senhor em todos os seres. Bom, o que você ouviu em Deobhog de Durga (o nome de batismo de Nag Mahasaya, Durgacharan Nag)? O que aconteceu para você visitá-lo e se tornar próxima dele?”.

Discípula: Uma vez, meu marido foi lá para ver o santo Nag Mahasaya. Naquela ocasião, ele conquistou o coração de meu marido com seu afeto inegoísta e falou repetidamente sobre Sri Ramakrishna. Ele também visitou nossa casa para me ver. Ficando encantados com sua atitude e amor, nós o visitamos por muito tempo. E ele graciosamente nos tornou “dele” e nos contou sobre a grandiosidade de Sri Ramakrishna e você. Como resultado, sentimos-nos atraídos por você e pelo Mestre em nossos corações. Ele falava: “Não sou nada, Sri Ramakrishna é meu tudo. Se querem o bem, tomem refúgio nele, de coração e alma. Não há outra saída que não esta. Por sorte, vi os pés sagrados do Mestre e me tornei abençoado. Vi Swamiji (Swami Vivekananda) - o próprio Senhor Shiva -, e também vi a Mãe Divina encarnada e recebi suas bênçãos. O que mais posso dizer? Com todo seu corpo, mente e alma, tome abrigo aos pés santos da Mãe e do Mestre, e isso te fará bem”.

Mãe: Ah, o que posso dizer dele? Ele me olhava como se eu fosse a própria Mãe Divina. Quando ele veio me ver a primeira vez, eu estava jejuando no dia de Ekadasi. Naqueles dias, nenhum homem

devoto estava permitido em minha presença. Os devotos me saudavam tocando na escada com a cabeça. Uma empregada anunciava o nome do visitante dizendo: “Tal e tal (nome da pessoa) está te saudando, Mãe”, e eu mandava as bênçãos. Naquele dia, a empregada falou: “Mãe, quem é este Nag Mahasaya? Ele está te saudando, mas batendo a cabeça tão forte na escada que é provável que sangre. Maharaj (Swami Yogananda) está atrás dele tentando persuadi-lo a parar, mas ele não diz uma palavra. Parece estar inconsciente. Ele é louco, Mãe?”. Respondi: “Oh, querida, fale para Yogen trazê-lo aqui”. Segurando-o, Yogen o trouxe para Mim. Vi que sua testa estava inchada, lágrimas rolavam por seu rosto e seus passos não eram firmes. Cego pelas lágrimas, ele não conseguia me ver. Eu o fiz sentar. Ele falava apenas “Mãe, Mãe”, como se estivesse insano, por outro lado, ele estava quieto, calmo e comedido. Eu enxuguei suas lágrimas. Eu tinha acabado de sentar para comer luchi, doces e frutas quando ele apareceu. Comi um pouco e depois tentei alimentá-lo com a Prasada, mas ele não conseguia comer, não conseguia engolir a comida porque estava sem consciência externa. Ele simplesmente sentou tocando meus pés e repetindo “Mãe, Mãe”. Minhas companheiras começaram a dizer: “Mãe, sua comida vai esfriar. Vamos pedir ao Maharaj (Swami Yogananda) para tirá-lo daqui”. Eu falei: “Espere. Deixe ele voltar a si um pouco”. Porque toquei em sua cabeça, no corpo e repeti o nome do Mestre por um tempo, ele recobrou a consciência externa. Depois, comecei a comer e também dei para ele. Quando ele terminou, foi levado para o andar de baixo. Antes de ir embora, ele apenas disse: “Não eu, mas Tu! Não eu, mas Tu”. Eu disse para aqueles que estavam por ali: “Vejam como ele é sábio”. Ele fazia tudo por mim. Uma vez, ele chegou usando um manto todo rasgado e carregando na cabeça uma cesta contendo mangas colhidas de suas próprias árvores. Ele tinha o desejo de me alimentar enquanto sentava ao meu lado, mas ele não expressava isso. Ele começou a andar por ali com a cesta na cabeça como um maluco. Yogen disse: “Diga à Mãe que Nag Mahasaya trouxe mangas. Ele não diz uma palavra sequer e não dá a cesta para

ninguém”. Eu falei: “Mande-o aqui”. Quando ele chegou, estava com a cesta na cabeça. Um Brahmacharin tirou a cesta de sua cabeça. Eu ainda não tinha terminado a adoração diária do Mestre. Depois de me saudar, ele ficou inconsciente assim como na ocasião anterior. Ele repetia o nome do Mestre e falava “Mãe, Mãe”. Lágrimas jorravam de seus olhos. As mangas eram de ótima qualidade. Algumas foram cortadas e oferecidas ao Mestre. Yogin-Ma trouxe Prasada para mim em um prato feito de folhas de sal. Comi um pouco e disse para Golap-Ma: “Dê a ele um prato de folha”. Quando o prato foi trazido, coloquei alguns pedaços de manga do meu prato e falei: “Por favor, coma”. Mas quem ia comer? Ele não tinha consciência do corpo e as mãos estavam como que paralisadas. Segurei suas mãos e tentei persuadi-lo a comer, mas ele não conseguia. Em vez disso, pegou um pedaço de manga e começou a passar no rosto e na cabeça. Chamei alguém lá de baixo e eles o levaram para o térreo. Por fazer repetidos Pranams batendo a cabeça no chão, a testa ficou inchada. Ele não comeu. Soube que ele recobrou a consciência depois de um tempo e foi embora.

Logo depois, os pratos de folha foram arrumados. A Mãe disse: “Venha, você comerá Prasada”. Segui a Mãe até a sala de jantar e Ela falou: “Venha, sente-se de frente para mim do outro lado da mesa”.

Ela misturou o arroz com manteiga, comeu três punhados e disse para mim: “Coma dessa Prasada, pegue com sua mão”. Quando estendi a mão direita, a Mãe falou: “Alguém recebe Prasada assim? Estenda as duas mãos para pegá-la!”. Estendi as duas mãos e a Mãe colocou tudo que tinha de arroz nelas, apertando com sua mão. Depois disse: “Toque as mãos na cabeça e coma”. Ficando surpresa, falei: “Mãe, sou Kayastha, você me tocou enquanto comia. Como poderá comer agora?”. Ela respondeu: "Vocês são todos meus filhos. Qual diferença de castas pode haver entre vocês e eu? Vocês são meus filhos. Agora, coma a Prasada”.

Então, timidamente, comecei a comer. Com alegria, a Mãe também começou a comer. A todo momento, Ela perguntava o que eu queria.

Mãe: Bem, querida, existe algum local de peregrinação em sua parte do país (Dacca, Bangladesh)?

Discípula: Não, Mãe. Não conheço nenhum local sagrado para mencionar. Porém, as pessoas dão um mergulho sagrado em um dia específico. É chamado de banho de Brahmaputra.

Mãe: Sim, já ouvi falar. Tudo bem, você me leva lá. Posso ir até a localidade de vocês e fazer uma peregrinação também.

Discípula: Mãe, será que a Bengala Oriental (agora Bangladesh) terá essa boa sorte?

Mãe: Por que não teria? Há muitos devotos do Mestre lá. Naren foi para lá, Sarat também e muitos outros. Por que eu não iria para um lugar onde as pessoas adoram o Mestre?

A Prasada continha sopa de legumes, dois tipos de curry e uma sopa amarga. A Mãe falou: "Sirva peixe para eles".

Discípula: Não, Mãe, estou satisfeita com a Prasada, não comerei peixe.

Mãe: Por que isso, querida? Você é uma mulher cujo marido está vivo e não comerá o peixe?! Por que não pintou as solas de seus pés com tinta?

Discípula: Na nossa parte do país, pintar os pés com tinta não está em voga. Pulseiras de concha nos punhos e o ponto vermelho na testa indicam que o marido de uma mulher está vivo.

Mãe: Pode ser, mas nessa parte aqui do país, as mulheres usam pulseira de concha e o ponto vermelho como adereços. Aqui, pulseiras de ferro e tinta são os símbolos de que uma mulher tem o marido vivo.

A Mãe foi servida com leite, uma manga e um doce. Ela misturou tudo, comeu um pouco e falou: “Deixarei um pouco para seu filho”. Quando a refeição terminou, eu estava tirando os pratos quando Lakshmi-Didi chegou com pressa e se encarregou daquilo. Eu não queria deixar o prato, mas Lakshmi-Didi também não o largava. No fim, a Mãe levantou e disse: “Deixe que Lakshmi leve tudo. Dentre elas, você é a mais velha e já que elas estão aqui, por que você deveria se encarregar disso?”. Por isso, fui induzida a deixar o prato. Depois, fui com a Mãe para o banheiro. A Mãe encheu um jarro com água de um balde e o deu para mim dizendo: “Lave sua boca e as mãos”. Senti-me muito estranha e falei: “Mãe, não posso te obedecer”. Ela falou: “Por que não? Te fará bem se fizer o que falei. Venha, lave-se, tem outros esperando. Toque o jarro de água com a testa”. Sem opções, obedeci ao comando. Depois, quando estava saindo, a Mãe falou: “O que? Por que não lavou os pés?". Falei: “Vou lavar mais tarde”. A Mãe disse: “Não, não, venha. Vou colocar a água”. Depois, fiquei atrás da Mãe e falei: “Mãe, não posso fazer isso”. A Mãe respondeu: “Qual o problema? Primeiro, borrife um pouco de água na cabeça. Se ouvir minhas palavras, será para seu bem”. Novamente, sem outra opção, fiz como Ela falou e quando chamou, segui com Ela até o quarto.

Entrando no quarto, a Mãe ficou como que surpresa e após um segundo, disse: “Ó, o que você fez? O que meu filho vai comer?”. Percebi que uma devota dizia para si mesma: “Tudo será comido pelos filhos dela e nós morreremos de fome!”, enquanto comia alegremente a Prasada que a Mãe tinha guardado para Ni–. Ao ver isso, ri muito. Lakshmi-Didi e outra mulher também começaram a rir. Eu mal conseguia controlar a risada, mas a Mãe parecia muito preocupada e ficou quieta. Depois, Ela mandou alguém perguntar

se a cozinheira tinha fechado a cozinha e, se não tinha, qual comida ainda tinha restado. Ao saber que tinha mais arroz, legumes e curry, Ela falou: “Peça à cozinheira para trazer uma pequena quantidade de cada item”. Quando ela trouxe tudo em um prato, a Mãe misturou, comeu um pouco e deixou uma parte coberta, dizendo: “Isso é para o meu filho”. Eu estava atrás dela e imaginando como Ela conseguia comer arroz duas vezes. Eu também estava pensando em como poderia oferecer algum serviço à Mãe. Eu havia usado a água dada por Ela para limpar a boca e lavar os pés, porém, não tinha feito nenhum serviço para Ela. Eu estava andando atrás da Mãe quando Ela entrou na sala do altar e falou para mim: “Minha toalha está pendurada na porta, pegue-a e limpe meus pés”. Ao ouvir isso, fiquei inundada de alegria. Trouxe a toalha e depois a Mãe falou: “Vou sentar na cama. Por favor, limpe bem as solas dos meus pés”. Enquanto limpava seus pés, eu os toquei com a cabeça várias vezes. Sorrindo um pouco, a Mãe disse: “Tudo bem, pode parar agora”.

Lakshmi-Didi trouxe uma folha de bétele e disse sorrindo: “Você é afortunada, a Mãe te favoreceu sem você falar nada. Agora, pegue esta folha”. Cega pelas lágrimas, não conseguia ver. A Mãe pegou a folha e a deu para mim dizendo: “Coloque essa esteira no chão, cubra-a com o tapete e coloque aquelas três almofadas”. Quando a cama foi preparada, a Mãe deitou. Sentando perto dela, comecei a massagear seus pés e Ela falou: “Agora deite-se ao meu lado”. Ao perceber minha hesitação, Ela disse: “Deite-se colocando a cabeça na almofada”. Eu disse: “Mãe, quando eu adormecer, meus pés podem tocar seu corpo, por isso não vou deitar”. A Mãe respondeu: “Por que isso, filha? Estou te dizendo para deitar”. Fiquei nervosa. Precisava seguir a ordem dela. Ela falou: “Tenho muita alegria em te encontrar, assim como uma mãe se sente alegre quando a filha chega em casa vinda da casa do sogro depois de um tempo. Quando você voltará para casa?”. Eu falei: “Devo ir essa noite, Mãe. Por favor, lembre de mim, sua filha pedinte”. Ao falar isso, comecei a chorar. Ela falou: “Oh, querida, querida! Por que fala

assim? Você é minha princesa. Eu mesma te iniciei. Não há nada com o que se entristecer. Não precisa se preocupar, vou cuidar de tudo por você, sob todas as condições”.

Radhu voltou da escola às quatro da tarde. Depois de lanchar, a Mãe disse para ela: “Venha, vou trançar seu cabelo”. Radhu respondeu: “Não, eu mesma farei isso”. A Mãe pegou um pente para trançar o cabelo dela, mas Radhu pegou o pente e começou a bater na Mãe com ele. A Mãe comentou: “Menina maluca! O que farei com ela?”. Yogin-Ma chegou e fez Pranam à Mãe. Vendo Radhu bater na Mãe, ela falou: “O que é isso? Por que Radhu bate em nossa Mãe? Eu a castigarei”, mas Radhu não parava. Então, a Mãe falou: “Vou chamar Sarat, não posso mais tolerar essa dor”. Yogin-Ma falou com o Reverendo Sarat Maharaj, que saiu de seu quarto no térreo e gritou: “Radhu, não machuque a Mãe”. Ao ouvir a voz dele, Radhu rapidamente parou. Kusum-Didi disse: “Venha, vou trançar seu cabelo”. Tal qual como se fosse uma garota comportada, Radhu foi até ela e sentou-se bem perto. Naquele momento, a mãe de Radhu chegou sem avisar: “Veja, um de seus discípulos chegou com algo nas mãos. Se for um pedaço de tecido, vou usá-lo para fazer meu mosquiteiro”. Na verdade, Ni– tinha trazido frutas, doces e um tecido. Assim que ele saudou a Mãe, Ela disse: “Ah, o tecido é ótimo, os doces e frutas estão muito bons também. Golap, leve-os e deixe-os prontos. Quando abrir o santuário, tudo deve ser oferecido ao Mestre. Ah, o rosto do meu filho parece que está seco. Lave seu rosto, mãos e depois coma Prasada. Que você possa viver muito, meu filho, e que você tenha devoção. Porém, você terá que casar”. Ni– saudou a Mãe e desceu. Golap o seguiu, levando o prato contendo a Prasada. Então, a mãe de Radhu começou a fazer pedidos inapropriados dizendo: “Dê-me aqueles dois saris. Farei o topo do meu mosquiteiro com eles”. A Mãe falou: “Como? Meu filho ficará magoado”. Um pouco depois, a Mãe disse para Kusum-Didi: “Por favor, traga um sari para mim”. Yogin-Ma comentou: “Veja como são afortunados. Quem são eles, eu me pergunto. Apenas em um

dia receberam tanta compaixão da Mãe. Que garota abençoada você é! Tenho vontade de te saudar”. Ao ouvir isso, encolhi - o que ela estava dizendo?! Então, a Mãe comentou: “Eles são da Bengala Oriental e têm grande fé. É benéfico até mesmo apenas ver tais pessoas”.

Esta é uma foto de grupo tirada por B. Dutta, no ano bengali de 1316, 1909 d.C. Na foto, da esquerda para a direita estão Durga-Ma, Radhu, Santa Mãe, Maku, Kusum e Harir-Ma.

Novamente, limpei os pés da Mãe com uma toalha. A Mãe colocou um sari limpo, sentou na esteira para a adoração e começou a rezar ao Mestre: “Ó Senhor, cuide do bem-estar deles. Eles te amam mais do que a própria vida, e por isso vieram a mim de uma terra distante enfrentando várias dificuldades”. Depois, a Mãe me chamou e perguntou: “Você tem alguma pergunta a fazer?”.

Discípula: Mãe, fiquei surpresa ao ver jovens viúvas comendo peixe aqui. Em nossa parte do país, isso é proibido pela sociedade.

Mãe: Sabe o que é isso? É apenas costume local e regional. Em nossa parte do país, as jovens viúvas podem comer peixe, usar

saris bordados e joias. Elas naturalmente possuem tais desejos e se forem restringidas de comer peixe, isso não será bom.

Discípula: Mãe, pode o desejo pelos prazeres ser abandonado?

Mãe: Não, querida, o que você diz é verdade. Mas, quando as pessoas crescem, elas veem o comportamento dos outros e ficam com vergonha de sua própria conduta. Além disso, em momento de briga, sofrem com os comentários cáusticos e então se restringem em não reagir.

Discípula: Bem, Mãe, você sendo uma senhora Brâmane, como conseguiu comer arroz duas vezes?

Mãe: O que quer dizer, filha? Quando comi arroz duas vezes?

Discípula: Quando deu Prasada para o meu filho.

Mãe: Posso fazer tudo pelo bem-estar dos meus filhos. Não há qualquer mal nisso. No caso da Prasada, não pode-se opor-se a comê-la mesmo que sejam cinco vezes! A comida consagrada não é como a comida comum. Não deixe que sua mente fique perturbada com tais trivialidades. Isso te fará esquecer do Senhor. Seja lá o que as pessoas digam, lembre-se do Mestre e faça o que considerar correto. O Mestre costumava dizer: “Olhe para as pessoas como se fossem minhocas”. Ele não queria dizer isso para todos os tipos de homens, Ele se referia apenas aos erráticos e às pessoas de tendências maldosas.

Tinha chegado o momento de ir embora. Uma carruagem estava esperando por mim. Com lágrimas nos olhos, a Mãe tocou em minha cabeça e disse: “Venha novamente”. Não conseguia suportar a ideia de ir embora. Abracei os pés da Mãe e comecei a chorar. Ela falou: “Não chore, querida, Eu já sou ‘sua’. Venha novamente”.

Este foi meu primeiro e último encontro com a Santa Mãe. Suas bênçãos e palavras amorosas de consolo são um tesouro em minha vida.

Registrado por um devoto anônimo

Alguns dias após ter recebido iniciação da Santa Mãe, surgia na cabeça de Lalmohan (Swami Kapileswarananda) uma pergunta: “O que fiz? Ah não, recebi iniciação de uma mulher”. Isso gradualmente se desenvolveu em uma severa angústia mental. Finalmente, ele decidiu abandonar o mantra, a menos que o Mestre resolvesse seu conflito mental no período de um dia. No dia seguinte, Lalmohan, sob instrução do Reverendo Baburam Maharaj (Swami Premananda), levou leite para a casa da Santa Mãe em Calcutá. Assim que ele se levantou após saudar a Santa Mãe, Ela disse a ele: “Veja, não fui eu quem te deu o mantra, foi o Mestre”. Alguns dias depois, aquela dúvida novamente o assombrou. Uma ideia lhe chegou: “Devo acreditar que o próprio Mestre me deu a iniciação apenas se Haren Babu vier a anunciar que recebeu o poder da Mãe”. Uns dias depois, na época do festival de aniversário do Mestre, Haren Babu realmente chegou e disse: “Hoje fui favorecido com um poder especial da Santa Mãe”. Apenas depois disso todas as incertezas dele desapareceram.

Uma vez, foi resolvido, por algum motivo particular, que os serviços da cozinheira Brâmane da casa de Udbodhan seriam dispensados. Mas, porque isso causaria inconveniências à Mãe, o diretor monástico do Centro não levou a ideia adiante. Quando o assunto foi falado para a Santa Mãe, Ela disse: “No fim, vocês todos são monges. A renúncia é o objetivo de vocês. Não conseguem renunciar à cozinheira?”.

Certa vez, um monge de Belur Math deu um tapa em um servente devido à insubordinação. Quando essa notícia chegou aos ouvidos

da Mãe, Ela falou: “Eles são monges, deveriam viver embaixo de árvores, porém agora vivem em monastérios, com prédios, empregados. E mais ainda, um deles chegou mesmo a bater em um servente!”.

Swami Brajeswarananda tinha ido pedir à Mãe permissão para praticar austeridades em Uttarakhand. Ao ouvi-lo, a Mãe disse: “Este é o mês de kartika (outubro/novembro), as quatro portas da morada de Yama estão agora abertas. Sendo sua Mãe, como posso conceder permissão agora?”.

Uma pessoa tinha cometido uma ofensa um tanto séria. Alguns aconselharam à Mãe que punisse severamente aquela pessoa, mas Ela disse: “Sou a Mãe dele, como posso fazer algo assim?”.

Uma vez, um devoto disse à Mãe: “Sou muito pobre, Mãe. Tenho vontade de vir te ver de vez em quando, mas como não posso trazer oferendas como gostaria, não venho sempre”. Ao ouvir isso, a Mãe disse compassivamente: “Meu filho, não se preocupe com isso. Sempre que quiser me ver, traga apenas uma fruta”.

Um certo devoto tinha ido ver a Mãe. Ela perguntou a ele: “Você já recebeu a iniciação de mim?”. O devoto respondeu: “Sim, Mãe, mas ainda estou muito atado ao mundo, não sou casado, mas ainda assim fico muito ocupado com os assuntos familiares. O que acontecerá comigo, Mãe?”.

Dizendo “Deixe-me ver”, a Mãe estendeu a mão para tocar no peito do devoto e ele começou a, apressadamente, desabotoar o casaco. Após ter estendido a mão até certo ponto, Ela comentou: “Não precisa tirar o casaco. Você com certeza atingirá o resultado, caso contrário, minha mão não teria se movido naquela direção. Não te dei nada meu, mas apenas aquilo que recebi do Mestre. Se não for eficaz, ele mesmo virá para te ajudar”.

Um dia, a mãe de um monge propôs à Santa Mãe que seu filho voltasse para a vida do mundo. A Mãe disse para ela: “É uma grande sorte ser mãe de um monge, porém, as pessoas não conseguem desapegar nem mesmo de um jarro de cobre, como poderiam pensar em renunciar ao mundo? Você é a mãe dele, por que se preocupa? Embora ele seja monge, sempre te servirá”.

Determinada vez, durante uma conversa, a Mãe disse a um devoto: “O Mestre é realmente Deus, que assumiu um corpo humano para remover os sofrimentos dos homens. Ele viveu como um rei que caminha por sua cidade disfarçado e deixou o mundo assim que sua identidade foi descoberta”.

Durante a última estadia da Mãe em Jayrambati, um dia, a cozinheira voltou às nove da noite e falou: “Toquei em um cachorro. Preciso tomar banho agora”. A Mãe disse: “Não tome banho a essa hora. Lave as mãos e os pés, e troque de sari”. A cozinheira perguntou: “Será o suficiente?”. A Mãe respondeu: “Então, borrife um pouco de água do Ganges no corpo”, mas essa sugestão também não a satisfez. Finalmente, então, Ela disse: “Tudo bem, então toque em mim”.

De vez em quando, o Swami Jnananada preparava alguns tipos de pratos em Nabasan e levava para Jayrambati. No caminho, pessoas de uma vila ficavam surpresas com as visitas frequentes do Swami e um dia alguém perguntou: “Ah, em qual ilusão ele caiu!”. Quando o Swami falou disso para a Mãe, Ela disse: “Perceba, filho, eles são pessoas com a mente mundana. Pertencem a classes diferentes. Eles virão de novo e de novo para o mundo, e apodrecerão na vida material. Se a qualquer momento forem abençoados por Deus, apenas então poderão ser liberados”.

Um devoto chamado Rajendralal Dutta perguntou à Mãe: “Mãe, eu sou Kayastha. Posso oferecer arroz a Sri Ramakrishna?”. A Mãe respondeu: “Você é filho dele, meu filho. Qual mal pode haver se

você oferecer arroz cozido para Ele? Você pode fazer isso sem hesitação”.

Um dia, Pitambar Nath, um devoto de Dacca, estava conversando com a Mãe, sentado na varanda de sua casa em Jarambati. A Mãe estava em seu quarto e falou: “Meu filho, entre no quarto e converse”. O devoto falou: “Mãe, deixe-me sentado aqui na varanda. Pertenço à uma casta inferior”. Com isso, a Mãe respondeu: “Quem disse que você pertence a uma casta inferior? Você é meu filho, entre no quarto e sente-se”.

Uma vez, na casa de Udbodhan, a compaixão da Santa Mãe estava sendo discutida. Yogin-Ma, olhando para a Mãe, disse sorrindo: “A Mãe, sem dúvidas, ama muito todos nós, mas não é tão intensa quanto o Mestre. Que cuidado e amor Ele tinha por seus discípulos! Víamos isso com nossos próprios olhos. As palavras não podem descrever”. A Mãe disse: “Isso é algo para ser imaginado? Ele aceitou apenas alguns discípulos seletos e isso apenas depois de vários tipos de testes. E, para cima de mim, Ele empurrou um monte de formigas!”.

Um dia, enquanto falava de Sri Ramakrishna, a Mãe disse: “O Mestre, que era um grande renunciante, ainda assim se preocupava comigo. Um dia, Ele perguntou: ‘Quanto você precisa para as despesas?’, eu disse: ‘Cinco ou seis rúpias são o suficiente’. Depois, Ele perguntou: ‘Quantos chapatis você come de noite?’. Fiquei com vergonha e me perguntei como responder àquilo. Como Ele insistia por uma resposta, falei: ‘Como uns cinco ou seis’”. Uma vez, Radhu, enraivecida, disse para a Mãe: “O que você sabe? Consegue compreender o valor de um marido?”. Ao ouvir isso, a Mãe disse rindo: “É verdade! Meu marido não era nada mais que um Sadhu nu!”.

Certa vez durante uma conversa, Swami Keshavananda disse à Mãe: “Após você, Mãe, ninguém mais irá reverenciar deusas como

Sasthi e Sitala". "Por que não?", Ela falou, "Elas são partes minhas".

Num outro dia, Swami Keshavananda disse para Ela: "Retifique as atitudes erradas das pessoas de sua localidade ou alivie meu fardo do trabalho filantrópico. Ninguém está lá para construir, apenas destruir". A isso a Mãe respondeu: "O Mestre falava: 'A brisa de Malaya transforma todas as árvores com determinada substância em madeira de sândalo'. Desde que a brisa da graça divina chegou, agora todas as árvores (querendo dizer os aspirantes), exceto o bambu e as bananeiras, irão se transformar em madeira de sândalo".

Alguém perguntou para Ela: "Mãe, suas relações desfrutam tanto de sua companhia, mas por que não demonstram o mínimo de sabedoria?". A Mãe respondeu: "Eles são como bambu e algodão, ainda que cresçam perto do sândalo, em que isso os beneficiará? As árvores têm que ter alguma essência".

Uma vez, uma devota perguntou: "Mãe, por que não podemos perceber que você é a Mãe Divina?". Ela respondeu: "Como poderiam todos perceber a Divindade, filha? Tem um diamante no rio, mas tomando-o apenas por uma pedra, as pessoas esfregam seus pés nele depois do banho para tirar a pele seca. Um dia, vai lá um joalheiro. Ao ver a pedra, ele imediatamente reconhece que era um grande e precioso diamante".

Uma vez, quando a Mãe estava indo para Jayrambati de Calcutá, a tia dela, a mãe do Tio Surya, chegou e disse: "Sarada querida, não se esqueça de nós, volte logo". A Mãe tocou o chão de seu quarto com a testa e, declamando um verso sânscrito, disse: "Uma mãe e a terra natal são superiores ao próprio céu".

Uma vez, um jovem discípulo da Santa Mãe muito inesperadamente recebeu uma proposta de casamento de um

distinto homem rico. Foi oferecida uma grande quantia de dinheiro a ele, que poderia resolver suas dificuldades por quase a vida inteira. O jovem tinha se formado e servia como o diretor de uma escola. Como sua mente não estava totalmente liberta dos prazeres, ele queria saber a opinião da Mãe sobre a proposta de casamento. Ele abordou o assunto diante dela em Jayrambati. Era maio de 1915. A Mãe ouviu tudo e falou: “Meu filho, você está indo bem. Por que quer ser queimado pelo fogo da mundanidade? Você está fazendo um trabalho nobre, está ajudando muitos garotos a terem educação. Eles serão boas pessoas devido à relação com você e isso também trará bem a você”. O jovem falou: “Mãe, não me sinto tão confiante, porque minha mente fica às vezes agitada e corre para os prazeres”. A Mãe falou: “Você não deve entreter o medo. Nesta Kali Yuga, a comissão mental de um pecado é nenhum pecado sequer. Liberte sua mente de tais preocupações. Você não tem nada a temer”. Desde quando o devoto ouviu essas palavras da Mãe, ele nunca mais pensou em casamento, nem se preocupou com as questões financeiras.

Uma manhã, uma garota do Internato de Meninas de Nivedita veio ver a Mãe, que estava fazendo japa no momento. Depois de um pouco, a Mãe perguntou a respeito das meninas na escola e também sobre um garoto chamado Kalu, sobre o que a garota tinha visto no caminho, etc. Quando ela falhou em dar respostas satisfatórias, a Mãe disse para ela: “Olhe, filha, observe seus arredores quando circular por algum lugar. Você deve se manter informada sobre o que acontece no local onde você mora, porém, não deve fofocar sobre isso”.

Uma tarde, as garotas visitaram a Mãe. Golap-Ma se aproximou da Mãe e disse: “Mãe, conte para elas algo sobre o Mestre”. Em resposta, a Mãe disse: “O que mais posso dizer sobre o Mestre? Muitas informações conectadas a Ele saíram no *Kathamrita*, escrito pelo Mestre Mahasaya. Ah, quantos mais ensinamentos do Mestre teriam sido publicados se o Mestre Mahasaya tivesse ficado com

boa saúde! Quantas pessoas poderiam ser beneficiadas com isso! O que já foi publicado é um tesouro inestimável. Como eu poderia imaginar que mesmo as palavras mais casuais do Mestre teriam sido comparadas aos *Vedas*? Como era linda a maneira como o Mestre ensinava. Lembrando de suas experiências em Haldarpukur, Ele as utilizou como ilustração para seus ensinamentos! Era de sua natureza passar os ensinamentos através de histórias da vida cotidiana".

Um devoto perguntou à Mãe: "Aqueles que vêm aqui (aqueles que aceitaram Sri Ramakrishna como o ideal espiritual) não nascerão de novo. Swamiji falou: 'Ninguém pode obter a liberação sem ser iniciado em Sannyasa'. Então, qual é o caminho para os chefes de família?". A Mãe respondeu: "Sim, o que o Mestre falou é verdadeiro, e o que Swamiji falou também. Os chefes de família não precisam ter renúncia externa. A renúncia interna virá sozinha até eles. No entanto, algumas pessoas precisam também da renúncia externa. Por que você teme? Renda-se ao Mestre e lembre-se sempre que Ele está atrás de você".

Em 1910, em Jayrambati, a Mãe disse a um monge a respeito das práticas espirituais: "Toda manhã e noite, faça japa e meditação com a mente calma. Não é uma tarefa fácil. Comparado à meditação, é mais fácil carpir um lote de terra". Apontando para uma figura de Sri Ramakrishna, Ela disse depois: "Nada pode ser alcançado sem sua graça". Quando o monge comentou que o trabalho no monastério mantém a pessoa muito ocupada para encontrar tempo para fazer japa e meditação regularmente, a Mãe falou: "O trabalho de quem você está fazendo? É apenas o trabalho dele". Ela continuou e disse: "No devido tempo, sua mente se voltará ao seu Guru e te aconselhará".

Durante uma conversa, Ela disse: "Eu sou a Mãe tanto dos virtuosos quanto dos caídos". Ela costumava dizer aos discípulos: "Por que deveriam se preocupar?".

Registrado pelo Dr. Surendranath Roy

Em um domingo, com um grande desejo de ver a Santa Mãe, saí de minha casa em Calcutá às duas e meia e cheguei, transpirando muito, à casa de Udbodhan. Ao perguntar, soube que a Mãe tinha acabado de chegar de um compromisso e que veria os visitantes apenas mais tarde. Sentindo-me impaciente, assim mesmo fui até Ela. Swami Saradananda estava de pé perto da escada, viu que eu estava indo e proibiu. Jovem como eu era, imediatamente respondi: “Ela é apenas sua Mãe?”, e o empurrei para o lado e subi. Encontrei a Mãe se abanando. Após me curvar aos seus pés, Ela perguntou sobre mim e disse: “Por que você está todo suado?”. Eu disse: “Andei no sol quente”. Pegando o abanador dela, comecei a abaná-la.

Depois de um pouco, perguntei: “Onde você foi hoje?”. A Mãe respondeu: “Kalighat”. Depois, Ela disse: “Coma Prasada e depois conversarei com você”. Depois de comer a Prasada, perguntei à Ela: “Mãe, qual a diferença entre o homem em sua natureza real e um deus?”.

Mãe: É o homem que se torna um deus. Tudo é possível quando se trabalha adequadamente.

Discípulo: Que tipo de trabalho?

Mãe: Considerando as regras e injunções prescritas pelo Mestre, quando alguém chama por seu Ideal Escolhido com firmeza, ele atinge tudo.

Naquele dia não pude conversar mais com a Mãe porque chegaram algumas devotas. Saudei a Mãe. Quando estava saindo, falei: “Mãe, hoje fiz um grande mal. Enquanto subia as escadas, empurrei Sarat Maharaj. Como vou encará-lo agora? Por favor, me

perdoe”. A Mãe falou: “Que mal fazem as crianças? Meus filhos não ficam encontrando defeitos nos outros. Não se preocupe com isso”. Voltando ao térreo, encontrei Sarat Maharaj. Eu me curvei a ele e pedi perdão pela ofensa. Ele me abraçou e disse, colocando a mão em minha cabeça: “Deve-se sempre ter tal desejo!”. Depois, acrescentou: “Nunca ninguém poderá te deter”. Eu agradeci suas bênçãos. Porém, após aquele incidente, sempre que me via, ele caía na risada.

Em outro domingo, quando fui ver a Mãe, soube que alguns devotos tinham chegado lá e outros estavam indo. Quando fiz Pranam, Ela disse: “Sente-se um pouco”. Ela me deu Prasada e comecei a comer. Então, disse à Ela: “Mãe, não encontro um dia para poder te contar tudo que tenho em mente”.

Mãe: Preciso acudir os problemas de todos os meus filhos. Você pode fazer algumas perguntas, irei responder.

Discípulo: Mãe, há pessoas muito pobres que não podem viajar para Varanasi ou outros locais sagrados. Como elas podem obter o mérito que aqueles que visitam tais locais obtêm?

Mãe: Por que? Elas podem obter o mesmo mérito indo para Dakshineswar ou Belur Math, caso tenham fé genuína. Aquele que é visitado em Varanasi está presente em Dakshineswar e Belur Math.

Discípulo: Mãe, qual o caminho para nós?

Mãe: Por que teme? O próprio Mestre fará tudo por aqueles que receberem suas bênçãos ou de alguma forma entrarem em contato com Ele.

Após isso, fiz Pranam à Ela pois precisava ir embora.

Agora contarei brevemente sobre uma conversa que tive com Ela em outra ocasião.

Discípulo: Qual procedimento precisamos adotar para fazer japa e meditação?

Mãe: Faça como quiser desde que mantenha a mente firme no Senhor. Você atingirá seu objetivo dessa maneira. Por que se preocupa?

Discípulo: Mãe, não me preocupo, mas quero ouvir as instruções de seus lábios.

Mãe: Todos estão atrás de você. O Mestre está lá, e, além disso, você pode me ver diretamente.

Chame-o devotadamente, você atingirá tudo. Digo que você é abençoado pois nasceu nessa época. Esta é a época que você pode assistir aos seus jogos divinos. Pode-se compreender o jogo divino se observá-lo com fé e devoção.

Discípulo: Mãe, tudo que acontece e os desejos preenchidos do homem são de acordo com a vontade Dele?

Mãe: Apenas os desejos nobres são preenchidos.

Registrado por Swami Visweswarananda

Pela manhã, a Mãe estava arrumando tudo para a adoração no santuário da casa de Udbodhan. Durante a conversa, perguntei à Ela: “Por que você tem tanto apego? Dia e noite, você não fala nada além de Radhu, do mesmo modo como as pessoas presas ao mundo. Muitos devotos vêm a você, mas você não dá atenção. Esse apego tão forte é bom para você?”. Eu já tinha falado com Ela sobre isso algumas vezes antes também. Ela costumava responder

humildemente: “Eu sou uma mulher e sigo minha natureza feminina”. Porém, hoje, a Mãe respondeu um tanto animada: “Onde você irá encontrar outra como eu? Veja se consegue encontrar minha semelhante. Você sabe, aqueles que são muito dados à contemplação de Deus desenvolvem uma mente sutil e pura. A qualquer objeto que essa mente se agarre, ela o segura com força. É por isso que parece apego. Um raio de luz é visto pela vidraça mas não pela madeira”.

Uma vez, eu disse: “Mãe, minha mente nunca se perturba com os maus pensamentos”. A Mãe ficou imediatamente admirada e disse: “Não diga isso. É muito presunçoso alguém falar assim”.

Em outro dia, falei: “Mãe, você dá iniciação a tantas pessoas, mas nunca pergunta sobre elas. Você nem mesmo pensa sobre o que está acontecendo com elas. Um Guru mantém o olho no discípulo, vendo se ele está se desenvolvendo espiritualmente. Seria melhor que não desse iniciação para tantas pessoas. Você poderia iniciar apenas aqueles com quem conseguirá manter contato”. A Mãe respondeu: “Mas o Mestre nunca me proibiu de fazer isso. Ele explicou várias coisas para mim. Ele não poderia ter falado algo sobre isso também? Eu confio ao Mestre a responsabilidade deles. Eu rezo a Ele todos os dias: ‘Por favor, cuide deles onde quer que estejam’. Além disso, você sabe que foi o próprio Mestre que me ensinou esses mantras? Ele me deu mantras que possuem um grande poder”.

Uma vez, enquanto discutia sobre o Bija-mantra, a Mãe revelou para mim muitos mantras e comentou: “Eu te dei tudo que tinha em minha bolsa. Você dará iniciação espiritual aos outros?”.

Discípulo: Não, não. Eu mesmo ainda não atingi nada.

Mãe: Bem, qual o mal em dar iniciação? Você pode fazer isso.

Discípulo: Mãe, por favor, faça-me renunciar a tudo para que eu não tenha apego a nada.

Mãe: Você já é todo-renunciante. Você vai ganhar dois chifres agora?

Outro dia, em Jayrambati, eu perguntei à Ela: “Como pode-se realizar Deus? Através da adoração, japa ou meditação?”.

Mãe: Por nenhum deles.

Discípulo: Então como?

Mãe: Deus é realizado apenas por sua própria graça. Ainda assim, precisa fazer japa e meditação porque eles removem as impurezas da mente. Deve-se praticar as disciplinas espirituais como adoração, japa e meditação. Quando tem-se a fragrância de uma flor por manuseá-la, ou o cheiro de sândalo ao friccioná-lo contra uma pedra, de maneira similar, torna-se espiritualmente desperto ao continuamente contemplar o Divino, mas você pode se iluminar agora se se tornar sem-desejos.

Um outro dia em Jayrambati após comer, eu estava tirando o prato quando a Mãe me advertiu, pegando em minha mão e levando o prato Ela mesma. Eu falei: “Por que fez isso, Mãe? Eu posso levar”. E Ela disse: “O que, depois de tudo que fiz por você? Uma criança, como você sabe, suja o colo da mãe e muito mais além disso! Você é, de fato, um raro tesouro mesmo para os deuses”.

Registrado por Mahendra Nath Gupta

Dois ou três dias após a comemoração de aniversário de Sri Ramakrishna, em março de 1914, uma tarde fui à casa de Udbodhan com uma carta de introdução. Rashbehari Maharaj (Swami Arupananda) leu a carta e depois foi ver a Mãe. Ao voltar,

ele transmitiu a mim a seguinte mensagem dela: “O propósito de receber iniciação é para tentar realizar Deus através de práticas espirituais simples. Isso não deve afetar o sustento do Guru familiar. Posso atender a prece do garoto se ele for honrar o Guru familiar tanto quanto me honrará em caso de eu dar-lhe a iniciação, e se ele consentir em aumentar sua contribuição anual ao Guru familiar”. Quando concordei com tais propostas, Rashbehari Maharaj me levou até a Mãe. Dois dias depois, recebi a iniciação dela e minha mente ficou absorta em um estado indescritível por uma semana depois disso.

A Mãe me perguntou no momento da iniciação: “Você é Shakta ou Vaishnava?”. Ao ouvir minha resposta, Ela me deu o mantra. Sete ou oito anos depois, soube com minha mãe que era o mesmo mantra adotado por nossa família, e a Mãe tinha apenas acrescentado o Bija a ele.

Dois meses depois disso, minha esposa ficou muito ansiosa para receber iniciação e, por isso, eu a levei à Santa Mãe. A Mãe disse à ela: “Por sua aparência, parece que você tem um bebê ainda sendo amamentado. Com quem o deixou?”. Minha esposa disse: “Não trouxe o pequeno por medo de que ele sujasse o local”. Ao saber que a criança tinha apenas três meses, a Mãe disse para minha esposa: “Por que diz isso? Quem disse que as fezes ou urina de um bebê tão pequeno possam sujar o local? As crianças são como Narayana e você deve cuidar delas com essa visão. Vá para casa agora, senão o bebê pode ficar sem o leite. Volte aqui após quatro dias. O Mestre te dará a iniciação. Mas não esqueça de trazer o bebê”.

Eu estava esperando lá embaixo e pensei: “Ficarei convencido de que a Mãe me ama se Ela gentilmente compartilhar comigo um pouco da comida que Ela mesma comer”. Meia hora depois, eu fui me curvar diante da Mãe quando a encontrei comendo alguns doces. Quando seus olhos me viram, Ela disse: “Meu filho, coma

deste doce primeiro e depois me saúde”. Sendo favorecido com tal inesperada Prasada, esqueci totalmente de saudar a Mãe. Depois de um pouco, Ela mesma me lembrou dizendo: “Agora, faça saudações a mim e vá para casa”.

A instrução da Mãe de voltar para a iniciação após quatro dias nos deixou tristes e preocupados. Porém, ao voltarmos para casa, compreendi, devido à saúde de minha esposa, que a Mãe tinha previsto algo ao pedir para ela esperar.

Fomos saudar a Mãe antes de sair para Barisal. Ela disse: “Vão com cuidado. O Mestre os protegerá dos perigos no caminho”. No percurso, uma forte tempestade nos pegou, e nossas vidas ficaram em risco. Quando chegamos ao nosso destino, todos ficamos convencidos de que apenas pelas bênçãos da Mãe tínhamos sido protegidos.

Um ano depois, no mês de vaisakh (abril/maio), eu vi a Mãe novamente em Jayrambati e desta vez tive a oportunidade de ficar em contato muito próximo com Ela. Sentada à minha frente, a Mãe me dava comida afetuosamente, e eu fiquei repleto de alegria.

Pensando que eu teria mais benefícios se praticasse japa e meditação enquanto vivia perto dela, um dia em Jayrambati, eu fiz japa e meditação ardentemente. Enquanto fazia Pranam à Mãe naquele dia, Ela disse: “Você veio à sua Mãe, qual a necessidade de tanta prática espiritual agora? Estou fazendo tudo por vocês. Agora, coma, beba e aproveite, livre de toda ansiedade”.

No dia seguinte, eu desejava oferecer flores e pasta de sândalo aos pés da Mãe. Mas quem era eu para procurá-los naquele local nada familiar? Enquanto pensava sobre isso, a Mãe mandou uma garotinha falar comigo, que era da família dos irmãos dela. Ela carregava flores e pasta de sândalo, e passou a mensagem da

Mãe: “Se meu filho quiser oferecer isso, ele pode vir agora e oferecê-los”.

No terceiro dia, a Mãe estava sofrendo com dores nas pernas. Ela também teve uma febre branda. Por volta das dez horas, um outro devoto chegou e, sem saber que a Mãe não estava bem, saudou-a tocando em seus pés. A Mãe falou: “Estou com fortes dores nas pernas. Não me saúde tocando meus pés. O Mestre certamente te abençoará”. Bilash Maharaj, que estava presente, perguntou à Mãe: “As Escrituras, como ouvi dizer, proíbem fazer Pranam para uma pessoa que esteja doente ou deitada. O que realmente acontece se alguém fizer?”. Imediatamente, a Mãe disse: “Sim, filho. Pranam feito em tais circunstâncias fixa a doença na pessoa. Ninguém deve ser saudado durante uma enfermidade”.

Cerca de três anos depois, durante as festividades de Natal, vi a Mãe pela última vez. Foi na ocasião da celebração de seu aniversário. Na manhã daquele dia, a Mãe disse para mim e para um membro monástico do monastério de Koalpara: “Vão ver Sibu em Kamarpukur. Ele vai comprar uma jarra de leite e pegar algumas flores. Traga tudo rápido”. A isso, Bilash Maharaj acrescentou: “A Mãe tem dificuldade se come tarde, então vocês devem voltar até nove horas, do contrário não poderão oferecer as flores à Ela”. De qualquer maneira, já eram mais de onze e meia quando voltamos. Eu estava muito sentido pensando que tínhamos perdido a chance de fazer oferenda à Santa Mãe. Bilash Maharaj me repreendeu por demorar e disse: “A Mãe está esperando”. Bem naquele momento, a Mãe apareceu de algum lugar, pegou a cesta de flores da minha mão e disse: “Que lindas são essas flores! Primeiro, você tem que adorar o Senhor com ela. Rápido, tome seu banho e venha”. Depois do banho, voltamos e vimos que algumas das flores tinham sido arrumadas para que fizéssemos oferendas com elas. A incompreensível afeição da Mãe nos cativou.

Registrado por Swami Tanmayanada

Uma vez, eu estava sofrendo terrivelmente com cólica. Um dia, eu me sentia tão apático e, naquela condição, parecia que eu ouvia alguém me dizer para tomar água santificada pelos pés de meu Guru. No dia seguinte, fui para Jayrambati e bebi um pouco de água consagrada pelos pés da Santa Mãe. Eu disse à Ela: “Mãe, estou com o desejo de adorar seus pés, porém, acabei de tomar água”. Ela disse: “O que há de errado? Entre aqui”.

Após adorar seus pés, eu os coloquei sobre minha cabeça. Ao fazer isso, a Mãe falou: “Ah, seu bobo, você não deve colocar os pés de alguém na cabeça! O Senhor reside aí”.

Discípulo: Mãe, eu ainda não vi o Mestre.

Mãe: O Mestre é o próprio Deus.

Discípulo: Se o Mestre é Deus, então quem é você?

Mãe: Quem mais eu poderia ser?

Discípulo: Se você assim quiser, pode me mostrar o Mestre.

Mãe: Quando o Mestre tocou em Naren (Swami Vivekananda), este ficou alarmado. Pratique as disciplinas espirituais e você o verá.

Discípulo: Qual a necessidade das disciplinas espirituais para uma pessoa que tem você como Guru?

Mãe: Isso é verdade, mas o ponto é: uma casa pode ter tudo que é necessário para cozinhar, mas alguém precisa cozinhar aquilo e comer. Quem cozinha cedo, come cedo também. Alguns comem de manhã, alguns de tarde e há outros ainda que ficam com fome porque são preguiçosos e relutam em cozinhar.

Discípulo: Mãe, não entendo o que diz.

Mãe: Quanto mais arduamente alguém pratica as disciplinas espirituais, mais rapidamente ele atingirá Deus. Mesmo que não pratique nenhuma disciplina espiritual, também atingirá Deus no momento final da vida. Porém, aqueles que passam o tempo enrolando e reclamando sem praticar as disciplinas espirituais levarão muito tempo. Você renunciou ao mundo para fazer as práticas espirituais, mas como não pode praticá-las sempre, precisa trabalhar, fazendo este trabalho como o trabalho do Mestre. Já que você sofre com cólicas, deve evitar uma vida muito austera. Tome cuidado com a comida. Essa doença não é fatal, mas é dolorida.

Enquanto morava no monastério de Koalpara, era minha função limpar a cozinha e polir os jarros de cobre duas vezes ao dia. Era a época de chuvas. Como minhas mãos sempre estavam molhadas por cuidar dos jarros, elas ficaram machucadas. Eu estava sofrendo. Um dia, fui para Jayrambati. Quando fiz Pranam para a Mãe, Ela perguntou: “Então, filho, você está bem?”.

Discípulo: Não muito.

Mãe: Por que? Está com dores no estômago de novo?

Discípulo: Não, Mãe. Não tenho sofrido com as cólicas ultimamente, mas minhas mãos estão muito machucadas pelo contato frequente com a água. Eu tenho que polir e limpar os jarros e a cozinha duas vezes ao dia.

Mãe: “Um homem decidido a se manter longe dos alimentos ácidos constrói uma casa embaixo da tamarineira”, assim é o provérbio. Ainda que você tenha renunciado ao mundo para repetir o nome de Deus, agora está preso em atividades. O Ashrama tornou-se seu segundo mundo. As pessoas vão para um monastério renunciando

à família, mas ficam tão iludidas que não querem deixar o Ashrama. Já que você não está em boa saúde, devia ir para Daharkund. Lá você poderá ensinar os garotos tanto quanto puder e praticar meditação e adoração.

Discípulo: Mãe, quero ir para um local solitário e fazer austeridades, porém, não estou em boa saúde.

Mãe: Agora, mantenha-se comprometido com algum tipo de trabalho e quando sentir um forte desejo, pode ir para algum lugar praticar austeridades.

Discípulo: Faço japa, mas minha mente não se firma.

Mãe: Mesmo que a mente não se firme, pratique japa. Seria bom você fazer um certo número de japa diariamente.

Discípulo: Abençoe-me para que eu tenha a visão do Mestre.

Mãe: Você o viu em sonho. Você terá a visão dele.

Num outro dia, a caminho de Jayrambati, pensei que ficaria muito feliz se pudesse fazer algum tipo de serviço pessoal à Santa Mãe. Ao chegar em sua casa, eu a encontrei sentada com as pernas estendidas. Uma xícara com óleo de massagear estava ao lado. Comecei a massageá-la na perna com o óleo. Ela disse: “Tenho uma dor aguda nesta perna. Massageie com o óleo colocando mais pressão”. Fiquei fazendo isso por uns vinte e cinco minutos. Depois, a Mãe disse: “Está satisfeito agora? Vou tomar banho agora e depois farei a adoração ao Mestre. Coma aqui antes de ir embora”.

Discípulo: Não, Mãe, tenho que ir agora. Virei outro dia.

Mãe: Não, não. Kedar (Swami Kesavananda), suponho, te proibiu. Você vai me obedecer ou ouvir ele? Diga a Kedar que a Mãe não deixou você ir.

Registrado por Swami Parameswarananda

Era o aniversário da Santa Mãe, no mês de poush (dezembro/janeiro). A Mãe estava sentada na cama em seu quarto em Jayrambati com o filho de Radhu no colo. Todos estavam adorando a Mãe oferecendo flores e pasta de sândalo aos seus pés. Coloquei uma guirlanda com malmequeres grandes em volta do pescoço dela e ofereci flores aos seus pés. Depois, falei: “Mãe, hoje é seu aniversário. Muitos devotos querem te ver e te adorar, mas não conseguem vir a um local tão inacessível. Nesse dia auspicioso, rezo por suas bênçãos em nome de todos. Por favor, conceda-nos suas bênçãos, Mãe, para o bem de todos”. A Mãe graciosamente respondeu: “Sim, filho, rezo ao Mestre pelo bem de todos. Que Ele traga o bem a todos!”.

Como desejado pela Mãe, desta vez eu estava ficando com Ela. Fiquei muito ocupado com várias tarefas, como executar a adoração do Mestre. Um dia, ouvi que alguns monges de Belur Math iam sair para praticar austeridades e falei para a Mãe: “Talvez não seja bom para mim ficar confinado com tantas tarefas. Quero ir praticar austeridades. Por favor, conceda-me sua permissão”. A Mãe disse: “Por que isso, filho? Você está fazendo o meu trabalho. Você está fazendo o trabalho do Mestre. De alguma forma isso é menor que as austeridades? Seria fútil de sua parte ir embora agora. Quando você sentir uma grande vontade de praticar as austeridades, vá e faça por um ou dois meses”.

Jayrambati estava infestada pela malária. Febre intermitente tinha deixado a saúde da Mãe muito debilitada, por isso, com ordens do Reverendo Sarat Maharaj, nenhuma entrevista com a Mãe estava permitida por um tempo. Durante esse período, um certo devoto de

Barisal chegou e expressou sua grande vontade de ver a Mãe, mas não o permiti. Assim, começou uma calorosa discussão. O barulho chegou à Mãe. Ela veio até a porta muito agitada e disse: “Por que você não deixa que ele me veja?". Eu disse: “Sarat Maharaj colocou essa restrição. Se você dá iniciação quando está doente, a saúde deteriora mais”. A Mãe respondeu: “Quem é Sarat para dizer isso? Eu nasci para esse propósito. Eu vou iniciá-lo”. Então, a Mãe disse ao devoto: “Venha, filho, coma aqui hoje. Você terá iniciação amanhã”. O cavalheiro, no entanto, decidiu que comeria depois de ser iniciado.

Uma noite, a Mãe estava sentada em silêncio na varanda da nova casa quando fomos nos prostrar diante dela. Sozinha, Ela começou a dizer: “Vejam. K– diz: ‘Pela gula por pratos deliciosos, os garotos (trabalhadores monásticos) estão se mudando de um Ashrama para o outro’. Podem ver como ele fala? Por que meus filhos - filhos do Mestre - deveriam sofrer por comida? Isso não pode acontecer. Eu mesma rezei ao Mestre: ‘Ó Senhor, cuide para que seus filhos nunca sofram por comida”. Como ele pode dizer que os garotos vão de um lugar para o outro devido à gula? Por que eles não deveriam ter comida boa? Apenas aquele que tem apego é quem sofre”.

Após terminar a adoração ao Mestre, a Mãe estava sentada na sala do altar quando um de meus companheiros discípulos perguntou: “Mãe, como você olha para o Mestre?”. A Mãe permaneceu em silêncio um pouco e depois disse solenemente: “Eu olho para Ele como meu filho”.

Um dia, a Mãe disse espontaneamente: “Veja, não invente moda entoando ‘vande mataram’ (uma canção muito popular na Índia). Em vez disso, é melhor fabricar tecidos. Tenho vontade de fiar se arranjasse uma roda de fiar. Faça trabalhos construtivos”.

Durante uma conversa, disse à Ela: “Mãe, tal é nossa condição mental que, de vez em quando, nossa mente fica tão distraída que somos tomados pelo receio de ficarmos afogados naquilo!”. A Mãe respondeu: “Como assim, filho? Por que ficariam afogados? Vocês são filhos do Mestre, por que deveriam se sentir assim? Não, jamais. O Mestre os protegerá”.

A Mãe estava ficando no Jagadamba Ashrama, em Koalpara. Um dia, Ela disse: “Eu vi o Mestre hoje aqui depois de um bom tempo. Ele estava descansando depois de comer”.

Um dia, eu perguntei à Ela: “Mãe, como se chega ao conhecimento de Brahman? No começo, tem-se que praticar as Sadhanas passo a passo ou isso vem espontaneamente?”. Ela respondeu: “Este caminho é muito difícil. Chame o Mestre. Ele o fará compreender isso no momento certo”.

Registrado por Dr. Umesh Chandradatta

Um dia em Jayrambati, a Mãe disse: “Ouça, filho, durante a infância, eu via uma garota que parecia comigo, e ela me acompanhava ajudando em todo o trabalho. Ela se divertia e brincava comigo. Isso continuou até os dez, onze anos”.

Um dia, a Mãe falou: “Pouco após o falecimento do Mestre, comecei a ter a visão de um Sannyasin com barba que pedia para eu fazer o Panchatapa (um tipo específico de Sadhana/ritual). A princípio, não dei muita atenção àquilo. Eu nem sabia o que era o Panchatapa. Porém, aquele Sannyasin gradualmente me pressionava. Assim, perguntei à Yogin-Ma a respeito do Panchatapa e ela falou: ‘Muito bem, Mãe, também o farei’. Tudo foi organizado para o ritual. Eu estava morando na casa de Nilambar Babu. Fogueiras com esterco de vaca foram acesas nos quatro lados e com o sol ardente em cima. Após o banho matinal, fui para perto das fogueiras e as assisti queimando. Eu estava com medo.

Pensei em como poderia entrar naquela área e ficar sentada ali até o pôr do sol. Repetindo o nome do Mestre, entrei e o fogo parecia ter perdido o calor. Pratiquei essa disciplina por sete dias. Minha pele ficou escura como cinzas negras. Após isso, não vi mais o Sannyasin”.

Uma vez, perguntei: “Mãe, o Mestre falou que aqueles que tomam refúgio nele estão tendo o último nascimento. Mas qual é o destino daqueles que tomam refúgio em você?”.

Mãe: O que mais poderia acontecer, filho? É o mesmo caso.

Discípulo: Mãe, o que acontecerá àqueles que recebem a iniciação, mas não fazem japa nem meditação?

Mãe: O que mais poderia acontecer? Por que se preocupa tanto? Os desejos em sua mente, primeiro você deve preenchê-los. Mais tarde, você atingirá a paz eterna em Ramakrishna Loka. O Mestre criou um novo reino para todos vocês.

Um certo devoto tinha esquecido o método de contar o japa nos dedos, e por isso escreveu uma carta me pedindo para esclarecer isso com a Santa Mãe. Ao ouvir, Ela falou: “Isso é de todo importante? Bem, faça da melhor maneira que puder. Tudo é feito para exercitar a concentração da mente”.

Um dia, perguntei à Ela a respeito da liberação e da devoção. Ela disse em resposta: “A liberação pode ser concedida a qualquer momento, mas Deus é relutante em conceder devoção”, e saiu do cômodo imediatamente. Ela disse aquelas palavras de tal maneira como se conceder a liberação estivesse em suas mãos.

A respeito de pureza e impureza, a Mãe, uma vez, disse: “O Mestre tinha um estômago fraco. Quando eu vivia no Nahabat, preparava curry amargo, sopa e outros pratos que Ele gostava. Quando não

cozinha para Ele durante os três dias no mês que a mulher não pode cozinhar, Ele comia a comida consagrada do templo de Kali. Porém, aquela comida invariavelmente deixava seu estômago ruim. Um dia, Ele falou para mim: ‘Porque você não pôde cozinhar nos últimos três dias, meu problema de estômago agravou. Por que não cozinhou nesses dias?’. Falei: ‘As mulheres ficam proibidas de cozinhar para os outros durante três dias’. Então, Ele respondeu: ‘Quem falou isso? Você cozinhará para mim, não há nada de errado com isso. Por favor, diga o que há de impuro em seu corpo - a pele, a carne, os ossos, o tutano? É a mente que torna alguém puro ou impuro. Não há nada chamado impureza fora da mente’. Por isso, eu cozinhava para Ele todos os dias”.

Durante a doença da Mãe em Koalpara, preparei um sorvete para Ela e para certificar de que estava satisfatório, experimentei um pouco antes de oferecer. Embora Ela não soubesse disso, uns dias depois, Ela comentou: “Veja, filho, é muito bom experimentar a comida antes de dá-la para alguém que você ama”. Eu disse: “Mãe, experimentei aquele sorvete que te dei”. Ela falou: “Você fez bem, filho. É assim que se deve oferecer comida àqueles que amamos. Você não ouviu que os vaqueirinhos experimentavam as frutas antes de oferecê-las a Krishna?”.

Perguntei à Ela um dia: “Mãe, às vezes quando vejo certas pessoas, sinto como se elas fossem muito conhecidas minhas. Depois, ao me questionar, vejo que são devotos do Mestre ou seus. Por que elas parecem tão familiares mesmo que vistas pela primeira vez?”. A Mãe respondeu: “O Mestre dizia: ‘Suponha que haja uma moita de ervas, se alguém puxa uma delas, a moita toda é afetada. As ervas estão relacionadas umas às outras como os galhos de uma árvore’”.

Num outro dia, perguntei: “Mãe, todas as outras Encarnações viveram mais que suas consortes espirituais (Shakti), mas por que, desta vez, o Mestre morreu, deixando você para trás?”. Ela

respondeu: “Você sabe, filho, que o Mestre olhava para este mundo todo como Mãe? Ele me deixou aqui dessa vez para demonstrar a Maternidade ao mundo”.

Registrado por Nalinibehari Sarkar

Quando o assunto sobre japa e meditação surgiu, a Mãe falou: “Deve haver uma hora regular para fazer japa e meditação, já que ninguém sabe quando chegará o momento auspicioso. Ele vem de repente, ninguém tem ideia de quando. Por isso, a regularidade na prática espiritual deve ser considerada, não importa o quanto alguém possa estar ocupado com as tarefas terrenas”.

Discípulo: As demandas do trabalho ou por doenças me impedem de sempre ser regular em minhas práticas.

Mãe: A doença não está sob controle do homem. E se você está muito atado aos trabalhos, então, apenas se lembre de Deus e faça reverências a Ele.

Discípulo: Que horário deve-se sentar para fazer japa e meditação?

Mãe: Chamar por Ele na conjunção do dia com a noite é o mais auspicioso. A noite desaparece e o dia surge, ou o dia desaparece e a noite surge - isso é a conjunção do dia e da noite. A mente fica pura nesses horários.

Quando perguntada sobre a fraqueza da mente, a Mãe disse: “Filho, é a lei da natureza, assim como você encontra a lua cheia e a lua nova. Do mesmo modo, a mente possui pensamentos nobres de vez em quando e é assombrada por pensamentos ruins em outros momentos”.

Quando a Mãe ia para Baghbazar de Jayrambati, Ela me pedia para visitar Jayrambati de vez em quando para me manter por

dentro dos acontecimentos de lá. Tentei obedecer essa ordem o máximo que eu podia. Com a ausência da Mãe em Jayrambati, eu não gostava das visitas e escrevi para Ela sobre isso. Em sua volta a Jayrambati, durante uma conversa, Ela disse: “Oh, filho, ouça o que Ranni diz”. Durante sua última visita a Calcutá, a Mãe tinha contratado o serviço de uma cozinheira e a colocou para cuidar da tia mais velha, esposa de Prasanna Kumar. Era verão e a cozinheira dormia com o mosquiteiro colocado em frente à porta da antiga casa da Mãe. Ela sonhou que a Mãe chegava perto dela depois do banho, carregando uma cesta de flores em uma mão e um jarro de água na outra. “Levante-se, levante-se”, disse a Mãe, repreendendo-a por deitar em frente à porta. Quando a cozinheira terminou de contar o sonho, a Mãe sorriu e disse: “Ouça, querida, quem sabe sobre o que ela está falando?”.

Um dia, durante uma conversa, falei: “Mãe, nada que valha pode ser atingido nessa vida”. Ela respondeu: “Filho, o mundo é um grande lamaçal. Quando alguém entra nele, é difícil sair. Mesmo Brahma e Vishnu se fartam disso, o que dizer dos homens! Repita o nome Dele. Se repetir o nome Dele, Ele te levará além da mundanidade. Filho, alguém atinge a liberação a menos que Ele ajude? Tenha grande fé Nele. Saiba que o Mestre é seu refúgio, assim como os pais são para as crianças neste mundo”.

Um dia, quando o assunto sobre fé em Deus foi abordado, a Mãe comentou: “Filho, alguém adquire fé através do mero estudo de livros? Muito estudo causa confusão. Suponha que eu escreva uma carta para você pedindo para trazer alguns itens. Por quanto tempo você precisa dessa carta? Só precisa dela enquanto não sabe o que ela diz. Assim que souber dos conteúdos, qual seria a utilidade da carta em si? Então, o que foi solicitado é que você traga tais itens, se não fizer isso, qual terá sido o propósito de ler a carta dia e noite?”.

Uma vez, eu disse à Ela amorosamente: “Mãe, venho aqui com tanta frequência e também recebi sua graça. Então, por que não atingi nada? Sinto como se eu estivesse como antes”.

Em resposta, Ela disse: “Suponha que você dormiu em uma cama e alguém leva você junto com a cama para outro lugar. Você vai perceber de imediato ao andar que foi transferido de lugar? Não. Apenas quando a sonolência dissipar você será capaz de perceber que está em outro lugar”.

Uma vez, saí de casa para ir ao festival em Belur Math, mas no caminho parei em Midnapore para resolver alguns assuntos. Como não consegui pegar o trem da tarde, voltei para Calcutá no dia seguinte. Ao chegar lá de noite, fui ver a Mãe. Quando Ela me viu, falou: “Você não foi ao festival?”. “Não, Mãe, não consegui”, eu disse e comecei a narrar os acontecimentos durante a jornada. Depois de ouvir tudo, a Mãe disse: “Deve-se buscar pelo objetivo de um jeito ou de outro. Veja, filho, você perdeu de ver um monte de coisa. Primeiro, faça o trabalho que você pretendia fazer”. Depois, Ela falou também: “Venha para cá amanhã e coma da Prasada do Mestre”.

A respeito da comida, a Mãe costumava dizer: “Primeiro, ofereça a Deus seja lá o que estiver comendo e depois coma como se fosse Prasada. Isso irá purificar seu sangue e o sangue purificado fará a mente purificada também”.

Um dia, por algum motivo, a Mãe ficou chateada com seus irmãos. Quando cheguei perto dela naquele dia, Ela nos contou algumas histórias do porquê de estar chateada. Depois, Ela comentou: “Filho, eles querem dinheiro e apenas dinheiro. Eles apenas dizem: ‘Nos dê dinheiro, nos dê dinheiro’. Nunca rezam, ainda que com erros, por conhecimento ou devoção. Bom, deixe que tenham o que procuram!”.

Uma vez, quando a Mãe estava sofrendo de uma terrível febre em Jayrambati, um pouco antes de sua última doença, eu estava massageando seus pés quando Ela falou: “Filho, tenho rezado todos esses últimos dias, mas não houve resposta. O quanto já chorei! Mesmo assim, nada aconteceu. No fim, a Divina Mãe Jagaddhatri veio hoje. Seu rosto parecia o de minha mãe. Agora vou me recuperar dessa doença. Uma vez, quando eu era jovem, estava viajando para Dakshineswar. No caminho, fui acometida por uma febre alta. Eu estava deitada inconsciente quando vi uma garota de pele muito escura e com os pés cobertos de terra entrar no quarto e sentar ao meu lado. Ela começou a tocar na minha cabeça. Notando seus pés cheios de terra, perguntei: ‘Mãe, ninguém te deu água para lavar os pés?’. Ela respondeu: ‘Não, Mãe. Vou embora imediatamente. Eu vim para te ver. Por que tem medo? Você ficará boa’. A partir do dia seguinte, gradualmente fiquei recuperada. Naquela vez, sofri muito, filho. Apenas depois de muito rezar pude ver Jagaddhatri hoje. Também ficarei recuperada dessa vez. Por que teme, filho? Se chamá-lO com sinceridade, Ele te protegerá em todas as situações”.

Registrado por um devoto anônimo

Fui durante o mês de kartik (outubro/novembro), de 1910, poucos dias antes do Kali Puja, que visitei a Mãe pela primeira vez, através do pedido de Sri Chandrakanta Ghosh, de Shillong. Ao chegar em Calcutá, fui para a casa de Udbodhan na companhia de um amigo que já tinha recebido iniciação espiritual da Santa Mãe. Após aguardar um pouco, encontrei a Santa Mãe, quando, de repente, meu amigo pediu para que Ela me iniciasse. Ela disse: “Tudo bem, ele será iniciado amanhã”. A resposta dela me surpreendeu, porque eu não tinha mencionado nada a respeito de receber iniciação. De qualquer maneira, fui lá no dia seguinte no horário combinado. Saudei a Mãe e quando estava para oferecer flores aos seus pés, Ela disse: “Agora não. Vou te dizer quando fazer a oferenda”. Quando acabou a iniciação, a Mãe sentou no chão com

as pernas esticadas e disse: “Pode oferecer as flores agora”. Ofereci-as aos seus pés e falei: “Estou oferecendo as flores não a partir de um profundo senso de devoção, mas porque Chandrakanta Babu me ensinou. Apenas segui o que ele falou. Foi ele quem me mandou para cá”.

Sorrindo, a Mãe disse: “Chandrakanta te mostrou o caminho correto, filho” e, dizendo isso, Ela colocou a mão na minha cabeça.

Num outro dia, fui ver a Santa Mãe. Durante a conversa, eu disse: “Mãe, vários problemas terrenos e também minhas tarefas me mantêm muito ocupado. Por isso, sou incapaz de devotar tempo às práticas espirituais. Também não vejo nenhuma melhora em meu estado mental”. A Mãe falou: “O que quer que aconteça com você agora, o Mestre vai aparecer no último momento de sua vida para te receber. Ele mesmo disse isso. As palavras dele vão falhar com você? Agora, faça como quiser”.

Discípulo: Mãe, é verdade que aqueles que receberam iniciação de você não nascerão de novo?

Mãe: É verdade, eles não voltarão à Terra. Tenha por certo que existe o Um por trás de você.

Discípulo: Mãe, encontramos você, então estamos protegidos.

Mãe: Por que se preocupa, filho? O pensamento sobre vocês todos está sempre em minha mente. Lembro sempre de vocês.

Uma outra vez, quando a Santa Mãe estava no monastério de Koalpara, eu disse à Ela: ‘Mãe, quase não consigo fazer nenhuma prática espiritual”.

A Mãe me deu coragem e também segurança dizendo: “Não precisa fazer nada de especial. Farei o necessário por você”.

Abismado com isso, perguntei: “Eu não tenho que fazer nenhuma prática?”.

Mãe: Nenhuma.

Discípulo: Meu progresso futuro não depende de minhas ações então?

Mãe: Não. O que você vai fazer? Eu farei o que for necessário.

Fiquei pasmo por tal graça irrestrita da Santa Mãe. A próxima conversa foi sobre a dor em suas pernas. Perguntei: “Mãe, ouvi que você sofre apenas quando certas pessoas tocam seus pés”.

Mãe: Sim, filho, o toque de algumas pessoas deixa o corpo fresco, mas o toque de outras parece a picada de uma vespa. Porém, nunca dou expressão a tais experiências.

Comecei a me perguntar se eu fazia parte do grupo das “vespas”. A Mãe, como se estivesse dentro da minha mente, disse instantaneamente: “Filho, você não é uma delas”.

Cerca de um mês depois, durante o feriado do Festival de Carruagem, visitei Koalpara novamente. No dia do Festival, tive a seguinte conversa com a Santa Mãe:

Discípulo: Mãe, minha força e esperança brotam da graça que recebi de você.

Mãe: Por que se preocupa, filho? Você encontrou um lugar em minha mente. Sempre que preciso de algo, penso imediatamente em você. Penso: “Há Indu e outros, o que há para se preocupar?”. Você não terá que fazer nenhuma disciplina espiritual. Eu farei por você.

Discípulo: Você faz o mesmo para todos que receberam iniciação?

Mãe: Sim, faço o mesmo para todos.

Discípulo: Você tem tantos filhos (discípulos iniciados). Lembra-se de todos?

Mãe: Não, não lembro de todos.

Discípulo: Então como pode dizer que faz práticas espirituais para todos?

Mãe: Eu passo as contas do rosário para todos os nomes que lembro, e para aqueles que não lembro, rezo ao Mestre dizendo: "Thakur, tenho tantos filhos em vários lugares, não posso lembrar os nomes de todos. Por favor, olhe por eles. Por favor, cuide do bem-estar deles".

Registrado por uma devota anônima

Depois de receber iniciação espiritual, a Santa Mãe disse: "Olhe, querida, não costumo dar iniciação para jovens viúvas. Eu te iniciei apenas porque você é uma alma nobre. Não me traia. Um professor espiritual sofre pelos pecados do discípulo. Sempre repita o nome do Ideal Escolhido, como o ponteiro que nunca para de um relógio".

Uma vez, quando a vi antes de ir visitar meu sogro, Ela falou: "Não se misture com as outras pessoas, não se envolva nos assuntos alheios. Diga: 'Fique, Ó Mente, dentro de si mesma, não entre na casa de ninguém mais'. O Mestre gostava de bolinhos de coco. Quando voltar para casa, prepare bolinhos para Ele e ofereça. Aumente seu serviço a Ele, assim como o japa e a meditação, e também leia livros sobre Ele".

Outra vez, a Mãe e eu estávamos sozinhas, ninguém mais estava presente. Ela disse: “Veja, não se torne muito próxima e íntima de homens. Você não deve ser assim nem com seu pai ou irmão, o que dizer ainda de outros homens?”.

Ela me instruiu a não visitar frequentemente o monastério (Belur), ou outros locais onde os monges vivem. Ela falava: “Sem dúvida, você pode ir com um bom coração e por grande devoção, mas se sua visita afetar a mente dos monges, isso será ruim para você”.

Ela me pediu para não sair em peregrinações com frequência ou em companhia de qualquer um. Ela me disse: “Sempre que tiver algum dinheiro, alimente alguns homens santos”. Apontando para uma devota que estava sentada à nossa frente, a Mãe falou: “Aqui temos alguém que foi muito trapaceada em suas peregrinações. Sair em peregrinação é atrair perigo no caminho, mas não se afete muito por isso. Ficando em sua própria casa, você pode atingir mais do que poderia peregrinando. Tudo depende de sua aptidão”.

Certo dia, cinco devotas criticaram uma outra devota. Ao ouvir, a Mãe comentou: “Vocês devem ter respeito por ela. Foi ela quem trouxe vocês aqui”.

Eu queria criar o filho de uma outra família e pedi a permissão da Mãe. Em resposta, Ela apontou para sua própria condição complicada por criar Radhu e disse: “Não faça isso. Faça seu dever para com todos, porém, não nutra amor a ninguém que não Deus. Amar os outros traz muito tormento”.

Ao saber que eu tinha recebido iniciação da Santa Mãe, nosso preceptor familiar me amaldiçoou. Informei à Mãe sobre isso. Ela escreveu em resposta: “Nenhuma maldição poderá afligir qualquer um que tenha tomado refúgio no Mestre. Livre-se de todo o medo”.

Uma senhora devota uma vez me disse: “Não há qualquer encanto em Belur Math ou outros locais hoje em dia”. Contei à Mãe, que ficou assustada e falou: “Se há uma religião verdadeira, ela pode ser encontrada apenas aqui e em Belur”.

Um dia, eu e Nalini-Didi falávamos sobre uma devota. Dissemos à Mãe: “Não sentimos qualquer desrespeito para com ela”. A Mãe respondeu: “É porque ela chama o Mestre. Aquele que chama o Mestre, seja quem ou o que for, nunca se sentirá desrespeitado”.

Registrado por Prafulla Kumar Ganguli

Era o ano de 1916. O Durga Puja estava sendo celebrado em Belur Math. A Santa Mãe chegou no dia do Saptami Puja e estava ficando na casa ao norte do campus do monastério. No dia do Ashtami Puja, por volta das oito da manhã, Ela veio ao monastério para assistir à adoração de Durga. Um número de devotos chefes de família, monges e Brahmacharins estavam ocupados preparando os legumes no salão ao lado da cozinha. Ao observá-los, a Mãe falou: “Os meninos parecem cortar os legumes muito bem”. Um dos monges, Swami Jagadananda, respondeu: “A graça da Mãe Divina é nosso objetivo, seja através das práticas espirituais ou através de cortar os legumes!”.

Nesse dia, um grande número de visitantes saudou a Santa Mãe. Yogin-Ma, vendo que toda hora a Mãe lavava os pés, disse: “O que está fazendo, Mãe? Você vai pegar um resfriado”.

A Mãe respondeu: “O que posso fazer? Quando algumas pessoas tocam meus pés, o toque produz uma sensação agradável, mas no caso de outras, o toque é como fogo em meu corpo. Jogar um pouco de água do Ganges dá alívio”.

Uma vez, um pouco mais para frente, perguntei à Santa Mãe: “Uma vez, durante os Pujas, ouvi você dizer que quando algumas pessoas tocam seus pés, você sente uma dor terrível”.

Mãe: Sim, filho, acontece. Parece a picada de uma vespa, mas não dou expressão a tal sensação.

Logo depois, Ela deu um olhar carinhoso para nós e falou: “Não estou falando de nenhum de vocês”.

Falei: “Estou repleto de medo, Mãe, porque sinto que não ganhei muito mesmo sob seus cuidados”.

A Mãe disse: “Por que deveria temer, filho? Saiba que o Mestre está sempre atrás de você. Eu também estou com você. Por que deveria temer quando eu, sua Mãe, estou com você? O Mestre assegurou dizendo: ‘Aquele que tomar refúgio em você, eu o pegarei pela mão durante seus últimos momentos e o levarei pelo caminho’. Aonde quer que você vá, o que quer que faça, o Mestre virá durante suas horas finais para levá-lo para a Luz. Deus criou os pés e mãos do homem, então é natural que o homem os utilize. Os sentidos ficarão agitados”.

Uma vez, quando eu estava oferecendo comida ao Mestre, percebi um fluxo de luz caindo em cima da comida. Falando sobre isso, perguntei à Mãe: “Mãe, essa minha experiência é pura fantasia ou é verdade? Se for fantasia, por favor, faça algo para que eu me livre disso”.

A Mãe pensou um pouco e disse: "Não, querido, tudo isso é genuíno”.

Discípulo: Você sabe o que vejo?

Mãe: Sim.

Discípulo: O Mestre recebe a comida que ofereço a Ele? Você também recebe o que ofereço?

Mãe: Sim.

Discípulo: Como posso compreender isso?

Mãe: Por que? Você não leu no *Gita* que Deus recebe as frutas, flores, água e os outros itens que são oferecidos a Ele com devoção?

Surpreso com a resposta, falei: “Então, você é Deus?”. Ao ouvir isso, a Mãe riu. Nós rimos junto.

Registrado por um devoto anônimo

Era um dia de chaitra (março/abril) de 1321 (1915) quando fui ver a Santa Mãe na casa de Udbodhan.

Uma vez, quis levar minha avó para uma peregrinação. Porém, como a época não era auspiciosa, ela se recusou a ir. Falei sobre o assunto à Santa Mãe para ter alguma instrução. Ela respondeu: “Filho, alguns dizem que alguém perde os méritos que já tem se visita algum centro de peregrinação em época inauspiciosa. Porém, é bom cumprir com as tarefas sagradas sem demora”.

Não consegui entender o que Ela queria dizer e por isso expressei minha dúvida novamente. Perguntei especificamente o que eu deveria fazer com minhas circunstâncias naquele momento.

Mãe: Sem dúvida, as pessoas dizem que as peregrinações em época inauspiciosa são proibidas. Pode-se adiar uma tarefa sagrada devido às condições do tempo, mas a morte (kala) não se importa com o tempo (kala). Como a morte não tem um horário

fixo, deve-se fazer as tarefas sagradas sempre que houver oportunidade.

***

Era vinte e sete de chaitra (março/abril), de 1323 (1917). Eu estava conversando com a Santa Mãe.

Discípulo: Mãe, todos dizem que quem se aproxima de Kalpataru (a árvore que realiza todos os desejos) deve pedir algo. Porém, fico pensando, o que as crianças podem pedir à mãe? A mãe dá aos filhos de acordo com a necessidade deles. Como Sri Ramakrishna costumava dizer: “Uma mãe serve pratos diferentes para agradar o estômago de seus filhos diferentes”. Qual a atitude correta?

Mãe: Quanto de inteligência tem um homem? É bem capaz que ele peça algo que não seja o que realmente precisa. Ele pode até mesmo acabar criando um macaco no lugar de Shiva. É sábio tomar refúgio nele. Ele sempre te dará o necessário. No entanto, deve-se rezar por devoção e ausência de desejos, já que rezar assim não causa males.

Discípulo: O Mestre disse: “Aqueles que vêm aqui estão em seus últimos nascimentos”. Swamiji também dizia: “Ninguém pode obter a liberação sem a completa renúncia”. Qual, então, é o destino dos chefes de família?

Mãe: O que o Mestre disse é verdade, e o que Swamiji disse é igualmente verdade. Porém, os chefes de família não precisam renunciar externamente. Eles automaticamente adquirem renúncia interna. No entanto, precisa-se de Sannyasa formal. Por que deveria ter medo? Renda-se a Ele e viva, e saiba que o Mestre está sempre atrás de você.

Uma outra vez, quando um dos meus amigos morreu prematuramente em um hospital e em condições terríveis, escrevi uma carta à Santa Mãe. Mencionei o caráter puro do meu amigo e sua devoção por Deus, e rezei pela liberação dele. Em resposta, Ela disse: “Eu abençoou seu amigo. Que a alma dele possa ser liberada. Deixe que o Mestre o livre de todas as amarras”.

Registrado por uma devota anônima

Os dias mais felizes da minha vida foram quando a Santa Mãe estava viva. Um dia, quando fui ver a Mãe, Ela estava misturando uma quantidade de farinha grossa de arroz seco em uma tigela. Ela alegremente colocou uns três pedaços na boca e depois distribuiu o resto nas mãos de todos os devotos presentes. Eu disse: “Ah, Mãe, você quase não comeu nada”. Ela respondeu: “Se as meninas comem, é o mesmo que eu comer".

Outro dia, quando fui vê-la, soube que Ela tinha tido erupções graves de urtiga por todo o corpo.

Mãe: O que é isso? Qual é a cura?

Discípula: Mãe, as pessoas dizem que se cura rolando duas vezes e meia em uma coberta estendida no chão de um estábulo.

Mãe: Ah, o estábulo e o Ganges são muito puros, mesmo! Talvez seja por isso que curem.

Um dia, minha irmã de sete anos me acompanhou para ver a Mãe. Uns dias antes, ela tinha ido para Navadvip e lá começou a usar um colar de contas feitas com madeira de manjericão. Notando o colar em seu pescoço, a Mãe ficou feliz e deu um tapinha em suas costas dizendo: “Ah! Quando você conseguiu esse acessório?”.

Um dia, deixei em casa, em Basirhat, minha filha de dois meses. Eu tinha ido no trem da manhã e pretendia voltar no trem da noite. Eu sentia como se leite fosse sair de meu peito, então comecei a ficar agitada. Ao observar isso, a Mãe perguntou: “Por que está se comportando assim?”. Contei sobre minha dificuldade.

Mãe: Ah, filha, por que deixou sua filha? Poderia tê-la trazido.

Discípula: Mãe, não trouxe a bebê porque ela poderia sujar o local.

Mãe: E se ela sujasse? (Ela repetiu isso a todos os presentes) Vejam que distância ela percorreu deixando seu bebê de dois meses em casa! E o quanto está sofrendo!

Quando pedi à Ela um pouco de terra do templo de Simhavahini, a Mãe disse à sobrinha para dá-la a mim e comentou: “Ela (Simhavahini) é uma deusa viva”. Antes de ir embora, prostrei-me e Ela disse: “Venha novamente, filha”.

Registrado por uma devota anônima

Um dia, eu disse para a Mãe: “Mãe, a primeira vez que vi o Mestre, tinha um brilho irradiando do corpo dele. Parecia o brilho criado pelos raios do sol quando atingem um pedaço de vidro”. Ao ouvir isso, a Mãe disse: “Filha, você viu certo. Quando eu massageava suas costas, eu via esse tal brilho de vez em quando”.

Em outro dia, a sobrinha da Mãe, Nalini, porque estava muito brava, tinha feito jejum o dia todo. Todas as tentativas da Mãe de fazê-la comer falharam. No final, depois de um bom tempo, a Mãe a chamou e disse: “Não me leve apenas como sua tia. Se eu quiser, posso deixar este corpo agora mesmo”.

Enquanto falava sobre o Mestre, um dia, a Mãe disse para Lalit (Swami Kamaleswaranda), colocando a mão no peito: “Se eu alcancei o Mestre, você também o alcançará”.

Registrado por um devoto anônimo

No dia anterior ao Jagaddhatri Puja de novembro de 1908, cheguei à casa da Santa Mãe em Jayrambati para receber iniciação dela. Quando a notícia sobre minha chegada foi levada à Ela, Ela disse que me daria iniciação no dia seguinte, e assim recebi a iniciação.

Seguindo as instruções da Mãe, alguns de nós fomos visitar Kamarpukur e depois voltamos. Infelizmente, durante esse breve momento, tive uma discussão séria com um Swami sobre um assunto inútil. Durante nossa volta para Jayrambati, Tio Varada contou à Mãe tudo que tinha acontecido.

Tomado por alegria, comecei a cantar canções em frente à imagem de Jagaddhatri. Depois de um tempo, a Mãe me chamou e falou: “Você tem uma natureza alegre. Você passará os dias com tal alegria. Passe o tempo em alegria assim como estava fazendo cantando as canções em frente à Mãe Jagaddhatri. Aquele monge é de tal natureza, você não deve se perturbar com as palavras dele, mas deve lembrar delas e realizá-las em sua vida. O Mestre tem muita compaixão por você. É por isso que você sentiu uma atração espontânea por Ele desde quando era criança. Saiba que deve ser cuidadoso com essas três coisas. Primeiro, uma casa situada na margem de um rio. A qualquer momento, o rio pode subitamente destruir a casa e acabar com tudo. Segundo, uma cobra. Deve ter muito cuidado se encontrar uma, porque não se sabe quando ela irá atacar e te picar. Terceiro: um monge. Você não percebe que uma palavra ou pensamento dele possa fazer mal a um chefe de família. Quando encontrar um monge, deve mostrar respeito e não ser descortês”. Essas valiosas palavras da Mãe se tornaram parte de mim por toda a minha vida.

Registrado por uma devota anônima

Uma vez, fui para a casa da Santa Mãe levando meu filho, Haricharan, que estava então em uma condição mental perturbada. Ao chegar perto da Mãe, ele começou a falar com Ela desdenhosamente com uma linguagem usada para tratar inferiores, dizendo: “Tô com fome, me dá comida”, etc. A Mãe deu um pouco de comida consagrada para comer. Enquanto comia, ele começou a jogar punhados de comida por todo o lugar. Aborrecida com isso, comentei: “Isso aqui é um santuário e ele está fazendo uma bagunça”. Imediatamente, a Mãe, com afeto, falou: “Deixe-o comer. Depois que terminar, você limpa a bagunça”.

Perguntei à Mãe: “Mãe, o que há com ele? Assim que ele vê um Brâmane ou uma vaca, ele se curva”. A Mãe disse: “Compaixão pelos seres vivos despontou nele”.

Na lua cheia de Kojagari (durante o Sharad Purnima, festival da colheita) de um ano, Haricharan e eu jejuamos e fomos à casa de Udbodhan. Depois de oferecer flores aos pés da Santa Mãe, nós a saudamos. A Mãe abençoou Haricharan dizendo: “Que você tenha boa sorte! Que você viva muito!”.

A Santa Mãe disse para mim: “Encontro a paz quando vejo vocês. Porém, fico triste quando vejo que você perdeu o filho educado que estava te mantendo”.

Um dia, falei à Mãe: “Mãe, que eu tenha devoção aos sagrados pés do Mestre”. A Mãe respondeu: “Ao praticar as disciplinas devocionais, você gradualmente a terá”. Sempre que visitava a Mãe de manhã, Ela me dava arroz depois do almoço de Radhu, mas, antes das oferendas serem feitas ao Mestre, dizia: “O luto por seu filho falecido secou o seu coração. Você precisa comer mais cedo”. Respondi: “Nossa família já sofre com a falta de comida.

Devo comer antes de a comida ser oferecida ao Mestre?”. A Mãe disse: “Você nunca mais sofrerá com a falta de comida”.

Um dia, a Mãe falou: “Entrevistei muitos loucos até saber sobre seu filho perdido. Sinto como se ele estivesse vivo. Sarat (Swami Saradananda) também disse que ele está vivo”.

Quando perguntei à Mãe se meu filho voltaria para casa, Ela respondeu: “Ele voltará”. Depois, a Mãe segurou um punhado de gravetos em frente à figura do Mestre. Vários pedaços de tecido tinham sido enrolados firmemente aos gravetos. Ela segurou tudo em frente ao Mestre e disse: “Por favor, diga corretamente se o filho dela voltará ou não. Se não fizer isso, você ficará envolvido com o pecado de matar Brâmane, mulheres e vacas”. Enquanto falava aquilo, os gravetos dentro do tecido se soltaram e ficaram à vista. Assim que a Mãe os tocou, eles caíram. A Mãe disse: “Você viu o que aconteceu, filha? Mostrou que seu filho vai voltar. Você mesma pode tentar isso em casa”. De acordo com sua instrução, fiz o mesmo ritual e deu o mesmo resultado.

Um dia, levei minha mãe à casa da Santa Mãe, com um novo sari para Ela. Pedi a alguém para comprar o sari, mas ele não conseguiu um com bom tecido. Ao presentear a Mãe com o sari, falei: “Mãe, esse tecido não é bom, não é do meu gosto”. A Mãe imediatamente trocou de sari, vestindo o novo com entusiasmo, dizendo: “Veja, coloquei seu sari. Não se sinta mal. Vou usá-lo para tomar banho no Ganges”.

Uma vez, fui vê-la na casa de Balaram Babu. Naquela ocasião, vi uma pessoa presenteando a Mãe com dinheiro, dizendo: “Mãe, tal pessoa está doente. Por favor, ajude para que ele se cure”. A Mãe respondeu: “Pegue o dinheiro de volta. Aquele que nasce, um dia morre. O que posso fazer?”. Alguns dias depois, ouvimos dizer que o homem doente tinha falecido.

Registrado por Jitendra Mohan Chowdhury

Em Jayrambati, alguns devotos perguntaram à Mãe: “Quando viajamos de trem ou navio a vapor, como podemos fazer japa?”. A Mãe respondeu: “Devem fazer mentalmente”. Depois, completou: “Filho, suas mãos e lábios gradualmente cessarão de trabalhar e sua mente ficará apenas repetindo o nome. A mente, no final, torna-se o Guru”.

Uma vez em Varanasi, o aniversário da Mãe estava sendo celebrado. Naquele dia, a mãe do Swami Keshavananda estava chorando muito por lembrar da morte de um ente. Vendo isso, a Mãe disse: “Que vergonha! Chorar nesse dia! Hoje é um dia de alegria”.

No dia do Ratha-Yatra, em Koalpara, um de meus Gurubhais (companheiros discípulos) disse à Mãe: “Mãe, minha mente é muito agitada. Não consigo deixá-la firme de jeito nenhum”. Em resposta, Ela disse: “Assim como uma tempestade afasta as nuvens, o nome Dele dispersa a nuvem da mundanidade”.

Naquele dia, confidenciei à Mãe minha fraqueza mental. Ela disse: “Você acha que alguém consegue se livrar totalmente da luxúria? Ela estará lá de uma maneira ou de outra enquanto durar o corpo. Mas isso será diminuído a um estado comparável a uma cobra encantada”.

A Mãe uma vez disse: “Por que temer? Sempre lembre que há alguém atrás de você”. Ela também falou: “Enquanto este corpo (falando de seu próprio corpo) durar, passe seus dias em alegria”.

Uma vez durante uma conversa, a Mãe disse: “Exceto pela grama e pelo bambu, todos terão que vir para cá”. O que isso quer dizer, pelo que entendi, é que apenas aqueles que não têm solidez em si mesmos serão excluídos, todos os outros aceitarão as ideias de Sri

Ramakrishna. A Mãe transmitia ideias parecidas para Swami Keshavananda e Swami Vidyananda também.

Uma devota perguntou à Mãe: “Mãe, muitas pessoas fazem a adoração a Shiva. Nós também podemos fazer?”. Em resposta, Ela falou: “A adoração de Durga, Kali e outros pode ser feita com o mantra que te dei. Mas, se a pessoa quiser, ela pode aprender adorações específicas e executá-las. Você não precisa fazê-las, seria um fardo”.

A respeito das oferendas feitas a Sri Ramakrishna, alguém uma vez disse à Santa Mãe: “Mãe, não sei nada sobre os mantras prescritos para fazer as oferendas”. Ela respondeu: “Não tem necessidade de tanta formalidade na adoração. Tudo pode ser feito com o Ishta Mantra (mantra do Ideal Escolhido)”.

Registrado por Lalitmohan Saha

Um dia em 1915, fui ver a Santa Mãe na casa de Udbodhan. Quando me levantei após saudá-la, Ela disse: “Que firme era a aderência do Mestre à verdade! O quanto conseguimos seguir seu exemplo? Ele costumava dizer: ‘Apenas a verdade é a austeridade em Kali Yuga. Chega-se a Deus mantendo a verdade’”.

No ano seguinte, em Jayrambati, a Mãe estava falando sobre uma carta de um discípulo monástico, na qual ele expressava desânimo. De repente, a Mãe começou a falar séria e enfaticamente: “O que é isso, filho? O nome do Mestre é assim insignificante que se reduz à nada? O falar de seu nome jamais será em vão. Aqueles que vêm aqui lembrando do Mestre, com certeza obterão a visão do Ideal Escolhido. Ainda que não a obtenha durante o decorrer da vida, certamente a terá bem antes da morte”.

Em um domingo de 1918, sofri com uma tribulação mental que me fez ficar ofendido com o Mestre e com a Santa Mãe, e resolvi que

não visitaria mais a Mãe. Porém, meus amigos me persuadiram a ir à casa de Udbodhan. Lá, encontrei um monte de devotos aguardando para saudar a Mãe. Eles se prostraram diante dela um após o outro. A Mãe não falou uma palavra com ninguém. Porém, quando eu fiz Pranam, depois de todos eles, Ela disse carinhosamente: “Você está bem?”. Respondi emotivamente: “Sim, Mãe, estou muito bem”.

A Mãe riu para mim e falou: “O que há, filho? Essa é a natureza da mente. Apenas por causa disso você age dessa maneira?”.

Um outro dia, enquanto eu estudava para direito, fiz Pranam à Ela e perguntei: “Mãe, veja, essa é a condição da minha mente. E, além disso, vou praticar o direito. Qual será o meu destino?”.

A Mãe disse com segurança: “Por que teme, filho? Isso não é nada mais do que um emprego”.

Registrado por Swami Maheswarananda

Uma vez, durante seu aniversário em Jayrambati, a Mãe não se sentia bem desde as primeiras horas do dia. Ela pretendia não tomar banho, mas quando suas atendentes ouviram isso, Ela decidiu ir se banhar. De noite, no entanto, Ela ficou com uma febre alta. Quando fui vê-la, Ela disse: “Filho, obedeça aos ditames da mente primeiro. A mente é o primeiro Guru. Hoje de manhã quando acordei, tive a ideia de não tomar banho porque não estava bem. Mesmo assim, considerando vários fatores, finalmente tomei banho e agora estou sofrendo”.

Em outro contexto, a Mãe comentou um dia: “O Mestre costumava falar, citando um provérbio: ‘Coma comida morna e deite numa cama macia’”.

Um dia, no monastério de Koalpara, enquanto um devoto saudava a Mãe, ele disse para mim: “Já que tocar os pés dela em saudação causa tanto sofrimento à Mãe, deveríamos evitar”. Ela ouviu e falou: “Não, filho, estamos aqui apenas para este propósito. Se não aceitarmos os pecados e tristezas dos outros e digeri-los, quem mais o fará? Quem mais aguentará a responsabilidade pelos pecadores e sofredores? Quando um devoto nobre toca meus pés, não sinto dor, mas há pessoas cujo toque traz uma sensação de queimação aos pés. Você, filho, com certeza pode me saudar tocando em meus pés”.

Registrado por Sarayubala Sen

Uma manhã, quando a Santa Mãe e Golap-Ma estavam se aprontando para ir tomar banho no Ganges, Golap-Ma disse: “Mãe, passe um pouco de óleo no corpo”. Ela respondeu: “Não, não usarei óleo”. Como Golap-Ma continuou a falar, a Mãe disse: “Não deve-se tomar banho no Ganges com óleo no corpo. Se eu usar óleo, todos os outros usarão”.

Um dia, uma certa mulher veio à Mãe com um coração arrependido e disse: “Mãe, qual é o caminho para nós?”. A Mãe ficou meio aborrecida com tal pergunta e disse: “Vocês têm filhos todos os anos, não têm o mínimo de autocontrole. Qual a vantagem de vir a mim perguntar: ‘Qual é o caminho para nós?’”.

Após o retorno da Mãe de Rameswar, perguntei à Ela um dia: “Mãe, você não vai nos dizer o que viu?”. Ela respondeu: “Muitas pessoas foram me ver. Algumas mulheres são muito educadas. Elas me pediram para fazer uma fala. Eu disse que não podia. Se Gaurdasi tivesse ido, poderia fazer uma fala”.

Um dia, a Mãe comentou: “Uma grande alma é única. Ela é de um tipo genuíno. Gaurdasi é uma alma assim”.

Outro dia, encontrei a Mãe colocando um amuleto em Radhu para curá-la de sua doença e guardando dinheiro para a Deidade Guardiã. Ao ver isso, perguntei: “Mãe, por que está fazendo isso? Tudo acontece devido à sua vontade”. A Mãe respondeu: “Durante a doença de alguém, se é prometida uma oferenda à Deidade Guardiã, ele se liberta do perigo. Porém, todos devem receber o que merecem”.

Uma vez, Gauri-Ma estava seriamente enferma com varíola, na casa de um devoto em Maniktala. A mãe do devoto e outros cuidavam dela correndo risco com suas próprias vidas. Ao ouvir isso, a Mãe disse: “A mãe de A– será liberada neste nascimento. Não apenas ela, mas aqueles que ajudaram com a enfermidade de Gaurdasi também serão liberados”.

Registrado por Priyabala Devi

Em doze de poush (dezembro) de 1916, prostrei-me aos pés de lótus da Santa Mãe pela primeira vez e fui abençoada com a iniciação dela. Enquanto subia as escadas para o primeiro andar da casa da Mãe junto a uma irmã discípula, eu tremia de alegria. Yogin-Ma me abraçou e me levou à Mãe, dizendo: “Veja, Mãe, aqui está mais uma filha sua. Veja como estão seu rosto e olhos!”. A Mãe, que estava descascando frutas na hora, disse: “Sim, querida, eu a conheço. Ela é a filha de Rama”. Fiquei surpresa e me indaguei como a Mãe poderia saber aquilo.

A Mãe me chamou à sala do altar e me disse para sentar na esteira ao seu lado. Quando minha irmã discípula me convidou para ir tomar banho no Ganges, a Mãe comentou: “Ela não precisa ir tomar banho no Ganges”. Ela aspergiu água do Ganges em meu corpo e depois me deu iniciação. Após dizer uma palavra do mantra, Ela falou: “O Mestre deixou para mim essa parte do mantra”. Quando eu estava para oferecer flores e folhas, ela disse:

“Ponha as folhas de manjericão e de bilva em minhas mãos e ofereça as flores aos pés”.

Um dia enquanto conversava com a Mãe, minha irmã discípula mencionada acima disse sobre mim: “Seria bom se ela entrasse para o internato de Nivedita”. A Mãe respondeu: “Não, ela não precisa ficar lá, mas seria bom se pudesse ficar comigo”. Porém, nunca tive a sorte de isso acontecer.

Um dia, perguntei à Mãe: “O que devo fazer para meu progresso espiritual? Não sei nada”. A Mãe disse: “O que mais pode fazer? Faça o que está fazendo agora. Repita o nome Dele todos os dias de manhã e de noite”.

Ao ouvir de uma devota que as viúvas em nossa parte do país são muito austeras em relação à comida, a Mãe disse para mim: “Pela noite, você deve comer chapatis e outros itens após oferecê-los ao Mestre. Deve-se seguir esse costume”.

Cerimônia de abertura da nova casa de Sarada Devi em Jayrambati, em 15 de maio de 1916. Foto de Swami Chetanananda, em *Sri Sarada Devi and Her Divine Play*.

O Evangelho da Santa Mãe Sri Sarada Devi

SEÇÃO 3

TRADUZIDO POR OUTROS

Registrado por Pravrajika Bharatiprana

Udbodhan

Quando encontrei a Santa Mãe pela primeira vez, eu era aluna no internato da Irmã Nivedita. Um dia depois da aula, a Irmã Sudhira levou algumas de nós para a casa da Santa Mãe. A Mãe estava sentada na sala do altar. A Irmã Kusum estava lendo um livro. Quando nos prostramos à Ela, a Mãe disse: “Sentem-se, queridas”, e falou à Irmã Sudhira: “Você está bem, filha? Suas aulas já acabaram? Essas meninas estudam em sua escola?”.

Irmã Sudhira: Sim, Mãe, elas estudam em nossa escola.

Mãe: São boas meninas. (Apontando para mim) De onde vem essa garota? Ela parece ser muito boazinha.

Irmã Sudhira: Ela tem pais Brâmane. A casa dela é aqui perto.

Após essa conversa, a Santa Mãe disse: “Kusum, leia. Todos irão te ouvir”. A leitura começou. Acho que o livro era o *Krishna Charita*. Ouvindo a descrição de Sri Krishna bebendo toda a coalhada e todo o leite usando de vários estratagemas, a Santa Mãe e todos começaram a rir muito. Ela disse: “Que menino danado!”. Logo depois, nosso veículo chegou. A Mãe perguntou: “Vocês vão agora? Não podem ficar mais um pouco?”. Ao ouvir a resposta da Irmã Sudhira, Ela respondeu: “Venham pela manhã, querida”.

Depois de receber a Prasada, fizemos prostração e saímos. Ela disse: “Volte, querida, volte”.

Numa outra noite, a Irmã Sudhira me levou para a casa da Santa Mãe. A Mãe estava deitada em uma esteira estendida em uma cama simples. Ao nos ver, Ela disse: “Sentem-se, queridas”. Fizemos Pranam e sentamos.

Mãe: Terminaram as aulas? Que horas são agora?

Irmã Sudhira: Hoje as aulas terminaram de manhã. Agora são três e meia. Eu vim e trouxe as meninas comigo.

Mãe: Você fez bem.

Depois, o assunto de nossa conversa foi a respeito de uma garota. A Santa Mãe disse: “Veja, filha. Ela não vai para a casa do sogro. Ela veio a mim. Ela não gosta do marido porque ele é moreno. Ela deveria rejeitá-lo apenas por ser moreno? Ele é marido dela. Que tipo de meninas são essas não sei. Ouvi dizer que a natureza dele não é boa. Por causa disso também ela não quer ir. Ainda que ele seja assim, ele não a negligenciou. Não sei, querida, que tipo de meninas são essas. Se as pessoas souberem disso, o que pensarão? Deixe que ela faça como quiser”. Ao dizer isso, Ela foi lavar as roupas. Na hora de ir embora, fizemos Pranam e dissemos: “Mãe, estamos indo”. Ela nos corrigiu dizendo: “Não devem dizer ‘Estamos indo’. Devem dizer ‘Voltaremos’. Venham novamente quando tiverem tempo, queridas”.

Um sábado à noite, a Irmã Sudhira levou algumas de nós para Dakshineswar e no caminho de volta fomos à casa da Santa Mãe. A Mãe estava deitada na cama. Ao nos ver, Yogin-Ma disse: “De onde estão vindo a essa hora?”. A Mãe perguntou: “Quem chegou?”. “É Sudhira”, respondeu Yogin-Ma. Ao ouvir, a Mãe sentou. Fizemos Pranam à Ela e sentamos.

Mãe: De onde estão vindo a essa hora da noite?

Irmã Sudhira: Levei as meninas para Dakshineswar. Depois de assistir ao Arati, quando estávamos voltando, começou a escurecer e pensei que, já que estávamos perto, deveríamos ir embora? E por isso viemos.

“Fizeram bem”, disse a Mãe e deitou novamente. A Irmã Sudhira começou a lavar seus pés. Fiquei por perto abanando a Mãe. Irmã Sudhira estava conversando com Ela sobre Dakshineswar.

Mãe: Vocês viram o Nahabat, não é? Eu ficava no quarto mais baixo do Nahabat, cozinhava embaixo das escadas.

Irmã Sudhira: Sim, Mãe, sei disso. Mesmo hoje, as escadas do lado da frente são acarpetadas. Embaixo das escadas tem uma lareira e as cestas das pescadoras ainda são deixadas ali na mesma varanda. Falei para as meninas sobre você, de como ficava naquele quarto. Mãe, como conseguia viver naquele quartinho? Você não teve problemas?

Mãe: O problema era somente com as abluções matinais e com o banho. A necessidade de saneamento era outro problema. Isso afetava minha saúde. Aquelas pescadoras eram minhas companheiras. Elas vinham para também se banharem no Ganges e deixavam as cestas na varanda para entrarem na água. Como a gente conversava! No hora de irem embora, pegavam as cestas e partiam. Eu ouvia um pescador cantar enquanto pescava de noite. Quantos devotos vinham ao Mestre! Quanta cantoria! Eu ouvia tudo e pensava: “Se fosse um dos devotos, eu poderia ficar perto do Mestre como eles e quanto mais eu poderia ouvir!”. Yogin e Golap sabem de tudo. Às vezes elas iam e ficavam comigo.

A Santa Mãe olhou para Yogin-Ma e disse: “Que maravilhosa era aquela época, Yogin!”. Ao dizer isso, Ela ficou meio inerte. Yogin-Ma comentou: “Que grande alegria que era. Dá para descrever em palavras? A alma fica emocionada de pensar sobre isso mesmo hoje em dia”. A Santa Mãe se virou para nós e falou: “Já é de noite. Elas não vão brigar com vocês por estarem atrasadas?”.

Irmã Sudhira: Sim, vão brigar um pouco. As pessoas de lá ficam muito bravas com as pessoas daqui. Se ouvirem que as meninas vieram aqui, vão ficar muito bravas.

Mãe: É assim, filha? Pobres crianças, para que brigar? Quantos tipos de pessoas existem? Dá para dizer? Para aqueles que vivem na sociedade, não há fim para seus medos. Queridas, precisam ir agora. Ah, quanta briga terão que aguentar!

Irmã Sudhira: Se elas não puderem aguentar um pouco, qual o propósito? Através de sua bênção, elas não terão nada a temer.

Mãe: Pela graça do Mestre, tudo ficará bem. Se brigarem, não digam nada. Há muitos tipos de pessoas no mundo. Precisamos suportar isso. O Mestre dizia: “Sa, sa, sa”, significando: apenas aquele que suporta, viverá.

Pelo nosso bem, Ela juntou as mãos diante do Mestre e falou: “Senhor, dai-lhes proteção”. Nós nos prostramos à Ela e fomos embora.

Durante as férias, um dia ao meio-dia, a Irmã Sudhira e três de nós fomos à casa da Santa Mãe. A Mãe nos viu e disse: “Sentem-se no santuário. Vou para lá após fazer a oferenda ao Mestre”. Um pouco depois, quando Ela voltou, nós nos prostramos. Depois de perguntar como estávamos, Ela disse: “Aquele dia elas brigaram com vocês?”. “Não muito”, respondemos. “Nem sequer sentimos”.

Depois de comermos, a Santa Mãe deu Prasada cozida para a Irmã Sudhira. Dentre nós, duas eram viúvas. Vendo que elas hesitavam em comer, a Mãe disse: “Comam, queridas, não há problema em comer da Prasada”.

A Santa Mãe foi descansar um pouco depois e pediu para que nós deitássemos no chão e estendeu uma esteira. De noite, Ela nos deu Prasada e sentamos na varanda conversando com a Irmã Sudhira. Uma moça deu uma figura bordada de Gopala para a Santa Mãe, fez Pranam e sentou. A Mãe olhou e disse: “Filha, você que fez?”. “Sim, Mãe”, respondeu ela”. “Ah, que bem feito. Que linda expressão no rosto! Veja que lindo que ela fez!”. Dizendo isso, Ela mostrou para todos e continuou: “Muito bem feito, não é?”. Todos nós concordamos. Ela olhou de novo, tocou com o bordado na cabeça e pediu para ser pendurado. Depois, perguntou sobre a família da moça e deu Prasada para ela.

A Mãe mostrou o bordado para Golap-Ma assim que ela chegou e disse: “Veja que lindo!”. Apontando para a moça, Ela explicou: “Esta jovem que fez”. Golap-Ma olhou e disse: “Tudo está muito bem feito. Apenas o braço esquerdo está um pouco torto”. Começamos a rir. A Mãe também riu e disse: “Golap chegou e nos mostrou o defeito. O gosto delas é diferente, querida. Golap é mestra de muitas artes e por isso é crítica. Seu trabalho é sempre perfeito. Ela tem muitas habilidades. Todas as necessidades pessoais do Mestre eram organizadas por ela. Ela faz todo tipo de coisas - mosquiteiros, almofadas, fronhas, etc. Ela nunca fica ociosa”.

Um pouco antes de anoitecer, a moça fez Pranam para a Mãe e estava de saída. A Mãe falou: “Venha novamente, querida”. Yogin-Ma chegou, curvou-se à Mãe e sentou. Depois de conversarem um pouco, a Santa Mãe mostrou a figura para ela e disse: “Veja que lindo. Que linda expressão no rosto!”. “Muito bem

feito mesmo. Quem fez? Ficou excelente!”, exclamou Yogin-Ma. A Mãe contou sobre a moça e disse: “Golap disse que o braço esquerdo estava torto”. Yogin-Ma disse: “Oh, não ligue para ela”.

Quando anoiteceu, a Mãe fez Pranam dizendo: "Haribol, Haribol, Gurudev, a graça do Guru” e curvou-se em direção ao Ganges. Ela estendeu uma esteira no chão no quarto e sentou, pegou um pouco de água do Ganges e começou a fazer japa. O Arati começou. A sala estava cheia de gente e muitos faziam japa também. Que visão maravilhosa!

No dia de Akshay Tritiya (celebração do aparecimento do sexto avatar de Vishnu, Parasurama), duas de minhas amigas receberam iniciação. Infelizmente, não pude receber daquela vez porque não estava em Calcutá. Um pouco depois disso, uma noite, fui com a Irmã Sudhira à casa da Santa Mãe. A Mãe ia para Jayrambati, mas a viagem foi adiada.

A Mãe respondeu algumas perguntas feitas pela Irmã Sudhira e depois disse: “Minha cunhada mais nova ficou muito estranha. Ela vai melhorar assim que voltar para o vilarejo. E tem o casamento de Radhu. Por causa de tudo isso, preciso ir logo. Tudo estava acertado para a viagem, mas foi adiada porque o dia não era auspicioso”. Depois do Arati, a Santa Mãe deitou um pouco. Irmã Sudhira estava massageando seus pés. A Mãe disse: “Aperte um pouco mais, querida. Amanhã é lua cheia e o reumatismo da perna fica pior. Essa doença é tão intensa que não há sinais de que vá cessar. Começou há muito tempo. Eu ainda morava em Dakshineswar”.

Tendo um pouco de alívio com a massagem, a Santa Mãe caiu no sono. Nosso veículo chegou. Fizemos Pranam ao Mestre e estávamos indo quando a Mãe acordou e disse: “Estão indo? Venham novamente”. Yogin-Ma falou com Ela sobre minha iniciação. “Venha amanhã de manhã”, Ela respondeu. Na manhã

seguinte, quando cheguei à sua casa, Ela tinha terminado a adoração ao Mestre e estava se aprontando para o banho no Ganges. Ao me ver, Ela disse: “Venha, querida, vou iniciá-la rapidinho e depois ir tomar banho”. Depois de terminada a iniciação, Ela disse: “Ofereça essas flores aos meus pés”. Eu me perguntei o que deveria dizer enquanto oferecia. A Mãe me deu algumas flores e continuou: “‘O que for meu, ofereço a você’, diga isso e ofereça as flores aos meus pés”. Obedeci. Ao me mostrar a foto do Mestre, Ela disse: “Ele é todo seu. Chame-o e tudo será seu”.

Eu a massageei com óleo quando Ela pediu. Depois que Ela terminou o banho, a Irmã Sudhira disse que precisávamos ir. “Como podem ir embora agora, querida?”, objetou a Mãe. “Comam Prasada e vão mais tarde”. Quando Yogin-Ma chegou lá em cima, a Mãe disse à ela: “Elas querem ir para casa”. Yogin-Ma respondeu: “Devem comer Prasada e depois ir. Acabei de falar à cozinheira sobre a comida delas”.

Yogin-Ma estava indo para casa. Ela se curvou aos pés da Santa Mãe. Ela colocou a mão em sua cabeça e a abençoou dizendo: “Já está bem tarde. Por que não comem aqui? Cozinhar depois que chegarem em casa será complicado”. “Não, Mãe, minha mãe está lá. Ela deve ter preparado tudo, vou apenas esquentar”, respondeu Yogin-Ma. A Mãe a apressou dizendo: “Então não demore mais, querida. O sol está forte e você tem que andar bastante”.

Depois disso, a esposa de Lalit Babu chegou, fez Pranam e sentou. Suas filhas tinham falecido recentemente e ela estava muito triste. A Mãe a consolou de várias maneiras. Ela disse: “Ah, todas as três faleceram. Não podia uma ter sobrevivido? Além disso, Lalit está doente. Que ele se recupere pela graça do Mestre. Será um grande alívio se ele for salvo”. A Mãe deu Prasada à ela e continuou: “Coma, querida. Como você está magra!”. Ao sair, Irmã Sudhira disse à Santa Mãe: “Depois de quantos dias posso esperar para

receber seu Darshan?”. “Vou voltar logo”, disse a Mãe. “Por que vocês não vão ao casamento de Radhu?”. Irmã Sudhira não respondeu nada, mas disse: “Preciso ir, Mãe”. A Mãe a abençoou e disse: “Venha novamente depois que eu voltar”.

Depois que a Santa Mãe voltou de seu vilarejo, Irmã Sudhira e eu fomos à casa dela uma tarde e fizemos reverências. Irmã Sudhira comentou: “Mãe, você ficou muito queimada e magra”. “Nossa vila é um campo aberto, como sabem”, Ela respondeu, “por isso, a pele ficou queimada. Além disso, trabalhei muito”.

Irmã Nivedita entrou, prostrou-se à Mãe e sentou. A Mãe perguntou como ela estava e deu um leque feito por Ela mesma, dizendo: “Fique com isso para você”. A Irmã ficou muito feliz em ganhar o leque. Ela o tocou com a cabeça, no coração e disse: “Que lindo, que maravilhoso!”.

Ela mostrou para nós e disse: “Olhem que lindo!”. A Santa Mãe disse em apreciação: “Vejam que felicidade a dela em receber um presentinho! Ah, que fé pura, como se eu fosse uma deusa! Quanta devoção ela tem por Naren! Como ele nasceu neste país, ela deixou tudo e veio fazer o trabalho dele com o coração e a alma. Que devoção ao Guru! Que amor por este país!”.

A Irmã ia para Darjeeling e contou à Mãe. Quando Radhu chegou, a Santa Mãe disse: “Radhu, prostre-se às suas irmãs”. Irmã Sudhira protestou dizendo: “Não, não, ela não precisa fazer isso. Por que deveria nos saudar?”. Mas a Santa Mãe insistiu dizendo: “Vocês todas são as irmãs mais velhas dela. Ela não deveria saudar vocês?”. Então, chegou um Brahmacharin e informou à Mãe que alguns devotos estavam esperando para fazer Pranam à Ela. “Mande-os entrar”, Ela disse e sentou cobrindo-se com um xale. Voltamos para casa depois de um tempo, após recebermos a bênção da Mãe.

Um dia, a Irmã Nivedita nos disse que a Santa Mãe visitaria nossa Escola e que ficaríamos muito felizes com tal ocasião. A carruagem da Santa Mãe chegou apenas de noite, em vez de chegar de manhã. Radhu, Golap-Ma e outros estavam com Ela. Assim que desceu do veículo, a Irmã Nivedita fez Sashtanga Pranam (prostração completa) à Mãe e a levou para o salão de oração. Ela deu flores a todos para serem oferecidas aos pés da Mãe. Enquanto oferecia as flores, Irmã Nivedita foi apresentando uma por uma das meninas. A Mãe pediu às meninas para cantarem um pouco. Elas cantaram e recitaram um poema. A Santa Mãe ouviu e gostou do poema. Depois, Ela mostrou uma Prasada para ser dada para nós. Um pouco depois, a Irmã Nivedita a levou para conhecer toda a casa, os artesanatos das meninas, etc. Ao ver tudo, a Mãe ficou muito feliz e comentou: “As meninas estão tendo um ótimo treinamento”. Mais tarde, ela levou a Mãe para o quarto para descansar.

Na época do falecimento de Irmã Nivedita, a Irmã Sudhira também estava mal. Como a Mãe se preocupava com seu bem! Ela chorava dizendo: “Oh, Mestre, Sudhira também precisa ir? Ela ainda tem muito trabalho a fazer!”.

À “Tia de Syampukur”, a Mãe disse: “Você poderia trazer as notícias sobre a Irmã Sudhira, querida? Ah, como ela está mal!”. Quando ela concordou, a Santa Mãe deu o charanamrita do Mestre, a romã, etc., e disse: “Dê tudo à ela e me avise sobre como ela está. Vou oferecer folhas de tulasi ao Mestre para o bem dela”.

Após a Irmã Sudhira ter se recuperado, ela, eu e a Irmã Christine fomos à casa da Mãe uma noite. Depois do Arati, fizemos Pranam e nos sentamos de frente para Ela. “Vocês estão bem, queridas?”, perguntou a Mãe. A Irmã Sudhira respondeu que estava bem melhor, mas ainda precisava ser cuidadosa. “Fiquei muito preocupada com você”, disse a Mãe, “no entanto, você se recuperou pela graça do Mestre. Como Nivedita tinha acabado de

falecer e você ficou doente logo na sequência, pensei: ‘Se Sudhira também for, quem vai cuidar da escola?’. (Falando para a Irmã Christine) Ah, elas estavam juntas o tempo todo. Vai ser muito mais difícil para ela ficar sozinha. Até nossos corações ficam aflitos pela partida dela, o que dizer de nossa tristeza?! Que personalidade ela tinha! Quantos choram por ela hoje!”. Falando assim, a Santa Mãe começou a chorar. Depois, Ela fez várias perguntas à Irmã Christine sobre a escola.

A Irmã Sudhira ia para Kasi e eu ia acompanhá-la. Ao ouvir isso de nós, a Santa Mãe fez perguntas específicas sobre nosso plano e falou: “Comecem logo, queridas. O corpo é para ser cuidado, não é?”.

Apenas muitos dias depois é que fui novamente à Santa Mãe. A Sra. – estava comigo. Como a Irmã Sudhira não estava comigo no dia, eu estava muito preocupada se a Santa Mãe iria me reconhecer. Fomos ao santuário e vimos que a Mãe tinha levantado após terminar o Puja. Ao me ver, Ela disse: “Oh, querida, você finalmente veio? Já faz muitos dias desde sua última visita, não é? Como pensei em você! Onde você estava?”. Enquanto fazia Pranam, Ela colocou a mão em minha cabeça, abençoou-me e perguntou sobre a Irmã Sudhira. Respondi que ela tinha voltado para Calcutá e eu vim com ela. Minha alma estava repleta de bem-aventurança com a ideia de que Santa Mãe tinha me reconhecido.

Naquele dia, um convite para a casa de Balaram Babu fora feito e todos estavam indo para lá. Radhu não estava bem. A Mãe disse sobre ela: “Ela não vai, ela não foi convidada e vai ficar aqui”.

O veículo que levaria a Mãe chegara. Antes de sair, a Mãe nos disse: “Vocês fiquem à vontade. Voltaremos em breve”. Depois, disse à Radhu: “Brinque com suas irmãs, querida. Voltarei rápido”.

A Santa Mãe voltou depois das quatro da tarde. Eu, junto a outros, ia no mesmo veículo. A Mãe me deu um pouco de Prasada e disse: “Ah, querida, acabamos de chegar e você já vai. O que pode ser feito? Você veio com eles, é correto que volte com eles”.

Radhu: Por que a irmã não fica?

Mãe: Como ela poderia, querida?

Radhu: Não, faça-a ficar. Os outros podem ir.

Mãe: Ela (Radhu) está doida. Se ficar, como os outros poderão ir? Não, querida. Apresse-se, eles estão te chamando lá de baixo.

Eu me prostrei à Santa Mãe e me despedi. Ela me abençoou e disse: “Quantos dias você terá que ficar assim, apenas o Mestre sabe. Venha de novo, querida”. Ela foi comigo até as escadas. Que grande compaixão a dela eu experimentei naquele dia, não posso descrever em palavras. Ela me deu muita instrução, dizendo: “Faça isso, faça aquilo”.

Varanasi, 1912

Durante o feriado do mês de paush (fevereiro), a Irmã Sudhira queria estar com a Santa Mãe e foi para Kasi, levando algumas de nós. Quando encontramos a Mãe, depois de conversarmos um pouco, Ela disse sobre Yogin-Ma: “Ah, Yogin não veio. Ela está doente. O Mestre e a Mãe Divina a salvaram. Fiquei muito preocupada com ela”. Depois de conversarmos mais, a Irmã Sudhira e as outras foram ver a casa alugada para nossa estadia.

A Mãe adormeceu. A casa estava quase em silêncio, com todos descansando. Naquele silêncio, uma música foi ouvida da varanda:

“Para onde foi a Mãe?

Não A vejo há muitos dias
Mãe, leve-me em Seu colo
Que tipo de Mãe é você
Com um coração tão duro para com uma criança?!
Conceda a visão de Ti, Mãe, e não me deixe mais chorar.”

A música era cantada com um tom tão leve que pensei que era alguém chorando de longe. Subitamente, a Mãe acordou e disse: “Quem está cantando? Vamos para a varanda para ver, querida”. Fomos lá e o que vimos me deixou muda de espanto. Uma garota cantava e seu peito era banhado por lágrimas enquanto cantava. Quando a Mãe sentou, a garota se curvou à Ela e disse: “Mãe, o desejo do meu coração há muitos dias foi realizado hoje. Não posso expressar a alegria que está me inundando hoje, Mãe”. A Santa Mãe a abençoou e fez algumas perguntas.

Garota: Sou apenas uma pedinte, Mãe.

Mãe: Onde você fica?

Garota: Fico no portão de Annapurna, perto do templo de Behari Baba, no Dasasvamedha Ghat.

Mãe: Você está bem pedindo esmolas, suponho.

Garota: Por sua bênção, tudo vai bem, Mãe. Não há preocupação sobre as necessidades diárias. Pela graça de Annapurna, ninguém fica sem comida aqui, Mãe. Eu me preocupo em ter um pouco do Bhakti.

Mãe: Isso certamente chegará, querida. Você fica em um local muito sagrado. Aqui, o Senhor Viswanath e a Mãe Annapurna estão reinando realmente. Pela graça Deles, tudo se realizará.

A Santa Mãe pediu para que ela cantasse outra música. Ela começou a cantar:

“Mãe, que você Se satisfaça
Tendo-me como uma filha!
Não me deixe crescer
Deixando para trás a beleza da infância
Uma alma simples e bela
Sem saber sobre honra e infâmia
Ela não conhece a crueldade
Nem a censura, nem a vergonha, nem o desprezo.”

Mãe: Que música linda!

Garota: Tive, por muitos dias, um desejo intenso de te ver. Ao ouvir que você estava aqui, sempre penso em vir, mas fico com receio de alguém se opor.

Mãe: Ninguém dirá nada. Venha sempre que quiser.

A Santa Mãe pediu para darem Prasada para ela. Após receber a Prasada, a garota estava indo embora. A Santa Mãe disse para ela: “Venha novamente, querida”. Depois, Ela nos falou: “A menina tem grande devoção”.

Durante os poucos dias em que estávamos em Kasi, íamos à Mãe todos os dias, de manhã e de noite. Uma noite, quando chegamos, a Mãe estava indo para o Ramakrishna Advaita Ashrama para assistir a uma fala sobre o *Bhagavata*. Ao nos ver, Ela disse: “Vamos ao monastério ouvir sobre o *Bhagavata*. Alguns dos Pandits o recitam. Querem ir? Por que não vêm conosco?”. Fomos com Ela.

A fala durou duas horas. Depois que terminou, a Santa Mãe deu uma rúpia, curvou-se e retornou. Durante uma conversa, Ela disse: “Ah, que bela recitação! O Pandit recitou muito bem”.

Um dia após anoitecer, Irmã Sudhira e eu estávamos sentadas perto da Santa Mãe. A Mãe disse: “Qualquer um que já tenha chamado o Mestre uma vez com fé sincera e devoção não tem mais nada a temer. Ao chamá-lo, através da graça dele, atinge-se Prema Bhakti e muita devoção. Este amor deve ser adorado na maior privacidade, querida. As Gopis de Vraja tinham esta Prema Bhakti. Elas não conheciam nada exceto Krishna. É dito na canção de Nilakantha: ‘Este tesouro de Prema deve ser preservado com o maior esforço’”. Ao dizer isso, a Santa Mãe cantou a música. Com que voz doce Ela cantou aquele dia! Até hoje isso ressoa em meus ouvidos. Ao final da música, Ela falou: “Ah, que excelente é esta música de Nilakantha! O Mestre gostava imensamente dela. Enquanto o Mestre estava em Dakshineswar, Nilakantha vinha a Ele de vez em quando e cantava. Que alegria era! Quantos tipos de pessoas vieram a Ele! Era como se um mercado da alegria tivesse aparecido em Dakshineswar”.

Fui à casa da Santa Mãe outro dia. A Mãe estava sentada na varanda e conversava com duas moças. A garota pedinte mencionada antes chegou e se prostrou à Santa Mãe. Ela tinha uma pêra nas mãos e a ofereceu à Mãe dizendo: “Mãe, eu ganhei isso como esmola hoje e trouxe para você. Mas, Mãe, não tenho a coragem de oferecer para você”. “Você fez bem”, assegurou a Santa Mãe, “dê-a para mim, querida”. Ao dizer isso, Ela pegou a pêra, tocou-a na cabeça e disse: “O que é dado como esmola é muito puro. O Mestre gostava muito de pêra. E essa pêra está muito boa, vou comê-la agora”. A garota ficou muito tocada e disse: “Sou apenas uma garota pedinte, que compaixão você está concedendo a mim!”. Lágrimas desciam em seu rosto enquanto dizia isso. A Santa Mãe continuou: “Suas músicas são tão lindas. Cante um pouco para mim”. A garota cantou.

“Gopala, vou te enfeitar agora
Dance assim e assim, rode e gire
Vou consertar as tornozeleiras, querido
Elas vão tilintar muito bem
Um manto dourado irei enrolar em Sua cintura
Gopala, meu querido, vou Te alimentar
E Te darei dois pares de pulseiras de ouro.”

Ao concluir a música, a garota disse: “Mãe, se essa música é cantada, o Sadhu Behari Baba, do Dasasvamedha Ghat, começa a dançar como Gopala. A natureza dele é exatamente como a de um garoto”.

A Mãe disse: “Muito boa a música. Você pode cantar outra?”. A garota cantou outra música. A Santa Mãe pediu para darem Prasada para ela. Ao comer, ela se curvou à Mãe dizendo: “Preciso ir embora, Mãe”.

“Venha novamente, querida. Venha sempre que quiser”, disse a Santa Mãe.

Um dia, por volta das três horas, a Santa Mãe, nos buscou a caminho do Ashrama de Senhoras. Quando chegamos lá, uma moça veio até a Mãe. Todas as senhoras começaram a oferecer flores aos pés dela e se curvaram.

Mãe: O que é isso? Todas são habitantes de Kasi. Por que fazer Pranam?

Moça: Elas não deveriam, Mãe? Todas são mantidas com o seu alimento.

Mãe: Querida, o Senhor Viswanath e a Mãe Annapurna estão aqui. Presumo que você seja a cuidadora delas.

Moça: Sim, Mãe.

Mãe: Ah, isso é bom. Se essas senhoras desamparadas forem servidas, o serviço de Narayana está feito. Ah, que belo trabalho essas filhas estão fazendo!

Depois disso, a Mãe foi conhecer a casa, visitou os quartos e voltou.

Um dia após anoitecer, voltamos de Sarnath e fomos à casa da Santa Mãe. A Mãe estava deitada, Radhu estava deitada ao seu lado. Ao ouvir a descrição sobre Sarnath, Radhu perguntou: “Mãe, você vai lá para ver o lugar?”. “Como, querida?”, respondeu a Santa Mãe. “Tenho pernas para ir e ver? Veja, querida, não posso nem mesmo ir e receber Darshan de Viswanath. Vendo todas essas pessoas irem, tenho vontade de ir e ver o Senhor Viswanath. Porém, não posso andar. Como iria? Não posso fazer nada. Quando as pernas estavam em boa condição, eu andava de Jayrambati até Dakshineswar. Que distância eu aguentava na época! Após o falecimento do Mestre, fui para Vrindavana. Andava de um lugar para o outro para receber Darshan”.

Um dia, uma mulher e a filha de dez, onze anos, estavam sentadas perto da Santa Mãe. A mulher era muito pobre.

Mãe: Onde está seu marido?

Mulher: Ele se tornou um Bairagi (uma designação de casta) um tempo atrás. Ele foi embora quando essa menina era muito pequena.

Mãe: Você tem se mantido sem trabalho todo esse tempo?

Mulher: Tive alguns trabalhos e me mantive com o que tinha. Agora isso não será mais possível. Mãe, estou com muita dificuldade. Se você pudesse dizer a eles para arranjarem algo, Mãe!

Mãe: Eu poderia fazer isso com uma palavra. Porém, o que eles têm é através da mendicância. Quantas pessoas eles ajudaram assim! Eles farão o que acharem de acordo, com certeza.

A Santa Mãe deu uma rúpia para ela, um tecido e falou: "Comam aqui hoje". A Mãe estava sentada no telhado. Abaixo, estavam cozinhando. A mulher falou: "Mãe, a menina disse: 'Que cheiro delicioso de comida está vindo!'". A Santa Mãe disse em desaprovação: "Como assim? Deve-se dizer tal coisa? A comida é para a oferenda do Mestre". Na hora de comer a Prasada, a Santa Mãe disse à cozinheira para servir bastante curry de peixe para a menina. Depois de comer, a mulher disse: "Tive uma maravilhosa refeição, Mãe, a menina não quer nem levantar". "Que bom", disse a Mãe, "agora que acabaram, subam e lavem as bocas". Quando saíram, a Mãe disse: "Que pobreza! Que ganância! A menina comeu tanto que estava prestes a vomitar! Uma menina tão grande e sem nenhum juízo. Nada beneficiará essas pessoas. A prosperidade nunca as atenderá".

Quando elas voltaram, a Santa Mãe deu rolinhos de bétele e se despediu. Depois de irem embora, a Mãe deitou na cama e estava conversando conosco. "Quantos tipos de pessoas há em Kasi", Ela falou. "Quantas delas vêm a mim e dizem: 'Por favor, peça aos seus filhos que nos ajudem um pouco'. O que posso responder? Eles construíram o lar daquelas senhoras. O quanto trabalharam para isso e quanto serviço estão fazendo! Tem também um hospital. O trabalho que fazem de ajuda aos pobres parece interminável. O quanto meus pobres filhos trabalham! Isso é tudo vontade dele. O que Ele está nos fazendo fazer e de onde, apenas Ele sabe".

Uma noite quando fui à Santa Mãe, Ela estava sentada na varanda conversando com algumas viúvas. Uma entre elas estava usando o manto ocre. Ela cantou uma música para a Mãe.

“Espere, oh Java, você é a beleza da floresta!
Tu és a flor silvestre, desabrochando a ermo
Quando Te vejo no peito de Shiva
Penso que estou vendo os pés de carmesim da Mãe Divina.”

Golap-Ma: Ah, que música excelente! Cante outra.

A mulher cantou outra.

Mãe: Vocês já viram o Sevashrama?

Irmã Sudhira: Não, ainda não vimos.

Mãe: Vá com Golap e vejam.

Numa outra noite, a Santa Mãe estava falando sobre Devavrata Maharaj e Sachin. Eles tiveram que fugir de repente por conta da objeção do governo à presença deles devido a antecedentes políticos.

Mãe: Ah, Devavrata foi embora hoje. A Companhia (a East India Company, nome antigo do governo britânico na Índia) ofereceu suporte sobre a aquisição da terra próxima ao Sevasharama, porém objetaram sobre a estadia dos dois. Por isso, Rakhal falou para irem embora. Eles são inocentes, mas ainda assim tem um detetive atrás deles. Ah, eles nem comeram antes de ir.

Irmã Sudhira: O irmão (Devavrata Maharaj) e Sachin comeram conosco.

Mãe: Ah, querida, eles comeram? Que ótimo. Eu estava preocupada.

Irmã Sudhira: Para onde o irmão vai, eles o seguem. Por isso, ele fala: "O povo de meu sogro chegou. Vou sair, dar uma olhada ao redor e voltar".

Mãe: O povo do sogro mesmo! Faz tempo que o pegaram envolvido com o Movimento Swadeshi[15]. Eles continuam procurando por ele. Veja, fiquei o dia preocupada pensando que eles não tinham comido. Estou, no entanto, em paz agora que soube que eles comeram com você.

Udbodhan, Calcutá

Era dia do Puja de Jagaddhatri. Os devotos chegavam desde manhã. O Puja foi na casa de Yogin-Ma. Ela veio de manhã e voltou, pedindo à Santa Mãe que fosse para sua casa.

Um devoto chegou, curvou-se e disse: "Mãe, seja graciosa e santifique a casa de seu filho indigno ao conceder a ele a poeira de seus pés de lótus". "Bem, verei se posso ir de noite. Venha novamente à noite. Irei se achar conveniente", respondeu a Santa Mãe.

Ao meio-dia, a Santa Mãe e alguns de nós fomos à casa de Yogin-Ma, recebemos Darshan da Deidade e voltamos. A Mãe jejuou o dia todo, já que tinha Puja em sua casa. Por volta das quatro horas, o Puja terminou, Ela comeu um pouco de Prasada e descansou.

Aquele devoto chegou para levar a Santa Mãe. A Mãe ouviu e disse: "Ele me pressionou tanto de manhã. Eu vou para ficar um

[15] O Movimento Swadeshi, iniciado na Índia em 1905, promovia o uso exclusivo de produtos fabricados no próprio país e o boicote aos produtos de origem britânica.

pouco”. A casa não era muito longe, ficava em Rajvallabhpara. Quando a Santa Mãe desceu do veículo, eles lavaram os pés dela e guardaram a água. A casa era pequena e estava em más condições. Fizemos Pranam à Deidade e entramos. Eles colocaram uma esteira para a Santa Mãe sentar. Ela estendeu sua própria esteira perto da porta e disse: “Vou sentar aqui”.

Uma senhora começou a conversar com a Mãe.

Senhora: Mãe, por favor abençoe meu filho. Ele sentiu um grande desejo de fazer o Puja, mas não temos casa ou outro lugar. De qualquer forma, a adoração da Mãe foi feita. Ele sozinho fez tudo.

Mãe: Ah! Ele fez bem. Quando a Mãe vem, então uma casa e todo o resto vêm também. Seu filho é muito bom, ele tem muita devoção.

Um pouco depois, trouxeram Prasada e a Santa Mãe colocou um pouco na boca e levantou-se para ir embora. Ela colocou uma rúpia diante da Deidade, fez Pranam e disse: “A imagem é muito bonita. A expressão da Mãe está linda porque a adoração foi feita por um devoto!”. Voltando para casa, Nalini começou a dizer: “Que casa, oh Mãe! Não tem nem lugar para sentar. Como ele conseguiu fazer a adoração naquela casa…”. A Santa Mãe respondeu: “O que ele pode fazer? É um homem pobre, mas muito devotado. Ah, ele trouxe a Mãe Divina. Por compaixão, a Mãe Divina foi à casa dele”.

Uma carta chegou de Jayrambati dizendo que a adoração da Mãe Jagaddhatri tinha sido concluída com sucesso e que muitas pessoas compartilharam da Prasada. A Santa Mãe disse: “Pela graça da Mãe, a adoração foi concluída auspiciosamente. Estava preocupada sobre como eles fariam a adoração. Jnan estava lá, então a adoração à Mãe foi bem sucedida”.

Um dia, após anoitecer, a Santa Mãe estava sentada perto de Radhu dando-lhe suporte. Radhu estava com dor embaixo das costelas. Uma devota fez Pranam para a Mãe e sentou.

Mãe: Venha, filha. Como você está?

Devota: Estou bem, Mãe. O que aconteceu com Radhu?

Mãe: Radhu tem uma enfermidade. Veja, ela está exausta. Essa dor lamentável, de onde vem? Muitos médicos estão tratando dela e eu estou fazendo tantos votos de oferenda para várias Deidades, mas nada funciona.

Devota: Ela vai melhorar, Mãe, por que temer?

Ela comeu Prasada e saiu depois de conversar um pouco. Perguntei à Santa Mãe: "Que surpreendente, Mãe. Como ela mudou! Está além da minha compreensão".

Mãe: Como você pode compreender, querida? Quando o pecado adentra, há maneiras de se proteger? Ela está proibida de vir aqui, por isso, sorrateiramente, ela vem à noite.

Discípula: Eu a via anteriormente com você.

Mãe: Sim, anteriormente ela ficava comigo durante o dia e ia para casa de noite. O quanto ela serviu Radhu! A estrela dela girou um pouco e ela ficou assim. Vir a mim foi completamente em vão. Ela não fez nada neste nascimento, tudo vem do nascimento passado.

Numa outra noite, a Santa Mãe estava sentada na sala. O discípulo do Mestre, Purna Babu, estava muito doente. Não havia esperança de sua sobrevivência. A mãe dele chegou. Ao vê-la, a Santa Mãe disse: "Lá vem ela. Ela me aborrece porque vem todos os dias dizendo: 'Mãe, abençoe por favor. Por favor, faça Purna ficar bom'.

Sei que Purna não sobreviverá, mas, para o bem deles, tenho que falar: 'Ele ficará bom'". A mãe dele chegou, fez Pranam para a Santa Mãe e disse: "Mãe, faça seu filho melhorar" e começou a chorar.

Mãe: O que posso fazer, mãe? Peça ao Mestre. Ele vai fazer tudo corretamente.

Mãe de Purna Babu: Você pode, Mãe, se quiser.

Mãe: Da minha parte, apenas posso fazer com que o Mestre saiba disso.

Mais tarde, a Santa Mãe nos contou: "O Mestre tinha dito para ela: 'Se você casá-lo, ele não viverá muito'. Ela não ouviu, por isso, em vez de torná-lo um Sannyasin, ela o casou".

Alguns dias depois, a Santa Mãe, Yogin-Ma, etc., estavam deitadas depois do Arati da noite. A Mãe estava cochilando, de repente, Ela levantou dizendo: "Purna morreu, Yogin?". Yogin-Ma ficou surpresa ao ouvir tal pergunta e falou: "Quem contou, Mãe?". A Santa Mãe respondeu: "Eu estava dormindo, de repente, ouvi alguém dizer 'Purna morreu'". Yogin-Ma confessou: "Sim, Mãe. Essa calamidade aconteceu hoje de noite. Não te contei, Mãe". Naquela noite, a Mãe falou apenas de Purna Babu. Ela ficou muito triste pelo acontecido.

Em Dakshineswar, na época da doença do Mestre, a Mãe o servia. Mais tarde, os devotos o levaram para Calcutá para o tratamento. Durante aquela fase, Golap-Ma disse para Yogin-Ma durante uma conversa: "Talvez o Mestre estivesse bravo com a Santa Mãe e por isso foi para Calcutá".

A Santa Mãe ouviu isso de Yogin-Ma e, contratando uma carruagem, foi a Calcutá. Chorando, Ela perguntou ao Mestre:

“Você veio embora bravo comigo, não foi?”. “Não, não, quem disse isso?”, o Mestre perguntou surpreso.

“Golap disse”, respondeu a Mãe. O Mestre ficou bravo ao ouvir isso e disse: “Ah, foi? Ela falou assim e te fez chorar? Ela não sabe quem você é? Onde está Golap? Mande-a vir aqui, vou ensiná-la a não contar histórias assim”. A Mãe ficou calma e voltou a Dakshineswar. Mais tarde, quando Golap-Ma foi ao Mestre, Ele brigou com ela e disse: “Por que você disse isso para Ela fazendo-a chorar? Não sabe quem Ela é? Vá agora e peça perdão à Ela”. Imediatamente, Golap-Ma andou até Dakshineswar e disse chorando para a Mãe: “Oh, Mãe, o Mestre estava muito bravo comigo. Não percebi a seriedade do que falei e apenas regurgitei aquelas palavras”. A Santa Mãe não disse nada exceto: “Oh, Golap! Oh, Golap!”. Ela deu três tapinhas nas costas de Golap sorrindo. Toda a tristeza de Golap desapareceu naquele momento e sua mente voltou à paz. Esse acontecimento foi narrado pela própria Golap.

O Reverendo Baburam Maharaj estava fazendo o Durga Puja em Belur Math e levou a Santa Mãe para lá. A Santa Mãe ficou na casa do jardim ao norte do monastério. Uma devota, de repente, se apresentou à Mãe naquela noite. Vendo o intenso desejo dela em ver a Mãe, Ela disse: “Veja, se uma vontade assim não existe, consegue-se chegar a Ele?”.

No ano de 1918, Golap-Ma estava muito enferma. Naquela crise, a Santa Mãe rezava ao Mestre: “Ó Senhor, por favor cure Golap. Se não estiverem Golap e Yogin, não posso ficar aqui muito tempo. Se elas forem, como posso ficar aqui?”. Ela também disse: “Yogin e Golap sabem de todos os estágios da minha vida. Ah, Golap não tem nenhum defeito. Ela desconhece o orgulho. Yogin também é assim. Naqueles dias, Yogin meditava com tanta concentração que mesmo que mosquitos sentassem em seus olhos, ela não os percebia. Ah, aqueles que falarem sobre elas serão abençoados”.

Um dia, Yogin-Ma reclamou com a Santa Mãe sobre o comportamento desregrado de um devoto e disse: “Mãe, por favor, avise-o, do contrário, ele ficará mimado”. A Mãe respondeu: “Eu falar não vai adiantar, Yogin. Se eu disser qualquer coisa, ele não será capaz de ouvir. Eu sou a Guru dele. Se ele não puder respeitar minhas palavras, será inauspicioso para ele”. Yogin-Ma não disse mais nada.

Uma noite, após conversar sobre vários assuntos, a Santa Mãe disse: “Veja, suponho que todos digam que sou incansável com o pensamento sobre Radhu, que sou desmedidamente apegada à ela. Se esse pequeno apego não existisse, sabe, este corpo não teria sobrevivido após o falecimento do Mestre. É para o trabalho dele que Ele gerou esse apego por Radhu e conteve este corpo. Quando minha mente se desligar dela, este corpo não mais continuará”.

No ano de 1918, novamente a Mãe não estava bem em Koalpara. Naquela época, Yogin-Ma e o Reverendo Sarat Maharaj estavam com Ela. Radhu viu a condição grave da Santa Mãe e ainda assim foi para a casa do sogro. A Santa Mãe não queria que ela fosse. Ela disse à Yogin-Ma: “Veja, Yogin! Radhu me deixou e foi embora”. Yogin-Ma respondeu: “Por que ela não iria, Mãe? Você não caminhou tudo aquilo até Dakshineswar para ficar com o Mestre? Você não lembra?”. A Santa Mãe sorriu e disse: “É verdade, Yogin”. A Mãe se recuperou da enfermidade e voltou para Calcutá.

Em Udbodhan, Ela disse um dia: “Veja, quando Radhu cortou seu apego por mim e foi embora, pensei que talvez, daquela vez, eu morreria. Porém, vejo que ainda há mais trabalho do Mestre a ser feito”.

Certa vez, Yogin-Ma estava com uma dúvida: “O Mestre era um homem de muita renúncia e vejo a Santa Mãe tão presa a este

mundo infeliz, com todos seus irmãos, cunhados, cunhadas. Não consigo entender isso”. Um dia, enquanto meditava no Ganges Ghat, Yogin-Ma viu o Mestre. Ele disse: “Veja aquele objeto flutuando no Ganges”. Yogin-Ma viu um bebê recém-nascido, amarrado às entranhas e sujeira, flutuando no Ganges. O Mestre perguntou: “O Ganges se polui com ele? Pode qualquer coisa diminuir sua pureza? Saiba que Ela é assim. Não duvide dela. Saiba que Ela (a Mãe) e isso (mostrando seu próprio corpo) são um só”. Depois de voltar do Ganges, Yogin-Ma se curvou à Mãe e disse: “Mãe, perdoe-me”. “Por que, Yogin? O que aconteceu?”, a Santa Mãe perguntou. Yogin-Ma então narrou o acontecimento e disse: “Fui infiel a você, por isso, o Mestre esclareceu tudo para mim hoje”. A Mãe sorriu e disse: “O que era? Dúvidas surgirão e novamente a fé surgirá. Apenas assim a fé se fortalece. Gradualmente, depois de muitas tentativas, a fé surgirá”.

Uma moça devota costumava ir à Santa Mãe em Udbodhan. A Mãe gostava muito dela. Ela não tinha um caráter muito bom, por isso, dentre os monges, muitos gostariam que ela não fosse lá. Quando a Mãe foi informada sobre isso, Ela disse: “Tantas coisas impuras flutuam no Ganges. Ele se torna impuro por causa disso?”.

Um devoto fez algumas perguntas para a Santa Mãe e saiu. Mais tarde, a Mãe disse: “Veja, querida, você deve se render e aguardar a vontade Dele. Apenas depois a graça Dele chegará”.

Uma vez perguntei à Ela sobre japa: “Como devo fazer japa?”. A Santa Mãe respondeu: “Seja com qual pensamento você fizer japa, aquele pensamento se agregará à mente. Pense que o Mestre é sempre seu”. Depois, Ela demonstrou a maneira de fazer japa com os dedos.

Enquanto falava sobre seus dias em Vrindavana, após o falecimento do Mestre, a Santa Mãe disse um dia em Udbodhan: “Rezei ao Senhor Radharamana: ‘Senhor, leve embora minha

natureza de encontrar defeitos. Que eu nunca mais veja os defeitos de ninguém”.

A Santa Mãe costumava dizer: “O homem é propenso a cometer erros. Deve-se notar isso. Quando não se segue essa regra, isso machuca apenas a própria pessoa. Ao sempre notar os defeitos dos outros, no final, a pessoa se tornará apenas uma encontradora de defeitos”. Uma vez, Ela disse à Yogin-Ma: “Yogin, nunca repare nos defeitos de alguém. Se notar, acabará se tornando apenas uma encontradora de defeitos”.

Uma noite em Jayrambati, a Santa Mãe estava deitada. Como de costume, eu estava massageando seus pés. Durante a conversa, Ela começou a contar sobre como começou a dar iniciação: “Eu estava em Vrindavana após o falecimento do Mestre. Todos estavam desolados com a tristeza por sua perda. Uma noite, o Mestre disse: ‘Por que chora tanto? Para onde fui, exceto ter ido de um quarto para o outro?’. Um dia, o Mestre falou sobre dar iniciação ao garoto Yogen. Ao ouvir isso, fiquei um pouco com medo e também com vergonha. Ao vê-lo no primeiro dia, pensei: ‘O que é isso? O que as pessoas irão pensar? Todos dirão que a Mãe já começou a fazer discípulos’. Porém, o Mestre repetiu a instrução três dias seguidos: ‘Eu não dei Mantra Diksha (iniciação) para ele. Você dá’. Ele me disse também qual era o mantra a ser dado. Naquela época, eu não tinha o hábito de falar diretamente com o garoto Yogen. O Mestre disse que eu tinha que falar com ele através de Yogin-Ma. Então, contei à ela. Ela perguntou a Yogen e descobriu que o Mestre não o tinha iniciado. O Mestre também apareceu para Yogen e pediu para que ele se iniciasse comigo. Yogen não teve coragem de falar para mim. Quando percebi que o Mestre tinha dito a nós dois o mesmo, dei iniciação a Yogen”.

“Com a iniciação de Yogen, meu período de dar iniciação começou. Ele me serviu desenfreadamente. Ninguém mais poderia ter me servido como ele fez. Apenas Sarat. Carregar meu fardo é muito

pesado, querida. Exceto por Sarat, ninguém pode aguentar minha responsabilidade. Golap e Yogin, se não estivessem aqui, não seria possível que eu ficasse em Calcutá”.

Enquanto a Mãe estava em Jayrambati, um devoto de Ranchi veio à Ela e disse: “Vim para te levar a Ranchi por alguns dias. Acomodação e tudo mais já foi organizado”. “Sarat sabe sobre isso?”, perguntou a Santa Mãe. “Não”, foi a resposta. A Santa Mãe continuou: “Então não posso ir. Sarat veio aqui e voltou. Tenho que ir primeiro a Calcutá. Se ele aprovar, então veremos”. O devoto persistiu dizendo: “Mãe, já organizamos tudo!”. Porém, a Mãe foi firme. “Por que organizaram tudo sem nos avisar antes?”, Ela perguntou.

O devoto foi embora. Depois, Ela comentou: “Veja, filha, eles pensam que me levar é muito fácil. São tomados pelo entusiasmo popular. Uma vez em Dacca, imprimiram panfletos que eu iria para lá. Eu não sabia de nada. Qualquer um pode me servir dois ou três dias, mas é fácil carregar toda a minha responsabilidade? Vi que ninguém é capaz disso exceto Sarat. Ela é o meu Vasuki (a cobra de Shiva). Com mil cabeças, ele está comprometido com muito trabalho. Sempre que surge uma pequena gota, lá estará ele segurando um guarda-chuva”.

Um dia, uma devota contou à Mãe sobre a relação tensa que ela tinha com uma de suas amigas. A Mãe falou: “Veja, querida, se alguém ama um ser humano, ele tem que aguentar o pesar e a tristeza. Se alguém ama Deus, ele é realmente abençoado e não terá mais pesar ou tristeza”.

Num outro dia, uma devota queria aprender os rituais relacionados ao Puja do Mestre com a Santa Mãe. A Mãe respondeu: “Você está no mundo. Não será capaz de fazer muito. Você recebeu o nome dele, quero ver o quanto consegue fazer com isso. Se fizer tudo apropriadamente, tudo ficará bem”.

Certa vez, a Santa Mãe me deu um pedaço de seda. Alguém se opôs e disse: “Por que está dando o tecido apenas para ela, Mãe? Há outras cinco pessoas esperando”. A Santa Mãe respondeu: “Se não der à ela, a quem mais darei? Diga, quem mais?”.

Devido à enfermidade de Radhu, a Santa Mãe estava ficando na casa alugada do internato de Nivedita, em Bosepara. Eu estava lá para servi-la. Um dia, Ela me pediu para fazer a oferenda de alimento ao Mestre. Eu não sabia os mantras para oferecer alimento, então disse à Ela: “Mas, Mãe, não sei como oferecer comida ao Mestre”. Ela explicou: “Pense no Mestre como sendo seu e diga: ‘Venha, por favor. Por favor, sente-se. Por favor, pegue. Por favor, coma’, e você deve pensar que Ele veio, sentou e está comendo. Você precisa de mantras para as pessoas próximas? Todas as cerimônias e formalidades são como a honra e o respeito demonstrados aos parentes quando eles chegam. Com as suas próprias pessoas, não precisará disso. Com a atitude que você oferecer algo a Ele, a mesma atitude Ele terá”. Depois disso, a Santa Mãe me ensinou o mantra para fazer oferenda de comida ao Mestre.

A Santa Mãe disse uma vez a um discípulo: “Veja, querido, não é que você não terá dificuldades. Elas surgirão, mas não permanecerão. Verá que elas passam como a água embaixo dos pés de alguém”.

Um devoto perguntou à Santa Mãe: “Fiz tanto japa e austeridade, mas ainda não aconteceu nada”. Em resposta, Ela disse: “Aquilo que você procura é algum tipo de legume ou peixe que dá para comprar pagando um preço alto?”.

Em Jayrambati, os parentes mais próximos da Santa Mãe costumavam tratá-la mal de várias maneiras. Uma vez, Ela ficou tão aborrecida que disse: “Não me perturbem tanto. Se aquela que

está dentro de mim levantar, não há ninguém dentre Brahma, Vishnu ou Maheswara que poderá salvar vocês”.

No ano de 1919, a Santa Mãe estava em Koalpara. No dia do festival de Dassera, alguns devotos adoraram seus pés sagrados com flores de lótus e saíram. Mais tarde, Ela perguntou: “O que há hoje que todos esses meninos ofereceram flores aos meus pés?”. “Hoje é Dassera”, respondi, “é por isso que todos ofereceram flores”. A Santa Mãe riu e disse: “Oh, querida, então sou a Deusa Manasa?”. Juntando as mãos em direção ao Mestre, Ela continuou: “Apenas Ele é Manasa, Ganga e todos mais”.

Radhu estava louca durante a estadia em Jayrambati devido à sua neurose. A Santa Mãe a alimentava várias vezes. Radhu, com frequência, colocava comida na boca e cuspia no corpo da Mãe. Um dia, a Santa Mãe ficou chateada e disse para mim: “Veja, querida, saiba que este corpo (mostrando seu próprio corpo) é um corpo divino. Quantas outras violações e insultos ele pode aguentar? Se não fosse um corpo divino, um ser humano conseguiria aguentar tanto? O Mestre nunca me insultou, nem mesmo com uma flor. Ele nunca me chamou de ‘tui’, mas sempre de ‘tumi’. O quanto Ele se preocupou uma vez quando me tratou como ‘tui’, por ter me confundido com Lakshmi. Ele disse: ‘Oh, querida, é você? Não leve a mal, pensei que fosse Lakshmi e por isso falei ‘tui’’. Porém, vemos como essas pessoas se aproveitam de mim, querida. Desta vez, se o Mestre curar Radhu de alguma maneira, não terei mais nada a ver com eles. Enquanto eu viver, nenhum deles poderá me conhecer. Eles compreenderão tudo depois”.

Em Udbodhan, durante a última doença da Mãe, um certo monge veio vê-la. A Mãe estava dormindo. O monge começou a massagear seus pés. A Mãe não estava com o véu na cabeça no momento. Depois que ele foi embora, a Mãe me repreendeu e

disse: “Não tinha o véu sobre minha cabeça. Por que não o colocou? Estou morta?”.

Naquela época, a Santa Mãe praticamente não tinha vontade de comer e não conseguia comer nada. Sua comida era muito simples. Um dia enquanto Ela comia, o Dr. Kanjilal chegou. Ele achou que a quantidade de comida da Mãe era muita e disse para mim em frente à Santa Mãe: “Você não poderá servir a Mãe. Amanhã trarei duas enfermeiras para fazerem o serviço. Você não precisa fazer nada”. A Mãe ouviu as palavras dele e disse depois: “Ah! Ele acha que serei servida por aquelas moças? Isso eu não posso fazer. Você continuará me servindo como já tem feito. Por que Kanjilal causa tanto alarde que eu coma arroz? Posso consumir arroz? Ele não sabe!”.

Poucos dias após isso, a dieta com arroz foi interrompida. Um dia, Ela disse: “Aquele dia, Kanjilal estava preocupado porque eu comia arroz. Desde então, não pude mais comer arroz”.

Durante aqueles dias, a natureza da Mãe tinha se tornado como a de uma criança de seis anos. Uma noite, à meia-noite, quando fui alimentá-la, Ela ficou teimosa. “Não vou comer. Você só sabe dizer: ‘Mãe, coma’ e colocar esse bastão (o termômetro) embaixo do meu braço”. Vendo que Ela estava se recusando a comer, eu disse: “Então, Mãe, devo chamar o Maharaj?”. Ela sempre comia à menção do nome de Maharaj mas, dessa vez, Ela não cedeu. Ela disse: “Chame Sarat. Não vou comer de suas mãos”. Assim que Sarat Maharaj ouviu, ele se apressou para ir até Ela. Ela o fez sentar e disse: “Apenas passe sua mão um pouco em mim, filho”. Pegando as duas mãos dele com suas próprias mãos, Ela continuou: “Veja, filho, como eles estão me importunando! Ela só sabe dizer ‘Coma, coma’ e colocar aquele bastão embaixo do meu braço. Peça para ela não me incomodar”. Maharaj respondeu: “Não, Mãe, eles não vão mais te perturbar”. Acalmando-a, depois ele perguntou: “Mãe, você quer comer alguma coisa?”. A Santa

Mãe respondeu: “Dê-me”. Maharaj pediu para eu trazer a comida. Ela ouviu e disse: “Não, você me dá comida. Não vou comer das mãos dela”. Coloquei leite em uma xícara e dei ao Maharaj. Ele conseguiu dar um pouco para a Santa Mãe e disse: “Mãe, descanse um pouco e coma”. Ouvindo isso, Ela disse: “Agora vejam que lindas palavras são essas: ‘Mãe, descanse um pouco e depois coma!’. Não sabem como dizer essas palavras? Que trabalho foram dar ao pobre garoto a essa hora da noite! Vá, querido, vá e durma”. Ao falar isso, Ela tocou no corpo dele. Depois, Sarat Maharaj arrumou o mosquiteiro e disse: “Mãe, estou indo”. A Santa Mãe disse: “Vá, filho. Que trabalho deram a esse pobre garoto”.

Durante os últimos dias antes de seu falecimento, a Santa Mãe não queria notícias sobre Radhu. Um dia, Ela disse para Radhu: “Vá para Jayrambati. Não fique mais aqui”. Ela contou para mim: “Diga a Sarat para mandá-los para Jayrambati”. Perguntei: “Por que Ela está pedindo para que eles sejam mandados embora? Ela consegue viver sem Radhu?”. “Certamente posso”, disse a Santa Mãe. “Eu retirei minha mente dela”. Repeti essas palavras da Mãe para Yogin-Ma e Sarat Maharaj. Yogin-Ma chegou e perguntou à Mãe: “Por que, Mãe, você quer que eles vão embora?”. A Mãe respondeu: “Yogin, daqui para frente, eles têm que ficar apenas lá. H– está indo. Mande-os com ele. Eu retirei a minha mente deles. Não os quero mais aqui”. Yogin-Ma protestou dizendo: “Não diga isso, Mãe. Se você realmente retirar a mente deles, como viveremos?”. A Santa Mãe respondeu: “Yogin, cortei meu apego, não tem mais”. Yogin-Ma não disse nada e informou a Sarat Maharaj sobre o ocorrido. Ele disse: “Então, talvez a gente não consiga manter a Mãe entre nós muito mais. Não há mais esperança. Ela já retirou a mente de Radhu”. Eu estava lá parada. Maharaj disse para mim: “Olhe, todos vocês ficam com a Santa Mãe por várias horas. Tentem colocar a mente da Mãe um pouco em Radhu”. Porém, todos os nossos esforços foram em vão. Um

dia, Ela disse enfaticamente: “A mente que eu afastei nunca voltará. Tenham certeza disso”.

Dois ou três dias antes de falecer, a Santa Mãe chamou Sarat Maharaj e disse: “Sarat, estou indo. Yogin, Golap e os outros estão aqui. Cuide deles”.

Registrado por Swami Ishanananda

Era o mês de jyeshtha (maio/junho) de 1316 (1909). Uma manhã, ouvi dizer que, a caminho de Calcutá, a Santa Mãe e seu grupo estariam chegando a Koalpara naquela tarde, por volta das quatro horas. Tudo já tinha sido organizado para a recepção. A Mãe seria recebida no santuário de nosso professor Sri Kedarnath Dutta (Swami Kesavananda); os outros, Reverendo Sarat Maharaj (Swami Saradananda), Yogin-Ma, Golap-Ma e o restante ficariam em nossa escola. Porém, mesmo após anoitecer, não tínhamos qualquer pista sobre eles. Mais tarde, soubemos que o veículo deles tinha ficado preso perto do rio. Imediatamente, alguns devotos saíram naquela direção e, depois de um pouco, todos chegaram por volta das dez horas.

A Santa Mãe, com a cabeça coberta apropriadamente, desceu do veículo e foi junto com a mãe de Kedar Babu para a sala do santuário, levemente arrastando os pés. Depois de fazer Pranam ao Mestre e sentar, todos os homens e mulheres que ali estavam se curvaram à Ela. Eu também fiz o mesmo. A mãe de Kedar Babu era levemente surda e, por isso, a Santa Mãe conversava com os homens devotos através de mim. Enquanto isso, o Reverendo Sarat Maharaj disse que estava ficando tarde, então a Mãe terminou rapidamente de comer, o que consistia em um pedaço de sandesh e água, levantou e saiu. Junto aos outros naquela multidão, eu também fiz Pranam à Ela e coloquei minha oferenda, que meu pai tinha me dado para dar à Ela, em sua mão. A Mãe carinhosamente tocou em meu queixo e disse: “Meu filho, aquilo

que for oferecido deve ser colocado nos pés”. Depois, ela subiu na carruagem.

Comparado ao gosto de sua afeição, expressa com essas palavras tão simples, o amor do meu pai e da minha mãe parecem insignificantes. Pude sentir mesmo com aquela idade.

Uma vez, durante a época do Jagaddhatri Puja, a caminho de Jayrambati, indo de Calcutá, a Santa Mãe chegou ao Koalpara Ashrama de manhã. Retomando a viagem ao meio-dia, Ela disse aos entusiasmados trabalhadores do Ashrama: “Vocês aqui são meus parentes agora. Enquanto estou na vila, dependo apenas de vocês. Vejo que o Mestre está residindo aqui”. Um por um, Ela abençoou todos nós e disse: “Venham para Jayrambati de vez em quando. Especialmente durante o Jaggadhatri Puja, todos deveriam ir”.

Por isso, no dia do Puja de Jagaddhatri, três de nós fomos para Jayrambati, levando vários legumes e verduras de nossa fazenda. A Mãe ficou muito feliz ao nos ver e disse: “Aqui esses legumes quase nunca são encontrados. De vez em quando, encontramos essas dificuldades. Vejo que o próprio Mestre está fazendo tudo através de vocês”. Daquela vez em diante, sempre que Ela ficava na vila, nós terminávamos nossas tarefas no Ashrama e íamos até Ela levando legumes de nossa fazenda ou comprados na feira, umas duas ou três vezes na semana. Em alguns dias, chegávamos à casa dela quando Ela estava deitada e descansando. Ao fazermos Pranam, após termos dado nossas oferendas de acordo com as instruções dela, Ela levantava a cabeça um pouco e nos abençoava dizendo: “Que a consciência espiritual de vocês acorde, que vocês tenham fé e devoção!”, e depois pedia para pegarmos arroz tufado. A gente pegava o arroz tufado e, comendo dele no caminho, voltávamos ao Ashrama às vezes à meia-noite.

Em um dia de inverno, levamos um monte de legumes e ghee em nossas cabeças e chegamos a Jayrambati ao anoitecer, pingando de suor. Uma das moças lá, que viu nosso estado, comentou: “Quanto trabalho pesado vocês estão fazendo desde que se tornaram devotos! As cabeças de vocês estão cansadas de carregar tanta coisa”. A Mãe ouviu esse comentário e disse: “Eles ainda têm cabeça? Eles deram suas cabeças para Ele (o Mestre), a quem pertencem”. Depois disso, Ela colocou a mão em nossas cabeças com muito afeto e nos abençoou. Mais tarde, Ela mandou um recado para o Ashrama, de que, em vez de enviarem uma grande quantidade de uma só vez, deveriam enviar pouco a pouco. Do contrário, os legumes secavam e eram descartados. A partir de então, passamos a levar pequenas quantidades e ir à presença dela com mais frequência.

Após o Jaggadhatri Puja, a Mãe ia para Calcutá. Naquela época, o Koalpara Ashrama estava sendo muito mexido pela grande onda do Movimento Swadeshi e a inclinação ficou mais voltada aos trabalhos como tear, fiar, etc., e não à adoração, meditação, japa e estudo das Escrituras. Ao saber que a Santa Mãe ia embora, Kedar Babu foi para Jayrambati para receber Dashan da Mãe. Ela disse a ele: “Veja, querido, você construiu um quarto para o Mestre e providenciou um lugar de descanso para mim no caminho. Assim, em meu caminho, instalarei o Mestre lá. Você organiza tudo. Adoração, oferenda de alimento, Arati, etc., devem ser feitos regularmente. O que vocês ganharão por meramente seguir o Swadeshi? Onde quer que a gente esteja, nossas raízes são o Mestre. Ele é o seu Ideal. O que você fizer, se mantiver-se firme a Ele, nada dará errado”. Kedar Babu respondeu dizendo: “Mas Swamiji nos incentivava tanto para trabalhar pela nação. Se hoje ele estivesse vivo, o quanto não estaríamos fazendo pelo país!”. Ao ouvir isso, a Mãe disse rapidamente: “Oh, querido, se meu Naren estivesse aqui hoje, a Companhia (querendo dizer o governo britânico) o deixaria em paz? Eles o teriam prendido na cadeia. Eu não poderia ver isso e viver. Naren era uma espada

desembainhada. Quando voltou do exterior, ele disse: ‘Mãe, por sua graça, dessa vez fui ao país deles em um navio deles mesmos. Mesmo lá, a glória do Mestre é evidente em sua abundância! Quantas pessoas virtuosas não chegaram a mim e ouviram encantadas os ensinamentos dele e aceitaram suas ideias!’”. Continuando, Ela disse: “Eles também são meus filhos, o que dá para dizer?”.

Um ou dois acontecimentos relacionados a isso vêm à minha mente. Uma vez, na época do Durga Puja, A Santa Mãe me deu a responsabilidade de comprar roupas para seus sobrinhos e sobrinhas. Comprei para eles apenas roupas swadeshi (feitas na Índia). As meninas não gostaram nem um pouco e pediram pelas roupas que gostavam mais. Fiquei irritado e disse: “Tudo é produto estrangeiro. Vocês acham que vou comprar produtos estrangeiros?”. A Santa Mãe estava sentada e disse sorrindo: “Querido, eles também (os estrangeiros) são meus filhos. Tenho que cuidar da casa incluindo todos. Eu poderia ser unilateral? Por favor, traga aquilo que é do gosto delas”. Subsequentemente, percebi que todos os produtos estrangeiros que eram comprados para a Santa Mãe eram pedidos para outras pessoas e não mais para mim. Não era da natureza dela magoar os sentimentos de ninguém.

Porém, logo chegaram notícias sobre a prepotência da polícia. Duas moças grávidas, a esposa e a irmã de Deven Babu, de Yuthavihar, foram presas em conexão com o Movimento Swadeshi e tiveram que andar por muitos quilômetros até a delegacia. Ao ouvir isso, a ira da Santa Mãe jorrou para fora com imensa fúria. A princípio, Ela deu de ombros, dizendo: “O que posso dizer?”. Ao recobrar-se do choque, Ela continuou: “Isso foi ordem da Companhia ou foram os heróis da polícia? Nunca ouvimos tal atrocidade com mulheres inocentes durante o reinado da Rainha Vitória. Se esse ato for realmente uma ordem da Companhia, os dias deles estão contados. Não tinha nenhum homem para bater

neles e soltar as meninas?”. Ela ficou mais calma mais tarde com a notícia de que as moças tinham sido liberadas e disse: “Se não tivesse ouvido essa notícia, não dormiria esta noite”.

Um outro dia, quando a Santa Mãe estava em Koalpara, Rashbehari Maharaj chegou com algumas mangas enviadas pelo Reverendo Sarat Maharaj. Logo depois de sua chegada, Prabodh Babu também chegou e fez Pranam para a Santa Mãe. Depois de perguntar como estavam, Ela disse: “Quais são as notícias sobre a guerra? Que destruição da humanidade está acontecendo! Quantas formas de assassinar foram inventadas! Hoje em dia, há tantos tipos de máquinas, telégrafo, etc. Vejam, Rashbehari saiu de Calcutá ontem e chegou aqui hoje. Naqueles dias, com quanta dificuldade e depois de quanto andar conseguíamos chegar a Dakshineswar!”. Prabodh Babu ficou um pouco entusiasmado com isso. Elogiando a ciência e a educação ocidentais, ele disse: “Com o governo britânico, o país avançou em muitos campos”. A Santa Mãe concordou com ele, mas acrescentou: “Mas, filho, com todos esses confortos, a escassez de comida e roupas também aumentou muito em nosso país. Antigamente, essa escassez de comida não era sentida”.

No caminho para Calcutá, a Santa Mãe colocou o retrato do Mestre no altar em Koalpara. Ela mesma colocou um retrato do Mestre e uma dela mesma, e fez um Puja especial. O Homa foi feito por Kishor-Dada. Ao meio-dia, a Santa Mãe foi andando até a casa de Kedar Babu com a mãe dele. Quando Ela estava voltando de lá, P– Maharaj pediu para que Ela subisse no palanquim. Não muito satisfeita, Ela subiu. Chegando ao Ashrama, Ela disse para ele, expressando a causa da insatisfação: “Aqui é minha vila, e Koalpara é minha sala de estar. Esses filhos são próximos e queridos por mim. Venho para cá e circulo com liberdade. Quando volto de Calcutá, tenho um pouco de alívio. Sou mantida presa lá. Toda vez tenho que ficar lá um tanto desconfortável. Aqui também, devo vir para ficar pendurada nas suas costas? Não. Escreva isso

para Sarat”. Então, com grande humildade, P– Maharaj começou a pedir perdão à Ela e disse: “Sarat Maharaj nos incumbiu de tomar todos os cuidados com você. Achei que talvez tivesse sido por um lapso nosso que você estivesse vindo a pé. Mas, Mãe, você é livre para fazer como quiser”.

De acordo com a instrução de P– Maharaj, era para nós deixarmos prontos os pacotes de mantimentos antes das seis da tarde, porém, por mais que tivéssemos tentado, não pudemos terminar a tempo. Ao ver isso, P– Maharaj começou a ficar bravo. O Irmão Rajen disse: “Você pode ir com essas pessoas, de acordo com o seu horário. Nós vamos terminar de fazer os pacotes e levamos para você em nossas cabeças, não importa o quanto você já tenha viajado”. A Santa Mãe ouviu tudo e falou para P– Maharaj; “Por que você perde a cabeça e demonstra esse temperamento? Aqui é a minha vila. Você acha que tudo é rápido como em Calcutá? Você está vendo o quanto eles estão trabalhando duro desde a manhã! Diga o que quiser, não sairei daqui sem levar a comida”. Finalmente, às oito horas, depois de terminar de comer, eles saíram para Vishnupur em oito carros de boi.

A Santa Mãe tinha acabado de voltar de Calcutá vindo de Rameswaram (1911), depois de sua peregrinação. Nós três fomos encontrá-la na casa de Udbodhan e subimos para receber Darshan. Sentamos após nos curvarmos à Ela. Ela perguntou sobre todo mundo em Koalpara e Jayrambati, e disse para Kedar Babu: “Ao saber que você vinha, guardei duas fotos de Rameswaram para seu Ashrama. Leve-as quando você for. Vocês poderão adorá-las lá”. Kedar Babu respondeu: “Mas você mesma colocou o Mestre e nos pediu para adorá-lo como uma personificação de todas as Deidades. Agora está dando todas essas outras Deidades. A quantos deuses devemos adorar? Não poderemos adorar outros deuses”. A Santa Mãe não pressionou com relação a isso. “Tudo bem”, Ela disse, “enquadre as fotos e coloque-as na sala do altar”. Kedar Babu perguntou qual tinha sido

a impressão dela sobre Rameswaram. Ela respondeu: “Querido, Rameswar (o Senhor Rama) é o mesmo de quando eu estive com Ele”. Golap-Ma estava passando por ali e ouviu. Ela perguntou inocentemente: “O que você disse, Mãe?”. A Santa Mãe pareceu assustada e disse: “Quando? O que falei? Eu disse que fiquei muito feliz ao ver o mesmo que ouvi de todos vocês”. “Não, Mãe”, Golap-Ma continuou, “ouvi tudo e não vai adiantar tentar se esquivar. O que você acha, Kedar?”. Ao dizer isso, ela desceu e começou a contar para Yogin-Ma e aos outros sobre o acontecido.

A Santa Mãe continuou: “Ah, Sashi me fez fazer o Puja de Rameswaram com cento e oito folhas douradas de bel. O governante de Ramnad, ao saber que eu estava lá, mandou seu ministro com instrução para me mostrar os produtos do templo. Se eu quisesse ver algum item, ele deveria ser imediatamente entregue a mim. O que eu poderia dizer? Incapaz de decidir o que dizer, respondi: ‘Do que preciso? Sashi está providenciando tudo’. Pensando que eles poderiam ficar magoados, falei: ‘Tudo bem. Se Radhu precisar de algo, ela pode pegar’. Falei para Radhu que ela podia pegar o que quisesse. Ao ver alguns produtos, como rubis e diamantes inestimáveis, meu coração ficou agitado. Rezei ao Mestre: ‘Ó Mestre, conceda para que nenhuma ganância surja na mente de Radhu’. E Radhu respondeu: ‘O que devo pegar? Não preciso dessas coisas, mas perdi meu lápis. Compre um lápis’. Ao ouvir isso, suspirei de alívio e comprei dois lápis na lojinha”.

Conversando assim, Ela levantou para fazer a oferenda de alimento ao Mestre. Nós também descemos.

Uns dois ou três dias antes do Janmashtami (dia do aparecimento de Sri Krishna), expressei à Mãe meu desejo de ser iniciado por Ela naquele dia. Ouvindo isso, Golap-Ma disse em seu tom alto habitual: “Tão novinho (um garoto de treze anos) e pedindo iniciação! É capaz de esquecer o mantra em dois dias. Que impensado de Kedar! A Santa Mãe é da mesma vila que você.

Quando Ela for para lá, você pode ser iniciado". E falando assim, ela saiu. Mas a Mãe assegurou para mim: "Não leve as palavras de Golap a sério, querido. Se alguém da sua idade aprender qualquer coisa bem, será que ele poderá esquecer? Que você faça o que puder daqui para frente. Com relação ao futuro, estarei sempre com você". Ela me iniciou no dia de Janmashtami, após o Puja do Mestre. Demonstrando a maneira correta de fazer japa de acordo com suas instruções, Ela disse: "Consegue guardar tudo isso na cabeça? Com certeza consegue. Mais tarde, como e quando for necessário, mostrarei tudo". Então, Ela me abençoou tocando minha cabeça e peito carinhosamente. Levantando-se, Ela me pediu para ir junto. Fiz Pranam e a segui até o outro quarto. Ela pegou dois doces de um jarro, mordeu um pedacinho de um deles e me deu o restante dizendo: "Coma". Peguei os doces e, devido à timidez, estava hesitante em comê-los na presença dela. Percebendo minha hesitação, Ela falou: "Não fique tímido. Depois da iniciação precisa comer", e me deu um copo de água para beber.

Logo depois disso, voltamos para Koalpara junto com a mãe de Kedar Babu. (Esta senhora serviu a Santa Mãe de diversas maneiras. Aos sessenta anos, ela sentiu a vontade de ler e escrever, começou a estudar com uma cartilha e aprendeu a ler e entender o *Ramayana*, o *Mahabarata*, etc. Mesmo quando acompanhou a Mãe a Rameswar, ela levou a cartilha e uma lousa. Ela morreu uns seis ou sete anos após o falecimento da Mãe.) No momento de nossa saída, a Santa Mãe deu dinheiro para Kedar Babu, pedindo para ele comprar um pouco de arroz com casca e deixá-lo preparado.

No mês de phalgun (fevereiro/março), a Santa Mãe voltou para sua vila. Saindo de Koalpara, três de nós fomos bem mais cedo para recebê-la. Vendo o veículo dela de longe, os outros dois voltaram para avisar ao Ashrama. Eu fiquei para acompanhar os veículos. A Mãe me viu de longe e dizia: "Quem é aquele? B–, não é?". Assim

que me aproximei e fiz Pranam, Ela começou a perguntar sobre todo mundo. Os carros estavam chegando e eu andava ao lado deles. A Santa Mãe olhava para fora e fazia perguntas como: “Que vila é essa? De quem é aquele lago? Qual é a distância até Koalpara?”, etc. Quando saímos de Kotulpur, a Santa Mãe falou: “Por que você não entra? Já andou muito”, mas Radhu estava no veículo junto com a Mãe. Um pouco depois, o carroceiro saiu dizendo: “Sente-se na frente, por favor. Vou andar um pouco”, então subi na frente. Ao me ver tendo que lidar com os bois e dirigindo mais rápido, a Santa Mãe começou a rir: “Ah, você é um carroceiro especialista! É bom conhecer de tudo um pouco”. Em pouco tempo chegamos ao Ashrama. A Mãe era de uma constituição muito delicada. Porque Ela ficou sentada de pernas cruzadas muito tempo, as pernas ficaram dormentes. A mãe de Kedar a ajudou a sair do veículo e a levou para a varanda da sala de altar, fazendo-a sentar lá. Depois de descansar um pouco, Ela tomou banho e disse para mim: “Querido, não posso ficar berrando com a mãe de Kedar (ela era um pouco surda). Vá e troque de roupa e faça os arranjos para o Puja”.

Em minha ignorância, coloquei uma das roupas da Mãe e estava indo pegar as flores. Ao ver, a mãe de Kedar Babu não gostou e disse: “Seu tolo! Está vestindo a roupa da Mãe! Tire imediatamente. Tire!”. Mas a Mãe falou: “O que tem? Ele é um garoto. Que mal tem se ele usar minhas roupas? Vá, vá, pegue as flores”.

Kedar Babu disse durante uma conversa: “Mãe, todos seus filhos são homens letrados. Apenas alguns de nós somos ignorantes. Sarat Maharaj escreveu um livro sobre o Mestre e disseminou os ensinamentos por toda parte. Outros filhos estão dando palestras e viajando. Quanto trabalho está acontecendo!”. A Mãe respondeu: “O que você quer dizer? O próprio Mestre não era letrado. Ele aprendia apenas para manter a mente em Deus. Através de vocês, muito trabalho será feito. Dessa vez, o Mestre veio para liberar

todos - os ricos e os pobres, os sábios e os tolos. Tem essa esplêndida brisa de Malaya. Veleje um pouco, tome refúgio nele e imediatamente será abençoado. Dessa vez, qualquer coisa, a não ser grama e bambu, qualquer coisa que tenha um pequeno miolo, certamente se tornará sândalo. O que você acha? Vocês são o meu povo. Saiba que um Sadhu letrado é como um elefante com as presas banhadas em ouro". Ao falar isso, Ela levantou para o Puja. Um pouco depois de escurecer, a Santa Mãe foi para Jayrambati em um palanquim.

Um homem que ia de Koalpara para ajudar no celeiro durante o Jagaddhatri Puja ficou doente. Assim, no lugar dele, eu fui para Jayrambati. A Mãe disse: "É muito bom que você tenha vindo. Hoje você observa tudo. Amanhã bem cedo, tome banho e venha. Faça o trabalho seguindo todos os procedimentos. Fique um pouco longe e mantenha-se trabalhando. Tudo vai dar certo". Ela disse aquilo porque naquela região as restrições de castas eram bem incisivas.

No dia do Puja, Ela veio bem cedo e sentou-se em cima de uma saca, com os pés balançando. Quando alguém vinha buscar algo, eu mostrava os itens para Ela e depois dava para a pessoa. No final do Puja, a Mãe tomou banho e foi para o mandap (uma edificação), levando as tias com Ela para fazerem oferenda de flores. Ela ofereceu três flores aos pés da Devi e, com as mãos juntas e as bordas do sari enroladas no pescoço em sinal de humildade, sentou um pouco. O Puja foi concluído sem qualquer dificuldade. Ao meio-dia, muitos homens e mulheres da vila foram alimentados. Tive febre no segundo dia e, como a imagem tinha que ser vigiada por três dias, a própria Mãe cuidou do celeiro. Depois do Arati vespertino, os monges e os devotos começaram a cantar Bhajans. "Não se preocupe se não tiver a visão da Mãe, Ela não é uma simples mãe, sua ou minha, Ela é a Mãe de todos, de todo o Universo", assim eles cantaram várias vezes. A Santa Mãe estava sentada na sala ao lado com outras mulheres e ouvia

absorta. Naquela noite, Ela comentou: “Ah, a música estava maravilhosa! O que é a casta para os devotos? Todos os filhos são um. Quero alimentar a todos de um prato só. Porém, aqui nesta região, as pessoas fazem muita questão sobre as castas. No entanto, não há qualquer objeção quanto ao arroz tufado. Amanhã bem cedo, vá para Kamarpukur e traga dois seers de jilapi (um tipo de doce)”. No dia seguinte, voltei com o jilapi por volta das nove da noite. A Santa Mãe os ofereceu ao Mestre e arrumou tudo em um grande prato ao lado da pilha de arroz tufado. Ela mandou essa delícia para os devotos. Com grande alegria, todos nós começamos a comer enquanto a Santa Mãe nos olhava da outra sala.

Uma vez, durante a estação das chuvas, houve uma epidemia de malária e disenteria. A Santa Mãe também sofreu muito por alguns dias com disenteria, mas recuperou-se com o tratamento do Dr. Kanjilal. Porque costumávamos andar constantemente na lama e na água em Koalpara, quase todos nós tivemos febre. Vendo que nenhum de nós em Koalpara foi para Jayrambati, a Santa Mãe mandou a empregada atrás de notícias sobre nós. Ela trouxe uma carta da Mãe com o seguinte: “Querido Kedar, instituí o Mestre no Ashrama. Ele também comia arroz cozido e peixe. Por isso, você deve oferecer arroz cozido e peixe ao Mestre pelo menos às terças-feiras e sábados. Não ofereça peixe aos domingos. De jeito nenhum você pode oferecer comida ao Mestre sem ao menos três curries. Se você praticar muita austeridade, como poderá enfrentar a malária que tem por aí?”.

Alguns dias depois disso, a Santa Mãe conversava com Kedar Babu sobre Radhu. Ela dizia: “Ela já cresceu e é uma menina grande, mas ainda assim tem pouco juízo. Que amarra o Mestre colocou em mim através dela! Depois que Ele faleceu, quando vim para Jayrambati, completamente indiferente ao mundo, eu via uma menina enrolada em tecidos vermelhos que se mexia na minha frente”. Vendo que Kedar Babu estava distraído, Ela disse: “Kedar,

está ouvindo? Ela era Yogamaya”. Kedar respondeu: “Não, Mãe, não ouvi tudo, por favor, diga novamente”. Então, Ela continuou: “Após o falecimento do Mestre, quando nada no mundo tinha qualquer significado para mim e tudo que eu queria era a liberação, eu pensava: ‘Qual o propósito de continuar vivendo?’. Naquele estado, de repente vi uma menina de uns dez, doze anos, vestida com roupas vermelhas e que se movimentava na minha frente. O Mestre a mostrou para mim e disse: ‘Leve-a como apoio e viva. Inúmeros filhos virão até você’. No momento seguinte, Ele sumiu e não vi mais a menina. Mais tarde, um dia eu estava sentada exatamente no mesmo lugar. A mãe de Radhu, minha cunhada mais nova, estava totalmente louca. Ela andava carregando uns trapos. E Radhu, chorando muito, engatinhava atrás dela. Meu coração sangrou ao ver aquilo e corri para pegá-la em meus braços. Pensava que ninguém cuidaria dela se eu não cuidasse. O pai tinha morrido e a mãe era uma louca. Pensando assim, mal tinha pego Radhu nos braços, vi o Mestre na minha frente. Ele dizia: ‘Esta é a menina. Viva com ela como seu apoio. Esta é Yogamaya!’. O que posso dizer, querido! Antes, ela estava bem. Hoje em dia, ela tem todo tipo de doença e também se casou. Tenho receio que essa filha de uma mulher louca também fique louca. No fim, criei uma maluca?”.

Quando estava em Calcutá, a Santa Mãe certa vez escreveu para Kedar Babu: “Se você arrumar um quarto para mim em Koalpara, quando eu for para a vila, posso ficar com vocês”. Ao receber essa carta, nós mesmos construímos uma casa para Ela e demos o nome de Jagadamba Ashrama. Quando Ela veio a primeira vez, ficou por quase quinze dias antes de ir para Jayrambati. Depois, foi acertado um dia para a segunda visita. Deixamos um palanquim pronto. Porém, naquele dia, desde as primeiras horas da manhã, começou a chover muito. Soubemos que o nível da água no rio Amodar tinha subido muito. Mesmo assim, Kedar Babu disse: “Você, pegue o palanquim como Ela instruiu e esteja presente na hora marcada. Depois, faça como Ela pedir”. Chegamos ao rio e

ele estava muito fundo. Rajen Maharaj cruzou o rio nadando e pegou um barco. Nós todos cruzamos o rio com o palanquim e chegamos a Jayrambati por volta das três da tarde.

Tio Kali nos repreendeu dizendo: “Com esse tempo, como podem pensar em levar minha irmã?”. A Santa Mãe achou graça. Irmão Rajen respondeu: “Não temos nenhum poder para levá-la, mas prometemos trazer o palanquim hoje nesse horário e por isso viemos”. A Santa Mãe, ao ouvir isso, riu e disse: “Vocês mantiveram a promessa. Também tenho que manter a minha. Eu vou no palanquim. Os outros irão depois”. Dissemos: “Não, Mãe, como? Com essa chuva, ninguém pode sequer sair de casa. Vamos te deixar ensopada e doente?”. Tio Kali e a Santa Mãe riram e riram. Levando o palanquim vazio, voltamos para o Ashrama.

No entanto, a Mãe ficou doente logo na sequência e, por isso, pôde ir para Koalpara apenas alguns meses depois. Uma manhã, por volta das onze horas, quando cheguei ao Jagadamba Ashrama, todas as mulheres estavam muito agitadas. A mãe de Kedar Babu disse: “Ela (a Mãe) está em êxtase dizendo ‘Thakur’ (O Mestre). Ela acabou de perder a consciência”. As mulheres cuidaram dela, borrifando água na cabeça e olhos. Um pouco mais tarde, quando Ela se recuperou, Nalini-Didi perguntou: “Oh, Tia, o que houve?”. A Mãe respondeu: “O que houve? Não foi nada. Eu estava tentando colocar a linha na agulha e fiquei zonza”. Ao ouvirem isso, nenhum dos presentes disse mais nada sobre o assunto.

Mais para frente, durante sua última doença, a Santa Mãe me contou tudo sobre esse acontecimento do êxtase. Era por volta de uma e meia, duas horas da tarde naquele dia. A febre dela estava aumentando. Eu, como de costume, sentei ao lado da cama e estava abanando e massageando sua testa gentilmente com a mão molhada. Tocando-me carinhosamente, Ela olhou para o meu rosto e disse: “Se eu morrer, todos vocês ficarão muito tristes. Eu entendo”. Com um jeito delicado, eu respondi: “Por que diz isso,

Mãe? Se o remédio não está fazendo efeito, por que não fala com o Mestre sobre seu corpo? Tudo ficará bem se você fizer isso". A Santa Mãe sorriu e disse: "Em Koalpara, eu costumava ter febre tão alta que ficava deitada inconsciente na cama com frequência. Porém, quando recobrava a consciência e pensava no Mestre a respeito de meu corpo, imediatamente tinha a visão dele. Em um estado muito fraco, um dia, eu estava sentada na varanda. Nalini e as outras estavam costurando. O calor do sol estava por toda parte. De repente, vi o Mestre entrar pela porta principal, sentar na varanda e se arrumar para deitar. Vendo isso, fui rapidamente arrumar a parte de cima de meu manto. Enquanto fazia isso, tive um pressentimento peculiar. A mãe de Kedar e as outras estavam fazendo barulho, por isso, falei: 'Ah, não é nada. Enquanto tentava passar a linha na agulha fiquei zonza'. Para o bem de vocês, acha que não rezo ao Mestre sobre meu corpo? Rezo, sim. Porém, agora, quando penso nele por conta do corpo, não consigo ter sua visão. Sinto que não é um desejo dele de que este corpo deva continuar. Sarat está lá". Depois que voltei para Koalpara, ouvi a mesma história da mãe de Kedar Maharaj também. Ela deve ter ouvido da própria Mãe.

Num outro dia, por volta das duas da tarde, cheguei em Koalpara. Estava bem quente. A Santa Mãe trouxe alguns doces e água para mim e falou: "Ah, querido, que calor! Refresque-se um pouco. Você não deve sair antes de anoitecer. Como está Gopesh? O que você comeu hoje? O que cozinhou? Leve algumas frutas e legumes com você quando for". Eu disse sorrindo: "De acordo com as instruções de Gopesh-Da, misturei bananas verdes, batatas e outros itens, e cozinhei um arroz com batata. Porém, como não sabia a medida certa, fiz o suficiente para oito ou dez pessoas". Ouvindo isso, a Santa Mãe deu risada. Enquanto conversávamos, o céu ficou nublado. A Mãe disse: "Ah, um pouco de chuva refrescaria a Mãe Terra". Momentos depois, um forte vento soprou e começou uma tempestade. Gostando daquilo, a Santa Mãe colocou umas duas

pedras de granizo na boca. Essa exposição súbita com o gelo causou febre e isso tomou um rumo grave depois.

Rashbehari Maharaj e eu estávamos sentados um em cada lado da cama da Mãe um dia. Ela colocou a mão em meu peito e nas costas, e disse: “Ah, quantas mulheres estão aqui, mas o corpo de nenhuma delas está fresco. Eles são homens e seus corpos estão fresquinhos! Minha mão está macia”. Durante um momento difícil da doença, a Santa Mãe chamou por Sarat Maharaj. Quando recebeu a notícia, Sarat Maharaj chegou acompanhado do Dr. Kanjilal e foram diretamente ver a Santa Mãe. A Mãe estava agitada com uma sensação de queimação por todo o corpo e levantava os braços em todas as direções. Sarat viu aquilo e, tirando a camisa, sentou ao lado dela. A Mãe colocou a mão nas costas dele e disse: “Ah, meu corpo todo se refrescou. O corpo de Sarat é como uma placa gelada”. Sarat Maharaj disse: “Veja, Mãe. Nós todos viemos, e você ficará bem”. Em resposta, Ela disse: “Sim, querido. Se Kanjilal der algum remédio, talvez eu fique imediatamente bem”. Sarat Maharaj ficou muito feliz ao ouvir aquelas palavras. Em poucos dias, Ela não estava mais com febre e começou a comer normalmente. Um dia, Sarat Maharaj disse: “Mãe, não vamos te deixar aqui desta vez. Gostaria de levá-la comigo para Calcutá”. A Santa Mãe não se opôs a isso, mas disse: “Querido, preciso ir para Jayrambati e sairei em um dia auspicioso”. Sarat Maharaj concordou e começou a planejar o dia para irem para Jayrambati.

Foi durante essa doença que o Swami Prajnananda faleceu em Udbodhan. Depois, a Mãe soube que a irmã dele, Sudhira, a diretora da Escola de Nivedita, ficou sentada em silêncio ao lado dele, controlando completamente suas emoções. Ao ouvir isso, a Mãe comentou: “Oh, teria sido melhor se ela expressasse os sentimentos chorando. Eu teria, de alguma maneira, aliviado sua tristeza. Certifiquem-se que ela não fique doente. Ela já tem um problema de coração”.

Em conexão a isso, um outro acontecimento me vem à mente. Eu estava em Jayrambati com a Santa Mãe. Um dia, voltei de lá para Koalpara com uma senhora carregando um monte de coisas para mim. A senhora colocou as coisas no chão e prostrou-se aos pés da Mãe. “O que há, filha?”, Ela disse, “Você não tem vindo para cá faz dias”. A senhora respondeu: “Mãe, hoje em dia, estou com grandes dificuldades. Procurando por comida, vou para lugares diferentes. Quando há uma oportunidade de trazer algumas coisas para cá, os cavalheiros não me encontram. Há poucos dias perdi meu filho”. A Mãe ficou muito afetada ao ouvir isso e seus olhos se encheram de lágrimas.

“Como foi, filha?”, Ela perguntou. Como a Mãe expressou empatia, a senhora se entregou à tristeza e chorou muito. A Santa Mãe foi tomada por uma onda de empatia e começou a lamentar junto à mulher, colocando a cabeça em um poste na varanda. As outras mulheres da casa foram correndo quando ouviram e ficaram lá paralisadas com o que viram. Alguns momentos se passaram daquela maneira. Quando a intensidade da tristeza delas diminuiu, a Santa Mãe pediu um pouco de óleo de coco. Alguém trouxe e Ela passou um pouco na cabeça da senhora. Depois de fazer isso, a Santa Mãe amarrou arroz tufado e melaço no sari da senhora. Despedindo-se, com os olhos ainda brilhando por causa das lágrimas, a Mãe disse: “Venha novamente, filha”. A mulher saiu, muito consolada pela conduta compassiva da Mãe.

Depois de recuperar um pouco da força, a Santa Mãe foi para Jayrambati no dia combinado, acompanhada de Sarat Maharaj e outros. Todos os homens e mulheres da vila vieram para vê-la. Alguns disseram que já tinham perdido as esperanças de revê-la. A Mãe respondeu: “Sim, sofri muito com a doença. Sarat, Kanjilal e outros correram para me ajudar. Pela graça da Mãe Simhavahini, desta vez fui salva. Sarat diz que devo ir para Calcutá. Se todos vocês me permitirem, irei para lá para recuperar a saúde”. Todos,

com alegria, deram a permissão e, uns sete ou oito dias depois, a Mãe foi para Calcutá.

Alguns meses depois, fui para Belur Math. Radhu estava doente em Udbodhan. Ela não suportava o mínimo barulho. A Mãe a levou para a enfermaria do Internato de Nivedita. Eu ia com frequência pra lá para prestar reverências à Mãe. Ela estava um tanto preocupada e disse: “Bom, para onde posso ir com ela? A vila é bem silenciosa, mas aqui tem as facilidades médicas”.

No dia do aniversário de Swamiji (Swami Vivekananda), soube que a Mãe iria para Jayrambati no dia seguinte. Em obediência às instruções do Reverendo Sarat Maharaj, fui rapidamente para a casa de Udbodhan à noite, pronto para acompanhar a Santa Mãe. Ela estava embalando um monte de fibra de coco. Ao me ver, Ela disse: “Vou para minha vila levando esse monte de coisas. Que tal se você vier comigo? Vocês são meu único apoio aqui”. Eu me curvei aos pés dela e disse: “Tudo que você disser será feito. Irei com você, que dificuldade pode haver?”. “Que bom, querido. Pegue aquelas cordas e outras coisas, e guarde tudo nas malas. Até agora, nada foi feito corretamente. Eu estava esperando por você e guardando as cordas”. Junto com Ela, fiquei guardando tudo até às onze da noite e logo bem cedo na manhã seguinte saímos para a viagem.

Após descansarmos em Vishnupur por três dias, continuamos a viagem com nossos seis carros de bois. Alguns quilômetros depois, na vila de Jaypur, tudo foi arranjado em um albergue para cozinharmos. No momento de tirar a panela de arroz do fogo, ela quebrou, e o arroz e a água se esparramaram por todo o lugar. Ficamos estupefatos sem saber o que fazer. Sem qualquer hesitação ou ansiedade, a Mãe pegou um pedaço da panela quebrada e separou a água do arroz. Ela também lavou as mãos, tirou o retrato do Mestre da caixa e o colocou de lado. Pegando a parte de cima do arroz esparramado, Ela arrumou o arroz com um

pouco de curry em um prato de folha. Com aquela oferenda, Ela disse ao Mestre com as mãos postas: “Você quis desta maneira hoje. Por favor, coma logo enquanto está quente”. Todos nós testemunhamos esse procedimento incomum da Santa Mãe e começamos a rir. Ela comentou: “Temos que nos ajustar às situações que mudam. Agora, sentem-se para comer, todos vocês”. Sentamos em círculo. A Mãe nos serviu e também se serviu, sentou de pernas cruzadas e começou a comer. “Está bem cozido”, disse Ela. Terminamos de comer e nossas carruagens já saíram. Por volta das onze da noite, chegamos em Koalpara.

Brahmacharin Ganendranath tirou esta foto da Mãe e Radhu no albergue de Kumbhasthali a caminho de Jayrambati, em phalgun (fevereiro/março), 1319 no calendário bengali e 1913 d.C.

Um outro acontecimento vem à minha mente. Uma vez, a Reverenda Gauri-Ma estava indo para Jayrambati para chamar a Santa Mãe. De Koalpara, ela me levou de companhia e saímos de tarde. Chegamos à margem do rio próximo de Jayrambati enquanto ainda tinha luz, por isso, Gauri-Ma quis ficar um pouco. Assim, chegamos à casa da Mãe apenas depois do anoitecer. Ela me pediu para esperar do lado de fora e entrou. Como se imitasse os

mendicantes, ela disse: “Ó Mãe, me dê alguma coisa, Mãe”. Ao ouvir, a tia mais jovem saiu perguntando: “Quem está aí?”. Gauri-Ma repetiu o que tinha falado. A tia ficou assustada. Com um grito, ela correu para a Santa Mãe. A Mãe, que tinha ouvido o grito, saiu e disse com a voz firme: “Quem está aí?”. Gauri-Ma disse novamente a mesma coisa: “Mãe, me dê alguma coisa, sou um mendigo”. A Mãe reconheceu a voz no escuro e exclamou: “É você, Gaurdasi! Venha, venha, quando você chegou?”. Todos deram muita risada.

Após ficar uns dois dias em Koalpara, Radhu desenvolveu um gosto pelo local, especialmente por conta de seu isolamento. Por isso, a Mãe ficou lá com ela por uns seis meses. Tudo foi organizado para que Radhu ficasse em outra casa isolada, um pouco longe do Jagadamba Ashrama. Um matagal rodeava três lados da casa. Um dia, a Santa Mãe disse para mim: “Hoje em dia, vejo que minha mente está tendo um poder estranho. Qualquer pensamento que surja se torna realidade, seja ele bom ou ruim. Radhu gosta daqui porque é isolado. Há alguns dias, sinto que, seja onde você estiver durante o dia, após anoitecer você deveria vir para cá e ficar conosco. Estou com medo, querido. Eu disse para Rajen também. Ele virá depois das dez da noite”. A partir daquele dia, depois do anoitecer, eu ficava vigiando embaixo de uma árvore na frente da casa de Radhu até às onze da noite. A Mãe sentava ao meu lado e conversava comigo com a voz baixa. Um dia, Ela comentou: “Que selva! Um dia, é capaz de sair um urso daí”. Eu respondi: “Por que, Mãe? Nunca vi urso nesta região”. Porém, de fato, poucos dias depois, chegaram notícias de que, na vila de Desra, um urso enorme atacou e matou uma senhora ao meio-dia, enquanto ela catava esterco. O urso levou um tiro. À noite, a Mãe disse: “Você ouviu sobre o alvoroço com o urso? Parece que ele matou a sogra de Ambika (o vigia de Jayrambati). E você diz que não há ursos nesta área!”.

A Santa Mãe costumava comer alguns doces e tomar água à noite. Ela também me dava um pouco quando nos sentávamos embaixo da árvore. Ela falava: “Depois de um dia todo de trabalho, se você comer algo e beber água, o corpo ficará revigorado. Depois, seja com japa, meditação ou outra prática, a mente se acalmará bem”. Um dia, Ela disse: “Enquanto eu morava no Nahabat, para fazer o serviço do Mestre, que condições difíceis tive que aguentar naquele quartinho! Quantos produtos e coisas! Eu guardava peixe em um recipiente para o Mestre e o pendurava. Porém, a serviço dele, nunca senti as dificuldades. O dia se passava em inexplicável bem-aventurança. Agora estou nessas condições com Radhu. Estou aqui, sentada nessa floresta com vocês. Boas ações, austeridades, meditação, nada mais disso. Agora, pela graça dele, se sairmos da atual dificuldade a salvos, devemos nos considerar afortunados”. (Radhu estava se aproximando de seu confinamento.) Um pouco depois, uma moça de Navasan chegou e disse: “Oh, irmão, você ouviu? Hoje, ao meio-dia, eu e a Mãe estávamos sentadas aqui. A Mãe estava dizendo: ‘Esses dois corvos costumavam vir para cá neste horário, sentavam nas árvores e faziam barulho, uma grande perturbação para Radhu. Porém, nos últimos dias, não os vi mais. Sabe dizer para onde eles foram?’. Enquanto ela contava isso, os dois corvos aterrissaram na árvore e começaram a fazer barulho”. A Santa Mãe riu e Ela mesma confirmou a história: “Sim, querida”.

Em outro dia, na primeira parte do mês de ashadha (junho), a Santa Mãe e alguns de nós estávamos sentados ao pé da árvore. Eram por volta das dez da noite. De repente, Ela disse: “Vejam, aquele homem louco não vem aqui há dias. Ele é muito maluco, mas canta bem. Ainda assim, tenho receio que ele chegue aqui e cause confusão”. A irmã de Navasan protestou: “O que pensa dele, Mãe? Suponha que seu pensamento se torne verdade e ele apareça aqui a essa hora da noite!”. “Quem sabe, querida”, disse Ela. Eu interferi e falei: “Você está apenas fantasiando. Nesse tempo, quem poderia atravessar o rio e chegar aqui?”. Mal tinham

essas palavras saído de minha boca, lá estava o homem louco, com uma pluma de palmeira na cabeça e alguns grãos verdes embaixo do braço. “Trouxe esses grãos para você”, ele disse. A irmã de Nevasan se escondeu de medo. A Santa Mãe disse a ele: “Vá embora. Não faça barulho a essa hora”.

O homem respondeu: “Como posso ir? As águas estão altas no rio”. Eu interferi dizendo: “Como então chegou aqui?”. Ele respondeu: “Eu atravessei nadando”.

A Santa Mãe disse novamente: “Companheiro, não faça barulho”. O homem foi embora sem dizer nada. A Mãe ficou com aquele temperamento por dois meses.

Em outra ocasião, eu estava sentado perto da Mãe na varanda oposta ao quarto de Radhu fazendo algumas contas. Uma devota passou por ali distraidamente e a barra de seu sari encostou em minhas costas. A Santa Mãe percebeu e ficou um pouco chateada. “O que é isso? Ele está sentado na minha frente e escrevendo, e você, distraída, deixou seu sari encostar nele. Eles são Brahmacharins (monges) e vocês são mulheres, devem se mover cautelosamente perto deles. Prostre-se a ele”. A Santa Mãe disse essas palavras com a voz tão irritada que todas as mulheres da casa, incluindo aquela moça, ficaram assustadas.

Um novo Brahmacharin em Koalpara desejava passar alguns dias com a Santa Mãe. A Mãe disse para ele: “Você quer ficar comigo, mas terá muitas dificuldades se ficar lá. Tenho muito trabalho e estou naquela selva com Radhu”. Mas ao ver a ansiedade do garoto, Ela continuou: “Tudo bem. Diga a Kedar e fique aqui alguns dias”. Naquele período, o atendente que cuidava de Radhu teve que ir para Calcutá por alguns dias. A Santa Mãe perguntou se o Brahmacharin conseguiria aguentar o trabalho e, quando ele assentiu, Ela pediu para ele aprender o serviço com o outro atendente. Já no primeiro dia, quando ele estava levando a comida

de Radhu, os pratos escorregaram de sua mão e toda a comida caiu. Ele não sabia o que fazer. Ele levou os pratos vazios para a Santa Mãe. A consequência foi que Radhu teve que ficar sem comer aquele dia. A Mãe ficou muito aborrecida. Mais tarde, Ela falou: “Como monge, esse garoto pode ser muito bom, porém, em minha casa, preciso de um trabalhador competente. Meu trabalho não pode ser feito por qualquer um. Há pessoas que executam ações maravilhosas devido ao entusiasmo momentâneo, porém, o verdadeiro valor de alguém pode ser conhecido ao observar com qual atenção ele executa as tarefas diárias”. Quando o atendente voltou, o Brahmacharin não teve mais como ficar lá.

Uma outra vez, um garoto de Koalpara escapou da vigia da polícia e foi para a Santa Mãe de noite, querendo ser iniciado. Como a polícia tomava conta do Ashrama, o diretor de lá pediu para o garoto ir embora. A Santa Mãe ficou sabendo e me disse: “O menino veio com tanto anseio, enfrentando tanta dificuldade. Se você puder arrumar para que ele fique na casa de alguém esta noite, de manhã posso iniciá-lo e pedir para ele ir embora”. Como pedido por Ela, encontrei acomodação para ele em outro lugar para passar a noite.

No dia seguinte bem cedo, eu ia para a casa de Radhu com a Mãe. O garoto estava ansioso pela iniciação e veio até a Mãe atravessando pelo meio do campo. Ela me pediu para trazer água de um lago próximo, e eu trouxe um jarro cheio. A Mãe olhava ao redor procurando por algo e perguntei se eu poderia arrumar um lugar para Ela sentar. Ela respondeu: “Sim, mas não precisa sair de novo. Pegue um pouco de feno e vamos sentar nele”. Fiz de acordo. Espalhamos o feno e sentamos no chão. Pedindo para eu me afastar um pouco, a Santa Mãe purificou-se tomando um gole de água e o iniciou.

Uma vez ao anoitecer, a Mãe disse durante uma conversa: “Não consigo mais ouvir sobre os defeitos de ninguém, querido. Tudo

acontece devido ao Prarabdha da pessoa, o efeito das ações passadas. Eles falam sobre os defeitos de A–, mas onde todos estavam naquela época? O quanto ele me serviu! Naquele período, eu cozinhava o arroz nas casas de meus irmãos. Minhas cunhadas eram muito novas. Sem ligar para o frio ou a chuva, ele trabalhava comigo de manhã até de noite, tirando panelas enormes de arroz cozido dos fornos. Hoje, muitos chegam como devotos, mas naquela época, quem estava comigo? Vamos esquecer tudo que aconteceu naquele tempo? Além disso, que culpa ele tem? Antigamente, eu também reparava nos defeitos das pessoas. Mais tarde, eu chorava e chorava diante do Mestre rezando: 'Ó Mestre! Não quero mais ver os defeitos de ninguém', e finalmente me livrei daquele hábito. Você pode ter feito o bem para um homem mil vezes e ter feito o mal apenas uma, ele vai se afastar de você devido àquela única ofensa. As pessoas veem apenas os defeitos. Na verdade, deve-se notar os méritos".

Um dia em Jayrambati, a Santa Mãe disse com relação à mentalidade maldosa de alguns dos atendentes: "Veja, há realmente aquilo que é chamado de Sevaparadha, falhas no servir. Isso quer dizer: enquanto a pessoa serve, ela gradualmente se torna orgulhosa e egoísta, e quer fazer seu mestre de fantoche. Se o mestre senta, ou levanta, ou come, ele tem que fazer de acordo com o atendente. A atitude do servir desaparece completamente de pessoas assim. Por que as pessoas ficam assim? Elas deveriam servir a um santo esquecidas de seus próprios corpos e tomar a alegria e a tristeza do mestre como delas mesmas. Existe maior degeneração que essa? A maioria dos homens santos possui uma aura de grandeza à sua volta. Atraídos por isso, muitos vêm para servi-los e ficam intoxicados com aquela grandeza. Isso lhes trará a derrota. Quantos podem servir aos homens santos com uma atitude apropriada?". Depois, a Mãe narrou uma história: "A história é a seguinte. O reflexo da lua cheia aparecia em um tanque de água. Ao verem aquilo, todos os peixinhos ficaram muito alegres. Eles pulavam, jogavam água e brincavam em volta da lua,

pensando que ela era um deles. Porém, quando a lua se pôs, eles voltaram ao jeito de antes. Toda aquela alegria e brincadeira chegaram ao fim. Eles nunca entenderam aquilo”. Eu falei: “Kedar Maharaj diz que não se deve ficar por muito tempo com o Guru. Por ver as ações corriqueiras do Guru, a fé e devoção do discípulo podem diminuir”. A Santa Mãe disse rindo: “Querido, não sujem a mente com tais palavras. Se fossem verdade, como eu poderia dar continuidade ao meu trabalho? Não dê atenção a essa atitude endeusada, mas tenha uma atitude humana para comigo e faça como eu digo. Continue com seu trabalho. Você não tem o que temer”.

Em uma ocasião, tinham muitas cartas de devotos. Ao anoitecer, eu li todas para a Santa Mãe. Ela ouviu tudo e disse: “Percebeu quantos filhos escreveram com desejos tão diferentes? Alguns dizem: ‘Rezo tanto, medito e faço tanto japa, mas ainda assim nada acontece’. Outros escrevem sobre as angústias, medos, vontades, doenças e tristezas deste mundo. Não consigo mais ouvir sobre isso. Eu digo ao Mestre: ‘Ó Senhor! Neste mundo e no próximo, apenas você terá que salvá-los’. Onde está aquele anseio? Eles falam tanto da devoção e anseio por um lado e pelo outro ficam tão satisfeitos com um pouquinho de diversão que possam vir a ter e dizem: ‘Ah! Como Ele é piedoso!’. Essa é a medida do anseio espiritual deles. Eles perguntam: ‘Como está a saúde de Radhu?’. Fazem isso para me agradar - essa ansiedade por Radhu. Assim que eu morrer, ninguém sequer olhará para Radhu”. Uma irmã, vinda de Navasan, então disse: “Mãe, para você, todos os filhos são iguais, mas para aqueles que têm vontade de casar, você dá a permissão, e àqueles que querem a renúncia do mundo, você passa instruções sobre a renúncia. Você não deveria guiá-los por um caminho que seja bom para todos?”. A Mãe disse em resposta: “Eles vão se abster por causa da minha proibição caso o desejo por prazer seja forte? E, para aqueles que compreenderam através da virtude e de grande mérito que tudo isso é o jogo de Maya, e que acreditam que apenas Deus é a realidade, eu não deveria

oferecer ajuda e encorajamento? Existe fim para as misérias deste mundo?”.

Nalini-Didi e outros estavam brigando há um tempo, mas finalmente perguntaram à Mãe: “Tia, que tipo de falsa descrição é boa?”. A Mãe, demonstrando espanto com a pergunta, disse: “A falsa descrição é por si só má. Assim sendo, como pode haver boa e má falsa descrição?”. Após conversarem um pouco sobre o assunto, Ela disse: “No entanto, é melhor descrever como um homem rico, embora seja falso. Se falassem para alguém que ele é rico, independente da humildade ou do desprazer que ele mostrar no rosto, quando ouvir essas palavras, ele se sentirá muito feliz em seu coração”. A Mãe começou um outro assunto e disse: “Uma outra pergunta. Vamos ver se vocês sabem me dizer qual é a finalidade ao rezar a Deus”. Nalini-Didi respondeu: “Por que, Tia? Sabedoria, devoção, finalidades que nos farão felizes na vida. Rezamos por tudo isso”. A Santa Mãe disse: “Para dizer em uma palavra, devemos rezar por Nirvasana, liberação dos desejos. Os desejos estão na raiz de todas as tristezas, é a causa de repetidos nascimentos e mortes, e é o maior obstáculo no caminho da liberação”.

No mês de sravan (julho/agosto), a Mãe foi para Jayrambati de Koalpara acompanhada de Radhu. Na época, havia entre quinze e vinte pessoas na casa dela. A Santa Mãe cuidava do bem-estar de todos. Um dia, Ela disse para mim durante uma conversa: “Querido, aquele dia, o que Kedar me disse, acusando A–? Kedar é um homem de coração generoso. Para um homem tão generoso, não é nada apropriado falar como ele falou. Eu entendi a ideia dele e quando estava para ir embora, dei para ele um cesto cheio de arroz tufado para as despesas do Ashrama. Porém, ele não aceitou. Ele percebeu seu próprio erro e veio pedir perdão”. Assim dizendo, Ela narrou todo o ocorrido. “Naquele dia, ele (Kedar) chegou de manhã para fazer Pranam e disse: ‘Mãe, todos eram muito obedientes comigo antes, mas agora eles ficaram ‘espertos’

e nem sempre querem respeitar minhas palavras. Quando eles vão até você ou até Sarat Maharaj, vocês os tratam com grande afeto e ficam com eles por perto. Eles também recebem ótimos alimentos. Se você não os entretém, mas os convence do erro e os manda de volta, eles ficam obedientes comigo de novo'. Eu respondi: 'O que você está dizendo? Nossa raiz é apenas o amor. Apenas com o amor é que a família do Mestre cresceu. E eu sou a Mãe de todos. Como se atreve a fazer comentários assim sobre o que meus filhos recebem de comida e roupa?'. Ah, o quanto rezei por eles, chorei por eles diante do Mestre! É por isso que hoje tem o monastério e outros locais, pela graça dele. Depois do falecimento do Mestre, seus filhos renunciaram ao mundo e se reuniram em um lugar por alguns dias. Depois disso, um por um foi embora e passou a viajar. Fiquei muito triste. Comecei a chorar ao Mestre: 'Ó Senhor, você veio, executou seus jogos divinos com aquelas pessoas, desfrutou e foi embora. Tudo se acabou aí? Se sim, qual era a necessidade de você vir trazendo tanto problema? Vi em Kasi e Vrindavana tantos Sadhus que vivem através da mendicância e moram embaixo de árvores, vagando sem destino. Nunca houve escassez para esses Sadhus. Não aguento ver meus filhos, que deixaram tudo e saíram clamando seu nome, vagando por aí por um pouco de comida. É minha prece que aqueles que se retirem do mundo pelo seu nome não devam sofrer com a falta de alimento e roupas, e de seus ensinamentos para que apoiem-nos. E que, aqueles que são levados pelas tristezas da existência terrena, possam ir até seus filhos e obter paz e consolo ao aprenderem sobre sua vida e seus ensinamentos. Este foi o propósito de seu advento. Machuca meu coração que eles tenham que vagar por aí'. Desde então, Naren gradualmente construiu tudo isso".

Na época do Durga Puja em Jayrambati, no dia de Ashtami, um devoto chegou com uma cesta cheia de flores de lótus. Ele me viu de longe e, levantando as mãos junto com a cesta, fez saudação a mim. A Mãe assistiu à cena de longe. Depois, Ela disse: "Agora não podemos adorar o Mestre com essas flores. Jogue-as fora".

Dois de nós estávamos usando roupas sem bordas. A Mãe percebeu e disse: “Por que estão usando roupas lisas sem bordas? Vocês são jovens. Devem usar roupas com bordas. Do contrário, suas mentes envelhecerão. Deve-se sempre ter entusiasmo”, e nos deu algumas roupas de sua caixa.

No mesmo dia, um pouco após o anoitecer, o Sandhi Puja foi executado. Muitos ofereceram flores de lótus aos pés dela, como se Ela fosse Pushpanjali. A Santa Mãe disse: "Traga mais flores. Rakhal, Tarak, Sarat, Khoa, Yogen, Golap. Ofereça flores em nome de cada um deles. Ofereça flores em nome de todos meus filhos conhecidos e desconhecidos”. Fiz como Ela pediu. Com as mãos postas, a Santa Mãe sentou ereta por bastante tempo fixamente olhando para o Mestre. No final, Ela falou: “Que todos sejam abençoados neste mundo e no próximo!”.

Uma manhã, Kedar Maharaj sentou-se perto da Santa Mãe em Jayrambati e perguntou: “Mãe, de nosso dispensário gratuito, mesmo aqueles que têm boa condição vêm pegar remédios. Porém, nosso dispensário é destinado apenas aos pobres. É correto que aquelas pessoas sejam servidas também?”. A Mãe pensou um minuto e disse: “Querido, nessas áreas todos são pobres. Porém, conhecendo todos os detalhes, se eles ainda vierem para pegar remédio de graça, vocês com certeza os servirão se puderem. Qualquer um que venha pedir pode ser considerado pobre”.

Kedar Maharaj perguntou: “Mãe, é para o estabelecimento da harmonia das religiões que o Mestre veio desta vez?”. A Santa Mãe respondeu: “Veja, nunca senti que Ele praticava todas as religiões com a intenção de ensinar a harmonia entre todas elas. Ele estava sempre imerso na consciência de Deus. Ele seguiu todas as disciplinas, as dos cristãos, dos muçulmanos, dos vaishnavas, etc., para a realização de Deus, e Ele desfrutou da Lila Divina (jogos) de

maneiras diferentes, completamente inconsciente de como o tempo passava. Ainda assim, nesta Era, a renúncia foi a especialidade dele. Já tinha sido visto por alguém antes aquele tipo de renúncia espontânea? O que você disse sobre a harmonia das religiões também é verdade. Em outras Encarnações, alguns ideais foram mais enfatizados do que outros".

Naquele dia, após anoitecer, fui à Santa Mãe como de costume, após terminar de assar pão, para ler para Ela a correspondência. Uma devota sempre escrevia cartas enaltecendo e glorificando a Santa Mãe. Eu contei à Ela a essência da carta. Ela ouviu tudo e disse: "Muitas vezes fico pensando, não sou nada além da filha de Ram Mukherjee, e muitas mulheres da minha idade estão em Jayrambati. No que sou diferente delas? Todos os devotos vêm de vários lugares e se curvam diante de mim. Ao perguntar, descubro que alguns são médicos, outros são advogados. Por que essas pessoas vêm?". Ela ficou em silêncio um pouco. Eu disse depois: "Bem, Mãe, você não lembra sempre de sua natureza verdadeira?". Ela respondeu: "É sempre possível? Se fosse, poderia todo este trabalho continuar? Dentre todos esses trabalhos, sempre que o desejo surge, a inspiração vem como um flash em um pensamento e todo o jogo de Mahamaya pode ser compreendido". Alguém disse: "Como, Mãe, mesmo após tanto esforço, ainda não somos capazes de compreender nada?!". A Mãe assegurou à moça: "Isso acontecerá, querida. Acontecerá. Por que se preocupa? Tudo virá no devido tempo". Ficamos conversando até tarde da noite. Eu disse: "Mãe, Kedar Maharaj diz: 'Exercite a si mesmo fazendo este trabalho e depois o que acontecer, acontecerá por si só'". A Mãe respondeu: "Você precisa trabalhar, é claro. Trabalhar é manter a mente em ordem. Porém, japa, meditação e oração são muito essenciais. Ao menos uma vez ao amanhecer e ao anoitecer, deve-se sentar para fazer prática espiritual. É como o leme de um navio. Quando você se senta ao anoitecer, você pode pensar sobre tudo o que fez e não fez durante o dia. Depois, você compara os estados da sua mente ontem e hoje. Ao fazer japa, tem que

meditar na forma do Ishta. Embora no início veja-se apenas o rosto do Ishta, deve-se meditar na forma inteira, dos pés para cima. Junto ao trabalho, se não meditar de manhã e de noite, como poderá entender se está trabalhando pelas vias corretas?”. Eu disse: “Alguns dizem que não ganhamos nada com o trabalho, que tudo é ganho se meditarmos e fizermos japa o tempo todo”. Ela respondeu: “Como eles podem saber que com isso eles ganham e com aquilo eles perdem? Ao meditar um pouco por alguns dias tudo será alcançado? A menos que Mahamaya abra o caminho, nada acontecerá de jeito nenhum. Percebeu naquele dia como aquele homem forçosamente fez mais japa do que conseguia e ficou com a mente comprometida? Se a mente for embora, o que sobra? É como a rosca de um parafuso. Se uma rosca se perde, a pessoa fica louca ou cai na armadilha de Mahamaya, achando-se muito esperta e que está tudo bem. Por outro lado, se for levada do jeito certo, uma pessoa percorre o caminho correto e atinge a paz e a bem-aventurança. Deve-se sempre lembrar-se Dele e rezar: ‘Senhor, conceda-me boas tendências’. Quantos conseguem fazer meditação e japa o tempo todo?”.

“Pode ser que a pessoa faça japa e meditação por algum tempo no início. Por causa disso, pode-se ficar egoísta, como N–. No fim, ele não consegue fazer nem mesmo japa e meditação, fica apenas sentado pensando em todos os tipos de coisas, o que apenas cria agitação na mente. É muito melhor trabalhar do que deixar a mente solta pensando em muitas coisas. Se a mente estiver um pouco solta causará grande confusão. Meu Naren observou tudo isso e por isso fundou as bases para o trabalho inegoísta”. Falando sobre N–, Ela continuou: “Veja, por ficar tanto tempo sentado, N– ficou com a mente impura! A própria mania de pureza está aumentando e há reclamação constante sobre o desejo pela paz. Por que tanta agitação? No lugar de tais experiências, por que a sabedoria não desce nele?”.

No dia seguinte, por volta das dez, onze horas, a Santa Mãe estava sentada na entrada principal. Estávamos na sala de estar. Tio Kali e Tio Varada trocavam palavras a respeito do espaço entre as casas deles e gradualmente foram das palavras para os insultos. A Santa Mãe não conseguiu mais se conter. Ela correu até eles e brigou com um deles dizendo: “A culpa é sua”, e tentou levar o outro para longe. Ela foi tomada pela briga. Com tal conjuntura, todos nós corremos até o local, que foi quando a briga diminuiu um pouco. Ainda brigando um com o outro, os irmãos foram embora para suas respectivas casas. Ainda brava, a Santa Mãe voltou e sentou. Mal tinha sentado, Ela começou a gargalhar. “Que brincadeira de Mahamaya! Aqui temos essa terra vasta, que se estende infinitamente. Este pedacinho de terra também. Homens insignificantes não conseguem compreender nem mesmo isso!”. Ao dizer isso, Ela deu uma gargalhada prolongada.

Já tinham se passado seis meses desde o nascimento do filho de Radhu, mas ela continuava sem conseguir levantar porque estava muito fraca e só conseguia engatinhar. Ainda pior, ficou viciada em ópio. A saúde da Santa Mãe também não estava boa. Ela tinha ataques de febre de vez em quando. Ela tentava afastar Radhu do vício de comer ópio, mas Radhu não se controlava. Naquela manhã, a Santa Mãe estava preparando os legumes. Radhu chegou e ficou esperando pelo ópio. A Mãe entendeu e disse: “Radhu, por que não se levanta? Não aguento mais você. Por você, larguei todas as minhas práticas espirituais. Como acha que vou dar conta disso?”. Com essa leve repreensão, Radhu ficou brava, pegou uma berinjela enorme da cesta e jogou com força nas costas da Mãe. Quando voltei meus olhos por causa do barulho alto, vi a Santa Mãe encurvando as costas devido à dor. Aquela região ficou imediatamente inchada. Olhando para o Mestre, a Santa Mãe rezou: “Ó Senhor! Não repare nas ações dela. Ela é uma parva”. Levando a poeira de seus pés até a testa de Radhu, Ela falou: “Radhi, nem uma única vez, o Mestre falou rispidamente com este corpo e você me dá tanto trabalho! Como pode entender

qual é o meu lugar? Simplesmente porque te aguento, o que pensa de mim?”. Radhu começou a chorar.

Alguns dias após este incidente, um dia, a mãe louca de Radhu, devido a seus caprichos, procurava pelo genro, Manmatha, em vários lugares. Ela até mesmo entrou no lago procurando e chegou à conclusão que ele tinha se afogado e que tudo era uma manipulação da Santa Mãe. Ela então correu até a Santa Mãe com as roupas molhadas, caiu aos pés dela e começou a gritar e chorar: “Ó querida. Ó cunhada, meu genro está afogado no lago. Ó querida, o que pode ser feito agora?”. Isso foi um tanto quanto inesperado para a Santa Mãe. Ela ficou chateada e nos chamou: “Venham logo. Ouça o que essa louca está dizendo”. Todos corremos para lá. Hari disse que tinha visto Manmatha jogando baralho com os amigos. “Vá rápido e o traga aqui”, disse a Santa Mãe. Saímos imediatamente e voltamos com o genro. Ao vê-lo, a tia louca ficou envergonhada e se revoltou, amaldiçoando a Santa Mãe.

À noite, a Mãe estava preparando legumes para o jantar. De repente, a tia louca entrou, sentou perto dela e disse: “Você alimentou Radhu com ópio e a deixou incapacitada. Assim você a mantém sob seu controle. Você não permite que minha filha e neta se aproximem de mim”. Incisiva, a Mãe respondeu: “Então leve embora sua preciosa filha. Ela está ali, deitada inerte. Eu a escondi em algum lugar?”. Depois de mais algumas falas, a loucura da tia alcançou o pico. Ela correu para pegar um tronco em chamas para bater na Mãe. A Mãe encolheu em terror: “Oh, quem está aí? Essa louca vai me matar!”. Corri até lá e encontrei a tia louca a ponto de bater na Mãe, e do tronco em chamas cair na cabeça dela. Eu o tomei da tia louca e a empurrei para fora pela porta principal. Tremendo de raiva, eu a ameacei e proibi que ela entrasse por nossas portas de novo. A Santa Mãe estava bem agitada e vociferou essas palavras: “Louca! O que estava prestes a fazer? Essa sua mão vai apodrecer e cair”. Mal Ela tinha dito isso, a tia

louca se calou e deu de ombros. Virando-se ao Mestre, Ela disse com as mãos postas: “Ó Senhor, o que fiz?! Qual a solução agora? Nunca uma maldição para com ninguém saiu da minha boca até agora. Finalmente, isso também aconteceu. O que mais?”. Fiquei pasmo de ver aquela compaixão ilimitada da Santa Mãe.

Alguns meses antes, Sri N–, de Bangalore, veio para ver a Santa Mãe em Koalpara. Vendo que a Mãe tinha muitos gastos com Radhu, ele mandava quantias consideráveis de oferenda monetária para a Mãe. Quando estava para ir embora, ele disse à Santa Mãe: “Mãe, sempre que achar que precisa de dinheiro, por favor me informe sem qualquer hesitação”. Com o passar do tempo, os gastos em Jayrambati aumentaram muito. Reverendo Sarat Maharaj escreveu dizendo que tinha havido uma demora para arrumar dinheiro e que, por isso, ele demoraria para enviar. Ouvindo a leitura da carta, a Santa Mãe disse: “Então Sarat não tem dinheiro em mãos. Do contrário, por que ele escreveria assim? N– se ofereceu para ajudar aquele dia. Mas, ah!, como posso pedir dinheiro para ele? Ó Mestre, não posso obedecer sua última instrução? Radhi, por você estou prestes a perder tudo. O Mestre disse: ‘Olhe, nunca estenda a mão por dinheiro para ninguém. Você não passará necessidade de comida nem roupa. Se estender a mão por um centavo sequer, estará vendendo sua cabeça a ele. Por isso, viver de caridade é melhor do que viver sob o teto de outro. No entanto, seus devotos poderão te manter em suas casas e cuidar de você, jamais perca sua própria casa em Kamarpukur’”.

Um garoto chamado Manasa veio ver a Santa Mãe. Ele queria ser iniciado e se tornar Sannyasin. A Mãe satisfez o desejo dele com grande alegria. Ele ficou muito feliz e, sentado na sala do Tio Kali, cantou duas canções: “Não há nada no mundo, Shyama é a única essência!”, e “Eu faço sua imagem no molde de minha mente, Ó Shyama!”. A Santa Mãe gostou muito das canções. Também sentados ali estavam Radhu, Maku, Nalini, uma ou duas tias e muitos outros, que ouviam-no cantando.

Uma das meninas disse: “A cunhada fez deste garoto um monge. São tantos meninos adoráveis que Ela torna monge. Com quanta dificuldade seus pais os criaram e depositaram tanta esperança neles. Tudo isso se foi. Agora, ele ou vai para Rishikesh praticar a mendicância ou vai limpar as sujeiras dos pacientes em nome do serviço! Casar e formar uma família também é uma regra da criação. Se continuar formando tantos monges assim, Mahamaya ficará brava com você. Se eles querem ser monges, deixe que façam isso por si mesmos. Por que deveriam agir através de sua instrução, Tia?”. A Santa Mãe respondeu: “Maku, todos eles são filhos dos deuses. Eles permanecem puros como as flores neste mundo. Dá para haver uma felicidade maior do que a deles? Você mesma sabe como é a felicidade da vida mundana! Você conhece a felicidade de ter um marido. Não tem vergonha de ficar indo até seu marido? O que aprendeu tendo ficado comigo tanto tempo? Para que tanta paixão, tanta animalidade? Que tipo de felicidade você gosta? Se você for para seu marido mais uma vez, eu te mandarei embora daqui. Não é possível que um pensamento puro surja em sua mente mesmo durante os sonhos? Vocês não conseguem viver como irmão e irmã? Querem viver como porcos? Meus ossos queimam no fogo da sua vida mundana”. Todos abaixaram a cabeça com vergonha.

A Santa Mãe continuou: “Se um homem chama por Deus ou não, se ele não casar, já estará parcialmente liberado. Quando acontece de a mente ser um pouco atraída para Deus, esse homem progredirá aos saltos. A vida familiar é resultado de deméritos. Um homem envolvido nela, mesmo que seja inclinado a Deus, não pode fazer nada a este respeito. Ele está amarrado pelos pés e pelas mãos”.

Um tempo depois, quase todos os dias, a Santa Mãe estava tendo febre leve. Seu corpo estava ficando muito fraco. Reverendo Sarat Maharaj estava tentando levá-la o quanto antes para Calcutá.

Porém, ele tinha que ir para Kasi por conta de assuntos urgentes. Quando foi proposto na época que Ela deveria ir para Calcutá, Ela disse: “Quando Sarat não está lá, a questão sobre eu ir para Calcutá nem sequer surge. Por quem eu deveria ir? Quando estou lá, se Sarat diz: ‘Mãe, vou para outro lugar alguns dias’, eu falo: ‘Espere um minuto, querido. Primeiro, vou embora daqui e depois você vai’. Se não for Sarat, quem irá carregar meu fardo?”.

Era inverno e a saúde da Santa Mãe estava ficando muito ruim. Mesmo assim, Ela, como de costume, acordava bem cedo, às três da manhã. Depois de terminar as abluções, Ela sentava um pouco na cama, cobrindo-se com a colcha e depois deitava de novo. Costumávamos entrar no quarto dela, fechar a porta e sentar em silêncio no escuro. Às vezes, Ela dizia: “Em tal e tal hora, faça japa a tal e tal Deidade, de tal e tal maneira”, etc. Um pouco depois, surgiu o assunto sobre alguns dos monges que iam viver com chefes de família quando adoecessem. A Mãe disse: “Só por causa de alguma enfermidade os monges deveriam ir morar com os chefes de família? Tem o monastério. O monge é o ideal da renúncia. Um monge não deve se associar com mulheres. E um monge que acumule dinheiro é absolutamente ruim. Não há nada que o dinheiro não possa fazer - pode-se até mesmo perder a vida por ele. Tinha um monge em Puri, que vivia à beira do mar. Ele tinha um pouco de dinheiro. Ao saberem disso, dois discípulos não conseguiram controlar a ambição. Eles mataram o monge e fugiram com o dinheiro”.

Um dia, por volta das nove, dez da noite, a Santa Mãe estava passando óleo no corpo. Um atendente estava varrendo o lugar e jogou a vassoura de lado. A Santa Mãe notou e disse: “O que é isso? O trabalho acabou e logo em seguida você joga a vassoura assim tão sem cuidados! Leva o mesmo tempo para guardá-la corretamente ou jogá-la. Você pode negligenciar algo apenas porque é algo pequeno? Aquilo com o que você tiver cuidado, também terá cuidado com você. Você não vai precisar da vassoura

de novo? Qualquer propósito a que sirva uma coisa, ela deve ser tratada daquele modo. Mesmo uma vassoura deve ser guardada com respeito. Um trabalho corriqueiro também deve ser feito com cuidado e atenção".

Certo dia, o amado gato de Radhu estava deitado no quintal. Uma mulher estava ali perto e fazia carinho nele com o pé. Gradualmente, ela colocou o pé também na cabeça dele. A Santa Mãe viu e disse: "Oh, querida, o que está fazendo? A cabeça é onde senta o Guru. Pode-se colocar o pé nela? Saúde o gato". A tal mulher disse: "Eu nunca soube disso, Mãe. Fiquei sabendo apenas agora".

Alguns devotos chegaram de Calcutá uma manhã, todos muito arrumados. Eles se vestiam com roupas caras. Também trouxeram um monte de frutas e outros itens para a Santa Mãe. À noite, a Mãe conversava com Ela mesma: "Eles tiraram a vida de mim. Não aguento mais. Alguns filhos chegam e minha família fica como que repleta de paz e bem-aventurança. De algum lugar surgem os legumes e tudo que precisamos. Nunca tenho que me preocupar com nada. O que estiver pronto, eles comem em silêncio e levantam, dobrando o prato de folha. Ah, as palavras que dizem são como bálsamo para o meu coração. Agora veja isso! Desde a manhã, estou com problemas. Eles trouxeram uma cesta cheia de frutas e metade está podre, serve apenas como adubo. Onde vou jogar isso? Não sei. Eles vestem roupas tão chiques e ainda dizem: 'Esqueci de trazer toalha. Onde posso pegar uma?'. Fui procurar uma. Minha preocupação é sobre o que devo cozinhar para o jantar. Também soube que está sem a corda no mosquiteiro deles. Hari está procurando uma corda agora. Ó Mestre, você mesmo cuide de sua família. Já eu não posso fazer nada mais. De um lado está Radhi e do outro todas essas pessoas".

Eu me lembro de uns dois acontecimentos de devotos que deixaram a Mãe perturbada.

A Mãe estava em Jayrambati. Um pouco antes do anoitecer, voltei de Shyambazar e vi que Ela estava deitada em uma esteira na varanda. Assim que cheguei lá, a Santa Mãe disse meio aborrecida: “Todos vocês estão aqui agora, mas tinham que ter feito um serviço. Hoje, veio uma pessoa, Sri –, uma pessoa mais velha. Ao vê-lo de longe, voltei para dentro e sentei na cama. Ele fez Pranam do lado de fora. Tudo bem até aí, mas ele estava ansioso para retirar a poeira de meus pés. Por mais que eu tenha me oposto e me retraído, ele não desistiu. No fim, mais ou menos forçadamente, ele tocou meus pés e retirou a poeira. Desde então, meus pés estão queimando insuportavelmente e estou com uma dor mortal no estômago. Lavei os pés três ou quatro vezes, mas ainda não passou a sensação de queimação. Se vocês estivessem por perto, teriam entendido meu sinal e poderiam tê-lo proibido. Com relação aos devotos, aqueles meninos de Calcutá são tão comedidos. Quantos tipos de pessoas vêm aqui! Vocês são meninos novos, não conseguem entender”.

Terminando todo o trabalho, fui para a Santa Mãe ao anoitecer. Ela disse: “Esta noite, B– trouxe aqui um alto oficial da polícia. (Ela disse o nome dele.) Aquele homem é de uma natureza peculiar. Ele chegou enrolando o bigode e se curvou a mim. Ele queria tirar a poeira dos meus pés. Eu me encolhi e não pude permitir de jeito nenhum. Que natureza agitada! Ainda assim, B– estava na minha frente, elogiando o homem na frente dele. Da minha parte, eu me sentia presa, imaginando como poderia me livrar dele. Finalmente, fiz alguns halwas (doces) e, dando alguns para ele, mandei-o embora”.

Uma vez, a Santa Mãe levantou depois do Puja na casa de Udbodhan. Um devoto chegou com algumas flores e foi prestar reverências à Ela. Ao ver este estranho, a Mãe cobriu todo o corpo com um xale e sentou na cama com os pés para fora como uma noiva. O devoto ofereceu flores aos pés da Mãe, curvou-se e

sentou-se de pernas cruzadas na frente dela. Sentando lá como uma pedra, ele começou a fazer Nyasa e Pranayama. Todos na casa estavam ocupados e não tinha ninguém por perto. A Mãe suava sem parar. O tempo passou.

Vendo que tinha um devoto adorando a Santa Mãe, Golap-Ma foi para outro lugar fazer outro serviço. Quando ela voltou depois de um tempo e viu o mesmo devoto sentado do mesmo jeito, entendeu toda a situação. Pegando no braço dele, ela o puxou para cima e disse com sua voz naturalmente alta: “Você está diante de uma Deidade de madeira a qual pretende tornar viva através de seu Nyasa e Pranayama? Você não tem juízo? Não consegue ver que a Mãe está transpirando e em grande desconforto?”.

Esta é a última foto tirada da Santa Mãe. Da esquerda para a direita, são vistas a Santa Mãe almoçando, a mãe de Radhu, Surabala, dentro da sala, Nalini, Nandarani, Jamine, Maku e a esposa de Nabasan. Esta foto foi tirada por Basiswar Sen, na varanda da casa de Sureswar Sen, em Vishnupur, em falgun (fevereiro/março) de 1326 no calendário bengali, ou 1920 d.C., antes de a Mãe viajar para Calcutá.

Uma vez, um outro devoto foi fazer Pranam para a Santa Mãe e bateu com força a cabeça no dedão dela. A Mãe deu um grito de dor e levantou. Quando perguntaram porque ele tinha feito aquilo,

ele respondeu: “Eu bati a cabeça no pé dela e a deixei com dor. Enquanto a dor durar, a Mãe Se lembrará de mim”. Esses dois acontecimentos foram narrados pela Santa Mãe várias vezes, para nossa grande diversão.

Assim que o Reverendo Sarat Maharaj voltou para Calcutá de Kasi, ele mandou buscarem a Santa Mãe em Jayrambati. Em pouco tempo, uma manhã, Ela se aprontou para a viagem junto de todo o grupo. Depois que todos a saudaram, K– Maharaj e H– Maharaj se prostraram à Ela. Ela deu para eles um manto e uma capa usados por Ela e disse: “Fiquem com isso”. Ela colocou a mão na cabeça e os abençoou com os olhos cheios de lágrimas. Ela então saiu para a viagem. Fui de bicicleta ao lado do palanquim. No caminho, em Sihore, a Santa Mãe parou o palanquim em um templo de Santinath Mahadev e fez Puja a Shiva com sandesh, açúcar e melaço. Ela distribuiu a Prasada para todos nós, comeu um pouco e amarrou alguns itens na barra da roupa de Radhu. Todos nós chegamos a Koalpara no horário certo. Naquela noite, Radhu e outras mulheres foram para Vishnupur de carro de boi. Na manhã seguinte, às cinco horas, quando cheguei à Mãe no Jagadamba Ashrama, Ela tinha acabado de terminar o Puja do Mestre com doces e flores, e estava enrolando a fotografia dele em um tecido e guardando em uma caixa. Ela dizia ao Mestre: “Por favor, levante-se. É hora de começar”. Ao me ver, Ela disse: “Você chegou! Está muito atrasado! Logo vai ficar muito quente. Leve esta flor na viagem”. Dizendo isso, Ela tocou com uma flor oferecida na cabeça e a deu para mim. Depois, Ela se despediu de todos e entrou no palanquim. Um pouco mais tarde, Ela falou: “Fique sempre perto de mim e vá com atenção. As joias de Radhu e Maku estão todas no palanquim de Maku”. Quando chegamos a Jaypur, a Santa Mãe parou o palanquim. Ela desceu em um albergue, onde uma vez tínhamos cozinhado e almoçado no caminho para Jayrambati. Vendo o local em estado deplorável, Ela disse rindo: “Ah, é aquele mesmo albergue”. Ela estendeu uma manta ali perto e sentou. “Dê alguma coisa para os motoristas

comerem”, Ela disse e deu o equivalente a duas rúpias de arroz tufado para eles. Ela esquentou o leite para o filho de Maku e, tendo lavado as mãos e pés no lago em frente, disse: “Compre para mim uma torta de arroz tufado. Quero comer isso. Para você e Maku, veja se consegue comprar arroz tufado frito”. Eu trouxe tudo que Ela pediu. A Mãe comeu bem pouco e deu o resto para nós dizendo: “Não consigo comer mais”. Depois que os motoristas comeram, subimos todos para o palanquim. Atravessamos um bom trecho na selva e chegamos em Tantipukur, onde vimos alguns trabalhadores fazendo uma algazarra perto de uma loja. Eu estava achando que era melhor atravessar aquela área o mais rápido possível. Um pouco à frente, chegamos a uma área inabitada e ficamos livres das preocupações. Porém, a Santa Mãe deu uma olhada de seu palanquim, olhou para a loja e disse: “Parem o palanquim um pouco. Minhas pernas ficaram dormentes por sentar aqui. Traga para mim um pouco de óleo daquela loja. Vou passar nos pés”. Ao ouvir aquilo, fui tomado pelo medo. Eu disse para Ela: “Ali tem algumas pessoas que parecem ser mal comportadas. Não há motivo para você descer. Por favor, fique aqui dentro e eu trago o óleo”. Maku disse ao mesmo tempo: “Estou com sede depois de comer. Quero água para beber”. A Santa Mãe respondeu: “Beba. Vá até o lago e beba”. Protestei: “Beber aquela água! Ela não é nada boa”. A Santa mãe falou: “Tantas pessoas bebem dessa água. Não vai acontecer nada, vá. Você vai com ela e a traga de volta”. Peguei o óleo para a Santa Mãe e acompanhei Maku para que ela bebesse água. Assim que voltamos, retomamos a viagem.

Por volta do meio-dia, chegamos à casa de Sureswar Babu, em Vishnupur. Sureswar Babu tinha falecido alguns meses antes. A Santa Mãe disse: “Sempre que eu vinha para cá, meu Suresh ficava sempre ali com as mãos postas. Às vezes, ele não ia nem mesmo para a varanda. Que devoção ele tinha!”. Naquele dia, ficamos em Vishnupur e no dia seguinte, ao meio-dia, após terminarmos de comer, pegamos um trem para Calcutá e viajamos

na terceira classe até chegar a Udbodhan, por volta das dez da noite.

Yogin-Ma e Golap-Ma viram as condições da Mãe e exclamaram: “Oh, querido, que Mãe é esta que vocês trouxeram para nós! Como está morena! Vocês trouxeram um punhado de ossos e pele! Não podíamos imaginar que a saúde da Mãe estava tão ruim”. A partir do dia seguinte, o Reverendo Sarat Maharaj arrumou tudo para que Ela fizesse um tratamento.

Com o tratamento do Dr. Shyamadas Kaviraj, a Santa Mãe ficou bem depois de poucos dias. Uma noite, algumas devotas vieram vê-la. Uma delas estava muito bonita em seu vestido e acessórios. Falando sobre ela, a Mãe disse: “Para uma mulher, a modéstia é um acessório. As flores são melhor utilizadas no serviço do Senhor. Do contrário, é melhor que elas fiquem nas árvores. Eu me sinto muito mal quando vejo cavalheiros afetados que, de vez em quando, fazem buquês de flores ou casualmente levam uma flor ao nariz para admirar: ‘Ah, que cheiro delicioso!’. Talvez no momento seguinte, eles joguem a flor no chão e pisem nela”.

Um dia, Ramlal-Dada, Lakshmi-Didi e a filha de Ramlal vieram à Mãe de Dakshineswar. Eles estavam a caminho do festival em Entally. Ramlal-Dada se curvou à Santa Mãe e desceu para falar com Sarat Maharaj. Com o pedido da Mãe e dos outros, Lakshmi-Didi cantou e simultaneamente fez mímicas do som do khol (um tipo de percussão) com a boca, para a diversão de todos ali. Depois disso, a seguinte conversa aconteceu a respeito do local de nascimento do Mestre, do templo que seria construído ali e assuntos relacionados.

Lakshmi-Didi: Se isso acontecer (se o templo for construído), deveria estar sob nosso controle, não é? Os filhos deles (Ramlal-Dada e Sibu-Dada) farão o Puja e irão morar lá.

Mãe: Como? Eles são todos monges e devotos. Conseguem seguir as regulações de castas? Damas e cavalheiros de vários países virão para cá, ficarão aqui e comerão Prasada. Temos que fazer isso apenas com os devotos, porém, vocês são chefes de família. Vocês têm a sociedade, têm que arranjar o casamento dos filhos, etc. Daria para vocês viverem com eles?

Após conversar assim por um tempo, a Santa Mãe disse: “Casas como as que vocês têm agora, mas com o teto de ferro, serão construídas para vocês separadamente em outra área, seja perto da fazenda dos Yogis ou algum lugar ao oeste”.

Lakshmi-Didi: Então Raghuvir e Sitala ficarão no templo que será construído?

Mãe: Isso é possível? Eles são as nossas Deidades familiares. Nos dias de festival, suas filhas e noras terão que adorá-las. Não tem como. Para Raghuvir, eles construirão outro templo. Será deixada uma pequena passagem do lado para que as mulheres possam ir e vir. Você, Ramlal ou Sibu, quando forem para lá, serão alimentados e acomodados no templo com os devotos. O que mais tem de preocupação para você?

Ramlal-Dada e outros subiram para o quarto de Sarat Maharaj. Ramlal-Dada e Lakshmi-Didi tinham concordado com a proposta da Santa Mãe e, após ouvir tudo, Sarat Maharaj também expressou sua alegria.

Quando Ramlal-Dada e Lakshmi-Didi saíram, a Santa Mãe me chamou e disse: “Veja, conversando com Lakshmi, esqueci de dar para ela um tecido e dinheiro. Vá com Krishnalal para Entally e assistam ao festival e também deem este manto e o dinheiro para ela. Eles decoram a Deidade maravilhosamente em Entally”. Ao falar isso, Ela pegou duas rúpias, o tecido e deu para mim. Depois, Ela disse: “Lakshmi-Didi costumava imitar os cantores e cantava e

dançava diante do Mestre, mostrando todos os trejeitos deles. O Mestre disse para mim: ‘Este é o temperamento dela. Tenha cuidado para que você não perca a modéstia tentando seguir o exemplo dela’”.

Uma carta chegou de Jayrambati um dia, dando a notícia de que alguém da vila tinha cometido roubo e estava preso. Ao ouvir, Ela disse: “Oh, querido, o que foi que ouvi? Eu sabia que ele era ladrão, mas eu o tratava com afeto e dava tantas coisas para ele! Ele era obediente comigo e era inofensivo como uma minhoca para mim. Eu morava lá com a responsabilidade das meninas e das joias delas. Nunca se sabe onde podemos ir parar. Homens maus devem ser mantidos à distância a qualquer custo”.

A doença da Mãe ia gradualmente piorando. A temperatura subia até quase trinta e nove graus, mas devido à sensação de queimação nas mãos e pés, Ela estava muito agitada. A respeito disso, Ela estava sempre dizendo: “Leve-me às margens do Ganges. Ficarei mais fresca à beira do Ganges”. O Reverendo Sarat Maharaj queria fazer o que Ela desejava, mas os médicos a tinham proibido de se movimentar muito. Um dia, a Mãe me disse: “Leve Radhu e tudo dela para Jayrambati e deixe-os lá”. Radhu era o segundo coração da Mãe, por assim dizer. Ela não conseguia ficar longe de Radhu um momento sequer. E hoje, com a condição de saúde agravada, Ela queria que eles fossem para Jayrambati. Qual poderia ser o problema, nos perguntamos. Ela tinha ficado tão descontente com eles que Nalini-Didi e os outros tinham medo de se aproximar dela. Sarat Maharaj tentou persuadir a Mãe: “Eles ficarão tristes de ir embora, deixando você nesses dias enfermos. Eles vão depois que você melhorar um pouco”. Ela respondeu: “É melhor mandá-los embora para que nunca mais cheguem perto de mim. Não quero ver nem mesmo a sombra deles”.

Um dia, ao meio-dia, Radhu estava dormindo no quarto ao lado. O filho dela escalou sozinho na cama da Santa Mãe e estava

tentando subir em seu peito. A Mãe olhou para ele e disse: “Eu cortei meu apego a você completamente. Agora vá. Você não pode mais me atar aqui”. Para mim, Ela disse: “Leve essa criança para outro lugar. Não gosto mais disso”. Peguei a criança nos braços e dei para a avó.

Um dia em Jayrambati, quando alguém falou rispidamente com a tia mais jovem, a Mãe disse: “O que é isso, querido? Alguém deve falar assim e machucar os sentimentos de outra pessoa? Mesmo que seja verdade, isso não deve ser falado dessa maneira. No final você acabará tendo este tipo de natureza. Quando a sensibilidade de alguém se perde, nada poderá controlar a fala dele. O Mestre dizia: ‘Se você tiver que perguntar a um homem manco como ele ficou manco, apenas diga: ‘Como sua perna ficou torta assim?’”.

Chegando ao fim, a Santa Mãe estava tão fraca que não conseguia sentar por muito tempo. Porém, notei que Ela fazia japa enquanto estava deitada. Algumas vezes em Jayrambati, eu tinha que acordá-la de madrugada devido a algum serviço. Ela respondia prontamente. Quando perguntei se Ela não tinha dormido, Ela dizia: “O que posso fazer, filho? Meus filhos chegam desejosos e recebem iniciação, mas alguns não fazem nada regularmente, alguns não fazem nada nunca. Tomei todo o fardo deles. Eu não deveria cuidar deles? Por isso, faço japa para eles. Eu rezo ao Mestre por eles: ‘Ó Senhor, faça surgir neles a consciência espiritual. Conceda-lhes a liberação. Este mundo é de tristeza e miséria. Que eles não precisem mais voltar’”. Ao falar assim, Ela sentou devagar e continuou: “Com tanto anseio eles recebem a iniciação, mas por que então não praticam nada? É tão difícil assim praticar? Com um pouco de prática, obtém-se muita alegria! Ah, com quanta alegria eu e Yogin-Ma fazíamos japa por várias horas em Vrindavana! Os mosquitos nos picavam no rosto, mas nem mesmo percebíamos!”.

Um dia, a Santa Mãe disse: “Seja o quanto de japa que fizer, seja o quanto de serviço que executar, tudo é para nada. Se Mahamaya não abrir os caminhos, qualquer coisa é possível? Oh, alma presa! Renda-se, renda-se. Apenas então Ela terá compaixão e deixará o caminho aberto”. Ao dizer isso, Ela contou um acontecimento da vida do Mestre em Kamarpukur. “Um dia, no mês de jyeshtha (maio/junho), uma chuva forte caía uma noite. Todo o campo ficou coberto pela água. O Mestre estava indo pela estrada principal, perto de Dompada, caminhando na água. Lá, Ele viu que muitos peixes tinham se acumulado e que as pessoas estavam batendo neles com pedaços de madeira até que morressem. Um peixe ficava nadando por entre os pés do Mestre. Ao ver, Ele disse: ‘Ei, não matem este peixe. Ele está nadando em meio aos meus pés, rendendo-se a mim. Se alguém puder, pegue esse peixe e o liberte no lago’. Então, Ele mesmo libertou o peixe e voltou dizendo: ‘Ah, se todos pudessem se render dessa maneira, conseguiriam encontrar proteção’”.